IBLIOTECA DULCE FERRÃO
OFERTA - 31 JAN. 2001

A LEITURA

MAGAZINE LITTERARIO

ROMANCES—HISTORIA—VIAGENS

SEGUNDO ANNO

TOMO X

R. 96

LISBOA
ANTIGA CASA BERTRAND
José Bastos—Livreiro-Editor
Rua Garrett, 73 e 75
1895

RIO DE JANEIRO
H. LOMBAERTS & C.ª
Livreiros-Editores
Rua dos Ourives, 7
1895

AMO E CREADO

I

Era em 1870, dois dias depois da festa de S. Nicolau, que era a da parochia.

Vassili Andréitch Brekhunov [1] negociante de segunda *ghilda*, [2] não pudera ausentar-se durante esse tempo, porque tinha de estar na egreja, da qual era thesoureiro e porque além d'isso tivera de receber em sua casa alguns parentes e amigos. Mas logo que o ultimo dos seus hospedes se despediu, Vassili Andréitch apressou-se em fazer os seus preparativos para ir para Goriatckino, hospedar-se em casa de um *pomiestchik* [3] com quem pretendia concluir a compra de uma pequena floresta, negociações que encetara havia já muito tempo.

Vassili Andréitch dava-se pressa em concluir a transacção, porque receava agora que no dito negocio se atraves-

---

[1] Derivada da palavra *brekhun*, fanfarrão.

[2] Corporação de mercadores dividida em tres classes *(ghildas)* segundo a importancia.

[3] Fidalgo de provincia.

sassem os mercadores da povoação. O moço pomiestchik queria dez mil rublos, simplesmente porque Vassili Andréitch offerecia sete mil, e esses sete mil rublos, a falar a verdade, não representavam nem o terço do verdadeiro valor da floresta. Vassili Andréitch concebera até a esperança de obter ainda algum abatimento n'esse preço pois que a floresta em questão achava-se n'uma zona em que os outros mercadores do districto se haviam compromettido, por um sentimento de reciprocidade, a não fazer encarecer os lanços sobre as offertas. Mas, como tivesse sabido que os negociantes de madeiras pertencentes ao Estado tinham a intenção de comprar as arvores de Goriatchkino, decidira-se então a partir immediatamente para concluir a transacção com o pomiestchik.

Por conseguinte, assim que a festa acabou, tirou da arca setecentos rublos, completou a somma de tres mil ajuntando-lhes dois mil e trezentos rublos que eram propriedade da egreja e dos quaes era depositario; e, depois de os ter contado cuidadosamente e mettido na sua carteira, dispoz-se a partir.

Nikita, o unico dos creados de Vassili Andréitch que n'esse dia não estava bebedo, correu, para engatar o carro.

Nikita não estava borracho, não que elle não o fosse por natureza, mas porque tendo bebido o producto da venda do seu *kaftan* (barrete) e das suas botas durante os ultimos dias do carnaval, fizera voto de não mais tornar a beber e havia um mez que sustentava a sua palavra. Por isso mesmo, n'esse dia não bebera, apesar de tental-o a aguardente que corria a jorros por occasião da festa de S. Nicolau.

Nikita era um mujik de cincoenta annos, natural da aldeia proxima, sem lar domestico, ao que diziam, e que passara a maior parte da sua existencia ao serviço dos outros. Toda a gente fazia caso d'elle por virtude do seu amor ao trabalho, pela sua habilidade, pelo seu vigor, e sobretudo pela sua bondade e excellente caracter. Mas pouco

tempo se conservava nas casas onde servia porque duas vezes por anno, e mais ainda, embebedava-se, e então, não sómente bebia tudo o que possuia, mas o que era peor, tornava-se turbulento e richoso.

O proprio Vassili Andréitch já algumas vezes o despedira, mas tornava a readmittil-o ao serviço por causa da honestidade d'esse mujik e da sua bondade com os animaes e sobretudo porque não lhe custava caro.

Em logar dos oitenta rublos por anno que um trabalhador como elle valia bem, dava-lhe apenas quarenta, e pagos alem d'isso com irregularidade, por pequenas quantias abonadas adeantadamente; e na maior parte dos casos não a dinheiro de contado, e sim em mercadorias calculadas muito acima do seu justo valor.

A mulher de Nikita, Marpha, que outr'óra fôra uma bella e alegre rapariga, era quem estava á testa do lar domestico em companhia do filho, rapazito ainda, e de duas raparigas já mulheres. Não fazia quaesquer tentativas para attrahir o marido ao domicilio, em primeiro logar porque havia já uns vinte annos que vivia com um tanoeiro, mujik de uma aldeia afastada e que estava ali de casa e pucarinho; em segundo logar porque, posto que fizesse de Nikita o que quizesse quando elle estava sem a pinga, temia-o como ao fogo, quando estava borracho.

Um dia, por exemplo, que se embebedara em casa, Nikita para se vingar provavelmente da sua submissão habitual, quebrou o bahú da mulher, tirou d'elle os melhores trajos, pegou depois de um machado e fez tudo em cavacos.

Comtudo era á mulher que as soldadas eram pagas pelo amo de Nikita, sem que nunca o mujik se oppuzesse a tal.

Assim, n'este momento, dois dias antes da festa, Marpha dirigira-se a casa de Vassili Andréitch, de quem recebera farinha de trigo, chá, assucar, uma garrafa de aguardente, mercadorias estas equivalentes a tres rublos, e mais cinco

rublos em moeda; e agradecera tudo ao patrão como se fôra um favor, quando era certo que, mesmo taxando pelo mais baixo, Vassili Andréitch devia ainda a Nikita pelo menos vinte rublos.

Pois por ventura são precisos quaesquer contractos entre nós? dizia elle a Nikita. Tu precisas, por isso recebes. Pagarás com o teu trabalho. Commigo não é o mesmo que com os outros: esperar pelo ajuste de contas, e ainda por cima descontos!... Eu cá procedo lisamente e honradamente. Tu serves-me, e eu não te abandono. Necessitas e eu auxilio-te.

E, assim fallando, Vassili Andreitch acreditava firmemente que era o bemfeitor de Nikita, tal era a sinceridade de expressão das suas palavras; e essa convicção tinha a fortifical-a o applauso das pessoas que o rodeavam, a começar pelo proprio Nikita.

—Mas eu comprehendo muito bem o que me dizes, Vassili Andréitch; por isso sirvo-te como a meu proprio pae; comprehendo perfeitamente, respondia Nikita, comprehendendo ainda melhor que era logrado por Vassili Andréitch, mas sabendo perfeitamente que seria inutil qualquer tentativa de regular as suas contas e que lhe era forçoso viver acceitando o que lhe davam emquanto não arranjava outra collocação.

Tendo recebido ordem para engatar o carro, Nikita, alegre como sempre, a passo lesto como lh'o permittiam as pernas cambadas, dirigiu-se á cocheira, tirou do prego a volumosa cabeçada de couro e fazendo soar as *barantschiks* [1] do freio, entrou na cavallariça onde estava o cavallo que Vassili Andréitch dera ordem para metter ao carro.

—Então! Estás aborrecido, estás enfastiado, meu animalsinho? disse Nikita, em resposta ao pequeno relincho

[1] Soalhos de madeira enfiados n'uma correia.

de contentamento com que o saudou um garrano baio escuro, listrado de branco na cabeça, de estatura meã, garupa baixa e que se achava só na cavallariça.

— He! he! não tenhas pressa, animalsinho; primeiramente precisas beber, dizia elle ao cavallo como se falara ao seu semelhante, e com a propria aba do casacão saccudia o dorso vigoroso do animal, onde o pello escaceava n'alguns sitios, e onde os musculos marcavam o seu duplo sulco; depois enfiou a cabeçada pela cabeça airosa do garrano, e puxando a si a redea levou-o a beber.

Mukhorty [1] sahiu cautelosamente da cavallariça passando por cima de um montão de estrume, piafou e caracolou alegremente, fingindo que queria alcançar Nikita o qual corria a seu lado para o tanque.

— Faze-te garoto, faze-te garoto, meu malandrim, gritava-lhe Nikita, o qual conhecia perfeitamente a prudencia com que Mukhorty lançava para o ar uma das patas trazeiras, com habilidade para roçar apenas o casacão de pelles de carneiro de Nikita, que achava graça a essa brincadeira.

Depois de ter bebido a agua, o cavallo deteve-se um momento, immovel, resfolegou movendo os grossos beiços molhados, d'onde cahiam gottas transparentes no chafariz, e impou.

— Não queres mais? está dito. Mas não peças mais, disse Nikita, com ar muito serio e como para explicar a sua conducta a Mukhorty. Depois correu para a cavallariça levando pela redea o petulante garrano, que relinchava e brincava, fazendo soar a calçada da cocheira.

Todos os creados tinham sahido, e em casa só estava um extranho — o marido da cosinheira, que viera ahi passar a festa.

— Vae lá perguntar, meu rapaz, disse-lhe Nikita, qual

---

[1] Palavra que significa baio com listra branca.

dos trenós é preciso atrelar, se o grande se o pequeno.

O homem entrou para casa e voltou d'ahi a pouco, trazendo ordem para se engatar o trenó pequeno.

Durante este tempo, Nikita havia já posto a molhelha no cavallo, o sellim tauxiado de pregos brancos, e, trazendo na mão uma *duga* [1] pintada, e na outra a redea do cavallo, aproximou-se dos dois trenós que estavam ao pé um do outro na cocheira.

— O pequeno? Pois seja o pequeno! disse elle fazendo entrar nos varaes o malicioso animal, que estivera todo o tempo a fingir que queria mordel-o. Depois, ajudado pelo marido da cosinheira, engatou o animal ao carro.

Quando estava tudo quasi preparado, faltando apenas passar as redeas, Nikita mandou o marido da cosinheira buscar ao alpendre uma pouca de palha e um sacco para o grão.

— Está muito bem. Ólá, ó, está quieto, disse Nikita mettendo no trenó a palha da cevada que o seu companheiro acabara de trazer-lhe.

— E agora toca a pôr a almofada no assento. Isso; assim; vae-se aqui sentado, que é uma perfeição. E fazia o que estava dizendo em soliloquio.

— Bom, obrigado, meu amiguinho, disse elle então. Como somos dois, vae a cousa mais depressa.

Depois separou as redeas reunidas por um aro de metal; subiu para a almofada e fez marchar o cavallo, que não queria senão isso, sobre a estrumeira gelada do pateo, dirigindo-o para a porta de sahida.

— Tio Nikita, tiosinho; eh! tiosinho! gritava-lhe por detraz d'elle um gaiato de sete annos, que vestia uma pequena pelliça negra, calçado de *valenkis* [2] brancos, novi-

[1] Arco de madeira que se colloca por cima da cabeça do cavallo.

[2] Botas de feltro endurecido, que se vestem por cima do calçado de coiro.

nhos em folha, com um bonet de pelles na cabeça, e que enfiara pelo pateo fazendo soar a argolla da porta.

— Deixa-me subir para o carro, pedia elle com voz aflautada, e abotoando a pelliça emquanto corria.

— Pois sim, vem, vem, minha pomba, disse Nikita, que parou ajudando a subir o filho do patrão; o rosto do pequeno illuminou-se repentinamente; depois Nikita passou a porta.

Eram duas horas da tarde; nevava: cerca de 12 graus; o ceu estava coberto de nuvens, ventava. No pateo não se sentia o vento, mas na rua soprava elle com bastante força, varrera a neve do telhado de um alpendre visinho fazendo com ella um turbilhão ao canto da rua, proximo do estabelecimento de banhos.

Mal Nikita sahira do pateo e fizera parar o cavallo deante da porta da casa, quando Vassili Andréitch, com o cigarro nos labios, um casacão de pelle de carneiro fortemente cingido ao corpo por um cinto muito largo, appareceu no patamar coberto de neve que elle fazia crepitar sob a pressão dos seus *valenkis*, e deteve-se, conchegando a golla do seu casaco de pelles ao rosto rubicundo, tapado apenas pelos bigodes, para que o abafo não ficasse coberto com a baba gellada do seu halito.

— Então não querem vêr o ladino? Eil-o já no trenó, disse elle ao vêr o filho, e riu-se mostrando os dentes alvos.

Vassili Andreitch estava animado pela aguardente que bebera em companhia dos seus convidados, por isso mostrava-se ainda mais contente que de costume, por tudo o que lhe pertencia e por tudo o que fazia.

A mulher de Vassili Andréitch, com a cabeça e os hombros envolvidos n'um chale de lã a ponto que só se lhe viam os olhos, pallida e magra, e a mais d'isso gravida, conduzindo o marido até ao limiar da porta, deteve-se por detraz d'elle no vestibulo.

— Realmente, tu farias bem se deixasses que Nikita te

acompanhasse, disse ella destacando-se timidamente de detraz da porta.

Vassili Andréitch não respondeu nada. Contentou-se apenas em escarrar com certo ar desdenhoso.

— Tu levas dinheiro comtigo, continuou ella no mesmo tom plangente; além d'isso póde levantar-se uma borrasca. Não; supplico-te, por Deus!...

— Pois quê! por ventura não conheço eu os caminhos para que me seja preciso um guia? disse por fim o marido com esse gesto particular dos labios que lhe era peculiar quando se dirigia aos vendedores e aos compradores, visivelmente satisfeito em se escutar a si mesmo.

— Leva-o comtigo, supplico-t'o, disse ainda a mulher cingindo melhor o chale ao corpo.

— Oh! que teimosa mulher!... Mas onde hei de eu mettel-o?

— Bom, bom, Vassili Andréitch, eu estou prompto, disse alegremente Nikita, com tanto que na minha ausencia se não esqueçam de dar de comer aos cavallos, accrescentou, voltando-se para a patroa.

— Vae descançado, meu Nikita, encarregarei d'esse serviço Gemem.

— Bom, estás por isso, Vassili Andréitch? disse Nikita.

— Vamos, façamos a vontade á velha. Sómente se quizeres vir vae buscar alguma cousa que te abafe mais, disse Vassili Andréitch olhando de soslaio, e com um sorriso, do lado da pelliça de Nikita muito porca e quasi esfarrapada.

— Olá, camarada, vem cá segurar o cavallo! gritou Nikita no pateo, dirigindo-se ao marido da cosinheira.

Eu posso segural-o muito bem, declarou o rapazito; e tirou rapidamente das algibeiras as suas mãosinhas regeladas e arrocheadas para agarrar as redeas.

— Mas olha, não leves muito tempo com a tua *toilette*. Depressa! gritou o patrão.

— Um segundo, um segundo apenas, paesinho Vassili Andréitch, disse Nikita; e com o seu passo de cambaio

precipitou-se lestamente para o pateo, e d'ahi para a isba dos creados.

— Anda, minha Arina, passa-me para cá a minha *robe-de-chambre;* vou com o patrão, disse elle entrando na isba e desapertando o cinturão.

A cosinheira que dormira a sua somneca depois do jantar, e que preparava n'esse momento o samovar para o marido, acolheu alegremente Nikita, largou apressadamente o serviço que tinha em mãos, retirou de cima do fogão um kaftan de panno muito usado, que ali estava a seccar, e saccudiu-o para lhe tirar as gelhas.

— Ficarás agora mais á vontade para te distrahires com o teu velho, disse Nikita, que por amabilidade dizia sempre alguma cousa agradavel quando se achava frente a frente com algum.

Enrolou um pobre cinturão muito delgado e apertou com todas as suas forças o ventre já de si bastante magro sem isso.

— Ficará assim perfeitamente, disse elle dirigindo-se não já á cosinheira mas á cinta, cujas duas pontas elle mettia para dentro. D'esta maneira não te desapertarás.

E levantou e abaixou os hombros para ficar com os braços mais livres, poz o kaftan, arqueou o busto para extender as mangas que puxou até aos sovacos e tirou do armario umas luvas muito grossas.

— Agora está tudo perfeitamente.

— O que deverias era calçar-te melhor, objectou a cosinheira: as tuas botas estão em mísero estado.

Nikita deteve-se como se se lembrasse d'alguma cousa.

Com effeito seria preciso... Qual! assim, como assim, nós não vamos para longe; o que ha é sufficiente. — E sahiu a correr.

— D'essa maneira não terás frio, meu Nikita, disse a patroa quando elle se approximou do trenó.

— Frio porquê? Tenho até muito calor, respondeu Nikita, dispondo a palha no fundo do trenó para n'ella metter os

pés, e tambem o chicote, pois que não se tornava elle necessario com um cavallo tão fogoso como era Mukhorty.

Vassili Andréitch subira já para o trenó; o seu dorso envolvido nas duas pelliças enchia todo o espaldar do vehiculo; pegou logo nas redeas e fez marchar o cavallo. Nikita, passando uma perna pelo varal, saltou para a parte deanteira, do lado esquerdo.

II

O cavallo, que era magnifico, puxou o trenô com um ligeiro crepitar dos patins e largou a passo rapido pela estrada gelada e coberta de neve.

— E tu! que fazes ahi! Passa-me cá o pingalim, Nikita, gritou Vassili Andréitch, muito contente por vêr o filho que se puzera sobre os patins atraz do trenó.

— Olha lá; queres tu ir para junto de tua mãe, filho de cão?!

O rapazito saltou para o chão. Mukhorty accelerou a marcha e largou a trote.

A encruzilhada em que estava a residencia de Vassili Andréitch compunha-se de seis casas. Assim que os viajantes passaram a ultima izba, notaram que o vento soprava com mais violencia do que tinham imaginado. Mal viam agora o caminho que trilhavam. Os sulcos dos patins desappareciam immediatamente sob a acção do vento, e distinguia-se o caminho apenas porque a calçada estava um pouco acima do solo. A neve, redemoinhando incessantemente no ar, occultava completamente a linha do horisonte.

A floresta de Teliatino, que de ordinario era perfeitamente visivel, via-se agora vagamente atravez da pulverisação gelada. O vento soprava rijo, vindo da esquerda com obstinação, inflexivelmente, e sempre no mesmo sentido, fazendo acachapar a clina sobre o pescoço tosquiado de Mu-

khorty, levantando até a cauda entrançada do animal, e as dobras do abrigo de Nikita, sentado d'esse lado, e fustigando-lhe com ellas o rosto.

— Está nevando muito, rasão porque o animal não póde caminhar bem; disse Vassili Andréitch para exaltar as qualidades do seu optimo cavallo. Um dia fui com elle a Paschutino, aonde me levou em meia-hora.

— Aonde?

— A Paschutino, disse-te eu; cheguei ali em meia hora.

— Não ha quedizer, é um bom cavallo! respondeu Nikita.

Houve um momento de silencio. Mas Vassili Andréitch tinha necessidade de tagarelar.

— Lá preveni tua mulher para não dar aguardente ao tanoeiro, começou elle, não duvidando que Nikita se sentisse lisongeado por conversar com um homem tão importante e tão intelligente como elle era, e, além d'isso, por tal modo satisfeito com os seus gracejos que nem mesmo lhe veiu á idéa que essa conversação poderia ser desagradavel a Nikita.

Este, impedido pelo vento, não ouvira ainda as palavras do amo.

Vassili Andreitch repetiu claramente, elevando a voz, o seu gracejo ácerca do tanoeiro:

— Que Deus lhe perdôe, Vassili Andréitch, mas não me occupo dos negocios de minha mulher; comtanto que ella não maltrate o filho, o resto perdôo-lh'o.

— Tens rasão, disse Vassili Andréitch. Olha lá: sempre compras o cavallo na proxima primavera? disse elle, passando de um a outro assumpto.

— Hei de precisar d'elle, respondeu Nikita abaixando a golla do kaftan e pondo o ouvido á escuta.

D'esta vez a conversação interessava-o, e por isso queria ouvir tudo.

— Meu filho cresceu, e torna-se preciso que ajude a lavrar, porque até agora temos trazido um trabalhador pago, accrescentou elle.

— Pois então, fica com o cavallo malhado; vendo-o barato, disse alto e com animação Vassili Andreitch, porque entrava agora no seu mister favorito de cigano.

— Ou então dá-me quinze rublos e comprarei um no mercado de cavallos, disse Nikita, sabendo perfeitamente que o verdadeiro preço do cavallo de que Vassili Andréitch se queria desfazer não excedia sete rublos, e que o patrão lh'o impingiria pelo menos por vinte e cinco: — o que o deixaria sem vintem durante seis mezes.

— O cavallo é bom; é no teu interesse que falo, e com toda a lizura. Brekhunov não pretende enganar ninguem. Prefiro dar do que é meu a proceder como os outros procedem. É uma proposta feita com toda a lizura, gritou elle com essa entonação de voz de que se servia falando aos seus compradores e vendedores. É um cavallo de valor.

— Estou certo d'isso, disse Nikita suspirando; e convencido de que seria inutil escutar por mais tempo, levantou a gola do casaco e com ella cobriu as orelhas e o rosto.

E continuaram o seu caminho em silencio durante boa meia hora.

O vento gelava o braço e o lado esquerdo de Nikita penetrando pelas aberturas do casacão. Aconchegava ao corpo as vestes e soprava na gola que lhe cobria o rosto tentando aquecer-se com o proprio bafo.

— Qual é a tua opinião: devemos nós passar por Karomychevo ou ir sempre a direito? perguntou Vassili Andreitch.

A estrada até Karomychevo era a mais frequentada e marcada aos lados por enormes postes indicando claramente a direcção, mas depois não havia mais nada. Indo sempre a direito, chegar-se-ía mais depressa; mas na estrada não se distinguiam nenhuns vestigios de carros; não havia postes, ou se os havia eram tão baixos que se achavam inteiramente enterrados na neve.

Nikita reflectiu um momento.

— É mais longe por Karomychevo, mas é caminho mais accessivel a carros, respondeu elle.

— Sim, mas indo sempre a direito, estaremos certos de que não nos perderemos logo que tivermos passado a ravina, disse Vassili Andréitch que tinha empenho em chegar depressa.

— Como quizer, respondeu Nikita levantando a golla do kaftan.

Vassili Andréitch tomou então a direito, e, depois de caminhar meia-verste, chegou a um carvalho enorme cujas folhas seccas tremiam com o vento e voltou sobre a esquerda.

Dava-lhes então o vento de frente, e pequenos flocos de neve começaram a cahir. Vassili Andréitch que conduzia o carro, sentia na barba os effeitos molestantes da neve. Nikita dormitava.

Caminharam assim silenciosamente durante dez minutos. De repente, Vassili Andréitch não respondeu. Inclinava-se para olhar para debaixo do cavallo que alagado em suor nas ilhargas e no pescoço caminhava a passo.

— E então? O que ha? repetiu Nikita.

— O que ha! o que ha! repetiu Vassili Andréitch arremedando-o com bom humor; não se vêem os postes! provavelmente perdemo-nos!

— Pára então; vou procurar a estrada.

E Nikita, saltando lestamente do trenó, retirou o pingalim debaixo da palha e dirigiu-se para a esquerda, do lado onde se sentara.

A neve, n'esse anno, não formava camada muito espessa, de sorte que se podia passar por toda a parte; comtudo, em certos sitios chegava até aos joelhos, e penetrava nas botas de Nikita. Errou, ao acaso, sondando com os pés e com o chicote, mas não encontrava a estrada.

— Então? perguntou Vassili Andréitch quando Nikita voltou para o trenó.

— D'este lado não ha estrada. Vejamos do outro.

— Lá adeante ha o que quer que seja negro. Vae pois vêr.

Nikita approximou-se do logar designado. Era a poeira cahida da palha dos trigos de outomno, e cobria a neve com uma camada negra.

Depois de ter procurado á direita, Nikita voltou, sacudiu a neve que o cobria, retirou a que se lhe tinha mettido pelas botas e tornou a subir para o trenó.

— É á direita que se deve tomar, disse elle sacudidamente. O vento dava-me do lado esquerdo, e agora dá-me de chapa no focinho. Logo, devemos ir para a direita.

Vassili Andréitch obedeceu-lhe e tomou á direita.

Caminharam assim durante algum tempo. O vento não abrandava e a neve continuava a cahir.

— Pois Vassili Andréitch: creio que nos perdemos de todo disse repentinamente Nikita com uma especie de satisfação... Mas que é isto? accrescentou elle desigando apenas algumas folhas negras de batata que rompiam de sob a neve.

Vassili Andréitch fez parar immediatamente o cavallo alagado em suor e cujos flancos arquejavam.

— Então! O que é?

— O que é, é que estamos no campo de Zakharovka! Eis onde nós estamos!

— Vá de chalaça, respondeu Vassili Andreitch, que renunciara por momentos ao seu tom habitual para falar simplesmente como um mujik.

— Não minto. Vassili Andréitch, é a pura verdade. Não ouve o ruido do trenó no batatal? Lá está o monte de folhas. É realmente o campo de Zakharovka.

— Vê tu onde nos perdemos! exclamou Vassili Andréitch. Que fazer agora?

— Que fazer?! Ir sempre a direito, ora ahi está! Havemos de chegar a alguma parte, respondeu Nikita. Se não chegarmos a Zakharovka, iremos dar sem difficuldade á herdade.

Vassili Andréitch seguiu este conselho e deixou ir o cavallo sempre a direito.

Caminharam assim muito tempo. Por vezes passavam por campos escalvados cujos sulcos e montes de neve estavam cobertos de poeira, outras vezes por campos ainda com o restolho dos trigos outomnaes ou dos trigos primaveris sobre os quaes apontavam, de debaixo da neve, o absintho e a palha que tremiam açoutados pelo vento; outras vezes por fim corriam por sobre a neve espessa, uniforme e branca, em toda a sua extensão, por cima da qual não se via mais nada.

A neve cahia do alto e depois elevava-se para o ar. Parecia-lhes por vezes descer uma encosta ou trepar por ella. Outras vezes julgavam permanecer immoveis, emquanto o campo de neve corria debaixo d'elles. Ambos se conservavam silenciosos.

O cavallo estava visivelmente fatigado, coberto de escuma e cheio de suor. Caminhava a passo. De repente tropeçou e cahiu n'um barranco. Vassili Andréitch quiz segural-o, mas Nikita impediu-o de fazel-o.

— Não puxe! estamos no barranco, é preciso sahirmos d'elle. Upa, meu querido! upa! upa, meu filho! gritou elle alegremente ao cavallo saltando do trenó e mettendo-se por seu turno no covão.

O cavallo puxou e tornou a trepar pela rampa gelada do fosso.

Mas então onde estamos nós? perguntou Vassili Andreitch.

— Vamos já sabel-o. Fustiga sempre o cavallo! Havemos de chegar a alguma parte.

— Mas o que além se vê deve ser a floresta de Loriatchino, tornou Vassili Andréitch designando uma massa negra que começava a distinguir-se atravez da neve.

— Quando lá chegarmos, veremos se é ou não a floresta, disse Nikita.

Elle bem vira que do lado d'essa massa negra voltejavam as folhas seccas e compridas do vime, e comprehendia que não era uma floresta, mas sim uma habitação; só-

mente, o que elle não queria era confessal-o. Com effeito, teriam caminhado apenas uns vinte metros quando lhes surgiram pela frente esqueletos de arvores, deixando ouvir um som melancholico, mysterioso, que se fundia no rugido do vento.

Nikita não se enganara. Não era uma floresta; era uma elevada fileira de vimes que conservavam ainda algumas folhas que tremiam com o vento.

Esses vimes estavam evidentemente plantados ao longo de um d'esses fossos que estão em volta das cercas onde collocam as médas de trigo.

Alcançando os vimes que gemiam melancholicamente ao sopro da aragem, o cavallo levantou repentinamente as patas deanteiras mais altas que o trenó, desenvencilhou as de traz e não mais caminhou com a neve até aos joelhos. Era a estrada.

— Chegámos pois, disse Nikita, mas aonde? É o que nós não sabemos.

O cavallo, sem hesitar, tomou pela estrada coberta de neve, e mal haviam andado uns cem metros quando distinguiram a linha negra do cercado de uma granja.

Um pouco mais longe, a estrada seguia do lado do vento e o cavallo enterrou-se n'um monte de neve; mas divisava-se uma passagem entre duas casas, de sorte que esse montão de neve formara-se manifestamente sobre a estrada, e urgia transpol-o. Com effeito, depois de o terem atravessado metteram por uma rua. No pateo da primeira casa, o vento sacudia violentamente roupas geladas pendentes de uma corda: camisas, uma encarnada, outra branca, seroulas, *onutchi* [1], um saiote. A camisa branca sobretudo entortilhava-se desesperadamente agitando-se nas extremidades das mangas.

---

[1] Pedaços de tecido em que os camponezes russos envolvem os pés á guisa de meias.

— Ora vê tu os indicios de uma mulher preguiçosa. A não ser que esteja moribunda: não tirou a roupa do enxugadouro para se preparar para a festa! disse Nikita.

III

Á entrada da rua, o vento fazia-se sentir ainda e levantava em redemoinho a neve, mas no centro da aldeia tudo era calmo. A atmosphera estava tepida e havia até alegria. Proximo de uma casa ladrava um cão; cerca de outra, uma mulher cobrindo a cabeça com um abrigo de homem, corria e detinha-se na soleira de uma izba para vêr os viajantes. Ouviam-se cantares de raparigas.

— Mas isto aqui é Grischkino, disse Vassili Andréitch.

— É verdade, é sem duvida Grischkino, respondeu Nikita.

Era com effeito Grishkino.

Os viajantes tinham-se perdido, pois, á esquerda da estrada, haviam andado cerca de oito verstes fóra do verdadeiro caminho, mas sem comtudo se afastarem muito do termo da sua viagem. De Grischkino a Goriatschkino distavam apenas cinco verstes.

Na aldeia encontraram um rapagão que vinha pelo meio da rua.

— Quem vem lá? gritou elle fazendo parar o cavallo: mas reconhecendo Vassili Andréitch, aproximou-se do trenó assentando-se na almofada.

Era o mujik Issaï, afamado nos arredores d'essa aldeia como o primeiro ladrão de cavallos d'aquella região, e que Vassili Andreitch conhecia perfeitamente.

— Então aonde vos leva Deus? disse Issaï mandando a Nikita uma baforada de aguardente.

— Aonde vamos? Vamos a Goriatschkino.

— Vejam lá onde vieram ter! deviam ter passado por Malakhovo.

— Sim, deviamos! mas não pudemos; disse Vassili Andreitch, fazendo deter o cavallo.

— O cavallo é bom, tornou Issaï examinando Mukhorty, e, com um gesto que lhe era familiar, apertou o nó, quasi a desmanchar-se, da cauda, pondo-o mais acima.

— Tenciona dormir aqui? perguntou elle.

— Não, irmão, é-me forçoso absolutamente partir.

— Então é caso de força maior? E aquelle? quem é aquelle? Ah! Nikita Stépanitch.

— E quem poderia ser? disse Nikita... Escuta lá, boa alma; que deveremos fazer para não nos perdermos de novo?

— E como poderás tu perder-te? Dá de redea, e vae direito pela rua. Depois, quando sahires da aldeia, caminha sempre na tua frente. Não tomes á esquerda. Quando te encontrares na estrada principal, então volta á esquerda.

— Mas essa volta da estrada principal, a que te referes, é a volta do lado do estio ou do lado do inverno? perguntou Nikita.

— Do inverno. Logo que te achares ahi, verás alguns arbustos; em frente d'esses arbustos ha ainda um grande poste de carvalho: é ahi.

Vassili Andréitch deu de redea e caminhou ao longo da aldeia.

— Não era melhor dormir aqui? gritou-lhes por detraz Issaï.

Mas Vassili Andréitch não lhe respondeu: cinco verstes de um caminho praticavel, duas das quaes atravez da floresta, era cousa facil de vencer, pelo menos assim o suppunha, tanto mais que o vento parecia acalmar e a neve cessar.

Depois de terem percorrido de novo a rua bem terraplanada pelos trenós e coberta aqui e ali de estrume fresco e passado o pateo onde seccava a roupa e onde a camisa branca estava agora pendurada apenas por uma das mangas, approximaram-se de novo dos vimes onde o ven-

to continuava a gemer e encontraram-se em campina rasa.

A tempestade de neve, longe de acalmar, parecia pelo contrario, redobrar de violencia. A estrada desapparecia completamente, e só podiam guiar-se pelos postes. E ainda assim tornava-se difficil distinguil-os adeante do cavallo, porque o vento dava-lhes de frente.

Vassili Andréitch, com os olhos semi-cerrados, inclinava-se para reconhecer os postes, mas na maior parte das vezes fiava-se no cavallo. E com effeito o animal não hesitava e marchava tornejando ora para a direita ora para a esquerda consoante as sinuosidades do caminho que elle sentia ou antes adivinhava debaixo dos pés. Por isso, apesar da neve cahir com mais violencia e o vento augmentar de momento para momento, os postes ainda appareciam, quer de um lado quer do outro.

Caminhavam assim havia uns dez minutos quando de repente e defronte do cavallo surgiu uma mancha negra que se movia, como por detraz de uma rede, nas linhas obliquas da neve que cahia. Era um trenó que seguia na sua deanteira, e na mesma direcção. Mukhorty attingira-o, tocando com as patas na trazeira do vehiculo.

— Pass... em... em adeante! gritaram-lhe d'esse trenó.

Vassili Andreitch obedeceu.

Estavam no dito trenó tres mujiks e uma *baba* [1] Eram evidentemente convidados que voltavam da festa. Um dos mujiks fustigava a garupa do cavallo com um pau muito comprido. Os dois restantes, no assento agitavam os braços gritando. A baba, toda envolvida nos seus abrigos, coberta de neve, conservava-se quieta na trazeira do trenó.

— D'onde são vocês? gritou-lhes Vassili Andréitch.

— De A... a... a...! foi apenas o que se ouviu.

---

[1] Mulher de mujik.

— D'onde?

— De A... a... a...! gritava com todas as suas forças um dos mujiks, que não mais se fez ouvir.

— Andem! caminhem e aguentem-se!

— Evidentemente voltam da festa.

— Avancem, avancem! Anda, Semka! Volta! Toca a andar!

Os trenós entrechocaram-se e estiveram a pique de se enfiarem um pelo outro, depois separaram-se, e o dos mujiks ficou para traz.

O cavallo pequeno e ventrudo, de pellagem comprida, todo coberto de neve, resfolgava que mettia dó vel-o sob a *duga* baixa, consumindo certamente as suas ultimas forças e coxeando na neve. A cabeça que denotava evidentemente que o animal era ainda novo, com o beiço inferior retrahido como o de um peixe, as narinas dilatadas e as orelhas retiradas por effeito do medo, manteve-se por alguns segundos ao nivel do hombro de Nikita; depois perdeu gradualmente o terreno.

— Vejam o que a aguardente faz, disse Nikita; mataram o cavallo. Ah! os asiaticos! os asiaticos.

Durante alguns instantes ainda, ouvia-se o resfolegar das narinas do cavallo extenuado e os gritos avinhados dos mujiks; em breve porém cessou de ouvir-se o folego do cavallo, e depois os gritos cessaram por seu turno. E de novo nada mais se ouviu, a não ser o sibilar do vento nas orelhas e por vezes uma leve crepitação dos patins sobre os sitios descobertos da estrada.

Esse encontro reanimou e deu coragem a Vassili Andréitch, e d'esta vez, sem se orientar pelos postes, fustigou o cavallo, fiando-se n'este. Nikita nada tinha a fazer e amodorrou. De repente o cavallo estacou. Nikita que n'esse momento cabeceava com somno esteve prestes a cahir.

— Creio que nos perdemos outra vez no caminho, disse Vassili Andréitch.

— E porque crês tu isso?

— Porque? porque não se vêem já os postes. Creio bem que andamos perdidos.

—Pois se estamos perdidos, é tratar de encontrar outra vez o caminho, respondeu simplesmente Nikita.

Dizendo isso desceu do trenó, e, com o passo lesto das pernas cambadas, foi-se de novo a sondar a neve. Procurou durante muito tempo, apparecendo e desapparecendo; alfim voltou.

— Por aqui não ha caminho; póde ser que esteja mais longe. E tornou a subir para o trenó.

Começava já a escurecer; a borrasca não augmentava, mas tambem não diminuia.

— Se ao menos ouvissemos os gritos d'aquelles mujiks, disse Vassili Andréitch.

— Qual! estamos já muito longe d'elles. Talvez que elles é que se perdessem, disse Nikita.

— Mas que fazer então?

— É deixar ir o cavallo; ha de levar-nos. Passa-me para cá as redeas.

Vassili Andréitch passou-lhe as redeas com tanta mais vontade quanto era certo que as mãos se lhe começavam a gelar dentro das luvas forradas de lã.

Nikita não guiava; segurava as redeas nas mãos sem fazer o menor movimento, orgulhoso da intelligencia do seu favorito. Com effeito, o cavallo fitando a orelha ora d'um lado, ora do outro, modificava pouco a pouco a direcção da rota.

— Não lhe digamos nada, não digamos nada, repetiu Nikita, vês tu o que elle faz? Anda, anda; é isso, é isso.

O vento começava agora a soprar pela parte contraria, e já não o sentiam tanto.

— Sempre é muito intelligente! disse Nikita com satisfação. O kirghirino apesar de pequeno é possante, mas é um animal de raça. E vê este; vê como elle move as orelhas. Não tem precisão de telegrapho; fareja a distancia de uma verste.

Não havia passado ainda meia hora, quando uma linha negra lhes surgiu pela frente; era uma floresta ou uma aldeia? Fosse o que fosse, viam-se estacas ao lado direito. Evidentemente tinham encontrado a estrada.

— Mas afinal estamos outra vez em Grischkino, disse de repente Nikita.

Com effeito tinham á sua esquerda aquella mesma granja onde cahia tanta neve, e mais longe a mesma corda com a mesma roupa gelada que o vento continuava saccudindo furiosamente.

De novo metteram pela rua, de novo o socego, e o bem estar se fizeram sentir, de novo a estrada coberta pelo estrume, de novo se repetiam as vozes cantos e o ladrido dos cães. Fazia tanta escuridão que já algumas luzes appareciam em muitas janellas.

Ao meio da rua, Vassili Andréitch dirigiu o cavallo para uma casa grande feita de tijolos e com dois andares e fez parar o cavallo deante da porta da cocheira.

— Chama lá o Tarass, disse elle a Nikita.

Nikita approximou-se de uma janella cujos vidros, forrados de neve, deixavam comtudo passar a luz aos raios da qual os frocos brancos e volantes brilhavam. Nikita bateu com o cabo do pingalim nos vidros.

— Quem está lá? respondeu uma voz ao chamado de Nikita.

— Nós somos de Kresti. [1] São os Brekhunov, meu amigo. Vem cá um instante.

No interior, alguem afastava-se da janella, e poucos momentos passados ouviu-se abrir a porta que dava para a rua; um velho mujik de barba grisalha, na cabeça com um boné enorme, e um casacão de pelles sobre uma blusa

---

[1] *Kresti*, significa encruzilhada; algumas vezes, como n'este caso, é nome de localidade.

branca de festa appareceu, seguido por um mancebo que vestia uma blusa vermelha e calçava botas.

— Sejam bemvidos, disse o velho.

— Irmão: nós perdemo-nos, disse Vassili Andréicth; iamos para Goriatschkino, e viemos dar a sua casa. É a segunda vez que nos perdemos por estes sitios.

— Ouviste?! Pétraschka, vae lá abrir a porta, disse o velho voltando-se para o rapaz de blusa vermelha.

— Vamos a isso, respondeu delicadamente o mancebo, e voltou para o vestibulo.

— Mas nós não podemos passar aqui a noute, disse Vassili Andréitch.

— E aonde queres ir durante a noute? Descança pois aqui.

— Bem o quizera eu, mas é forçoso tornar a pôr-me a caminho.

— Então, vem aquecer-te ao menos: o samovar estará prompto não tarda nada.

— Lá aquecer-me não recuso. D'aqui a pouco não haverá escuridão; pelo contrario, a lua nascerá d'aqui a pouco e indicar-nos ha a estrada. Anda, Nikita, entremos para nos aquecermos.

— Porque não? Vamos a isso, respondeu Nikita, todo transido de frio, e que tinha com effeito um grande desejo de entrar e aquecer ao fogão os membros entanguidos.

(Continua).

Conde L. TOLSTOI.

A Ilha do Thesouro

XXXII

A voz entre as arvores

(Continuação)

Dick batia com os dentes uns nos outros e apertava convulsivamente a Biblia, que trazia na algibeira.

Silver tambem tremia todo. Mas não se confessava vencido.

— Ninguem n'esta ilha póde ter ouvido falar em Mac-Graw, murmurava elle, como que para se tranquillisar, — ninguem, a não sermos nós!

Depois com um esforço quasi sobrehumano:

— Camaradas, disse elle, estou aqui para descobrir esse thesouro e nenhum homem, nem mesmo o diabo em pessoa, me impedirá de fazel-o... Nunca tive medo de Flint quando elle era vivo: não ha de agora assustar-me depois de morto... A um quarto de milha d'aqui estão setecentas mil libras esterlinas?... E por causa de um velho borrachão que nem sequer está vivo?...

Mas a coragem dos marujos não dava mostras de querer reapparecer, e a irreverencia da linguagem de Silver parecia até augmentar-lhes o terror.

— Não fale assim, John Silver, disse Jorge Merry. Não offenda um espirito!

Os outros estavam excessivamente assustados para darem uma palavra. Teriam abalado se se atrevessem a isso. O medo, porém, conservava-os agrupados proximo de John, como se a audacia d'este fosse a sua ultima protecção.

Silver, afinal, triumphara da sua fraqueza.

— Um espirito?... Quem sabe? replicou elle. Ha uma cousa que me parece suspeita, é que elle tinha ecco, como devem ter ouvido. Ora, todos sabem que nunca se viu um espirito com sombra. N'esse caso. por que razão havia de ter ecco?... É isto que me faz desconfiar.

O argumento pareceu-me bastante fraco. Mas, quem sabe o que póde causar impressão n'aquellas cabeças? Com grande surpreza minha, Jorge Merry pareceu cobrar animo immediatamente.

— É justo! exclamou. E você tem uma boa cabeça, como poucos, John Silver... Vamos, camaradas, álerta, não nos deixemos lograr!... Agora, pensando bem, lembro-me de que a voz parecia um pouco a de Flint, mas era menos clara, menos imperiosa do que a d'elle... Parece-se mais com a de outro, com a de...

— De Ben Gunn!... é verdade, com mil raios!... interrompeu Silver.

— Exacto!... Era a voz de Ben Gunn! exclamou Morgan, pondo-se de joelhos.

— Isso adeantou-nos muito! observou Dick em tom lastimoso. Ben Gunn tambem não está aqui em carne e osso, supponho eu?...

A esta observação, os velhos encolheram simplesmente os hombros.

— Quem é que faz caso de Ben Gunn? disse Jorge Merry. Morto ou vivo, tudo vem a dar no mesmo.

Reanimavam-se a olhos vistos e todas as physionomias readquiriam a sua côr habitual. Passados alguns segundos estavam de novo a palrar, parando, comtudo, de vez

em quando, para escutarem. Não ouvindo mais nenhum ruido, pegaram nas suas ferramentas e o bando poz-se novamente a caminho, levando Merry á frente, com a bussola, para se conservar em linha recta com a ilha do esqueleto. Elle tinha dito a verdade: ninguem se importava com Ben Gunn; morto ou vivo, era tudo a mesma cousa... Dick era o unico que dirigia ainda em torno olhares atemorisados, agarrando sempre a biblia. Mas não encontrava sympathia nos camaradas, e Silver até gracejou com elle por causa das suas precauções.

— Eu bem te disse que tinhas estragado a Biblia, dizia elle rindo. Pois se ella nem já serve para prestar juramento, que diabo de importancia lhe póde dar um espirito?... Faz tanto caso d'ella como d'isto!...

E, parou, encostado á moleta, para dar estalos com os dedos.

Mas Dick não queria ser consolado. Notei que o desgraçado caminhava com muito custo. Activada pelo calor, pela fadiga e pelo medo, a febre, annunciada pelo doutor Livesey, apoderava-se d'elle visivelmente. A collina, felizmente para o pobre diabo, era boa para se andar, descoberta e atapetada de musgo, e os pinheiros, grandes e pequenos, cresciam longe uns dos outros, misturados com grupos de arecas e de canelleiras. Caminhando em direcção ao noroeste, aproximavamo-nos cada vez mais do espinhaço do Longa Vista; á esquerda, o meu olhar abrangia agora a bahia oriental onde, na vespera, de manhã, accordara tremulo e sacudido pelas ondas, dentro da piroga.

Logo que chegámos á primeira das arvores grandes, vimos a sua posição e verificou-se que não era boa. Succedeu o mesmo com a segunda. A terceira erguia-se mais de duzentos pés de altura acima de um tojo espesso; era um verdadeiro gigante do reino vegetal, que ostentava nos ares a sua columna avermelhada, encimada por um guarda-sol, á sombra do qual um batalhão poderia manobrar á vontade. Devia avistar-se de longe, tanto de leste como de

oeste, do mar largo, e podia ter sido indicada no mappa como signal revelador do esconderijo,

Mas a sua altura não era o que mais impressionava os meus companheiros: o que os maravilhava era a idéa de que setecentas mil libras em ouro estavam enterradas debaixo da sua enorme sombra. Esta idéa acabou por lhes fazer esquecer todos os terrores. Á medida que se aproximavam do seu fim, os olhos animavam-se-lhes, o passo tornava-se mais ligeiro e elastico. O proprio Silver saltava com mais vivacidade, firmando-se na moleta, e resmungando contra as pedras que lhe cortavam a marcha; as narinas dilatavam-se-lhe; praguejava como um arrieiro se uma mosca lhe pousava nas largas faces ou na testa banhada em suor; havia momentos em que puxava com furor a corda que me prendia, e, voltando-se, dirigia-me um olhar homicida. Ou porque já se não desse ao trabalho de occultar os seus pensamentos, ou porque elles se lhe manifestassem no rosto, a seu pesar, eu lia-os como um livro. Via perfeitamente que, logo que chegassem junto d'aquelle ouro, tudo o mais seria esquecido: a advertencia do doutor e as suas promessas. Esperava, de certo, apoderar-se do thesouro, descobrir o paradeiro da *Hispaniola*, embarcar n'ella depois de ter cortado todas as cabeças honradas da ilha, e fugir, como sonhara, carregado de riquezas e de crimes.

Dominado por estes pensamentos assustadores, custava-me a acompanhar a marcha d'aquelles avidos caçadores de ouro; tropeçava a cada instante, e era então que Silver puxava a corda tão rudemente e me dirigia aquelles olhares terriveis. Dick ia atraz de todos, acabrunhado pela febre e mal podendo arrastar-se. A sua presença augmentava o mal estar que eu sentia, e, além d'isso, perseguia-me a imagem da tragedia que se passara outr'ora n'aquelle sitio, quando o medonho pirata de rosto azulado, o que morrera em Savannah, rugindo para lhe darem de beber, immollara por suas proprias mãos os seis cumplices que o acom-

panhavam. Aquelle bosque, hoje tão sereno, devia ter repercutido gritos de angustia!... Só de pensar n'isso, parecia-me que os ouvia.

Mas chegavamos á entrada do matto.

— Vamos, camaradas, é correr, agora!... gritou Jorge Merry.

E os que nos precediam precipitaram-se todos ao mesmo tempo.

Ainda não tinham dado dez passos quando os vimos parar, de repente, e soltar um grito suffocado. Silver pulava atraz d'elles batendo furiosamente no chão com a moleta. E parámos tambem, ambos.

Aos nossos pés abria-se uma larga excavação, já um pouco antiga, porque a relva crescia no fundo e dos lados. Dentro via-se o cabo d'uma enxada e os destroços de uns poucos de caixotes. Em uma das taboas lia-se, em grandes lettras feitas com ferro em braza, o nome *Wabrus*, o navío de Flint.

Era claro como o dia: chegavamos muito tarde! O esconderijo tinha sido descoberto e despejado. As setecentas mil libras já lá não estavam.

XXXIII

O fim de um reinado

Foi um desmoronamento. Os seis homens ficaram como que fulminados. Mas Silver foi o primeiro a recuperar o sangue frio. Todos os seus pensamentos se dirigiam, havia mezes e semanas, para aquelle thesouro, como os muscu-

los de um cavallo de corridas se dirigem para o alvo: eram detidos, de repente, da maneira mais brutal e mais inopinada; e, comtudo, conservou a sua razão, serenou e formou um plano de conducta antes que os outros tivessem comprehendido o que lhes succedia.

— Jim, disse-me elle em voz baixa, pega n'esta pistola e cautela com a borrasca!

Ao mesmo tempo, dirigia-se subtilmente para a direita, e, em tres saltos, punha a cova entre os companheiros e nós ambos. Em seguidá olhou para mim, abanando a cabeça, como para me dizer; «Estamos em bons lençoes, não ha duvida!» E eu era da mesma opinião. As suas maneiras, agora, eram extremamente amigaveis. Senti-me tão indignado com esta mudança perpetua, que não pude deixar de murmurar-lhe ao ouvido:

— Ah! tornou a virar a casaca?

Elle não teve tempo de responder. Os piratas, rugindo e praguejando, saltavam um apoz outro na excavação, revolviam a terra com as unhas e atiravam as taboas para as bordas... Morgan achou uma moeda de ouro e apanhou-a. Era uma moeda de dois guinéos. Em alguns segundos passou de mão para mão e voltou para a de Morgan, que a atirou a Silver.

— Dois guinéos! bradou elle ao mesmo tempo. Aqui estão as suas setecentas mil libras esterlinas, não é verdade, senhor homem de juizo? Este é que é o resultado das suas bellas combinações?

— Procurem sempre, filhos, replicou Silver com a mais fria das insolencias. Procurem! talvez achem truffas!

— Truffas? rugiu Jorge Merry. Ouvem, camaradas? Pois eu digo-lhes que este homem sabia tudo isto... Basta olhar para elle... Tem-o escripto na cara!...

— Ah! ah! Jorge Merry, mais esta candidatura! respondeu Silver. Decididamente, fazes empenho em ser nosso capitão!

Mas, d'esta vez todos eram a favor de Merry. Sahiram da

excavação uns atraz dos outros, dirigindo olhares furiosos a Silver. Notei uma cousa que me pareceu de bom agouro: tinham o cuidado de subir do lado opposto ao nosso.

Eis-nos, portanto, dois de um lado, e cinco do outro, com a cova entre nós.. Nenhum se resolvia a começar a lucta. Silver não se mexia. Observava-os, muito direito, encostado á moleta, mais sereno do que nunca. Valente, era, com certeza.

Merry, afinal, achou que vinha a proposito um pequeno discurso:

— Camaradas, disse elle, são apenas dois contra nós: o enfermo que nos trouxe aqui para este bello resultado, e o lobosinho que nos trahiu!... Vamos, camaradas!...

Erguia o braço, falando, e preparava-se, de certo, para dar o exemplo, quando, de repente... pif!... paf!... pan!... dispararam-se tres tiros no matto proximo. Merry cahiu dentro da cova, de cabeça para baixo; o homem da cabeça ligada girou sobre si mesmo como um peão, e cahiu para o lado, ferido mortalmente, mas ainda agitado por convulsões supremas; os outros tres voltaram as costas e deitaram a fugir sem quererem saber de mais nada.

No mesmo instante, o doutor, Gray e Ben Gunn sahiram do matto e aproximaram-se de nós, com as espingardas ainda fumegantes.

— Para a frente e depressa! gritou o doutor. É preciso evitar que elles alcancem as chalupas.

E partimos atravez dos bosques, enterrando-nos ás vezes, nas ervas, até aos hombros. Póde se affirmar quo Silver estava decidido a ficar comnosco!... O esforço quo elle fez, saltando com o auxilio da moleta, e transpondo os obstaculos com tal ardor que os musculos do peito lhe inchavam de maneira que pareciam querer estalar, nem um acrobata de profissão poderia repetil-o, na opinião do doutor. Quasi que suffocava, mas seguia-nos a menos de trinta passos, quando chegámos á borda da collina.

— Doutor! gritou elle, veja!... É inutil apressar-se.

E dizia a verdade: n'uma clareira que se abria por baixo de nós, podiam-se vêr os tres sobreviventes correndo sempre na mesma direcção, para o Mastro de Traquete, quero dizer, já estavamos entre elles e as embarcações. Pudémos, portanto, descançar um momento para tomar o folego, e não tardou que John Silver chegasse ao nosso lado, enxugando a testa.

— Devemos-lhe uma bella partida, doutor! disse elle. Jim e eu iamos ter muito que fazer, sem a sua intervenção... Ah! é você, Ben Gunn? continuou. Então agora fez-se farcista, depois de velho?

— É verdade, sou eu, respondeu o habitante dos bosques com contorsões de enguia e rubores que manifestavam o seu embaraço. E o sr. Silver como passa?... Como deseja, quero querer?... continuou, sob a impressão evidente de que convinha dizer algumas phrazes delicadas.

— Ah! Ben, Ben, replicou Silver, ameaçando-o alegremente com o dedo, que peça que você me pregou!...

O doutor mandou Gray apanhar uma enxada que os rebeldes tinham abandonado, para fugirem, e, emquanto desciamos a caminho das chalupas, contou-nos o que se passara. Ben Gunn era o heroe d'essa narrativa, que interessou extraordinariamente Silver, e que eu resumo em algumas palavras.

Ben Gunn, nas suas correrias vagabundas atravez da ilha, encontrara um dia o esqueleto. Era elle que lhe tinha despejado as algibeiras. Em seguida, descobrira o thesouro, cujo esconderijo era ainda muito apparente, por causa dos vestigios deixados na relva pela terra revolvida de fresco. Abrira a cova, e era o cabo da sua enxada qne tinhamos encontrado no fundo. A pouco e pouco, á força de trabalho e de viagens successivas, transportara o thesouro todo, de debaixo do pinheiro para uma caverna descoberta por elle, na base da collina de dois bicos que ficava ao nordeste da ilha. O ouro do capitão Flint estava ahi em segurança havia mais de dois mezes, quando a *Hispaniola*

ancorou pela primeira vez. O doutor conseguira arrancar este segredo a Ben Gunn no dia em que foi conversar com elle, na tarde que se seguiu ao assalto do *blockhaus*.

Estava já preoccupado com a necessidade de abandonar o mais cedo possivel uma posição tão insalubre, antes que a *mal'aria* cperasse.

A desapparição da escuna e o interesse que havia em se aproximarem do thesouro, para o defender; a certeza de que Ben Gunn accumulara na caverna as provisões indispensaveis, e, sobre tudo, uma porção de carne de cabra, salgada por elle; tudo se reuniu para resolver o doutor a ceder um mappa agora inutil, e a abandonar o *blockhaus* e as suas provisões: em uma palavra, a fazer as concessões necessarias para poder alcançar sem demora a collina de dois bicos.

— Só tu me preoccupavas n'este contracto, Jim, accrescentou o doutor, e confesso que me custava não saber o que era feito de ti, antes de abandonar o *blockhaus*. Mas via-me obrigado a proceder no interesse dos que tinham ficado no seu posto. Se não entravas n'esse numero, de quem era a culpa?...

N'esse dia, vendo que eu ia ser envolvido no terrivel desapontamento dos rebeldes, voltara apressadamente á caverna; deixando ahi o *squire* e o capitão, de guarda ao thesouro, levara comsigo Gray e Ben Gunn e atravessara a ilha em diagonal afim de chegar primeiro que nós ao pinheiro grande. Verificando então que o tinhamos excedido em velocidade, resolveu mandar Ben Gunn, que era o mais ligeiro, explorar o caminho e vêr o que se passava. Ben Gunn, vendo a impressão que a descoberta do esqueleto causava nos seus antigos camaradas, lembrara-se de os assustar com as suas reminiscencias do capitão Flint, e o estratagema dera bom resultado, permittindo que o doutor e Gray tomassem posição no matto.

— Ah! observou Silver, no fim d'esta narrativa, foi uma fortuna para mim trazer o Jim!... Quando não, o doutor

deixava fazer o pobre John em postas, sem o mais leve remorso!...

— Sem o mais leve remorso, repetiu o doutor Livesey alegremente.

Chegámos ás chalupas O doutor começou por destruir uma, ás enxadadas; depois embarcámos na outra para alcançarmos, por mar, a bahia do norte.

Era viagem de oito a nove milhas. Silver, apesar de meio morto de fadiga, pegou n'um remo, como as outros, e a embarcação deslisou rapidamente sobre o mar, liso como um espelho. D'ahi a pouco, passávamos defronte do estreito e voltávamos o angulo sudoeste da ilha, deixando para traz o primeiro ancoradouro da *Hispaniola*. Quando passámos em frente da collina de dois bicos, pudémos distinguir a bôcca negra da caverna de Ben Gunn, á entrada da qual um vulto humano erguia a sua estatura elevada, de mosquete ao hombro. Era o vulto do *squire*. Mal o avistámos, puzemo-nos a agitar os lenços e a soltar *hurrahs*, e Silver não foi o ultimo a tomar parte n'elles.

Tres milhas mais longe, quando chegavamos á entrada da bahia do norte, o que havemos de encontrar? A *Hispaniola*, vogando sósinha. A maré levantara-a e puzera-a a nado. A brisa, felizmente, era ligeira e a corrente menos forte do que na bahia do sul, onde não tornariamos a vêl-a!... Mas no seu estado não havia grandes avarias a lamentar, a não ser a perda da vela de traquete. Subir a bordo, procurar no fundo do porão uma ancora, e deital-a a braça e meia de profundidade, foi para nós obra de momentos. Depois voltámos, em chalupa, para o Recife-do-Rhum, o ponto mais proximo da caverna de Ben Gunn, e Gray tornou a partir, só, na embarcação, afim de estar de guarda a bordo da *Hispaniola*.

Uma ladeira suave conduzia da praia á entrada da caverna. Quando já estávamos a pouca distancia, o *squire* veiu ao nosso encontro. Tratou-me com brandura e affabilidade, sem falar na minha fuga, nem em bem nem em mal. Mas

o cumprimento que Silver lhe dirigiu, fez-lhe subir o sangue ao rosto.

— John Silver, exclamou elle, você é o maior impostor e o mais prodigioso canalha que tenho encontrado em toda a minha vida! Parece que não devo perseguil-o. Não o perseguirei, já que é necessario... Mas aquelles mortos devem pesar-lhe na consciencia, como outros tantos marcos de pedra!...

— Muito obrigado, meu senhor, replicou John, cumprimentando segunda vez, ainda com mais delicadeza.

— Prohibo-lhe que me agradeça! disse o *squire* rudemente, porque falto a todos os meus deveres, não o castigando... Para traz, se faz favor!...

Em seguida a isto, entrámos na caverna. Era vasta e bem arejada; ao fundo uma bonita cascata formava um pequeno lago cercado de fetos; o solo era coberto de areia. Deante de uma grande fogueira acceza logo á entrada, estava extendido o capitão Smollett, n'uma cama d'hervas e de musgo. No canto mais afastado, á luz das chammas, vi brilhar um grande montão de peças de ouro e um quadrilatero de barras scintillantes.

Era o thesouro de Flint, que tinhamos vindo buscar tão longe e que já custara a vida de dezesete homens da *Hispaniola!*...

E quem sabe quantas outras vidas custara emquanto o accummulavam, quanto sangue e quantas tribulações, quantos navios mergulhados no fundo do mar, quanta polvora, quantas pessoas enviadas brutalmente para a eternidade, quantas crueldades, vergonhas, mentiras e crimes?... Ninguem poderia dizel-o. E, comtudo, na ilha ainda existiam tres homens, Silver, Morgan e Ben Gunn, que haviam tomado parto n'esses crimes, e esperado obter tambem uma parte do thesouro.

— És tu, Jim? disse-me o capitão. Vamos lá, és bom rapaz, a teu modo... Mas parece-me que não tornamos a embarcar juntos. Gostas muito de guiar-te só pela tua ca-

beça, e isso não se dá bem com os meus gostos... Está ahi, John Silver? O que o traz por cá?

— Venho cumprir o meu dever, capitão, respondeu Silver.

— Ah! fez o capitão.

E não accrescentou uma palavra.

Que boa ceia, a d'essa noute, no meio de todos os meus amigos, com a cabra salgada de Ben Gunn, e algumas golodices regadas com vinho velho da *Hispaniola!* Nunca se viram convivas mais alegres, mais felizes do que nós. E Silver estava ali, sentado fóra da claridade da fogueira, mas comendo tambem com appetite, prompto sempre para ir buscar alguma cousa que faltava e acompanhando tranquillamente as nossas risadas alegres, — o mesmo homem cortez, amavel, obsequiador, que tinhamos conhecido antes d'aquelles tragicos acontecimentos.

XXXIV

Conclusão

No dia seguinte pela manhã, logo ao romper do dia, puzemos mãos á obra, porque o transporte d'aquella enorme massa de ouro para a *Hispaniola* não era pequeno trabalho para tão poucos homens. Os tres individuos que ainda estavam na ilha não nos inquietavam. Uma sentinella de arma ao hombro, na vertente da collina, bastava para conserval-os a distancia, e era de suppor que elles estivessem fartos de guerra. O nosso trabalho caminhou, portanto, ás mil maravilhas. Gray e Ben Gunn iam e vinham, na chalupa, do recife para a *Hispaniola*, emquanto nós transportavamos o thesouro da caverna para a praia. Duas barras

de ouro, seguras por um pedaço de corda, era o mais que um homem podia levar: e tinha de caminhar vagarosamente, com esse peso ás costas. A mim tinham-me encarregado de metter em saccos o ouro amoedado, e foi n'isso que empreguei o dia inteiro, na caverna.

Era uma extranha collecção, que se assemelhava á de Billy Bones pela diversidade das moedas, mas infinitamente mais variada e milhares de vezes mais consideravel. Lembro-me do prazer que senti quando, para descançar do meu trabalho, me puz a escolher as moedas e a irmanal-as. Peças francezas, inglezas, hespanholas, portuguezas, jorges, luizes, dobrões, guineos, moidoros, sequins, peças de oito, effigies de todos os monarchas do mundo, moedas orientaes marcadas com signaes cabalisticos, umas redondas, outras quadradas ou octogonas, algumas com um buraco para enfiar um cordão, — havia-as de todos os generos, de todos os moldes, de todas as variedades. Emquanto ao numero, era tão grande, que me doiam os dedos á força de contar, e tinha as costas partidas de estar tanto tempo curvado.

Este trabalho durou uns poucos de dias. Todas as tardes acarretavamos uma riqueza para bordo e esperava-nos outra riqueza para o dia seguinte. E durante esse tempo os rebeldes sobreviventes, nunca deram signal de vida. Afinal, uma tarde que o doutor passeava comigo na vertente da collina que domina as terras baixas da ilha, o vento trouxe-nos, aos ouvidos, do baixio mergulhado em trevas, por baixo de nós, uma especie de canto ou de grito. Depois, tudo recahiu em silencio.

— São aquelles desgraçados! disse o doutor. Deus lhes perdoe!...

— Estão bebados—disse Silver por detraz de nós.

Esqueci-me de dizer que Silver gosava completa liberdade; apesar dos maus modos do *squire* e do capitão, parecia considerar-se mais do que nunca um servo fiel e privilegiado. Realmente eu não podia deixar de admirar, ás

vezes, a paciencia inalteravel com que elle supportava aquelle tratamento e a delicadeza com que procurava tornar-se util ou agradavel a todos. Comtudo, o mais que conseguia era ser tratado como um cão, excepto por Ben Gunn, que conservava um medo atroz do seu ex-contramestre, e por mim que lhe devia alguma cousa, ainda que, para dizer a verdade, tinha o direito de fazer d'elle ainda peor idéa do que os outros, tendo-o visto havia pouco, disposto a realisar nova traição. Foi, portanto, com bastante aspereza, que o doutor replicou:

Bebados ou delirando com febre.

—Tem razão, meu senhor, disse Silver; mas afinal de contas, tanto importa que seja uma cousa como a outra.

— Faço da sua humanidade uma idéa excessivamente mediocre, mestre Silver, para esperar outra cousa de si, respondeu o doutor ironicamente; mas declaro-lhe que, se tivesse a certeza de elles estarem com delirio, como estou moralmente certo de que um, pelo menos, está doente com febre, deixava o campo e arriscava-me a ir tratar d'aquelles pobres diabos.

— Se me dá licença, meu senhor, digo-lhe que fazia mal, replicou Silver. Deixava lá a sua vida, que merece melhor sorte. Estou com os senhores, agora, — o meu coração e os meus braços pertencem-lhes, — e não queria vêr o nosso partido perder um homem, e, de mais a mais, o doutor, a quem devo tanto. É por isso que o previno de que aquella gente é incapaz de cumprir a sua palavra, — mesmo suppondo que tivessem desejos d'isso. E, o que é mais, são incapazes até de acreditar que o senhor cumpre a sua...

— Que diabo! você póde falar assim, disse o doutor, já nos mostrou de que maneira sabe cumprir uma promessa.

N'essa tarde não ouvimos mais nada que indicasse a presença dos rebeldes. Uma outra vez, chegou-nos um ecco longiquo de um tiro d'espingarda, e imaginámos que caçavam.

Formou-se conselho para se decidir o que se faria d'el-

les, e resolveu-se abandonal-os na ilha, — com grande alegria de Ben Gunn e plena approvação de Gray. Por consequencia, deixámos na caverna, para seu uso, uma grande quantidade de polvora, a maior parte do cabrito salgado, uma caixa de medicamentos, objectos de primeira necessidade, como fato, ferramentas, uma véla, duas ou tres braças de corda, e finalmente, — por desejo manifestado pelo doutor, — um bello presente de tabaco.

Foi a ultima cousa que fizemos durante a nossa estada na ilha. O thesouro estava embarcado, levavamos a agua e a quantidade de carne salgada que nos parecia necessaria. Uma bella manhã levantámos ferro, não sem algum custo, porque eramos apenas tres no cabrestante, e sahimos da bahia do norte, com a mesma bandeira fluctuante que o capitão arvorara no *blockhaus*.

Os tres proscriptos tinham-nos observado de mais perto do que julgavamos, como provaram d'ahi a pouco, pois, ao sahir do estreito tivemos de passar rente ao cabo sul, e, quando iamos junto d'elle, vimol-os todos tres ajoelhados na areia, com os braços extendidos para nós em ar de supplica.

Custava-nos abandonal-os assim, n'aquelle estado lamentavel. Mas não podiamos affrontar os perigos de segunda revolta, e conduzil-os a Inglaterra para serem enforcados parecia-nos um favor bem mesquinho. O doutor chamou-os e disse-lhes que lhes tinhamos deixado provisões, indicando-lhes o logar da caverna. Mas os desgraçados nem por isso deixaram de continuar a chamar-nos, a todos, pelos nossos nomes, supplicando, pelo amor de Deus, que tivessem piedade d'elles e não os condemnassem a morrer n'aquelle horrivel deserto.

Afinal, vendo que a escuna continuava o seu caminho, um d'elles, não sei qual, ergueu-se com vivacidade, soltando um grito rouco, fez pontaria com a espingarda e enviou-nos uma bala que zeniu por cima da cabeça de Silver, indo perder-se na véla grande.

Tivemos então o cuidado de nos abrigarmos por detraz dos pavezes. Quando levantei a cabeça e olhei, já elles tinham desapparecido no promontorio, e o mesmo promontorio se afastara ao longe. Cerca do meio-dia tinhamos perdido de vista o pico mais elevado da Ilha do Thesouro.

Eramos tão poucos a bordo. que todos se viam obrigados a trabalhar, excepto o capitão, que estava deitado n'um colxão, na ré, afim de dar as suas ordens. Entrava em convalescença, mas ainda precisava de cuidados e descanço.

Não podiamos voltar a Bristol sem nova tripulação. Dirigimo-nos, por consequencia, para a costa mais proxima, na America do Sul; e, muito antes de lá chegarmos, fomos assaltados por duas tempestades seguidas de vento contrario. Mas o porto, afinal, appareceu á nossa vista. O sol ia desapparecer quando deitámos a ancora n'uma bahia encantadora, onde logo nos vimos cercados de canoas carregadas de pretos, de mulatos e de indios, que nos offereciam fructa e legumes, ou se dispunham a mergulhar pela quantia mais insignificante. Aquelles rostos alegres, o sabor dos fructos tropicaes e, sobre tudo, as luzes que começavam a brilhar na cidade, formavam um contraste delicioso com os espectaculos tragicos que haviamos presenceado na ilha. Por isso, o doutor e o *squire* quizeram desembarcar sem demora alguma, e levaram-me com elles. Encontraram o commandante d'um navio de guerra inglez, travaram conhecimento com elle, foram a bordo, e parece que estiveram lá muito bem, porque era dia claro quando voltámos para a *Hispaniola*.

Ben Gunn estava de guarda na tolda. Assim que nos viu, começou uma confissão, feita com as caretas mais absurdas. Silver fugira com o consentimento d'elle, n'uma canôa do porto. Jurava-nos, agora, ter permittido aquella evasão unicamente para nos salvar a vida, que corria grande perigo se o homem «de uma perna só» ficasse a bordo. Mas havia ainda outra cousa. O cosinheiro não abalara sem petisco. Furando um tabique, conseguira roubar um sacco de

ouro, contendo talvez oito a dez mil guinéos, e levara-o para acudir ás despezas da viagem.

No fim de contas, ficámos satisfeitos por nos vêrmos livres d'elle.

Foi o ultimo incidente notavel da nossa viagem. Não tivemos difficuldade em completar a tripulação, achámos vento favoravel, e a *Hispaniola* chegou a Bristol quando o sr. Blandly se dispunha a mandar uma embarcação á nossa procura. Traziamos o thesouro quasi completo, mas, dos que tinham ído buscal-o, apenas cinco entravam no porto.

Conforme se combinara entre o *squire* e o doutor, o Estado e os pobres tiveram seu quinhão, primeiro que tudo. Depois, cada um de nós recebeu o seu, para se servir d'elle com acerto ou com loucura, segundo o seu temperamento. O capitão Smollett ficou sempre sentindo os resultados do ferimento, e, estando menos apto para o serviço, o rude e leal marinheiro resignou-se a deixar o mar. Vive retirado, nas proximidades de Bristol. Gray alem de saber conservar o seu dinheiro, começou tomado de ambição repentina, a estudar a sua profissão; agora é segundo official de uma escuna onde tem uma parte de propriedade; casado, alem d'isso, e pae de familia. Ben Gunn recebeu as suas mil libras esterlinas, que devorou ou perdeu em tres semanas, ou para falar com exactidão, em dezenove dias, pois no vigessimo viram-o apparecer sem um real. Deram-lhe então um logar de couteiro, — o mesmo que elle receava tanto quando o encontrei na ilha. Deve-se confessar que se portou n'elle muito bem. Ainda vive, muito estimado na terra, apezar de geralmente o considerarem um pateta.

Nunca mais se ouviu falar em Silver. Esse terrivel marinheiro de uma só perna já não tem importancia alguma na minha vida. Quero crêr que encontrou a sua velha preta e que vive em paz n'algum canto, com ella e com o papagaio.

Pelo que posso suppôr, a prata em barras e as armas,

ainda estão na ilha, no logar onde Flint as escondeu. Pela minha parte, estou perfeitamente decidido a deixal-as lá. Por cousa nenhuma d'este mundo me fariam recomeçar uma expedição egual a esta. O peor dos meus pesadelos é ainda ouvir as ondas baterem nos recifes, e ás vezes succede-mo accordar em sobresalto, com a voz estridente do *capitão Flint* gritando-me aos ouvidos «Peças de oito!...»

É inutil dizer com que alegria minha pobre mãe viu o meu regresso, a felicidade que eu tive em tornar a vêl-a, e como me pareceu agradavel garantir-lhe uma existencia feliz e tranquilla, na minha companhia!

O doutor affeiçoara-se a mim, e eu, pela minha parte, votara-lhe uma admiração e um affecto apaixonados. E encarregou-se da minha educação, e affirma que tem a certeza de ser bem succedido. A sua ambição é tornar-me um medico bem instruido. «É n'essa profissão, unicamente, diz elle para me animar, que um homem de bem póde, só por si, tornar-se util ao proximo.» O Squire é da mesma opinião, e o leitor pensará, como eu, que o melhor que tenho a fazer é deixar guiar a minha vida por estes dois homens honrados.

Stevenson.

FIM

O ADEREÇO DE ESMERALDAS

Estavamos parados na Carrera de S. Jeronymo, defronte da livraria Duran, e liamos o titulo de um livro de Méry.

Como me chamava a attenção aquelle titulo extranho, e assim o dissesse ao amigo que me acompanhava, este, encostando-se ligeiramente ao meu braço, exclamou:

— O dia está lindo a mais não poder, vamos dar uma volta pela Fonte Castelhana. Passeiando te contarei uma historia em que sou o heroe principal. Verás como, depois de a ouvir, não só comprehendes o titulo, mas até o explicas a ti proprio do modo mais facil d'este mundo.

Eu tinha muito que fazer, mas, como estou sempre desejando um pretexto para não fazer nada, acceitei a proposta e o meu amigo principiou d'esta maneira a sua historia:

— Ha tempos, uma noite em que saí a dar uns giros por essas ruas, sem outro intuito senão o de passeiar, depois de ter examinado todas as collecções de estampas e photographias dos estabelecimentos, de ter escolhido com a imaginação deante da loja dos Saboyanos os bronzes com que adornaria a minha casa, se a tivesse, de ter passado emfim uma revista minuciosa a todos os objectos de arte e de luxo expostos ao publico por detraz dos illuminados

crystaes dos mostradores, detive-me um instante defronte dos de Samper.

Não sei quanto tempo eu ali estaria presenteando com a imaginação todas as mulheres bonitas que conheço, dando a esta um collar de perolas, áquella uma cruz de brilhantes, a outra uns brincos de ouro e de amethystas. Hesitava n'aquelle momento sem saber a quem havia de offerecer, que o merecesse, um magnifico adereço de esmeraldas tão rico como elegante, que entre todas as outras joias chamava a attenção pela formosura e claridade das suas pedras, quando ouvi ao meu lado uma voz suave e dulcissima exclamar n'um tom que não poude deixar de me arrancar ás minhas imaginações: «Que lindas esmeraldas!»

Voltei a cabeça na direcção em que ouvira resoar aquella voz de mulher, porque só sendo feminina podia ter semelhante echo, e vi effectivamente que era uma mulher lindissima. Não a poude contemplar senão um momento, e, sem embargo fez-me a sua belleza uma impressão profunda.

Á porta da ourivesaria d'onde ella saía estava uma carruagem. Acompanhava-a uma senhora de certa edade, nova de mais para ser sua mãe, velha de mais para ser sua amiga. Quando ambas subiram para o trem, partiram os cavallos, e eu ali fiquei tonto, a vêl-a ir até a perder de vista.

Que lindas esmeraldas! dissera. Effectivamente as esmeraldas eram formosissimas; aquelle collar, cingindo a sua garganta de neve, pareceria uma grinalda de folhas temporãs da amendoeira, salpicadas de orvalho; aquelle broche no seu seio uma flôr de lodão quando se deixa embalar pela sua onda movel, coroada de espuma. Que lindas esmeraldas! Desejal-as-ha por acaso? Mas, se as deseja, por que as não compra? Deve ser rica e pertencer a uma classe elevada; tem uma carruagem elegante e na portinhola d'essa carruagem julguei ver um brazão nobre. In-

dubitavelmente ha na existencia d'essa mulher algum mysterio.

Foram estes os pensamentos que me agitaram depois de a perder de vista, quando já nem o rumor da carruagem chegava aos meus ouvidos. E effectivamente na sua vida, na apparencia tão aprazivel e invejavel, havia um mysterio horrivel. Não te direi como consegui penetral-o, mas consegui-o.

Casada desde muito nova com um libertino, que, depois de dissipar os proprios haveres, procurara n'um casamento vantajoso o melhor expediente para dissipar bens alheios, modelo de esposas e de mães, aquella mulher renunciara a satisfazer o mais insignificante dos seus caprichos para conservar a seu filho uma parte do seu patrimonio, e para manter no exterior o nome da sua casa na altura em que sempre se mantivera na sociedade.

Falla-se nos grandes sacrificios de algumas mulheres. Creio que não ha um só comparavel, dada a sua organisação especial, ao sacrificio de um desejo ardente em que vão interessadas a vaidade e a garridice.

Desde o momento em que penetrei no mysterio da sua existencia, por uma d'essas extravagancias do meu caracter, todas as minhas aspirações se reduziam a uma só: possuir aquelle maravilhoso adereço e dar-lh'o a ella de modo que ella o não pudesse recusar, de modo que ella nem sequer soubesse de que mão lhe poderia ter vindo.

Entre outras muitas difficuldades que logo encontrei para a realisação da minha idéa, não era seguramente a menor o não ter dinheiro, nem pouco nem muito, para comprar essas joias.

Não perdi a esperança, ainda assim, de levar por deante o meu proposito.

Como arranjar dinheiro? dizia eu de mim para mim, e recordava-me dos prodigios das *Mil e uma noites*, d'aquellas palavras cabalisticas a cujo echo se abria a terra, e appareciam os thesouros escondidos, d'aquellas varas de ta-

manha virtude que, ao tocar com ellas n'uma rocha, brotava das suas fendas um manancial não de agua, o que era pequena maravilha, mas de rubis, topazios, perolas e diamantes.

Ignorando umas, e não sabendo onde encontrar as outras, resolvi afinal escrever um livro e vendel-o.

Tirar dinheiro da rocha de um editor não deixa de ser milagre; pois realisei-o.

Escrevi um livro original, que agradou pouco, porque só uma pessoa o podia comprehender; para as outras era apenas uma collecção de phrases.

Intitulei o livro *O adereço de esmeraldas,* e firmei-o só com as minhas iniciaes.

Como não sou Victor Hugo, nem coisa que de longe com isso se pareça, escuso de te dizer que me não deram pela minha novella o mesmo que pela ultima que escreveu recebeu o auctor de *Nossa Senhora de Paris;* mas comtudo isso sempre reuni o sufficiente para começar a executar o meu plano de campanha.

O adereço em questão valia obra de quatorze ou quinze mil duros, e para o comprar contava eu com a respeitavel quantia de tres mil reales: precisava por conseguinte de jogar.

Joguei e joguei com tanta decisão e fortuna que n'uma só noite ganhei a quantia de que necessitava.

A proposito de jogo tenho feito uma observação, em que todos os dias me vou confirmando e cada vez mais. Em a gente apontando com a certeza completa de que ha de ganhar, ganha. Ninguem se chegue para o tapete verde com a vacillação de quem ha de experimentar a sua sorte, mas com a firmeza de quem vae buscar o que é seu. De mim sei dizer-te que n'aquella noite me teria surprehendido tanto perder como se uma casa respeitavel me houvesse negado dinheiro, levando eu a firma de Rotschild.

No outro dia dirigi-me a casa de Samper. Has de acreditar que ao deitar para cima do balcão do ourives aquelle

punhado de notas de todas as côres, aquellas notas que representavam para mim pelo menos um anno de prazer, muitas mulheres formosas, uma viagem á Italia e *champagne* e regalos de toda a especie, nem vacillei um momento? Pois podes acredital-o; atirei-as com a mesma tranquillidade, que digo! com a mesma satisfação com que Buckingham, quebrando o fio que as prendia, semeou de perolas a alcatifa do palacio da sua amante.

Comprei as joias, e levei-as pará casa. Não pódes imaginar coisa mais formosa do que aquelle adereço.

Não extranho que as mulheres suspirem ás vezes ao passar por diante d'essas lojas que offerecem aos seus olhos tão brilhantes tentações; não extranho que Mephistopheles escolhesse um collar de pedras preciosas como o objecto mais proprio para seduzir Margarida; eu, com ser homem, desejaria por um instante viver no Oriente e ser um d'aquelles fabulosos monarchas que cingem a fronte com um circulo de oiro e pedraria, para me poder adornar com aquellas magnificas folhas de esmeraldas com flores de brilhantes.

Um gnomo para comprar um beijo de uma sylphide não lograria encontrar entre os immensos thesouros que guarda o avaro seio da terra, e que só elles conhecem, uma esmeralda maior; mais clara, mais formosa do que a que brilhava, prendendo um laço de rubis, no meio do diadema.

Senhor do adereço, principiei a imaginar o modo de o fazer chegar ás mãos da mulher a quem o destinava.

Ao cabo de alguns dias, e graças ao dinheiro que me ficou, consegui que uma das suas creadas me promettesse collocal-o no seu guarda joias sem ser visto; e afim de me certificar de que por ella se não havia de saber a origem do presente, dei-lhe quanto me restava, uns poucos de milhares de reales, com a condição de que, apenas tivesse posto o adereço no sitio combinado, sairia da côrte para ir viver em Barçelona. E assim fez.

Imagina tu qual seria a surpreza da sua ama quando, depois de notar a sua inesperada desapparição, e suspeitar que houvesse fugido de casa levando alguma cousa, encontrou no seu toucador o magnifico adereço de esmeraldas. Quem advinhara o seu pensamento? Quem pudera suspeitar que ainda se lembrava de quando em quando d'aquellas joias com um suspiro?

Passou-se tempo. Eu sabia que ella conservava a minha dadiva, sabia que se tinham feito grandes diligencias para averiguar qual era a sua origem, e sem embargo nunca a vi enfeitada com as esmeraldas. Desdenhara a offerta? Ah! dizia eu, se ella soubesse o merecimento d'esse presente! se ella soubesse que só o excede o d'aquelle namorado que empenhou no inverno a capa para comprar um ramo de flores! Pensará talvez que vem da mão de algum ricasso que um dia se apresentará a reclamar o preço. Como se engana!

N'uma noite de baile, fui-me pôr á porta do palacio, e, confundido na multidão, esperei a sua carruagem para a ver. Quando o trem chegou, e, abrindo o lacaio a portinhola, ella appareceu radiante de formosura, ergueu-se um murmurio de admiração d'entre a apinhada turba. As mulheres miravam-n'a com inveja, os homens com desejo; a mim escapou-me um grito surdo e involuntario. Levava o adereço de esmeraldas.

N'aquella noite deitei-me sem ceiar, não me lembro se foi porque a commoção me tirara a vontade de comer, ou se foi por não ter que comer; em todo o caso era feliz. Durante o meu somno, pareceu-me ouvir a musica do baile, e vêl-a passar deante dos meus olhos, lançando chispas de fogo de mil côres, e até me parece que dancei com ella.

A aventura das esmeraldas espalhára-se, sendo assumpto, quando o caso se deu, das conversações de algumas senhoras elegantes.

Depois de se vêr o adereço, não restaram duvidas a

pessoa alguma, e os ociosos começaram a commentar o facto. Ella gosava de uma reputação immaculada. Apesar dos extravios e do abandono do seu marido, a calumnia nunca pudera subir até ao alto logar em que a tinham collocado as suas virtudes; ainda assim n'essa occasião principiou a levantar-se o *venticello* por onde começa, segundo D. Basilio.

Um dia em que eu estava n'uma roda de rapazes, fallava-se nas famosas esmeraldas, e um fatuo disse por fim como terminando a questão:

— Não ha que lhe dar voltas; essas joias teem uma origem tão vulgar como todas as que se dão de presente n'este mundo. Passou já o tempo em que os genios invisiveis punham maravilhosos presentes debaixo do travesseiro das formosas, e quem dá um presente d'esse valor, dá-o com esperança de recompensa... e essa recompensa quem sabe se a não recebeu adiantada!

As palavras d'aquelle nescio indignaram-me e indignaram-me sobretudo porque encontraram echo nos que o ouviam. Porém, contive-me. Que direito tinha eu de sahir em defeza d'aquella mulher?

Não passou um quarto de hora sem se me offerecer occasião de contradizer o homem que a tinha injuriado. Contradisse-o nem sei já a proposito de que; o que te posso affirmar é que o fiz com tanta aspereza, para não dizer com tanta grosseria, que de resposta em resposta, de aggravo em aggravo, surgiu finalmente um conflicto. Era o que eu desejava.

Os meus amigos, conhecendo o meu genio, admiraram-se não só de eu ter procurado um desafio por motivo tão futil, mas do meu empenho em não dar nem admittir explicações de genero algum.

Bati-me, não te sei dizer se com fortuna, se sem ella, porque ainda que ao fazer fogo vi vacillar n'um instante o meu contrario, e cahir redondo no chão, um instante depois senti que me zumbiam os ouvidos e que se me escu-

reciam os olhos. Tambem estava ferido e ferido gravemente no peito.

Levaram-me para a minha pobre casa devorado por uma espantosa febre. Não sei os dias que assim estive, chamando em altas vozes não sei por quem, por ella sem duvida. Teria tido valor para padecer em silencio toda a vida, a troco de obter á beira do sepulchro um olhar de gratidão, mas morrer sem lhe deixar sequer uma lembrança!...

Estas idéas atormentavam a minha imaginação n'uma noite de insomnia e de febre, quando vi abrirem-se as cortinas da miuha alcova e no limiar da porta apparecer uma mulher. Julguei que sonhava, mas não. Aquella mulher approximou-se do leito, d'aquelle pobre e ardente leito em que me revolvia com dores, e, erguendo o véu que lhe encobria o rosto, deixou-me vêr uma lagrima suspensa das suas negras e escuras pestanas. Era ella!

Ergui-me com os olhos espantados, ergui-me e... n'esse momento chegava mesmo defronte da loja de Duran.

—O que! exclamei eu interrompendo-o ao ouvir aquelle disparate do meu amigo, então tu não estavas ferido e de cama?

—De cama!... Ora que diacho! Tinha-me esquecido dizer-te que tudo o que acabo de te contar o vim eu pensando desde a casa de Samper, onde vi effectivamente o adoreço de esmeraldas e ouvi da boca de uma mulher formosa a exclamação que te eu disse até á Carrera de San Jeronymo, onde uma cotovellada de um moço de fretes me tirou da minha abstracção defronte da livraria Duran, em cujo mostrador notei que estava um livro de Mèry com este titulo: *Histoire de ce qui n'est pas arrivè,* historia do que não succedeu. Percebes agora?

Ao ouvir este desenlace, não pude reprimir uma gargalhada. Effectivamente não sei de que tratará o livro de Mèry, mas agora percebo que se podiam escrever com esse titulo um milhão de historias, a qual melhor.

Gustavo BECQUER.

A CONDESSA SARAH

(Continuação)

XV

E, crusando os braços, com ar desdenhoso, pareceu desinteressar-se absolutamente do que se passava, como poderia fazel-o uma mulher forte com a sua innocencia.

O conde reprimiu a colera que começava a invadil-o. Quiz conservar-se sereno.

— Ouça, Sarah, seja rasoavel, disse elle: eu não desconfiava de nada, foi o acaso que me trouxe aqui... É verdade que se apoderou do meu espirito uma duvida terrivel. Mas os meus receios não parecem justificados? Não sou muito exigente, creio eu, reclamando uma explicação. Se não ha mal nenhum, basta uma palavra... Mas diga-a... É preciso... Quero... senão...

Sarah ergueu-se em frente do conde, com os olhos scintillantes, disposta a luctar:

— Senão?

— Senão, não respondo por mim! exclamou o general, cujo rosto, até ali pallido, se cobriu de uma vermelhidão sombria.

— Ameaça-me? disse a condessa. Está bem! Não direi uma palavra.

— Ah! tome sentido!

E, avançando para ella, com a cabeça perdida, as mãos tremulas, o conde parecia disposto ás maiores violencias. Antes que os assistentes tivessem tempo de dar um passo, chegara junto de Sarah. Fitaram-se; os seus rostos quasi que se tocavam. Na fronte da condessa brilhava uma audacia indomavel, os seus labios tinham um sorriso desdenhoso, os seus olhos um olhar tranquillo. O conde recuou um passo. Depois, rugindo de furor vendo que ella o desafiava, exclamou n'um tom de soffrimento inexprimivel:

— Ah! quer matar-me, desgraçada!

Vacillou e esteve prestes a cahir. Tornara-se de uma pallidez inquietadora. N'esse momento ouviram-se dois gritos. Séverac deu um passo para soccorrer o velho. Ao mesmo tempo, M.elle de Cygne, erguendo o reposteiro, descia como uma apparição e ia amparar o conde.

— Branca! exclamou M. de Canalhéilles.

E sentando-se, acabrunhado, com a cabeça pesada, deixou a joven beijar-lhe a fronte ardente e apertar-lhe as mãos geladas. Sarah tinha recuado ao avistar Branca. Frossard, tendo recuperado o sangue frio, viu na intervenção de M.elle de Cygne um meio de salvação.

— Estou admirado, grunhiu Mérlot, de não ver entrar minha filha, tambem... Vendo apparecer Branca, o general julgou ver um raio de pura luz illuminar a escuridão em que se debatia. Branca, na companhia da condessa, junto de Séverac e de Frossard, não tornava tudo innocente e acceitavel?

— Estavas ahi, filha? perguntou elle.

Menos commovido, o general ouviria a respiração opressa de Séverac e de Sarah, que esperavam, com anciedade atroz, a resposta da joven. Branca dirigiu á condessa e a Pedro um olhar tranquillo, e, beijando o velho como que para desculpar a si mesma aquella piedosa mentira:

— Estava, sim, meu tio, disse ella.

— Ás escuras? insinuou Merlot perfidamente.

— Não, coronel, respondeu Branca sem perder a serenidade. Estavamos todos na bibliotheca, a condessa, estes senhores e eu. Quando o senhor fez aquella bulha á porta, impedindo o senhor Séverac de sahir, a condessa desceu para ver o que se passava. Eu tive medo, confesso, e fiquei lá em cima a escutar...

— A escutar!

Pedro dirigiu-lhe um olhar supplicante. Viu-a resoluta e resignada, como uma martyr prompta para o sacrificio. Desejou arrastar-se-lhe aos pés e gritar: Se ouviu tudo, bem sabe que odeio e amaldiçôo o meu crime. Deve saber que, se estou aqui, é contra a minha vontade. Perdoe-me tel a feito supportar isto, perdoe-me as humilhações do seu orgulho e as revoltas da sua castidade!

— E o que faziam ahi, reunidos como se estivessem em conselho? perguntou o conde com brandura.

Branca hesitou. Levada pela generosidade da sua alma a soccorrer os que estavam tão gravemente ameaçados, querendo impedir o conde de descobrir a horrivel verdade, precipitara-se sem reflectir no que fazia. E agora tinha de inventar um motivo; apanhada na engrenagem da mentira, era preciso continuar a enganar. Mas, o que havia de dizer? Frossard veio em auxilio de M.elle de Cygne.

— Se dá licença, general, vou explicar-lhe tudo, disse elle, encarando Merlot, que fazia caretas, a um canto. É extremamente simples...

A intervenção de Frossard foi um supplicio para Séverac. Como se sahiria o seu amigo d'aquella explicação que lhe parecia impossivel? Temeu algum subterfugio vulgar: estava preparado para tudo, excepto para uma hypocrisia degradante. O «é extremamente simples» de Frossard pareceu-lhe insultante como uma bofetada.

Frossard continuou:

— Quando sahimos d'aqui, acompanhei Frossard até á

estrada. Pelo caminho interroguei-o, conforme o general me aconselhara, como deve lembrar-se. Perguntei-lhe quaes eram as razões da sua tristeza, as causas da sua partida brusca. As palavras d'um amigo, em certos momentos de pesar que opprimem o coração excessivamente, produzem um abalo... A gente abandona-se, chora, algumas vezes, e conta sempre as suas maguas. É tão bom fazer confidencias, é um allivio tão grande!

Frossard, senhor do terreno, entregava-se, agora, a effeitos oratorios. Afagava os periodos, arriscava adjectivos tocantes. Séverac, Sarah e Branca, entrevendo já o fim para o qual o mancebo se dirigia audaciosamente, estavam sobre brazas.

— Pedro commoveu-se, confessou-me que amava, havia muito tempo, uma menina de nobre estirpe e de grande fortuna. Como era possivel, chamando-se simplesmente Séverac e possuindo um patrimonio insignificante, aspirar á mão d'essa menina? Não queria expor-se a uma recusa humilhante; preferia expatriar-se, viver e morrer longe d'ella... Eu, então, diligenciei combater-lhe os escrupulos, fiz-lhe mil perguntas e, afinal, consegui que elle acabasse por confessar quem era...

— Frossard! interrompeu Séverac, supplicante.

— Continue, exclamou o conde, ordeno-lhe...

— Meu caro, as tuas hesitações, agora, não teem razão de ser, disse Frossard, visto que exceptuando o conde, estamos todos ao facto dos teus sentimentos... Chegou a occasião de falar com franqueza. Pois bem! general, como elle queria partir ámanhã, demonstrei-lhe que isso era uma loucura e fil-o voltar ao castello. É costume, quando se ama, ir ter com a familia da menina... Ora, como Séverac tinha medo do general, dirigimo-nos á senhora condessa. E se o coronel Merlot, com um enthusiasmo um pouco irreflectido, não tivesse transtornado os nossos projectos, o general saberia ámanhã tranquillamente o que tivemos de dizer-lhe debaixo de ameaças terriveis...

E o moço tabellião desatou a rir com a serenidade admiravel de um homem satisfeito por ter levado a cabo a sua tarefa.

Havia um momento que Sarah perdera a noção das cousas e dos seres. As palavras de Frossard tinham-lhe chegado aos ouvidos como um zunido confuso. Os seus olhos não viam senão atravez d'um nevoeiro. Estava inerte, pensando que era o fim, que ia ficar anniquilada e que depois d'aquelle momento terrivel, haveria um longo descanço para ella. Comtudo, uma phrase penetrou lhe no cerebro, como um dardo de fogo, espalhando-lhe n'elle uma claridade intensa. Uma rapariga! Pedro amava uma rapariga! Sentiu o coração contrahir-se-lhe no peito como se lh'o torcessem. E, dirigindo um olhar terrivel a Branca e a Séverac, ficou sem movimento, e sem voz assistindo ao desmoronamento lugubre de todas as suas esperanças, á fuga irreparavel de todas as suas chimeras.

Frossard, aproximando-se para evitar que o conde visse sua esposa, cuja physionomia estava agitada de um modo assustador, murmurou em voz muito baixa:

— Tome sentido, vae deitar tudo a perder, e talvez tambem a vida de Pedro.

Ella recuperou alguma intelligencia. A vida para elle ou a felicidade para ella. Era escolher. Voltou-se e viu Pedro sombrio e abatido. Procurou lêr-lhe uma revelação no rosto. Elle amava uma rapariga solteira? Amava outra mulher? Reparou então em M.elle de Cygne, pallida e immovel. Não duvidou mais. Era Branca que elle amava. Sim, o miseravel trahia-a e havia muito tempo que o seu coração lhe não pertencia a ella: era d'outra. Como pudera ser credula a ponto de não desconfiar d'isso? Rangeu os dentes, sentindo-se apanhada no laço armado com destreza por Frossard.

Salvar Pedro ou perdel-o! Pois bem, pensou ella, salval-o-hei; dever-me-ha a honra, a vida. Hei de dominal-o pela minha abnegação, já que não posso detel-o pelo amor!

— Então, quando o senhor recusava ficar era porque amava M.elle de Cygne? disse o general com uma serenidade que restituiu a inquietação a todos os assistentes. Não se atrevia a pedir-m'a? Admira-me, isso, depois das provas de affeição que eu lhe tinha dado. Em todo o caso, o senhor não ignorava o caso que eu fazia do seu nome? Sabia perfeitamente que, para mim, um soldado corajoso como o senhor, a quem estava promettido um futuro dos mais brilhantes, estava a par de um fidalgo e muito acima de um millionario. Porque era essa timidez?

Frossard, com um olhar rapido, aconselhou Pedro a que não perdesse a serenidade. Mas o coração do mancebo não podia dominar a tempestade que o agitava. Fóra de si, sentindo que era necessario defender-se, convencer:

— Prodigalisara-me muitos favores, é verdade, respondeu elle com uma commoção que communicou a todos os que o ouviam. Depois de tantos beneficios quasi immerecidos, envergonhava-me de pedir ainda mais, e o que eu pedia era mil vezes mais valioso do que tudo o que o general me concedera. A distancia entre mim e o senhor é tão grande, o general é tão nobre, tão generoso, que eu nem ao menos pensava em erguer-me tão alto...

Por estas palavras e pelo tom em que foram ditas, Pedro como que se prostrou aos pés do conde.

— Não amava sinceramente, visto isso? disse o conde, sentindo as suspeitas renascerem-lhe perante a agitação extraordinaria de Séverac. Um amor profundo deve transpôr todos os obstaculos...

— Ah! se pudesse lêr-me no coração, replicou o mancebo, veria o affecto inalteravel que consagrei áquella cujo nome nem me atrevo a proferir na sua presença. Veria tambem como sou desgraçado!...

O conde já não ouvia Séverac; pensava: Como hei de descobrir a verdade? Combinar-se-hiam todos, com rara habilidade, para me enganarem? Se é verdade Pedro estar aqui por causa de Branca, ha um meio de o saber...

Voltou-se para M.elle de Cygne:

— Ouviste o que se disse, minha filha. Conheces Séverac ha muito tempo. Sabes que a felicidade d'elle está nas tuas mãos? Pois bem, se eu t'o offerecesse para marido, acceitaval-o?

Branca não respondeu logo. Pensava: Se recuso, descobre-se tudo. A condessa está perdida e este pobre homem que tem sido para mim um verdadeiro pae, fica desolado para sempre. Mas se acceito... Estremeceu. Ser esposa d'aquelle a quem amara tanto, que ainda amava e que já não podia estimar, não seria o mais cruel dos sacrificios?

— Recuas? perguntou o conde n'uma anciedade insupportavel. Por que razão? Fala, peço-te; a minha tranquillidade depende das tuas palavras.

— Meu Deus! disse ella, o tio parece estar-me submettendo a um interrogatorio. Esta situação é muito penosa para mim. Obriga-me a revelar os meus sentimentos mais intimos, os meus pensamentos mais secretos, e em publico. Qual seria a rapariga que, no meu logar, não estaria constrangida e envergonhada? Ah! mas creia que estou prompta para tudo afim de o satisfazer e tranquillisar. E visto que o seu descanço depende da minha resposta... Pois bem! sei que o sr. Séverac me ama, e ha muito tempo, já... Não me tinha dito nada; mas as mulheres são facilmente perspicazes. Deve ter notado que, eu estava commovida e perturbada quando elle se despediu, esta noute. Era porque a sua partida me enchia de tristeza, e desejava poder detel-o...

Pedro fez um movimento para se arrojar aos pés de Branca. Ella, porém, dirigiu-lhe um olhar que o obrigou a ficar immovel.

— Assim, estás disposta a ser mulher d'elle? perguntou o conde.

— Estou, respondeu M.elle de Cygne, e accrescentou heroicamente: E agradeço-lhe ter assegurado o meu futuro.

— Pois bem, Séverac, é sua, dou-lh'a.

Sarah não fez um gesto, não soltou um suspiro... As sobrancelhas contrahiram-se-lhe, os olhos enterraram-se-lhe nas orbitas e tornaram-se negros, como se tivesse sido atacada por uma doença fulminante. Fitou Pedro, quando o general unia a mão d'elle á de Branca, como para dizer: «Vê? supporto corajosamente a dôr terrivel que me infligem. É por tua causa que a soffro. Agradeces-me ao menos» Viu os dois quasi a desfallecerem quando o conde lhes disse:

— Abracem-se, meus filhos.

Tremeu quando Pedro roçou os labios pela face de M.elle de Cygne. Mas era necessario responder a seu marido que se dirigia a ella humildemente:

— Fui um pouco exaltado, ainda agora, disse elle. Perdoa-me?

Ella curvou a cabeça, não se atrevendo ainda a falar, com receio de ter a voz ainda muito alterada. Frossard aproximou-se d'ella habilmente e deu causa a uma diversão, graças á qual a desgraçada mulher poude serenar um pouco.

— Então, camarada, disse o conde a Merlot, vês o que valiam os teus receios e as minhas desconfianças? Somos uns velhos idiotas, meu caro: já não vemos bem.

— Talvez, resmungou Merlot por entre dentes. Mas é quando vemos tudo negro ou quando vemos tudo branco?

— Vamos, Frossard, acompanhe o seu amigo, disse o conde sorrindo. E, d'esta vez não volte para traz.

Branca deu alguns passos ao lado de Séverac, que ia a sahir. E, chegando ao limiar da porta, depois de banhar o rosto na aragem da noute:

— Senhor, eu estava aqui, ha bocado, disse ella a Pedro. Ouvi tudo. Sacrifiquei-me para salvar a honra do homem que o senhor ultrajou. Mas saiba que não o amo nem o amarei nunca.

Séverac inclinou-se perante esta sentença, sem replicar

uma unica palavra, e afastou-se, com o coração torturado.

XVII

Fechada no seu grande quarto mobilado á Luiz XVI, com as paredes forradas de seda adamascada coberta de rendas, Sarah poude entregar-se sem constrangimento ao furor de que se achava possuida. Livre da presença de seu marido, longe de Séverac e de Branca, deixando de estar sob o peso da ameaça, recuperando toda a lucidez, pensou que acabava de ser lograda. Frossard soubera tornear a situação com uma habilidade extrema, de maneira que lhe tirara toda as apparencias criminosas. E Pedro e Branca aproveitavam odiosamente as circumstancias. Amavam-se, iam ser um do outro, e a causa d'isso era ella.

Sentada, com o cotovello encostado ao joelho, reflectia profundamente. Não chorou. O seu cerebro tornara-se um foco devorador que absorvia as lagrimas. Procurava um meio de desfazer aquelle casamento. Era impossivel que se realisasse. Ella não o consentia. A honra ordenava a Pedro que a não abandonasse. E, além d'isso, elle poderia ser feliz com outra mulher? A sua consciencia, que ella diligenceava reduzir ao silencio, falava, apesar de tudo. Lembrava-se da frieza de Séverac, da sua obstinação em afastar-se, dos esforços que elle empregara para morrer. Amava Branca, e, vendo-se separado d'ella para sempre, preferira deixar de viver. Ella não quizera confessar a si mesma estas verdades dolorosas. Tapara os olhos para não vêr, os ouvidos para não ouvir. Fizera tudo o que era possivel para prolongar a sua falsa segurança. Mas um raio acabava de illuminar a escuridão, de perturbar o silencio, e era forçoso render-se á evidencia, por muito desoladora que ella fosse: Séverac já não a amava, amava outra. Assaltada por uma tristeza horrivel, Sarah pensou em desapparecer. N'um impeto de generosa altivez, disse comsigo mesma que era

o unico obstacnlo que existia entre aquelles dois entes e a felicidade. Viva, separava-os pela recordação da falta, incessantemente evocada. Morta, permittia-lhes o esquecimento, tão prompto em apoderar-se do coração. As prevenções de ambos afrouxariam a pouco e pouco, as desconfianças acabariam por desvanecer-se, e, com o auxilio da mocidade, que triumpharia dos seus rancores, continuariam a amar-se e seriam felizes.

E ella estaria debaixo da terra emquanto que elles andariam enlaçados no ardor irradiante dos seus amores. Todas as alegrias que sonhara seriam gosadas por outra. Aquelle braço, ao qual se encostava tão ternamente, iria outra apoiar-se n'elle com embriaguez. Aquelles olhos, cujo olhar era a sua luz, vêl-os-hia outra carinhosos e meigos. Aquelles beijos que lhe eram devidos, seriam recebidos e retribuidos por outra. Esta idéa fel-a perder a cabeça; soltou gritos de desespero e rasgou o lenço, com os dentes agudos, como se quizesse dilacerar o seu rival. Exclamou: Nunca! Isso não ha de acontecer! Preferia matal-a por minhas mãos! Se elle a quizer, só ha de tel-a depois de morta!...

Estava assustadora assim, com os cabellos de ouro soltos nas costas, as mãos extendidas convulsivamente, os labios contrahidos por um sorriso cruel. A sua natureza selvagem, amaciada por um instante, reapparecia com toda a sua violencia indomavel. Os instinctos dominadores subjugavam-a. Era forçoso que a sua vontade triumphasse. Teria um escravo em logar de um amante fiel. Que lhe importava ser amada? O essencial era que amasse! E o unico ser que ella podia amar era Pedro.

Não se deteve nos preconceitos do mundo nem se preoccupou com as apparencias. Estava disposta a derrubar os obstaculos, a quebrar todas as peias sociaes. Queria partir, deixar seu marido, arrastar Pedro e ir viver com elle para longe das mesquinherias humanas.

As Indias attrahiam-a, com o seu ceu de fogo. N'uma vi-

são deslumbrante, via um palacio phantastico, occulto na verdura de arvores gigantescas, cercado por um lago de aguas azuladas e transparentes. Ahi, no meio das voluptuosas delicias da vida oriental, junto de Pedro, podia ser feliz. Devorada por uma febre intensa, era arrastada, pela sua imaginação delirante, para o paiz dos sonhos. Pairava sobre a terra, já não havia nada que a detivesse. Collocara o espaço entre os que a rodeavam e de quem ella queria fugir, e os paizes venturosos onde conservaria o seu amante. Não admittia que elle recusasse seguil-a. Estava resolvida a obrigal-o a isso e a garantir-lhe, á custa de uma violencia passageira, uma existencia deliciosamente feliz.

A luz do dia passando atravez das cortinas corridas, surprehendeu-a e chamou-a ás realidades da situação. Lembrou-se de que não possuia a varinha magica dos feiticeiros e de que, se quizesse triumphar na lucta que ia travar-se, era preciso reunir todas as suas forças e proceder com energia e prudencia, ao mesmo tempo. Com a cabeça esvaida, o corpo exhausto, deitou-se e dormiu com um somno pesado, agitado por sonhos inquietadores, cheios de scenas dilacerantes e lugubres. Ao despertar recuperou toda a ousadia astuciosa, combinou os seus planos, e quiz apresentar-se a todos com um rosto sereno onde não apparecesse nenhum vestigio das suas agitações terriveis.

Era por Branca que queria começar o ataque. O verdadeiro inimigo era a joven, grave, silenciosa e fria. Em que disposições iria encontral-a? Talvez, assustada pelas revelações que devia ao acaso, se combinasse com Sarah para imaginar um expediente afim de poderem ao menos, addiar o casamento. Talvez, arrastada pelo odio contra a que lhe roubara o homem que amava, recusasse desfazer o compromisso contrahido na presença do conde. Á idéa de que Branca podia querer resistir-lhe, Sarah sentiu novamente a colera abrazar-lhe o sangue. Sorriu com amargura e dirigiu-se para o quarto de M.elle de Cygne, disposta a servir-se de todos os meios para vencer.

Entrando nos seus aposentos, Branca, ajoelhara, n'um impeto de devoção desesperada. Para fugir aos pensamentos afflictivos que se baralhavam no cerebro, rezou, entregando todo o seu espirito á oração fervorosa que transporta a alma para as regiões celestes onde tudo é pureza e doçura. Offereceu os seus soffrimentos a Deus, como uma homenagem. No golpe que a feriu via um castigo divino por ter abandonado a vida religiosa a que se destinara. No convento, ao pé do altar, estaria socegada e feliz. Tinha-se exposto ás miserias do mundo. Quizera amar, viver, tinha de soffrer tambem. Não se queixava. Estava resignada. A idéa do sacrificio exaltava-a. Entregara-se completamente á desgraça, como uma martyr, sem hesitações, sem lamentos. Para evitar um desgosto ao homem que venerava e estimava como a um pae, condemnara-se ás torturas renascentes de uma existencia envenenada. Curvou-se, sem um murmurio, sem um queixume, ao peso da mão que a esmagava; elevou a sua alma e pediu forças para supportar o transe.

Afinal, era voltar de outra maneira a uma vida de abnegação e de renuncia. Casada, não teria marido nem filhos. Dedicar-se-hia aos infelizes. A sua existencia assemelhar-se-hia á do claustro. Seria mais perturbada pelas tentações, mais assaltada pelos maus pensamentos. Teria de defender-se mais corajosamente. O merito não seria tambem maior se triumphasse?

Mas entre ella e Deus já surgia uma visão: a de Pedro. Não soffria elle tambem? E não começara a expiação havia muito tempo? Via-o, pallido e triste, arrastando a vida como um fardo, e diligenciando fugir do mal por todos os meios possiveis. O anjo mau estava junto d'elle, na sombra, recordando-lhe as voluptuosidades e as alegrias do passado, mostrando-lhe as do futuro e impellindo-o a succumbir á tentação perversa. E elle recusava sombrio, torturado, mas resistindo á attracção dos sentidos.

E, sem querer, Branca imaginava esse anjo fatal com as

feições de Sarah. Era a sua cutis deslumbrante com os cabellos de ouro, os seus olhos azues perturbadores, cheios de loucas promessas, os seus labios imperiosos. Mostrava os formosos hombros nus, ria, lasciva, deitando-se ao pescoço de Pedro, querendo attrahil-o, murmurando-lhe palavras seductoras ao ouvido. E elle estendia as mãos para Branca, supplicando-lhe que o soccorresse, dizendo-lhe: Tu és o anjo bom, protege-me, defende-me. Comtigo sou bom, honrado e leal. És a minha virtude, se não me abandonares, não tornarei a cahir nos laços do espirito maligno.» Ella, então, encaminhava-se para elle, lentamente, e Sarah afastava-se, soltando um grito de raiva. Desapparecia a pouco e pouco, como se se desvanecesse nos ares, e Branca ficava só com Pedro, tranquillisando-lhe o coração e serenando-lhe o espirito.

A joven repelliu estas visões, desesperou-se por se vêr invencivelmente distrahida da sua meditação piedosa. Recusou-se a admittir tudo o que lhe promettia um vislumbre de felicidade. Pareceu-lhe que, se pudesse esperar alegria na sua união com Pedro, commettia um acto de egoismo hypocrita deixando-a realisar-se. Podia ella esquecer, porventura? O infame passado não se ergueria sempre, ameaçador, entre ella e seu marido? Simples e pura, não admittia a possibilidade de uma reconciliação entre ambos. Se essa idéa lhe occorresse, afastal-a-hia com horror. Parecer-lhe-hia n'esse caso que desposava o homem que amara com o unico fim de roubal-o á condessa. Arrastada pelo fervor religioso, que se lhe reavivara mais ardente que nunca, não quiz vêr no seu sacrificio mais do que a salvação de uma alma. Arrancaria aquelle desgraçado aos maus conselhos do desespero, e dedicar-se-hia á sua rehabilitação. Nenhuma idéa carnal materialisou estes pensamentos celestes. E, serenada, confiando em si mesma, sentiu-se com força para sustentar a lucta em que o destino a envolvera.

Depois de uma ultima prece, deitou-se e adormeceu tranquillamente.

Eram dez horas da manhã. Branca informara Magdalena das alterações sobrevindas na sua existencia. E, sem revelar o segredo de Sarah, tinha explicado aquelle acontecimento rapido e surprehendente. Sabendo, havia muito tempo a affeição que Sêverac inspirara a Branca, M.elle Merlot acolheu a noticia com alegria. M.elle de Cygne olhava para o jardim pela janella aberta, ouvindo distrahidamente os projectos risonhos que Magdalena formava para o futuro. Casadas, cada uma com o homem que havia escolhido, porque a filha do coronel não admittia que o seu casamento com Frossard pudesse deixar de realisar-se, viveriam n'uma intimidade encantadora. Séverac passaria a viver em Paris e as duas amigas não teriam de separar-se. Uma sombra annuveou o rosto de Branca. Tudo podia ter succedido assim. E, n'esse caso, que alegria, com effeito! Mas toda essa felicidade estava destruida irremediavelmente. Ella casar-se-hia, vestida de branco, como as virgens desposadas, mas com a tristeza incuravel das viuvas no intimo do coração.

Duas pancadas seccas na madeira da porta arrancaram-a aos seus pensamentos sombrios. Dirigiu os olhos indifferentes para a entrada, e, tornando-se de repente muito pallida, ergueu-se ao distinguir, na penumbra do vestibulo, o formoso rosto de Sarah. Com um gesto, pediu á sua amiga que se retirasse; Magdalena, passando silenciosa e ligeira, entrou na bibliotheca.

As duas mulheres ficaram em frente uma da outra, não se atrevendo a fitarem-se, ambas tremulas.

— Venho agradecer-te, disse Sarah quebrando arrojadamente o silencio, o serviço que me prestaste. Se não fosses tu, uma imprudencia, grave, decerto, mas sobre tudo na apparencia...

Branca fez um gesto de supplica. A audacia de Sarah, tentando disfarçar em simples imprudencia a falta certa, evidente, innegavel, fez-lhe vêr n'ella um abysmo de perversidade aterrador.

— Não preciso justificar-me aos teus olhos, continuou Sarah com firmeza. Podias julgar, realmente... Tratava-se de uma explicação sem importancia entre mim e o sr. Séverac. Foi uma leviandade da minha parte recebel-o em segredo, mas o seu amigo Frossard estava presente como sabes...

Um pallido sorriso, que inquietou Sarah, deslisou pelos labios de M.elle de Cygne e illuminou-lhe, por instantes, o rosto melancolico.

— Emfim, quero provar-te o meu reconhecimento, accrescentou a condessa: como hei de fazel-o?...

— Não tornando a falar-me n'essa triste scena, murmurou Branca, ruborisada e constrangida, porque lhe parecia descobrir na voz de Sarah um ecco das terriveis palavras que ouvira durante a noute fatal.

— Comtudo, uma vez, pelo menos, é preciso falar n'isso, insistiu a condessa. Sacrificaste-te por mim com uma generosidade ádmiravel... Mas eu não posso consentir que soffras as consequencias da tua dedicação até ao seu limite extremo... Este casamento é impossivel, e estou ao teu dispor para te ajudar a desmanchal-o...

Branca não ergueu a cabeça; o seu rosto ficou immovel; só as palpebras bateram mais rapidamente. Comprehendeu o que Sarah vinha fazer ao seu quarto, logo pela manhã, antes que ella pudesse falar ao conde. Queria que a joven, depois de ter acceitado o marido que M. de Canalheilles lhe impozera, consentisse em desfazer o casamento. Pudera supportar que ella fosse noiva de Séverac, mas não queria que fosse mulher d'elle. Reclamava o seu amante. O coração de Branca revoltou-se com a idéa de que Sarah se atrevia d'aquella maneira, cynicamente, a reivindicar os seus criminosos direitos.

— É para meu interesse, realmente, disse ella, que se offerece para desmanchar esse casamento? Não será antes por amor áquelle que vae ser meu marido?

— O que queres dizer com isso? exclamou Sarah com voz tão aspera que fez vibrar os nervos da sua rival.

— Digo, replicou Branca com firmeza, que é inutil procurar enganar-me .. Eu estava na estufa durante a sua entrevista com o sr. Séverac e nenhuma das suas palavras me escapou.

Sarah ergueu a cabeça com ar terrivel, ao ouvir estas palavras, e, avançando para M.elle de Cygne, com os olhos scintillantes:

— Então, sabes que o amo bastante para não hesitar perante cousa alguma, logo que se trata d'elle!

— Sei que não hesitou em deshonrar o homem de quem usa o nome.. Vejo que não hesita em confessar a sua falta. E adivinho que não hesitaria em sacrificar tudo á sua paixão abominavel!

— Ouve! exclamou Sarah com exaltação. Não sejas tão prompta em censurar! Sabes como eu luctei antes de ceder ao amor que elle me inspirava? Fiz tudo quanto era possivel para o afastar de mim. O acaso trouxe-o constantemente para debaixo da minha vista. Resisti emquanto pude, mas a fatalidade teve mais força do que eu. E agora está acabado, adoro-o, não posso viver sem elle. Não quero já experimentar. Soffri demasiado. É preciso que elle esteja perto de mim; que seja só meu. Tu não comprehendes esta loucura, tu, que és serena, que amas com raciocinio! Os meus arrebatamentos assustam-te. Parecem-te monstruosos... Mas não sabes que elles são a base da minha vida?... Morro se tiver de renunciar a Pedro!

Branca viu o rosto de Sarah alterado pelas sensações que a dominavam.

— Prefere que os outros soffram, que morram, respondeu M.elle de Cygne: que terrivel egoismo é o seu! A licção atroz que recebeu hontem á noute não lhe esclareceu o espirito, visto isso? Calca aos pés todos os sentimentos a que os seres mais humildes obedecem sem se considerarem sublimes. Rompe todos os laços, conforme lhe apraz,

sem querer saber se vae ou não causar grandes desgraças. Basta que elles a incommodem para querer destruil-os. Que poder é então o seu, para julgar que poderá sempre proceder d'essa maneira? Quer arrastar um desgraçado a commetter novas faltas, quer continuar a trahir um homem que teve para a senhora todas as bondades e todas as fraquezas, dispôe de mim, até, para satisfazer os seus caprichos. Pois bem! nada d'isso que sonha se realisará!... Por muito fraca que eu seja, hei de resistir ás suas exigencias. A senhora comprirá o seu dever, mesmo contra vontade... Ha de renunciar ao homem que ama e ha de respeitar seu marido.

E, levantando a mão com altiva e inabalavel energia, Branca apresentou a Sarah a imagem celeste e heroica d'estes anjos que, nos quadros mysticos sustentam com a sua presença a coragem dos guerreiros que combatem demonios. Erguia-se entre a condessa e as suas victimas, radiosa e invencivel.

Sarah sentiu-se impotente, cravou as unhas nas mãos raivosamente fechadas. Ficou um momento silenciosa, como que abatida, reflectindo profundamente. Depois, com terrivel ironia, ávida de restituir á joven todas as torturas que acabava de sentir:

— E tu que falas tão orgulhosamente de abnegação e de virtude, tens a certeza de não obedecer a um sentimento pessoal? Tu amas Pedro! Não é esse o segredo do ardor com que m'o disputas? Abraças a causa dos outros porque tens interesse em que ella triumphe!

Branca soltou um grito. Pareceu-lhe que Sarah penetrara, com sacrilega audacia, no santuario fechado da sua alma, profanando o sentimento purissimo que ella ahi conservava religiosamente. O seu coração verteu sangue sob o perfido golpe que lhe dirigiam.

— Sim, amava-o, disse ella, e podia ser feliz. Mas a senhora atravessou-se no meu caminho e agora, entre elle e eu existem lembranças que nada poderá apagar. Elle, de

quem eu fizera o typo da honra e da altivez, decahiu e aviltou-se a meus olhos. Talvez eu não comprehenda o amor do mesmo modo que a senhora, mas parece-me que é impossivel amar sem estima.

— Ahi está como é o teu amor de rapariga fria e calculista! exclamou Sarah. Pretendes dirigir o teu coração em vez de seres dirigida por elle. Não és escrava submissa e dedicada d'aquelle que amas. Queres afastar-te d'elle, julgal-o e condemnal-o. O meu amor é muito diverso. O homem que eu amo podia tornar-se infame, amal-o-hia da mesma maneira; podia luctar com o odio e com o desprezo do mundo inteiro; eu defendel-o-hia de todos! Que importa o que elle fez? Foi elle que o fez, é bastante para o absolver no meu espirito!... Mas tu illudes-te a ti mesma. Ou antes, procuras enganar-me, a mim! Na falta de Pedro ha uma attracção perturbadora que te seduz irresistivelmente. Em vez de o repellires, affeiçoas-te mais a elle... Falas em voz alta de deveres a cumprir... Mas disfarças assim os teus prejectos... O que tu queres é que Pedro seja teu! E vens roubar-m'o com a mascara da dedicação!

E Sarah desatou a rir com orgulho.

— Sê prudente, continuou ella, não te arrisques a tornares-te minha rival. Um homem não esquece facilmente uma mulher como eu. E, ainda que Pedro te amasse durante algumas semanas, a minha lembrança dominal-o-hia e fal-o-hia voltar para mim.

— Acredito, disse Branca suavemente, que terá bastante poder para causar a minha desgraça... Mas talvez eu seja a sua unica victima. N'esse caso, os meus soffrimentos serão bem pagos sendo eu a unica a soffrer!

Houve um momento de silencio. Sarah, entregue a toda a violencia da sua colera, dirigiu olhares mortaes á sua adversaria. Falou em voz alta, sem dar por isso, deixando escapar estas terriveis phrases:

— Esta rapariga é de marmore! Fica inerte e gelada... Não obterei d'ella cousa alguma!... Porque não deixei Pe-

dro voltar para a Africa?... Talvez encontrasse a morte!... Mas o que é a morte comparada com a sua infidelidade?... Elle, de outra mulher!...

Rangeu os dentes, e a pelle fez-se-lhe amarellada como se toda a bilis lhe tivesse invadido o sangue. Os seus soffrimentos deviam ser horriveis. Soltou gritos abafados, e caminhou ao acaso, como uma doida. Branca observava-a com espanto, quasi com dó. Ahi estava onde o amor culpado podia arrastar uma mulher! Sarah, mais serena, parara junto de Branca; já não avançava. Extendeu para ella as mãos supplicantes, e, com lagrimas na voz:

—Não me exasperes, peço-te, bem vês como eu soffro!... Sê indulgente! Parece-me que a virtude deve ser misericordiosa. Eu nunca te fiz mal... Porque queres tu fazer-m'o a mim... Renuncia a este casamento...

—É a unica prova da sua innocencia que podemos dar a seu marido... Parecer recuar é fazer-lhe renascer as suspeitas. É matal-o!

—És implacavel! exclamou Sarah com acabrunhamento desesperado.

E, sentindo-se impotente, deixou correr as lagrimas.

—Ah! eu sou maldita! murmurou ella... O que hei de fazer para mitigar semelhante supplicio?

—O seu dever, disse M.elle de Cygne gravemente.

—É a tua ultima palavra? disse ella.

—Foi a primeira e será a ultima, respondeu Branca.

Sem accrescentar uma palavra, Sarah passou por deante de M.elle de Cygne e sahiu do quarto.

Branca sentou-se machinalmente e ficou muito tempo a meditar, desfallecida e exhausta, como se tivesse feito esforços violentos. As idéas fluctuavam-lhe confusas no cerebro sem que ella conseguisse fixal-as n'um ponto. Dominava-a um sentimento de terror. Tinha a convicção de que Sarah a faria correr grandes perigos. Quaes? Não podia imaginal-o. N'esse momento não tinha força para prever, mas sentia-se ameaçada.

Estava tão cançada da lucta, que pensou que, se desapparecesse subitamente, seria um grande bem para ella. Não teria de envolver-se em intrigas horriveis, encontraria o descanço e o esquecimento. Arrastada por estas reflexões funebres, lembrou-se tristemente do funeral de seu pae. Tornou a vêr o cemiterio lamacento, o ceu carregado, as arvores estremecendo ao sopro da brisa outomnal. Os tumulos negros com as suas corôas murchas, os trabalhadores com pressa de concluirem a tarefa, os assistentes distrahidos, e apenas, ao canto de uma capella, um rapaz alto, de fato preto, chorava silenciosamente, com os olhos fixos no horisonte. Ah! como ella o amara, desde esse instante em que elle lhe havia apparecido, sendo o unico, de todos o que a rodeavam, que partilhava da sua tristeza profunda! E era elle a causa de tantas desgraças!

Pela janella aberta entraram gargalhadas alegres. O olhar de Branca tomou a direcção do parque. No lago, dentro de uma ligeira canoa, La Livinière, Pompéran, a mulher d'este e M.elle Smorden passeavam, escoltados pelos cysnes, que nadavam magestosamente, seguindo a embarcação com olhar ciumento. M.me de Pompéran quizera remar e as suas mãosinhas enluvadas em pelle de Suecia manejavam os remos com difficuldade. Batia irregularmente na agua, fazendo saltar feixes liquidos e borrifando os passageiros, que riam dos seus esforços e da sua falta de geito. O seu rosto, debaixo do grande chapeu que a cobria, estava vermelho de cançaço e a respiração comprimida dilatava-lhe as faces. Sentado á beira do terraço, o conde fumava tranquillamente um charuto, contemplando este quadro agradavel. Frossard passeava de um lado para o outro, a passos largos, fazendo estalar a areia debaixo dos pés e parecendo reflectir em algum negocio importante.

O contraste entre esta scena e as suas agitações crueis, impressionou Branca. Comprehendeu que era necessario reagir e apresentar-se a todos com a physionomia serena. A guerra que Sarah lhe declarara ia travar-se secretamen-

te. Todos os golpes seriam vibrados na sombra e as ameaças mais terriveis deviam disfarçar-se com sorrisos. E ella poderia sustentar um combate d'esses? Pensou em desertar sem demora do campo de batalha. Podia inventar um pretexto e afastar-se, d'ali a uma semana. O convento lá estava, offerecendo-lhe um asylo cheio de recolhimento e de tranquillidade. O conde, conhecendo-lhe as idéas religiosas, não devia surprehender-se se ella lhe pedisse para se retirar durante alguns dias antes de começar uma nova existencia?

Reanimada pela perspectiva d'esse descanço e d'essa quietação, sentiu-se com animo de afrontar os olhares dos hospedes do castello, e desceu.

Logo que a viu apparecer, o conde dirigiu-se para ella. Interrogou a physionomia de sua sobrinha. Branca sorriu-lhe affectuosamente. Innundou-lhe o coração uma onda de ternura e, pegando no braço do velho, encostou-se a elle. Nos olhos brilharam-lhe lagrimas que lhe correram pelas faces sem que ella pudesse detel-as. O conde, commovido, apertou-lhe a mão e, levando-a, a passos lentos, para debaixo das grandes arvores:

— Minha querida filha, disse elle, agora já sabes o que a falta de confiança pode custar. Durante uma hora passámos, todos, por terriveis angustias. Mas as raparigas são segredeiras. Comtudo, eu já te tinha aberto o caminho das confissões, perguntando-te, algum tempo antes, se não amavas alguem. Não se pode enganar um pae, sabes? e eu para ti sou o mesmo que um pae.

Sorria-lhe com meiguice, dizendo isto, e a commoção fazia-lhe tremer a voz, costumada ás rudezas do commando.

— Ai! soffri cruelmente julgando que tinha de castigar ingratos! continuou elle, tornando-se muito grave. N'outros tempos gracejei muitas vezes a respeito do ciume e dos ciumentos. Fiz mal. Falava do que não conhecia. Hoje comprehendo que haja momentos em que, um homem, arrastado pela colera, perca o juizo e mate.

Branca, impressionada pelo ar profundo com que o conde proferira estas ultimas palavras, fez um gesto como se quizesse deter um braço já erguido. Pareceu-lhe que o velho acabava de fazer ouvir a sentença de morte de Séverac. Tentou gracejar.

— O tio fala em matar, com uma serenidade... disse ella observando attentamente o general.

— Sim, esta manhã estou sereno, mas hontem á noute soube o que quer dizer: vêr tudo vermelho... Durante alguns segundos tive um veu de sangue deante dos olhos e se tu não apparecesses, como um anjo salvador...

Calou-se durante alguns segundos e, proseguindo uma idea meditada secretamente:

— Na minha edade deve-se ser indulgente para as mulheres. É uma grande loucura contar com o affecto de uma creatura encantadora, de quem se podia ser pae... E o seu crime, por muito abominavel que seja, pode ter circumstancias attenuantes... Mas elle? O amigo, o protegido, que abusa, tendo-se-lhe aberto as portas da casa de par em par, e nos rouba a honra!...

Cerrou os punhos com força, assaltado pela commoção da hora tragica.

Em seguida, recuperando o sangue frio:

— A um dos nossos almirantes, cuja aventura está ainda presente na memoria de todos os homens do meu tempo, succedeu uma desgraça d'essas: sua mulher enganou-o com um dos officiaes... Elle pediu a demissão, largou as dragonas, bateu-se com o rapaz.

— E?... interrogou Branca, gelada.

— E matou-o, respondeu o conde, com tranquillidade formidavel. Mas, perdoa, filha. Tenho estado a fallar tolamente em cousas lugubres quando não devia entristecer-te o espirito. Tu já és uma mulhersinha: sabes o que é a dôr; por consequencia desculpa-me. Ah! quero que sejas feliz! Se Séverac, depois do grande favor que lhe fazes, concedendo-lhe a tua mão, não passasse a vida inteira a amar-

te... Elle, porém, ama-te, porque tambem anda muito mudado, ha um anno para cá...

— Olhe, meu tio, ahi vem o auctor de todo o mal, disse Branca com fingida alegria, indicando Merlot que se dirigia para elles com ar arrogante...

— Oh! com certeza! é o ente mais desconfiado que o ceu cobre! exclamou o conde. Então, coronel, como estás esta manhã? Ouvi te atirar ao alvo, na horta; o pulso e a vista estão bons ainda, hein? Quem tencionas presentear com uma bala?

— Verás! resmungou Merlot.

— Agora que minha sobrinha vae casar-se, já não tens desculpa se recusares Magdalena e Frossard...

— Frossard! exclamou o velho soldado, recuando, como se avistasse um reptil debaixo dos pés...

— Chamou, coronel? murmurou uma voz carinhosa.

E Frossard apparecendo, dirigiu ao seu perseguidor o mais amavel dos sorrisos.

— Vamos, meu caro, faze as pazes com este excellente rapaz, disse o general. A tua hostilidade, que não se baseia em cousa alguma, torna-se ridicula...

— Effectivamente, este senhor chega muito a proposito, disse o coronel indicando Frossard; tenho de falar com elle...

— Ás suas ordens, coronel, respondeu o moço tabellião. E, fazendo um signal de intelligencia ao conde e a M.elle de Cygne, collocou-se resolutamente defronte de Merlot.

O conde e Branca dirigiram-se para o embarcadouro onde os passageiros da canôa, conduzida por M.me de Pompéran, tinham conseguido aportar.

— Preciso pedir-lhe uma explicação, senhor, disse Merlot logo que ficou só com Frossard... O senhor, hontem á noute, usou de certas liberdades para comigo...

— É exacto, coronel, interrompeu Frossard, sustentando o olhar dominador que Merlot fixava n'elle...

— Mas, sabe que não é destituido de audacia? exclamou Merlot, admirado.

— Tenho muita, effectivamente, disse Frossard com firmeza, e tenciono ter ainda mais...

O coronel ficou estupefacto, perguntando a si mesmo se sonhava ou se lhe haviam trocado o seu Frossard.

O paciente mancebo, que curvava a cabeça aos sarcasmos e ás impertinencias, tinha desapparecido. Em seu logar, Merlot via um rapaz atrevido e chocarreiro, prompto em aparar o golpe e habil na replica. Comtudo, não se deu por vencido; quiz vêr se recuperava o ascendente.

— Mas, senhor, eu tinha direito a pedir-lhe contas do seu procedimento.

— Peça, coronel.

— O senhor exerceu violeucias na minha pessoa.

— Perfeitamente.

— Atreve-se a confessal-o?

— Atrevo. Atrevo-me a tudo d'aqui para o futuro. Durante muito tempo, coronel, tentei abrandal-o pela submissão. Animei-o, afaguei-o, lisongeei-o. O senhor, respondeu com descomposturas a todas as minhas amabilidades. Então eu, como não sou teimoso, resolvi mudar de tactica... E d'aqui para o futuro tenciono mostrar-me tão desagradavel como o senhor, nas minhas relações comsigo...

O coronel teve um deslumbramento. Era a primeira vez que lhe fallavam n'aquelle tom. Procurava uma d'estas palavras esmagadoras que cahem sobre o interlocutor como um golpe de massa. Não achou nada e ficou de bocca aberta.

— Bem sei que ha de ser difficil, continuou Frossard, com ironica modestia, mas, com applicação e o exemplo do coronel, hei de conseguil-o. E o coronel lisongeado por encontrar um christão tão rabujento e tão cabeçudo como o senhor, conceder-me-ha indubitavelmente a mão de sua filha...

— Nunca! trovejou Merlot, recuperando o uso da fala.

— Veremos!

— Vá para o diabo!

— Estou já com elle, coronel.

E, correspondendo ao olhar fulminante de Merlot com uma graciosa reverencia, Frossard deixou-o completamente assombrado, como elle confessou mais tarde. Algumas exclamações alegres arrancaram-o ao pasmo em que estava. O conde acabava de participar aos seus amigos a noticia do casamento de M.elle de Cygne, e todos, cercando a joven, lhe prodigalisavam felicitações e louvores. Não podia escolher melhor, com certeza. E Pedro era digno d'ella em tudo. O cuidado com que Séverac occultara a todos o seu projecto de partida, auxiliou-o n'esta circumstancia. M.me Smorden declarou que sempre desconfiara de que as cousas levariam aquelle rumo. Havia muito tempo que Séverac amava M.elle de Cygne, declarava La Livinière, e era claro que a joven não se mostrava desfavoravel ao ajudante de campo de seu tio. Era até a unica razão, dizia elle confidencialmente a Pompéran, que o impedira, a elle, La Livinière, de se propor a pretendente...

(Continúa.)

Georges OHNET.

DURANTE A TEMPESTADE

Na galera *Senhora da Bonança,*
Que fazia viagens ao Brazil,
Embarquei como moço — era creança,
Teria os meus quinze annos — um abril!
Gelava-me o pavor, quando zunia
Nas enxarcias o negro temporal,
E quando a voz do capitão sentia,
Gritando ao Timoneiro: Orça, animal!
Orça! allivia!...

Ora, uma das viagens — se me lembro!
Que voltava a galera do Pará,
Apanhou as lambadas de dezembro
Pelas alturas da Terceira já.
Desfazia-se o céu em ventania,
Noite escura e medonha como breu;
Eu era então mais velho, e não tremia,
De ouvir, entre o estalar de um macarêo:
Orça! allivia!

Eu estava então de quarto; na viagem
Vinham duas senhoras, filha e mãe,
Que o capitão tomára de passagem
Quando as vira sósinhas, sem ninguem,
Orphã, viuva, pobres, na Bahia...
Deixara-as na miseria o pobre pae!
Eu lembrava-me d'ellas, quando ouvia,
Encostado na prôa junto ao estae:
Orça! allivia!

Pensava n'ellas... ou, para falar claro,
Pensava na pequena... é natural!
O seu olhar era o celeste amparo
De todos nós, em pleno vendaval.
Quando, em meus sonhos, acordado via
Esse olhar puro como o azul do mar,
Eu, confesso, de todo me esquecia,
D'essa voz que gritava a bom gritar:
Orça! allivia!

A vela do joanete, mal ferrada,
Largou-se e tomou bolso. O capitão
Furioso bradou: «Fóra! cambada!
Pois não sabem ferrar...» Tinha razão!
Olhou-me, e perguntou quem se atrevia
A ferrar o joanete, dois ou tres.
«Sósinho até!» disse eu com ufania;
E emquanto elle bradava ainda outra vez:
Orça! allivia!

Eu galgava os delgados enfrexates,
Agarrava-me á verga, e me dispuz
A luctar contra os rapidos embates
Da tempestade, quando... catrapuz!
O estribo em que firmei tinha avaria,
Supponho eu, faltou-me sob os pés;

E a mesma voz ainda repetia,
Quando eu vinha caminho do convez:
Orça! allivia!

Oh! meu Deus! n'um relampago instantaneo
Quanta força de vida se contém!
Passou-me de repente pelo craneo
A lembrança de minha pobre mãe.
Essa aldeia minhota em que vivia,
Os meus sonhos brilhantes de rapaz,
Visões de amor... Dez gritos de agonia
Abafaram a voz secca e tenaz:
Orça! allivia!

Como é que não morri, Deus que lh'o explique,
Só me recordo que voltei a mim,
Ao bater co'a cabeça n'um tabique,
Por me ter resvalado de um coxim.
Achei-me n'uma cama bem macia,
Na camara de ré; e a mesma voz
Gritava, entre a medonha symphonia
Do rijo vento e mais do mar feroz:
Orça! allivia!

Regular como a pendula, esse grito
Infundia-me uns longes de terror;
Levantei afinal o olhar afflicto...
E despertei, n'um extasi d'amor.
Era ella, a doce, a pallida Maria,
Cravando sobre mim seu terno olhar:
Ia para dar um grito; eu impedi-a
De manso. . e o capitão sempre a bradar:
Orça! allivia!

Puz-lhe a mão ao de leve sobre a bocca,
Enchi meus olhos do fulgor dos seus,
Nem me lembrei, n'essa alegria louca,
De agradecer a salvação a Deus.
Fitando-a longamente, não sentia
A fractura que tinha n'esta mão,
E o meu extasi nem se interrompia
Pelos brados viris do capitão:
Orça! allivia!

O balanço fez que ella se curvasse
Para o meu lado, approximando assim
Do meu rosto febril a pura face,
Sua face de meigo cherubim.
N'um transporte de amor que me accendia,
Eu beijei-a... meu Deus! não foi por mal!
Mas como a condemnar esta insania,
A voz rugiu, mais cava e sepulchral:
Orça! allivia!

Ruborisou-se toda, e levantou-se
N'um impeto instinctivo: oh! Deus! perdoe!
Disse eu n'um tom de voz supplice e doce.
«Perdoe-me e não se vá!...» e não se foi.
Passei assim, em celica apathia,
Tendo entre as minhas sua mão gentil,
Largas horas da noite, emquanto ouvia
Ao longe a voz, como um rumor subtil:
Orça! allivia!

Que horas de amor! os seus franzinos dedos
Não fugiam da minha compressão:
Os seus olhos diziam-me os segredos
Do seu meigo e virgineo coração...

Ha dez annos que a pallida Maria
Enche de amor e luz meu terno lar;
E inda córa e sorri, quando algum dia,
Ao beijal-a, começo a murmurar:
Orça! allivia!

H. LOPES DE MENDONÇA.

ALEM-MAR

XI

O regresso

(Conclusão)

...Mais quinze dias em New-York para pôr em ordem os meus apontamentos, verificar alguns d'elles, visitar outra vez um ou outro ponto já visto anteriormente, dizer finalmente, não sem melancholia, um ultimo adeus a esta terra tão attrahente, porque n'ella se respira verdadeiramente, a todo o instante, o ar da liberdade — e eis-me de novo sobre o Atlantico, d'esta vez a bordo d'um paquete de nacionalidade ingleza, mais veloz do que aquelle em que, em agosto ultimo, atravessei o charco — *crossed the pond*, como dizem familiarmente os americanos.

Largámos de New-York no sabbado de manhã. É hoje quarta; ámanhã, quinta-feira, estaremos em Queenstown, na Irlanda; depois d'amanhã, sexta, em Liverpool.

Quando os anglo-saxonios entram a luctar uns contra os outros, a intensidade da concorrencia não conhece impossiveis. O outro navio media 10.500 toneladas; este mede 13.000. As machinas do outro eram da força de 20.000 cavallos; as d'este alcançam a 30.000. O primeiro tinha 580 pés de comprimento; este tem 620.

E assim como aquelle já era a America, este é já a Inglaterra. Vinte indicios differentes m'o fazem notar: a cortezia e a exactidão no serviço, o aspecto um tanto severo e pesado dos salões, que não ostentam já o elegante fausto das pelucias e dos nickeis; a economia da mesa, que o desperdicio americano não enche agora d'innumeros pratos.

Mas quando se regressa de tão prolongada viagem escasseia o animo para nos entregarmos a observações d'esta natureza. Está terminada a colheita d'exotismo e creio bem que d'esses cinco dias de vertiginosa corrida sobre o Oceano, constantemente agitado por eterna ondulação, nada se me teria gravado na memoria, se um irlandez não tivesse fallecido a bordo vinte e quatro horas depois da nossa partida, victimado por um furioso accesso d'alcoolismo.

Era um bello rapagão de trinta e cinco annos que regressava á terra natal, depois de ter conseguido juntar uma modesta fortuna. Os seus amigos e elle haviam regado a despedida com tantos copos de whiskey, que o accommetteu n'essa noite o delirium, a que sucumbiu. Metteram-n'o immediatamente n'um caixão improvisado com taboas ligadas por cordas, e na mesma tarde, pelas cinco horas, era lançado ao mar.

Estavamos todos ali, em volta do capitão, que lia em voz alta alguns versiculos da Biblia. Uma bandeira cobria o esquife, collocado sobre a borda. N'um determinado momento soou uma corneta: a bandeira foi tirada, alou-se um cabo, e os funebres restos eram empolgados pela vaga, perdiam-se para sempre no profundo abysmo, sobre o qual branquejava a esteira do paquete afastando-se rapidamente.

Presenciei durante a minha vida varias scenas tragicas, desde uma noite de maio de 1871 em que ainda muito novo, quasi creança, passei na praça do Pantheon, que n'essa tarde havia sido tomada pelas tropas de Versailles, e que se achava juncada de cadaveres, todos com o cra-

neo despedaçado, até uma tarde d'esta primavera em que me encontrei na Georgia junto d'um cadafalso, sobre o qual se achava um condemnado, um mulato, com a corda ensebada em volta do pescoço. Nenhum d'esses espectaculos me causou um estremecimento mais sinistro do que o baque d'aquelle esquife na agua, e logo depois a fuga vertiginosa do vapor, continuando a sua marcha como a hão de continuar o tempo e o mundo quando a nós tambem, nos chegar a vez de sermos arremessados para o abysmo das insondaveis trevas.

Sómente sabe-se para onde vae o paquete — d'uma terra a outra terra, d'um porto a outro porto — ao passo que o tempo, ao passo que o mundo se precipitam com um movimento ininterrompido, para que praia? para que refugio? Sabe-o agora a alma d'esse desconhecido, atirado por cima da borda «a não ser» como disse com tão profunda dor um dos mais atribulados dos grandes artistas da actualidade «a não ser que a morte não tenha mais segredos a revelar-nos do que a vida». — É o echo, n'um coração devastado pela duvida, das emocionantes palavras do apostolo: «Se os mortos não houvessem de resuscitar, seriamos os mais miseraveis dos entes».

Vãs interrogações, por isso que para os incredulos ficarão sempre sem resposta e que para os crentes nem mesmo chegam a formular-se. Afasto-as para me entregar ao trabalho efficaz do dia e da hora presente, a esse exame de consciencia intellectual que ha nove mezes fiz a bordo do paquete em que parti, e que a mim mesmo prometti fazer de novo a bordo do paquete em que regressasse.

Ignoro que germens esta viagem á America terá lançado na minha mente, que profundas modificações aquella civilisação tão vivaz, tão differente da nossa terá imposto ao meu pensamento. As longas viagens parecem-se — se ao trabalho sagrado do espirito póde applicar-se uma com-

paração d'esta ordem — com aquellas curas d'aguas mineraes das quaes os medicos dizem que só operam passado tempo. É só mais tarde e em circumstancias ás vezes muito inesperadas que reconhecemos dentro em nós a influencia d'impressões recebidas no extrangeiro e ha muito obliteradas.

Desejaria sómente, e será esse o epilogo das minhas notas se um dia vier a publical-as, examinar de novo os tres problemas muito genericos que me preoccupavam quando deixei a Europa, e saber desde já se perante elles me encontro na mesma situação em que me encontrava por essa epocha. Folheando este diario, vejo que eu ia aos Estados Unidos principalmente com o proposito d'obter esclarecimentos sobre o futuro que nos reservam as tres grandes e inevitaveis potencias cuja acção tende a modificar radicalmente o velho mundo — a democracia, a sciencia, e a idéa de raça.

Com effeito assisti lá ao funccionamento d'uma immensa democracia que, sob a fórma da industria, fez penetrar o espirito scientifico nas menores circumstancias da vida, e sob a fórma da educação na propria alma nacional.

Tambem vi viverem ao lado uns dos outros pretos e brancos, allemães e irlandezes, chinezes e scandinavos, italianos e anglo-saxonios.

Que hypotheses me induziu esse espectaculo a formular por analogia sobre o porvir da nossa civilisação?

Por analogia? Mas poderá essa analogia estabelecer-se? O que entre nós se entende por democracia terá o que quer que seja de commum com a fórma da sociedade que os americanos implantaram na sua vasta republica? Sim, se nos limitarmos ao vago programma que Lincoln, como de resto Napoleão, formulava n'estes termos: «Tudo para o povo e pelo povo.» Não, se d'uma parte attendermos ao espirito geral do paiz e d'outra parte aos costumes que esse espirito está em via d'elaborar.

Em França, para escolher d'entre os grandes estados europeus aquelle que se reputa mais avançado no caminho das reformas, a palavra Democracia significa que todos os poderes do Estado se acham delegados nos representantes do povo, isto é, na maioria; e por mais oppressivas e injustas que sejam as medidas adoptadas por esses representantes, desde que satisfaçam as paixões do maior numero, reputamol-as, não só legaes, mas democraticas.

Assim concebida a democracia consiste no constante sacrificio do individuo á communidade.

Ora a democracia americana actua precisamente em sentido contrario. É para o mais intenso, para o mais completo desenvolvimento do individuo que ella até agora tendeu, bem como para a suppressão, tanto quanto possivel, da ingerencia do Estado.

O que é que mais impressiona o individuo á chegada a New-York? É a energia individual, o espirito emprehendedor que em todas as cousas se manifesta visivelmente, sem restricções.

Se, como eu fiz, o viajante começa as suas observações pelas classes mais elevadas, pela sociedade que recebe e se diverte, que caracteristica lhe salta aos olhos? Essa mesma energia applicada ás elegancias sociaes e que impõe ao visitante europeu a continua sensação do «demasiado» do abuso, do excesso. É ainda a energia e o robusto desenvolvimento da individualidade o que caracterisa a mulher e a rapariga americana. É pela energia e pela individualidade que se distingue egualmente o homem de negocios d'este paiz e, para luctarem contra elle, ás energias mais fracas dos seus empregados não resta outro recurso senão o de se associarem; por outras palavras, defenderem-se elles proprios sem nada solicitarem do Estado. É ainda pela energia e pela individualidade que se manteem os homens do selvagem e rude Oeste, e é a energia, a individualidade, o espirito emprehendedor o que ensinam

as escolas da parte mais refinada do paiz, a Nova-Inglaterra, todas fundadas, de resto, por generosidades individuaes —ou municipaes, o que vem a ser o mesmo.

Esta feição é tão essencial que a vamos encontrar até nos divertimentos americanos, mixto de vontade, d'acção, de personalidade e é tão intensa que resiste á enervação do clima. No Sul deparam-se-nos continuamente os testemunhos vivos da actividade do Norte, invencivel até na proximidade do tropico.

Tal é pelo menos a summula do rapido inquerito, feito durante a minha breve passagem atravez da immensa republica. Assim concebida e posta em pratica, da democracia vem a resultar, não, como entre nós, um nivelamento universal, mas, muito pelo contrario, espantosas desegualdades entre os individuos, que fatalmente se devoram uns aos outros.

A lei da concorrencia vital opera n'este caso como opera na natureza, e a ponto tal que, por vezes, esta democracia dá a impressão d'uma aristocracia, ia quasi a dizer, d'um feudalismo. O presidente d'uma grande companhia de caminho de ferro, o proprietario d'um grande jornal, o dono d'uma grande fabrica de New-York, de Chicago ou de S. Paulo, teem mais poder real do que um principe. Sómente estes principes fizeram-se a si proprios e uma tal conquista está ao alcance de todos, com tanto que desponham da energia precisa para a realisar.

Uma egual possibilidade social, tal é a formula da democracia na America.

Uma egual realidade social, tal é a formula na Europa, e particularmente em França depois da revolução de 1789. Não sei d'outras mais contradictorias.

Ha uma segunda differença que se oppõe á analogia entre o ideal democratico nos Estados-Unidos e o nosso. Os Estados-Unidos—feitas as devidas reservas sobre a agita-

ção socialista dos immigrados allemães—manifestam-se ao viajante como o menos revolucionario dos paizes, como aquelle em que os problemas relativos á constituição se acham mais definitiva e irreparavelmente regulados. É uma democracia conservadora, isto é, exactamente o contrario da nossa.

Resulta isso de que este povo pôz instinctivamente em pratica a maxima que domina a vida das nações, como a dos individuos: «*Res eodem modo conservantur quo generantur*. As cousas conservam-se pelas mesmas condições em que se originaram.»

Baseando a sua organisação sobre a energia individual, a America conformou-se com a sua lei originaria.

Quem a fez? Proscriptos, revoltados, aventureiros, que buscaram aquella nova terra para, á força d'energia, n'ella reconstituirem a existencia. Um pacto social bastante apertado para impedir que essas vontades degenerassem em instrumento de desordem, bastante largo e bastante malleavel para em nada as mutilar—eis, sob uma forma abstracta, o programma que os doutores em sciencias sociaes teriam traçado para este paiz, e foi o que elle por instincto realisou. Não chegou á democracia pelo raciocinio, encontrou-se n'ella naturalmente. D'ahi a facilidade com que se amoldou á liberdade, que é uma das feições mais frizantes da America e d'ahi tambem a ausencia de leis de combate. Reconhece-se, por mil symptomas diversos, ser este um povo sem rancores civis e essa vasta cordealidade nacional estende-se até mesmo ao Sul, não obstante a terrivel guerra separatista.

Todos os povos cuja organisação obedece assim á logica das suas origens possuem do mesmo modo intensa unidade e por conseguinte analoga plasticidade, qualquer que seja de resto a indole do governo por que se regem. A prova ahi está na aristocratica Inglaterra.

É uma lição que podemos receber da democracia americana; mas para a pôrmos em pratica precisavamos traba-

lhar em sentido opposto áquelle em que, ha cem annos a esta parte, caminha o partido democratico.

....

Aprendi pois na America a traduzir a palavra democracia por factos inteiramente contrarios aos que ella representa na Europa, e por consequencia a não lhe ter tanto medo. Porquanto, desde que a democracia é conciliavel com o mais intenso e o mais pessoal desenvolvimento da individualidade, cahem pela base todas as objecções dirigidas contra aquella forma de civilisação. Compete-nos a nós, oriental-a n'esse sentido por todos os meios ao nosso alcance.

Aprendi tambem a reconhecer n'aquelle paiz os beneficios que para a sociedade derivam da sciencia. É um logar commum, ao qual pela minha parte adheria outr'óra incondiccionalmente, o dizer-se que n'ella se occulta um germen de nihilismo, que a torna incompativel com as mais elevadas aspirações do coração humano. Aquelles mesmos que não vão até a ponto de a condemnar assim em nome do ideal inclinam-se a acreditar que ella é uma pessima educadora do povo, e entendem que não teem outra causa muitas das enfermidades moraes do tempo presente: a intoxicação que os seus resultados, mal comprehendidos infligem a cerebros mal preparados.

Poderia formar-se uma bibliotheca reunindo em volumes as paginas em que semelhantes objecções teem sido formuladas e commentadas ha vinte annos para cá. Ha mesmo quem chegue a proclamar a bancarota d'essa sciencia que, ha cerca de quarenta annos, provocava taes enthusiasmos nos seus devotos, entre os quaes se contam escriptores como Renan, Taine e Flaubert. O enthusiasmo d'estes eminentes auctores pelos resultados futuros dos methodos positivos não se justificam por completo, assim como

tambem se não justifica a reacção de que actualmente são alvo.

Uma visita a esses Estados-Unidos, onde aquelles methodos constantemente, poderosamente se insinuaram nas mais insignificantes circumstancias da vida, colloca as coisas no seu verdadeiro pé. Logo á primeira vista se reconhece a que ponto são calumniosas as affirmações dos nossos moralistas sobre o nihilismo como inseparavel da sciencia, porquanto ella existe n'aquelle paiz conjunctamente com o mais fervoroso christianismo—demonstra-o toda a nova Inglaterra—e nem o christianismo se oppõe ao desenvolvimento scientifico, nem esse desenvolvimento á fé christã.

Já n'um escripto consagrado a um celebre artigo de Taine sobre a egreja em França, um dos mais illustrados apologistas da epocha actual, o padre de Broglie, fazia esta justissima observação: que a palavra Sciencia serve para designar entre nós duas ordens d'idéas mui distinctas: de um lado, um grupo de noções positivas adquiridas pelo processo experimental; d'outro lado hypotheses puramente metaphysicas architectadas sobre essas noções. O grupo das noções positivas é, a bem dizer, o unico que constitue a verdadeira Sciencia.

Com a sua lucidez distributiva, o espirito americano parece ter comprehendido isto mesmo desde o primeiro dia, porquanto a vida religiosa e a vida scientifica cresceram n'elle a par e sem se chocarem entre si. As escolas e as universidades d'aquelle povo demonstraram assim, como que por uma lição de coisas, a exactidão da theoria estabelecida por Spencer nos seus *Primeiros Principios:* a conciliação possivel da Religião e da Sciencia por intermedio do agnosticismo. Tendo a primeira por dominio o Impossivel, que, por definição está fóra do campo d'investigação da segunda, basta não confundir os respectivos dominios, para que essas duas potencias egualmente necessarias da alma humana funccionem ao lado uma da outra sem se attingirem.

A concordancia que a America conseguiu realisar, podemos nós conseguil-a tambem, e o seu exemplo convida os melhores d'entre nós a metterem hombros a essa empreza. Tambem essa terra de todas as iniciativas nos mostra que a propria sciencia, ao revez dos preconceitos a que ha pouco alludia, é excellente educadora das classes inferiores; mas com a condição de ser realmente considerada como educadora, isto é, que se dirija á vontade atravez do pensamento. Só submettendo-se a esta regra obtiveram os americanos a vitalidade da sua civilisação industrial. Nas suas escolas toda a cultura intellectual implica correspondente actividade; todos os conhecimentos tendem á pratica, e, comprehendido d'esta fórma, o mais scientifico dos ensinos não produz nem deslocados nem revoltosos.

Uma questão existe ácerca da qual a minha visita aos Estados Unidos não modificou as minhas idéas: refiro-me ao antagonismo irreconciliavel das raças. Tinha eu deixado aquem do Oceano uma Europa dilacerada, mesmo em plena paz, por esse antagonismo. Não me pareceu que o Novo-Mundo esteja isento de conflictos d'essa ordem.

Quando se tenta prevêr o futuro da America é sempre para o problema das raças que acabam por convergir as attenções. Se entre os Estados do Oeste e os de Leste houver de dar-se um conflicto que tantos symptomas parecem prognosticar, a verdadeira causa consistirá na affluencia tão consideravel d'elementos da raça germanica e scandinava, que a civilisação d'origem anglo-saxonia não os logra já assimilar. Comtudo, isto não passa d'uma hypothese que a maioria dos americanos repelle, tal é a confiança que lhes inspira o methodo empregado pela republica para a reducção d'essas differentes raças.

É extremamente simples esse methodo e inteiramente conforme com o profundo respeito pela individualidade, base d'aquella democracia. Consiste elle em multiplicar indefinidamente os centros d'actividade local e por conse-

porque senti que era ali amada a França — de gratidão emfim porque ella existe e que essa existencia representa só por si uma incommensuravel possibilidade para o porvir da civilisação.

... Por esta ultima tarde, a poucas horas de Liverpool todos esses pensamentos em que se consubstanciam longos mezes d'exilio me affectam ainda mais profundamente. Cerca das cinco horas, tendo-se levantado uma aragem tenue e vaga, todos os contornos da costa entraram de diluir-se e de obliterar-se. Em volta de mim via a agua remansosa e verde, d'um verde, composto d'esmeralda e leite. Com o seguimento do paquete corria sobre ella, ao rasgar-se, um doce fremito. Na orla do firmamento alongava-se uma faixa arroxada, e sobre essa tonalidade roxa destacava-se a base d'um arco iris, ponte de luz lançada para onde?

O sol no occaso espargia os seus raios ao rez da agua e ia bater em cheio n'um navio balisa pintado de escarlate que parecia de fogo, emquanto que uma embarcação de vela que se approximava se cobria de tons escuros, semelhando no seu deslisar lento e suave, uma barca funeraria.

Era uma d'essas paisagens de sonho como se encontram n'este mar da Irlanda — uma paisagem propria para sobre ella vêrmos os pés do Salvador, do Amigo celestial, caminhando para nós, miseras creaturas, a quem a um tempo traspassa e innunda o coração a bellesa de taes crepusculos.

Voltei-me e do outro lado deparei com o sol prestes a extinguir-se. Era rubro, mas d'um rubro de sangue derramado, e circundado d'uma orla negra que o ia comprimindo e devorando sem se deixar atravessar pelos seus raios. Depois estendeu-se sobre elle uma barra. E o astro diminuiu atĕ se reduzir, no negrume do ceu, que pesava sobre o mar agora d'uma côr pardacenta, a um ponto purpureo que se apagou. E as trevas invadiram tudo!...

Ultima noite.

... Decorreram vinte e quatro horas desde que me appliquei a registar aqui alguns dos avisos salutares que o Novo-Mundo póde dar ao velho continente. No decorrer do meu diario de viagem insisti por vezes nos defeitos que ali me impressionaram — a incoherencia e a precipitação d'aquelle grande povo, a brutalidade das ruas das grandes cidades, o exaggero da vida mundana e a sua falta d'equilibrio, de ponderação, de gosto, a tensão demasiado artificial da sua cultura intellectual, d'onde resulta que mulheres e flores pareçam facticias, á maneira de plantas d'estufa, o abuso da energia que imprime extranho caracter de ferocidade e competencia entre os homens de negocio e que reduz os vencidos, os que ficam por debaixo, a extremos de desventura demasiado crueis, a corrupção dos agentes de policia, dos magistrados e dos politicos, um não sei que de rigido que o excesso de consciencia imprime á educação, a ausencia de distensão e de abandono nos seus divertimentos.

Mas que! todos os defeitos d'aquella sociedade se resumem n'isto: em ter abstrahido do tempo. A subita transplantação dos mais energicos e dos mais desvalidos dos filhos da Europa para este solo virgem produziu-lhe um crescimento demasiado rapido. De que serve insistir n'estas criticas? Quanto mais me afasto da America melhor aprecio a admiravel exactidão da phrase de Gœthe:

— «Quando não falamos das coisas com uma parcialidade repassada d'amor, o que d'ellas podemos pensar não vale a pena dizer-se...»

E no momento em que de novo vou pisar terras da Europa, é com verdadeiro sentimento de gratidão que digo á America — de gratidão porque me foi tão calorosa, tão generosamente hospitaleira — de gratidão porque d'ella recebi preciosos, ncomparaveis ensinamentos — de gratidão

quencia a enfraquecer pela disseminação forças que, reunidas em nucleo, adquiririam extraordinaria intensidade.

É de notar, com effeito, que as grandes perturbações que nos ultimos annos se têem dado na America proveem justamente d'associações muito centralisadas, e organisadas ao revez da tradicção individualista.

É certo, que ligada como se acha pelas tradicções historicas, a Europa não póde applicar os mesmos processos, quebrando a unidade das grandes patrias que a constituem. D'aquelle exemplo dimanam porém duas indicações. Em primeiro logar, pelo que se passa nos Estados-Unidos podemos reconhecer quanto é perigosa a facilidade de naturalisação e quanto se torna necessario regulamental-a por fórma a não falsear a consciencia nacional por uma affluencia demasiado intensa d'elementos extrangeiros.

A segunda indicação prende-se com a politica geral. Afigura-se-nos urgente o regresso á theoria dos pequenos Estados interpostos ás grandes potencias, theoria infelizmente substituida pela das nacionalidades e que systematicamente applicada em seguida á queda do primeiro Imperio nos garantira uma paz tão fecunda.

N'isto consiste a solução do problema das raças: d'um lado uma apertada lei de naturalisação; d'outro lado uma remodelação geographica que sem contrariar as tendencias hereditarias, lhes divida o campo d'acção. Quando se resolver a crise do militarismo agudo a que nos obriga a mais inhabil e a mais brutal das annexações, essa theoria impôr-se-ha por si mesma áquelles que reorganisarem a carta do velho mundo. Ter-se-ha por este modo dado o primeiro passo para o ideal a que visavam as aspirações do rei Henrique IV e que é hoje o ideal dos verdadeiros civilisados — ideal conciliavel com todas as fórmas de governo e com todas as tradicções: os Estados-Unidos da Europa.

É assim que por estes tempos d'ameaçadoras guerras e de revolução nós imaginamos por vezes que outras trevas vão crescer, devorar, apagar o pequeno ponto luminoso que se chama civilisação...

E eis que tornei a percorrer mentalmente o trajecto que o paquete acabava de fazer por sobre o Oceano. Pensei que a esta mesma hora, o sol brilhava além no alto do firmamento, a meio do seu curso, illuminando cidades, campos, um mundo inteiro.

Figurou-se-me ver o porto de New-York, com a sua enorme actividade, e depois as avenidas e a multidão dos transeuntes. Vi, como á luz d'um relampago, Boston, Philadelphia, Baltimore, Buffalo, Detroit, Chicago, São-Paulo, Minneapolis, cidades onde mal me demorei o tempo necessario para que aos seus nomes correspondam no meu espirito imagens exactas. E essa sensação de que, ao lado do nosso, existe esse outro mundo, de que a humanidade dispõe ali d'um vasto campo d'experiencias para proseguir na sua tarefa, encheu-me de mysteriosa exaltação, como se dentro em meu peito, quasi mau grado meu, se erguesse um acto de fé na vontade humana, e abri o coração todo a esse sopro d'esperança e de coragem, vindo d'além-mar.

Paul BOURGET.

FIM

A PALHEIREIRA

Era no fim do jantar que o marquez de Bertrans dera para festejar a abertura da caça. Onze caçadores, oito mulheres novas, e o medico da terra estavam sentados á roda da grande mesa illuminada, coberta de fructas e de flores.

Falou-se de amor, e ergueu-se uma grande discussão, a eterna questão de saberem se se podia amar verdadeiramente mais de uma vez. Citaram-se exemplos de pessoas que nunca haviam sentido senão um amor sério; citaram-se tambem outros de pessoas que tinham amado muitas vezes, com violencia.

Os homens, em geral, e como de costume, declaravam que a paixão, do mesmo modo que as doenças, póde atacar muitas vezes o mesmo ser e feril-o de morte se algum obstaculo se ergue na sua frente. Não obstante esta maneira de pensar não ser contestavel, as mulheres, cuja opinião se fundava muito mais na poesia do que na observação, affirmavam que o amor, o amor verdadeiro, o grande amor, não podia attingir um mortal mais de uma vez, que era semelhante ao raio esse amor, e que um coração fulminado por

elle ficava de tal maneira exhausto, gasto, incendiado, que nenhum outro sentimento poderoso, nenhum sonho mesmo, podia brotar ahi novamente.

O marquez, tendo amado muito, combatia esta opinião com vivacidade:

— E eu digo-lhes que se póde amar muitas vezes com todas as forças da alma. Citam-me pessoas que se mataram por amor, como prova da impossibilidade de segunda paixão. Pois eu affirmo que, se essas pessoas não tivessem praticado a loucura de se suicidarem, o que lhes destruia todas as probabilidades de recahida, ter-se-hiam curado; e recomeçariam, sempre, até á sua morte natural. Os apaixonados são como os bebados. Quem bebeu, beberá — quem amou amará. É uma questão de temperamento, isto.

Escolheu-se para arbitro o doutor, velho medico parisiense que se retirara para o campo, e rogaram-lhe que desse a sua opinião.

Elle não a tinha.

— É uma questão de temperamento, como disse o marquez; o que é verdade é que eu tive conhecimento de uma paixão que durou cincoenta e cinco annos, sem afrouxar um dia, e que não terminou senão com a morte.

A marqueza bateu as palmas.

— Como isso é admiravel! E que sonho delicioso ser amado assim! Que felicidade viver cincoenta e cinco annos envolto n'essa affeição ardente e penetrante! Como deve ter sido feliz e ter abençoado a vida, o homem que foi adorado d'essa maneira!

O medico sorriu:

— Effectivamente, vossa excellencia não se engana dizendo que o ser amado foi um homem. Conhecem-o, é o sr. Chouquet, o pharmaceutico da villa. Emquanto á mulher, tambem a conheceram, é a velha palheireira que vinha todos os annos ao castello. Mas, eu já me explico melhor.

O enthusiasmo das mulheres arrefecera, e os seus rostos enojados diziam: «Puh!» como se o amor não devesse

ferir senão entes finos e distinctos, os unicos dignos do interesse de pessoas como ellas.

O medico continuou:

— Ha tres mezes fui chamado para junto d'essa mulher, que estava no seu leito de morte. Chegara na vespera, na carroça que lhe servia de casa, puxada pelo sendeiro bem conhecido aqui na terra e acompanhada pelos dois grandes cães pretos, seus amigos e seus guardas. O cura já lá estava. Ella nomeou-nos seus testamenteiros, e, para nos revelar o sentido das suas ultimas vontades, contou-nos toda a sua vida. Não conheço nada mais singular nem mais pungente.

O pae d'ella era palheireiro e a mãe palheireira. Nunca viveu em uma casa agarrada á terra.

Em pequena, vadiava por aqui e por ali esfarrapada, bichosa, sordida. Paravam á entrada das aldeias, junto dos fossos; desatrelavam o carro; o cavallo pastava; o cão dormia, com o focinho em cima das patas; e a pequena rebolava-se na relva, emquanto o pae e a mãe concertavam, á sombra dos olmeiros da estrada, todas as cadeiras velhas da communa. Não se falava muito, n'essa morada ambulante. Depois das palavras necessarias para decidir quem iria bater ás portas das casas, com o grito do costume: «Fundos em cadeiras!» começavam a torcer a palha, sentados a par, ou um defronte do outro. Quando a pequena se afastava muito ou procurava travar relações com algum garoto da aldeia, a voz colerica do pae chamava-a logo: «Fazes favor de vir para aqui, vadia!» Eram as unicas palavras ternas que estava costumada a ouvir.

Quando cresceu, mandaram-a fazer a colheita dos fundos de cadeiras avariadas. N'essas occasiões esboçou alguns conhecimentos com petizes, nos sitios por onde andava; mas então eram os paes dos seus novos amigos que chamavam os filhos brutalmente: «Anda para aqui, maroto! Torne eu a vêr-te falar com maltrapilhos!...»

Os rapazitos, ás vezes, atiravam-lhe pedras.

Uma occasião, umas senhoras deram-lhe alguns soldos que ella guardou cuidadosamente.

Um dia, — tinha então onze annos — quando passava por esta aldeia, encontrou, atraz do cemiterio, o pequeno Chouquet, chorando porque um companheiro lhe roubara dois reaes. Essas lagrimas de um pequeno bem arranjado, de uma d'essas creanças que ella, na sua cabecita fraca de desherdada, imaginava estarem sempre contentes e alegres, encheram-a de espanto. Aproximou-se, e, quando elle lhe disse o motivo do seu desgosto, passou-lhe para as mãos todas as suas economias, sete soldos, que elle acceitou, naturalmente, enxugando as lagrimas.

Então, doida de alegria, atreveu-se a dar-lhe um beijo. Como elle estava contemplando o dinheiro attentamente, não fez caso, deixou-se beijar. Vendo que o pequeno não a empurrava nem lhe batia, repetiu o beijo; abraçou-o e beijou-o com toda a sua força e toda a sua alma.

Depois fugiu.

O que se passou então n'aquelle cerebro miseravel? Affeiçoou-se ao garoto por lhe ter sacrificado a sua fortuna de vagabunda, ou por elle ser a primeira pessoa a quem beijara com ternura?

O mysterio é o mesmo tanto para os grandes como para os pequenos.

Durante mezes e mezes sonhou com aquelle canto do cemiterio e com aquelle rapazinho. Na esperança de tornar a vêl-o, roubou os paes, tirando um soldo d'aqui, outro d'ali, quando ia levar um concerto ou fazer as compras.

Quando voltou aqui, trazia dois francos na algibeira, mas apenas conseguiu avistar o pequeno pharmaceutico, por detraz das vidraças da botica paterna, entre um grande frasco encarnado e uma tenia.

Amou-o ainda mais, seduzida, extasiada por aquella glo-

ria da agua colorida, aquella apotheose de crystaes luzentes.

Conservou sempre essa lembrança indestructivel, e, quando o encontrou, no anno seguinte, ao pé da escola, jogando a pella com os camaradas, correu para elle, agarrou-o, e beijou-o com tanta violencia, que o rapaz desatou a berrar, com medo. Então, para fazel-o calar, deu-lhe o seu dinheiro: tres francos e vinte, um verdadeiro thesouro que elle contemplava com os olhos muito abertos.

O pequeno guardou-o e deixou-se afagar quanto ella quiz.

Durante quatro annos entregou-lhe todo o dinheiro que juntava, dinheiro que elle guardava conscienciosamente em troca de beijos consentidos. Foram, de uma vez quinze soldos, de outra, dois francos, de outra doze soldos (n'esse dia chorou de pesar e de vergonha, mas o anno tinha sido mau) e, da ultima vez, cinco francos, uma bella moeda nova que o fez rir de satisfação.

Já não pensava senão no pequeno pharmaceutico; e elle esperava o seu regresso com alguma impaciencia, corria-lhe ao encontro quando a via, o que fazia palpitar o coração da rapariguita.

Depois, o pequeno desappareceu. Tinham-o mandado para o collegio. Soube isso interrogando habilmente. Empregou então uma diplomacia infinita afim de mudar o itinerario dos paes e obrigal-os a passarem por aqui na epoca das ferias. Conseguiu-o, mas só depois de um anno de astucias. Estivera, portanto, dois annos sem o vêr; e custou-lhe a conhecel-o, tão mudado elle estava, mais crescido, mais bonito, imponente na sua jaleca de botões dourados. Fingiu que não a via e passou orgulhosamente junto d'ella, sem voltar a cabeça.

Ella chorou durante dois dias; e desde então soffreu continuamente.

Voltava todos os annos; passava defronte d'elle sem se atrever a cumprimental-o e sem que elle se dignasse vel-a, sequer.

Amava-o com desespero.

«É o unico homem, disse-me ella, o unico que vi n'este mundo, senhor doutor; nem mesmo sei se os outros existiam.»

Os paes morreram. Ella ficou com o mesmo officio, mas comprou dois cães, dois cães terriveis que ninguem se atreveria a atacar.

Um dia, entrando n'esta aldeia onde deixara o coração, avistou uma rapariga que sahia da pharmacia Chouquet pelo braço do seu bem amado. Era a mulher d'elle. Casara.

N'essa mesma noute atirou-se ao tanque que ha na praça da Camara. Um bebado que recolhia tarde conseguiu tiral-a de lá e levou-a para a pharmacia. Chouquet filho, desceu, embrulhado em um chambre, para dar os soccorros precisos, e, sem mostrar que a conhecia, despiu-a, deu-lhe fricções, e depois disse-lhe com voz aspera: «Mas você é doida! Veja se não torna a fazer asneiras d'estas!

Foi bastante para a reanimar. Elle falara-lhe! Era feliz por muito tempo.

O boticario não quiz receber nada em troca dos seus serviços, não obstante ella insistir com vivacidade em pagar-lhe.

E toda a sua vida decorreu assim. Empalhava as cadeiras pensando em Chouquet. Todos os annos o avistava por detraz dos vidros da botica. Costumou-se a comprar lá algumas provisões de remedios ligeiros. D'essa maneira via-o de perto, e falava-lhe, e dava-lhe dinheiro.

Como já disse, ella morreu, na primavera passada. Depois de me contar toda esta triste historia, pediu-me que entregasse ao homem a quem amara com tanta paciencia todas as economias da sua vida, porque nunca trabalhara senão para elle, dizia, passando fome, até, para juntar mais e ter a certeza de que Chouquet pensaria n'ella, uma vez, pelo menos, depois da sua morte.

Deu-me, pois, dois mil trezentos e vinte e sete francos.

Deixei os vinte e sete francos ao sr. cura, para as despezas do enterro, e levei o resto quando ella exhalou o ultimo suspiro.

No dia seguinte de manhã, fui a casa dos Chouquet. Tinham acabado de almoçar, e estavam sentados em frente um do outro, gordos e córados, cheirando a productos pharmaceuticos, importantes e satisfeitos.

Fizeram-me sentar; offereceram-me um copo de Kirsch que eu acceitei; e comecei o meu discurso com voz commovida, persuadido de que iam chorar. Logo que percebeu que tinha sido amado por aquella vagabunda, aquella palheireira errante, Chouquet pulou de indignação, como se ella lhe tivesse roubado a sua reputação, a estima das pessoas de bem, a sua honra intima, o que quer que fosse de delicado que elle apreciava mais que a vida.

A mulher, tão enfurecida como elle, repetia: «Que velhaca! que velhaca! que velhaca!...» Sem poder achar outra cousa para dizer.

O boticario levantara-se; caminhava a passos largos, por detraz da mesa, com o bonet grego inclinado sobre a orelha. Balbuciava: «Mas, como se explica isso, doutor? Aqui está uma d'estas cousas horriveis que succedem a um homem! O que hei de fazer? Ah! se eu soubesse isto emquanto ella era viva, tinha-a mandado prender e encaixar na cadeia. E não sahia de lá, afianço-lhe!»

Eu estava estupefacto com o resultado da minha piedosa missão. Não sabia o que havia de dizer nem fazer. Mas era preciso cumpril-a até ao fim. Repliquei, portanto: «Ella encarregou-me de lhe entregar as suas economias, uma bagatella, dois mil e trezentos francos. Como o que acabo de dizer parece ter-lhe desagradado muito, é possivel arranjar-se tudo; talvez seja melhor dar esse dinheiro aos pobres. Não lhe parece?»

O boticario e a mulher fitavam-me, immoveis de espanto.

Tirei o dinheiro da algibeira, dinheiro miseravel de to-

dos os paizes e de todas as marcas, ouro e soldos, tudo misturado.

Em seguida, perguntei: «Então, o que decidem?»

M.me Chouquet foi a primeira a falar: «Mas, visto ser a ultima vontade d'essa mulher... parece-me que haveria difficuldade em recusarmos.»

O marido, accrescentou: «Sempre podiamos comprar alguma cousa para os nossos pequenos, com esse dinheiro.»

— Como quizerem, disse eu em tom secco.

Elle replicou: «Dê cá sempre, visto que ella o encarregou d'isso; havemos de achar algum meio de empregal-o em uma boa obra.»

Entreguei o dinheiro, cumprimentei e sahi.

No dia seguinte, Chouquet veiu ter comigo, e, bruscamente: «Mas, essa mulher deixou aqui o carro onde ella vivia... Serve-lhe para alguma cousa, esse carro?

— Não me serve para nada. Leve-o, se quer.

— Está dito; convem-me para fazer uma cabana para a minha horta.

Ia a sahir. Chamei-o. «Ella tambem deixou o cavallo e os dois cães. Quere-os?» Chouquet parou, surprehendido: «Ah! isso não; para que havia de querel-os? Disponha d'elles como lhe parecer melhor.» E ria-se. Depois extendeu-me a mão, que eu apertei. O que querem? Nas terras pequenas, o medico e o pharmaceutico não podem ser inimigos.

Fiquei com os cães, e o cavallo foi para o cura, que tem um grande pateo. O carro serve de cabana no jardim de Chouquet; este comprou, com o dinheiro da palheireira, cinco obrigações do caminho de ferro.

Aqui está o unico amor profundo que tenho encontrado em toda a minha vida.»

O medico calou-se.

Então a marqueza, com lagrimas nos olhos, suspirou: «Decididamente, só as mulheres sabem amar!»

Guy de MAUPASSANT.

NAPOLEÃO E AS MULHERES

O AMOR

XVII

Maria Luiza

II

(Continuação)

Sem duvida, o abandono é mais apparente que real; nenhuma decisão grave deve ser tomada sem elle intervir; mas tambem não ha duvida que, na Russia, tendo a sensação do desastre, a impressão de que podia lá ficar, e lançando-se, no regresso, em riscos maiores ainda, pretendeu assegurar, para o caso em que desapparecesse, a transmissão da sua corôa, e sendo-lhe preciso para isso despojar-se ainda, não hesitou em fazel-o. Agora, os decretos são promulgados, em nome do imperador, pela imperatriz; pela imperatriz são concedidas as mercês, são assignadas as nomeações, são lançadas as proclamações. Agora, já não apparecem mais aquelles boletins pelos quaes, desde 1800, elle, o senhor, fazia ouvir por toda a parte a sua palavra, annunciava e commentava as suas victorias,

distribuia a gloria e dava conta das suas conquistas; é «Sua Magestade a imperatriz rainha e regente que recebeu do exercito taes ou taes noticias». Os conscriptos do anno funesto, são os conscritos d'ella: os Maria Luiza, como o povo lhes chama.

De cima a baixo da escala governamental, manifestam-se as fraquezas, preparam-se as defecções, as traições apparecem. É que elle já ali não está. O seu nome mesmo desappareceu. Aquelle nome de Maria Luiza ninguem o teme. Não diz nada ao povo, não significa nada. Napoleão, porém, não volta atraz: applaude-se d'aquillo que estabeleceu. Sua mulher sabe-o, ella só, mais do que Cambacérès, mais do que todos os Bonapartes reunidos. Quanto mais proxima está a catastrophe, quanto mais imminente é o perigo, mais elle se prende a este pensamento de que ella, só ella salvará tudo.

E, por acaso — porque da sua partida de Paris, e da capitulação, e do resto, não é ella responsavel — por acaso, é por ella que tudo se perdeu. Escreve-lhe uma carta, em claro, não cifrada, na qual indica o movimento supremo que vae tentar contra os exercitos alliados. Esta carta cae nas mãos dos esclarecedores de Blucher, e Blucher dá-se pressa de depôl-a, *deslacrada*, «aos pés da filha augusta de Sua Magestade o imperador d'Austria».

XVIII

A ilha d'Elba

Em toda esta confiança assignalada, ostentada, affirmada, foi Napoleão unicamente guiado pelo amor? Ou n'este modo de proceder teve a politica tambem a sua parte? Contava elle que o imperador d'Austria, encontrando pela

frente sua filha e seu neto, desviaria os seus golpes, não ousaria e não poderia ferir? Com a imperatriz, posta assim em vedetta, preparava elle já, para o caso de revezes invenciveis, uma abdicação pessoal, que salvasse pelo menos a sua dynastia? Havia elle imaginado que os soberanos da Europa, encontrando, não já elle, mas uma dos seus, e não das menos qualificadas, installada n'aquelle throno, hesitariam em derrubal-a, acceitariam e confirmariam a substituição que elle proprio tinha estabelecido e, em vez de lhe expulsarem o filho, se julgariam interessados em assegurar-lhe o reinado?

Para admittir estas ultimas hypotheses seria preciso que já desde abril de 1813, antes de Lutzen, antes d'esta primeira campanha onde a todo o momento ostenta a confiança que tem na sua fortuna, Napoleão desesperasse d'ella. Que elle tivesse algum pensamento reservado com respeito á Austria, que considerasse Maria Luiza como um penhor certo de alliança, que confiasse no laço de parentesco, que repousasse na boa fé de Francisco II, não na sua fé de imperador, mas na sua fé de sogro, admitte-se e acredita-se.

Para surprehender, por instincto, uma conjuração tal como a que tinham formado contra elle os aristocratas da Europa, para adivinhar que aquella pobre rapariga, a quem haviam deitado no seu leito, era o isco preparado pela coalisão dos oligarchas para o attrahirem á ratoeira, seria necessaria uma perfidia da qual nenhum francez da revolução—a não ser Talleyrand, porque nem mesmo Fouché era capaz de tal. —teria sido susceptivel. Seria preciso, para formar e concluir um tal designio, para colligar em torno d'aquelle leito nupcial os odios attentos de todas as velhas côrtes, a profundidade de corrupção que se encontra sómente nas sociedades aristocraticas,—as que estão habituadas por tradicção e por educação a não experimentarem nenhum escrupulo, as que estão decididas a não respeitarem outra lei humana ou divina, que não seja o seu interesse, e que proseguem no

seu fim sem attentarem nos meios, parecendo-lhes que não ha nenhum que deshonre,—este menos do que qualquer outro, por ser n'ellas o mais usado: o amor. Não foi uma amante que se tratou de fornecer, mas uma esposa. Forneceu-se: o que importa se, completo o triumpho, tendo as rodas do carro passado por cima do impio que ultrajou a arca santa, se encontra nos eixos, carne pendente e cabellos loiros de archiduqueza! Se essa mulher sobreviver, dar-lhe-hão um destino e consolar-se-ha. Se morrer, tanto peior! N'esse jogo arrisca-se tudo, quanto mais uma simples mulher...

Napoleão não teve nem sequer a menor suspeita. Nunca elle admittiu que sua mulher fosse cumplice dos seus inimigos; e n'isso tinha rasão, porque tiveram cuidado de não a prevenir e ella desempenhava o seu papel, naturalmente, e portanto muito melhor do que se lh'o tivessem ensinado. Foi só muito mais tarde, em Santa Helena, e ainda assim não inteiramente, quer por lhe repugnar descer ao fundo d'estas cousas, quer por lhe ser desagradavel elucidar esta causa maxima dos seus desastres, que Napoleão faz a ligação entre o seu segun lo casamento e os acontecimentos que se lhe seguiram. «Era o abysmo, repetiu elle, que me haviam coberto de flores.» Mas, dir-se-hia ainda que não quer demorar-se em tal, que não lhe apraz afundar-se em tal abysmo de impurezas. Parece que o seu intento é impedir que sua mulher e a lembrança de sua mulher sejam manchadas, que ella fique, perante a historia, carregada com uma parte qualquer de responsabilidade no grande drama de que a sua inconsciencia foi uma das molas principaes e que, se o considerarmos com olhos não prevenidos, se apresenta como um drama d'Eschylo, largo, simples, naturalmente heroico.

Longe de querer mal a essa mulher, que o precipitou das alturas, á medida que cahe d'ellas, testemunha-lhe mais amor e mais confiança, como para consolal-a das desillusões que lhe deve causar a aggressão da sua patria nati-

va, o levantamento de escudos de seu pae, o que ella deve considerar como uma traição dos seus para com ella propria. N'esse momento mesmo, não é porque elle duvide de si ou porque tenha incertezas sobre a sua fortuna: é proprio da sua natureza esperar mesmo contra a esperança, e muitas jornadas da campanha de França, são, por essa virtude dos fortes, irmãs da jornada immortal de Castiglione. É só completamente nos ultimos dias que elle se vê constrangido a admittir esta hypothese: que o inimigo póde entrar em Paris, apoderar-se da imperatriz e do rei de Roma: seria um breve triumpho, porque a occupação momentanea de Paris não muda nada ao plano estrategico que elle formou; mas não poderia supportar o pensamento que sua mulher e seu filho pudessem cahir nas mãos do vencedor. É para subtrahil-os a tal insulto, que dá a José ordem formal de abandonar Paris, de fazer sahir d'ali todos os elementos de resistencia e todos os homens do governo. Compromette assim todo o seu edificio, porque Talleyrand sabe bem subtrahir-se á intimação de seguir a côrte. Todos os seus fios estão reunidos de longa data; preparou, junto do rei José, junto da imperatriz, na prefeitura do Sena, na policia, por toda a parte, cumplices sobre quem exerce uma influencia inexplicavel e que parecem ligados a elle por um pacto infernal. Com elles acaba, em 1814, a obra de traição que principiou a urdir em Tilsitt, em 1807.

Mas derrubar o governo do imperador com a ajuda e o apoio de quinhentas mil bayonetas extrangeiras, não é senão metade da tarefa, que a si mesmo impoz o principe de Benevento. Não ficará satisfeito senão quando tiver quebrado os laços que elle proprio contribuiu para formar entre Napoleão e Maria Luiza.

O imperador crê que lhe restará a consolação suprema de ter junto de si sua mulher e seu filho. Se elle não intima formalmente a imperatriz a ir juntar-se-lhe em Fontainebleau, é por imaginar que as lagrimas d'ella terão algum poder sobre o imperador Francisco e que assim possa

ser melhorado o seu futuro: mas juntar-se-lhe-ha tão depressa elle tenha fixado a sua residencia e o seu modo de viver; ella propria terá uma soberania, que pessoalmente lhe pertencerá, viverá particularmente com elle, que se resigna ou crê resignar-se a uma existencia de pequeno principe; ella irá fazer-lhe companhia e, como o ama, «como ella amou n'elle menos o imperador do que o homem,» a vida ainda poderá ser feliz para elles ambos, e para o seu filho que verão crescer.

Maria Luiza está completamente disposta a associar-se a estes projectos, a estes sonhos. Com certeza que ella ama seu marido e desejaria unir-se com elle, mas entre todas as almas que a rodeiam, por uma que se conserva fiel ao dever, quantas são vis e estão vendidas! Faz-se o vacuo em torno d'essa mulher nova que nunca, desde a infancia, teve o habito de pensar por si mesma, que, desde que existe, vergada á disciplina, não conheceu senão quem lhe mandasse e não sabe senão obedecer. Tem a extender-se-lhe por cima, submettendo-a, a mão de seu pae. Ainda se debate e quer insurgir-se, porque o amor que tem a Napoleão é de força para luctar, no coração d'ella, mesmo contra o respeito filial. Esse amor, porém, encontra em Talleyrand o modo de o matar. Este tem junto de Maria Luiza uma mulher que é sua cumplice, e que se póde contar entre as mais inquietas e mais politicas do seu tempo. Ignora o que sejam escrupulos, e não sabe o que seja o reconhecimento. Galante na sua mocidade á maneira das italianas, prefere ainda a intriga pela intriga e, de cada vez que poude introduzir-se em qualquer aventura diplomatica, sentiu-se no seu elemento. Dama do paço, não era d'aquellas que deixam o logar e se retiram para suas casas. Tem mais que fazer: ficando quasi só, junto de Maria Luiza, desmascara as suas baterias. Inspirada por Talleyrand, insinúa primeiro, affirma em seguida, que Napoleão nunca a amou, que a enganou constantemente. Mas a imperatriz obstina-se. Então M.me de Brignole manda chamar os dois creados

de quarto que acabam de abandonar, em Fontainebleau, o seu amo e seu bemfeitor, e faz-lhes dizer tudo quanto quer, as mentiras que elles combinaram com M. de Talleyrand. Ninguem ali para inspirar coragem, incitar energia áquella rapariga molenga, incapaz de resolução, em quem o temperamento desempenha o primeiro papel e que fica mais ferida e impressionada com aquellas infidelidades que lhe contam, do que aterrada pela queda do seu throno. Do mesmo modo que foi entregue em holocausto, moderna Iphigenia, e se deixou entregar, deixa-se libertar agora, quando a politica desfaz, como disse Schwartzemberg, o que a politica tinha feito. Não é trabalho para um dia: ha de luctar ainda perto de um anno contra a Europa inteira empenhada contra ella, pondo em jogo todos os recursos para conseguir vencer o seu coração de rapariga. O orgulho, a vaidade, o ciume, a inveja, tudo ha de ser empregado e nada conseguirá triumphar senão quando por qualquer fórma a tiverem constrangido a substituir o amor pelo amor, quando o pudico imperador d'Austria tiver obrigado sua filha a uma concubinagem publica. Então toda a Europa monarchica applaudirá e uma soberania será a recompensa do adulterio.

Napoleão não tem absolutamente idéa de semelhante abjecção. De cada um dos passos que percorre na sua via dolorosa, escreve uma carta a sua mulher, como outr'ora quando avançava triumphalmente sobre o territorio do imperio á bulha dos sinos repicando em festa, dos canhões salvando, do exercito e do povo formando alas na sua passagem e dos marechaes do exercito saudando-a com a espada. Elle, agora escoltado pelos commissarios dos alliados, no meio dos gritos de morte dados em urros pela populaça comprada pelos Verdets, encaminha-se para aquella ilha que a Europa, no medo que ainda tem d'elle, lhe abandonou, que conta tirar-lhe qualquer dia, que lhe vae disputar já, o seu grande amigo, o ex-eleitor de Saltzburgo, o ex-grão duque de Wurtzburgo, seu hospede de Compiègne

e das Telharias, tornado agora grão-duque da Toscana como em 1797, no tempo em que o general Bonaparte se sentava á sua mesa. Mas aquellas cartas d'outr'ora, frias e geladas pela etiqueta, dirigidas a uma desconhecida, como pôl-as em parallelo com as que elle hoje escreve! Sómente duas estão publicadas: duas cartas á «sua boa Luiza,» á sua «boa Luiza Maria.» Esquecendo tudo quanto soffre, não fala senão dos males e incommodos que ella padece; inquieta-se com a sua saude, porque houve o cuidado de tornar bem assente que ella tinha muita necessidade de tomar as aguas d'Aix, o que é um meio de retardar a reunião, e, conscientemente ou não, Corvisart prestou-se d'este modo a fazer o jogo dos inimigos do imperador. Mas tudo isto, bem como tudo o mais, Napoleão nem sequer o suspeita. Alegra-se com a dedicação de Corvisart, a quem, de Fréjus, dirige uma carta que, se é merecida, é para este o seu melhor titulo de gloria. Longe de se oppôr á viagem a Aix, apressa-a e gostaria de vêl-a concluida, para sua mulher se lhe juntar com mais brevidade. Se ella não póde ir immediatamente á ilha d'Elba, com certeza que se dará pressa de se installar em Parma, e afim d'ahi lhe não faltar nada, envia-lhe, para sua guarda, um destacamento da sua cavallaria polaca, e para a sua cavallariça uma centena de cavallos de tracção.

Apenas chega a Porto-Ferrajo, inquieta-se para organisar em cada um dos palacios — tristes palacios! — destinados para sua residencia as accommodações para a imperatriz. Eis as de Porto-Longone, que constarão de seis divisões, as de Porto-Ferrajo, que terão a mesma extensão. E activa os trabalhos, porque ella póde chegar de um momento para o outro. Espera-a para fazer queimar os fogos de artificio, para dar bailes, para fazer excursões, subordinando ao pensamento d'ella todos os pormenores de sua existencia propria, a ponto que, elle, ordinariamente tão pouco habituado a publicar os seus sentimentos, ordena ao pintor que está restaurando o tecto do salão, que repre-

sente «duas pombas presas por uma mesma fita, cujo laço se aperta á medida que ellas se afastam.»

E' por isso que elle emprega um tal mysterio em receber, no primeiro de setembro, a visita de M.me Walewska. Esta vae a Napoles reclamar junto de Murat a dotação que Napoleão lhe havia concedido sobre os bens que se reservara, e que Murat tratou immediatamente de confiscar; aproveitando a demora em Porto-Ferrajo solicitou uma visita ao imperador. Desde 20 de agosto que elle está installado no Ermiterio da Madonna de Marciana. E', n'uma floresta de castanheiros centenarios, para onde os grandes calores o obrigaram a retirar-se, ao pé de uma capella bem construida, uma casa feita apenas de um rez-do-chão composto de quatro pequenas divisões. Os ermitas que Napoleão não quiz desapossar estão installados no subterraneo. Para a comitiva, bem pouco numerosa, composta do capitão de gendarmeria Paoli, de Bernotti, official ás ordens, de alguns mamelucos e simplesmente de dois creados de quarto, Marchand e Saint-Denis, levantou se, debaixo dos castanheiros, uma barraca de campanha de grandes dimensões, perto de uma fonte que se perde n'um tapete de musgo fresco inteiramente embalsamado de junquilhos, de heliotropio, de violetas, de todas as flores silvestres. Não ha cosinha; o imperador, para jantar, desce a Marciana onde está installada sua mãe, e todas as noites torna a subir para o seu ermiterio.

Quando recebe a carta de M.me Walewska, [1] expede ordens com o maior mysterio, e de modo que o segredo seja completamente guardado. E' pela noite fechada que ella desembarca, no 1.º de setembro; encontra no porto uma carruagem a quatro cavallos e tres cavallos de sella.

---

[1] E' muito possivel, muito provavel, que o irmão de M.me Walewska; o coronel Laczinski, se encontrasse ou tivesse ido á ilha d'Elba anteriormente. Com effeito, a 4 de agosto, um coronel Laczinski é encarregado de uma missão pelo imperador. Trouxe cartas de M.me Walewska? está incumbido de reconduzil-a? é possi-

Entra para a carruagem com seu filho; sua irmã, que a acompanha, seu irmão o coronel Laczinski, de uniforme polaco, montam a cavallo, e tudo se põe a caminho á luz de um maravilhoso luar. Em Procchio, encontram o imperador que os esperava ali, acompanhado por Paoli e por dois mamelucos. M.me Walewska passa para um cavallo, pois seria uma impossibilidade fazer rodar o trem mais para deante; Bernotti encarrega-se da creança e alcançam conforme podem o alto do monte. Em casa, o imperador diz á visitante, descobrindo-se: «Minha senhora, ponho á sua disposição o meu palacio,» e abandona ás duas irmãs o usofructo completo das quatro pequenas divisões que o compõem, e onde estão armadas camas. Elle, por sua parte, recolhe-se á barraca, dentro da qual dormem os dois creados de quarto. O fim da noite é tempestuoso: vento desabrido, enorme chuva. Ao romper da manhã, o imperador, que não dormiu, chama Marchand. Este conta-lhe que em Porto-Ferrajo correu o boato da visitante ser Maria Luiza e de ser o rei de Roma, a creança que ella traz comsigo. Acreditando o boato, o doutor Foureau tratou immediatamente de se dirigir ao Ermiterio afim de offerecer os seus serviços, e está lá fóra, esperando as ordens.

O imperador, já vestido, sae da barraca. Um sol formoso, ligeiramente peneirado pela sombra espessa dos castanheiros, já enxugou os terrenos circumdantes. N'esta paisagem, colhendo flores da montanha, está brincando a creança mysteriosa. Napoleão chama-a, e sentando-se n'uma cadeira, que Marchand trouxe para ali, toma a creança nos joelhos. Depois manda buscar Foureau, que anda a passeiar ali proximo. «Então, Foureau, diz-lhe elle, como

---

vel, tambem, que não fosse o mesmo Laczinski que a acompanhasse; porque M.me Walewska tinha dois irmãos, um que parece ter sido general na Polonia e pelo menos coronel em França, o outro que foi sem duvida coronel no exercito do Grão-Ducado. A historia tão gloriosa da Polonia napoleonica está inteiramente por fazer, pelo menos em França.

a achas? — Meu senhor, responde o doutor, acho que o rei tem crescido muito.» Napoleão desata a rir, porque o pequeno Walewski tem um anno mais do que o rei de Roma, «mas a belleza das suas feições, os seus cabellos loiros annelados cahidos profusamente sobre os hombros dão-lhe uma grande semelhança» menos com o rei de Roma do que com o retrato tão popular que Isabey fez d'elle, e em que talvez de proposito o representou um poucochinho mais velho do que era.

Napoleão graceja com o doutor mais alguns instantes, e despede-o agradecendo-lhe o cuidado que teve em ir offerecer os seus serviços. M.me Walewska apparece então, sahindo de casa. Desde o tempo de Varsovia, engordou um pouco, mas o seu busto não soffreu com isso e a sua physionomia aberta e tranquilla manteve-se egualmente attrahente. Emquanto a sua irmã, de dezoito annos apenas, essa tem «uma cabeça d'anjo». E' uma d'essas creanças loiras cuja mocidade tem o perfume de uma flor rara.

A mesa está posta debaixo dos castanheiros: o almoço chega, já preparado, de Marciana, e corre com bastante alegria. Depois, o dia passa todo em conversações e passeios pelos arredores. Ao jantar, o imperador quer que a creança, que não almoçou com elle, fique sentada ao seu lado. M.me Walewska resiste, dizendo que seu filho é muito turbulento; mas Napoleão exige. Não se incommoda com as diabruras infantis; elle proprio, na infancia, era muito senhor da sua vontade, e muito endiabrado. «Eu dava pontapés a José, e ainda por cima obrigava-o a fazer os meus themas. Quando me punham de castigo a pão secco, ia trocal-o pelo pão de castanhas dos meus carneireiros, ou então ia a casa da minha ama, que me dava bolos.»

A creança, ao principio muito ajuizada, não tarda a emancipar-se e o imperador diz-lhe: «Não tens medo do açoite; pois olha, deves ter. Eu nunca apanhei com elle senão uma vez, e nunca mais me esqueceu.» E conta então a sua aventura, o modo como, em creanças, Paulina e elle mangaram

com a avó, e como foram açoitados por *Madame*, que não perdoava essas cousas. «Mas eu não mango com a mamã», responde a creança com uns modos muito compungidos, e a que o imperador acha immensa graça. Beija o com ternura, dizendo-lhe: «Bem respondido, sim senhor.»

A noute cae e, ás 9 horas, as visitas retiram para embarcar. O imperador acompanha-as até á praia, e, quando abraça e beija seu filho, ouvem-o murmurar: «Adeus, querido filho da minha alma.» M.me Walewska, em compensação dos confiscos de Murat, leva comsigo um cheque ao portador de 61:000 francos, sobre o thesoureiro do imperador. Diz-se que a sua demora em Napoles se prolongou o bastante para ella ainda ahi estar em março de 1815.

Apesar de todas as precauções tomadas, apesar da chegada e da partida por noite fechada, havia muita gente interessada em estar ao facto de tudo quanto o imperador fazia, para que uma aventura d'esta ordem pudesse passar despercebida. Os insulares não faltaram a dizer que a desconhecida era Maria Luiza; o commissario inglez e os espiões dos Bourbons, melhor avisados, desconfiaram que se tratava de uma amante. Mas quizeram vêr amor, quando não houve senão ternura e reconhecimento. A presença de M.me Laczinska afasta toda a idéa de approximação intima. Se o imperador teve na ilha d'Elba alguma entrevista amorosa, não foi certamente com a pretendida condessa de Rohan, intrigante vulgar, que ahi tinha ido, segundo se diz, para fazer não se sabe que reclamações nem que offerecimentos de serviços; foi com uma mulher muito mais desconhecida, a mesma que elle havia recebido tres ou quatro vezes no quarto da *Orangerie*, de Saint-Cloud, e que, por acto espontaneo, tinha ido para Porto-Ferrajo. Era ella casada a esse tempo com o coronel B.. ou casou com elle na ilha d'Elba? Não se sabe isso bem; mas, casada ou não, a sua dedicação foi a mesma, e é pena que tenhamos a seu respeito tão diminutos pormenores. Não se contentou em ir á ilha d'Elba; em 1815, viram-a chegar a

Rambouillet, pedindo, implorando, que Napoleão lhe permittisse seguil-o, e ficando no mais profundo desespero quando elle lh'o recusou. Com tres mil francos que lhe deram, diz-se, passou aos Estados Unidos, onde esperava encontral-o.

Parece ninguem ter suspeitado, que na ilha d'Elba o imperador desse alguns instantes a esta mulher. Em compensação, foram muitas vezes reeditadas umas pretendidas cartas que um padre infame, comprado pelo duque de Blacas, falsificou afim de fazer acreditar certas calumnias. E' inutil determo-nos n'isto.

Na ilha d'Elba, Napoleão encontrava-se em uma crise a um tempo moral e politica, que o obrigava á maior reserva. Conhecia bastante Maria Luiza para saber que a menor infidelidade que chegasse ao conhecimento d'ella, habilmente explorada pela sua roda, a havia de ferir profundamente. Acabava de expedir o capitão Hurault de Sorbée, marido de uma das mulheres vermelhas, para tentar approximar-se d'ella em Aix-les-Bains, e dizer-lhe algumas palavras. Acabava de receber indicações que podiam fazer-lhe esperar uma correspondencia regular. O momento teria sido mal escolhido para fazer escandalo.

Passa o tempo, todo o mez de setembro, sem carta, sem lhe chegar uma communicação qualquer. A 10 de outubro, determina-se a escrever ao grão duque de Toscana, em cuja amisade confia ainda, e a quem, desde 19 de abril, elle designava a sua mulher como intermediario natural entre ambos. Não é uma supplica que lhe dirige, e pelo tom em que fala ao «Senhor seu irmão e muito querido tio» sente-se que elle se lembra e que está convencido que o antigo parasita de Compiègne deve egualmente lembrar-se. «Não tendo recebido noticias de minha mulher desde 10 de agosto, nem de meu filho ha seis mezes, peço a Vossa Alteza Real me faça saber se é da sua vontade permittir-me que de oito em oito dias eu lhe dirija uma carta para a imperatriz, e remetter-me em troca no-

ticias d'ella e as cartas da senhora condessa de Montesquiou, aia de meu filho. *Lisonjeio-me de que, apesar dos acontecimentos que teem mudado tantos individuos, Vossa Alteza Real me conserva alguma amisade. Se me quizer dar mais a segurança que peço, receberei d'esse facto uma consolação muito sensivel. N'este caso, pedir-lhe-hei para que seja favoravel a este pequeno cantão, que compartilha dos sentimentos da Toscana para com a sua pessoa. Que Vossa Alteza Real não duvide da constancia dos sentimentos leaes que em mim conhece, bem como da perfeita estima e da alta consideração em que o tenho. Peço que me faça lembrado na memoria de seus filhos.*

Nãe, não é uma supplica, e a egualdade de gerarchia, a superioridade antiga faz-se sentir apesar de tudo, mas com que habilidade, com que engenho é posto em acção tudo quanto póde commover aquelle homem, se é que elle tem coração! Trata-se apenas, e nada mais, de um serviço familiar a prestar áquelle que se confessa infeliz, que se reconhece decahido, e que, para melhor o enternecer, se confessa quasi subdito d'aquelle principe, que outr'ora foi um dos seus cortezãos mais assiduos.

Nenhuma resposta. É que o drama está concluido, e a familia imperial d'Austria teve a alegria de deshonrar para sempre aquella archiduqueza austriaca, imperatriz dos francezes. Napoleão sabe-o ou ignora-o, mas ninguem póde dizer que então elle o soubesse. Depois de uma tal carta escripta a tal homem, não póde escrever mais. Tiraram-lhe a mulher, tiraram-lhe o filho. Os Bourbons não pagam a somma annual estipulada em Fontainebleau. Vae vêr-se obrigado a licencear a sua guarda, e não poderá mesmo oppôr um simulacro de resistencia e fazer-se matar á frente dos seus bravos, quando os reis ordenarem a sua deportação para qualquer ilha do oceano, os Açores, por exemplo, conforme Talleyrand propõe, a 13 de outubro, por estarem, diz elle, a quinhentas leguas de qualquer terra.»

É inevitavel que morra, que se deixe assassinar pelos bandidos que Brulart sustenta e paga, ou entregar-se nas mãos dos reis a quem Talleyrand aconselha. Prefere arriscar a suprema partida com a França e pela França. Está decidido o regresso.

XIX

Os Cem Dias

No dia de Anno Bom de 1815, Napoleão havia recebido uma carta da imperatriz, que lhe dava noticias de seu filho, dizia que elle estava encantador, e que dentro em pouco poderia escrever por sua propria mão a seu pae. Como, a que vem esta carta? Porquê? Não se sabe. Talvez um remorso. Seja como fôr, ella mantinha o laço, parecia provar-lhe que Maria Luiza não tinha por fórma nenhuma renunciado a ligar-se com elle, que, se se calava, era por ser constrangida a isso. Bastava que se visse livre, para se dar pressa em vir juntar-se-lhe. Bastava que Napoleão tivesse um throno a offerecer-lhe para que os seus carcereiros lhe restituissem a liberdade. Por isso, tão depressa o imperador está meio seguro do resultado da sua empreza, como immediatamente, de Lyon, a 12 de março, cuida em advertir Maria Luiza. Mas, tal qual como anteriormente fizera com relação ás cartas, que lhe haviam sido dirigidas da ilha d'Elba, entrega nas mãos de seu pae o bilhete recebido, e este communica-o aos plenipotenciarios alliados. Nenhuma resposta.

Logo á sua entrada em Paris, o imperador restabeleceu quasi no antigo pé a casa da imperatriz, e deu ordens para que os aposentos fossem preparados e postos em estado de serviço. Dez dias depois, no 1.º de abril, escreve ao

imperador d'Austria, «Senhor seu irmão e muito caro sogro», uma carta official em que reclama «o objecto das suas mais doces affeições, sua mulher e seu filho:» «Como, diz elle, a longa separação que as circumstanciase xigiram, me fez experimentar o sentimento mais penoso que jámais affectou o meu coração, uma reunião tão desejada não tarda menos á impaciencia da virtuosa princeza, cujo destino Vossa Magestade uniu ao meu.» E termina assim: «Conheço bem os principios de Vossa Magestade, sei perfeitamente que valor liga ás suas affeições de familia, para não ter a feliz confiança de que terá regosijo, quaesquer que possam ser as disposições do seu gabinete e da sua politica, em concorrer para accelerar o instante da reunião de uma mulher com seu marido e de um filho com seu pae.»

Nenhuma resposta. Deante d'este silencio opposto tanto ás suas cartas officiaes como ás que tinha encarregado officiosamente aos diplomatas austriacos, junto dos Bourbons, antes d'elles partirem, Napoleão confirma-se na opinião de que a politica continua a paralysar o impulso natural de sua mulher e decide-se a empregar vias secretas, para chegar ao seu alcance. Expede para Vienna, agentes que elle escolhe entre os melhores, com possibilidade de chegarem á presença de Talleyrand e da imperatriz: Flahaut e Montrond.

Só Montrond atravessa as linhas; mas, quando se trata de entregar a Maria Luiza, o bilhete de que elle é portador, Meneval, o antigo secretario do gabinete do imperador, e que, feito em 1813 administrador da fazenda da imperatriz, a acompanhou para Austria, Meneval interpõe-se. Sabe como as cousas estão com Neipperg, e é prestar serviço ao imperador queimar o bilhete que elle escreve a sua mulher.

Meneval, comtudo, não ousa escrever directamente a verdade, comprehende a intensidade do golpe que vibraria a seu amo: é por uma carta anonyma, de calligraphia disfarçada, que elle se lembra de advertir alguem, de quem

conhece a invariavel fidelidade: Lavallete. O imperador tem conhecimento, mas Lavallete duvida, persuadindo-se de que uma tal missiva anonyma póde ser um estratagema da politica austriaca. Como é que Napoleão não havia de duvidar tambem?

Vae ser-se esclarecido: Ballouhey, secretario das despezas das duas imperatrizes, um homem honrado, e em cuja fidelidade se póde confiar, está a caminho, vindo de Vienna por Munich, onde deve receber as instrucções do principe Eugenio. O imperador está tão impaciente por vel-o, que dá ordem para que, de Belfort, lhe telegraphem a passagem d'elle, e manda-lhe pôr no domicilio, em Paris, um plantão que, tão depressa elle chegue, o conduza direito ao Elyseu. Ballouhey chega a 28 de abril, e o imperador demora-o, em particular, falando com elle duas horas inteiras; mas se tira d'elle noções uteis das quaes o principe Eugenio o encarregou, não obtem luz completa sobre o que mais lhe importa. Ballouhey, homem de contas, de uma escrupulosa exactidão, ligado até ao fanatismo a Josephina, depois a Maria Luiza, é de uma natureza excessivamente timorata para ousar affirmar o que, em Vienna, é o segredo do Congresso, da Côrte e da cidade inteira.

É necessario esperar Meneval que reenviado de Vienna, chega finalmente doze dias depois. D'esta vez, não ha mais illusões possiveis. Foi Maria Luiza quem, collocando-se, a 12 de março, por uma carta official, sob a protecção das potencias, provocou a declaração furibunda assignada a 13 pelos plenipotenciarios alliados. Em recompensa, Neipperg foi nomeado seu marechal da Côrte. Foi ella quem, a 18 de março, consentiu em entregar seu filho, immediatamente separado de sua aia, Mme de Montesquiou, e de todos os seus creados francezes. E quando Meneval se despediu d'ella, ella propria o encarregou de dizer ao imperador «que não prestaria nunca as mãos a um divorcio, mas que esperava que elle consentiria n'uma separação amigavel, que esta separação se havia tornado indispensa-

vel, sem comtudo alterar os sentimentos de estima e de reconhecimento que ella lhe conservava.» Está decidida; a sua resolução é irrevogavel e seu proprio pae não teria o direito de obrigal-a a regressar a França.

Meneval teve que accrescentar outros pormenores mais intimos, pois já não era tempo de occultar a verdade. E' que começava provavelmente a primeira gravidez da série d'ellas que deviam povoar as avenidas do Burg, de bastardos adulterinos, intitulados principes e qualificados altezas para vergonha da Casa d'Austria. Quando Dubois, o parteiro, tinha affirmado a Napoleão, depois do nascimento do rei de Roma, que um segundo filho poria em risco os dias de Maria Luiza, o imperador, apesar dos desejos que tinha de uma posteridade numerosa, de um segundo filho para occupar o throno de Italia, ficara sciente d'isso e resignara-se: M. de Neipperg não teve esses escrupulos e provou diversas vezes como o barão Dubois tinha podido enganar-se.

(Conclue).

Frédéric MASSON.

PHILOSOPHIA DE ESTRADA

«Em vez de fazer como tantos outros, em vez de descrever o que vi e o que o meu cocheiro viu melhor do que eu, o que todos os viajantes que me seguirem e os seus cocheiros hão de ver entre Stockholmo e Ystadt, accudiu-me ao espirito confiar aos meus contemporaneos e á posteridade o que pensei e o que provavelmente ninguem mais sem ser eu pensou n'esta estrada de duzentas leguas.»

(Citaremos algumas das phantasias de viajante, algumas das reflexões com que o auctor illustrou a sua viagem, sob este ponto de vista, originalissima.)

Os camponezes. — Os cavallos de posta. — O rei e o povo.

«Ditoso, tres vezes ditoso o paiz em que o rei tem tanta bondade para o seu povo como a que um camponez sueco tem para o seu cavallo. Subditos, não peçam nunca Epictetos para os governar. Não desejem ser considerados como eguaes por aquelles a quem a sua adoração divini-

sa. Desejem tão sómente que pela graça lá de cima elles cheguem a comprehender esta verdade: Um cavallo morto não póde puxar, um cavallo cançado de mais não póde andar.»

Os cocheiros

«Ó cocheiros, quando hão de perceber que o chicote é feito para o cavallo, e não o cavallo para o chicote?»

Caminhos perigosos.—Trevas.—Segurança

«Crêr é para a maior parte dos homens synonimo de *não pensar n'isso*. Fazem pela sua religião o que fazem pela sua amante: receiam examinar as cousas; são enganados e felizes.»

A borboleta.—Sensibilidade.—Fraqueza.—Talento

«Sentir depressa e sentir profundamente, eis o que faz o talento do poeta, do orador, do artista. Por conseguinte, não vos admireis se elles são mais faceis de ferir do que os outros homens: o alfinete que traspassa a borboleta não penetra a pelle do urso.»

Os mendigos

«Os tolos fazem o elogio da bondade do coração como os mendigos exaltam a liberalidade.»

Reflexões

«Ha duas cousas que a multidão nunca chegará a aprender: comprehender o que é simples e não comprehender o que é incomprehensivel.»

«Aquelle que se sabe desprezado faz tudo quanto póde para se tornar odiado.»

«A constancia de uma ligação não é muitas vezes senão a vaidade de se não confessar ludibriado.»

«A cousa mais irritavel que Deus creou, foi a fibra de um auctor; como a aranha elle vive em cada fio da sua teia.»

«A cabeça tem a sua coragem tal qual como o coração, e a falta de talento não é muitas vezes senão uma falta de resolução. Crêr em si, é duplicar as suas faculdades.»

«É uma modestia bem delicada ou uma inveja bem grosseira, córar por ouvir louvar um amigo.»

«Regular as suas acções pelo conselho d'outrem, é mandar fazer o seu fato pela medida alheia.»

«É raro encontrar amigos que se nos conservem ligados na desgraça; talvez mais raro ainda encontral-os que nos amem na felicidade.»

«As almas fortes não recebem facilmente uma impressão, mas conservam-a durante muito mais tempo; o aço é vagaroso a aquecer, mas uma vez aquecido conserva o calor emquanto o chumbo tem tempo para fundir dez vezes e dez vezes arrefecer.»

«O passado é uma formosa amante que nos abandonou; o presente é uma esposa em cujos attractivos não reparamos; o futuro uma cortezã que seduz na sombra, mas que

a gente põe á porta da rua tão depressa nos mette um pé em casa.»

«Na Suecia está-se a respeito de genio como a respeito de sol: temos alguns dias de verão tão bellos como nas regiões meridionaes; mas todo o resto é outomno e inverno.»

KELLGREN.

Nota.—É em Kellgren, nascido no meiado do seculo ultimo, que se principia a entrevêr na poesia sueca um movimento para qualquer cousa de novo, um esforço para sahir do trilho onde se havia mettido ha muito.

Kellgren não era um genio bastante arrojado para fazer uma revolução na sua litteratura; parece mesmo ter sido dotado em gráo fraquissimo da faculdade de inventar, pois não lhe pertence a idéa da maior parte das suas obras; mas tinha um espirito vivo que, embora rodeiado de muitos preconceitos, não podia eximir-se a vêr um pouco por cima d'elles. Vê-se pela inspiração das suas poesias d'amor, que elle sentia por conta propria; não se limitava ao manejo d'aquelles sentimentos completamente feitos, que os seus predecessores passavam de mão em mão. Apesar d'isso a necessidade de innovação atraiçoa-se mais em Kellgren pela indecisão e pela diversidade da imitação do que por uma originalidade creadora.

Este homem que pedia a Dorat as suas epigraphes e que, por uma escolha bastante infeliz, tinha traduzido a *Olympia*, de Voltaire, tambem traduzia Lessing, e não despresava Baggesen (de quem *A Leitura* apresentou um trecho aos seus leitores, no fasciculo 36) nem Wessel, auctores dinamarquezes, então pouco conhecidos na Suecia, apesar de visinhos, porque não estavam traduzidos em francez.

Kellgren fluctua incessantemente entre as superstições da sua escola e as exigencias do seu espirito, a natureza que o impelle e a convenção que o encadeia.

O que contribuiu sobretudo para reprimir o vôo que Kellgren teria podido soltar, foi o favor e a influencia do rei Gustavo III. Este principe tinha-se deixado influenciar pelo ascendente do espirito e da litteratura franceza do seculo XVIII. A corôa cahiu-lhe

no meio dos salões de Paris, e elle regressou á sua patria, transformado no que então se chamava um *bel esprit* francez, e não percebendo nada mais bello do que moldar a lingua e a poesia suecas pela lingua e pela poesia francezas.

Póde dizer-se que Gustavo obedecia ás instigações de um verdadeiro zelo pelo que julgava util á cultura do seu povo. Fundou a Academia sueca, e nomeou Kellgren para director d'ella. O proprio rei era auctor : depois da sua morte colligiram-lhe e publicaram-lhe as obras.

O principal merito das poesias de Kellgren é a vivacidade da expressão, por isso perdem muito em ser traduzidas. Não succede o mesmo com a prosa, em que a idéa é frequentemente tão viva como a fórma.

A VIDA PRIVADA DE MIGUEL TEISSIER

I

Estavam esperando, na saleta do rez-do-chão: era o compartimento mais simples da casa e o que Suzanna preferia, porque o contador de columnas, o *divan*, as poltronas Luiz XIII e á mesa Henrique II, que uma phantasia pouco classica reunira n'esse aposento, eram os unicos moveis que conservavam da mobilia antiga. Estes objectos, comprados outr'óra por Miguel, em leilões, quando moravam em uma sobreloja modesta da rua da Bomba, tinham sido transportados um por um e installados com orgulho no gabinete de trabalho.

N'esse tempo eram o unico luxo da casa; agora, pelo contrario, escondiam-os no quarto reservado á familia e aos amigos intimos, emquanto que uma mobilia nova encommendada a um estofador em voga, ornava os dois andares do predio, bastante vasto, com cavallariça e cocheira, que os Teissier habitavam havia tres annos, na rua de S. Jorge. Tinham vivido com simplicidade, por gosto, durante muito tempo; mas, além de melhorarem de finanças, em consequencia de uma herança, a situação de Miguel, au-

gmentando de dia para dia, obrigava-os a mudar de existencia.

Vice-presidente da camara, em vesperas de ser ministro muito solicitado, tivera de resignar-se a sahir, a receber, e, por consequencia, a installar-se com certo luxo. Suzanna, comtudo, conservava-se fiel aos velhos moveis de outros tempos, como a recordações quasi com vida. Amava-os.

Lembravam-lhe os dias em que o seu Miguel lhe pertencia inteiramente, pelo menos nas horas vagas que lhe deixava a sua profissão de jornalista,—jornalista já conhecido, muito occupado, absorvido pela direcção effectiva de um grande jornal, *A Ordem*, que lhe dera um successo, ao qual elle tambem devia o seu, e que dirigia ainda, mas por alto.

Lembravam-lhe horas deliciosas, as primeiras intimidades de um casamento de inclinação, casamento estouvado, de um homem excessivamente novo, sem fortuna, com um futuro incerto, e uma mulher ainda creança, cujo dote consistia: em confiança, em coragem e em amor.

Lembravam-lhe os pormenores de seis annos de ternura a sós, d'essa ternura especial de casados sem filhos, que se conserva apaixonada, exclusiva, ciumenta.

Lembravam-lhe tambem as satisfações do bem estar augmentando, os momentos de angustia e de alegria, da sua primeira gravidez, cujo annuncio hesitante enchera seu marido de surpresa e de felicidade.

Lembravam-lhe uma doença de Anna, sua filha mais velha, e tambem uma longa doença de Miguel, condemnado pelos medicos, mas salvo por ella, á força de amor ainda mais do que de cuidados.

Sim, esses velhos moveis lembravam-lhe todas estas pequenas cousas, todas estas inquietações, todos os fios que bordam na trama da nossa existencia os seus arabescos de côres alegres ou sombrias, e que o passado véla em seguida com as suas côres apagadas. Os dias que elles lhe

recordavam tinham sido, ora bons, ora maus, predominando os bons, afinal, por causa da affeição que torna tudo risonho; e Suzanna chegara ao ponto em que, prevenidos por um instincto surdo, preferimos os annos passados aos que estão para vir.

Agora, a affeição de Miguel era distrahida por tantas preoccupações! Amava-a ainda, certamente, possuindo uma força de amar que resistia ás barafundas dos negocios, e uma alma de rija tempera, boa para luctar com o proprio destino.

Comtudo, já não era a mesma cousa e Suzanna tinha-o bem pouco só para ella. Assim era preciso: elle tinha o seu papel a representar, o seu jornal a dirigir, o seu partido a governar, os seus grandes projectos a executar, toda a «reconstituição moral do paiz», como elle dizia, e á qual se dedicara de corpo e alma. Sua mulher approvava esse trabalho, de certo, amava-o ainda mais por isso, animava-o. Mas emfim, esse trabalho privava-a d'elle; agora pertencia tambem aos eleitores, aos collegas, aos rivaes, aos amigos, aos protegidos, aos admiradores e ás admiradoras até: mulheres que eram attrahidas pela sua calorosa eloquencia, pelo seu amor do bem, pelo seu caracter elevado, ou simplesmente pelos seus successos e pela eterna curiosidade que lhes inspiram os celebres, e que o procuravam escrevendo-lhe, envolvendo-o n'uma atmosphera capitosa, onde corriam sopros insidiosos.

De maneira que ao amor um pouco acalmado, de out'rora, juntava-se uma leve inquietação, inconfessada, mas persistente, que o avivava.

Suzanna tinha uma confiança robusta em seu marido, é certo. Comtudo, ás vezes agitavam-a receios muito vagos. Julgava-se um pouco fraca para detel-o, para conserval-o. Envelhecia: nos seus formosos cabellos escuros já se introduziam alguns fios prateados; a cutis, a pouco e pouco adquiria tons de marfim antigo; na testa, sem a cavarem, desenhavam-se, comtudo, algumas rugas. Miguel que tinha

apenas mais quatro annos do que ella, conservava-se novo, sem um cabello branco, esbelto como um adolescente, robusto, diligente, infatigavel, como se os seus trinta e oito annos tão activos lhe não pezassem absolutamente nada. Sim, Suzanna tinha saudades do tempo em que, sentada n'uma das poltronas Luiz XIII, via Miguel trabalhar á sua mesa Henrique II, lendo tambem algum livro novo, com o olhar voluntariamente distrahido, ou puxando a agulha de algum trabalho modesto de *ménagère*. E era para viver n'esse passado que ella gostava inconscientemente de refugiar-se n'aquella saleta sem apparato, que nunca se abria senão aos amigos intimos.

N'esse dia, Suzanna estava lá com as duas filhas: Anna, muito alta para os seus oito annos, espigada, um pouco pallida sob os cabellos louros, com o rostinho pensativo illuminado por dois grandes olhos pardos, os olhos de Miguel, tinha uma expressão terna, séria, quasi melancolica; emquanto que Lourença, mais nova tres annos, quasi morena, parecia sorrir com todas as linhas do rosto, com os olhos maliciosos, com a bocca um pouco grande, com as faces redondas onde se formavam covinhas. Como era costume, as duas creanças estavam ao lado da mãe, a mais velha á direita, a mais nova á esquerda, muito socegadas, brincando silenciosamente com os anneis da mão que ella lhes abandonava.

Contendo-as com o olhar n'essa attitude tranquilla, que parecia natural á mais velha, mas que custava visiveis esforços a Lourença, Suzanna conversava com uma visita. Era Jacques Mondet, o mais intimo amigo de infancia de seu marido.

Acabava de chegar de improviso no rapido da tarde, chamado por um negocio de familia, que o arrancava por quarenta e oito horas ao lyceu de Annecy, onde fizera os primeiros estudos, na companhia de Miguel, e onde ensinava latim havia uns doze annos. Sabia que em casa de Teissier havia sempre um quarto para elle, e tinha vindo

reclamal-o, com a certeza de ser bem recebido. Effectivamente, Mondet era amigo do marido e da mulher ao mesmo tempo: os Teissier tinham passado algumas estações na sua visinhança, nas margens d'esse pequeno lago cujas ondas verdes cantavam a Miguel as suas recordações da infancia.

Os dois amigos não se largavam nunca, e Suzanna aprendendo a conhecer Mondet, que ao principio até lhe desagradava, consagrou-lhe uma singular amisade. Aquelle excellente homem, sem ambição nem fortuna, de desejos moderados, e que occultava sob apparencias um pouco toscas, uma rara nobreza de coração e uma clareza de intelligencia excepcional, parecia-lhe, como ella dizia, o «anjo bom» de Miguel; admirava-o mesmo pela sua simplicidade, pela sua rectidão, pelo seu bom senso. Ás vezes tinha inveja da mulher d'elle, qne não respirava nenhuns fumos de gloria, é verdade, mas que, ao menos, possuia o marido inteiramente, não o compartilhando senão com os seis filhos que tinha, creanças gordas, bem alimentadas, mal vestidas, e cujo barulho infernal não estorvava Mondet no seu enfadonho trabalho de emendas.

N'aquelles dois seres que se amavam, que se auxiliavam em tudo um ao outro, e que viviam com saude, via umas pessoas que acceitaram a vida como ella é, que a gosavam, que não a estragavam com desejos importunos nem com aspirações excessivas: emquanto que em Miguel havia uma especie de vacuo permanente, como que um abysmo occulto onde se ouviam rugidos surdos, de tempos a tempos,—esse mysterio das almas tempestuosas que parecem serenas, que o são, talvez, mas que um tufão pode sempre revolver até ás maiores profundezas. Mondet tambem admirava Suzanna pelo seu encanto discreto, pela sua bondade irradiante, pela sua dedicação profunda ao «grande homem» que elle estimava com affeição quasi paternal. Dizia muitas vezes a Teissier:

— Tens a mulher de que precisas, meu caro, a verdadeira, a unica... Como deves ser feliz!...

Teissier respondia:

— É verdade, sou feliz, completamente feliz...

Mas ás vezes accrescentava:

— Além d'isso, não tinha tempo de o não ser.

E Mondet então ficava perplexo, com a intuição vaga de que na engrenagem d'aquella felicidade uma das molas rangia imperceptivelmente.

Suzanna e Mondet tinham muito que dizer um ao outro; porque, nos ultimos quatro annos, isto é, durante os grandes successos de Teissier, havendo-se supprimido a villegiatura de Annecy, tinham-se visto muito poucas vezes. Conversavam, portanto, animadamente, interrompidos de vez em quando por Lourença, que abandonava a sua difficil tranquillidade. Naturalmente, logo que Mondet acabou de dar noticias de sua mulher e de seus filhos, foi a respeito de Miguel que falaram.

— Como elle tem caminhado! repetia Mondet com admiração... Sabe que, nas proximas eleições, é quasi certa a unanimidade na Haute-Savoie... Receamos apenas que elle nos abandone se o Sena o reclamar, como é provavel.

— Sim, respondeu Suzanna com um bocadinho de orgulho, é muito popular... Em toda a parte se faz justiça á lealdade das suas intenções, á sua firmeza de principios... Comtudo, isto preenche-lhe a vida toda; já não é nosso agora, é de toda a gente...

— Então o que quer? não se pode ser grande homem como *dilletante*... E elle é um grande homem realmente... Sempre o tive em grande conta, desde o tempo em que o ajudava a fazer os themas latinos, porque o latim não era o seu forte. . Comtudo, surprehendeu-me, excedeu o que eu esperava... Quando vejo o que elle tem feito em quatro annos!... a maneira genial... sim, genial... como organisou as forças conservadoras e a resistencia ao jaco-

binismo que nos perdia, o acerto das suas propostas, a habilidade da sua tactica, a sua eloquencia...

Aqui, Suzanna interrompeu modestamente:

—Devemos tambem confessar que é arrastado pela vontade do paiz, e, além d'isso, muito apoiado...

— Apoiado? disse Mondet... Hum! Por quem, não me dirá?...

— Mas, pelos que teem, como elle, a direcção do partido, por publicistas como Peyraud, por deputados como de Thornes ou Monsenhor Russel...

Mondet abanou a cabeça.

— Peyraud... de Thornes... Monsenhor Russel... Sempre queria vêr o que fariam sem Miguel, elles e os amigos!... Não, não, sei perfeitamente que é elle que sustenta o edificio... Sabe porque?... porque vale mais do que os outros!... São uns polichinellos, todos elles, não pensam, mais ou menos, senão em encher a corcova... Miguel possue um ideal, caracter, fé e vontade: cousas raras, muito raras, mesmo, e que fizeram d'elle o nosso salvador... Deve ter mudado muito desde que representa este grande papel?...

— Não, não tem!... Pelo contrario, é sempre o mesmo: um pouco nervoso, apenas, quando está excessivamente fatigado... Hoje, por exemplo, tinha de proferir um grande discurso, e se o visse ao almoço...

Mondet interrompeu:

—Elle falou hoje e vossa excellencia não estava na camara!

— Não... Elle não gosta que eu lá vá quando elle tem de falar. Eu tambem não gostava de ir: haviam de reparar em mim... E, eu não tenho esse orgulho, como sabe; o meu orgulho é outro...

— E eu que nunca o ouvi! Se soubesse, tinha partido de Annecy hontem á tarde... Não havia difficuldade n'isso... Que pena!... A que respeito falou elle?

— Fez uma proposta pedindo a suppressão da lei do divorcio...

Mondet abriu muito os olhos admirado:

— Para que quer elle supprimir o divorcio? exclamou. O divorcio é necessario, tem a sua razão de ser, o divorcio...

Suzanna interrompeu-o com vivacidade:

— Oh! Miguel tem razão!... Se o senhor o ouvisse, não dizia isso... Não se deve esquecer que, no seu systema, tudo anda ligado, a familia, a sociedade, a egreja. É um todo sagrado, cuja integridade se deve respeitar... Eu não posso explicar-lhe tudo isto, mas elle, é admiravel, quando toca n'estas questões... Estou certa de que teve hoje um successo enorme...

A bondosa physionomia de Mondet continuava a exprimir admiração; mas não quiz contradizer a sua interlocutora:

— Vossa excellencia havia de ser um bom deputado, disse elle sorrindo... Sim, sim, apoiava Miguel, tão bem como os de Thornes e os Monsenhor Russel... Deve ter razão, uma vez que vossa excellencia o diz e elle o pensa... Comtudo, é uma questão muito séria... muito séria...

A conversação, n'este momento, foi interrompida; abriu-se a porta e uma elegante rapariga entrou sem ser annunciada. As creanças correram ao seu encontro para que ella as beijasse. Ella afagou os longos cabellos de Anna e estendeu a mão a Suzanna, que lhe disse:

— Bom dia, Branca!...

— Venho cá jantar, sem ceremonia, explicou ella, se os não incommodo.

— Sabes perfeitamente que nunca nos incommodas... E hoje temos cá um amigo velho... Conheces? Tambem é teu amigo...

Branca, que ainda não tinha visto Mondet, olhou para elle e extendeu-lhe a mão:

— Ah! o sr. Mondet!. .

— M.elle Estève!... Já não me atrevo a chamar-lhe Bran-

ca; ha cinco annos que a não via... E que mudança tem feito durante esse tempo, que mudança!...

O pae de Branca, Raul Estève, natural tambem da Haute-Savoie, tinha sido amigo intimo de Teissier e de Mondet. Era um engenheiro de talento, activo, arrojado, de vastos projectos, e que morrera em pleno vigor, n'um desastre de caminhos de ferro, deixando a mulher e a filha em uma situação, se não precaria, embaraçada, pelo menos.

Teissier, substituindo um tutor inhabil, conseguiu tirar dos diversos negocios complicados em que Estève se envolvera, um capital muito consideravel, que garantia a Branca um largo futuro. Emquanto a M.me Estève, depois de um desespero ruidoso, tornou a casar-se, antes de findar o lucto, com um *clubman* muito rico e insignificante, M. de Quérieux. Não teve filhos d'esse segundo casamento, que a lançou no turbilhão de uma vida elegante a seu gosto. Á medida que crescia sua filha, que não tinha mais parecenças com ella no caracter do que no rosto, incommodava-a.

Tratou-a com indifferença; e Branca, hostil a M. de Quérieux, que lhe inspirava uma antipathia surda, infeliz n'um meio onde carecia de affeição, constrangida por habitos que lhe eram impostos, tornara-se, pouco a pouco, amiga intima dos Teissier, quasi sua filha adoptiva.

Mondet sabia todos estes pormenores. Vira até crescer Branca, quando outr'ora acompanhava as Teissier nas suas villegiaturas. Havia porém quatro annos que não tornara a vêl-a, e durante esses quatro annos ella mudara extraordinariamente. Agora era uma esbelta rapariga, cujo todo impunha por alguma cousa mais do que a belleza. Formosa, era-o de certo, mas de uma d'estas formosuras discretas que os indifferentes não admiram. A irregularidade relativa das feições impedia que se lhes notasse immediatamente a harmonia; os cabellos, á primeira vista, pareciam louros de mais para a brancura da pelle, que possuia tons

excessivamente delicados e esbatidos; longas pestanas velavam-lhe os olhos, como que para lhes occultarem um momento a extranha côr azul do Nilo, o brilho lucido, a expressão infinitamente suave e meiga. Para lhe sentir o encanto, era preciso contemplal-a durante muito tempo. Era preciso, sobre tudo vêl-a andar, com movimentos um pouco vagarosos, marcados pela graça indefinivel que vem do interior. Era preciso ouvil-a falar, com uma voz grave e cristallina, ao mesmo tempo, que dava um sentido precioso ás phrases mais insignificantes. Era preciso observar as suas maneiras, os seus gestos, o seu comedimento, respirar a atmosphera especial que d'ella emanava: então, quem assim a examinasse, sentia-se attrahido pela sympathia serena causada por uma vida interior secreta e intensa, que não se manifesta, mas que é adivinhada e da qual se faz sentir o ascendente irresistivel e triste.

— O sr. Teissier esteve hoje magnifico, disse Branca sentando-se na terceira poltrona Luiz XIII.

Parecia muito animada, como se alguns dos eccos da batalha a que acabava de assistir vibrassem n'ella ainda.

— Ah! foi á Camara? perguntou Mondet.

— Fui... com M.me de Thornes. Ella nunca o tinha ouvido. Não parece impossivel?...

— E então eu? disse Mondet.

— E eu, accrescentou Suzanna com um meio sorriso.

— Não precisa ouvil-o na Camara, disse-lhe Branca, tem-o em casa... Elle conta-lhe tudo o que faz e o que diz... Mas hoje foi mais eloquente, mais caloroso do que nunca...

— Então a proposta foi acceite? disse Suzanna.

— Não... mas é um successo, ainda assim... Fourré pediu a questão prévia... A questão prévia sobre uma proposta de Teissier!... Tambem foi regeitada, com mais de cem votos de maioria... A urgencia tambem foi regeitada infelizmente, mas depois de duas verificações só por quinze votos... A Camara vibrava, agitava-se: a Direita

murmurava, a Esquerda applaudia... Elle, então, no meio do tumulto disse, com a sua voz forte e clara, que domina todos os ruidos: «Bem, temos de recomeçar!» Ah! mas havia lá gente furiosa, até nas tribunas, que estavam cheias á cunha. Parece-me que nunca provocou um enthusiasmo assim. E bem sabe como elle está sereno no meio do rugir da tempestade.

Exaltava-se á medida que falava, a voz tremia-lhe com um enthusiasmo reprimido. Mondet então abanou a cabeça, com um gesto que lhe era peculiar e que indicava não estar d'accordo, e disse:

— Mas porque é que Miguel ataca uma questão como a do divorcio? Ha problemas excessivamente complicados, nos quaes não se deve tocar... De tempos a tempos resolvem-os n'um sentido ou n'outro, bem ou mal... Mas, depois de resolvidos, é preciso deixal-os durar um pouco. Eu não sei qual o valor da lei actual; em todo o caso, ainda não é antiga bastante para ser discutida.

— Miguel ha de convertel-o, disse Suzana quando Branca ia responder. Ahi vem elle.

Effectivamente, elle entrava. Era de estatura elevada, aspecto robusto, com um perfil muito accentuado, austero, mesmo, o cabello castanho escuro, cortado rente, o bigode retorcido.

— Boa tarde, disse elle, entrando... Olha, o Mondet! Que bom vento te trouxe por cá?

E extendeu-lhe a mão.

Mondet, porém, conhecia demais o seu amigo para não sentir ou adivinhar a leve contrariedade que lhe vibrou na voz, apesar da cordialidade das palavras e do gesto. Comtudo, ficou mais inquieto do que offendido.

— Vim tratar d'essa questãosita da herança de minha tia, respondeu elle... Fui chamado pelo tabellião... E venho de corrida, demoro-me só dois dias...

— O que, dois dias! exclamou Miguel; e a sua cordealidade era mais franca, d'esta vez. Já que fizeste gazeta,

que valha a pena ao menos... Queres uma licençasinha?... Encarrego-me de t'a obter...

— Estás bem com o ministerio, visto isso?

— Eu! Estou a ferro e a fogo... Por consequencia obtenho tudo o que quizer, se pedir alguma cousa...

— Isso que acabas de dizer, meu caro, para um homem que quer regenerar tudo... começou Mondet.

Miguel, porém, voltara-se para M.elle Estève e já não o ouvia.

— Como fez bem em vir hoje, Branca! dizia elle, pegando-lhe na mão.

A sua physionomia illuminava-se. Depois, indicando com o gesto um rapaz que entrara com elle e se conservava na sombra, accrescentou:

— Deixe-me apresentar-lhe o sr. Mauricio Peyraud, que ainda não conhecia, parece-me, apesar de ser um dos frequentadores da nossa casa.

O rapaz inclinou-se deante de Branca, que respondeu:

— Eu leio-o regularmente...

Teissier, então, dirigiu-se a sua esposa, com uma mobilidade um pouco febril:

— Bem, filha, vamos para a mesa, sim? e jantamos depressa. O sr. Peyraud tem que rever provas, esta noute. Trouxe-o comigo porque a imprensa é aqui perto.

— O jantar está prompto, respondeu Suzanna. Ha mais de tres quartos d'hora que esperamos por ti.

Nas phrases rapidas que se trocavam depois da entrada de Miguel, não havia nada, absolutamente nada de anormal. Porque foi então que Mondet sentiu uma impressão de mal estar indefinivel? Porque foi que adivinhou um constrangimento, uma angustia surda, alguma cousa, emfim, ameaçadora, pesada, cuja intuição vaga lhe opprimiu o coração? Os verdadeiros amigos teem ás vezes d'estas revelações mysteriosas que devem, de certo, á intensidade da sua affeição.

O jantar era de uma simplicidade honrosa: um d'estes

jantares insignificantes de pessoas para quem a mesa é de pequena importancia. Emquanto á conversação, foi exclusivamente politica; Peyraud sustentou-a quasi sempre, continuando a examinar a questão que a sessão do dia fizera discutir de novo. Falava com rara elegancia, com uma abundancia extraordinaria de imagens sempre exactas, procurando engenhosos pontos de vista psychologicos ou moraes. Mondet replicava-lhe com a rectidão e o bom senso que o caracterisavam. Miguel, distrahido, quasi que não ouvia, não dizia nada, ou começava de repente a falar com uma abundancia auctoritaria e nervosa.

— O senhor é um curioso, um observador, um litterato, disse elle bruscamente a Peyraud, que acabava de narrar um caso interessante de divorcio. E confesso que me admira vêl-o comnosco... não obstante conhecer que é um dos nossos bons capitães... Mas não se interessa pelos factos senão conforme as idéas que elles lhe suggerem... As suas idéas são especulação, philosophia... E, além d'isso, diverte-se sempre a examinar as diversas faces das questões; o que é um jogo inutil e perigoso... Nós, pelo contrario, somos pessoas praticas... Queremos trabalhar de preferencia a pensar, porque é ainda o unico meio de fazer alguma cousa... E note que isto não nos impede de saber perfeitamente o que queremos. Em França destruiu-se e arrazou-se tudo, durante vinte annos. Nós reconstruimos simplesmente. Entrámos n'uma casa arruinada e caruncho-sa, queremos fazer d'ella um edificio solido, cujas partes se sustentem todas, entre si. É por isso que desconfiamos da sua psychologia, e que a nossa moral é muito mais simples do que a sua...

— Estás falando como na Camara, não é verdade? disse Mondet.

— Não, não é bem assim: na Camara sou mais extenso e repito-me mais. Agora pelo que diz respeito ao fundo, tens razão, é a mesma cousa. Que queres? Não tenho uma opinião para a galeria e outra para os circulos intimos.

É preciso que te resignes a vêr-me como toda a gente, meu velho!... E isto não deve causar-te admiração, a ti que me conheces desde que existo!...

Mondet, que não desgostava de gracejar, replicou com ar malicioso:

— Olha, o que eu vejo mais claramente nos teus discursos de hoje, é que te ligaste de pés e mãos!...

Como olhassem para elle com espanto, accrescentou, voltando-se para Suzanna:

— Já se vê!... Agora póde estar perfeitamente descançada, minha senhora. Se alguma vez o grande homem tivesse alguma velleidade de se divorciar, — já não havia meio; está prompto, ligou-se elle mesmo.

Dizendo isto, o honrado Mondet desatou a rir. Mas ninguem o acompanhou. Suzanna contentou-se com sorrir tranquillamente, Miguel encolheu os hombros. Depois de um breve silencio, Peyraud continuou:

— Certifico-lhe, senhor Mondet, que nenhuma das pessoas que teem a honra de ser recebidas n'esta casa receia nada semelhante... E sabe o que constitue a maior força do sr. Teissier?... Não é a sua eloquencia nem o seu talento: é mais ainda o seu caracter e talvez, sobre tudo a bella unidade da sua vida, que ninguem poude ainda atacar sequer...

Mondet trocou um olhar com Suzanna, para lhe lembrar que era isso exactamente o que elle dizia, alguns momentos antes. Miguel, porém, despediu esta phrase, em tom brusco:

— Essas cousas, entre nós, não teem a importancia que o senhor lhes dá.

— Teem mais, talvez, do que julga, sendo irreprehensivel como é, redarguiu Peyraud. De Thornes, de quem não se póde dizer o mesmo, repetia-m'o ainda agora, durante a sessão; e sabe como elle é perspicaz. «Nós somos um povo exquisito, dizia-me elle pouco mais ou menos; a virtude parece-nos um tanto ridicula e, comtudo, precisamos d'ella extraordinariamente e sentimos-lhe a influencia.» Pela minha parte, creio que de Thornes diz a verdade.

— O que não impede, observou Teissier, que certas pessoas pouco escrupulosas façam uma bella carreira na nossa sociedade. Diel, por exemplo. Ahi tem um que não deve os seus successos á virtude! E, apesar d'isso, conserva-se immutavel no seu ministerio das colonias, não obstante os escandalos que o cercam. Veja Combel, tambem: esse ainda é mais extraordinario. Estimam-o, apesar de tudo. Elle tem atraz de si todas as torpezas que um homem póde ter no passado: historias de mulheres, historias de dinheiro. Pois isso não lhe tira a força: os proprios adversarios reconhecem que elle é um presidente de Conselho muito respeitavel... Não é verdade isto?...

Peyraud não se mostrou abalado com estes exemplos directos:

— Não é tão convincente como parece, replicou elle. Combel e Diel são excepções: o mal deu-lhes bom resultado... No ponto em que estão podem arriscar-se a tudo: nada os prejudica d'aqui para o futuro... Já não teem reputação a compromметter... Estão ao abrigo de todos os ataques: já se disse tudo, não se póde dizer mais: passam atravez de todos os escandalos...

— Parece-me que se está contradizendo, Peyraud, disse Miguel...

— Não, affianço-lhe que não estou... Deixe-me acabar... Se esses triumpham, é porque possuem uma virtude que, n'elles, substitue todas as outras: possuem a audacia...

— Oh! temos paradoxo!...

— Não!... O que é verdade para elles, só o é com respeito a elles, porque são de umas especies monstros, e, como taes, escapam á regra commum. Mas se outro homem fizer ou tiver feito a decima parte do que elles fazem, está perdido... E se esse homem fôr um homem honrado, no sentido mais severo da palavra, nem tanto é preciso para fazel-o cahir, basta um erro, uma fraqueza, um nada...

— Parece-me disse Mondet que escutava attentamente, que o sr. Peyraud tem razão: só aos maus é que se per-

doa. Portanto, Miguel, acautela-te!... Estás condemnado a virtude perpetua, meu caro!...

— Do que estamos dizendo e podiamos dizer a tal respeito, nada se applica ao sr. Teissier, disse Peyraud: elle nem ao menos conhece a tentação!...

Ninguem replicou a esta phrase, que cahiu no silencio. Depois, Miguel continuou, com mais bonhomia do que mostrara até ahi:

— Sabem muito bem, filhos, que toda a gente tem as suas fraquezas, as suas mesquinhices, e, no fundo, os homens valem tanto uns como os outros... a não ser que não valham absolutamente nada, como os Diel e os Combel... Mas, que querem? cada um de nós é escravo da sua existencia!... Eu lancei a minha em linha recta, hei de continual-a!... Se querem que lhes diga, confesso que já algumas vezes tenho desejado afastar-me um pouco d'essa linha... Sim... é verdade... Não o fiz nunca... talvez porque o meu caminho não é extremamente desagradavel...

A estas palavras, voltou-se para sua mulher, que lhe sorriu:

— Talvez tambem, continuou elle, fosse por ter o instincto do que Peyraud acaba de dizer, não obstante eu não ser psychologo nem philosopho... Talvez sentisse que a virtude é uma força... Ha sempre algum calculo nas nossas maneiras de ser...

— Bem vê que acaba por reconhecer que tenho razão, disse Peyraud... E, olhe! Quer que lhe cite outra phrase de Thornes, na mesma ordem de idéas? «A virtude, para Teissier, é um talisman...»

— Comtudo, é singular, observou Mondet, que os contrarios dêem ambos bons resultados, e que o vicio seja necessario a Diel, que se perdia se lhe désse na cabeça fazer-se homem honrado, e a virtude a Teissier, que cahiria ao mais pequeno desvio...

— Sim, é singular, disse Peyraud, mas é assim. E tal-

vez isso não seja um mal: alarga o fosso que separa os bons dos maus...

– Além d'isso, concluiu Miguel, a justiça acaba sempre por vencer: qualquer dia Combel e Diel cahem por terra, juntamente com os que valem tanto como elles. Uns sujeitos assim resistem a tudo durante um certo tempo. Admiram-os. Dizem que são fortes, o que desculpa tudo. Depois, um bello dia, basta um sopro para os derrubar. E então que queda, meus amigos!... Já temos visto alguns exemplos: lembrem-se da questão Caffarel, com todas as suas consequencias... Pois ainda se hão de vêr mais liquidações como essa!...

Tinham-se levantado da mesa. Miguel acabou de pé a sua tirada, terminando-a com um grande gesto affirmativo e decidido. Voltaram para a saleta, onde Suzanna serviu o café, ajudada por Branca. Peyraud, depois de engulir a sua chavena rapidamente, sahiu, pedindo desculpa da pressa. O circulo tornou-se então completamente intimo. Teissier, que não fumava, offereceu um charuto a Mondet:

— Tens muito bons charutos, exclamou este, depois das primeiras baforadas; e não te serves d'elles... São para os teus amigos politicos, não?...

— Está claro.

— Recebes muito, visto isso?

D'esta vez foi Suzanna que respondeu:

— Temos quasi sempre alguem de fóra.

— Tambem sahem muito, provavelmente?...

— Mais do que eu desejava, em todo o caso, disse Teissier.

— E isso diverte-te?

— Ah! absolutamente nada, podes crêr!... Não vês, — tu, que vives socegado no teu cantinho d'Annecy, onde os dias parecem todos os mesmos, — nem podes imaginar como eu estou ás vezes fatigado, exhausto, aborrecido da minha vida... Pesa sobre mim esta vida, como uma montanha: e não posso fugir-lhe...

—Queixa-te, se te parece: um homem que é o que tu és, que faz o que tu fazes...

—Ora! que importa isso?... Ha momentos em que a face humana me é odiosa... Sim, esses seres que impropriamente denominamos o proximo, tornam-se-me insupportaveis... Queria fugir d'elles e do barulho que fazem, e ir não sei para onde, com os meus... e com alguns amigos... um pequeno numero de amigos... e levar ahi uma vida descançada, sem constrangimento, sem cuidados, sem idéas...

Emquanto Miguel dizia isto, o olhar de Mondet seguia-o com uma expressão interrogativa e penetrante. Elle notou-o, ficou embaraçado, calou-se:

—Falas de um modo singular, disse-lhe Mondet depois de um breve silencio, para um homem que persegue um grande fim, que se preoccupa com questões elevadas, que quer moralisar o paiz, melhorar a sociedade. Se os teus collegas ou os teus eleitores te ouvissem...

Miguel interrompeu-o, encolhendo os hombros.

—Mas não ouvem!... Elles vêem unicamente uma das minhas physionomias, a que eu mostro a todos... Mas ha outra, a verdadeira...

A voz tornava-se-lhe surda.

—Quererás dizer com isso, perguntou Mondet com uma especie de angustia, que o teu papel não é mais do que uma attitude?... que és um sceptico como os outros?... que te agarraste a esse bordão por te parecer que era o melhor?...

Teissier protestou:

—Não, não pensas semelhante cousa!... Eu creio no que digo, desejo o bem com todas as forças da minha vontade... Mas, que queres? Ha horas de desalento, de fraqueza, de duvida... de duvida de nós mesmos... Tu chegaste n'uma d'essas horas...

Mondet tornou a abanar a cabeça:

—Não comprehendo muito bem, disse elle .. Parece-

me que uma tarefa como a tua devia absorver-te completamente, contentar-te, fazer-te feliz.

— Depois, voltando-se para Suzanna, que ouvia em silencio, accrescentou:

— Para que o deixa falar assim?...

— Como quer que o evite? respondeu ella... Isto succede-lhe mais vezes do que pensa... Se soubesse como elle anda nervoso!... Esta vida publica tira-lhe a saude, a força, e tambem um bocadinho do coração. . Amaldiçôo-a bastantes vezes, acredite! Desejava poder arrancal-o a estas preoccupações... Mas é impossivel: ha de conservar se na brecha até ao ultimo instante...

Houve um momento de silencio. Foi Mondet quem o interrompeu, dizendo em tom serio e reflectido:

— Afinal, para um homem como este, cheio de imaginação, sensivel, vibrante, talvez não seja um mal ter muito em que pensar... Elle precisa d'isto, minha senhora... Quem sabe se, de outra maneira, vossa excellencia não teria razões mais graves para estar inquieta!...

— Além d'isso, declarou Miguel, o que nós dizemos não tem grande importancia... Todos n'este mundo são arrastados pela existencia, ninguem pode fazer tudo o que quer...

Dizendo isto, levantou-se e foi sentar-se ao lado de Branca, que ficara desviada do grupo, sem tomar parte na conversação; e poz-se a falar com ella a meia voz, emquanto Suzana e Mondet continuavam a sua conversa. Este duplo áparte prolongou-se bastante. Depois, como Mondet bocejasse por duas ou tres vezes, Suzanna exclamou:

— Mas o senhor está esfalfado, já não póde mais!... E eu que não me lembrava d'isso e estou a obrigal-o a falar, a falar...

— É o caminho de ferro, minha senhora... Aquelle diabo do caminho de ferro, quando se não está costumado...

—Pois então, o seu quarto deve estar prompto... Ande, venha! Eu vou comsigo para vêr se não falta nada...

E levantou-se; Mondet deu as boas noutes a Branca e a Miguel, e sahiu com Suzanna.

Então, na pequena salinha intima houve um momento de silencio: Branca e Miguel trocaram um olhar rapido, em seguida olharam ao mesmo tempo para a porta, escutando, ambos, o ruido abafado dos passos que se afastavam sobre os tapetes do vestibulo. Depois tornaram a fitar-se, d'essa vez sem constrangimento, e Miguel, ajoelhando aos pés de Branca, pegou-lhe nas mãos e cobriu-lh'as de beijos.

Ficaram assim um momento, silenciosos, entregues completamente um ao outro, pondo n'aquella ligeira caricia, a unica a que se atreviam, toda a alegria e toda a angustia dos seus desejos irresolutos, do seu amor doloroso, que uma lucta incessante tornava ainda mais forte, que os torturava e embriagava, alternativamente, e que a vontade de ambos continha sem poder destruil-o. Não falavam e diziam tudo. As mãos de Branca apertavam levemente as de Miguel; as suas respirações tornavam-se offegantes.

Era como que a tempestade cuja electricidade o bondoso Mondet sentira no ar durante toda a noute. Depois, como um ruido vago, um estalar de madeira, um nada os assustasse, Miguel ergueu-se e disse, muito depressa:

—Emquanto estamos sós...

E, tirando uma carta da algibeira, passou-a a Branca que, escondendo-a rapidamento no corpo do vestido, lhe deu em troca outra. Depois, como elle tornava a pegar-lhe nas mãos, ella perguntou-lhe:

—O que me diz n'esta carta?

—Verá... respondeu elle. Sempre a mesma cousa!... Que a amo, que a amo, e que sou muito infeliz...

Ella apertou-lhe as mãos:

—Infeliz?...

—Oh! não é agora, n'estes raros momentos em que es-

tou comsigo, em que tenho a illusão de que lhe pertenço... Mas depois, o resto do tempo, sempre!... Sim, quando trabalho sem pensar no que faço, quando falo sem pensar no que digo, e quando estou só... Olhe, ainda hoje, na tribuna...

Ella interrompeu-o:

— Falou tão bem!...

— Não sei, não ouvi o que disse!... Pensava em Branca, como sempre...

— Mas não olha para mim, apesar d'isso!...

— Era por estar falando... ah! com certeza que o percebeu... por estar falando contra nós ambos, contra o meu coração!... Mondet não julgava dizer uma cousa tão acertada, ainda agora: sim, liguei-me de pés e mãos... ligueinos a ambos, infelizmente!... E esta idéa fazia-me esquecer tudo o mais... Todos os projectos insensatos que tenho feito desde que a amo. desabavam... Comprehendia mais claramente, a cada phrase que proferia, que Branca nunca seria minha, nunca... visto que eu destruia a nossa unica esperança, a nossa unica taboa de salvação... E tinha desejos de gritar, de tal maneira as minhas palavras me queimavam dolorosamente...

Branca retirara as mãos, ao ouvil-o, com um «oh!» de admiração.

— Sim, continuou elle, nunca lh'o disse, mas pensei-o muitas vezes... Afinal havia aquelle meio, o divorcio...

Ella fez um movimento como se quizesse pôr-lhe a mão na bocca:

— Cale-se, Miguel... Não diga essas cousas, peço-lhe!... Para que as diz? Sabe perfeitamente que não são mais do que palavras, que isso é impossivel!...

— É impossivel, sim, tem razão... Mas eu pensava n'isto constantemente, acabava por pensar que não era tão impossivel como parecia... Esta idéa não me deixava... Então eu quiz expulsal-a...

— Fez bem!... Querido Miguel; não esqueça o que me

tem dito tantas vezes: nós somos senhores das nossas acções, não dos nossos sentimentos; temos o direito... será verdade? não sei... temos o direito de nos amarmos, emquanto não fazemos soffrer ninguem...

— Sim, é verdade, disse isso, pensei-o, ainda o penso... Mas já não tenho forças, amo-a de mais!...

Ella aproximou-se:

— Nunca é de mais!...

— Sim, sim... Devia ser forte... Devia tel-o sido principalmente... Ah! creia que me odeio, que me desprezo por não ter sabido conter-me e occultar o que sentia!... Perturbei-lhe a existencia, roubei-lhe a felicidade que podia vir a ter...

— Não diga isso; pois se eu sou feliz!...

Ao mesmo tempo, n'essa grande necessidade que todas as mulheres teem de consolar o amado, logo que elle parece soffrer, dando-lhe toda a felicidade que encerram, essa necessidade feminina de caricias generosas e beneficas, começou a passar-lhe a mão pelos cabellos, com um movimento natural, muito terno, calmante.

Estavam assim, quasi felizes, esquecidos, em todo o caso, esquecidos d'elles mesmos, do que os ameaçava, do que os separava, do que a vida e o dever extendiam entre os seus labios, que queriam unir-se, quando a porta se abriu sem que ruido algum os tivesse prevenido; e não viram Suzanna parar á entrada, avançar um passo, com a mão no coração, mortalmente pallida, comprimindo um grito, e afastar-se, em seguida. Estiveram ainda um momento como que absortos um no outro, fitando-se nos olhos, não dizendo quasi nada. Depois, um pouco mais tarde, como se tivessem encontrado uma especie de satisfação na fadiga do seu desejo insaciado e da sua lucta, conversaram, sentados um ao lado do outro, serenamente, de fórma que não havia nada de extraordinario nas suas maneiras quando Suzanna entrou e tomou parte na conversa, com ar natural. A reunião prolongou-se ainda um instante,

monotona, penosa, mesmo, como succede muitas vezes entre pessoas fatigadas e que, conhecendo-se muito e não tendo nada que dizer umas ás outras, se entregam ao cançasso e abandono.

Quando davam dez horas, veiu um creado annunciar que a carruagem de M.elle Estève a esperava. Branca levantou-se, trocou um aperto de mão com Miguel e beijou Suzanna, que empallideceu e fechou os olhos. Nem uma palavra, nem um gesto, cousa alguma exterior trahiu o drama aberto entre estes tres seres. Comtudo, quando Branca sahiu, Miguel notou que sua mulher parecia ter difficuldade em estar de pé.

— O que tens tu? perguntou-lhe elle affectuosamente.

Ella respondeu, com a sua voz natural:

— Não me sinto muito bem, esta noute...

— Não te sentes bem?. . tornou elle com solicitude.

— Oh! não é nada, não te inquietes... Um bocadinho de cançasso... Hoje fiz muitas compras... O somno ha de restabelecer-me... Boa noute!...

Deu-lhe a testa a beijar. Miguel pousou n'ella os labios, que escaldavam.

— Sobes? perguntou ella ainda...

— Não, é muito cedo... Vou trabalhar um bocado no meu gabinete...

Pegou n'um candieiro e sahiu primeiro do que ella. Suzanna repetiu a sua recommendação de todas as noutes:

— Não te cances muito!...

Elle, já a sahir da porta, voltou-se para responder:

— Não tenhas receio... Bem sabes como isto é solido!...

Então, depois de Miguel ter fechado a porta, Suzanna, exhausta de forças, deixou-se cahir n'uma poltrona, soluçando. Não podia duvidar do que os seus olhos tinham visto. Mas, do mesmo modo que as pessoas fulminadas por um lucto inesperado, não conseguia ainda levar a imaginação até ao fim da sua desgraça. Repetia mentalmente:

«Está acabado», sem comprehender bem o sentido d'esta phrase tragica. Perguntava a si mesma: «O que hei de fazer?» sem adivinhar todas as angustias d'esta pergunta. E a noute lançava as suas horas tristes sobre aquella dôr que procurava reconhecer-se.

Miguel, esse não pensava na supposta doença da mulher. Tambem não trabalhava. Sentando-se á mesa do escriptorio, empurrara, afim de arranjar um pequeno espaço, o montão de papeis que a cobria; tirando da algibeira a carta de Branca, tinha-a lido e relido; e, antes de queimal-a, como sempre fazia, copiara, afim de guardal-o em algum esconderijo discreto, este fragmento que o fizera scismar por muito tempo:

«... Nunca lhe contei que me succedeu ter, ha já alguns dias, uma especie de sonho, extranho e delicioso. Tinha pensado muito no nosso amor sem esperança, culpado, assustador, e estava triste, desesperada, mesmo. Não via cousa nenhuma no futuro, parecia-me que a cabeça me ia estalar de fadiga e de dôr. E, se soubesse! de repente, senti uma tranquillidade deliciosa, ao mesmo tempo que via claramente o que podia e devia ser para si. Comprehendi que entre nós existia um laço excepcional e indefinivel, uma especie de fraternidade em amor. Seria mais do que sua irmã, visto que haveria um segredo entre nós ambos; mais do que amiga, porque sei quanto me ama; mais do que esposa: vendo-me tão pouco, não teria occasião de se enfastiar de mim; mais do que amante, porque não haveria vergonha no nosso amor. Quando eu envelhecesse, o seu amor modificar-se-hia, unicamente; e se eu partisse, chorar-me-hia, mas sem amargura e sem remorsos. Então, senti-me tão feliz que adormeci tranquillamente; o que não me succedia havia muito tempo...»

Miguel esteve ainda meditando por largo espaço sobre este fragmento da carta, que o enchia de immensa alegria

por se sentir tão amado, e, ao mesmo tempo, de desespero causado pela idéa de que só uma vontade quasi sobrehumana podia evitar que aquelle grande amor se tornasse inteiramente culpado.

Perguntava a si mesmo, elle, tambem, como a que soluçava na saleta abandonada:

«O que hei de fazer?» E, se não soffria da mesma maneira que ella, um d'estes golpes mortaes que nos esvasiam o coração, pelo menos media, com immensa dôr, o abysmo que se cavava na sua consciencia e a distancia infinita que o separava para sempre da felicidade.

Emquanto a Branca, depois de atravessar os luxuosos vestibulos d'aquella casa indifferente onde o seu coração nunca tinha encontrado um echo, fechara-se no seu quarto para lêr tambem a carta de Miguel:

«... Se soubesse, dizia elle entre outras cousas, como eu lhe agradeço e a bemdigo do intimo do coração!... Se soubesse como a acho nobre e generosa e como a admiro por me ter esse amor que nada pode esperar, que nunca será mais do que sacrificio, dôr e abnegaçao!... Nunca me preoccupei muito com as cousas do coração, na minha vida excessivamente exterior, e, de repente, Branca revelou-me todos os segredos. Agora comprehendo bem o sentido das palavras que me escapavam, do mesmo modo que comprehendo muitas cousas até aqui inexplicaveis para mim. Ou antes, sinto-as, sinto-as com a alma. Sim, comprehendo e sinto que temos agora uma nova existencia, a qual nos pertence, a nós unicamente. Comprehendo e sinto o que ha de profundo, temivel, cruel, divino e delicioso, no segredo que nos une. Comprehendo e sinto que, juntos, guiados um pelo outro, penetrámos n'um mundo cujas portas se conservam fechadas para muitos; porque o nosso amor não pode dar-nos alguma alegria senão erguendo-se acima do amor. É culpado, bem sei, porque é prohibido, porque está condemnado á dissimulação e á

mentira. E, comtudo, parece-me que, até certo ponto, podemos laval-o da mancha que o cobre, parece-me que podemos até ser ennobrecidos por elle.

Será illusão? N'esse caso, seria realmente imperdoavel n'um homem como eu, que devia conhecer a existencia bastante, pelo menos, para evitar um erro tão grosseiro de coração e de consciencia. Mas, que importa! não posso deixar de sorrir quando penso na opinião que formariam de nós, se soubessem. Sim, rio-me d'isso, de tal maneira me é indifferente tudo o que não é o seu amor; e absorvo-me na felicidade de amal-a, e calculo a alegria que teria em sacrificar-lhe tudo, se n'esse tudo não entrassem tres seres innocentes que devo defender e salvar de mim mesmo; e a dôr que sinto de não poder cousa nenhuma, de ter a felicidade ao alcance da mão sem me ser possivel apoderar-me d'ella, porque não devo fazel-o, sim, essa dôr faz-me comprehender que o nosso amor contem em si mesmo a sua maior desculpa, porque é forte e porque se sacrifica...»

Branca lia e relia; e, emquanto algumas lagrimas cahiam sobre o papel, perguntava a si mesma por que fatalidade o amara, sabendo que elle nunca poderia pertencer-lhe e que por sua causa teria que envelhecer sem ter conhecido a alegria de amar sem reservas e de ser amada livremente, essa alegria que possuem todas as noivas, todas as esposas, todas as mães?...

(Continua).

Édouard Rod.

OS CANTORES RUSSOS

A pequena aldeia de Kolotovka era, antigamente, propriedade de uma senhora edosa que tinha a alcunha de tosquiadora, por causa do seu caracter emprehendedor e avido. Hoje pertence a um allemão de S. Petersburgo. Situada sobre um monticulo, esta aldeia é atravessada por um barranco hediondo que passa pelo meio da rua. As aguas da primavera e do outomno conservam-se n'essa cavidade e separam a aldeia em duas partes, pouco distantes uma da outra, mas muito differentes. A profundidade d'essa especie de rio é consideravel; o leito é de barro e não se póde lá deitar nem uma passadeira.

O aspecto não é agradavel, e, comtudo, nos arredores não existe um habitante que não conheça este logarejo e não o visite muitas vezes.

Á entrada do barranco ergue-se uma casinhola, isolada do resto da aldeia.

O tecto, de colmo, é encimado por uma chaminé; a casa tem uma unica janella para o lado do barranco, e, no inverno, quando essa janella está illuminada, assemelha-se a um olho penetrante, no meio das trevas.

Vê-se de longe; serve de estrella conductora aos que viajam no meio dos nevoeiros e com o tempo encoberto.

Uma taboa pintada de azul enfeita a porta da isba, que é simplesmente uma taberna, ou como se diz na aldeia um pritynni. A aguardente não é menos cara ahi do que em outra parte, mas é a melhor do sitio; por isso, o tio Nicolau Ivanytch tem sempre grande freguezia.

É um homem vigoroso, de faces vermelhas e frescas. Agora está um pouco nutrido, os cabellos embranqueceram-lhe, as feições engrossaram-lhe com a gordura, mas conserva o mesmo ar benevolo e agradavel.

Vive na aldeia ha mais de vinte annos; é forte e diligente e possue o dom de attrahir os freguezes, não os tratando com amabilidades extraordinarias.

Agrada estar em casa d'elle, sob o seu olhar paternal e obsequiador. É perspicaz, investigador, conhece a fundo a existencia de todos os que o cercam, mas nunca distribue reprehensões ou lisonjas; conserva-se tranquillamente na sombra do balcão.

Quando a taberna está vasia, senta-se á porta e trava conversação com os passantes.

Tem visto e observado muito: quantos fidalgos elle conheceu que iam a sua casa fornecer-se de aguardente! quantos se arruinaram! quantos morreram já! As auctoridades civis respeitam-o e o *stanovoi* nunca passa defronte da sua isba sem o cumprimentar. É verdade que Nicolau tem prestado alguns serviços: ha tempos prendeu um ladrão e obrigou-o a restituir o que roubára.

Ivanytch é casado; a mulher, antigamente, era delgada e esbelta, mas agora engordou bastante. Soube merecer a confiança absoluta de seu marido, que lhe entrega as chaves e a direcção dos negocios, e sabe fazer-se respeitar exactamente como Nicolau.

Teem filhos ainda pequenos, mas já intelligentes e maliciosos, como o indicam as suas cabeças finas, de rapozas.

Uma tarde do mez de julho ia eu caminhando ao longo do barranco; estava um calor de abrazar.

No ar voava uma poeira esbranquiçada que soffocava.

Os corvos, com as pennas erriçadas, o bico entreaberto, pareciam implorar compaixão; só os pardaes continuavam a chilrear, perseguindo-se uns aos outros com a mesma vivacidade, cantando e gorgeando.

Eu morria de sêde. Os habitantes d'esta aldeia não teem poço, contentam-se com a lama liquida que lhes fornece um tanque proximo. Como essa especie de lodo me repugnava, resolvi pedir a Nicolau um copo de kwass ou de cerveja.

O aspecto da aldeia, que não é attrahente em tempo algum, torna-se absolutamente horroroso durante esta epocha.

A luz deslumbrante do sol deixa vêr melhor a fealdade dos tectos de colmo. O barranco profundo, o largosinho onde vagueiam miseravelmente algumas gallinhas eticas, o tanque negro, que tem de um lado, um grande circulo de lama, e do outro, um dique em ruinas, e, mais longe, a praia, onde um rebanho de carneiros procura por todos os lados um raminho d'erva.

Entrei na aldeia; as creanças contemplavam-me com ar de espanto; abriam muito os olhos para me verem melhor, emquanto os cães ladravam furiosamente.

Passados alguns minutos cheguei ao prytinni.

Um aldeão de estatura elevada appareceu, de repente, á entrada da casa; estava em cabello, e o casaco de pelles que vestia era justo ao corpo por um largo cinto. Devia ser um doorovi.

Tinha o rosto magro, e na testa cheia de rugas cahia-lhe uma farta cabelleira grisalha. Estava chamando alguem e não parecia muito certo nos movimentos, indicio seguro das numerosas libações que fizéra.

—Anda, gritava elle com voz rouca, franzindo as sobrancelhas espessas. Anda d'ahi; parece que não te podes arrastar; vamos, irmão, avia-te.

O homem a quem o aldeão se dirigia era baixo, repleto e coxo; vinha do lado direito da isba.

Trazia uma comprida tunica, muito aceada, e um barrete muito agudo que lhe cobria a testa, dando-lhe á physionomia uma expressão ainda mais maliciosa. A bocca era um sorriso perpetuo, fino e amavel.

— Aqui estou, meu caro, disse elle, approximando-se da taberna. Para que me chamas? o que ha de novo?

— O que ha de ser? O que é que se vem fazer á taberna, meu amigo? Já estão aqui uns poucos á tua espera: Iacka o Turco, Diki Barine e o empreiteiro de Jisdra. Apostaram um quartilho de cerveja por aquelle que cantasse melhor.

— Iacka vae cantar, disse o recemchegado; quero dizer, Morgatch.

— Serio, irmão? não é para me obrigarem a entrar?

— Não, disse Obaldoni, cantam, com certeza, porque é uma aposta.

— Bem, entremos, disseram elles, e, curvando-se, transpuzeram o limiar da taberna.

Esta conversação interessara-me porque tinha ouvido falar de Iacka o Turco como de um cantor notavel. Querendo julgar pelos meus ouvidos, andei mais depressa e entrei na isba.

Ha poucas pessoas que saibam como é uma taberna de aldeia; só os caçadores conhecem algumas, porque entram em toda a parte.

Estes estabelecimentos constam quasi sempre de uma antecamara escura e de um grande compartimento dividido em dois por um tabique; os freguezes não podem transpor esse tabique, onde ha uma abertura que deixa observar o que se passa do outro lado. Dentro ha uma grande mesa de carvalho, e é n'essa especie de balcão que o dono da casa vende as bebidas. Defronte do tabique estão muiras garrafinhas de *chtofs* cuidadosamente rolhadas. A sala onde se juntam os compradores contem, geralmente, algu-

mas pipas vasias, um banco e uma mesa; na parede vêem-se imagens grosseiras ás quaes chamam *loubot-chnyla*.

Quando entrei achava-se reunida uma sociedade numerosa. Nicolau, atraz do balcão, sempre com o seu ar alegre, e de bom humor, servia dois copos de aguardente aos recemchegados.

No meio da casa estava Iacka o Turco. Era homem de vinte e cinco annos, pouco mais ou menos, de rosto magro e pallido, corpo delgado e comprido.

Apesar de parecer que não gosava muita saude, as suas faces cavadas, as maçãs do rosto salientes e os olhos pardos indicavam uma alma apaixonada.

Estava dominado por grande commoção; os membros tremiam-lhe, a respiração era desegual, sentia a agitação invencivel que se apodera de quem vae cantar ou falar em publico.

Ao lado d'elle estava um homem de quarenta annos, alto e forte; esse formava um contraste perfeito com Iacka; os hombros largos ligavam-se bem aos braços fortes e nervosos; a pelle era levemente acobreada, como a dos Tartaros; a sua physionomia, á primeira vista, parecia cruel, mas a serenidade da reflexão tornava-a mais suave.

Raras vezes erguia os olhos; dirigia um olhar furtivo em torno de si, como um touro debaixo da canga. Vestia uma sobrecasaca já no fio, e a gravata que trazia ao pescoço estava reduzida a um cordel. Tal era o homem a quem Obaldoni chamara Diki-Barine. Defronte d'elle estava sentado o empreiteiro, rival de Iacka.

Era homem de estatura mediana, mas bem proporcionado; tinha o rosto picado de bexigas, o cabello crespo, o nariz realçado por olhinhos de um verde claro, e a barba sedosa.

Falava pouco; tinha as mãos cruzadas debaixo das pernas, e abanava, ora o pé direito, ora o esquerdo; deixava assim observar as suas botas encarnadas que não eram destituidas de elegancia.

Trazia um *armiak* de panno cinzento por cima de uma camisa escarlate franzida no pescoço.

Os raios do sol passavam atravez das janellas, mas a humidade e a escuridão eram taes, na isba, que não se dava por isso.

O calor insupportavel do mez de julho transformava-se, ahi, n'uma frescura humida que nos envolvia, como uma nuvem cheia d'agua.

A minha entrada pareceu incommodar os freguezes de Nicolau; mas, como viram este dar-me os bons dias, inclinaram-se.

Sentei-me a um canto, ao lado de um aldeão de camisola esfarrapada.

— Então! exclamou de repente, Obaldoui. E, depois de esvasiar o copo de aguardente de um trago, proferiu algumas palavras extravagantes.

— Porque não se começa? O que dizes, Iacka?

— Comecem, disse Nicolau.

— Quando quizerem, replicou o empreiteiro, sorrindo com ar de confiança.

— Bem, disse Iacka, comecemos já.

— Vamos, meus filhos, disse Morgatch em voz de falsete, toca a principiar.

Em vez de annuirem ao pedido geral, os cantores conservaram-se silenciosos; o empreiteiro nem ao menos se levantara.

— É tempo de começar, exclamou Diki-Barine.

Iacka estremeceu.

O empreiteiro ergueu-se e tossiu.

— Quem canta primeiro? perguntou elle, com a voz um pouco alterada, a Diki-Barine, que continuava immovel no meio da casa.

— Tu, empreiteiro, tu, irmão, gritaram todos.

Elle encolheu os hombros, olhou para o tecto com ar inspirado, e calou-se.

— Tirem á sorte, disse Barine, e ponha-se o quartilho de cerveja em cima do balcão.

Nicolau curvou-se, pegou n'um copo de quartilho que estava no chão e pôl-o em cima da mesa.

Diki-Barine olhou para Iacka e disse:

— Então?

O rapaz vasculhou nas algibeiras, tirou de lá um kopek e marcou-o com um signal particular.

O empreiteiro tirou debaixo do cafetan uma bonita bolsa de couro e escolheu um kopek novinho em folha. As duas moedas foram para dentro do velho *bonet* de Iacka.

Morgatch metteu a mão no *bonet* e tirou o kopek do empreiteiro; a assembléa suspirou; ia-se começar, finalmente.

— O que hei de cantar? perguntou o empreiteiro.

— O que quizeres, responderam-lhe; nós julgaremos com consciencia.

— Deixem-me tossir, primeiro, disse elle, para aclarar a voz.

— Vamos, vamos! gritou a assembléa, despacha-te.

O paciente olhou para o tecto, suspirou, encolheu os hombros e deu alguns passos.

Antes de descrever a lucta que ia realisar-se entre os cantores, talvez seja bom dar a conhecer o caracter e os habitos de cada um dos assistentes.

Obaldoni, cujo verdadeiro nome era Evgraf Ivanof, recebera esta alcunha dos aldeãos por causa da sua apparencia insignificante, mas sempre atarefada. Era um vadio, um dvoroui expulso pelo amo, e que, sem um real de seu, levava uma existencia divertida, á custa dos outros. Tinha suppostos amigos que, segundo elle dizia, lhe davam chá e aguardente, o que era falso, porque a companhia de Obaldoni era bem pouco agradavel para merecer presentes. A sua tagarellice continua, a sua familiaridade indiscreta e o seu riso convulso chegavam, até, a aborrecer.

Não sabia cantar nem dançar, nunca se lhe ouvia dizer

uma phrase intelligente; os aldeãos estavam costumados a vêl-o nas reuniões e aturavam-o como se atura um mal inevitavel. Diki-Barine era o unico que exercia alguma influencia n'elle.

Morgatch não se parecia em cousa nenhuma com o seu camarada; tinham-lhe dado este nome injustamente, porque elle não piscava os olhos; é verdade que na Russia ha uma tal mania de pôr alcunhas, que estas nem sempre são das mais acertadas.

Apesar de todas as minhas diligencias para conhecer o passado d'este homem, algumas epochas da sua vida são-me absolutamente desconhecidas, e parece-me que os habitantes da aldeia não estão mais bem informados do que eu. Soube que tinha sido cocheiro de uma senhora edosa e que fugira com a parelha que lhe tinham confiado.

Conheceu depressa os dissabores da vida errante porque, no fim de um anno, voltou estropiado e miseravel, e foi deitar-se aos pés da ama. Alguns annos de vida exemplar fizeram esquecer essa falta, e chegou até a cahir no agrado da velha fidalga, que o nomeou seu intendente. Depois do fallecimento da ama, achou-se, não se sabe como, liberto e inscripto no numero dos burguezes; fez-se colono, negociou e, em pouco tempo, viu-se senhor d'uma pequena fortuna. É homem experiente, que procede unicamente por calculo e para seu interesse; é circumspecto e atrevido como a rapoza; tagarella como uma velha, nunca diz uma palavra de mais e obriga os outros a dizerem o que queriam occultar. Não se finge imbecil, como muitos fazem; os seus olhos maliciosos e penetrantes sabem vêr tudo sem o darem a conhecer; é um verdadeiro observador.

Quando emprehende um negocio, julga-se que é elle que perde; comtudo, dirige as cousas com acerto e acaba, quasi sempre, por triumphar.

É feliz, mas crê nas superstições e nos presagios. Pouco estimado na aldeia, não se preoccupa com isso e conten-

ta-se com ser considerado. Tem um unico filho que educa em sua casa.

É o pae escripto e escarrado, dizem os velhos, quando, á noute, sentados á porta, conversam ácerca de differentes cousas do seu tempo.

Iacka o Turco e o empreiteiro são muito menos interessantes. O primeiro, que tinha tambem a alcunha de judeu, era assim denominado por sua mãe pertencer a esta nação; era artista, mas via-se obrigado a trabalhar n'uma fabrica de papel.

O empreiteiro devia ser burguez; tinha as maneiras desembaraçadas e decididas que se notam nas pessoas d'esta classe. O mais interessante e mais curioso era Diki-Barine.

O caracter rude espalhado em toda a sua pessoa, causava admiração a quem o via pela primeira vez. Tem a saude de um Hercules, talhado a golpes de machado, n'um carvalho enorme, mas n'esse carvalho ha vida que chegava para dez homens; e, comtudo, apesar d'esse exterior grosseiro, possue uma certa graça, ou talvez o sentimento que a consciencia da sua força lhe inspira.

É difficil dizer, á primeira vista, a que classe pertence este homem. Não é um dvoroni nem um sem eira nem beira; não póde ser um burguez, nem um escriptor, nem um personagem qualquer importante. Um bello dia chegara ao districto e disseram que era um odvonoretz reformado, mas não havia provas d'isso. Ninguem sabia quaes eram os seus meios de existencia; não tinha profissão, e, comtudo, nunca lhe faltava dinheiro. Não se importava com pessoa alguma, vivia tranquillamente, dando, ás vezes, alguns conselhos que eram sempre seguidos.

Levava uma existencia casta, bebia muito pouco; mas gostava apaixonadamente de ouvir cantar. Emfim, n'aquelle homem havia o que quer que fosse enygmatico; parecia dotado de força prodigiosa, mas conservava-se sempre sereno, porque um presentimento secreto advertia-o de que, se o deixassem, essa força destruiria tudo o que encontras-

se na passagem; incluindo até, a pessoa que a continha.

É provavel que já o tivesse experimentado. O que n'elle me impressionou, sobre tudo, foi a delicadeza de sentimento que reunia a uma crueldade nativa.

Nunca se me deparou semelhante contraste.

Mas voltemos ao momento em que o empreiteiro se adeantara para o meio da casa. Fechou os olhos e começou a cantar com voz de falsete, agradavel apesar de não ser muito pura.

Fazia vibrar o instrumento como se estivesse brincando com um bello diamante, expondo-o aos raios do sol; eram notas finas e ligeiras, pequenas gotas d'agua purissima, chuva de melodias que cahiam, deslumbrantes e suaves, remates de *trillos* grandiosos; parava, em seguida, e, depois d'esses intervallos que nem davam tempo a que se respirasse, continuava, com um fogo que arrebatava a alma.

Um amador sentir-se-hia encantado com a audição d'aquella voz; mas um Allemão achal-a-hia insupportavel.

Era um tenor ligeiro, um *tenore di grazia* russo. Juntava á canção uma tal quantidade de ornatos, de *fioritures*, de trillos, de grupettos, que me custou a perceber-lhe o sentido; ainda assim, distingui estes versos:

Hei de ter, hei de lavrar
Um cantinho de jardim,
Para dar á minha bella
Malmequeres e alecrim.

O empreiteiro não ignorava que tinha de haver-se com entendedores; por isso fazia toda a diligencia possivel para commover o auditorio. Conseguiu-o perfeitamente quando, em uma escala fina e ligeira, passou da voz de barytono para a de tenor. Diki-Barine e Obaldoni não puderam conter um grito de admiração.

— Muito bem! sobe mais, rapaz, anda, anima-te assim, ou Herodes que perca sempre!

Nicolau, sentado atraz do balcão, abanava a cabeça com ar de contentamento; Obaldoni batia o compasso e movia os hombros em cadencia.

Animado, o cantor soltou um gorgeio cheio de trillos, de requebros, emfim, uma torrente de sons brilhantes, até inclinar a cabeça para traz, exhausto, fazendo ouvir o ultimo grito. O auditorio respondeu-lhe com applausos phreneticos. Obaldoni saltou-lhe ao pescoço, cercando-lh'o com os braços compridos e ossudos, quasi a ponto de o suffocar. O rosto largo de Nicolau cobriu-se de rubor juvenil, e Iacka exclamou com enthusiasmo:

— Ah! que bem que o patife cantou!

O meu visinho, o aldeão esfarrapado, bateu com o punho na mesa, dizendo:

— Muito bem! que diabo! muito bem! E cuspiu no chão.

— Ah! que belleza! que encanto! gritava Obaldoni, sem largar o empreiteiro, que estava esfalfado. Ganhaste, sim, continuava elle, Iacka não é capaz de te egualar.

E tornou a abraçar o empreiteiro com effusão.

— Larga-o, maldito, bradaram os outros, não vês que o homem está cançado? Pegaste-te a elle como uma folha molhada.

— Então que se sente, gritou Obaldoni; eu vou beber por conta d'elle, não é verdade? dá licença?

O cantor fez um gesto de consentimento e deixou-se cahir, exhausto, em cima de uma cadeira.

— Cantaste bem, disse Nicolau, accentuando a phrase como quem sabe o valor das palavras; agora vamos ouvir Iacka.

— Sim, elle cantou muito bem, muito bem, exclamou, de repente, Polekha, a mulher do taberneiro.

— Ah! a gorducha da Polekha, gritou Obaldoni; quem te chamou cá, Polekha? ah! ah!

— Calas-te, animal? exclamou Diki-Barine.

— Não estou fazendo mal nenhum, resmungou Obaldoni, sim... isto é unicamente...

— Vamos ... cala-te, disse Barine.

E, dirigindo-se a Iacka:

— Principia, irmão.

— Não sei o que é isto, disse elle, mas tenho o que quer que seja na garganta, não posso ...

— Nada de tolices, exclamou Nicolau; avia-te e vê se cantas tão bem como o empreiteiro.

Iacka esteve algum tempo com a cabeça escondida entre as mãos, depois encostou-se á parede. Estava pallido como um defuncto e mal podia abrir os olhos.

Afinal, exhalou um suspiro e começou.

O primeiro som foi tremulo, fraco; parecia um ecco vago, longinquo, e produziu um effeito singular.

O seguinte foi mais largo, mais arrojado; o artista atacou a voz de cabeça com uma habilidade incrivel; sabia manejar o instrumento e fez vibrar as notas altas com um talento extraordinario.

Ficámos, todos, extasiados, quando elle entoou a canção melancolica: «Muitos atalhos levam ao bosque florido.» Estas palavras causaram um effeito maravilhoso; eu tinha ouvido poucas vozes tão bellas como a de Iacka, exprimindo tão bem a paixão, o desespero, a serenidade e a alegria.

Era uma verdadeira canção russa, um canto que ía direito ao coração.

Iacka animava-se cada vez mais, e entregava-se á inspiração que o dominava, communicando-a aos assistentes.

Esta scena fez-me accudir outra ao espirito.

Lembro-me de que um dia, á hora em que a maré começava a baixar, estava eu á borda de uma praia onde as vagas íam quebrar-se ruidosamente. Uma gaivota de azas brancas pousou ali perto; voltara-se para o mar côr de purpura, e, de quando em quando, abria as azas enormes para saudar as ondas e o disco do sol... Aqui está em que eu pensava vendo Iacka immovel, defronte de nós, empregando toda a sua alma no canto e arrebatando-nos com as suas formosas melodias.

Cada nota grave tinha o que quer que fosse grandioso, vago, como o horisonte das steppes; as lagrimas começavam a vir-me aos olhos, quando ouvi soluçar ao meu lado.

Voltei-me; era a mulher de Nicolau que chorava, encostada á janella.

Iacka dirigiu um olhar para esse lado, e, d'ahi em deante, a voz tornou-se-lhe ainda mais encantadora e mais bella. Estavamos muito excitados e não sei como isto acabaria se o cantor não parasse, de repente, no meio de uma nota aguda.

Ninguem se moveu, ninguem disse uma palavra; não estavamos ali. Iacka transportara-nos para um mundo novo.

— Iacka, disse, afinal, Diki-Barine descançando-lhe a mão no hombro, e calando-se, em seguida.

O empreiteiro ergueu-se, aproximou-se d'elles e ouvimol-o balbuciar com muito custo:

— Foste tu... ganhaste...» E sahiu logo da taberna. Quando elle desappareceu, o encanto que se apoderara de todos começou a dissipar-se.

Obaldoni deu um pulo, rindo e agitando os enormes braços. Morgatch felicitou o artista e Nicolau não teve remedio senão offerecer outro quartilho de cerveja. Diki-Barine estava contente; o sorriso que lhe pairava nos labios formava um contraste singular com a expressão habitual da sua physionomia.

Emquanto ao aldeão de camisola, chorava como uma creança, e, de tempos a tempos, ouviamol-o gritar:

— Quero que me esfolem se elle não cantou bem!

Iacka saboreava o seu triumpho; mandou buscar o empreiteiro, mas não foi possivel encontral-o. Obaldoni arrastou o cantor para o balcão, repetindo:

— Canta mais; has de cantar até á noute.

Eu fui-me embora depois de olhar mais uma vez para Iacka. O calor era excessivo, a atmosphera abrazava; o azul do ceu parecia estar semeado de pontos luminosos.

Não se ouvia o mais leve ruido e essa tranquillidade augmentava o esplendor da natureza.

Prostrado pelo cansaço, cheguei a um logar onde havia um alpendre e extendi-me em cima da erva cortada de fresco.

O cheiro do feno embriagava-me; estive muito tempo sem conseguir adormecer, com a voz de Iacka resoando-me ao ouvido.

A fadiga e o calor venceram, afinal, e não acordei senão ao anoutecer. Os ultimos alvores do crepusculo desappareciam no horisonte e já se via o brilho scintillante de algumas estrellas. A temperatura resentia-se do calor que houvera durante o dia e obrigava a espiar, com ancia, a mais leve aragem.

Na aldeia brilhavam algumas luzes e a janella do taberneiro estava ainda muito illuminada. Levado pela curiosidade, dirigi-me para a *isba* de Nicolau; olhei atravez dos vidros e o que vi causou-me repugnancia; os homens com quem eu estivera, n'essa tarde, ainda lá se conservavam, mas em completo estado de embriaguez; Iacka cantarolava uma canção qualquer, gaguejando, emquanto o aldeão de camisola e Obaldoni tentavam dançar.

Nicolau, na qualidade de taberneiro, era o unico que conservava a sua dignidade; estavam tambem alguns freguezes que haviam entrado depois de eu sahir; Diki-Bariue já se retirara.

Afastei-me da janella e desci o montinho onde a aldeia se acha situada.

O nevoeiro cobria a planicie e parecia confundir-se com a terra. Eu caminhava ao acaso, quando o som de uma voz infantil me chegou ao ouvido.

— Antropka, Antropka!

Parou, e continuou logo em seguida. Essa voz resoava no meio do silencio nocturno; gritou trinta vezes, pelo menos; afinal, do extremo da planicie, ouvi alguem responder-lhe: O que é... é... é... é?

— Vem cá para o pae te bater, gritou a creança. A outra voz não respondeu, e ella continuou a chamar sem descanço. Afastei-me e entrei n'um bosque que precede a minha aldeia. A escuridão era profunda; o nome de Antropka ouvia-se ainda debilmente, muito ao longe.

Ivan TOURGUENEFF.

AMO E CREADO

(Continuação)

III

Vassili Andréitch seguiu então o velho na isba, e Nikita entrou com o trenó pela porta que Pétrushka acabava de abrir, indicando-lhe que puzesse o cavallo ao abrigo do vento no alpendre. O solo estava ali coberto por uma camada muito espessa de estrume, e a duga, muito alta, foi de encontro a uma das traves do tecto. Immediatamente o gallo e as gallinhas, empolleirados na trave e saccudidos por effeito do choque, desataram a cacarejar mostrando assim o seu descontentamento. Os carneiros, alarmados, escarvaram o estrume gelado com os pés e retrocederam. Um cão, evidentemente ainda novo, latiu com um uivo desesperado.

Nikita dirigiu a toda a companhia algumas palavras amaveis: desculpou-se para com as gallinhas dizendo que não pretendia incommodal-as, censurou aos carneiros o seu susto sem fundamento e não cessou de exhortar o cão, emquanto prendia o cavallo á mangedoura.

— Assim, sim; assim, sim; isto vae bem, disse Nikita, saccudindo a neve do fato. Ora vejam este grulha, continuou elle falando do cão; mas cala-te, animal; então, pa-

ras com a musica, tolinho? Olhe que com isso só consegues cançar-te; olha que nós não somos ladrões...

— É como os tres conselheiros, disse o mancebo empurrando com os seus braços robustos o trenó debaixo do alpendre.

— Quaes conselheiros? perguntou Nikita.

— Isto é uma cousa que anda impressa no «Pulson!» [1] Um ladrão approxima-se, ás escondidas, da casa, os cães ladram; quer isto dizer: Cautela; o gallo canta, quer isto dizer: Levanta-te; o gato lava-se, quer dizer: Está para chegar um hospede, e portanto prepara-te para recebel-o bem, — recitou o mocetão com um sorriso franco.

Pétruskha era um letrado e sabia quasi de côr o livro de Paúlson, o unico que possuia, e, mormente quando tinha uma pinguita a mais, — o que agora succedia — gostava de citar as maximas do seu livro quando julgava a proposito fazel-o.

— É verdade, é, disse Nikita.

— Supponho que estarás com frio, ó tiosinho, ajuntou Pétrushka.

— Sim, um pouco, disse Nikita.

E atravessando o pateo entraram para a isba.

IV

A casa onde descançara Vassili Andreitch era uma das mais desafogadas da aldeia. A familia possuia cinco lotes de terreno [2] e tinha muitos outros que dava de arrendamento. Afóra isso possuia dez cavallos, tres vaccas, dois bezerros e uns vinte carneiros. Essa familia compunha-se

---

[1] Paúlson, (e não Pulson) auctor de uma chrestomatia elementar.

[2] Lotes de terrenos concedidos aos camponezes libertados da servidão pelos seus antigos senhores.

de vinte e duas pessoas: quatro filhos casados, dez netos, dos quaes só Petrushka era casado, dois bisnetos, tres orphãos e quatro noras com seus respectivos filhos. Era uma das raras familias que não haviam dividido o terreno em lotes [1]. Mas aqui ainda a influencia dissolvente das animosidades entre mulheres, que desde muito existiam no choco, deviam trazer comsigo fatalmente a partilha. Dois filhos trabalhavam em Moscou, no mister de aguadeiros, um outro era soldado. N'esta occasião estavam em casa o velho e a velha, o filho senhor ou chefe [2], um filho que viera de Moscou para assistir á festa e todas as mulheres com seus filhos. Havia ali tambem um hospede, o starosta, seu visinho.

Na isba, acima da mesa, estava suspensa uma lampada com o seu guarda-luz, illuminando brilhantemente os copos para o chá, uma garrafa de agua ardente, os tijolos encarnados das paredes e as imagens santas, collocadas no canto de honra, entre duas gravuras.

Proximo da mesa e no logar principal, assentava-se Vassili Andreitch, que despira o casacão de pelles entretendo-se em sugar os frocos de neve do bigode, e examinava a isba e os seus habitantes com os seus olhos esbugalhados de açor. Proximo estavam: o velho da barba branca e calvo, com a sua blusa tecida em casa, e, ao lado, o filho que viera de Moscou, espadaudo, hombros largos, pescoço de gigante, vestido com uma blusa de tecido indiano; finalmente o outro filho, o mais velho, que dirigia a casa, e o starosta, um mujik secco e magro, de cabellos ruivos.

Os mujiks, depois de terem bebido aguardente e comido

---

[1] O camponez russo, até aos nossos dias laborava geralmente a terra em commum não sómente por familias, mas até por aldeias inteiras.

[2] Em cada familia de mujik, o pae tem uma auctoridade absoluta que cede por exemplo em favor de um de seus filhos, quando se acha velho. Esse filho torna-se então obedecido de todos.

um pouco, preparavam-se para tomar o chá. O samovar cantava já no chão perto da lareira. No *polati* [1] e no fogão estavam as creanças. Sobre os *nary* [2] estava assentada uma mulher, junto de um berço. A mãe, uma velha, cujo rosto estava cheio de gelhas em todo o sentido e que chegavam até aos labios, forcejava por bem servir Vassili-Andréitch.

Na occasião em que Nikita entrou na isba, a velha apresentava a Vassili Andréitch aguardente n'um pesado gomil de vidro.

— Faze-nos a honra de acceitar, Vassili Andréitch; não pódes escusar-te n'um dia de festa, disse o velho.

A vista e o cheiro da aguardente, sobretudo n'esse momento em que se sentia tranzido e fatigado, impressionaram fortemente Nikita. Franziu as sobrancelhas, sacudiu a neve do boné e do kaftan, postou-se deante do oratorio, e, como se não vira pessoa alguma, persignou-se e saudou as imagens por tres vezes. Depois voltou-se para o velho, saudou-o e a todos que se achavam á mesa e as mulheres que se conservavam proximo da lareira, e por fim tirou o casacão sem olhar para a mesa.

— Como tu estás todo coberto de neve, tio! disse o filho mais velho, ao vêr o rosto e a barba de Nikita.

Este tirou o kaftan, sacudiu-o novamente, suspendendo-o perto da chaminé e approximou-se da mesa.

Offereceram-lhe então aguardente. Houve n'elle um momento de lucta dolorosa; esteve prestes a acceitar o copo para despejar na bocca o liquido transparente e aromatico, mas olhou para Vassili Andréitch, lembrou-se do juramento que

---

[1] Especie de sobrado falso, prolongamento da plataforma do fogão e que se apoia na parede opposta da isba. Este sobrado, bem como o fogão ou lareira de pedra e cal que existe em todas as isbas, é onde dormem os habitantes da casa.

[2] Especie de leito de campanha, feito de taboas, como os polati, mas collocado mais abaixo.

fizera, lembrou-se das botas que vendera para com o producto se emborrachar, do tanoeiro, do filho a quem promettera comprar um cavallo na primavera; suspirou e recusou.

— Obrigado; não bebo, disse elle com ar carrancudo; e assentou-se no banco proximo da janella.

— E porque não bebes? perguntou o filho mais velho.

— Não bebo, porque não bebo, respondeu Nikita sem levantar os olhos; e olhando de esguelha para a barba, chupava os farrapos de neve suspensos nas guias do bigode.

— Não o deve fazer, disse Vassili Andréitch mastigando um biscoito para preparar o paladar á aguardente.

— Então, bebe chá, disse a boa velha. Tu deves estar gelado até aos ossos, pobre amigo. Olá, babas, que esperam vocês com o samovar?

— Está prompto, respondeu uma rapariga, e, sacudindo com o avental o bule do samovar que fervia em cachão, trouxe-o com esforço e collocou-o pesadamente na mesa.

Entretanto, Vassili Andréitch contava como se havia perdido, como por duas vezes tinham vindo dar á mesma aldeia, como haviam andado errantes encontrando mujiks bebados.

Os outros admiravam-se, explicavam onde e porque se tinham perdido, quem eram os bebados que haviam sido encontrados e diziam como e por onde se devia ir.

— Até Molchanovka, uma creança póde ir sósinha; não é preciso mais nada do que tomar pela volta da estrada principal. Ha lá uma moita. Pelo que vejo não foram até lá, dizia o starosta.

— O melhor é dormirem aqui, pois não é verdade? As *babas* preparar-lhe-hão uma cama, disse a velha em tom persuasivo.

— E quando fôr madrugada, tornam a pôr-se a caminho. Seria isso melhor, apoiava o velho.

— Impossivel, irmão. Tenho negocios urgentes, respon-

deu Vassili Andréitch. Uma hora de atrazo que fosse, não bastaria um anno para recuperar o perdido, accrescentou elle pensando na madeira e nos mercadores que poderiam roubar-lh'a.

— Nós havemos de chegar sem grande difficuldade, não é assim! dizia dirigindo-se a Nikita.

Este não respondeu logo, sempre occupado ao que parecia, em degelar a barba.

— Com tanto que não nos percâmos outra vez, respondeu elle por fim com ar soturno.

Estava mal humorado porque o atormentava um desejo louco de aguardente, e porque o chá, que só poderia acalmar esse desejo ainda lhe não fôra servido.

— Mas bastará apenas chegar á volta da estrada e ahi não nos poderemos perder de fórma alguma, pois que teremos sempre a floresta até ao termo da nossa viagem, replicou Vassili Andréitch.

— Isso é lá comsigo. Vassili Andréitch. Partir? pois bem: partamos! disse Nikita tomando o copo de chá que lhe extendiam.

— Tomemos o chá, e a caminho!

Nikita não respondeu; coçou a cabeça e, deitando com precaução o chá no pires, poz-se a aquecer as mãos ao vapor do liquido.

Em seguida depois de ter trincado um torrão de assucar, saudou a companhia e disse:

— Á saude de todos!

E sorveu o liquido consolador.

— Se alguem tivesse a bondade de nos acompanhar até ao ramal, disse Vassili Andréitch.

— Isso póde fazer-se, respondeu o filho mais velho. Petrushka atrelará o trenó e conduzir-vos-ha até ao ramal.

— Pois então arranje o trenó, e eu saberei agradecer-lhe tão grande serviço.

— Não, não, meu thesouro, disse a obsequiadora velha; consideramo-nos felizes por te prestar um serviço.

— Petrushka; vae lá atrelar a egua, disse o filho mais velho.

— Póde-se fazer, disse Petrushka com um sorriso.

E immediatamente tirou o boné do cabide e correu a engatar o vehiculo.

Durante este tempo, a conversação recomeçou no ponto em que fôra interrompida com a chegada de Vassili Andréitch. O velho lamentava-se deante do seu visinho, o starosta, porque o seu terceiro filho não lhe tivesse mandado nada para a festa, emquanto que elle enviara um fichu francez para a sua nóra.

— Os rapazes de agora já não respeitam, disse elle.

— Isso é bem verdade, disse o starosta, e por este andar não se sabe onde chegaremos. Já se julgam muito espertos. Vejam Demochkine que até quebrou um braço ao pae. É de intelligente, pois não acham?

Nikita escutava, examinava as physionomias e tinha visivelmente desejo de se intrometter na conversa, mas estava bastante occupado com o chá e limitava-se a dizer com a cabeça que sim. Bebia copos sobre copos e sentia um calor agradavel penetrando-lhe cada vez mais pelo corpo.

A conversação continuou sobre o mesmo assumpto: as desgraçadas consequencias da partilha, e não era evidentemente uma discussão academica, porque se tratava da partilha exigida pelo segundo filho ali presente, o qual guardava um silencio moroso. Certamente tratava-se de uma questão irritante que preoccupava todos os membros da familia, mas, por prudencia evitavam o agital-a deante de extranhos.

Finalmente, o velho não poude mais conter-se, e, com as lagrimas na voz, disse que emquanto vivesse, não auctorisaria a partilha, que na sua casa, graças a Deus, não faltava cousa nenhuma, e que se se fizessem partilhas, cada qual ficaria reduzido a mendigar.

— Succederia o que succedeu aos Matveiev, disse o sta-

rosta. Era uma casa farta e quando se separaram, ninguem ficou com cousa nenhuma.

— É o que tu queres tambem, filho, disse o velho voltando-se para o filho.

O filho nada respondeu, e fez-se um silencio, que sobre todos pesava, interrompido por Pétrushka que, tendo atrelado a egua ao trenó, tornára a entrar havia alguns momentos e escutava sorrindo.

— É como se lê no Pulson. Ha lá uma fabula, disse elle. O pae ordenou aos filhos que quebrassem uns feixes de varas. Não puderam quebral-as todas de uma vez, mas conseguiram n'o quebrando uma a uma. É a mesma cousa, continuou elle com o seu sorriso franco... Está prompto, accrescentou elle.

— Visto isso, partamos, disse Vassili Andréitch. Quanto á partilha, avôsinho, não cedas. Foste tu que ganhaste o patrimonio, és tu que és dono d'elle. Vae antes ao juiz de paz; de certo que este arranjará bem as cousas.

— Esse homem faz tanta chicana, repetia o velho resingando, que não ha meio de ninguem se entender. Dir-se-hia o diabo em pessoa.

Entretanto Nikita, que gualdira o seu quinto copo de chá, não se decidia a voltal-o. [1] Esperou pelo contrario que lh'o enchessem outra vez. Mas o samovar estava vazio, e a dona da casa não poude satisfazel-o. Além d'isso Vassili Andrêitch embrulhava-se no seu segundo casacão. Restava apenas partir. Nikita levantou-se por seu turno, repoz no assucareiro o torrãosinho de assucar trincado por todos os lados, limpou com a aba do casacão o suor do rosto e dirigiu-se para o seu kaftan.

Depois de bem agasalhado, suspirou profundamente, deu os agradecimentos aos seus hospedeiros, saudou-os e passou d'esse aposento quente e claro para o vestibulo escu-

[1] É voltando a bocca do copo contra o pires que os mujiks indicam que não querem beber mais.

ro e frio onde soprava o vento e onde a neve penetrava pelas frinchas da porta. Depois sahiu do pateo escuro.

Pétrushka, envolvido na sua pelliça, estava no meio do pateo, proximo do seu cavallo e recitava, sempre sorrindo, uns versos extrahidos de «Pulson.» Diziam assim:

Escondem nuvens a celeste esphera
Remoinha a neve em furiosa dansa
Ora ruge o tufão como uma fera
Ora imita os vagidos da creança.

Nikita coçava a cabeça em signal de assentimento e punha as redeas a geito.

O velho, acompanhando Vassili Andréitch trouxe para o vestibulo uma lanterna para alumiar a estrada; mas o vento apagou a luz immediatamente. Até no pateo se podia ver perfeitamente que a tempestade de neve era cada vez mais violenta. «Que tempo! pensou Vassili Andréitch, é muito possivel que não cheguemos ao nosso destino, mas que fazer? Os negocios acima de tudo! E além d'isso já me levantei para partir, o cavallo do meu hospedeiro está já atrelado! Com a ajuda de Deus havemos de chegar.»

O velho pensava por seu turno que era uma imprudencia o pôr-se a caminho, mas já insistira com os viajantes para que ficassem, e elles não tinham querido escutal-o.

— Naturalmente porque já sou velho é que me torno medroso. Hão de chegar ao seu destino, pensou comsigo. Ao menos deitar-nos-hemos como é nosso costume, á nossa hora e sem cuidados.

Pétrushka, por sua vez, via que era perigoso partir, tinha algum receio, mas por cousa alguma d'este mundo deixaria adivinhar tal sentimento.

Fazia-se valente, e os versos: «Escondem nuvens a celeste esphera» davam-lhe forças para fazer das tripas co-

ração, porque exprimiam o que se passava n'esse momento.

Quanto a Nikita, não tinha o menor desejo de se pôr a caminho, mas havia muito que se acostumara a não ter vontade sua, e sim a dos outros.

D'este modo ninguem poz impedimentos aos viajantes.

V

Vassili Andréitch approximou-se do trenó ás apalpadellas no meio da escuridão, trepou para o vehiculo e tomou as redeas.

—A'vante! gritou elle.

Pétrushka, de joelhos sobre o seu trenó, fustigou o cavallo. Mukhorty, que relinchava, havia alguns instantes, porque sentia, lá adeante, lá adeante, uma egoa, partiu logo, e d'ahi a pouco acharam-se na rua. Atravessaram outra vez a aldeia seguindo pela mesma estrada, passando deante do mesmo pateo onde pendia a roupa gelada que agora não se podia já distinguir, deante do mesmo alpendre quasi sepultado na neve, deante dos mesmos vimes que se curvavam com o mesmo zunido e o mesmo ruido surdo, e novamente entraram n'esse mar de neve onde tudo era tempestade,—em cima e em baixo. O vento era tão violento que, quando soprava de lado, fazia pender os trenós e impellia os cavallos. Pétrushka caminhava na frente, obedecendo ao galope curto da egoa, e de tempos a tempos, gritava animando os outros. Mukhorty seguia a egoa.

Ao cabo de dez minutos, Pétrushka voltou-se, e disse gritando qualquer cousa que nem Vassili Andréitch nem Nikita puderam ouvir por causa do vento. Mas comprehenderam que haviam chegado á volta da estrada. Com effeito, Pétrushka cortou á direita, e o vento que vinha de lado, soprou outra vez de frente. A' direita lobrigava-se

atravez da neve o quer que fosse negro. Era a mouta do ramal da estrada.

— Vão com Deus!

— Obrigado, Petrushka!

— «Remoinha a neve em furiosa dansa», gritou Pétrushka, e desappareceu.

— Vês tu este versejador! disse Vassili Andréitch, e sacudiu as redeas.

— Sim, um bom folgazão, um verdadeiro mujik, disse Nikita.

E proseguiram a sua rota.

Nikita envolvia-se melhor nos seus abafos, e enterrando a cabeça nos hombros ao ponto da barba lhe occultar o pescoço, conservava-se silencioso e procurava não perder o calor que armazenara com o chá! Via deante de si as linhas rectas dos varaes, que lhe pareciam os lados de uma estrada terraplenada. Distinguia a garupa do cavallo, movendo-se com o nó da cauda sempre desatado por effeito da borrasca, e, mais longe a alta duga, a cabeça aos balanços do animal e o pescoço cujas crinas fluctuavam ao vento. Em certas occasiões distinguia os postes, o que lhe indicava que estavam sem duvida alguma na estrada e que não havia motivo para inquietações.

Vassili Andréitch afrouxava as redeas deixando ao cavallo o cuidado de seguir o caminho. Mas Mukhorty, posto que tivesse descançado na aldeia, trotava sem grande enthusiasmo, parecendo até disposto a abandonar a estrada, de sorte que Vassili Andréitch teve por vezes de o fazer voltar a ella.

— Cá está um poste á direita, cá está outro; cá está o terceiro, contava Vassili Andréitch, e em frente lá está a floresta, pensava comsigo, forcejando por lobrigar uma mancha negra que divisava ao longe.

Mas o que elle suppunha ser a floresta não era senão uma moita. Passaram por ella e andaram ainda uns cin-

coenta metros. Já não havia indicios de postes nem de floresta.

«Mas afinal deviamos já ter topado com a floresta,» pensou comsigo Vassili Andréitch; e excitado pela agua ardente e pelo chá, obrigava o cavallo a andar.

O valente animal, docil, obedecia e caminhava ora a passo, ora a trote, para aonde o conduziam, bem que elle por instincto soubesse que não o levavam aonde deviam.

Passaram-se ainda uns dez minutos; mas a floresta teimava em não apparecer.

— Creio que nos perdemos outra vez, disse Vassili Andréitch fazendo parar o cavallo.

Nikita, sem dizer palavra, desceu, e segurando o kaftan que o vento lhe collava ao corpo ou tentava arrancar, foi explorar a neve. Procurou de um lado, procurou do outro, escavando, repetiu tres vezes a exploração, até desapparecer absolutamente. Por fim voltou e tirou as redeas das mãos de Vassili Andréitch, passando-as para as suas.

— É preciso ir para a direita, disse elle, com um tom brusco e decisivo, fazendo voltar o cavallo.

— Se é para a direita, vamos para a direita, disse Vassili Andréitch entregando-lhe as redeas e enterrando as mãos completamente geladas no forro de pelles das mangas. Se ao menos nos levasse outra vez para Grischkino! disse elle.

Nikita não respondeu.

— Vamos, amigo, coragem! gritou para o cavallo.

Mas este, apesar dos estalos das redeas, marchava apenas a passo. A neve dava-lhe por vezes pelos joelhos.

Nikita tirou o pingalim do seu sitio proprio e fustigou o garrano. O valente Mukhorty, que não estava acostumado ás chicotadas, sobresaltou-se bruscamente, largou a trote, mas a pouco trecho alterou outra vez o passo, voltando ao meio trote. Caminharam assim por espaço de cinco minutos. Estava escuro e a neve desencadeava-se por tal fórma em turbilhões, em cima e em baixo, que, por

vezes não se distinguia nem a propria duga. O trenó parecia immovel sobre a estrada, que andava em sentido contrario. De repente o cavallo estacou, farejando evidentemente qualquer cousa inesperada. Nikita saltou rapidamente a terra, largou as redeas e aproximou-se da cabeça do cavallo para reconhecer a causa que o fizera parar; mas dera apenas um passo adeante do cavallo quando sentiu que os pés lhe escorregavam, indo rolar para uma cova profunda.

Tpru, tpru, tpru! [1] dizia a si mesmo fazendo vãos esforços para parar. Mas só parou no fundo da ribanceira, onde se enterrou até á cintura n'uma espessa camada de neve.

Uma porção de neve, amontoada no bordo do coval, sacudida por effeito da queda de Nikita, abateu sobre este soterrando-o até ao pescoço.

— Eh! diabos! vocês sempre são!... gritou elle n'um tom de censura, á cova e ao monte de neve, saccudindo o pescoço.

— Nikita! Olá, Nikita! chamou Vassili Andréitch de cima.

Mas Nikita não lhe respondeu. Não tinha tempo para isso, saccudia-se; além d'isso deixara cahir o pingalim quando escorregara e procurava-o. Achando-o, quiz tornar a trepar pela rampa, pela qual rolara. Mas foi em vão; cada vez que tentava fazel-o escorregava, e teve de procurar mais longe uma sahida mais facil.

A alguns metros do logar por onde cahira, conseguiu a custo trepar, de mãos e pés, até ao alto do barranco, seguindo pela borda do mesmo até ao ponto onde devia estar o cavallo. Não viu, porém, nem cavallo nem trenó; mas, como andava contra o vento ouviu o grito de Vassili Andréitch e o relincho de Mukhorty que o chamavam antes mesmo de os ter visto.

— Ahi vou, ahi vou. Que estás tu para ahi a dar cabo

---

[1] Exclamação russa para fazer parar os cavallos.

das goelas? disse elle. Foi só ao chegar muito proximo do trenó que poude distinguir o cavallo e Vassili Andréitch que estava proximo e que agora lhe parecia mais avantajado de fórmas que do costume.

— Onde pregou o diabo comtigo? É preciso mudar de rumo. Ao menos voltemos para Grischkino, dizia com bom humor o patrão para o creado.

— Por feliz me daria se ali fossemos dar, Vassili Andréitch, mas por onde ir? Aqui ha uma cova tão funda que uma vez cahido n'ella não será possivel nunca mais sahir. Andei por lá aos baldões por tal fórma que julguei que deixava lá os ossos.

— E então! Nós não podemos ficar aqui, é forçoso ir para alguma parte, disse Vassili Andréitch.

Nikita não respondeu. Tornou a subir para o trenó voltando as costas ao vento e descalçou as botas para sacudir a neve. Em seguida, pegou n'uma pouca de palha e metteu-a cuidadosamente na bota para tapar o buraco.

Vassili Andréitch conservava-se silencioso, como para deixar a Nikita plena liberdade de acção. Depois de se calçar de novo, Nikita enterrou as pernas na palha do trenó, tornou a calçar as luvas, pegou nas redeas e dirigiu o cavallo ao longo do covão.

Mal porém tinham andado uns cem passos, quando o cavallo estacou de novo; era outro barranco.

Nikita tornou a descer e poz-se a procurar na neve. Depois de ter andado ao acaso durante muito tempo, tornou a apparecer finalmente do lado opposto.

— Ainda estás vivo, Vassili Andréitch?

— Presente, respondeu este. Que ha?

— O que ha é que é impossivel vêr cousa alguma. Está escuro como breu, e por aqui não ha senão barrancos. É preciso seguir sempre a direcção do vento.

E tornaram a partir.

De novo Nikita marchava e cahia na neve; por fim completamente extenuado, parou junto do trenó.

— Então, perguntou Vassili Andréitch.

— Então o quê! não posso mais. E o cavallo não quer andar.

— Que fazer pois?

— Espera um pouco.

Nikita tornou a afastar-se e voltou em breve.

— Segue-me, disse elle pondo-se adiante do cavallo.

Vassili Andréitch já não dava ordens, fazendo apenas o que Nikita lhe dizia.

— Por aqui; é ir sempre n'esta direcção! gritou Nikita caminhando rapidamente sobre a direita, e, agarrando Mukhorty pela cabeçada, dirigiu-o sobre um montão de neve.

O cavallo resistiu primeiramente; depois, n'um impeto, deu um salto d'onde estava, esperando galgar o montão, mas não o conseguiu, enterrando-se até ao pescoço.

— Desce! gritou Nikita a Vassili Andréitch, que continuava a permanecer no trenó.

E sem esperar, Nikita, agarrando o vehiculo por um dos varaes, esforçou-se por fazel-o avançar.

— E' difficil, irmão, disse elle a Mukhorty; mas que fazer? faz das fraquezas forças! hue! hue! mais um pouco!

O cavallo puxou uma vez, segunda vez, mas não conseguiu desenterrar-se. Movia as orelhas, cheirava a neve pondo o focinho sobre o montão, como se quizesse reflectir.

— Vejamos, irmão; isso não tem geito, dizia Nikita com voz persuasiva a Mukhorty; vamos; mais uma avançada!

E Nikita agarrou n'um dos varaes, e Vassili Andréitch fez outro tanto do outro lado. O cavallo sacudiu a cabeça e immediatamente puxou o trenó.

— Hue! hue! tu não te has de afogar, anda! gritou Nikita.

Um salto, um outro, um terceiro, e o cavallo sahiu afinal do montão de neve e estacou resfolegando e impando. Nikita quiz leval-o para mais longe; mas Vassili Andréitch

estava de tal modo suffocado por causa dos dois abafos que trazia vestidos, que lhe era já impossivel marchar, deixan-se cahir sobre o trenó.

—Deixa-me respirar, disse elle desatando o lenço que trazia enrolado ao pescoço.

—Aqui está-se melhor; tu pódes ficar, disse Nikita; eu vou tratar de passar com o cavallo.

E deixando Vassili Andréitch no trenó, fez avançar o cavallo mais uns doze passos e deteve-o.

Posto que o logar onde Nikita parava não fosse n'um vão, comtudo estava um tanto abrigado. Havia momentos em que por detraz d'esse abrigo, o vento parecia amainar, cousa passageira, porque a tempestade, como para ganhar esse tempo perdido de repouso, soprava em seguida com força decupla e redemoinhava com maior violencia.

Uma d'essas rajadas de vento chegou na occasião em que Vassili Andréitch, tendo retomado o folego, sahia do trenó e se approximava de Nikita para ambos examinarem a sua situação e procurar remedial-a. Tiveram de agachar-se muito depressa e esperar que a violencia do turbilhão cessasse.

O proprio Mukhorty tambem se agachava e escondia a cabeça entre as pernas.

Quando houve um pouco de bonança, Nikita tirou as luvas mettendo-as por dentro do cinturão, e, depois de têr soprado nas mãos, desprendeu as redeas da duga.

—Então que fazes tu ahi? perguntou Vassili Andréitch.

—Estou desatrelando o carro; pois que hei de eu fazer? Não posso mais, respondeu Nikita em tom de desculpa.

—Mas não poderemos chegar a qualquer parte?

—Não; com isso só fatigariamos o cavallo inutilmente. Bem vês o estado em que elle se acha; pobre animal!

E Nikita apontava para o pobre Mukhorty, resignado, prompto para tudo, e cujos flancos, alagados em suor, se dilatavam por fórma que mettia dó vel-o.

— É forçoso passar a noute aqui, accrescentou elle, como o diria se se achasse n'uma pousada.

— Mas não morreremos dc frio? exclamou Vassili Andréitch.

— E que tem isso?! morrerás se não puderes fazer outra cousa.

VI

Com os seus dois abafos de pelles, Vassili Andréitch sentia bastante calor, mórmente depois dos esforços que acabara de fazer. Mas um calafrio percorreu-lhe todo o corpo quando comprehendeu que era forçoso passar a noute n'esse logar. Para se tranquilisar um pouco, subiu para o trenó e tirou da algibeira cigarros e phosphoros.

Nikita acabava de desengatar o cavallo. Tirou a cilha, despregou as redeas e a mancella [1], retirou a duga, continuando sempre a falar ao cavallo para o animar.

— Anda; vem, vem, dizia elle, fazendo-o sahir dos varaes. Ficarás aqui... Dar-te-hei uma pouca de palha e tirar-te-hei o freio, tornou o mujik, procedendo consoante dizia... Has de comer e não te porás triste.

Mas Mukhorty não parecia tranquilisar-se com o discurso de Nikita, *piafava*, encostava-se ao trenó, voltava a garupa ao vento e esfregava a cabeça contra a manga de Nikita.

Comtudo, como se não quizesse recusar a palha que Nikita lhe apresentava, Mukhorty puxou rapidamente por uma pouca de palha, mas logo decidiu que não era esse o momento asado para se occupar de comida, e deixou-a cahir; o vento levou-a n'um prompto, cobrindo-a de neve.

— Agora estabeleceremos um signal, disse Nikita voltando a dianteira do trenô contra o vento e prendendo os

---

[1] Correias com que se prendem as duas extremidades da duga aos varaes.

dois varaes que levantava para o ar: quando a neve nos cobrir de todo, as almas compassivas nos encontrarão, graças aos varaes, e desenterrar-nos-hão; é assim que os nossos velhos nos ensinaram a fazer.

Entretanto, Vassili Andréitch, afastando a pelliça, esfregava phosphoro sobre phosphoro contra a caixa sem conseguir accender o cigarro, porque as mãos tremiam-lhe e o vento extinguia o lume antes que elle pudesse chegal-o ao cigarro. Afinal lá conseguiu accender um phosphoro; a chamma, n'um instante illuminou o abafo do pescoço, a mão com seu annel de ouro no dedo do meio, o sacco coberto de neve que tinha posto debaixo de si; o cigarro accendeu-se. Puxou com avidez duas fumaças, enguliu o fumo fazendo-o sahir pelo nariz; mas antes que pudesse puxar uma outra fumaça, o vento fez cahir o lume do cigarro e levou-o n'um prompto.

Comtudo essas poucas fumaças tinham bastado para reconfortal-o.

— Visto que é forçoso deitarmo-nos aqui, deitemo-nos! disse elle com decisão.

Vendo os varaes voltados para o ar, quiz tornar o signal mais visivel e mostrou a Nikita as suas habilidades.

— Espera, disse o patrão pegando no lenço que tinha tirado do pescoço e atirado para o treno; vou ainda pregar uma bandeira a um dos varaes.

E descalçando as luvas, poz-se em pé em todo o seu comprimento, allongando o corpo, e atou com força o lenço na ponta do varal. A bandeira improvisada fluctuou immediatamente, ora desfraldada e batendo com o vento, ora collando-se ao varal.

— Vês tu como a cousa está perfeitamente bem, disse Vassili Andréitch satisfeito com a sua obra e entrando para o trenó... Se estivessemos juntos teriamos mais calor, mas não ha logar para dois.

— Cá me anicharei como puder, respondeu Nikita, mas antes de mais nada é preciso cobrir o cavallo; o pobre

animal está alagado em suor. Levanta-te pois, accrescentou elle approximando-se do trenó e retirando de debaixo de Vassili Andréitch a manta.

Em seguida dobrou-a ao meio e cobriu com ella Mukhorty.

— D'este modo terás mais calor apesar de tudo, meu tolinho, disse elle pondo por cima da manta o selim e a pesada retranca.

— Precisa de outra manta? Passe-me para cá uma pouca de palha, disse Nikita voltando para o trenó.

Pegando n'uma e n'outra, foi para traz do vehiculo, fez um buraco na neve, encheu-o de palha, depois enterrou bem o bonet na cabeça até ás orelhas, envolveu-se no kaftan, cobriu-se com a tal manta de estopa e assentou-se sobre a palha encostando-se á trazeira do trenó, que assim o abrigava do vento e da neve.

Vassili Andréitch coçou a cabeça em signal de desaprovação do que Nikita fazia, como de resto desaprovava em geral a ignorancia e a estupidez dos mujiks, e preparou-se para passar a ncute.

Extendeu a palha uniformemente pelo trenó, e enfiando as mãos nas mangas, descançou a cabeça no canto do vehiculo que o abrigava contra o vento.

Não tinha somno. Reflectia; pensava sempre na mesma cousa, no que constituia o fim unico, o norte, a alegria e o orgulho da sua vida: — o dinheiro; o dinheiro que tinha ganho e o que poderia ganhar ainda; o dinheiro que os outros tinham ganho e podiam ganhar ainda, como elle, e os meios de ganhal-o.

«O carvalho servirá para fazer patins, alem das madeiras para construcção; é um negocio seguro; alem da madeira cortada, haverá umas trinta sagenas [1] por deseatina [2],

---

[1] Uma sagena cubica é egual a dez steres proximamente

[2] Uma desiatina é egual a um hectare.

calculava elle pensando no rendimento da madeira que ia comparar.

Mas não terá os dez mil rublos; bastarão oito mil, e a mais d'isso as clareiras não entrarão em linha de conta. Untarei as mãos ao agrimensor; com cem ou cento e cincoenta rublos, contar-me-ha cinco desiatinas alem das clareiras. O pomiestchik contentar-se ha com oito mil; doulhe logo de signal tres mil, e ficará contentissimo.»

Pensando assim, Vassili Andréitch apalpava a carteira na algibeira do casacão.

«Mas como nos afastámos nós da volta da estrada? Não posso comprehender como isso foi! Devia estar ali a floresta e a guarita. Os cães, esses é que uunca se ouvem. Nunca ladram quando é preciso.»

Abaixou a gola do casaco e poz-se a escutar e a olhar: não distinguia na obscuridade senão o vulto de Mukhorty, a cabeça e o dorso do animal, sobre o qual a manta fluctuava ao vento. Continuava a ouvir-se sempre o assobiar da borrasca, os estalos do lenço contra os varaes, e o attrito da neve contra o trenó. Novamente se envolveu nos abafos.

Se soubera isto teria ficado em Grischkino. Emfim, havemos de chegar ámanhã. Haverá apenas um dia perdido. Com um tempo assim tambem os outros não se arriscarão a viagens.

E lembrou-se de que no dia 9 deveria receber do marchante o preço dos carneiros vendidos.

«Prometteu vir elle mesmo em pessoa, porém não me encontrará em casa; minha mulher não se entenderá com taes contas. Sempre é muito ignorante! Não tem a practica do mundo,» pensou Vassili lembrando-se do modo como ella recebera o commissario de policia que a visitara na vespera por occasião da festa.

«Uma mulher de mais a mais! Onde poderia ter recebido educação! A casa dos paes nem vale a pena falar n'ella! O pae, um mujik de aldeia rico, e mais nada: um moinho

insignificante e uma estalagem, eis tudo quanto possuia; emquanto que eu, o que não tenho eu feito n'estes ultimos quinze annos? Uma mercearia, duas tendas, um moinho, um celleiro de trigo, duas propriedades arrendadas, uma casa com sua granja coberta de ferro, — ennumerava elle com orgulho. Muitò differente de meu pae! Quem conhece hoje em toda esta região o Brehkunov!

«E porque? Porque penso nos meus negocios, porque a elles me dedico em vez de fazer como muitos, que não sabem senão dormir e occupar-se de tolices. Eu cá nem de noute durmo: que faça vento, ou cáia neve, que esteja bom ou mau tempo, ando sempre; é assim que os negocios medram. Pensam muitos individuos que as cousas nos caem do céo, sem esforço da nossa parte, e que se ganha dinheiro a brincar! Não! Trabalho, quebro a propria cabeça trabalhando! Pensam muitos tambem que é a sorte que fez d'este ou d'aquelle, alguem cá no mundo. Vejam os Mironov: têem hoje milhões; e porque? Porque trabalharam e porque Deus os ajudou recompensando-os. Que Elle me dê saude, só que seja!»

E a ideia de que poderia tornar-se millionario como Mironov, que outr'ora não era ninguem, excitava-o de tal sorte que sentiu a necessidade de expandir-se, mas não tinha ninguem com quem pudesse fazel-o. Se tivera podido chegar a Gritshkino, poderia ter falado ao pomiestchik! Então teria sabido metter-lhe os dedos pelos olhos!

«Olhem como o vento sopra! É capaz de nos enterrar por tal modo na neve que nem de manhã poderemos sahir d'este tumulo!» pensava comsigo mesmo ao ouvir o ruido do vento o qual levantava a deanteira do trenó fustigando-o com a neve.

«Para que dei eu ouvidos a Nikita? Deveriamos ter proseguido: teriamos chegado assim a alguma parte, quando mais não fosse senão a Grischkino, onde teriamos descançado em casa de Tarass. Em quanto que agora ficaremos aqui toda a noute...

«Mas, sim, que dizia eu? Ah! sim! Que Deus recompensa os que trabalha, e não os madraços, os perdularios ou os imbecis...

«E se eu fumasse?...»

Sentou-se, tirou da algibeira a cigarreira, extendeu-se de barriga para baixo para abrigar-se do vento, mas o vento lá encontrava uma passagem e apagava os phosphoros um a um. A final conseguiu accender o cigarro, e o facto de ter podido accendel-o alegrou-o em extremo. Posto que o vento fumasse mais o cigarro que o proprio fumador, essas poucas fumaças que poude tirar causaram-lhe infinito prazer. Accomodou-se novamente no canto do trenó, enrolou-se o melhor que poude nos abafos, e poz-se a pensar e a devanear, e por fim acabou por adormecer.

De repente sentiu como um choque e accordou. Seria Mukhorty que tinha querido tirar a palha para fóra do trenó, ou então seria que o animal por qualquer circumstancia se amedrontasse?

Fosse o que fosse é certo que accordou com um bater de coração tão forte e tão rapido que lhe pareceu que o trenó tremia debaixo d'elle. Abriu os olhos. Nada se passara em volta de si; dir-se-hia apenas que havia mais claridade.

— Já é dia, pensou elle; a aurora não tardará.

Mas reflectiu logo que essa claridade devia ser a da lua que nascia.

Levantou-se e olhou primeiramente para o cavallo. Mukhorty, sempre com a garupa contra o vento, tremia todo. A manta coberta completamente de neve, levantara-se de um lado; a retranca escorregara, e distinguia-se melhor a cabeça do cavallo com o topete e a crina fluctuando ao vento. Vassili Andréitch olhou então, inclinando-se, por detraz do trenó. Nikita conservava-se sempre na mesma posição. A cobertura de estopa com que se tapara desapparecera, bem como as pernas, sob uma camada espessa de neve.

«E se o mujik me vae morrer para ahi gelado! O fato que traz vestido não é muito quente. Seria eu o responsavel por essa morte. Fatigou-se muito por ter corrido; de mais a mais a sua constituição não é das mais solidas»; e Vassili Andréitch teve a idéa de retirar a manta do cavallo e com ella cobrir Nikita. Mas fazia frio em demasia para se levantar, e receiou tambem que o cavallo soffresse com isso.

«Para que havia eu de tel-o trazido? Sempre as tolices d'ella», pensou comsigo, lembrando-se da sua companheira desdenhada, e deixou-se cahir no canto do trenó.

«Foi assim exactamente que uma vez o tiosinho passou uma noute debaixo de neve. E não soffreu nada... Emquanto que ao retirarem, Sevastian estava morto, hirto como um quarto de vacca gelada, pensava ainda lembrando-se de um outro caso. Eu deveria ter descançado em Grischkino, nada me succederia.

(Conclue).

Conde L. TOLSTOI.

DORMIU POR FIM!

D'esta marqueza apenas direi que era galante e casada aos dezeseis annos com o marquez seu sobrinho e da sua mesma edade; aos vinte e quatro, cedeu sem rebuço ás solicitações do rei, e aos trinta e seis assistiu com heroico desplante ao desfecho da tragedia cuja responsabilidade era toda sua.

(C. Castello Branco).

...Ils s'imaginaient qu'il mettait tout en oeuvre pour fomenter la passion qu'avait inspiré au roi la jeune marquise Dona Tereza. (Mémoires, etc., livre quatrième p. 12).

I

Não dorme el-rei! Debalde a experta medicina
segunda applicações, solícita e sagaz:
em ferrea pua inverte a insomnia a pluma fina
onde, em vigilia eterna, el-rei queixoso jaz.

Se as palpebras descerra, a lampa agonisante
vasqueja no aureo leito horrificos clarões;
se a medo as fecha, inunda a treva circunstante
o livido tropel de sepulcraes visões.

Não dorme! Adora insano a senhoril Thereza
de amor, enlevo, angustia, incendio e languidez;
mas, seva aberração da estulta natureza,
a avassallada amante é esposa de um marquez.

Succumbe ante o pavor d'esse adulterio dobre;
incerta é a hora extrema e tetra a immensidão.
Contricto ao confessor a culpa atroz descobre...
mas não lhe torna a paz condicional perdão.

Exhortam-no a que extinga a bruta chamma acceza
nos faustos de aureo exilio em plagas de ultramar.
Mas é tão branco e morno o collo da marqueza,
tão purpurino o labio e humedecido o olhar!...

Vanesce el-rei, defesso, insomne, a olhos visto,
aos prantos, ao terror da lacrimavel grei!
Embalde oscula os pés da cruz de eburneo Christo,
se roja a soluçar: «Perdão, Jesus! Pequei!»

Sempre inextincta, a lucta as carnes lhe definha;
ao macerado rosto a olheira azul dilata.
Pois—graças ao Senhor, prolfaças á rainha—
era a consciencia regia austera e timorata!

II

.....

Fôra a entrevista longa; el-rei fallando em morte
em Deus, com ar sanhudo e torvo o olhar feroz:
Thereza a soluçar, dolente do consorte,
do indissoluvel dar de *dissoluveis* nós!

Cobriu-lhe as cereas mãos de beijos de ternura;
lançou-lhe ao collo arfando os dois bracinhos nus;

jurou sumir-se preste em perennal clausura
onde não visse mais nem ceus, nem ar, nem luz...

Quedou-se o regio amante incerto, irresoluto.
Dez vezes se assentou, alçou-se vezes dez...
Mas, subjugado, emfim do baixo amor polluto,
lhe oscula avidamente os pequeninos pés...

Era refeita a paz. Thereza triumphava.
Para extinguir no peito o horrisono latir,
promette el-rei, submisso á omnipotente escrava,
em tão pungente empenho o seu ministro ouvir.

Ergue soberba o rosto e alvoroçada sente
o avisinhar de alguem no extenso corredor.
Refoge ás mãos de el-rei que, tremnlo, fremente,
geme, estreitando-a ao seio: «Amor! amor! amor!»

Esvae-se a seductora; hesita o rei de novo.
Pensa na morte, em Deus, na lei que desacata.
Pois — graças ao Senhor e parabens ao povo —
era a consciencia regia austera e timorata.

III

Chamado, á escusa quadra entrava o grão ministro.
Sobraça mil papeis; longo despacho traz.
O truculento olhar chameja mais sinistro;
franzido o supercilio arqueia-se minaz.

Na perfumada luz do morno gabinete
palpitam docemente effluvios feminis...
Da porta entresentiu na felpa do tapete
o deslisar veloz de leves pés subtis...

Soluça da harpa, inerte a par de eborio dente,
um fremito de amor nas cordas de metal...
Ao canto, um Pan desnudo, em marmore nitente,
retorce mais lascivo a *pose* sensual...

Com tedioso gesto, el-rei sentado afasta,
no amplissimo buffete, as rumas de papeis.
Um só conselho quer; repouse agora a pasta.
Tambem é dado, um dia, algum descanço aos reis!

Reconta-lhe que adora a senhoril Thereza,
os trances d'esse amor, angustia e languidez;
e a horrenda aberração da estulta natureza,
que fez de regia amante a esposa d'um marquez.

Tudo esqueceu rendido: até lhe esquece o torno!
Mandal-a em aureo exilio a terras de alem mar!?
—«...Mas o regaço d'ella é tão gentil, tão morno,
tão rubro o labio rubro e enlanguescido o olhar...!

Ao teu pensar sisudo entrego este problema,
profundo como a dôr, cruel entre os crueis.
—Mas vê: não sei de acção que eu mais desqueira e tema
que, tenue embora, aggravo á Santa Igreja e ás leis!—

Mas a gentil marqueza, a do sorrir suave,
do jaspeado collo, esposa...! E o tal marquez...
Alcança o siso teu quanto o problema é grave;
e a angustia que nos roe, presinto que entrevês.

Turba-nos acre espinho, intolerando, enorme!
Viver sem ella... oh! Deus! viver sem mim não quer.
Tranquillo o mais vilão de meus vassallos dorme
e eu não!... Meu somno quero e quero essa mulher!»

Disse e arquejante, exhausto, enerve, recostou-se
do vasto cadeirão no rigido espaldar.
Nos labios do ministro abre-se um riso doce;
rutila, quasi meigo, o leonino olhar.

— «A tal problema, diz, o Ubiquo, o Omnisciente
a mais segura chave em regias mãos depoz...»
—«Graças? Mercês? O Papa...?» E austera e lentamente
acode em voz pausada... «— Ou meramente o algoz...»

E ao lasso, ancioso rei, ruge a sentença fera
que os Tavoras lhe roda, aspa, desossa, mata...
....
Nem disse: Approvo! el-rei. ...Sereno adormecera
na paz da consciencia austera e timorata!

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.

A CONDESSA SARAH

(Continuação)

XVII

Mas, com a sua vista exercitada, notara, desde o primeiro instante, que não havia nada a fazer... E todos exclamavam em côro: Ha de ser um bonito par! A pequenina M.me de Pompéran lastimava unicamente que Séverac não fosse de origem nobre. M.me Séverac... mais nada... Era um pouco secco...

— Mas, minha querida, disse Heitor, Séverac ha de obter autorisação para restaurar o titulo, que pertence á familia de sua esposa, e tomará o titulo de marquez... Séverac de Cygne, soa muito bem, até!...

— Pode estar certo de que Séverac não fará nada d'isso. replicou Frossard. No tempo em que vivemos, os nomes não teem senão o valor de quem os usa... O que é um Montmorency que se limita a continuar os antepassados? Não é melhor ser o senhor qualquer cousa e illustrar-se a si mesmo, do que envergar um nome de emprestimo, como quem enverga um casaco? Quem o faz dá provas de ter bem pouco amor proprio! E M.elle de Cygne

não terá de lamentar-se por se chamar M.me Séverac. Sobre tudo quando seu marido commandar um corpo d'exercito.

Assim, toda a gente previra aquella união. Entrava na ordem das cousas infalliveis. E todos lhe examinavam as vantagens. Sarah teve de ouvir todas essas reflexões banaes, approvar com a cabeça e parecer regosijar-se quando se sentia devorada por uma raiva indizivel. A opinião publica, representada por quatro ou cinco dos indifferentes e dos tagarellas que formam, geralmente, os seus elementos constitutivos, declarava-se favoravel ao casamento. Todas as outras pessoas, que acceitam os raciocinios já feitos, deviam seguir-lhes os passos. Não se podia tentar cousa alguma que os fizesse mudar. Declarar-se-hiam, resolutamente, contra os que quizessem perturbar aquella união tão egual, como a tinham julgado desde o primeiro instante.

E, depois, Branca era a innocencia, era a virtude. Sarah era o crime. Entre uma e outra não havia hesitação possivel. Tudo, no que Pedro ia ouvir e ver, era feito para favorecer Branca e tirar todo o prestigio a Sarah. Elevava-se um concerto de elogios em torno da rapariga solteira, e cada um dos louvores, que em sua honram eram tecidos, deviam provocar no pensamento de Pedro uma censura para a mulher casada. A noiva apresentava-se ornada com todos os encantos, todas as seducções. A amante parecia incommoda porque se agarrava ao amante com desespero, odiosa porque personificava o remorso. Apesar de todas estas desvantagens, que comprehendia perfeitamente, Sarah obstinou-se em resistir.

Branca recebeu os cumprimentos com ar risonho e amavel. Respondeu com circumspecção e tacto, ficando, portanto, confirmado, que M.elle de Cygne era uma pessoa ajuizada, que sabia perfeitamente o que queria. Ao almoço, Sarah mostrou-se alegre, até demasiado. Pareceu a todos que a felicidade de Branca dava tal satisfação á condessa

que a alegria lhe trasbordava dos olhos e dos labios. Ninguem, a não ser Frossard, adivinhou a febre que queimava a pobre mulher e lhe dava aquelle ardor ás palavras e aquelle brilho ao olhar. Para os actores d'aquelle drama foi Sarah admiravel. Sustentou, com um valor sobrehumano, a lucta que ella mesma travara.

A sua alegria apparente occultava uma impaciencia horrivel. Esperava Séverac. Queria ver se lhe descobria no rosto vestigios de uma perturbação e de uma angustia eguaes ás que ella sentia. E, amparada pelos nervos, cumpria os seus deveres de dona de casa com uma animação extraordinaria. O general, encantado, approximou-se d'ella.

— O que tem, minha querida? perguntou elle, feliz por vel-a tão brilhante.

— O que tenho? disse ella. Estou contente, assim como o senhor e todos.

O conde fez-lhe um signal de cabeça affectuoso e pensou que ella tinha muito bom coração, na verdade. Censurou-se pelas suspeitas que tivera. Como pudera desconfiar d'aquella mulher adoravel? Era aquelle idiota do Merlot, com as suas idéas estramboticas, que lhe tinha dado volta ao juizo. Mas, que diabo, não tornariam a accusal-o de semelhante loucura. Fôra bem castigado pelo que soffrera.

Séverac chegou proximo das cinco horas, escoltado por Frossard que, prevendo a inquietação do seu amigo, tivera o cuidado de ir ao encontro d'elle. O que Pedro mais receiava não era ver-se na presença de Sarah ou do conde, era encontrar-se com Branca. Subiu com passo tremulo os degraus do terraço, e, mais commovido do que no dia em que combatera pela primeira vez, encaminhou-se para a sala.

— Ah! eil-o ahi! eil-o ahi! cantou Pompéran. Minhas senhoras e meus senhores, devia-se ter preparado um côro apropriado ao caso e receber o noivo com a aria: *Gai, gai, marions-nous*..

— Salve, homem feliz! exclamou La Liviniére com emphase. Triumpha em tudo? Na guerra e no amor!

— Bom dia, meu querido filho, disse o conde affectuosamente, pegando na mão que Pedro lhe estendia com o coração angustiado. E, muito commovido:— Esta casa é agora duplamente sua, accrescentou.

— Ella não está aqui! murmurou Frossard ao ouvido do amigo.

Séverac dirigiu um olhar em torno, e effectivamente não viu Branca. Respirou. Sarah, de braços cruzados, em attitude resoluta, esperava-o. Elle inclinou-se diante d'ella. Fitando-o tranquillamente e com voz serena:

— Então, senhor Séverac, disse ella, teve bons sonhos, o senhor?

O ouvido attento do mancebo distinguiu a differença apenas sensivel com que Sarah proferira aquelle «senhor». Comprehendeu que ella lhe perguntava: Soffreu tanto como eu? Curvou a cabeça, acabrunhado, e ficou silencioso. Frossard, attento a tudo o que se passava, approximou-se de Séverac:

— M.elle de Cygne estava aqui ha um instante, disse elle em voz alta como se respondesse a uma pergunta de Pedro.

— Mas foi vestir-se para o jantar, disse Magdalena, entrando, innocentemente, no manejo de Frossard.

Este dirigiu-lhe um olhar reconhecido. E, pegando no braço de Séverac, parou com elle á beira do terraço. Sarah foi ter com elles, cheia de ousadia. E, a dez passos do conde, que conversava com M.me Smorden e com La Liviniére:

— Fique, senhor Frossard, ordenou ella ao mancebo que se dispunha a afastar-se. Póde ouvir o que tenho a dizer e a sua presença aqui é util: evitará desconfianças. Porque cheguei a isto!...

Calou-se um momento, oppressa.

— Mas deixemo-nos de lamentações inuteis, continuou. Pedro, quaes são os seus projectos? O que tenciona fazer? Este casamento é impossivel, deve comprehendel-o! A idéa

de que o senhor pode lembrar-se de casar com Branca, endoidece-me! E, comtudo, o tempo caminha. O conde disse-me agora que para a semana regressavamos a Paris .. E' necessario romper! De que maneira? Não sei. Procure, invente! Mas, por quem é, diga-me uma palavra que me permitta esperar!

E, como Pedro, sombrio e preoccupado, não respondia:

— Mas então o senhor admitte que este casamento possa effectuar-se? exclamou ella, incapaz de se conter por mais tempo.

— Minha senhora, pelo amor de Deus, tenha cautela! disse Frossard muito inquieto.

— Ah! meu Deus! gemeu Sarah, ahi vem Branca...

M.elle de Cygne descia os degraus de pedra. N'um relance d'olhos avistara a condessa entre Séverac e Frossard. Adivinhara a lucta começada. Com passo resoluto, encaminhou-se para o grupo.

Sarah, cheia de anciedade, viu-a dirigir-se para ella, como que para lhe roubar Pedro. Fez um movimento afim de collocar-se entre a jovem e aquelle que ella queria disputar-lhe. Frossard empurrou vivamente Séverac para M.elle de Cygne, dizendo-lhe:

— Então! Vae ao encontro da tua noiva.

Sarah, exhausta de força, viu-o aproximar-se de Branca. Viu-o inclinar-se e falar, sem poder ouvir o que elle dizia. Inconsciente do que fazia, agarrou no braço de Frossard e apertou-o com força nervosa, deixando signaes crueis na carne do pobre rapaz. O moço tabellião, estoico, não se moveu. Examinava, inquieto, a attitude de Branca, e não deu mostras de socegar senão quando viu seguir o seu amigo, offerecer o braço a M.elle de Cygne, por ordem do conde, e passear com ella vagarosamente. Então, voltou toda a sua attenção para a condessa. A pobre mulher, encostada á balaustrada, parecia estar bem longe d'ali, arrebatada pelos seus pensamentos. Já não se interessava por cousa alguma do que a rodeava, com as palpebras cerra-

das, os labios contrahidos, concentrava todos os esforços do seu espirito n'um fim que Frossard adivinhava perfeitamente: a ruptura d'aquelle casamento. Afinal ergueu os olhos e dirigindo a Frossard um olhar cheio de censura:

— A sua noiva! repetiu ella. O senhor tambem imagina que é possivel?...

— Ai! como se poderá evital-o? disse o mancebo hypocritamente, fingindo entrar nas idéas de Sarah. Recuar, agora, é confessar ao conde que o enganaram e que os seus receios eram fundados.

A condessa bateu com as mãos uma na outra, encolerisada, exclamou:

— Todos me dão a mesma resposta.

— É que infelizmente não se póde dar outra. Primeiro que tudo, foi preciso salvar a situação, e tivemos grande fortuna em M.elle de Cygne se prestar a isso, com uma abnegação admiravel.

Pelos labios de Sarah passou um sorriso de compaixão. Julgou que Frossard ignorava o amor que Branca dedicava a Pedro. Não quiz revelar-lh'o, temendo que elle tomasse de todo o partido da sua rival. Mas, irritada pelos obstaculos que sè lhe oppunham sempre que tentava desfazer o que estava feito:

— Seja como fôr, esse casamento não ha de realisar-se. Não consentirei n'isso por cousa nenhuma d'este mundo. Pedro ha de voltar atraz, com o meu auxilio ou sem elle. E se me trahir, que se acautele!

Nos seus olhos brilhou um clarão ameaçador, os seus dentes agudos morderam os labios. E deixou Frossard muito atemorisado.

— Safa, n'esta mulher ha o que quer que seja de animal feroz, deitou-me um olhar de panthera. Se eu estivesse no logar de Séverac, não me sentia em segurança. N'um momento de furor é capaz de tudo. Hei de perguntar a Pedro se ella tem cartas d'elle.

Pedro e Branca, encostados ao braço um do outro, ca-

minharam em silencio, durante algum tempo. Opprimia-os um constrangimento doloroso. A mão de Branca mal roçava pela manga do seu companheiro. Tinha-se afastado, instinctivamente, dos seus amigos, para que estes não observassem aquelle mau estar mutuo. Ninguem diria, com certeza, vendo-os: Ali vão dois gentis namorados; pareciam mais uns tristes indifferentes. Comtudo, amavam-se, e com todas as forças da alma. Sós, pela primeira vez, podendo falar livremente, tendo palavras ternas nos labios, calavam-se receosos e como que envergonhados. A lembrança de Sarah perseguia-os na solidão e a falta cavava um abysmo entre ambos. Caminhavam, sem verem por onde iam, ouvindo o coração que se revoltava contra a severidade da consciencia. Pois que! por uma mulher ter uma vez atravessado a existencia de Séverac, estavam condemnados a sacrificar todo um futuro de felicidade! As suas esperanças afagadas secretamente iam realisar-se; seriam unidos e teriam de repellir as realidades deliciosas e de viver curvados ao peso dos remorsos, afastados um do outro, como dois criminosos. Ai! A falta não era das que se não devem absolver? O ultrage não manchara a honra do homem que Branca estimava como pae, não a maguara tambem a ella na sua innocencia? E, debatendo-se entre o amor e a colera, sentia o coração dilacerado, querendo perdoar e não podendo esquecer.

De subito, parou, como se despertasse de um sonho. Deante d'ella extendia-se a estrada real, poeirenta, entre os taludes de relva. Tinha chegado debaixo da latada, ao logar onde, no anno precedente, Branca tinha ido, pela manhã, dizer um ultimo adeus a Pedro. Olharam um para o outro e os olhos encheram-se-lhes de lagrimas. Lembraram-se do momento bem curto em que o pensamento os havia unido estreitamente. Eram separados por cada movimento das rodas e desejavam que um obstaculo imprevisto se erguesse na estrada para que não fosse possivel ir mais longe. Comtudo, elle continuara o seu caminho, desappa-

recera por detraz da grande matta que se erguia defronte d'elles, negra e mysteriosa. E Branca ficara bem triste. Menos triste, ainda assim, do que n'este momento em que o homem que ella amava estava ao seu lado. Porque então não existia entre elles senão o espaço e agora...

— Era ali! murmurou Pedro em voz baixa.

— Sim, disse ella. E hoje...

Curvou a cabeça e, em seguida, olhou tristemente para Séverac. Irrompeu-lhe dos labios um soluço, que ella não poude conter, e deixou-se cahir n'um banco de pedra.

— Branca, exclamou Pedro, exaltado pelo espectaculo d'aquella dôr, pode encher-me de censuras, repellir-me, fazer de mim o que quizer, estou á sua disposição e sentirei ainda uma alegria inesperada em soffrer por sua causa... Mas não me accuse injustamente!... Fui ingrato para outros, mas nunca fui desleal para comsigo... Oh! não! não! não a trahi nunca, fui sempre fiel á ternura que me inspirou. No dia em que a amei acabou-se tudo. Nunca teve rival no meu coração. E d'ahi por deante vivi unicamente para si. O meu crime horrorisou-me, quiz punir me com a morte, porque me sentia tão indigno que não me atrevia, nem mesmo em pensamentos, a elevar-me até ao seu amor. Oh! adorei-a de longe, como a uma santa, desejava prostrar-me de joelhos na sua presença e nunca saberá as torturas secretas que soffri.

Tremulo, quasi ajoelhado como um supplicante, falava, com um ardor apaixonado. O seu rosto sombrio illuminara-se, irradiando ternura. Branca estendeu as mãos para elle afim de impôr-lhe silencio. O mancebo, porém, calara-se havia muito tempo e as confissões que encerrava no coração trasbordavam sem que elle pudesse detel-as.

— Rogo-lhe que me ouça, continuou elle. É preciso que saiba a verdade porque eu posso supportar tudo excepto o seu desprezo. No dia em que a vi pela primeira vez, pareceu-me que a minha razão, perturbada muito tempo pelo delirio, recuperava toda a sua força. Amaldiçoei a mi-

nha culpa e não quiz tornar a commettel-a. Córava perante o seu olhar casto, era desgraçado. Foi por ser tão pura e tão suave que a amei? Não tardou que em mim não existisse nada além da sua imagem! Oh! quantas vezes maldisse o meu aviltamento! A vida comsigo seria tão bella e tão feliz!... Não esperava vir a ser seu marido. Não tinha tanto orgulho. Mas, vendo que me tratava favoravelmente, podia contar com um bocadinho da sua amisade. Já era muito, para mim, viver perto da sua vista, na irradiação da sua belleza, ouvindo a caricia da sua voz, embriagando-me com o seu sorriso, não a deixar nunca, servil-a e adoral-a. Mas era impossivel. Uma palavra ainda, um olhar surprehendido, podiam revelar-lhe o meu segredo. E eu condemnava-me voluntariamente ao exilio. Ah! como lhe fiquei reconhecido quando me deu aquelle relicario que lhe pertencia, em que havia tocado!... Que preciosidade foi para mim essa querida lembrança! Nunca mais me deixou... Estava aqui, no meu peito e está ainda. E, á noute, na solidão da minha existencia, quando pensava na patria, em todos os seres queridos que deixara, era sempre a elle que dirigia os meus votos e as minhas esperanças. Nunca adormeci, no bivaque, debaixo da tenda, ou nas areias do deserto, sem levar esse querido thesouro aos labios. Parecia-me que elle conservava alguma cousa sua e que era um bocado do seu coração que tinha comigo... Ferido, deitado na enxerga, ardendo em febre, delirando, conservava-o ainda, como um talisman, e foi elle, de certo, que me salvou. Ah! porque não morri? Branca ter-me-hia chorado, conservaria de mim uma lembrança terna e altiva. Emquanto que agora, aviltado, infamado, sou o ente mais miseravel. Adoro-a e Branca...

Quando disse estas ultimas palavras, o seu rosto tinha uma expressão de tristeza pungente. Uma grossa lagrima lhe deslisou pela face, indo perder-se no bigode. De pé, defronte d'ella, pallido, vestido de negro e com o rosto sulcado por aquella lagrima brilhante, estava tal como no

primeiro dia em que ella o avistara. Branca tremeu, uma força irresistivel impelliu-a para elle; abriu a bocca, ia falar... Elle adivinhou-lhe a perturbação, estendeu as mãos, exclamou: Branca! com ardente esperança. Mas a joven tornou-se repentinamente sombria, soltou um suspiro e, com um olhar, mostrou-lhe o conde e Sarah que se dirigiam para aquelle lado, pelo braço um do outro.

A realidade apossara-se de novo de Branca. O marido ultrajado, a mulher criminosa, estavam ali, perto d'ella, prohibindo-lhe a indulgencia. Pedro curvou a cabeça; comprehendeu que Sarah acabava de fechar o coração de Branca ao perdão, apparecendo-lhe como a recordação viva do crime. E caminhando a passos lentos, triste e silencioso, ao lado da noiva, tornou a dirigir-se para o castello.

XVIII

Na semana seguinte todos os hospedes de Canalheilles regressaram a Paris. Aproximava-se o dia do casamento. Branca tinha ido visitar o palacio de Cygne, em companhia de seu tio, e haviam-se começado os trabalhos afim de que a antiga e sumptuosa casa pudesse ser habitada. Os recem-casados deviam installar-se n'ella durante alguns dias; depois Séverac partiria de novo para Argel onde sua esposa iria ter com elle, provavelmente. Este ponto ficára duvidoso. Branca interrogada, respondera evasivamente. Emquanto a Séverac, perseguido outra vez pelo conde para que mudasse de resolução, repellira todas as propostas que lhe faziam e obstinara-se em regressar ao seu posto. O conde achava esta teimosia inexplicavel e preoccupava-se extremamente com ella. Tinha dito a Frossard:

— Que diabo quer Séverac ir ainda fazer para Oran? Deixa só, ao cabo de alguns dias de casado, uma mulher que

elle adora, e isto pelo gosto de tornar a vêr os albornozes sujos dos arabes. Confesso que não comprehendo!

— O que diz M.elle de Cygne a isso? respondera Frossard, não querendo compromettter-se.

— Acha tudo muito bem!

— Pois então, meu general, quem sabe se ahi não anda conspiração, e se os noivos não tencionam, em segredo, ir visitar Argel durante a lua de mel? É um paiz admiravel. Dizem todos os que veem de lá. O soldado é rei, n'essa terra, e quando é muito rico ainda por cima, é quasi Deus. A senhora n'um palanquim, deitada á oriental em almofadões de seda, com uma escolta de cavalleiros de grandes espingardas bronzeadas e rostos *idem*, caracolando sob a direcção de Séverac, com as palmeiras de um oasis e o ceu ardente do deserto para scenario, deve ser bastante phantastico.

— No fim de contas, é possivel, murmurava o conde.

Mas interiormente não estava convencido. Não obtendo nada de Frossard, dirigira-se a Sarah. Esta abanara a cabeça com ar absorto, e, depois de algumas phrases, que podiam interpretar-se ao mesmo tempo no sentido de affirmativa ou de negativa, fechara-se nos seus aposentos com a boa Mrs. Stewart, que chegara a Paris afim de estar algumas semanas com a sua querida Sarah.

De mais, tudo era singular no procedimento de Séverac. Tinha a noiva em Paris e elle ficava em Bois-le-Roi. Vinha a Paris todos os dias, mas recusava installar-se lá. Partia no ultimo comboyo da noute e voltava para casa de sua mãe. Desde que regressara de Argel não tornara a ir para o seu quarto da rua das Pyramides. Enchiam-o excessivas recordações favoraveis a Sarah. A cada passo encontraria ali a imagem d'ella. Isso impor lh'a-hia ao pensamento. E tudo o que lhe lembrava o passado o horrorisava. Emfim, temia que ella fosse lá perseguil-o.

Sarah fizera grande mudança em duas semanas. O rosto emmagrecera-lhe, as feições pareciam repuxadas para a

testa, como se o esforço da idéa fixa que lhe atormentava constantemente o cerebro lhe tivesse contrahido os musculos da face. Nos seus olhos havia agora uma especie de desvairamento. Soffria muito. Séverac via isso perfeitamente, mas era elle o unico que o via. Sarah occultava todas as suas angustias com suprema energia, e, durante as poucas horas em que era obrigada a affrontar os olhares dos que a cercavam, sabia arranjar uma mascara impenetravel. O resto do tempo passava-o na salinha oriental, na companhia de Mrs. Stewart.

Deitada n'um *divan*, com a cabeça enterrada nas almofadas, reflectia, emquanto a bondosa senhora lia os seus queridos *Magazines* ou fazia paciencias, tomando copiosas chavenas de chá. O seu espirito revolvia sempre o mesmo problema: achar um meio de desmanchar o casamento. Era a unica idéa que se lhe agitava incessantemente na cabeça, causando-lhe dores insupportaveis. De vez em quando levantava-se e ia á janella que dava para o jardim do palacio. E ahi, durante o dia, quando o céu estava claro, em torno da relva dourada pelo sol do outomno, via Pedro e Branca que passeavam a passos lentos, quasi tristemente. Arrancava-se então áquelle espectaculo que lhe fazia bater o coração a ponto de julgar que suffocava. Voltando para junto de Mrs. Stewart, tirava-lhe as cartas da mão. Sentava-se nas almofadas, extendia o baralho em cima do tapete, e, attenta, como as adivinhas ciganas de quem estudara as praticas cabalisticas durante a infancia, procurava descobrir o futuro. E a predominancia fatal das espadas annunciava-lhe morte. Ella queria saber para quem. As cartas ficavam mudas. Já não via no baralho senão confusão e mysterio. Então erguia-se, e, sem dizer uma palavra, com o olhar fixo, os labios crispados, tornava a deitar-se no *divan* e continuava a meditação interrompida.

O seu estado moral era verdadeiramente assustador. Tendo concentrado a vida toda na sua ternura, queria resistir, luctar, triumphar. Privada de amor, separada d'aquelle

a quem adorava, no organismo da pobre mulher produzia-se um phenomeno grave, agitava-a uma especie de febre sensual. Tinha o delirio da posse. Tinha necessidade de Pedro. O seu somno era perturbado por sonhos terriveis: accordava com os nervos dolorosamente contrahidos, banhada em suor, vendo tudo, mas incapaz de se mover, como no estado cataleptico.

Tivera coragem para não dizer nada a Stewart; temia as observações da Ingleza pudica. Costumada aos caprichos de Sarah, a boa senhora não se inquietava: dizia, como outr'ora «é uma crise electrica» e pensava que aquella melancolia havia de passar como uma nuvem negra no céu, e que um raio de sol traria de repente o bom tempo. E esperava, philosophicamente. O conde andava muito atarefado com os empreiteiros por causa das reparações do palacio de Cygne, e com Frossard por causa das contas da tutella. E, além d'isso, o seu feliz caracter deixava-lhe ver apenas o que era agradavel. O casamento de sua sobrinha fazia-o estar de bom humor; desafiava Merlot e fomentava sublevações contra elle. Dava maus conselhos a Magdalena:

— A menina é boa de mais, dizia-lhe elle, anima seu pae a tyrannisal-a. Não se deixe guardar como uma ovelha...

— O que meu pae faz, respondia Magdalena, é por causa da affeição que me tem. Talvez exaggere um pouco, mas devo querer-lhe mal por isso? Perdi minha mãe em creança: elle teve de educar-me e, para um soldado um pouco rude, como é meu pae, guardar uma rapariga pareceu-lhe que devia ser o mesmo que fazer sentinella. Quando alguem se approxima de mim, cruza a baioneta e grita: Passe de largo. Mas as suas maneiras bruscas teem um lado bom: sabem que sou rica e alguns rapazes já me têem feito a côrte. Pude avaliar a sinceridade d'elles pela sua persistencia. Ter de fazer cerco a uma rapariga para a obter, era uma tarefa pesada! Todos desanimaram e eu conclui d'ahi que me não amavam.

— Todos, não! Frossard, o heroico Frossard!

— Foi o unico que persistiu... disse Magdalena alegremente. Recebe os ataques a pé firme, arrosta com o exercito auxiliar, nenhum choque o desanima. Derrotado, volta á carga; por isso, um dia d'estes, apesar da resistencia do governador, a praça vae pedir para se render...

— E' a unica capitulação que estou disposto a assignar com prazer, exclamava o general... E, se precisa de plenipotenciario, minha filha, conte commigo...

Exuberante, cheio de alegria, accrescentava:

— Gostava de casar estas duas pequenas no mesmo dia; era encantador! Merlot, porém, é um animal; nunca se poderá convencel-o.

Muito impressionado, como sempre, pelo lado exterior das cousas, o conde imaginava uma cerimonia brilhante, uma assistencia numerosa, a egreja cheia de flores e de luzes e, no altar duas noivas cobertas com o veu branco. Era um quadro gracioso, proprio para seduzir o seu espirito de mundano. Primeiro tencionara dar uma grande festa em honra do casamento de sua sobrinha, mas fôra contrariado n'isso pela séria opposição de M.elle de Cygne. Possuida de novo, apparentemente, pelas idéas religiosas, Branca manifestara desejos de retirar-se durante alguns dias para um convento afim de se recolher e fazer as suas orações. Escolhera uma casa religiosa situada no bairro S. Germano e pertencendo á regra de Santo Agostinho. As senhoras da alta sociedade iam para lá durante á quaresma. Portanto, o conde achou muito simples, e até de bom gosto, que sua sobrinha executasse esse projecto. Foi encommendar um formoso Christo de prata cinzelada, que M.elle de Cygne desejava dar ao convento como prova de reconhecimento pela hospitalidade que lhe era offerecida. E apressou a conclusão do contracto de casamento. M.elle de Cygne, consultada por seu tio, declarou que tencionava casar-se sob o regimen da communidade de bens. Admittindo secretamente a possibilidade de uma separação

entre ella e Séverac, quiz garantir a seu marido uma grande fortuna quaesquer que fossem as suas relações. Mesmo prevendo a desgraça, pensava em favorecer o homem que amava.

Foi no gabinete de Frossard, na presença de Branca, que Séverac teve conhecimento dos designios da sua noiva.

Ergueu-se com vivacidade, e recusando o favor que lhe concediam, declarou que não queria casar-se senão com separação de bens. M.elle de Cygne, ouvindo Pedro recusar com voz breve as disposições generosas que ella quizera tomar, sentiu o rosto afoguear-se-lhe. Envergonhou-se de ter pensado, por um minuto que fosse, que Séverac podia acceitar a dadiva de metade da sua fortuna. Receou havel-o offendido. Dirigiu ao mancebo um olhar timido e sorriu-lhe tristemente. Aprovava-o, no intimo da alma. Ouviu, de cabeça baixa, a extensa e lisongeira ennumeração da immensa fortuna, seguida por esta menção breve: O noivo casa-se com os seus direitos. Escutou com enternecimento as palavras de Frossard, declarando, afim de explicar a ausencia de fortuna do seu amigo, que o mancebo, por morte do pae, renunciara a parte da sua herança em favor de sua mãe. Viu Pedro, grave e preoccupado, sentado na cadeira, assistindo áquella sessão penosa, onde tudo devia offendel-o e contristal-o. Era assim que ella sempre o tinha sonhado: pobre e altivo. Tornou-se para ella, n'esse instante, o Séverac d'outr'ora, o que chorara com ella e que ella adorara. Tudo se desvaneceu para Branca: o crime de Pedro e a sua propria dôr. Entregou-se ao encanto delicioso do esquecimento.

Só voltou á realidade quando Frossard, approximando-se d'ella amavelmente, lhe annunciou que estava tudo concluido. M.elle de Cygne, aturdida, viu-se defronte de seu tio, de Pedro e do moço tabellião. Cheia de pesar comprehendeu que a situação não mudara instantaneamente, segundo o seu desejo, e pensou que na realidade não se destruiriam os obstaculos tão facilmente como no sonho. Dirigiu

algumas palavras de agradecimento a Frossard e extendeu a mão a Séverac, que mal se atreveu a apertal-a na sua. E, tomando o braço do conde, afastou-se. No dia seguinte retirava-se para o convento das freiras Agostinhas.

Esperava que o silencio e o socego d'esta casa religiosa lhe influissem favoravelmente no espirito e lhe restituissem toda a força moral. Não foi assim. Da mesma maneira que, depois de um excesso de fadiga o corpo se sente enervado na macieza de uma boa cama e não póde encontrar descanço, Branca na immobilidade d'aquella existencia claustral tambem achou apenas um augmento de agitação.

Distrahida pelo movimento, pelos incidentes da vida mundana, conseguia suffocar o pensamento. Na solidão da cella, entregue a si mesma, abandonou-se completamente ás recordações. Quiz resar. Diligenceou tornar a obter os extases deliciosos, na sombra tepida e perfumada das capellas. Tentou absorver-se na idéa de Deus. Ergueu a alma para o céu com um ardor apaixonado, e tornava sempre a cahir na terra. O amor prendera-lhe as azas.

Chorou amargamente a sua tranquillidade perdida. Visto que nem junto do altar podia fugir de junto de Pedro, com mais certeza estaria ao seu dispôr quando se achasse perto d'elle. Dirigiu-se ao confessor e abriu-lhe o coração. O digno sacerdote tranquillisava-a e aprovou a sua maneira de proceder. Fez-lhe vêr um futuro mais risonho. Talvez seu marido lhe desse provas bastante solidas da sua rehabilitação para que ella pudesse perdoar-lhe. Ordenou-lhe que o não deixasse entregue a si mesmo. Exhortou-a a ser paciente e bondosa para Sarah. Talvez M.elle de Cygne estivesse encarregada de levar para bom caminho aquella alma transviada? Durante um dia inteiro, Branca sentiu-se mais forte, mais livre. A noute, porém, tornou a levar-lhe a agitação ao espirito. Arrependeu-se de se ter encerrado n'aquelle convento. Desejava que os seus olhos pudessem atravessar as paredes e seguir continuamente Séverac e Sarah. Receava uma traição. Uma tentativa suprema de

Sarah podia triumphar da vontade de Pedro. E lembrava-se com dôr da scena a que assistira na estufa de Canalheilles. As palavras ardentes de Sarah acudiam-lhe á memoria; via os seus braços estendidos, a sua bocca tremula, os seus olhos desvairados pela embriaguez dos sentidos. E, com o coração opprimido, as mãos lentas, soffria, tinha ciumes. Então era debalde que ajoelhava, que ordenava ao pensamento que se erguesse acima d'aquellas miserias, d'aquellas baixezas terrestres. O pensamento, revoltado, arrastava-se. Branca, cheia de horror, via-se manchada pela impureza da sua rival. E tremia, e chorava.

Tinha razão para se sentir receiosa. A sua partida causara um grande allivio a Sarah. Tendo a certeza de, durante uma semana, não ver Pedro ao lado de Branca, respirou. Foi um intervallo sereno na existencia atroz que ella levava havia tres semanas. Sahiu dos seus aposentos e diligenceou encontrar-se com Séverac. Mas, desde que M.elle de Cygne partira, o mancebo já não ia á rua Saint-Honoré. Allegara ter de pôr alguns negocios em ordem, e M. de Canalheilles contentara-se com essa desculpa. Durante quatro dias, Sarah, á espreita desde pela manhã até á noute, por detraz do reposteiro, não perdeu de vista a porta de entrada. A impaciencia que a devorava não a deixou esperar mais tempo. Quiz encontrar Pedro a todo o custo. E, com o pretexto de ir buscar umas rendas que deixara em Canalheilles, metteu-se no comboio da manhã com Mrs. Stewart e chegou a Bois-le-Roi. Ahi esperava a um trem, encommendado por telegramma. A condessa foi ao castello afim de não causar admiração á sua companheira, a quem dera o mesmo pretexto que ao general, e, depois do almoço, servido pela mulher do guarda no pavilhão de caça, fez-se conduzir a casa de M.me Séverac. Durante o trajecto de Canalheilles a Bois-le-Roi, o coração de Sarah palpitou, com a idéa de surprehender Pedro sósinho e de se apoderar d'elle sem que elle pudesse defender-se. Estava um tempo admiravel e Sarah tornou-se muito alegre: conver-

sou e riu todo o caminho. Ao aproximar-se da casa assaltou-a uma viva apprehensão: se elle não estivesse em casa de sua mãe?

Esta idéa fez-lhe subir uma onda de sangue do coração ao rosto. Mas como podia elle não estar lá? A paragem do trem poz termo a estas angustias. Desceu, com Mrs. Stewart, bateu á porta de entrada, atravessou o jardimsinho de alamedas cuidadosamente areadas, e perguntou por M.me Séverac a uma creada que correra alegremente ao encontro das visitas. Ao mesmo tempo a mãe de Pedro appareceu á entrada da sala. Fez entrar a condessa, com as maneiras graciosas e desembaraçadas de uma mulher que vivera durante muito tempo na melhor sociedade. E Sarah, que desejava poder abrir as portas, sondar as paredes, procurar por toda a parte aquelle que queria eucontrar, teve de mostrar boa cara e de conversar com agrado. Afinal no meio da conversação poude arriscar estas palavras:

—O commandante não está em Bois-le-Roi?

—Não, minha senhora, respondeu a mãe, foi a Paris, como vae todos os dias! Provavelmente está com o general.

Como todos os dias! E havia mais de uma semana que o não viam! Onde iria elle? Talvez passear em torno do convento onde Branca estava encerrada. Sarah julgou que o dia se tornara mais sombrio, e a atmosphera d'aquella casa onde tivera tanta pressa de chegar, pareceu-lhe suffocante. E, tão triste quanto estava alegre e bem disposta á entrada, despediu-se de M.me Séverac e afastou-se. Quando chegou a casa encontrou o conde á sua espera; elle informou-se amavelmente do modo como se effectuara a viagem. Em seguida accrescentou, como a cousa mais natural d'este mundo:

—Séverac esteve cá e encarregou-me de te apresentar os seus respeitosos cumprimentos...

Sarah empallideceu de colera. Assim, aquelle que ella tinha ido procurar tão longe, podia encontral-o ali, e não

tivera o presentimento da sua vinda... Amal-o-hia menos? Outr'ora uma voz secreta prevenia-a de quando o mancebo ia chegar. Poz-se de novo á espreita, querendo vêr Séverac, agarral-o á passagem, arrastal-o para o seu quarto, e ahi, explicar-se com elle pela ultima vez. No dia seguinte esperou debalde, durante horas interminaveis e mortaes. Afinal, na vespera do casamento, Séverac appareceu. Subiu directamente para o gabinete do conde onde se fechou com elle.

Sarah, deixando Mrs. Stewart, e sem perder tempo a despir o ligeiro penteador de seda, foi emboscar-se no corredor por onde Pedro costumava sahir quando se separava do general.

O corredor era escuro. Sarah em risco de ser surprehendida a cada instante, deixou-se estar ali mordendo os beiços, agitando o pésinho dentro das chinellas de setim, encostada á tapeçaria, sentindo vagamente atravez das paredes, as vozes dos dois homens que conversavam. Teve palpitações horriveis e enervamentos furiosos. Afinal, passado bastante tempo abriu-se a porta e Pedro sahiu. Deu alguns passos e, em seguida, parou bruscamente, vendo-se em presença de Sarah. Arrastada pelo ardor do seu desejo, a condessa correu para elle. Pedro quiz falar, interrogal-a. Ella poz um dedo nos labios, com um sorriso extranho. Elle adivinhou logo o perigo; tentou escapar-lhe. Mas Sarah agarrara-o por um braço, apertava-lh'o, e elle não podia soltar-se. Na meia sombra do corredor, fez um esforço para se desembaraçar. Ella agarrou-o pelo pescoço. Séverac diligenceou afastal-a.

—Sarah, perdeu o juizo, disse elle em voz baixa, tal era o receio que tinha de que o ouvissem.

Ella ergueu um reposteiro de seda, e empurrando-o quasi á força, obrigou-o a entrar na salinha oriental. Elle estremeceu vendo-se ali, conheceu o logar fatal onde tudo parecia disposto para o prazer, onde os *divans* se offereciam, baixos e macios, onde as paredes, cobertas de faian-

ças de côres brilhantes, deslumbravam o olhar, onde os perfumes voluptuosos irritavam os sentidos, onde o murmurio da agua cahindo no tanque de marmore, entorpecia a vontade.

Mrs. Stewart, estupefacta, contemplava Pedro e Sarah, com os seus *Magazines* na mão, sem se atrever a fazer uma pergunta...

— Deixe-nos sós um momento, peço-lhe, disse a condessa...

A velha ingleza levantou-se, as brochuras cahiram-lhe todas em cima do tapete. E, com uma expressão de pudor assustado:

— Mas, minha querida, não vê que?... O que quer isto dizer?...

Sarah dirigiu-lhe um olhar ardente, e, encolhendo os hombros, decidida a abandonar todas as reservas:

— Amo-o! E pertenço lhe, ahi está o que quer dizer! exclamou ella com voz vibrante. Mas, vamos, saia!

Mrs. Stewart recuou como se visse apparecer o demonio. Assaltada por uma perturbação inexprimivel, retirou-se, tropeçando nos moveis, e fechou a porta. Sarah, logo que se viu só com Pedro correu para elle. As mangas do penteador cahiram para traz, deixando vêr os formosos braços nus.

— É amanhã! disse-lhe ella com ar desvairado. Ámanhã... Mas emquanto não estiver tudo concluido tenho esperança de te vêr voltar atraz... Se és um homem honrado não tens o direito de me abandonares...

E, como Séverac ficava immovel e silencioso, supportando, impassivel, aquelle terrivel assalto dirigido á sua consciencia:

— Oh! coração de marmore! exclamou Sarah com furia. Nada te póde commover? Esqueceste tudo? Foi aqui, n'este logar, que eu te cahi nos braços... Olha para estas paredes: não te recordam cousa alguma? Esta meia claridade não evoca nenhuma lembrança feliz? Comtudo, tu amavas-

me! A tua bocca disse-mo, mais com beijos do que com palavras! E queres abandonar-me, tendo a certeza de que me matas! Mas olha para mim, eu não mereço, realmente que me desprezes!...

E, com um movimento de soberbo impudor, arrancou o pente e abriu o roupão. Os cabellos de ouro escorregaram-lhe sobre os hombros de neve. Na claridade rosea d'aquella casa de paredes brilhantes, de tapeçarias admiraveis, estava formosa a ponto de fazer peccar um anjo. Os seus olhos azues scintillavam, com um circulo escuro que accentuava a pallidez voluptuosa do rosto, a bocca humida franzia-se como para um beijo. E de todo o seu ser abrazado, esforçando-se por triumphar, emanava uma seducção irresistivel. Séverac, deslumbrado, fechou os olhos para não vêr. Ella, porém, obstinando-se em commovel-o, aproximando-se, envolvendo-o no perfume ardente que exhalava, falando-lhe ao ouvido:

—Tem compaixão de mim! murmurou. Não me sacrifiques quando pódes salvar-me! Eu amo-te tanto! Bem sabes que te subordinei tudo, que para mim nada existe na terra a não seres tu!... Onde encontrarás uma mulher que te seja tão dedicada? Oh! como eu desejava arrancar-te a este mundo frio e razoavel!... Porque não hei de poder levar-te nos meus braços para bem longe? Queres que fujamos ambos? Vamos para um sitio ignorado, onde se possa viver sem pensar nos outros! Ah! nunca mais te deixar, poder adorar-te sem constrangimento e fazer-me tua escrava!... Vem, vem! Partamos!

Repetiu-lhe esta ultima palavra de vinte maneiras differentes, queimando-o com o olhar, encostando-se-lhe ao peito, louca, arrebatada, esquecendo tudo, prompta a perder-se irremessivelmente, se elle quizesse. E elle estava gelado no meio d'estes arrebatamentos, ficava surdo a estas supplicas.

—Deves-me a tua vida, pertence-me, porque eu dei-te a minha, continuou Sarah, diligenciando commover de ou-

tro modo o coração do mancebo. Estamos ligados indissoluvelmente. Fujamos; tu não tens o direito de me deixar. E se ficas estou perdida!

Recuou um passo; olhou para elle e viu o sereno e resoluto. Fez um gesto de demencia, levou as mãos á cabeça que lhe parecia estar prestes a estalar e começou a andar á roda da sala como um animal preso. Parou defronte de um espelho, viu o roupão entreaberto que a deixava seminua. Córou de vergonha. Os olhos molharam-se-lhe de lagrimas de raiva. E, correndo para Séverac:

— Miseravel! exclamou ella, vae-te! Causas-me horror! És o ultimo dos homens!

Um rubor ardente cobriu as faces de Pedro. Sorriu com amargura:

— Prefiro as suas injurias ás suas supplicas, disse elle. São menos penosas para mim...

Sarah tornou-se meiga e timida:

— Fiz-te mal? disse ella, como se já não se lembrasse das palavras que acabava de proferir. Já não sei o que faço nem o que digo, perdoa-me... Como podia eu querer desgostar-te, a ti que eu desejava fazer tão feliz!... Esquece tudo, excepto que te adoro!... E não me abandones por causa d'aquella Branca, que não te ama, que não saberá amar-te...

Agarrou-o pelos hombros e, fitando-o com gravidade:

— Reflecte! E toma uma resolução acertada! Porque te quero para mim a todo o custo... fica entendendo! Agora pódes ir!

E, levantando o reposteiro de seda, mostrou a Séverac o caminho por onde podia retirar-se. Ficou um momento de pé, escutando a bulha dos passos; em seguida foi á porta do quarto, abriu-a e chamou Mrs. Stewart. Extendeu-se no divan, com o olhar fixo, o rosto immovel, acabrunhada, sem dizer uma palavra. A sua velha amiga ainda espavorida pela revelação que lhe tinham feito tão bruscamente, andou em torno d'ella com inquietação e vendo-a

inerte, como se estivesse morta, arriscou-se a chamal-a em voz baixa, primeiro, e depois, como ella não respondeu, a collocar-lhe a mão no hombro. Sarah voltou-se e olhou fixamente para a ingleza.

— Então, minha querida, disse Stewart brandamente, está mais socegada? O que me declarou ainda agora é verdadeiramente extravagante e custa-me a crêr que uma mulher tão bem educada como a menina foi, se atreva a fazer demonstrações tão... inconvenientes...

— É tudo verdade, respondeu Sarah em tom doloroso. Minha pobre Stewart, lembra-se de quando eu me lastimava alegremente por nunca ter sentido bater o coração?... Pois agora bate a ponto de se despedaçar! E eu soffro muito...

— Mas, minha filha, e o conde, emfim, seu marido?... exclamou a velha ingleza escandalisada.

— Esqueci tudo, affrontei todos os perigos, logo que amei! Nada existe para mim a não ser o meu amante!

Stewart, desesperada, levantou os braços para o ceu. Um amante! Santo Deus! A sua querida menina falava em amantes! Então não era só nos *Magazines* que se viam essas encantadoras atrocidades? Sentou-se na borda do divan e, pegando na mão de Sarah, que ardia:

— Meu querido anjo, volte a si, peço-lhe, disse ella com a sua gravidade puritana; se commetteu uma falta, é necessario reparal-a... E' ignorada, seu marido não desconfia de cousa alguma, não é verdade? Pois isso tornava-lhe bem facil a tarefa... Não torne a ver o homem por quem se perdeu... Volte para o bem, entre no caminho do dever... Esqueça...

— Talvez esqueça, quando estiver morta, disse Sarah erguendo-se bruscamente, mas não emquanto viver... Creia, minha boa e querida Stewart, que se alguem me pudesse fazer mudar de resolução, era a senhora... a melhor e mais dedicada das mulheres...

Stewart, muito agitada, desfez-se em lagrimas e soltou

verdadeiros bramidos. Extendeu os braços á sua querida filha e apertou-a junto ao coração.

— Oh! meu Deus, minha querida, balbuciava ella, como me afflige!... Mas o que tenciona fazer?

— Partir.

— Partir! Com quem?

— Com elle ou comsigo! Seja o que fôr que succeda, hei de desapparecer. Espero que não me recusará o seu apoio quando fôr o unico que me reste.

— Oh! Sarah! Mas é possivel, tudo isto?

— Ouça, disse a condessa, vou fazer as malas. A senhora annuncia que parte ámanhã, depois da ceremonia, e esta noute manda levar d'aqui a sua bagagem e a minha. Condul-as a senhora mesma ao hotel do Louvre. Esperar-nos-hão lá.

E, fazendo calar Stewart com um olhar imperioso, Sarah entrou no seu quarto. A pobre senhora, pasmada e aturdida, seguiu-a, e, com os canudos cahindo em desalinho ao longo das faces, não sabendo a que santo deveria encommendar-se, assistiu á abertura dos guarda-vestidos da condessa. Sarah deixou n'um cofresinho o collar admiravel que Branca lhe dera, por occasião do seu casamento, e as joias que recebera do conde. Não quiz levar d'aquella casa senão o fato necessario para uma viagem de alguns dias. Collocou as chaves n'uma taça de bronze antigo e, depois de tudo arranjado, mostrou-se mais serena. Voltou-se para Mrs. Stewart, cuja physionomia consternada devia annunciar uma desgraça a qualquer extranho, e falou-lhe com meiguice, pedindo-lhe que se dominasse afim de não o trahir.

— Verá, se eu a levar commigo, que não lhe custará muito ter de aturar a sua Sarah, disse ella fingindo uma alegria que estava bem longe de sentir; havemos de viajar como duas perdidas. D'esta vez quero que demos volta á roda do mundo!

Depois, ouvindo bulha de passos na casinha que servia de entrada aos seus aposentos particulares:

— Acautele-se, vem alguem, disse ella. Arranje uma physionomia menos lugubre.

O conde entrou no quarto. Vinha de chapéu na mão e luvas. Pareceu ficar contrariado vendo Sarah em trajo de manhã.

— O que, minha querida, ainda não está prompta? disse elle. Então esqueceu-se de que temos de ir ao convento falar com Branca afim de se combinarem as ultimas disposições para ámanhã?...

O rosto de Sarah contrahiu-se. Mas, com grande naturalidade:

— E' verdade, já me esquecia, disse ella. Mas é questão de dois minutos... enfio um vestido e estou prompta. Entretanto vá conversando com Stewart, que está com enchaqueca... Tem chorado tanto, a pobre amiga, por ter de separar-se de nós ámanhã á noute...

— Então é por isso que vejo estas malas preparadas? disse o conde. O que! minha boa Mrs. Stewart, deixa-nos tão depressa?

E como a ingleza, agitada, começava outra vez a chorar:

— Mas porque não fica? A condessa está tão contente com a sua companhia! Ha apenas quinze dias que chegou!

Stewart, obrigada a mentir, affirmou que era esperada na Escocia pela familia de sua mãe. E o conde, como homem bem educado que receia mostrar-se importuno, deixou de insistir para obrigal-a a ficar. D'ali a alguns minutos o seu *coupé*, levava-o, na companhia de Sarah, para o convento das Damas da Visitação.

O convento, situado na rua de Madame, é uma velha casa que data de Luiz XIII. Ergue-se entre um pateo e um jardim. Um grande portão com pilares de pedra, e do qual sobe uma hera empoeirada que cobre um grande

pedaço da parede, dá entrada no pateo sombrio e fresco. Uma escada de quatro degraus conduz a um vestibulo de onde se vê o jardim verdejante, bem sombreado, cheio de gorgeios das aves. Á esquerda abre-se um vasto locutorio com paredes de carvalho ennegrecidas pelo tempo, tecto de vigas pintado de azul e semeado de estrellas. Quadros de santidade, dadivas magnificas dos fieis, estão suspensos nas paredes. Ao fundo ergue-se um altar todo branco com filetes d'oiro, coberto com uma preciosa toalha de renda e ornado de vasos de prata bem trabalhados. É ahi que as Irmãs fazem uma estação admiravel por occasião da festa do Corpo de Deus.

Recebem tambem lá as raras visitas que se apresentam. Era n'esse locutorio severo, onde tudo fala da adoração divina, onde as janellas com vidros de côres espalham uma claridade religiosa, que o conde, Sarah e Branca estavam reunidos.

(Continúa.)

Georges OHNET.

OS DOZE MEZES DO ANNO

(Conto bohemio)

Era uma vez uma camponeza, que tinha ficado viuva, com uma filha e uma enteada. A mais velha, a enteada, chamava-se Dobrunka; a mais nova, que era tão má como a mãe, chamava-se Zloboga. A camponeza adorava a filha, mas tinha odio a Dubrunka, unicamente por esta ser tão bonita quanto a irmã era feia. A boa Dobrunka nem mesmo sabia que era bonita; por isso não podia comprehender por que razão a madrasta se enfurecia mal olhava para ella. Era a pobre creança que fazia tudo em casa; era ella quem varria, quem fazia o jantar, quem lavava, quem cosia, quem fiava, quem cortava a herva, quem tratava da vacca. Zloboga vivia como uma princeza, isto é, não fazia absolutamente nada.

Dobrunka trabalhava de muito boa vontade, ouvindo reprehensões e levando pancada com a mansidão d'um cordeiro. Nada commovia a madrasta, porque cada dia augmentava a belleza da enteada e a fealdade da filha.

— Eil-as já crescidas, pensava a camponeza; os pretendentes não tardarão; hão de recusar minha filha quando virem aquella horrivel Dobrunka, que se está fazendo bo-

nita de proposito para me contrariar. Preciso vêr-me livre d'ella, a todo o custo.

Um dia, era no meiado de janeiro, Zloboga appeteceu violetas.

— Vamos, Dobrunka, vae-me buscar um ramo de violetas á floresta; quero pol-o ao peito e aspiral-o de vez em quando.

— Mas que idéa, minha irmã, que idéa! então ha violetas debaixo da neve?

— Cala a bocca, tola, respondeu a outra; faze o que te mando. Se não fores ao bosque e não me trouxeres um ramo de violetas, dou-te uma sova de pau.

A mãe pegou em Dobrunka pelo braço, pôl-a fóra da porta, e fechou esta á chave.

A pobre rapariga entrou no bosque a chorar. Estava tudo coberto de neve; não se via o mais simples atalho. Dobrunka perdeu-se no caminho, começou a sentir fome, e o frio fazia-a tremer. Pediu a Deus para a levar d'esta miseravel vida. De repente, vê um clarão ao longe. Começa a andar, a subir, e chega ao cimo d'um rochedo. Ahi encontrou uma grande fogueira; á roda d'ella alinhavam-se doze pedras e em cada pedra estava sentada uma figura immovel, embrulhada n'uma enorme capa, com a cabeça coberta por um grande capuz que lhe cahia até aos olhos. Tres d'estas capas eram brancas como a neve; tres, verdes como a herva dos prados; tres, amarellas como feixes de trigo maduro; tres, roxas como cachos d'uvas. Estas doze figuras silenciosas, eram os doze mezes do anno.

Dobrunka reconheceu Janeiro pela sua comprida barba branca; era o unico que tinha uma vara na mão. A pobre pequena estava com muito medo; approximou-se no entanto, dizendo muito timidamente:

— Meus bons senhores, permittam-me que eu me aqueça a essa fogueira; estou gelada de frio.

Janeiro fez um signal com a cabeça:

— Para que vens aqui, minha filha? disse elle; o que queres tu?

— Ando á procura de violetas, respondeu Dobrunka.

— Não é tempo d'ellas, não ha violetas debaixo da neve, disse Janeiro com a sua voz possante.

— Bem sei, respondeu Dobrunka com tristeza; porém minha mãe e minha irmã batem-me se eu não lh'as levar. Digam-me onde as posso encontrar, meus bons senhores.

O velho janeiro levantou-se, e dirigindo-se a um rapaz de capuz verde, deu-lhe a vara que tinha na mão:

— Meu irmão Março, disse elle, isto é comtigo.

Março levanta-se por sua vez, e atiça a fogueira com a vara. De repente a chamma sobe; derrete-se a neve, os ramos cobrem-se de rebentos, a herva reverdece nas moitas, as flôres despontam sob a verdura, as violetas desabrocham e enchem o ar de perfume. É primavera.

— Depressa, minha filha, apanha as tuas violetas, diz Março.

Dobrunka faz um grande ramo, agradece aos doze mezes, e corre cheia de alegria para casa. Quem ficou espantada? Foi Zloboga, foi a madrasta. O cheiro das violetas embalsamava a casa inteira.

— Onde achaste tu isso? perguntou Zloboga, desdenhosamente.

— Lá em cima, no monte, respondeu a irmã. Ha lá tantas, que parecem um grande tapete azul.

Zloboga pôz o ramo no cinto, e nem sequer disse obrigado á pobre creança.

No dia seguinte, a má rapariga, estando sentada ao pé do lume, teve appetite de comer morangos.

— Vae-me buscar morangos ao bosque, disse ella a Dobrunka.

— Mas que idéa, minha irmã, que idea! Então ha morangos debaixo da neve?

— Cala a bocca, tola; faze o que te mando. Se não fôres ao bosque e me não trouxeres um cesto de morangos, dou-

te uma sova de pau. A mãe pegou em Dobrunka pelo braço, pôl-a fóra da porta, e fechou esta á cbave.

A pobre rapariga tomou outra vez o caminho do bosque procurando com os olhos anciosos a luz da vespera. Teve a felicidade de a tornar a vêr, e chegou, por fim, gelada e tremendo de frio, ao pé da fogueira.

Os doze mezes estavam nos seus logares, immoveis e silenciosos.

— Meus bons senhores, permittam-me que eu me aqueça a essa fogueira; estou gelada de frio.

— Porque voltas cá? disse Janeiro; o que queres?

— Ando á procura de morangos, respondeu ella.

— Não é tempo d'elles, replicou Janeiro com a sua voz possante; não ha morangos debaixo da neve.

— Bem sei, respondeu Dobrunka com tristeza; mas minha mãe e minha irmã batem-me se eu lh'os não levar. Digam-me onde os posso encontrar, meus bons senhores.

O velho Janeiro levantou-se, e dirigindo-se a um homem de capuz amarello, deu-lhe a vara que trazia na mão:

— Meu irmão Junho, disse elle, isto é comtigo.

Junho levanta-se por sua vez, e atiça a fogueira com a vara recebida.

De repente, a chamma sóbe, derrete-se a neve, as arvores vestem-se de folhas, os passaros cantam, as flôres abrem; é verão. Milhares de estrellinhas brancas espalham-se pela terra, depois transformam-se em morangos, e eil-os que brilham no meio da verdura como rubis no meio de esmeraldas.

— Depressa, minha filha, apanha os teus morangos, disse Junho.

Dobrunka enche d'elles o seu avental, agradece aos doze mezes, e corre exultando de alegria para casa. Quem ficou espantada?

Foi Zloboga, foi a madrasta. O cheiro dos morangos perfumava a casa toda.

—Onde achaste tu isso? perguntou Zloboga desdenhosamente.

—Lá em cima no monte, respondeu a irmã; ha lá tantos que até parece sangue entornado.

Zloboga e a mãe comem os morangos e nem sequer dizem obrigado á pobre creança.

No terceiro dia, a má irmã quiz maçãs vermelhas.

As mesmas ameaças, as mesmas injurias, as mesmas violencias. Dobrunka correu ao monte e teve a felicidade de tornar a encontrar os doze bons mezes, que se aqueciam immoveis e silenciosos.

—Tu, outra vez, minha filha? disse o velho Janeiro dando-lhe logar ao pé da fogueira.

E Dobrunka disse-lhe, chorando, que se não levasse maçãs vermelhas, a mãe e a irmã lhe bateriam até a matarem.

O bom Janeiro tornou a fazer as mesmas ceremonias da vespera.

—Irmão Setembro, disse elle a um de barba grisalha e capuz roxo, isto é comtigo.

Setembro levanta-se por sua vez e atiça a fogueira com a vara. N'isto a chamma sobe; derrete-se a neve, nas arvores apparecem algumas folhas amarelladas que o vento faz cahir uma a uma. É outomno. Flôres, só havia alguns cravos atrazados, margaridas e perpetuas. Dobrunka, porém, apenas viu uma cousa: foi uma macieira vergando ao peso dos seus fructos vermelhos.

—Depressa, minha filha, sacode a arvore, disse Setembro.

Dobrunka sacode-a, cae uma maçã; sacode-a outra vez, cae outra.

—Depressa, pequena, depressa para casa! grita Setembro imperiosamente.

A boa creança agradece aos doze mezes, e corre satisfeitissima para fóra do bosque. Chega a casa. Quem ficou espantada? Foi Zloboga, foi a madrasta.

— Maçãs novas em janeiro! onde apanhaste tu estas duas maçãs? pergunta Zloboga.

— Lá em cima no monte; ha lá uma arvore tão cheia d'ellas como uma cerejeira no mez de julho.

— Porque trazes só duas? comeste as outras no caminho?

— Eu, minha irmã, não lhes toquei; só me deixaram sacudir a arvore duas vezes, não cahiram senão duas.

— Raios te partam! grita Zloboga.

E começa a bater na irmã, que foge chorando.

A má rapariga provou uma das maçãs; nunca tinha comido nada tão bom. A mãe foi da mesma opinião. Que pena não terem mais!

— Mãe, disse Zloboga, dá-me a minha capa, vou ao bosque, hei de encontrar a arvore, e quer me deixem quer não, hei de sacudil-a tanto, que as maçãs cahirão todas.

A mãe quiz fazer algumas observações: mas uma creança cheia de mimo não attende a nada. Zloboga embrulha-se na capa, deita o capuz para a cabeça e corre para o bosque.

Estava tudo coberto de neve; não se via o mais pequeno atalho.

Zloboga perdeu-se no caminho; mas a ambição e o orgulho faziam-a avançar sempre. Vê um clarão ao longe, corre, sobe, e encontra os doze mezes sentados, cada um na sua pedra, todos elles immoveis e silenciosos. Sem lhes pedir licença aproximou-se da fogueira.

— O que vens aqui fazer? O que queres? onde vaes? diz seccamente o velho Janeiro.

— Que te importa, velho demente? responde Zloboga. Não tens precisão de saber d'onde venho, nem para onde vou.

E mette-se pelo bosque dentro.

Janeiro franze as sobrancelhas e agita a vara no ar. N'um abrir e fechar d'olhos, o céu escurece, a neve cae,

o vento sopra. Zloboga não vê nada adiante de si, perde-se e procura em vão tornar para traz. A neve cae, o vento sopra. Ella chama pela mãe, amaldiçôa a irmã, amaldiçõa Deus. A neve cae, o vento sopra. Zloboga está gelada, tem os membros inteiriçados, e deixa-se cahir. A neve continúa a cahir e o vento não deixa de soprar.

A mãe anda, incessantemente, da janella para a porta, da porta para a janella; as horas passam, e Zloboga não volta.

— Preciso ir procurar minha filha, diz ella. A creança provavelmente esqueceu-se das horas, por causa d'aquellas malditas maçãs.

A mãe pega na capa e corre para o monte; está tudo coberto de neve, não se vê signal do mais simples atalho. Mette-se pelo bosque e chama pela filha. A neve cae, o vento sopra. Avança, como se estivesse a arder em febre, gritando sempre. E a neve continùa a cahir e o vento a soprar.

Dobrunka esperou toda a tarde e toda a noite; ninguem voltou. Na manhã seguinte fiou uma roca inteira, e n'esse tempo todo nem uma noticia veio.

— Meu Deus, o que aconteceria? dizia chorando a boa menina. O sol brilhava atravez do nevoeiro, a terra estava coberta de neve. Dobrunka fez o signal da cruz e rezou um Padre Nosso pela mãe e pela irmã. Nunca mais voltaram para casa, e foi só na primavera que um pastor encontrou os dois cadaveres na floresta.

Dobrunka ficou sósinha, e dona da casa, da vacca e do jardim, e ainda de um pedaço de terra na frente da casa. Mas quando uma rapariga boa e bonita tem um campo debaixo da janella, a primeira coisa que apparece n'esse campo é um moço lavrador, que offerece honestamente os seus bens, o seu coração e a sua mão. Dobrunka depressa casou; os doze mezes não abandonaram a sua protegida. Mais de uma vez, quando o vento soprava muito rijo e fazia tremer as vidraças, o bom e velho Janeiro veiu tapar com

pedaços de neve todas as frestas para evitar que o frio entrasse.

Assim viveu Dobrunka, sempre boa, sempre feliz, tendo, como diz o proverbio, o inverno á porta, o verão no celleiro, o outomno na adega, e a primavera no coração.

Édouard LABOULAYE.

NAPOLEÃO E AS MULHERES

O AMOR

XIX

Os Cem Dias

(Conclusão)

Se, na intimidade do seu coração, Napoleão não podia já conservar a menor duvida, sob o ponto de vista politico era necessario que a nação não conhecesse a verdade e que conservasse com respeito á imperatriz as illusões que o imperador lhe suppunha. Um anno antes, elle entendia que nada era mais proprio para commover os povos do que o pensamento d'aquella mulher e d'aquella creança confiados á França; hoje, o captiveiro em que as mantinham, aquella separação que violava todas as leis divinas e humanas, aquelle attentado á fé conjugal e ao amor paterno commettido pelos reis armados para restabelecerem em França o regimen dos bons costumes, parecia-lhe de natureza a revoltar tudo quanto houvesse ainda de generoso em corações d'homens e de patriotas. A dôr que a imperatriz sen-

tiu quando a arrancaram ao seu dever, as trinta noites que ella passou sem dormir em 1814, a prisão verdadeira que soffreu, o tratado de Fontainebleau violado pelos reis que lhe arrancaram sua mulher e seu filho, a indignação da velha rainha Maria Carolina dizendo á sua neta: «Impedem-te que saias pelas portas, sae pela janella e vae ter com teu marido,» o rei de Roma—agora elle diz o principe imperial! — separado de sua mãe, M.me de Montesquiou expulsa, tremendo pela existencia do seu pupillo, quer que Meneval conte tudo, n'um relatorio já prompto, para o caso em que «a Camara vote uma moção pelo rei de Roma». A Camara!

Nem uma vez, durante os Cem Dias, nem uma vez durante os seus seis annos de agonia, uma palavra de amargura ou simplesmente uma palavra de censura sahiu da sua bôcca contra esta mulher: Sempre palavras de affeição, de doçura, e de piedade. Sempre a recordação d'ella lhe acode ao espirito, adornada de mocidade e de frescura. É a franqueza, é a lealdade perfeita. «É a innocencia com todos os seus attractivos.» Não ha um dos seus companheiros de captiveiro, que não refira as mesmas conversas, quasi nos mesmos termos. Se, pelos jornaes, sabe de algum accidente que lhe succedesse, faz com que lhe expliquem o artigo por tres vezes. Se um navio da Europa lança ferro na enseada de James-Town, persuade-se que vae receber uma carta da imperatriz, e passa todo o dia, inquieto e nervoso, sem trabalhar. Tiram-lhe um dos seus servidores, Las Cases ou O'Meara, é Maria Luiza a primeira pessoa a quem elle pensa dirigil-o, entregando, por exemplo, ao seu cirurgião este bilhete: «Peço á minha boa Maria Luiza que, se o vir, lhe permitta que elle lhe beije as mãos.» No seu testamento, a 5 de abril de 1821, escreve esta phrase: *«Tive sempre que louvar-me da minha muito querida esposa a imperatriz Maria Luiza. Conservo por ella até ao ultimo momento os mais ternos sentimentos. Peço lhe que vele para garantir meu filho das provações que rodeiam*

ainda a sua infancia.» E não é bastante: Não é bastante, na modesta guarda-roupa que constitue agora a sua fortuna, o legado das suas rendas; é, a 28 de abril, sete dias antes da sua morte, o seu proprio coração, que elle quer que Antommarchi lhe arranque, quando o embalsamar. «*Mettel-o-heis em espirito de vinho, leval-o-heis a Parma á minha querida Maria Luiza, dir-lhe-heis que a amei ternamente, que nunca deixei de a amar. Contar-lhe-heis tudo o que vistes, tudo o que se refere á minha situação e á minha morte...*»

Na verdade, Hudson Lowe fez bem em obrigar Antommarchi a collocar no feretro o vaso de prata que encerrava o coração de Napoleão. O que havia de fazer d'elle M. de Neipperg?

Ao menos, á falta d'essa mulher, d'essa estrangeira, outras, e pouco importa d'onde ellas vinham, de França, da Irlanda ou da Polonia, nos ultimos dias de gloria, durante esse curto reinado de tres mezes, rodearam o imperador com a sua bellesa fiel, alegraram-lhe o coração com o seu enthusiasmo, e fazendo-se por dedicação, mesmo as que eram menos geitosas para a politica, suas vigilantes e favoraveis espias, forneceram-lhe, mais com o seu instincto do que com a sua razão, conselhos que mereciam ter sido seguidos. Assim George a respeito de Fouché; assim M.me Pellapra, que se apressou em voltar de Lyon e que, tambem por sua parte surprehende certos passos do duque de Otranto; assim M.me Walewska, que chega de Napoles, e que é immediatamente recebida com seu filho no Elyseu, a qual traz palavras da parte de Murat. M.me *** é a primeira a apresentar-se ao imperador, e, retomando, por auctoridade propria o seu titulo e o seu logar de dama do paço, é das fieis de 20 de março, d'aquellas que, nos salões illuminados das Telharias, esperam com impaciencia o reapparecido da ilha d'Elba. E muitas outras, M.me Dulanloy, M.me Lavallette, M.me Ney, M.me Regnauld de Saint-Jean-d'Angely, M.me de Beauvau, M.me de Turenne, dispu-

tam a primazia em vel-o e agradar-lhe. N'este momento, sobre algumas das mulheres de França, sobre essas cabeças encantadoras e feitas para o amor, passa aquelle sôpro divino que faz as heroinas e as martyres, que inspira actos supremos de dedicação e de coragem, e que põe as almas de nivel com os perigos mais inesperados.

Viu-se isso bem durante todo este periodo sinistro, a que foi dado com justiça o nome de Terror Branco, e do qual se tenta hoje, em vão, attenuar as atrocidades: as mulheres, aquellas mulheres do imperio, que tinham sido o adorno e a alegria das festas imperiaes, aquellas mulheres de elegancia e de graça, as mais gastadoras e caprichosas que jamais se viu, mostraram então, no meio da covardia universal dos homens, uma coragem, uma energia, uma presença de espirito que as immortalisam. Nas Telharias durante os Cem Dias, em Malmaison depois de Waterloo, tinham já demonstrado como sabiam affirmar a sua fé e honrar a desgraça.

E não são unicamente conhecidas, celebres, mas até mesmo ignoradas, obscuras, como aquella mulher que, na revista dos Federados, se approxima do imperador e lhe entrega uma petição, um rôlo de papel cuidadosamente dobrado: quando elle o abre, apparecem-lhe vinte e cinco notas de mil francos. E aquella que, a 23 de junho, na vespera do dia em que Napoleão vae deixar o Elyseu pela Malmaison, escreve ao creado do quarto do imperador convidando-o a dirigir-se á egreja de S. Philippe du Roule, para uma communicação importante. Marchand vae á entrevista, encontra no logar indicado uma mulher rezando, semi-velada, mas não o bastante para que possa dissimular as suas feições de uma rara belleza. Approxima-se d'ella e pergunta-lhe em que pode prestar-lhe serviço. Ella fica um instante sem atinar com a resposta. Depois, com um embaraço extremo, diz que as desgraças do imperador a commoveram profundamente, que desejava vêl-o, consolal-o, admiral-o. Napoleão a quem é communicado esse desejo, sorri e responde:

«Isso é uma admiração que póde conduzir a uma intriga; o melhor é não lhe dar seguimento.» Mas o offerecimento ingenuo d'aquelle coração, n'aquelle dia, áquella hora, impressiona-o bastante para que, mais tarde, por differentes vezes, elle fale da desconhecida de S. Francisco du Roule.

Encontrou elle, pelo menos, no captiveiro, alguma mulher que lhe levasse aquella especie de consolação que só a mulher póde dar ao homem? Sabem-se os seus brinquedos infantis com miss Elisabeth Balcombe na sua estada em Briars: adivinha-se algum habito tomado com uma mulher a quem a sua conducta sob o Imperio parecia dever interdizer para sempre que se approximasse d'elle, e que, duas vezes divorciada, expulsa da côrte, tinha pelo simples facto do seu casamento, promovido o desfavor do seu terceiro marido. Mas se as liberalidades testamentarias que o imperador lhe concedeu dão algum peso ás relações dos commissarios extrangeiros; se, com toda a verosimilhança a presença d'essa mulher foi occasião da discordia que se levantou entre os companheiros do imperador, se a sua partida marcou ainda uma d'essas estações dolorosas que Napoleão tinha fatalmente de percorrer, sabe-se ainda sobre essa parte do drama de Santa Helena excessivamente pouco para que seja possivel insistir n'elle. A mulher desempenhou ahi o seu papel: é tudo quanto se póde dizer.

Ao lado d'esta cortezã emerita, que o interesse conduz a Rochefort, e que o interesse mantem em Santa Helena, encontra-se uma outra mulher, essa verdadeiramente digna de admiração: a condessa Bertrand. Feliz mãe, feliz esposa, encontrou no dever cumprido a satisfação da sua consciencia. Em Paris, pelo seu nascimento, pelos seus parentescos com os Fitz-James, seria das primeiras na côrte e na cidade. Vive n'uma casa, n'uma pocilga antes, infestada de ratos, ao alcance do imperador, sem ter mesmo a consolação de o tratar e de lhe ser util. Ali está até ao fim, bella, sensivel e grave, guardando como matrona romana a integridade da sua honra, apparecendo, n'esse ultimo

cortejo que leva o captivo morto emfim, até ao valle do Geranio, semelhante a uma estatua da Dôr, e é ella, uma ingleza de nascimento, a unica mulher que chora sobre aquelle que a Inglaterra assassinou.

XX

E agora, que opinião se póde fazer e guardar de Napoleão *feminista?*

É dupla. Aqui, o physico sómente; acolá, o physico e o moral reunidos, e o moral prevalecendo ao physico.

Das aventuras banaes onde só o physico entrou em jogo, nada se occultou, e não é porque d'ellas se possam tirar opiniões particulares sobre o seu caracter; mas, calando-as, poder-se-hia fazer pensar que forneceriam conceitos desfavoraveis. Por elle ser Napoleão, a sua alcôva não poude conservar segredos; por mais cuidados que elle empregasse em tornar mysteriosos esses encontros occasionaes, as damas do paço, as açafatas, os ajudantes de campo, os creados de quarto, sem cessar á espreita dos acontecimentos mais insignificantes que se produziam nos diversos palacios, d'elles faziam registo. Em roda das Telharias, toda a gente que vivia na zona governamental, que sollicitava favores, ou simplesmente caçava noticias, mencionou nos seus cadernos o que conseguia saber; e, como tudo o que Napoleão tocou se fez historia, como não ha nada nas suas menores acções, nos menores accidentes da sua saude que não interesse a humanidade, como de ha cem annos para cá, o publico, no mundo, quasi se não apaixonou por outra cousa senão elle, todos esses testemunhos, mais ou menos authenticos, encontraram quem lhes désse credito; os pamphletarios tiraram d'elles ás mãos cheias elementos para apoiarem as suas theses, e muitas opiniões erroneas conseguiram fazer-se acreditar. O unico meio que ha para re-

futal-as, é estabelecer os factos, é referir d'essas aventuras todas aquellas que, contadas por muitas testemunhas cujas narrações concordam, apresentam sufficientes garantias de authenticidade. Se há algumas que foram desprezadas, ou simplesmente indicadas, ainda que sejam provaveis, é porque não foram apontadas senão por um unico chronista, e d'ellas se não poude descobrir nenhuma prova documentar; é tambem porque foram a tal ponto ordinarias e communs, que não seriam senão uma repetição sem interesse de factos já expostos.

O que significam estas aventuras? Que Napoleão é um homem: tem trinta annos em 1799; tem quarenta annos em 1809, e não fez voto de continencia. As mulheres offerecem-se ao menor desejo que elle testemunha, ou que lhe testemunham por elle. Toma-as, muitas vezes por necessidade, algumas vezes por voluptuosidade, mas sem lhe causarem jámais uma fadiga cerebral, sem receber jámais d'ellas uma distracção do seu trabalho. D'essas mulheres, nenhuma que elle corrompesse. Se algumas ha que sejam virgens, são virgens experientes e que fazem por si mesmas mercado da sua virgindade.—E ainda assim, haverá certeza de que algumas o fossem?

De facto, quer tenham marido ou não, quer estejam no theatro, quer vivam na côrte, são venaes. Procuram dinheiro pelo prazer que dão. Paga-lhes. Por conseguinte, elle e ellas, quites. Nenhuma sensualidade: a sensualidade não existe senão onde começa o refinamento da voluptuosidade. Elle, vae direito ao facto, singelamente, e não perde tempo com galanteios prévios. Dizem-o brutal, porque é apressado. Está ali como nas suas refeições, e se dá uma satisfação aos seus sentidos, é porque estes o exigem, porque o seu emprego foi previsto, ou porque a occasião se apresenta, de nenhum modo porque elle a tenha procurado, porque tenha pensado n'ella, ou porque a tenha deva-

neiado, porque tenha adquirido habitos de prazer ou porque tenha creado necessidades facticias.

E' isto conforme com a moral? Que moral? Se esta varia segundo as latitudes, quanto mais segundo as épocas!

Para julgar os homens do imperio,—e, bem mais, o imperador!—com a moral hypocrita e esticada dos burguezes contemporaneos, seria necessario primeiro dar-lhes a existencia d'essa burguezia. Ora, na vida que elles realmente levam, essa vida passeiada pelos quatro cantos da Europa no meio das balas e debaixo das bombas, essa vida de perpetuas cavalgadas com a morte na garupa, se alguns, fóra das vistas do imperador, arrastam amantes na sua comitiva, a maior parte d'elles não pensam n'isso, e, em campanha, sob o seu arnez de batalha, manteem-se castos. Depois de uma comprida guerra, no regresso ou n'uma cidade conquistada, se acontece que uma torrente de paixão brutal os impelle de encontro a uma mulher, qualquer que ella seja, da mesma maneira que em dias de fome se podem atirar a uma côdea de pão bolorento, isto é dizer que elles sejam immoraes, e o burguez mais afamado pela sua moralidade não é cem vezes menos continente do que o mais sensual d'esses homens? Não será necessario, para o officio a que se entregaram por gosto e que continuam por ambição, que sejam, de natureza e de origem, specimens sem par de humanidade brutal e primitiva? Não devem ter elles, pela sua carreira, desenvolvido e exasperado todas as faculdades selvagens de combatividade e, por consequencia, de animalidade? Não terão elles, por serem soldados, as mesmas necessidades, os mesmos gostos, os mesmos appetites que os outros homens, e devem elles, por escrupulo de monogamia, permanecer constantemente fieis á esposa constantemente ausente?

Alguns o fizeram e d'isso ha provas singulares; ha n'esse tempo admiraveis exemplos de amor unico dados por homens de ferro cujo coração tem a delicadeza fiel que se attribuiria ao grande Cyro; mas, para a maior parte, essas

distracções de bivaque, esses passatempos de guarnição nem contam — do mesmo modo que se não contam, em Paris, as infidelidades de uma hora que elles se permittem e que occultam tão cuidadosamente, que só por sua morte são reveladas. E não deixam, por isso, de guardar, ao pé d'essa animalidade, que é preciso satisfazer, lados singulares de ingenuidade sentimental e de ternura conjugal. Para a mulher que, todos ou quasi todos elles desposavam por amor, com um desiuteresse absoluto, nada lhes parece excessivamente bello, nem excessivamente rico, nem por demais maravilhoso. Para satisfazer os desejos d'ellas, saqueiam a Europa, e extendem-lhes o saque aos pés. Para contentarem os seus caprichos, teem paciencias, diplomacias, dedicações, que fariam sorrir se não enternecessem.

Pela generosidade, pelos cuidados rendidos a sua mulher, pelas cartas, pelos presentes, pela fortuna prodigiosa que lhe constituiu, com certeza que Napoleão se não deixa vencer por nenhum d'elles. Mas o seu sentimentalismo proprio é de outra origem e de outra essencia, que o d'elles não era.

Elles, que não puderam receber da sua natureza nem guardar da sua educação nenhum escrupulo, fizeram para seu uso escrupulos d'honra; uma honra de soldados que differe por muitos lados d'aquella que Montesquieu attribuia aos gentis-homens, embora elles pretendessem que a espada os tinha feito eguaes áquelles. Não podem comtudo procurar regras para essa honra em tempos muito proximos e não se lembram de tomar para seus modelos os Lauzun ou os Tilly; detestam ainda aquelles a quem substituiram e, se pretendem ser gentis-homens, é porque se consideram eguaes aos antepassados dos mais nobres. Quem eram esses antepassados? Os cavalleiros cruzados — e é isso o que explica o immenso exito que obtem sob o imperio aquillo a que se chamou o *genero trovador:* D'onde vem a repercussão? E' a litteratura que cria nos espiritos

o movimento *trovador*—ou são, pelo contrario, as tendencias sociaes que o determinam? Pouco importa. O que é preciso ver é que jámais a arte e a litteratura, corresponderam melhor ao que a sociedade esperava d'ellas, jámais exerceram sobre os costumes maior influencia, e essa influencia foi tanto mais viva quanto os espiritos que a soffriam eram originariamonte menos cultivados.

No genero trovador, para o qual, desde 1806, tudo tende em França; romance, historia, theatro, quadros, costumes, trata-se menos do trovador, do que d'aquelle de quem o trovador conta as façanhas; do cavalleiro; o cavalleiro que professa o culto da sua dama, que, para as façanhas que vae cumprir na Terra Santa; infieis mortos, dragões subjugados, cidades tomadas, se adorna com uma faixa das côres que ella usa e se dá por bem pago com um olhar que ella lhe volve. Os guerreiros do imperio esforçam-se todos por se modelar por esse cavalleiro ideal e imaginario. Se não cingem a faixa com as cores da dama dos seus pensamentos, quantos d'elles usam na espada um fiador bordado por mãos queridas, quantos levam sobre o coração um retrato, e nos dias de batalha se enfeitam com qualquer garridice offerecida pela mulher amada!

Sem duvida, Napoleão segue menos do que outros a corrente trovadora. Não cede a ella como seu enteado Eugenio, como alguns dos seus marechaes; comtudo, a atmosphera ambiente não deixa, por fim, de actuar n'elle e poder-se-hia, nas suas relações com Maria Luiza, mencionar certas particularidades, que o provariam sem réplica. Mas é só no fim do imperio, que um sentimento, até ahi não experimentado ainda, faz a sua apparição para dominar e apagar qualquer outro.

Até ahi, o sentimentalismo que por elle passa não deve nada á litteratura nova; porém muito, se não tudo, á litteratura de hontem. A formação sentimental de Napoleão, foi Rousseau quem a fez, unicamente Rousseau. Segundo o testemunho da propria Josephina, elle amou tres mulhe-

res. Ella, M.me *** e M.me Walewska. Releiam-se as suas cartas a Josephina, é Rousseau; releiam-se as suas cartas a M.me Walewska, é Rousseau ainda. E o que havemos de dizer das conversas? Não se lhes encontra o tom dos primeiros escriptos de mocidade do tenente Bonaparte, e as mesmas palavras, as mesmas phrases, pelas quaes, em Valence, elle lastimava a sua solidão e a sua pobreza? Pois não é da mesma alma que derivam esses pensamentos sobre o irrealisavel e sobre o nada da vida? Não é o mesmo soffrimento que, por tres vezes, lhe inspira os mesmos sonhos? Discipulo de Rousseau, impregnou-se elle a tal ponto do pensamento do mestre, que o tenha feito seu, e que elle, que tudo tentou e tudo obteve, mesmo o impossivel, na ordem dos factos, não encontre senão impotencia, negação e desgosto na ordem dos sentimentos? Ou então, vendo Rousseau na origem dos seus sentimentos e na fórma que elle lhes dá, deve pensar-se que o seu temperamento moral se desenvolveu n'este sentido e que a litteratura não entra n'isso para nada? N'aquella procura da mulher que o ame por si mesmo, que não seja senão d'elle, que não pense senão n'elle, que mantenha com elle uma troca continua de ternuras, está certamente de boa fé; mas até que ponto obedece ás suas lembranças litterarias, até que ponto se constrange para experimentar sensações que elle crê serem de uma especie rara e nova?

O que póde fazer pensar que elle fórça aqui a sua natureza, é cançar-se depressa. Não recebe d'aquellas sensações o prazer, que d'ellas esperava; acha a mulher que elle amava ou que elle julgava amar inferior ao ideal que forjou. Um incidente lança-o na suspeita e fal-o deter-se. Tudo quebra. O sentimental que elle é de educação encontra-se em face do homem pratico e positivo que elle é de natureza; mas, logo que póde, corre a uma experiencia nova, alvoroça-se, compraz-se n'ella, descança, e, d'esta vez, gósa plenamente.

Para um homem tal, o que é surprehendente, é a fidelidade, não dos sentidos, mas do coração. Engana Josephina, tem amantes, verdadeiras, d'aquellas que elle ama sinceramente, profundamente, com quem elle percorre sem se cançar toda a gamma das creancices do sentimento, e, ao lado, n'um canto, á parte, conserva, para aquella que foi a primeira na sua vida, uma ternura tão grande, um tal desejo, uma tão real affeição que esquece tudo o que ella pensou, disse e fez contra elle; não o perdoa; apaga-o de todo.

Aquella existencia da qual elle não poude deixar de ser instruido, na qual encontra o que mais deveria revoltal-o, amantes, venalidade e dividas, não lhe deixa nenhuma má recordação. Sabe apenas que essa mulher, que elle elevou a ser a primeira da Europa, que elle chamou ao throno, que fez sagrar por um papa, que associou aos destinos mais inauditos, é a graça mesmo, a elegancia personificada; presta-lhe qualidades e mesmo virtudes; adorna-a com todos os dons que um amante apaixonado póde attribuir á sua amante e, se lhe censura a sua prodigalidade, não é esse ainda um meio de mostrar como elle a amou, pois lhe deu os meios de satisfazel-a?

O que é essa mulher no natural, essa mulher sobre a qual elle lança um manto de immortalidade fazendo acreditar sobre ella uma lenda inteiramente de imaginação, ignora-o tão profundamente que, se elle engana a posteridade, é porque elle proprio é o primeiro enganado. Até oa fim, até á morte, persiste na sua illusão e, em Santa Helena, tem sempre deante dos olhos, no coração, nos sentidos, a Josephina vista pela primeira vez pelo general *Vindimario* no pequeno palacete da rua Chantereine, a Josephina de Milão e de Montebello, a mulher que, primeira entre todas, unica póde dizer-se, desencadeou n'elle a tempestade das paixões e lhe fez conhecer e saborear o amor.

Amante, essa: porque foi com um amor de amante que

elle a amou, com um amor irrespeitoso, que não sabe constranger-se, que exige ser immediatamente satisfeito, que não teme as zangas, que encontra prazer nas renovações, que faz de boa vontade confissão das infidelidades, que, para o fim é como a camaradagem com uma antiga amante, com os pedidos de apoio para os rompimentos, com as confidencias arrojadas, e todo o trem habitual da vida livre e sem cerimonia. É a tal ponto o amor por uma amante que, a cada evolução do seu destino, sente melhor que a sua fortuna lhe ordena romper aquella ligação que, a seus olhos, não é um casamento; comprehende que isso não póde durar eternamente, que é necessario que elle lhe ponha um ponto, que se estabeleça. Na sua superstição de consciencia, não se considera casado, porque não passou pela egreja; e se, tarde já, passados oito annos, compareceu deante de um padre, foi constrangido a isso. O contracto, como quer que fosse, tel-o-hia como valido, se houvesse nascido um filho. Então, o compromisso seria formal. Mas não havendo filho, não ha contracto. E quando a deixa, trata-a ainda como amante consolando-a com um grande monte de dinheiro, fazendo-lhe a vida longa, opulenta.

Póde perguntar-se, apesar de todas as fraquezas que Napoleão teve por essa mulher, apesar do seu empenho em satisfazel-a, em adoptar os seus filhos, em elevar a thronos as suas sobrinhas e as suas primas, se elle jámais a considerou, como da *sua familia,* de tal modo differente é o sentimento que tem por ella do que se desenvolve n'elle logo que casou com Maria Luiza e sobretudo logo que Maria Luiza o fez pae. Então, o *espirito conjugal* invade-o, domina-o, absorve-o. Com certeza, que elle nunca amou Maria Luiza com a paixão com que amou Josephina. Nunca, para elle, ella foi a amante; antes, logo de começo, para elle, ella foi a esposa. Não ha infidelidades eutão, ou se se permitte algumas, são ellas tão cuidadosamente occultas e ao mesmo tempo tão obscuras, que testemunham melhor

o respeito exterior que elle entendeu dever á fé prometida. Nenhuma confidencia suspeita, nenhuma distracção, nenhum prazer tomado fóra de sua mulher. Fica-se reduzido, quando o vemos deixar de ir pessoalmente pôr ordem aos seus negocios de Hespanha, a perguntar se a obrigação de deixar sua mulher não é uma das causas que o impedem de partir. Emquanto que, a Josephina, elle recusou toda a participação no governo do imperio, chama Maria Luiza a governar, fal-a regente; descobre-lhe mais intelligencia, mais espirito, mais razão do que a que concede aos seus velhos conselheiros, a seus proprios irmãos. Não é só por ella sêr a mãe de seu filho, que a trata assim, embora seja essa a razão apparente, mas é porque sente por ella aquella especie de respeito conjugal, que nunca teve por Josephina.

Emquanto que, com esta, fica sempre — mesmo depois da morte d'ella — *o amante,* com aquella é sempre *o esposo.* Com Josephina, é a sua educação sentimental, como Rousseau a fez, que domina. Com Maria Luiza, é o atavismo corso, a velha tradição das suas montanhas que retoma os seus direitos. Accrescenta-lhe, mas unicamente por contrapeso e póde dizer-se por superfetação, a impressão monarchica. Mas a qualidade de esposa é sufficiente aos seus olhos, logo que é sanctificada e como que sublimada pela qualidade de mãe.

Não quer admittir que sua mulher o abandone, não quer saber que ella o engana; é sua mulher e isso é o bastante para collocal-a acima das tentações communs. E, tão poderoso é n'elle o espirito conjugal que, em Santa Helena, procede até ao fim, até á morte (testemunha o testamento) como se o ignorasse, e elle, tão cioso da mulher possuida, que se quixa amargamente do casamento de M.me d'Ornano, não tem senão palavras de ternura, de complacencia, e de affeição para sua mulher, para Maria Luiza. Seria por pretender salvaguardar n'ella até ao fim, aquella lei monarchica que faz uma obrigação do respeito para com as

testas coroadas? Seria por se comprazer em embalar-se n'uma illusão suprema, ou por achar nas faltas da archiduqueza desculpas particulares, ou ainda por imaginar que o segredo, que elle não confessa, fica melhor guardado para a historia? Talvez entre alguma cousa de tudo isto no seu espirito; mas, sobretudo, quer ignorar, porque essa mulher é a esposa, e a esposa não póde cahir.

Assim, excluindo as brutalidades physicas, que não são senão distracções passageiras, chega-se a achar em Napoleão uma faculdade de amor tão grande como é n'elle a faculdade de pensar e de operar, e que mostra um amante e um marido tão admiraveis, como o foram o guerreiro e o homem de Estado. O marido, para poupar as censuras da posteridade a sua mulher, constrange-se ao silencio e condemna-se, de 1815 a 1821, a representar uma comedia extranha para manter a honra da esposa. É fiel, é respeitoso, é terno, Tem attenções timidas de marido moço, e a par de ser, porque o seu temperamento lh'o exige, de um ciume sem limites, domina-se bastante para não parecer que os tinha emquanto sua mulher vive com elle, para affectar a confiança mais absoluta quando sua mulher está separada d'elle por oceanos, quando o abandonou e quando o engana.

Emquanto ao amante, é mais singular ainda pelo poder das sensações que experimenta e, se assim se póde dizer, pela amatividade que desenvolve. Não ha uma das notas do teclado humano, que elle não tente fazer soar com as mulheres e sobretudo com a mulher a quem ama como amante. Ora, é o phrenesi sensual, a paixão physica no que ella tem de mais violento; ora é a paixão moral no que ella apresenta de mais delicado e de mais suave. Nada lhe escapa em materia de sentimento; nada se lhe conserva extranho e, pela sua parte, como homem e no seu seu ponto de vista egoista, é o amante por excellencia. As

mulheres, essas, pelo seu lado, julgaram sem duvida d'outro modo, e esse amante poude fazer-lhes soffrer tão singulares desagrados, que é bem de presumir que nenhuma o amou. Mas a mulher não amará nunca o amante em quem sentir o superior, o senhor que pretenda dobral-a á sua vontade e se recuse a receber a d'ella, que lhe imponha os seus sentimentos e não se conforme com as suas opiniões. Quem sabe, portanto, jámais, se é amado, e não será já uma fortuna maior ter gosado para si o amor physico e o amor mental n'um grau desconhecido da maior parte dos homens e de todos os modos por que um homem póde experimental-os?

Resta um ponto: Marido ou amante, Napoleão supportou, da parte das mulheres a quem amou, direcções que reagissem sobre a sua politica? as mulheres tiveram qualquer influencia nas suas idéas e, por conseguinte, nos seus actos? Influencia directa, não parece, nem das amantes, nem mesmo da mulher: mas que as impressões recebidas d'umas e d'outras e a proposito d'umas e d'outras, as conversas tidas com ellas, as circumstancias occasionaes, que acompanharam tal ou tal ligação, tenham levado o seu espirito a conceber certas idéas novas, a modificar certas idéas adquiridas, tenham tido mesmo sobre a sua vida uma acção certa, isso não tem que discutir-se.

Por muito amada que tenha sido, Josephina não poderia com certeza collocar-se na primeira ordem entre aquellas que nós encontrariamos na origem de certas resoluções politicas. Se se suppõe ter sido ella quem o encaminha para a direita, quem, procurando-lhe uma convivencia de gente semi-nobre, o leva por momentos a sacrificar o espirito da revolução ás tradições do antigo regimen, isso é um engano; é elle que assim o quer, é elle quem procura os aristocratas, sujeitando-se a ser trahido, vendido, entregue por elles. Josephina faz o recrutamento, mas é por sua ordem; Josephina distribue graças, mas é por elle ima-

ginar que estas serão melhor recebidas, que produzirão melhor effeito. Está na resolução previa de conceder a Josephina as radiações de emigrados, as restituições de bens, e todos os favores com os quaes elle crê obrigar ao reconhecimento, pelo menos á neutralidade, os gentis-homens e as grandes damas: mas o ponto está assente no seu espirito, porque, a não ser de surpresa, não se deixa implorar senão por favores que está decidido a conceder, e não é rei de raça bastante antiga para tomar como um goso o repellir uma mulher em prantos, que mendigue a cabeça de seu marido ou de seu irmão. Desculpas vagas, algumas falsas impressões, um certo numero de informações entre as quaes algumas menos exactas, eis pouco mais ou menos tudo que elle parece tirar de Josephina.

Mas, d'outras, quanto mais? Não se resolve elle ao divorcio depois que Denuelle de la Plaigne apparece gravida, e não se determina a realisal-o depois de succeder o mesmo a M.me Walewska? Não nos apparece, sob uma luz inteiramente differente, toda a sua politica a respeito da Polonia, se repararmos em que amante elle tem, em 1807, em 1808 e em 1809; e da mesma maneira a longanimidade para com Bernadotte não é desculpada pela antiga recordação de Désirée? Logo que se tem unido com Maria Luiza, logo que, por intermedio d'ella, tem entrado na familia d'Austria, e considera o laço assim formado tão intimo como aquelle que por nascimento o aperta á sua propria familia, não ficam completamente explicadas a sua confiança, a sua certeza de ser seguido até ao fim, e o modo como elle se enreda e se entrega? Se o espirito familiar é tão poderoso na sua imaginação que está convencido de ser elle o unico que assegura as allianças politicas — e assim o mostra na Baviera, em Baden, no Wurtemberg, antes de o mostrar na Austria — no interior, quanto não se entrega elle mais ao espirito conjugal? Maria Luiza, portanto, não pela sua influencia directa, mas pelo logar que elle lhe concede nas suas combinações, pelo prestigio com

que o seu espirito a rodeia, exerce na sua politica, tanto no exterior como no interior, uma acção sem precedente.

Seria elle homem se fosse de outro modo, e não é justamente por ter conservado o que ha de melhor na humanidade, que elle assim se prendeu e entregou, não é por ter guardado uma fiel e terna lembrança do seu primeiro amor, não é por ter sido familial ao modo como se é na sua raça, o conjugal como o seu instincto e moral monogamica o ordenam, que a sua queda foi tão terrivel e tão profunda?

Se a mulher não desempenhasse nenhum papel na sua vida, Napoleão deixaria de ser o que é, o exemplar mais surprehendente do genio masculino. Seria um individuo sem sexo, á parte, excepcional, e que não interessaria á humanidade pois não sentiria nenhuma das suas tradições, e não teria com ella nenhum sentimento que fosse commum. Tal como elle é, pelo contrario, elle cuja actividade cerebral é superior á de todos os homens conhecidos, elle que, servido por uma fortuna sem egual, achou incessantemente no seu espirito recursos eguaes á sua fortuna, elle que executou a maior obra que a qualquer mortal jámais fosse dada, é por excellencia o homem a quem nada humano foi extranho.

O que é humano, é sentir a influencia da mulher, é crêr na mulher, é amar a mulher, é experimentar pela mulher e para a mulher toda a série das sensações e dos sentimentos, que a mulher póde inspirar. Napoleão conheceu-os todos, e por esse lado, como por todos os mais, fica sendo superior aos outros sêres.

FIM

Frédéric MASSON.

O PERIGO DE ESTAR NA CAMA

O vendedor dos bilhetes disse:

—Quer tambem uma senha do seguro para caso de accidente?—

—Não, respondi-lhe eu, depois de estudar a questão um pouco. Não, não é preciso; ando a viajar em caminho de ferro quasi todos os dias... Mas agora me lembro que ámanhã não viajo. Dê-me então uma para ámanhã.

O homem olhou pasmado. E disse:

—Mas repare que é para seguro no caso de accidente, e como vae agora andar quasi todos os dias viajando em caminho de ferro...

—Pois por isso mesmo é que não preciso. Ficar em casa, na cama, essa é que é a cousa de que tenho mais medo.—

Tenho estudado este assumpto. No anno passado viajei talvez umas vinte mil milhas, quasi sempre em caminho de ferro. No anno anterior tinha viajado para mais de vinte e cinco mil milhas, metade por mar e outra metade em

via ferrea. Ha tres annos andei muito proximo das dez mil milhas, em caminho de ferro exclusivamente. Calcúlo, pois, em numeros redondos, que viajei umas sessenta mil milhas durante os tres annos mencionados, *e nunca houve um accidente.*

Durante bastante tempo dizia comigo todas as manhãs: —Tenho escapado até agora, e d'esse modo estão muito augmentadas as probabilidades de me acontecer algum desastre d'esta vez. Devo ser prudente, e por isso vou comprar uma senha do seguro contra accidentes. —Mas havia completa certeza de que a senha me sahia branca, e eu ia para a cama, essa noite, sem levar uma junta desarticulada nem um osso lascado. Farto já d'aquelle aborrecimento diario, passei a comprar massos de senhas para um mez. Dizia comigo: Um homem *não póde* comprar um masso de trinta bilhetes que sáiam brancos todos.

Mas enganava-me. Não havia nunca um premio no lote. Todos os dias lia algum accidente em caminho de ferro, — a atmosphera dos jornaes andava como que ennevoada com esses acontecimentos; nenhum, porém, me sahiu jámais ao encontro. Entrei a achar que tinha gasto uma boa porção de dinheiro com esta precaução, sem nada ganhar em troca. Comecei a ter desconfianças, e puz-me a indagar de alguem que já tivesse ganho n'essa loteria. Achei muita gente que n'ella tivesse empregado fundos, mas ninguem que tivesse tido jámais um accidente ou recebido qualquer juro d'esta especie. Deixei de comprar senhas e puz-me a fazer calculos. O resultado foi pasmoso. *O perigo não está em viajar, mas sim em ficar em casa.*

Procurei estatisticas e fiquei maravilhado quando vi, percorrendo as noticias de todos os jornaes relativas a desastres em caminhos de ferro, que *menos de trezentas pessoas* tinham realmente perdido a vida n'esses desastres durante os precedentes doze mezes. A linha do Erié figurava como a mais homicida na lista. Só á sua parte tinha morto quarenta e seis — ou vinte e seis, não me lembro exactamente

quantos, mas o que sei é que o numero era o duplo do de qualquer outra linha. Ora este mesmo facto me suggeriu a observação de que a linha do Erié é immensamente comprida, e tem mais transito do que qualquer outra linha do paiz; assim aquelle numero duplo de mortos deixou de ser motivo de surpreza.

Por um calculo ulterior vim a saber que, entre Nova-York e Rochester, o Erié percorrido por 16 comboios de passageiros diariamente,—oito de ida, e oito de volta,—e transporta todos os dias uma media de 6:000 pessoas. Isto anda por um milhão em seis mezes,—população da cidade de Nova York. Bem; o Erié mata de treze a vinte e tres pessoas do *seu* milhão em seis mezes; e no mesmo tempo 13:000 do milhão de Nova York morrem nas suas camas! As minhas carnes arripiam-se, põe-se-me os cabellos em pé.—É horrivel! disse eu. O perigo não está em viajar no caminho de ferro, está em a gente se fiar n'aquellas mortiferas camas. Não me torno a deitar n'uma d'ellas outra vez.

Os meus calculos foram applicados a uma extensão consideravelmente menor do que o comprimento total da linha do Erié. É fóra de duvida que a linha toda deve transportar pelo menos onze a doze mil pessoas cada dia. Ha muitas linhas pequenas que partem de Boston e que devem ter perfeitamente metade d'esse movimento; ha muitissimas linhas d'essas. Ha muitas linhas espalhadas por toda a União, que teem um prodigioso transito de passageiros. Portanto, é licito presumir que deve ser correcta uma avaliação de 2:500 passageiros por dia em cada via ferrea do paiz. Ha 846 linhas ferreas na nossa patria, e 846 vezes 2:500 são 2.115:000. Assim os caminhos de ferro da America transportam mais de dois milhões de individuos todos os dias, seiscentos e cincoenta milhões de pessoas por anno, não contando os domingos. Isto é inquestionavel, apesar de exceder a jurisdicção da minha arithmetica o dizer onde elles vão buscar toda esta materia prima,

pois consultei o recenseamento da população para traz e para deante e achei que para haver aquella gente toda nos Estados-Unidos faltam ainda pelo menos uns seiscentos e dez milhões de habitantes. E' muito verosimil que tenham de repetir-se os mesmos passageiros algumas vezes, de quando em quando.

S. Francisco tem um oitavo da população de Nova-York; ha 60 fallecimentos por semana na primeira d'estas duas cidades e 500 por semana na ultima—em semanas favoraveis. Isto é, 3:120 fallecimentos por anno em S. Francisco, e oito vezes essa quantidade em Nova-York—ou cerca de 25 a 26:000. A salubridade das duas cidades anda pela mesma. Assim podemos assentar com muitos visos de acerto que o mesmo se dará em todo o paiz, e que por conseguinte em cada milhão de habitantes, 25:000 individuos morrem cada anno. Sóbe isto á quadragessima parte da nossa população total. Portanto, um milhão de nós morremos annualmente. Além d'este milhão, dez ou doze mil são apunhalados, esfaqueados, mortos a tiro, afogados, enforcados, envenenados, ou encontram analoga morte violenta por qualquer outra fórma popular, tal como a de explosão de candieiros de petroleo e a de conflagrações nas fronteiras, ficar sepultado nas minas de carvão de pedra, cahir de andaimes, ser esmigalhado por sobrados e palanques que desabem nas egrejas ou salas de leitura, tomar medicamentos recommendados ou praticar o suicidio por outro modo. O caminho de ferro do Erié mata de 23 a 46; as outras 846 vias ferreas matam em media um terço de homem cada uma; e o resto do milhão a que nos referimos, subindo na totalidade ao horrivel numero de novecentos e oitenta e sete mil seiscentos e trinta um cadaveres, morrem *naturalmente* nas suas camas!

Hão de achar-me razão em não querer sugeitar-me mais ás probabilidades que as taes camas me offerecem. Acho os caminhos de ferro muito preferiveis para o meu gosto.

E o meu conselho a toda a gente é este: Não estejam em casa senão o tempo que não podem deixar de estar: e quando tiverem obrigação de ficar em casa por algum tempo, comprem um masso das taes senhas do seguro e passem as noutes de véla. Todos os cuidados são poucos.

(Agora já todos percebem o motivo porque respondi da maneira que se viu, ao tal vendedor de bilhetes, no começo d'este artigo).

A moral d'esta composição vem a ser: que muitas pessoas irreflectidamente se queixam mais do que é de justiça contra as administrações dos caminhos de ferro nos Estados-Unidos. Quando consideramos que em todos os dias e noites do anno, quatorze mil carruagens de caminho de ferro, de varias especies, cheias de gente, carregadas de vida e armadas de morte, rodam trovejando por todo o paiz, o que nos maravilha, não é que ellas matem trezentos seres humanos em doze mezes; mas sim que não matem trezentas vezes trezentos!

Mark TWAIN.

O SACCO DAS NOZES

O abbade de uma freguezia costumava fazer a sua pratica aos domingos, reprehendendo os costumes do povo conforme lhe dava geito.

De uma vez disse:

— Eu sei que cá na freguezia anda o costume de obedecerem os homens ás mulheres, o que é contra os mandados da escriptura, e, como diz o outro, vivem como em casa de Gonçalo, onde a galinha póde mais que o galo. Ora eu tive este anno muitas nozes no meu passal e aqui declaro que dou um sacco cheio d'ellas ao homem que me mostrar que não anda ao dedo da mulher. Depois da missa, quem se achar em sua consciencia sem este mau costume, póde ir ao passal buscar as nozes.

Estava na egreja um homem casado, que era muito ralhão, e que tratava a mulher de mau modo, e em casa ninguem abria bico deante d'elle; disse, pois, para um que estava á sua beira:

— Nozes já eu tenho, e é que ninguem m'as tira; pelo menos cá na freguezia ninguem m'as tira.

Chegado o fim da missa, apresentou-se em casa do abbade.

— Aqui estou, senhor; não ha ninguem ahi na freguezia que seja capaz de dizer que a minha casa é como a de Gonçalo.

— Eu bei sei o teu viver. E pelo que me teem dito, levas as nozes. Anda cá, vem encher o sacco.

O homem entrou e puxou de um sacco meão; diz-lhe o abbade:

— Ó homem, não tinhas lá outro sacco maior do que esse?

— Tinha, sim senhor.

— Então porque não trouxeste um sacco bem grande?

— Oh! senhor, eu trazia; mas lá a companheira começou a dizer que era vergonha, e teimou que trouxesse um mais maneirinho...

— Ah, grande tratante, despeja-me já essas nozes, que não levas d'aqui nada. Anda, tudo, e põe-te já no olho da rua.

O homem foi-se arrependido, por lhe ter fugido a lingua para a verdade.

THEOPHILO BRAGA.

O FIM DO MUNDO

Vi em seguida um ceu novo e uma terra nova; porque o primeiro ceu e a primeira terra tinham passado.

APOCALYPSE, XXI, I.

PRIMEIRA PARTE

No seculo XXV — As theorias

CAPITULO I

A ameaça celeste

Impiaque æternam timuerunt sæcula noctem.

VIRGILIO, *Georgicas*, I, 468

A magnifica ponte de marmore, que liga a rua de Rennes á rua do Louvre e que, ladeada pelas estatuas dos sabios e dos philosophos celebres, desenha uma avenida monumental que conduz ao novo portico do Instituto, estava absolutamente negra com a gente que a enchia. A multidão em ondas fazia rôlo, pois não se podia dizer que andasse, ao longo dos caes; trasbordava de todas as ruas apertando-se de encontro ao portico, invadido havia muito por uma vaga tumultuosa. Nunca, nos tempos antigos, antes da constituição dos Estados Unidos da Europa, na época barbara em que a força prevalecia sobre o direito, em que o militarismo governava a humanidade e em que a infamia da guerra esmagava incessantemente a immensa estupidez humana, nunca, nas grandes agitações revolucionarias ou nos dias de febre que assignalavam as decla-

rações de guerra, nunca as proximidades da Camara dos representantes do povo nem a praça da Concordia tinham apresentado semelhante espectaculo. Já não eram grupos de fanaticos reunidos em torno de uma bandeira, marchando para qualquer conquista da espada, seguidos de bandos de curiosos e de desoccupados «dos que vão vêr o que ha de novo;» era a população inteira, inquieta, agitada, aterrada, indistinctamente composta de todas as classes da sociedade, suspensa da decisão de um oraculo, esperando febrilmente o resultado do calculo que um astronomo celebre havia de fazer conhecer n'essa segunda feira, ás tres horas, na sessão da Academia das sciencias. Atravez da transformação politica e social dos homens e das cousas, o Instituto de França continuava a durar, mantendo ainda na Europa a palma das sciencias, das letras e das artes. O centro da civilisação havia-se deslocado, todavia; e o fóco do progresso brilhava então na America do Norte, nas margens do lago Michigan.

Estamos no seculo vinte e cinco.

Este novo palacio do Instituto, que elevava nos ares os seus terraços e os seus zimborios, tinha sido edificado no fim do seculo vinte sobre as ruinas deixadas pela grande revolução social dos anarchistas internacionaes, que, em 1950, tinham feito ir pelos ares uma parte da grande metropole franceza, como uma valvula sobre uma cratera.

Na vespera, domingo, Paris inteiro espalhado pelos boulevards e pelas praças publicas teria podido vêr-se da barquinha de um balão, caminhando lentamente e como que cheio de desespero, não se interessando já por cousa alguma do mundo. Já as alegres aeronaves não cortavam o espaço com a sua vivacidade habitual. Os aéroplanos, os aviadores, os peixes aerios, os passaros mecanicos, os héliçopteros electricos, as machinas volantes, tudo havia diminuido o seu movimento, tudo estava quasi parado. As gares aeronauticas erguidas no alto das torres e dos edificios estavam vasias e solitarias. A vida humana parecia

suspensa no seu curso. Em todos os rostos se via pintada a inquietação. Encontravam-se uns com os outros sem se reconhecerem. E sempre, dos labios pallidos e tremulos, sahia a mesma interrogação: «Então, é verdade!...» A mais espantosa epidemia teria aterrado menos os corações do que a predicção astronomica tão universalmente commentada; teria feito menos victimas, porque já a mortalidade principiava a crescer por uma causa desconhecida. A todo o instante cada um se sentia traspassado por um estremeção electrico de terror.

Alguns, querendo parecer mais energicos, menos atemorisados, soltavam por vezes uma nota de duvida ou mesmo de esperança: «Podem enganar-se,» ou então: «É possivel que passe ao lado,» ou ainda: «Não ha de ser nada, passar-se-ha apenas pelo susto,» ou quaesquer outros palliativos da mesma ordem.

Mas a espectativa, a incerteza é muitas vezes mais terrivel do que a propria catastrophe. Um golpe brutal fere-nos por uma vez e abate-nos mais ou menos. Mas acorda-se d'elle, toma-se um partido, melhora-se e continúa-se a viver. Aqui, era o desconhecido, a approximação de um acontecimento inevitavel, mysterioso, extra-terrestre e formidavel. Devia-se morrer, seguramente; mas como? Choque, esmagamento, calor incendiario, incendio do globo, envenenamento da atmosphera, suffocação dos pulmões... que supplicio aguardava os homens? Ameaça mais horripilante do que a propria morte! A nossa alma não póde soffrer senão até um certo limite. Temer sem cessar, estar cada noite perguntando o que nos espera no dia immediato, é soffrer mil mortes. E o Medo! o Medo que géla o sangue nas arterias e que anniquila as almas, o Medo, espectro invisivel, invadia todos os pensamentos, tremulos e vacillantes.

Havia perto de um mez, que todas as transacções commerciaes tinham parado; havia quinze dias que a junta dos Administradores (a qual substituia a Camara e o Senado

d'outr'ora) tinha suspenso as suas sessões, por ter ahi a divagação attingido o seu cumulo. Havia oito dias, que a Bolsa estava fechada em Paris, em Londres, em Nova-York, em Chicago, em Melbourne, em Liberty, em Pekim. Para que haviam de occupar-se de negocios, de politica interna ou externa, de questões de orçamento ou de reformas, se o mundo ia acabar? Ah! a politica! Lembrava-se mesmo alguem de jámais a ter feito? Os ôdres estavam despejados. Os proprios tribunaes não tinham já nenhuma causa em vista: ninguem assassina quando se espera o fim do mundo. A humanidade não se importava com coisa alguma; o coração d'ella precipitava as palpitações, como se estivesse proximo a parar. Não se via por toda a parte senão rostos desfigurados, caras espectraes cavadas pela insomnia. Apenas a garridice feminina resistia ainda, mas tão sómente por uma forma superficial, apressada, ephémera, sem cuidar no ámanhã.

Não podia deixar de ser assim, porque, no fim de contas, a situação era grave, quasi desesperada, mesmo aos olhos dos mais estoicos. Nunca na historia inteira da humanidade a raça de Adão se havia encontrado em presença de semelhante perigo. Deante d'ella, as ameaças do ceu erguiam, sem remissão, uma questão de vida ou de morte.

Mas, remontemos ao principio.

Tres mezes pouco mais ou menos antes do dia em que estamos, o Director do Observatorio do monte Gaorisankar havia telephonado para os principaes observatorios do globo, e principalmente para o de Paris, um despacho assim concebido:

«Foi esta noite descoberto um cometa telescopico, a 21^h 16^m 42^s de ascensão recta e 49^0 $53'$ $45''$ de declinação boreal. Movimento diurno muito fraco. O cometa é esverdeado.»

Não se passava um mez sem serem descobertos, e an-

nunciados aos diversos observatorios [1], alguns cometas telescopicos; sobretudo desde que astronomos intrepidos se haviam installado: na Asia, sobre os altos cimos do Gaorisankar, do Dapsang e do Kintchindjinga; na America do Sul, sobre o Aconcagua, o Illampon e o Chimborazo, assim como na Africa sobre o Kilima-N'djaro e na Europa sobre o Elbruz e o Monte Branco. D'este modo, um tal annuncio não tinha impressionado mais os astrónomos do que todos quantos no mesmo genero elles estavam costumados a receber. Um grande numero de observadores haviam procurado o cometa na posição indicada e tinham-o seguido cuidadosamente. Os Newastornomischenachrichten tinham publicado as suas observações, e um mathematico allemão havia calculado uma primeira orbita provisoria, com as ephemerides do movimento.

Apenas essa orbita e essas ephemerides haviam sido publicadas, e logo um sabio japonez apresentou uma nota muito curiosa. Segundo o calculo, o cometa devia descer das alturas do infinito para o Sol, e vir atravessar o plano da ecliptica cêrca de 20 de julho, n'um ponto pouco afastado d'aquelle onde por essa epoca devia encontrar-se a Terra. «Seria, dizia elle, do mais alto interesse multiplicar as observações e recomeçar o calculo para decidir a que

---

[1] Havia trezentos annos pouco mais ou menos, que o observatorio de Paris não era mais do que a séde da administração central da astronomia franceza.

As observações astronomicas faziam-se em condições incomparavelmente preferiveis ás das cidades baixas, populosas e poeirentas, sobre montanhas que emergiam n'uma atmosphera pura, e isoladas das distracções mundanas. Fios telephonicos ligavam constantemente os observadores com a administração central. Os instrumentos que ahi se conservavam não eram applicados agora senão a satisfazer a curiosidade de alguns sabios estabelecidos em Paris por causa das suas funcções sedentarias, ou então á verificação de certas descobertas.

distancia do nosso planeta passará o cometa, e se elle não virá mesmo embater na Terra ou na Lua.»

Uma joven laureada do Instituto, candidata á direcção do Observatorio, havia tomado conta da insinuação e tinha-se postado na repartição telephonica do estabelecimento central para captar immediatamente na passagem todas as observações communicadas. Em menos de dez dias, tinha ella recolhido mais de cem e, sem perder um instante, tinha passado tres dias e tres longas noutes a recomeçar o calculo sobre toda a serie das observações. O resultado a que finalmente chegou foi que o calculador allemão havia commetido um erro na distancia do perihelio e que a conclusão tirada pelo astronomo japonez era inexacta emquanto á data da passagem atravez do plano da ecliptica, passagem que estava adeantada uns cinco ou seis dias; mas o interesse do problema tornava-se ainda maior, porque a distancia minima do cometa á Terra parecia ainda mais fraca do que o que tinha julgado o sabio japonez. Sem falar, por emquanto, da possibilidade de um encontro, havia a esperança de encontrar na enorme perturbação que o astro errante ia soffrer da parte da Terra e da Lua um meio novo de determinar com extraordinaria precisão a massa da Lua e a da Terra, e talvez mesmo indicações preciosas sobre a distribuição das densidades no interior do nosso globo.

Por isso, a joven calculadora insistia ainda com mais empenho sobre os convites precedentes mostrando quanto era importante ter observações numerosas e precisas. Na vespera da sessão, tinha ella explicado perfeitamente a orbita perante uma commissão academica.

Era no Observatorio de Gaorisankar, todavia, que todas as observações do cometa estavam centralisadas. Estabelecido no cume mais elevado do mundo, a 8000 metros de altitude, no meio das neves eternas que os novos processos da chimica electrica haviam expulso para muitos kilometros em torno do sanctuario, dominando quasi sempre

de muitas centenas de metros as nuvens mais elevadas, pairando n'uma atmosphera pura e rarefeita, a visão natural e telescopica era ahi verdadeiramente centuplicada.

Ahi se distinguiam a olho desarmado os circos da Lua, os satellites de Jupiter e as phases de Venus. Havia já nove ou dez gerações que muitas familias de astronomos habitavam sobre o monte asiatico lenta e gradualmente aclimadas á rarefacção da atmosphera. As primeiras tinham succumbido rapidamente. Mas a sciencia e a industria tinham conseguido temperar os rigores do frio armazenando os raios do Sol, e a aclimação fizera-se gradualmente, do mesmo modo que em tempos antigos se tinha feito em Quito e em Bogota, onde se viam, nos seculos dezoito e dezenove, populações felizes viverem na abundancia, raparigas dançarem sem canceira noites inteiras, n'uma altitude onde os ascencionistas do Monte Branco, na Europa, podiam apenas dar alguns passos sem lhes faltar a respiração. Uma pequena colonia astronomica tinha-se installado progressivamente nos flancos do Himalaya, e o Observatorio havia adquirido pelos seus trabalhos e pelas suas descobertas a honra de ser considerado como o primeiro do mundo. O seu principal instrumento era o famoso equatorial de 100 metros de fóco, por meio do qual se tinha conseguido emfim decifrar os signaes hierogliphicos dirigidos inutilmente para a Terra, havia muitos milhares d'annos, pelos habitantes do planeta Marte.

Emquanto os astronomos europeus discutiam sobre a orbita do novo cometa e verificavam que em verdade essa orbita devia passar pelo nosso planeta e que os dois corpos se encontrariam no espaço, o Observatorio hymalaiano tinha enviado um novo phonogramma:

«*O cometa vae tornar-se visivel á vista desarmada. Sempre esverdeado.* DIRIGE-SE PARA A TERRA.»

O accordo absoluto dos calculos astronomicos, quer viessem da Europa, da America ou da Asia, não podia já offe-

recer a menor duvida sobre a sua precisão. Os jornaes quotidianos lançaram para o publico a noticia assustadora, acompanhando-a de commentarios tragicos e de *interviews* multiplicados nos quaes attribuiam aos sabios os mais extraordinarios discursos. Era a qual d'elles mais havia de exagerar sobre os dados exactos do calculo, aggravando-os com dissertações mais ou menos phantasistas. Mas, havia muito tempo já, que todos os jornaes do mundo se tinham tornado simples emprezas mercantis. A imprensa, que tinha prestado outr'ora tantos serviços á libertação do pensamento humano, á liberdade e ao progresso, era agora assalariada pelos governantes e pelos grandes capitalistas, e aviltada por compromissos financeiros de todo o genero. Todo o jornal era um modo de commercio. A questão unica para cada um d'elles resumia-se em vender diariamente o maior numero possivel de folhas e em fazer pagar as suas linhas por annuncios mais ou menos disfarçados: «Fazer negocios,» tudo se resumia n'isso. Inventavam falsas noticias que desmentiam tranquillamente no dia immediato, minavam a todo o momento a estabilidade do Estado, mascaravam a verdade, punham na bocca dos sabios affirmações que elles nunca tinham proferido, calumniavam descaradamente, deshonravam os homens e as mulheres, semeavam escandalos, mentiam com impudor, explicavam os *trucs* dos ladrões e dos assassinos e multiplicavam os crimes sem parecer que reparassem em tal, davam a formula dos agentes explosivos recentemente imaginados, punham em perigo os seus proprios leitores e atraiçoavam a um tempo todas as classes sociaes, com o fim unico de sobrexcitar até ao paroxysmo a curiosidade geral e de «vender numeros.»

N'uma palavra, era tudo questão de negocios, de reclamos. Sciencias, artes, litteratura, philosophia, estudos e investigações, isso eram cousas com que os jornaes já se não preoccupavam. Um actor de segunda ordem, uma actriz ligeira, um tenor, uma cantora de café concerto, um gym-

nasiarca, um corredor a pé ou a cavallo, um andarilho, um cyclomano ou um velocipedista aquatico, um malfeitor da peior especie, um assassino sobretudo, tornava-se mais celebre n'um dia do que o mais eminente dos sabios ou o mais habil dos inventores. Publicavam-se os retratos dos mais fortes corredores, dos ladrões tornados illustres e dos assassinos. Muitas vezes davam-se ao incommodo de disfarçar esta tolice sob flôres patrioticas, que ainda impunham um pouco. Mas o interesse pessoal do jornal dominava sempre, em todas as apreciações, o interesse geral e o cuidado pelo progresso real dos cidadãos. Muito tempo o publico se deixou illudir com isso. Todavia, na época em que estamos, tinha acabado por se convencer da evidencia e já não dava o menor credito a qualquer artigo de gazeta, de tal modo que já não havia jornaes propriamente ditos, mas simplesmente folhas de annuncios e de reclamos para uso do commercio.

A primeira noticia lançada por todas as publicações quotidianas, de que *um cometa se aproximava com grande velocidade e vinha encontrar a Terra* em tal data préviamente fixada, — a segunda noticia, que o astro vagabundo poderia originar uma catastrophe universal, envenenando a atmosphera respiravel, — esta dupla predicção não tinha sido lida por ninguem, senão distrahidamente e com a mais completa incredulidade. Não tinha produzido mais effeito do que a annunciada descoberta da fonte de Juvencio feita nas adegas do palacio das Fadas, de Montmartre (elevado sobre as ruinas do Sacré-Cœur) annuncio que tinha apparecido ao mesmo tempo.

Os litteratos, os poetas, os artistas tinham mesmo tirado d'isso pretexto para celebrar, em prosa, em verso, em desenhos, em quadros de todos os generos, as viagens cometarias atravez das regiões celestes. Via-se ahi o cometa passando deante do enxame das estrellas assustadas, ou então descendo do alto dos ceus, precipitando-se e ameaçando a Terra adormecida. Estas personnificações symbo-

licas entretinham a curiosidade publica sem augmentarem os primeiros terrores. Quasi que se começava a habituar á idéa de um encontro, sem o receiar muito. A maré das impressões populares fluctua como o barometro.

De resto, os proprios astronomos não se tinham inquietado ao principio com o encontro sob o ponto de vista das suas consequencias sobre a sorte da humanidade, e as revistas astronomicas especiaes (as unicas que haviam conservado alguma auctoridade) ainda não tinham falado n'isto senão sob a fórma de calculos a verificar. Os sabios tinham tratado o problema pelas mathematicas puras e consideravam-o simplesmente como um caso interessante da mecanica celeste. Nos *interviews* por que tinham passado, tinham-se contentado em responder que o encontro era possivel, provavel mesmo, mas sem interesse para o publico.

De repente, um novo phonogramma, d'esta vez lançado do Monte Hamilton, na California, veiu impressionar os chimicos e os physiologistas:

«*As observações spectroscopicas estabelecem que o cometa é uma massa bastante densa, composta de diversos gazes, nos quaes domina o* OXYDO DE CARBONE.»

A questão complicava-se. O encontro com a Terra tinha-se tornado certo. Se os astronomos se não preoccupavam excessivamente com isso, costumados como estavam, havia seculos, a considerar estas conjuncções celestes como inoffensivas; se mesmo os principaes d'entre elles tinham acabado por fazer sahir, desdenhosamente, os innumeros *interviewers* (*entrevisteiros*, se quizerem adoptar esta traducção) que vinham incessantemente importunal-os, declarando-lhes que essa predicção não interessava o vulgo e que era um puro assumpto astronomico que lhes não dizia respeito, os medicos tinham começado a impressionar-se e discutiam com vivacidade sobre as possibilidades de asphyxia ou de envenenamento. Menos indifferentes para com a opinião

publica, não tinham despedido os jornalistas; antes pelo contrario; e assim dentro de alguns dias a questão havia sensivelmente mudado de face. De astronomica, tornara-se physiologica, e os nomes de todos os medicos celebres ou famosos brilhavam em vedetta na primeira pagina dos jornaes quotidianos; os retratos d'elles occupavam as revistas illustradas, e uma rubrica especial annunciava, quasi que por toda a parte: «CONSULTAS SOBRE O COMETA.» Já mesmo a variedade, a diversidade, o antagonismo das apreciações tinha creado muitos campos hostis, atirando uns aos outros as mais extravagantes injurias, e tratando toda a gente os medicos de «charlatães avidos de reclamo.»

Comtudo, o Director do Observatorio de Paris, diligente pelos interesses da sciencia, tinha-se impressionado com toda essa gritaria, no meio da qual a verdade astronomica tinha sido mais de uma vez extranhamente desfigurada. Era um velho veneravel, o qual tinha encanecido no estudo dos grandes problemas da constituição do universo. A sua voz era escutada por todos, e elle tinha-se decidido a transmittir aos jornaes um aviso no qual declarava que todas as conjecturas eram prematuras, até se terem ouvido as discussões technicas auctorisadas que deviam effectuar-se no Instituto.

Dissemos já, creio eu, que o Observatorio de Paris, sempre á frente do movimento scientifico pelos trabalhos dos seus membros, se havia tornado sobretudo, pela transformação dos methodos de observação, um sanctuario de estudos theoricos, por um lado, e, por outro, uma repartição central telephonica dos observatorios estabelecidos longe das grandes cidades, sobre as alturas favorecidas por uma perfeita transparencia atmospherica. Era um asylo de paz onde reinava a concordia mais pura. Os astronomos consagravam com desinteresse a sua vida inteira unicamente aos progressos da sciencia, estimavam-se uns aos outros sem nunca sentirem os aguilhões da inveja, e cada um es-

quecia os seus proprios meritos para não pensar n'outra cousa senão em pôr na evidencia os dos seus collegas. O Director dava o exemplo, e, quando falava, era em nome de todos.

Publicou uma dissertação technica e a sua voz foi escutada... um instante. Mas parecia que a questão astronomica estivesse já fóra da discussão. Ninguem contestava nem discutia o encontro dô cometa com a Terra. Isso era um facto adquirido pela certeza mathematica do calculo. O que preoccupava todos, agora, era a constituição chimica do cometa.

Se a sua passagem pela Terra devia absorver o oxygenio atmospherico, era a morte immediata pela asphyxia; se era o azote que devia combinar-se com os gazes cometarios, era a morte ainda, mas precedida de um delirio immenso e de uma especie de alegria universal, visto como uma sobreexcitação louca de todos os sentidos devia ser consequencia da extracção do azote e do accrescimo proporcional do oxygenio na respiração pulmonar. A analyse spectral assignalava principalmente o *oxydo de carbone* na constituição chimica do cometa. O que as revistas scientificas discutiam em primeira linha, era saber se a mistura d'este gaz deleterio com a atmosphera respiravel envenenaria a população inteira do globo, humanidade e animaes, como o affirmava o presidente da Academia de medicina.

O oxydo de carbone! Não se falava senão d'elle. A analyse spectral não podia ter-se enganado. Os seus methodos eram excessivamente seguros, os seus processos excessivamente precisos. Toda a gente sabia que a menor mistura d'este gaz no ar respirado produz rapidamente a morte. Ora, uma nova mensagem telephonica do observatorio do Gaorisankar tinha confirmado a do Monte Hamilton, aggravando-a. Essa mensagem dizia:

«*A Terra mergulhará completamente na cabeça do co-*

meta, a qual é já trinta vezes mais larga do que o diametro inteiro do globo, e vae augmentando de dia em dia.»

Trinta vezes o diametro do globo terrestre! Quando mesmo o cometa passasse entre a Terra e a Lua, tocal-os-hia a ambos, pois que uma ponte de trinta terras bastaria para reunir o nosso mundo á Lua.

E depois, durante os tres mezes de que acabamos de resumir a historia, o cometa tinha descido das profundidades telescopicas tornando-se visivel a olho nu; tinha chegado á vista da Terra, e, como uma ameaça celeste, pairava agora, gigantesco, todas as noites, deante do exercito das estrellas.

De noite para noite via-se crescer. Era o Terror mesmo suspenso por cima de todas as cabeças e avançando lentamente, gradualmente, espada formidavel, inexoravelmente. Era tentado um ultimo ensaio, não para o desviar do seu caminho,— idéa emittida pela classe dos utopistas, que nunca duvidam de nada, e que tinham ousado imaginar que um formidavel vento electrico poderia ser produzido por baterias dispostas sobre a face do globo que elle devia bater — mas para examinar de novo o grande problema sob todos os seus aspectos, e talvez serenar os espiritos, reanimar a esperança, descobrindo algum vicio de fórma nas sentenças pronunciadas, alguma cousa esquecida nos calculos ou nas observações: o encontro não seria talvez tão funesto como os pessimistas o tinham pretendido. Uma discussão geral contradictoria devia effectuar-se, essa segunda feira, no Instituto, quatro dias antes do momento previsto para o encontro, fixo para sexta feira, 13 de julho. O astronomo mais celebre da França, então director do observatorio de Paris; o presidente da Academia de Medicina, physiologista e chimico eminente; o presidente da Sociedade Astronomica de França, habil mathematico; outros oradores ainda, entre os quaes uma mulher illustre pelas suas descobertas nas sciencias physicas, de-

viam tomar a palavra alternadamente. Não estava dita ainda a ultima palavra. Penetremos sob a velha cupula do seculo vinte para assistirmos á discussão.

Mas, antes de entrar, examinemos nós mesmos esse cometa famoso, que no momento actual esmaga todos os pensamentos.

CAPITULO II

O cometa

Vapores qui ex caudis Cometarum oriuntur incidere possunt in atmospheras planetarum, et ibi condensari et converti in aquam, et sales, et sulphura, et limum, et lutum, et lapides, et substantias alias terrestres migrare.

Newton, *Principia*, III, 671.

O extranho visitante havia descido lentamente das profundidades infinitas. Em vez de apparecer bruscamente, de repente, o que mais de uma vez foi observado para os grandes cometas, seja quando estes astros chegam subitamente á vista da Terra depois da sua passagem no perihelio, seja quando uma longa serie de noites ennevoadas ou illuminadas pela Lua tenha interdicto a observação do céu aos investigadores de cometas, o fluctuante vapor sideral havia primeiramente pairado nos espaços telescopicos, unicamente observado pelos astronomos.

Nos primeiros dias que se seguiram á sua descoberta, elle não era accessivel ainda senão ás potentes equatoriaes dos observatorios. Mas o publico instruido apressara-se dentro em pouco a procural-o tambem. Todas as casas mo-

dernas eram coroadas por um terraço superior, destinado expressamente para os embarques aereos. Um grande numero d'ellas eram adornadas, tambem, de altas cupulas gyrantes.

Não se conhecia, além d'isso, familia abastada que não tivesse um oculo á sua disposição, e nenhuma casa se dava por completa, sem estar bem fornecida de todos os livros de sciencia. No seculo vinte e cinco os habitantes da Terra começavam a pensar.

O cometa tinha sido observado por toda a gente, assim se póde dizer, desde o momento em que se tornou accessivel aos instrumentos de força mediana. Emquanto ás classes laboriosas, para as quaes os ocios são sempre contados, os oculos postados nas praças publicas tinham sido invadidos por uma multidão impaciente, logo na primeira noite de visibilidade, e todas as noites os astronomos do meio da rua haviam cobrado receitas fantasticas e sem precedente.

Um grande numero de operarios, todavia, possuiam um oculo em casa, sobretudo na provincia, e tanto a justiça como a verdade obrigam-nos a reconhecer que, em França, o primeiro que tinha sabido descobrir o cometa (fóra dos observatorios officiaes) fôra, não um homem do mundo, nem um academico, mas um modesto alfayate de um arrabalde de Soissons, que passava a maior parte das suas noites em claro e que, sobre as suas economias laboriosamente poupadas, tinha conseguido comprar um excellente oculo, de pequenas dimensões, por meio do qual não deixava de estudar as curiosidades do céu.

Nota digna de attenção: até ao seculo vinte e quatro, quasi todos os habitantes da Terra tinham vivido sem saber onde estavam, sem mesmo terem a curiosidade de o perguntar, pouco mais eu menos como cegos unicamente preoccupados com o seu appetite; mas havia cem annos pouco mais ou menos que a raça humana principiava a olhar para o universo e a raciocinar sobre o infinito.

O cometa tinha chegado á vista da Terra. Uma noute de lua nova, por um ceu admiravelmente puro, algumas vistas particularmente penetrantes tinham chegado a distinguil-o a olho nu, não longe do zenith, proximo da margem da Via lactea, ao sul da estrella *omicron* de Andromeda, como uma pallida nebulosidade, como uma ligeirissima mancha de fumo, muito pequena, apenas alongada n'uma direcção opposta ao Sol, alongamento gazoso, que desenhava uma cauda rudimentar. Era, de resto, sob este aspecto que elle se apresentava ao telescopio depois da sua descoberta. Ninguem teria podido suspeitar, ante aquelle aspecto inoffensivo, o papel tão tragico que esse astro novo ia desempenhar na historia da humanidade. Só o calculo indicava então a sua marcha para a Terra.

Mas o astro mysterioso avançava depressa. Já no dia immediato metade dos observadores conseguia avistal-o, e, um dia depois só as vistas muito curtas armadas de binoculos insufficientes é que esperavam ainda. Em menos de uma semana, todos os olhares o tinham reconhecido. Sobre todas as praças publicas, em todas as cidades, em todas as villas, aldeias e logarejos não se via senão grupos procurando o cometa ou mostrando-o.

Augmentava de dia para dia. Os instrumentos começaram a fazer distinguir n'elle um nucleo bem definido, bastante luminoso, que era objecto de dissertações, muitas d'ellas disparatadas. Depois a cauda dividiu-se lentamente em raios divergindo do mesmo nucleo, e tomou insensivelmente a fórma de um leque. A commoção invadia já todos os pensamentos, quando, passado o primeiro quarto de lua e durante os dias de lua cheia o cometa pareceu conservar-se estacionario e mesmo perder parte de seu brilho. Como se esperava vel-o crescer rapidamente, concebeu-se a esperança de que no calculo se houvesse insinuado algum erro, e houve um momento de repouso e até de tranquillidade. Depois da lua cheia, o barometro baixou de repente por modo muito consideravel: o centro de de-

pressão de uma forte tempestade chegava do Atlantico e passava ao norte das ilhas Britannicas. Durante doze dias o ceu manteve-se inteiramente coberto sobre quasi a Europa inteira.

O Sol brilhou de novo na atmosphera purificada, as nuvens dissiparam-se, o azul mostrou-se puro e sem mancha e não foi sem uma fórte commoção, que n'esse dia se aguardou o pôr do Sol, tanto mais que, varias expedições aerias tendo conseguido atravessar as camadas de nuvens, os aeronautas asseguravam que o cometa se tinha desenvolvido extraordinariamente. As mensagens telephonicas enviadas das montanhas da Asia e da America annunciavam, por outro lado, a sua chegada rapida.

Mas, ó estupefacção! quando, descida a noute, todos os olhares estavam erguidos para o ceu afim de procurarem o astro chammejante, não foi um cometa o que elles viram deante de si, um cometa classico como se estava costumado a vêr: foi uma aurora boreal de novo genero, uma especie de prodigioso leque celeste, de sete ramos, lançando para o espaço sete raios esverdeados, que pareciam sahir de um fóco escondido debaixo do horisonte.

Para toda a gente não havia duvida de que essa aurora boreal phantastica não fôsse o proprio cometa, tanto mais que não era possivel distinguir o cometa antigo em nenhum ponto do ceu estrellado. A apparição differia singularmente, verdade seja, das fórmas cometarias conhecidas, e o aspecto irradiante do mysterioso visitador era tudo quanto podia haver de mais inesperado no mundo. Mas estas formações gazosas são tão extravagantes, tão caprichosas, tão multiplas, que tudo é possivel. E depois, não era absolutamente a vez primeira, que um cometa offerecia semelhante aspecto. Os annaes da astronomia mencionavam entre outros um immenso cometa de seis caudas observado em 1744, e que tinha sido, n'essa epocha, objecto de numerosas dissertações. Um desenho muito pittoresco feito *de visu* pelo astronomo Chéseaux, em Lausanne, havia-o

popularisado outr'ora. O cometa de 1861, com a sua cauda em leque, offerecia um outro exemplo d'este genero de visitantes celestes, e contava-se, tambem, que a 30 de junho d'aquelle anno, tinha havido encontro, aliás bem inoffensivo, entre a Terra e a extremidade da cauda. Mas, ainda mesmo quando nada semelhante se tivesse visto anteriormente, era necessario submetterem-se todos á evidencia.

N'este entretanto, as discussões seguiam o seu caminho, e uma verdadeira justa astronomica se havia estabelecido entre as revistas scientificas do mundo inteiro, unicos jornaes que, assim como já dissémos, tinham conservado algum credito na epidemia mercantil que desde muito tempo tinha invadido a humanidade.

O ponto capital, desde que se sabia sem a menor duvida, que o astro avançava directamente para a Terra, era a distancia a que elle se encontrava cada dia, questão correlativa da da sua velocidade. A joven laureada do Instituto, nomeada recentemente chefe da repartição dos calculos do Observatorio, não deixava já passar um dia unico sem enviar uma nota para o *Jornal official dos Estados-Unidos da Europa*.

Uma relação mathematica muito simples liga a velocidade de todo o cometa com a sua distancia ao Sol, e reciprocamente. Com effeito, a velocidade de um cometa é muito simplesmente egual á velocidade de um planeta, multiplicada pela raiz quadrada de 2. Ora a velocidade de um planeta, a qualquer distancia que seja, é regulada pela terceira lei de Képler, em virtude da qual os quadrados dos tempos das revoluções estão entre si como os cubos das distancias. Como se vé, não ha nada mais simples.

Assim, por exemplo, á distancia de Jupiter, este magnifico planeta gravita em torno do Sol com uma velocidade de 13:000 metros por segundo. Um cometa que esteja a

essa distancia voga portanto com a velocidade que acabamos de descrever, multiplicada pela raiz quadrada de 2, isto é pelo numero 1,4142. Esta velocidade é, por consequencia, de 18:380 metros por segundo.

O planeta Marte circula em torno do Sol com uma velocidade de 24:000 metros por segundo. A esta distancia a velocidade do cometa é de 34:000 metros.

A velocidade media da Terra sobre a sua orbita é de 29:460 metros por segundo, um pouco mais lenta em junho, um pouco mais rapida em dezembro. Na visinhança da Terra, a do cometa é, portanto, de 41:660 metros, independentemente da acceleração que, por outro lado, a attracção da Terra lhe poderia trazer.

Eis o que a laureada do Instituto teve cuidado de recordar ao publico, aliás elementarmente iniciado na theoria dos movimentos celestes.

Quando o astro ameaçador chegou á distancia de Marte, os receios populares aggravaram-se deixando de ser vagos, tomando uma fórma definida, fundada n'uma apreciação exacta e final d'esta velocidade: 34:000 metros por segundo, são 2:040 kilometros por minuto, são 122:400 kilometros por hora!

Como a distancia da orbita de Marte á da Terra é apenas de 76 milhões de kilometros, na razão de 122:400 kilometros por hora, essa distancia seria vencida em seiscentas e vinte e uma horas, ou em vinte e seis dias proximamente. Mas á medida que se approxima do Sol, o cometa avança cada vez mais depressa, pois que á distancia da Terra a sua velocidade é de 41:660 metros por segundo. Em razão d'este accrescimo de velocidade, a distancia entre as duas orbitas seria andada em quinhentas e cincoenta e oito horas, ou em vinte e tres dias e oito horas.

Mas a Terra não devendo estar, no momento do encontro, precisamente no ponto da sua orbita atravessado por uma linha tirada do Sol para o cometa, pois que o cometa

não se precipitava sobre o Sol, o encontro não devia produzir-se senão perto de uma semana mais tarde, isto é, na sexta-feira 13 de julho, cêrca da meia noute. Não temos necessidade de accrescentar que em tal occorrencia todos os preparativos habituaes da «festa nacional» de 14 de julho tinham sido esquecidos. Festa nacional! Quem pensava n'isso! Pois não devia a data de 14 de julho assignalar o lucto universal dos homens e das cousas? É verdade que, havia já mais de cinco seculos que este anniversario de uma data famosa era—embora com intermittencias—celebrado pelos francezes; entre os proprios romanos as recordações patrias festejadas nos «*circenses*» nunca tinham durado tanto tempo. De todos os lados se ouvia dizer que o 14 de julho tinha vivido bastante. Já quinze vezes tinha morrido, mas d'esta é que não devia mais resuscitar.

No momento em que falamos, estava-se sómente na segunda-feira, 9 de julho. Nos ultimos cinco dias o ceu tinha-se conservado perfeitamente bello, e todas as noites o leque cometario pairava na immensidade do ceu, com a cabeça, ou nucleo, bem visivel, lantejoulada de pontos luminosos, que podiam represeutar corpos solidos de muitos kilometros de diametro, os quaes, asseguravam alguns calculadores, deviam ser os primeiros a precipitar-se sobre a Terra, pois a cauda é sempre opposta ao Sol, e, no caso actual, á retaguarda do movimento e sensivelmente obliqua. O astro chammejava na constellação dos Peixes; a observação da vespera, 8 de julho, dava para a sua posição precisa: ascensão recta $=23^h\ 10^m\ 32^s$; declinação boreal $=7^0\ 36'\ 4''$. A cauda atravessava todo o quadrado de Pégaso. O cometa nascia ás $9^h\ 49^m$ e pairava toda a noite no ceu.

Durante os dias de tranquillidade de que acabamos de falar, operara-se na opinião geral uma especie de reviramento. Um astronomo que fizera uma serie de calculos

retrospectivos tinha estabelecido que já por muitas vezes a Terra encontrara cometas, e que de cada vez o encontro se havia traduzido n'uma chuva inoffensiva de estrellas cadentes. Mas um dos seus collegas tinha replicado que o cometa actual estava longe de ser comparavel a um enxame de meteoros, que era gazoso, com um nucleo composto de concreções solidas, e a este proposito havia recordado as observações feitas sobre um famoso cometa historico, o de 1811.

Este cometa de 1811 não deixa, effectivamente, de justificar a certos respeitos temores não chimericos. Houve cuidado de recordar as suas dimensões. O seu comprimento attingia 180 milhões de kilometros, isto é mais do que a distancia da Terra ao Sol, e, na sua extremidade, a cauda tinha 24 milhões de kilometros de largura. A cabeça media 1.800:000 kilometros de diametro, ou *cento e quarenta vezes* o diametro da Terra, e notava-se n'essa cabeça nebulosa elliptica, notavelmente regular, um nucleo brilhante como uma estrella, offerecendo por si só um diametro de 200.000 kilometros. Este nucleo parecia extremamente denso.

O cometa foi observado durante dezeseis mezes e vinte e dois dias. Mas o que talvez tenha havido mais notavel n'elle, é que o seu desenvolvimento immenso foi attingido sem que elle se approximasse do Sol, pois a menor distancia a que chegou d'este foi 150 milhões de kilometros. Tambem se conservou sempre a mais de 170 milhões de kilometros da Terra. Se se tivesse approximado mais do Sol, como a dimensão dos cometas augmenta á medida que soffrem mais a acção solar, o seu aspecto teria sido mais prodigioso ainda e, sem duvida nenhuma, aterrador para todos os olhares. E como a sua massa estava muito longe de ser insignificante, se o seu vôo o tivesse conduzido directamente em pleno coração do Sol, a sua velocidade accelerada na razão de 500:000 e 600:000 metros por segundo no momento do seu encontro com o astro

radioso, teria podido, tão sómente pela transformação do movimento em calor, elevar subitamente a radiação solar a tal grau, que toda a vida terrestre, vegetal e animal, poderia ter sido consumida dentro de alguns dias..

Houve mesmo um physico que fez a observação bastante curiosa, que um cometa, egual ou superior ao de 1811, poderia assim provocar o fim do mundo sem mesmo tocar na Terra, por uma especie de explosão de luz e de calor analoga áquella que as estrellas temporarias teem apresentado á observação. O choque daria, com effeito, nascimento a uma quantidade de calor egual a seis mil vezes aquelle que seria gerado pela combustão de uma massa de hulha egual á massa do cometa.

Tambem se tinha feito sobresahir que se, no seu vôo, um tal cometa, em vez de se precipitar sobre o Sol, encontrasse o nosso planeta, então seria o fim do mundo pelo fogo. Se elle encontrasse Jupiter, levaria este globo a um grau de temperatura bastante elevado para lhe restituir a luz perdida e restabelecel-o por um tempo no estado de sol, de modo que a Terra achar-se-hia illuminada por dois soes, Jupiter tornando-se uma especie de pequeno sol nocturno muito mais luminoso do que a Lua, brilhando com a sua luz propria... vermelha, rubi ou granada do ceu, circulando em doze annos em torno de nós... Sol nocturno! Isto é, deixaria quasi de haver noites para o globo terrestre.

Tinham sido consultados os mais classicos tratados astronomicos; tinham sido relidos os capitulos cometarios escriptos por Newton, Halley, Maupertuis, Lalande, Laplace, Arago, as Memorias scientificas de Faye, Tisserand, Bouquet de la Grye, Cruls, Holden e os seus successores.

Era ainda a opinião de Laplace a que mais tinha impressionado, e haviam sido recordadas as suas palavras textuaes:

«O eixo e o movimento de rotação da Terra mudados;

os mares abandonando a sua antiga posição para se precipitarem para o novo equador; uma grande parte dos homens e dos animaes afogados n'este diluvio universal ou destruidos pelo violento abalo impresso ao globo terrestre; especies inteiras anniquiladas; todos os monumentos da industria humana derrubados: taes são os desastres que o choque de um cometa poderia produzir.»

A constituição physica dos nucleos cometarios era sobretudo objecto das mais sabias controversias. Tinham-se procurado nos annaes da astronomia os desenhos que indicavam melhor a variedade d'estes nucleos, a sua actividade luminosa, as evoluções das palhetas de luz. Tinham-se recordado entre outros, os pontos luminosos observados outr'ora, em 1868, no cometa de Brorsen, e as radiações movimentadas observadas na cabeça tão curiosa do grande cometa de 1861, e confrontavam-se as hypotheses relativas a condensações gazosas, pulverulentas ou solidas mesmo, e a descargas electricas prodigiosas, transformando de um dia para o outro as cabeças cabelludas d'estes extranhos viajantes.

Assim marchavam, corriam as discussões, as investigações retrospectivas, os calculos, as conjecturas. Mas o que, em definitiva, não podia deixar de impressionar todos os espiritos, era o duplo facto verificado pela observação, que o cometa actual apresentava um nucleo de uma densidade consideravel, e que o oxydo de carbone dominava incontestavelmente na sua constituição chimica. Tinham voltado os receios, os temores. Não se falava n'outra cousa senão no cometa, não se pensava em mais nada.

Espiritos engenhosos tinham procurado meios praticos, mais ou menos realisaveis, de se subtrahirem á sua influencia. Havia chimicos que pretendiam poder salvar uma parte do oxygenio atmospherico. Imaginavam-se methodos para isolar este gaz do azote e armazenal-o em immensos vasos de vidro hermeticamente fechados. Um pharmaceu-

tico habil em reclamos assegurava tel-o condensado em pastilhas e tinha, em quinze dias, gasto oito milhões de annuncios. Os commerciantes sabiam tirar partido de tudo, mesmo da morte universal. Tinham-se até formado, n'um repente, companhias de seguros que se compromett am a fechar hermeticamente todas as communicações das adegas e subterraneos e a fornecer durante quatro dias e quatro noites a quantidade de oxygenio puro (e mesmo antisepticamente perfumado) necessario para o consummo de um numero determinado de pulmões. Não estava perdida toda a esperança, sobretudo para os ricos. Tambem se falava de preparar tunneis para o povo. Discutia-se, tremia-se, vivia-se n'uma agitação, tinha-se medo, morria-se já... mas tinha-se esperança ainda.

Emfim, as ultimas noticias annunciavam que o cometa, tendo-se desenvolvido á medida que se approximava do calor e da electrisação solares, teria no momento do encontro um diametro sessenta e cinco vezes maior do que o da Terra, ou 828.000 kilometros.

Foi no meio d'este estado de agitação geral, que se abriu a sessão do Instituto, esperada como a decisão suprema dos oraculos.

Pela sua propria situação, o Director do Observatorio de Paris foi inscripto á frente dos oradores. Mas o que parecia attrahir a maior attenção publica, era o diagnostico do Presidente da Academia de medicina, sobre os effeitos provaveis do oxydo de carbone. Por outro lado, o Presidente da Sociedade geologica de França devia tambem tomar a palavra, e o fim geral da sessão era passar em revista todas as theorias scientificas sobre as diversas maneiras como o nosso mundo deverá fatalmente acabar. Mas, evidentemente, a discussão do encontro cometario, tinha de occupar o primeiro logar.

De mais, como acabamos de vêr, o astro ameaçador estava suspenso sobre todas as cabeças; toda a gente o via;

augmentava de dia para dia; chegava com uma velocidade crescente; sabia-se que não estava já senão a 17.992.000 kilometros, e que esta distancia seria percorrida em cinco dias. Cada hora approximava 149.000 kilometros a mão celeste prompta a ferir. Dentro de cinco dias, a humanidade aterrada respiraria tranquillamente... ou teria para todo o sempre deixado de respirar.

(Continua).

Camillo **FLAMMARION.**

SOROR MARIANNA ALCOFORADO [1]

(AO EX.mo SR. LUCIANO CORDEIRO)

I

Foi no seculo XVII, o brilhante seculo de Luiz XIV, e em França, então o mais civilisado paiz do mundo, que, na roda dos escriptores de fama, dos *beaux-esprits* e das *preciosas*, as celebres cartas da modesta e obscura freira portugueza fizeram o seu apparecimento, editadas por Barbin.

N'esse meio illustrado, artificioso e frivolo, onde era

---

[1] O bello estudo sobre a *Freira portugueza*, que temos a boa fortuna de poder offerecer n'este numero aos nossos leitores, estava destinado pela sua brilhante auctora a fazer parte, com muitos outros, do seu livro «*Mulheres*,» n'este momento acabado de publicar, e recebido enthusiasticamente pela critica e pelo publico.

As dimensões do volume, — que ainda assim attingiu perto de 400 paginas, — não comportaram todos os estudos que a elle estavam destinados. O relativo a *Soror Marianna* foi um dos que teve de ser excluido, reservando-se a sua auctora incluil-o n'um volume de ensaios criticos, que tenciona editar n'outra opportunidade.

A Leitura tem a maior satisfação e a maior honra em fazer desde já conhecido este primoroso trabalho.

Como se sabe, tudo quanto diz respeito á *Freira portugueza* é hoje motivo de muita attenção, mórmente nas litteraturas extrangeiras, franceza, ingleza, allemã, etc., nas quaes se póde dizer que ha, já hoje, bibliothecas inteiras sobre este assumpto especial.

O rapido, mas luminoso estudo da sr.ª D. Claudia de Campos, tem um interesse singularissimo, e deve por isso ser muito apre-

moda a litteratura epistolar e se cultivava com esmero a arte de bem dizer; n'esses salões aristocratas, onde as mulheres se entretinham em delicadas subtilezas de analyse e em discussões metaphysicas sobre o amor, as singelas, desartificiosas e ardentes cartas de soror Marianna, tão fóra da indole da epistolographia franceza, despertaram séria curiosidade e captivaram a attenção d'aquelles, que viram logo n'ellas reflectir-se uma ingenua e apaixonada alma de mulher, a qual, do fundo da clausura a que a sua mocidade fôra votada, se agarra n'um impeto de desespero e de revolta, com a violencia do seu temperamento de peninsular e de hysterica, a um amor impossivel, que a despedaça e trucida.

E' o que constitue o grande encanto d'estes escriptos, sobre os quaes dois seculos decorreram sem lhes alterar o interesse. A verdade do sentimento revela-se em cada linha, a alma palpita ali no mais completo abandono, e um coração feminino desvenda-se-nos inteiro.

No meio da paixão mais desordenada, encontram-se traços adoraveis, que accusam immediatamente o sexo. Po-

---

ciado. Não é uma divagação feita na esteira de trabalhos anteriores; é a observação, é a analyse, absolutamente individual, exercida por uma alma feminina, e por um robusto talento, e applicando-se ao conhecimento de outra alma de mulher, na qual passou o sopro de uma paixão doentia, corrosiva, tempestuosa e desordenada.

No seu numero 4, como os nossos fieis leitores devem estar lembrados, publicou *A Leitura* um estudo interessante de *Maximo Formont*, sobre a *Freira portngueza*. O actual estudo da sr.ª D. Claudia de Campos, é, sob qualquer ponto de vista, mais importante e mais original. No entanto, entendemos dever ser muito curiosa a comparação entre os dois trabalhos.

Recommendamol-a aos muitos e bons espiritos, que nos lêem com honrosa e animadora assiduidade.

(Nota da Direcção.)

deriamos citar muitos. Basta-nos, porém, a transcripção d'este: «*Creio que me não pesará que os sentimentos de outras justifiquem de algum modo os meus, e vê tu a contradicção d'esta alma! Quereria que todas as mulheres de França te achassem adoravel e que nenhuma te amasse e que não te agradasse nenhuma. E' ridicula, é impossivel esta idéa, sei.*»

Sim, é ridicula e impossivel tal idéa, todos nós o sabemos. Mas que mulher não escreveu, não pensou ou não sentiu isto, pelo menos uma vez na vida? Se a nossa physiologia tanto differe da physiologia masculina, a nossa psychologia ha de forçosamente fazer as mesmas differenças. Ha maneiras de sentir só nossas, que nenhum homem possue, nem poderá nunca imitar bem. Para as reconhecermos ou negarmos, n'estas *Cartas*,— como aliás em tudo o mais — não precisamos recordar o que d'ellas teem dito, entre outros, Camillo, Lopes de Mendonça, e ultimamente, n'um bem argumentado estudo, o sr. Luciano Cordeiro. Temos para esse fim o coração e o instincto, que raro mentem.

Comtudo, houve quem duvidasse, quem negasse mesmo a auctoridade das *Cartas* de soror Marianna, attribuindo-as a producto de um escriptor experimentado. Teriam desculpa aquelles que, por falta de intelligencia, de estudo, ou de intuição natural, confundissem estas coisas, não discernindo, sequer, uma obra inconsciente de uma obra litteraria, um trabalho pensado, para muitos, de um trabalho feito com abandono, para um só. Mas como poderemos desculpar a J. J. Rousseau o seguinte paradoxo: *As mulheres não sabem nem descrever, nem sentir o verdadeiro amor... Apostaria quanto ha no mundo em como as Cartas Portuguezas foram escriptas por um homem?*

São assombrosas e cruelmente injustas estas phrases traçadas pelo illustre escriptor que encontrou no seu caminho uma madame de Warens.

Não sabemos sentir o verdadeiro amor! Oh! leitora, ao

leres isto e ao lembrares-te do culto que te inspiram teus paes, teus irmãos, teu noivo, ou da idolatria que professas por teu esposo e teus filhos, deves achar muito pequenino o grande cidadão genebrez, o qual a um tempo nos renega a requintada sensibilidade affectiva, que sempre foi e será superior á de todos os Rousseaus que existam, e o dom de exprimir pela fórma litteraria essa sensibilidade, que é a nossa verdadeira força.

*

* *

Poderiamos aqui citar muitos e nobres exemplos, que, defendendo-nos brilhantemente, protestassem contra taes absurdos; invocar o testemunho de Guizot, Stuart Mill, Carlyle, Michelet, Janin, Victor Hugo e tantos outros, cujas esposas foram verdadeiros modelos de intelligencia, de bondade e de dedicação. Poderiamos fazer lembrar que no romance, na elegia, e sobretudo no genero epistolar, as mulheres teem egualado, se não excedido os homens; e que, quando elles mais encanto possuem, quando mais profundamente se infiltram nos secretos escaninhos do nosso ser, como succede com Lamartine, com Balzac, Michelet e Bourget, é quando por assim dizer adquirem a delicadeza e a acuidade femininas. Mas não vale a pena repetir uma coisa tão sabida e que ninguem já hoje discute.

O melhor castigo para aquelles, que tão mal nos julgaram, é demonstrar como elles tanta vez nos foram inferiores. Para esse effeito bastam-nos o proprio Rousseau, e, mais recentemente, Barbey d'Aurevilly.

Este, catholico intransigente, imitador de Brummell, successor de José de Maistre, n'uma prosa atormentada, contrafeita, cheia de nèologismos e parenthesis — como é aqui applicavel o proverbio: todos vêem um argueiro no olho do visinho e ninguem vê a tranca no seu! — trata

com desabrimento George Sand, achando-lhe o estylo incorrecto, e por unico genio de invenção ter sido mal casada, *bohemia* e democrata, sem perceber que *Valentina, Consuelo, Mauprat,* o *Marquez de Villemer,* apesar do que quizerem, valem muito mais, em todos os sentidos, que as *Diabolicas,* a *Enfeitiçada,* a *Velha amante* e o *Padre casado,* isto é, do que toda a bagagem romantica do impiedoso critico.

— «*As mulheres não sabem amar, nem descrever o amor*», declara o auctor do *Emilio,* e não só com a sua conducta prova que é elle quem não soube amar, como se desmente a si proprio, publicando a *Nova Heloisa,* porque as cartas da verdadeira Heloisa valem muitissimo mais.

— «*As mulheres não sabem nem devem escrever*, vocifera o auctor das *Diabolicas,* e com os seus romances demonstra que em França ha escriptoras que lhe estão muito superiores, e com alguns dos seus repugnantes e monstruosos assumptos faz ver que ao sexo forte muitas vezes se deveria interdizer a penna.

O que é uma verdade incontestavel é que o talento não é monopolio dos homens; que elles escrevem bem e escrevem mal — o mesmo que nos succede — e que, na sua generalidade, amam menos e peior do que nós. Sensualismo, orgulho, vaidade, eis as tres notas dominantes do seu caracter, e nenhuma d'ellas é sacrificada em holocausto a um affecto. Sacrificios, abnegações masculinas, encontral-os-heis descriptos em bordada prosa ou verso; mas praticados na vida real, sómente como excepção.

Ha tambem um ponto sobre o qual nenhuma duvida existe: é que, se a nossa capacidade intellectual não eguala a do homem—a do homem de genio, entende-se—em compensação as inepcias dos mediocres, dos tolos e até mesmo dos talentosos, egualam e excedem as nossas.

Ha muito que formulei este axioma e d'elle me não desdigo: um homem estupido é duas vezes mais estupido que uma mulher que o seja.

E agora entremos no assumpto principal, de que por um instante me arredei.

II

E' triste como um dobre funebre o curto romance da freira portugueza. N'elle soluça e geme uma paixão dilacerante, e n'elle se estorce e grita uma sensualidade doentia. Quando um sentimento, exaggerando-se a ponto de absorver todas as faculdades, se torna idéa fixa, revela um estado anormal e entra por conseguinte no dominio da pathologia. Parece-me ser este aqui, de certo modo, o caso que consideramos. Uma pessoa bem equilibrada, não poderia experimentar tão violentas exaltações, ou, experimentando-as, oppôr-lhes-ia energica e efficaz resistencia.

O amor de soror Marianna, morbido á força de excessivo, é mais um amor selvagem, em que imperam desordenadamente os sentidos, do que um amor de mulher civilisada, cheia de pudores e reservas, que teme tanto como a morte o ridiculo inherente aos sentimentos tempestuosos e desmandados, e a humilhação sem nome de se ver trahida e perdida por quem d'ella não é digno.

A paixão d'esta infeliz freira deve ter analogia com as paixões, nas épocas primitivas, das Evas dos grandes bosques, havendo a differença apenas que então, ellas, robustas e livres, sem deuses a quem temer, nem leis para respeitar, satisfaziam á vontade os seus impetuosos instinctos, ao passo que a auctora das *Cartas*, presa e enfraquecida pela religião, sacrificada a interesses da familia, que a votou ao eterno isolamento do claustro quando ella aspirava a todas as alegrias da vida, em vez da salutar liberdade que a curaria, tinha a estreita clausura que a martyrisou e hyperesthesiou.

Se perante soror Marianna, a allucinada do amor, nos sentimos commovidas, é certo que o seu delirio, domi-

nando a razão e o orgulho, inspira pouca sympathia, pelo menos ás mais finas, mais altivas e delicadas de entre nós; e vou explicar porque:

A mulher moderna, sobretudo nas altas camadas sociaes, é pouco propensa aos amores tragicos, violentos, irresistiveis, fulminantes como raios, que, saltando por cima de todas as conveniencias e interesses, devastam e requeimam o coração. Pode ter, e tem, inclinações irreflectidas, vagas curiosidades, sonhos, indefinidos anhelos. Mas limita-se a isto. A sua historia amorosa compõe-se de curtas paginas de novella, apenas esboçadas e logo apagadas.

Ás vezes, porém, estes symptomas aggravam-se, complicam-se, e o momento da crise terrivel chega. A tentação é assaz forte; mas salvo rarissimas excepções — é rapidamente abafada pelas naturaes delicadezas da consciencia, pelo justo temor do escandalo, pela educação e pela pontinha de ironia que germina hoje em quasi todas nós. O romance, morto ao nascer, trahir-se-ha talvez por um suspiro, nunca por lamentos e gritos que se prestem ao ridiculo, chamando sobre elles a attenção. Esta raça de mulheres differe em tantos pontos da raça das grandes apaixonadas, das Saphos, que não pode existir entre ellas o laço de instinctiva attracção gerado por mysteriosas affinidades. Dizer, porém, que o desvairado affecto de que foi victima a professa do convento da Conceição, em Beja, nos merece mais dó que sympathia, não é sentenciar nem condemnar por elle a pobre senhora, cujo erro, além de severamente expiado, teve grandes attenuantes, como aliás se vae ver.

*
* *

Marianna Alcoforado, filha d'uma distincta familia alemtejana, foi por seus paes, desde a adolescencia, encerrada n'um convento, professando logo depois, sem que, de certo, ninguem lhe consultasse a vontade. Sequestrada ao con-

vivio mundano, sem experiencia que a guiasse, sem conselhos que a esclarecessem, exclusivamente entregue á vida contemplativa, á ascese mystica, essa mãe das mais extranhas nevroses, na contensão de todos os impetos d'uma exuberante mocidade, viu da varanda do seu mosteiro passar, montado a cavallo, um rapaz bonito e esbelto, vestindo garbosamente um vistoso uniforme. Repararam um no outro, trocaram-se olhares, sorrisos, e desde esse momento o joven capitão francez, Noel Bouton, conde de Chamilly, conquistou-a e transformou-se no seu Senhor, no seu Deus.

Esposa de Christo, não lhe importa atraiçoar por elle o seu Divino Esposo. Filha submissa até ali, esquece os deveres e a obediencia que todos devem a seus paes. Mulher pura e virtuosa, desfolha sem hesitar a sua corôa de virgem. Tudo entrega e sacrifica ao Deus que foi o seu demonio, ao Senhor que era um tyranno.

—«*Eu era nova, era credula, tinham-me desde creança encerrado n'este convento; não vira senão gente desagradavel: nunca ouvira as lisonjas que o senhor constantemente me dizia; parecia-me dever-lhe os attractivos e a belleza que me encontrava e em que me fazia reparar; ouvia dizer bem de si; toda a gente me fallava em seu abono... e o senhor tudo fazia para me despertar amor.*»

Taes são as explicações e as razões que ella dá á sua conducta. Outras ha, porém, além d'estas, não menos, se não mais fortes. Marianna era effectivamente nova, pois contava n'essa epocha vinte e seis annos; era credula e bem o prova, acreditando piamente nos falsos protestos que lhe fizeram; e era innocente a ponto—como estamos longe das ingenuas heroinas de Balzac, das Luizas de Chaulieu que, apenas sahidas do convento se analysam ao espelho, certificando-se que são bellos fructos ainda verdes!—de nem valor saber dar aos seus attractivos pessoaes. Era tudo

isso; mas era tambem um temperamento peninsular, exaltado, ardentissimo, e foi elle que a perdeu.

Ella estava na completa e vigorosa evolução das forças organicas e moraes, atravessava a crise perigosa da maturação physiologica.

O conde de Chamilly não foi um homem que de entre mil soubesse captival-a; foi o homem por quem, do fundo da sua esteril castidade e da sua eterna solidão, todo o seu ser anceiava, e a elle se entregou n'um impeto indomavel, n'um d'esses *incendios* sensuaes, aliás vulgares entre as religiosas.

É de suppôr não terem sido grandes as luctas do capitão francez para conseguir os seus fins.

As conquistas muito difficeis não se abandonam facilmente, e elle abandonou-a depressa. Emquanto ha obstaculos a vencer, o amor proprio está em jogo. As grandes facilidades são de pouco molde para attrahir ou prender. As cidades que se rendem ao primeiro assalto não cobrem de gloria um general como as que, resistindo e só cedendo depois de longos bloqueios, lhe deixam pôr em evidencia os seus meritos e a sua tactica. Marianna, ignorante d'estas coisas, não,—pois bem nos diz que: *é necessario artificio para se fazer amar*, porque: *amor só não inspira amor*,—mas dominada pelos nervos, rendeu-so logo, ao que parece. O terrivel sensualismo, desenvolvido e acirrado pela contemplação e pela clausura, até ali refreado ou piedosamente confundido com o amor do Christo, rompeu, como impetuosa torrente, os diques que a religião e a sociedade lhe impunham, para seguir, sem se importar com o que na sua passagem derrubasse, o seu curso natural. Não assustaram a freira nem os castigos terrestres, nem os anathemas do ceu. A paixão foi n'ella mais forte que Deus, que o medo, que a morte, parecendo até desafiar o inferno, na sua ancia de gosar e sobretudo de padecer. A obsessão mystica degenerou na obsessão amorosa. Eis porque, já sabendo-se traída, ainda escreve ao amante, na eviden-

te satisfação de evocar recordações a que não deveria sequer alludir, o seguinte:

— «*Pois todos os meus desejos serão mallogrados, e nunca mais te verei no meu quarto, com o ardor, com o arrebatamento que mostravas?... Mas, ai! engano-me. Bem reconheço que todas as agitações do meu coração e do meu cerebro eram em ti despertadas sómente por alguns prazeres, terminando tão depressa como elles. Fôra necessario que n'esses momentos de suprema felicidade eu pudesse implorar em meu auxilio a razão, para moderar o funesto excesso das minhas delicias e para que me fizesse antevêr quanto padeço agora.*»

E n'outra carta:

— «*Folgo que me seduzisses. A tua ausencia rigorosa, talvez eterna, em nada diminue a violencia do meu amor. Quero que toda a gente o saiba; não faço d'elle mysterio. Tenho a maior satisfação de ter feito tudo o que fiz por ti, contra toda a especie de decoro.*»

Fazer gala em ser seduzida, e então em taes circumstancias, em mostrar a todo o mundo uma falta indecorosa, é immodestia de tal ordem, que só póde ter por causa ou uma depravação profunda, ou um estado visinho da demencia.

Folgo que me seduzisses! Para escrever e sentir esta enormidade é necessario estar sob o jugo d'uma aberração moral. O que ella devia experimentar era a raiva, o despeito, o remorso e mais que tudo a vergonha de ter atirado com todas as virgindades do seu corpo e da sua alma aos pés d'um cynico, d'um grosseiro, que apenas quiz disfructal-a, abandonando-a em seguida.

Que situação de atroz angustia a d'essa rapariga isolada outra vez na sua cella, onde tudo lhe avivava dolorosas

recordações, onde tanto gozara, e onde, nos braços de Chamilly, uma radiosa aurora illuminara por instantes o seu incoercivel destino! Desamparada de esperanças, de alegrias, de distracções, mordida de impotentes desejos, de lancinantes saudades, queimada pelo ciume, ferida pelo abandono, espavorida ante a desillusão, impotente a resignar-se, acompanhada por dois espectros: o suicidio e a loucura, que supplicios dantescos deveria ter supportado! Oh! o cruel martyrio de entrar no promettido Eden para ser d'elle irremediavelmente expulsa; de saborear os deleites do vedado pomo, só para sentir mais intenso o amargor dos asperos deveres! Mais pungentes que as da peccadora Magdalena deviam ser as lagrimas d'aquella que nem podia arrepender-se, nem obliterar a memoria. Abrazada nas regiões tropicaes d'um amor espantoso, Marianna humilha-se, implora, escreve. As cartas, onde pinta ao vivo esse desordenado affecto, recebem respostas frias, que denotam completa indifferença.

Entretanto o conde de Chamilly, sem cuidados nem remorsos, perfeito exemplar do mais requintado egoismo, descançado e satisfeito, voltava a Paris e d'ali partia para a guerra, sem mais se importar com a victima da sua concupiscencia. Ella jogou n'esta aventura a reputação, a vida inteira; elle nada arriscou, divertindo-se tão sómente meia duzia de dias. Emquanto a apaixonada portugueza se torturava entregando-se a grandes penitencias para esmagar a sua funesta paixão, o gentil capitão francez ia no seu paiz tirando da existencia o melhor partido possivel, até que, sereno e ditoso, casou em 1677, morrendo com setenta e nove annos, marquez e marechal de França.

Marianna, apesar de tantos tormentos, sobreviveu-lhe oito annos, quer dizer, vegetou ainda esse tempo cheia de enfermidades, afundada na ascese devota, e moralmente anesthesiada.

Tal é a conclusão d'este pungentissimo drama, impossivel de reconstruir em todos os seus pormenores.

*
* *

Se pela vehemencia e constancia dos seus sentimentos, a freira de Beja differe um pouco da maioria das mulheres, o amante, ao contrario, pela sua conducta, assemelha-se á maior parte dos homens. Os condes de Chamilly não deveriam nunca ser tomados a sério, e se, paralysada a razão por um subito desvairamento, qualquer mulher escutasse ou attendesse taes entes, ao despertar d'essa vertigem seria para fugir, sem hesitações, sem volver atraz um instante, remindo por solitarias lagrimas o seu erro e a sua vergonha. Mas não devia escrever a mostrar o espectaculo das suas secretas miserias, a contar as suas maguas dando-lhes o prazer de a vêr soffrer, para que, no auge d'uma insolita vaidade, elles fossem mostrar, como tropheus, esses documentos intimos. Emquanto, porém, houver — e infelizmente ha de haver sempre — quem tanto caso faça d'elles e tão pouco de si propria, não diminuirá o numero das creaturas abandonadas.

Ninguem póde impôr silencio aos impulsos da sua natureza; mas todos pódem educal-os, dominal-os, subjugal-os. É mesmo essa uma das causas que faz com que o amor, sempre no fundo o mesmo, tanto diffira na fórma das suas manifestações exteriores. Uma La Fayette podia, talvez, sentir dentro de si as tempestades de soror Marianna; mas reprimil-as-ia energicamente, em vez de as deixar irromper em funestas violencias. É digno de admiração saber amar com tamanha intensidade; mas é ainda mais digno vencer um tal amor do que ser por elle arrastada. Admiremos e lastimemos, pois, as que tudo são capazes de sacrificar á paixão; mas respeitemos e adoremos as que, bellas, novas e amantes, luctam e saem victoriosas, emancipando-se, pelo imperio da sua vontade, pela altivez do seu caracter, pela delicadeza dos seus sentimentos, d'esse servilismo da alma.

III

É impossivel a quem tenha lido as cartas de Heloisa, não se recordar incessantemente d'ellas ao lêr as cartas de Marianna. Estas, como documento humano, são talvez preferiveis por serem mais ingenuas, mais simples. A abbadessa do Paracleto possuia uma vasta erudição, conhecia os primores do estylo, cita Salomão e Seneca, falla-nos dos Agostinhos e dos Tertulianos, que escreveram ás Paulas e ás Eudoxias, e preoccupa-se com o publico, porque estava resolvida, segundo confessa, a dar-lhe a lêr em diversas linguas, a historia das suas desditas. As suas cartas são portanto mais amaneiradas, mais pensadas. Mas o sentimento que as dicta é mais depurado e justificavel. O sacrificio feito a Abelardo revela preciosas e raras qualidades affectivas. Heloisa não ama como uma possessa ou uma selvagem. O seu amor sem ser platonico—e amor platonico será humano?—exhalando mesmo ás vezes os capitosos vapores do sensualismo, é ainda assim christão, e nem a macula nem a avilta. Deixou seduzir-se porque o tio lhe deu como preceptor o mais formoso rapaz e ao mesmo tempo o mais celebre e o mais instruido homem de sciencia, do seu tempo. Muito inexperiente e muito nova, não quebrou nenhum juramento, não faltou a nenhum dever amando-o e entregando-se-lhe. A bem desculpavel falta foi logo pelo casamento reparada. Mas Fulbert, o tio vingativo, não contente ainda com aquella reparação, mutilou cruelmente o pobre Abelardo, o marido de sua sobrinha.

É depois d'este episodio que a figura de Heloisa engrandece aos nossos olhos e que a belleza da sua alma se nos revela, inteira. Formosa, intelligente e culta, contando apenas vinte annos, ella obedece, contente, á voz do esposo que fugido da sociedade, a obriga, por naturaes ciumes, a professar primeiro do que elle. É do fundo d'esse convento, para onde nenhuma vocação a impellira, e que lhe

vae estiolar a sua brilhante mocidade; é d'esse triste sepulchro, onde por dedicação se enterrou, renunciando aos gosos mundanos n'uma edade em que a renuncia comporta tremendos sacrificios, que ella, ora resignada, ora revolta, mas sempre terna e amantissima, escreve a Abelardo as suas patheticas e conhecidas epistolas.

Marianna lança ao papel, abstraindo de todos os pudores, o que lhe vem á cabeça, ditado por sincero, mas desordenado affecto, para ser lido por um estrangeiro, que vive longe e de quem conhece, ou pelo menos suspeita o indigno caracter. Na longa viagem que a sua correspondencia tinha de percorrer para chegar a França, não a retinha a idéa de que ella poderia extraviar-se indo parar a mãos extranhas. São bagatellas que não detêem, quem anceia fazer todo o mundo sabedor da sua deshonra. Continua, pois, a deixar-se disfructar pelo capitão, que provavelmente se ria á custa d'ella com os amigos, até que uma indifferença humilhante, arrancando-lhe a mais sensata, e, a meu ver, a mais elevada e a mais bella das suas cartas, a emmudeceu emfim.

A situação de Heloisa é altamente sympathica; a situação de Marianna é commovedora apenas. A primeira desafoga livremente as suas dôres, evoca as mais voluptuosas recordações, é certo, mas são desabafos feitos a um homem que a ama, que é digno e a quem está perante o altar ligada. A segunda atreve-se a expansões intimas e delicadissimas, com uma pessoa que mal conhece, cuja conducta é equivoca, amando furiosamente quem a não ama, amando por assim dizer mais a sua paixão do que o objecto d'ella, que tenta attrahir a si, na secreta esperança de novas voluptuosidades. Heloisa dirige-se a um mutilado, que não póde corresponder aos seus apaixonados transportes, mas que ella ama apesar d'isso, e talvez por isso mesmo, com maior intensidade que nunca, demonstrando ainda uma vez que a piedade no coração da mulher é a fonte de quasi todos os affectos.

— «*E d'ahi podes inferir quão puro é o meu amor. Se eu fôra de meu natural propensa aos deleites sensuaes, quem poderia impedir-me que a elles me entregasse? Quando te succedeu essa desgraça tinha eu apenas vinte annos. Podia ainda, portanto, inspirar e sentir amor. E não obstante, querido amigo, alegre disse adeus ao mundo, ás suas pompas e vaidades.*»

O trecho que vem de citar-se faz honra aos sentimentos femininos, a esses sentimentos que Rousseau quiz e não logrou negar-nos, porque elles são verdadeiros, innatos, fazendo parte da essencia mesma do nosso ser.

O amor da abbadessa do Paracleto, com os seus sacrificios voluntarios, a sua nunca desmentida lealdade e o freio imposto aos sentidos, é verdadeiramente sublime. Sob o ponto de vista physiologico e psychologico, o amor da freira de Beja é um *caso* interessantissimo; mas sob o ponto de vista moral e social, esse amor é pouco edificante, perigoso, e não abona em favor da fé, do juizo e da dignidade da mulher que d'elle foi victima.

Que nossos filhos deparem no seu caminho com esposas como Heloisa; mas que Deus preserve nossas filhas de paixões como a de soror Marianna.

CLAUDIA DE CAMPOS.

AMO E CREADO

(Conclusão)

VI

E aconchegando cuidadosamente a pelliça ao corpo, para não perder o calor do abafo e para ter calor desde a cabeça até aos pés, fechou os olhos para tentar adormecer de novo. Mas apesar de todos os seus esforços, o somno não vinha; pelo contrario sentia-se excitado. Tornou outra vez a calcular os seus lucros, a recapitular tudo quanto lhe deviam, a admirar a sua propria pessoa, orgulhoso da situação a que chegara. Todavia esses devaneios risonhos eram constantemente perturbados pela inquietação que o invadira pouco a pouco e pelo remorso de não ter ficado em Grischkino. Voltava-se, tornava-se a voltar procurando uma posição mais commoda e mais ao abrigo do vento. Não o conseguiu: sentia-se sempre contrafeito; levantava-se ainda, mudava de logar, abria as pernas, fechava os olhos e conservava-se immovel; mas, ou eram as pernas encoscoradas que começavam a fazer-lhe mal nas suas botas enormes, ou era o vento que se infiltrava por qualquer parte, e, depois de alguns momentos de immobilidade, lembrando-se com despeito que a essa hora poderia

estar dormindo tranquillamente em Grisehkino, tornava-se outra vez a erguer, voltava-se, tornava-se a voltar, abafava-se e tornava-se a deitar.

Em certa altura, Vassili Andréitch julgou ouvir lá ao longe o canto de um gallo. Esse ruido causou-lhe prazer, deitou a golla do casacão para baixo e poz-se á escuta com toda a attenção; mas por mais que applicasse o ouvido, só distinguiu o barulho do vento que soprava entre os varaes e da neve que fustigava o trenó.

O proprio Nikita, jazia sempre assentado na mesma posição, sem tugir nem mugir, sem responder a Vassili Andréitch que o tinha chamado já por duas vezes.

— Está-se rindo, o traste; dorme que se desunha — dizia comsigo e bem humorado Vassili Andréitch.

Vassili Andréitch ergueu-se e tornou a deitar-se assim pelo menos umas vinte vezes. Parecia-lhe que essa noute não teria fim.

«O dia não deve vir longe agora,» pensou uma vez que se levantara, olhando em volta de si. «E se eu visse o relogio? mas faz muitissimo frio para abrir o casacão. Comtudo, se eu soubesse que a manhã estará prestes a romper, esperaria com mais coragem. Metteriamos o cavallo ao trenó.»

No seu intimo Vassili Andréitch sabia perfeitamente que o dia não devia estar tão proximo; mas começava a inquietar-se cada vez mais, e bem quizera ter consultado o relogio; receava porém saber que horas eram. Desabotoou com precaução a pelliça interior, e insinuando a mão pela abertura, procurou durante muito tempo antes de chegar ao collete. Foi com grande custo que conseguiu sacar o relogio de prata esmaltado de flores azues. Mas sem luz, não poude vêr que horas eram. Deitou-se novamente de bruços e tirou a caixa de phosphoros. D'esta vez procedeu com mais precauções, e escolhendo um pavio que tinha mais massa phosphorica, accendeu-o logo á primeira tentativa. Poz o mostrador á claridade, olhou, e não quiz acre-

ditar... Eram apenas meia-noute e dez minutos. Equivalia isso a ter de passar uma noite inteira, ali.

«Oh! que noute tão comprida!» pensou Vassili Andréitch, sentindo um calafrio percorrer-lhe as costas; e tornando a abotoar o casacão de pelles, tomou o seu logar no trenó.

De repente, no meio do barulho monotono da borrasca, distinguiu nitidamente um som novo e intenso. Esse tal som augmentava progressivamente, attingindo uma nitidez perfeita, para diminuir tambem progressivamente. Não havia a menor duvida, — era um lobo. Uivava tão perto que com o vento podiam distinguir-se até as cambiantes nas intonações da sua voz. Vassili Andréitch voltou a golla e escutou attentamente. Mukhorty, por seu turno, escutava com egual attenção, fazendo mover as orelhas, e, quando o lobo terminou a sua cantiga o cavallo mudou de posição e resfolgou como para advertir o dono.

Este novo perigo impossibilitava Vassili Andréitch de dormir, ou de ter qualquer repouso de espirito. Por mais que se esforçasse por dirigir o pensamento para os seus negocios, para a sua notoriedade, dignidade e riquezas, o medo invadia-o cada vez mais, e todas as suas reflexões eram dominadas pelo remorso de não ter passado a noute em Grischkino. «Afinal de contas, que me importa a madeira? Graças a Deus tenho mais negocios sem ser esse... Eu deveria ter ficado. Dizem que os bebados em especial é que morrem de frio, e precisamente bebi mais do que de costume.»

E examinando as suas proprias sensações, notou que tremia sem saber se era de frio ou de pavor. Tentou cobrir-se e conservar-se deitado como pouco antes fizera, mas não podia conseguil-o. Era-lhe impossivel conservar-se n'um mesmo sitio; queria descer do trenó, fazer qualquer cousa, para vencer o medo que cada vez era mais intenso e que cada vez se sentia mais impotente para dominar.

Novamente saccou da algibeira cigarros e phosphoros, mas d'estes restavam apenas tres, e esses mesmo pessimos; a massa phosphorica não ardia.

«Que os diabos te levem, maldito!» disse elle praguejando, sem saber contra quem, deitando fóra o cigarro esmagado pelos dedos. Ia deitar fóra tambem a phosphoreira, mas suspendeu o braço já levantado para pôr em execução a sua ideia e metteu a cigarreira na algibeira.

Invadira-o uma inquietação tal que, decididamente, não podia conservar-se no mesmo logar. Desceu do trenó, e voltando as costas ao vento, poz-se a apertar com força a cintura.

«Por que motivo hei de eu ficar deitado esperando a morte? Ponhamo-nos a cavallo, e a caminho! pensou elle repentinamente. «O cavallo montado não parará. Em quanto a Nikita, pensou Vassili lembrando-se do pobre mujik, pouco lhe importará morrer. Que vida é a sua? Nem mesmo a lamentará. Em quanto que eu, graças a Deus, tenho com que viver...»

E desprendendo Mukhorty, deitou as redeas para cima do animal, quiz cavalgal-o, mas falhou-lhe a tentativa. Então subiu para o trenó para se içar até ao cavallo. Mas o trenó vacillou sob o seu peso, e de novo lhe falhou o impulso. Por fim chegou o cavallo para mais perto do trenó, e apoiando-se com precaução sobre a borda do vehiculo, conseguiu prender-se ao ventre atravessando-se no dorso de Mukhorty. Permaneceu alguns instantes n'esta posição, depois, saccudindo o corpo por differentes impulsos, foi avançando e conseguiu passar a perna e cavalgar assentando-se no selim, e enfiar os pés nas correias da retranca, em guisa de estribos.

O impulso transmittido ao trenó dispertara Nikita, que logo se levantou.

Vassili Andréitch julgou ouvir o mujik dizer-lhe qualquer cousa.

— Estavamos servidos se dessemos ouvidos ao que vocês dizem, corja de imbecis... Pois que? haviamos de morrer assim para aqui sem fazermos cousa alguma? gritou Vassili Andréitch.

Depois conchegou sobre os joelhos as abas fluctuantes do seu casacão de pelles, fez voltar o cavallo e partiu na direcção onde suppunha encontrar a floresta e a guarita.

VII

Desde que se assentara na parte trazeira do trenó, cobrindo-se com a manta de estopa, Nikita não mais se mexera. Como todos os homens que vivem no meio da natureza e conhecendo a necessidade, era em extremo soffredor e capaz de esperar com tranquilidade durante horas, dias até, sem experimentar nem inquietações, nem irritações. Ouvira o patrão chamal-o, mas não lhe respondera, porque não queria mexer-se. A idéa de que podia e até de que devia, segundo todas as probabilidades, morrer essa noute, viera-lhe no momento em que tomava as suas disposições para esperar pelo dia na trazeira do trenó. Posto que tivesse conservado ainda o calor devido ao chá e aos seus penosos exforços atravez da neve, sabia que esse calor não duraria muito mais e que não teria mais forças para se aquecer outra vez por meio de novos movimentos, porque se sentia extenuado e porque se achava no estado do cavallo que não póde ir mais longe sem comer. Alem d'isso, o pé, aquelle cuja bota estava esburacada, estava dormente, e não sentia já o dedo pollegar. Todo o seu corpo resfriava pouco a pouco.

A idéa de morrer n'essa mesma noute não lhe pareceu nem muito lamentavel nem demaziadamente assustadora. Não muito lamentavel, porque toda a sua vida estava longe de ser uma festa continua, e sim, pelo contrario, uma servidão de que começava a fatigar-se; não demasiadamente assustadora, porque alem dos patrões, como Vassili Andréitch, ao serviço dos quaes se achava cá na terra, sentia-se submettido ao Senhor dos senhores, áquelle que o enviára a este mundo, e sabia que morrendo ficaria ainda sob o poder d'esse Senhor que o não molestaria.

«Deixar os logares em que vivemos, deixar a vida á qual se está habituado? Que fazer? Será forçoso a gente habituar-se a uma nova vida.»

«Os peccados?...» pensou elle.

E lembrou-se das bebedeiras, das violencias contra sua mulher, das pragas, da negligencia em cumprir os seus deveres religiosos, dos jejuns não observados e de tudo o que o padre lhe lançava em rosto durante a confissão. «Peccados, sim. Mas por ventura procurei eu occasiões para commettel-os? Deus fez-me evidentemente tal qual sou. Peccados, sim, e então? como evital-os?»

É assim que elle raciocinava, E com esta desculpa, entregou-se ás reminiscencias que espontaneamente lhe vinham á memoria. Lembrou-se da chegada de Morpha, das bodas dos operarios, e da sua recusa em beber aguardente, da viagem d'este dia, da isba de Tarass e das conversas sobre partilhas, e do filho, e de Mukhorty que se aquecia agora com a sua manta, e do patrão que fazia estalar o trenó a cada momento.

«Tambem elle, o pobre animal, estará maldizendo o ter de partir d'esta vida. Não é agradavel ter de abandonar uma existencia como a sua, que não é como a de nós outros.»

Todas estas recordações e todos estes pensamentos se lhe embrulhavam no cerebro, acabando por adormecer.

No momento em que Vassili Andréitch, trepando para o cavallo, saccudiu o trenó em cuja trazeira Nikita estava apoiado, um dos patins bateu-lhe nas costas e este choque dispertou-o. A seu pezar, teve de modificar a sua posição, e, tirando a custo as pernas, e saccudindo depois a neve que as cobria, levantou-se, e immediatamente um frio doloroso lhe penetrou todo o corpo. Comprehendeu então que Vassili Andréitch o abandonava, e quiz pedir-lhe para cobrir-se com a manta que agora não era precisa ao cavallo. Foi isso que elle lhe pediu gritando.

Mas Vassili Andréitch não se deteve, e desappareceu

n'uma nuvem de neve. Ficando só, Nikita reflectiu um instante. Ir á procura de uma habitação, não se sentia com forças para fazel-o; assentar-se no seu logar eraagora impossivel: a neve invadira-lh'o já; quanto ao trenó, previa a impossibilidade de se aquecer ahi, porque não tinha com que cobrir-se, visto que o seu pessimo kaftan, não lhe dava calor nenhum. Sentia tanto frio que até suppunha estar apenas em camisa.

Conservou-se de pé um instante, suspirou, e, sem tirar da cabeça a manta de estopa, deixou-se cahir no trenó no logar onde estivera o patrão. Acocorou se o mais que poude, ao canto, mas não conseguiu aquecer-se. Ficou assim quasi cinco minutos, com o corpo todo a tremer; depois cessaram os arripios, e, insensivelmente começou a perder a consciencia do seu ser.

Morria ou dormia? Ignorava-o, mas sentia-se egualmente prompto para uma ou outra cousa. Quererá Deus que elle accorde ainda vivo n'este mundo e que viva, como até agora, como servidor para tratar ainda dos cavallos dos outros, levar o trigo dos outros ao moinho, beber e fazer voto de não mais beber como d'antes, entregar as suas soldadas á mulher e ao tanoeiro, e obedecer ainda um dia á vontade do proprio filho?! Se Deus quer que elle desperte n'um outro mundo onde tudo será tão novo e tão alegre como eram novos e alegres durante a sua iafancia, as ternuras da mãe, os jogos com os camaradas, os prados, as florestas, as correrias pela neve, no inverno, e que recomece uma vida nova, completamente outra, a qual não se parecerá com cousa alguma—então que a sua vontade seja feita!

E Nikita perdeu completamente a consciencia da sua pessoa.

VIII

Durante este tempo, Vassili Andréitch impellia o cavallo, com os pés e com a redea, na direcção onde suppunha en-

contrar a floresta e a guarita. A neve cegava-o, e o vento era tão forte que parecia querer detel-o na sua marcha. Mas Vassili Andréitch fustigava sempre inclinado para deante e ajustando incessantemente o casacão de pelles cujas abas apertava entre as pernas e o sellim gelado, que o incommodava. O cavallo marchava a custo, mas docilmente.

Cavalgava assim havia cinco minutos, sempre a direito, — suppunha elle, — sem vêr cousa alguma, salvo a cabeça do cavallo e o deserto branco; sem ouvir cousa alguma, salvo o assobiar do vento entre as orelhas do animal.

De repente surgiu-lhe pela frente o que quer que fosse negro. O coração bateu-lhe de alegria, e Vassili Andréitch dirigiu-se para essa sombra, suppondo até vêr ali as paredes das casas. Mas esse objecto negro não estava immovel; era uma enorme moita de artemisias, que haviam crescido no limite dos dois campos; os ramos rompiam pela neve e o vento balouçava-os assobiando medonhamente.

O aspecto d'essa moita de artemisias torturada pelo vento implacavel fez tremer Vassili Andréitch, sem que soubesse bem porque; e sem mais detença fustigou o cavallo, sem notar que approximando-se das artemisias mudára completamente de rumo e impellia agora o animal do lado opposto, imaginando ir sempre para o logar onde devia achar-se a guarita. Mas o proprio cavallo voltava sempre para a direita, o que o forçou a impellil-o para a esquerda.

De novo surgiu deante d'elle uma mancha negra, o que o alegrou, por julgar que d'esta vez seria a aldeia; mas ainda mais uma vez se achava em frente do barranco onde vegetava a moita. As vergonteas tremiam sempre com violencia, e outra vez um terror indefinido invadiu Vassili Andréitch.

Era realmente a mesma artemisia, mas proximo d'ella havia vestigios de patas de cavallo: Vassili Andréitch parou, inclinou-se, examinou essas pégadas: eram com effeito as de um cavallo, e não podia ser senão do seu. Evidentemente andava á roda.

— Estou perdido se continúo assim, pensou comsigo.

Para se não deixar vencer pelo medo, incitou mais ainda o cavallo, fixando a poeira branca onde nada distinguia, salvo alguns pontos luminosos que appareciam e desappareciam. N'um dado momento pareceu-lhe ouvir latidos de cães ou o uivo dos lobos; mas esses sons eram tão fracos e tão vagos, que não podia saber se era realidade ou illusão, e detendo-se poz-se á escuta.

De repente um grito formidavel, terrivel, ensurdecedor, retiniu muito proximo dos seus ouvidos, e tudo tremeu, tudo vergou debaixo d'elle. Vassili Andréitch agarrou-se com os braços ao pescoço do cavallo; mas ainda assim tudo continuava a tremer, e o grito tornava-se mais horripilante. Durante alguns segundos esteve sem poder readquirir coragem e sem poder comprehender cousa alguma. Que seria? Uma cousa muito simples: era Mukhorty que relinchava com toda a força dos seus pulmões, pedindo soccorro.

Que os diabos o levem; ápre que susto me pregou! exclamou Vassili Andréitch.

Mas por melhor que comprehendesse a causa do seu susto, não podia vencel-a.

— É preciso reflectir; é preciso readquirir coragem, dizia comsigo.

E, ao mesmo tempo impelliu inconscientemente o seu cavallo, sem notar que agora ia não ao encontro do vento, mas sim na sua direcção. Todo o seu corpo, sobre tudo nos pontos de contacto com o sellim, estava tranzido; era um soffrimento; Vassili batia o queixo com frio. Não desejava senão uma cousa: tornar a achar o trenó, para não morrer sósinho, como essa artemisia, no meio d'esse terrivel deserto de neve.

De repente, o cavallo foi abaixo com o dono, e, prendendo-se n'um montão de neve, debateu-se furiosamente e por pouco que não cahiu para traz. Vassili Andréitch saltou n'um prompto, arrastando a retranca em que mettera o pé, e o selim. Mal se viu livre, o cavallo empinou-se, deu um

salto para a frente, saltou uma vez duas vezes, e, com um novo relincho, levando de rastos a manta e a retranca desappareceu, deixando Vassili Andréitch só no meio do monte de neve. Este quiz seguil-o, mas a neve era tão profunda, os seus abafos de pelles tão pesados, que enterrando-se n'ella até acima dos joelhos, não poude dar senão uns vinte passos. E parou.

«A madeira, o armazem, as tabernas, as herdades... o que será agora d'isto tudo? Como será isto feito? Não, não póde ser,» pensou comsigo.

E lembrou-se, sem motivo, da artemisia que balouçava ao vento e proximo da qual passára já por duas vezes. Apoderou-se d'elle um tal pavor que não mais acreditou na realidade do que acontecera.

«Não será isto um sonho?...»

Quiz despertar, mas bem via que não dormia. Era uma neve real que lhe fustigava o rosto, um deserto real aquelle em que se encontrava agora, isolado como a artemisia, esperando pela morte inevitavel, proxima e estupida.

—Santissima Virgem dos céos e S. Nicolau o thaumaturgo me valham! exclamou lembrando-se dos officios da vespera, e da imagem santa de rosto ennegrecido, com um resplendor dourado, e dos cirios que vendia para os oratorios, e que lhe levavam pouco depois, apenas começados a arder, e que elle mettia na gaveta.

Poz-se a pedir a esse mesmo Nicolau Thaumaturgo que o salvasse, promettendo-lhe um *Te Deum* e cirios em sua honra. Mas ao mesmo tempo comprehendeu claramente que essa imagem, esses cirios, esses padres, esses officios, tudo isso era muito importante, muito necessario lá longe, na egreja, mas que lhe não poderiam trazer agora nenhum auxilio, que entre esses cirios, esses officios e a sua situação desesperada, actual, não podia haver nenhum nexo.

— É mister não perder a coragem. É preciso seguir as pégadas do cavallo, pois d'outra fórma dentro em pouco ficarão cobertas de neve, pensou elle; e avançou.

Apesar da sua resolução de marchar lentamente, corria, cahia, levantava-se e tornava a cahir. As pégadas do cavallo mal se distinguiam nos logares onde a neve não era espessa.

—Estou perdido; nem já poderei seguir esses indicios.

Mas n'esse momento, olhando pela frente, distinguiu uma sombra negra. Era Mukhorty, e não só elle, mas tambem o trenó e os varaes levantados para o ar. O cavallo com os arreios collados nos flancos, lá estava no seu antigo logar, saccudindo a cabeça que a redea, presa n'um dos pés, puxava para o solo. Dava-se a circumstancia de que Vassili Andréitch se achava no mesmo fosso aonde se enterrara com Nikita; de que Mukhorty arrastava-o para o trenó, e de que cahira do cavallo a uns cincoenta passos do sitio onde se achava o creado.

IX

Vassili Andréitch, que com muito custo se chegara para junto do trenó, agarrou-se a um dos bordos e conservou-se assim por muito tempo sem se mexer, procurando tranquilisar-se e tomar o folego. Nikita não estava no seu antigo logar, mas havia o que quer que fosse que jazia no trenó já coberto de neve, e Vassili Andréitch comprehendeu que era o creado.

N'esse momento, o terror de Vassili Andréitch dissipava-se inteiramente; e se temia ainda qualquer cousa, era a terrivel sensação de pavor que vinha de experimentar no momento em que estivera a cavallo e sobretudo no momento em que ficara sosinho no montão de neve. Era preciso, custasse o que custasse, não se deixar vencer novamente por esse pavor, e para isso, não urgia pensar na sua salvação, mas em qualquer outra cousa; era preciso tomar uma decisão, fazer qualquer cousa, em summa.

Por isso, antes de mais nada, voltou-se com as costas para o vento, e tirou a pelliça. Depois, quando ganhou fo-

lego saccudiu a neve das botas, das luvas e tornou a enrolar-se na pelliça apertando-a fortemente na cintura, como fazia quando sahia do seu armazem para comprar trigo aos mujiks e quando andava na sua lida.

A primeira cousa e que urgia, segundo pensava, era desentalar a perna do cavallo. Foi o que fez; e prendendo Mukhorty á deanteira do trenó, andou em volta do animal para pôr em ordem os arreios. Mas n'esse momento notou que alguma cousa se mexia no trenó, e a cabeça de Nikita appareceu, sahindo debaixo da neve que a cobria. O mujik levantou-se e assentou-se empregando visivelmente todos os seus esforços para esse fim; fazia gestos extraordinarios como se quizesse enxotar as moscas e resmungou o que quer que fosse que parecia um appello a Vassili Andréitch.

Este deixou a manta do cavallo não a pondo no seu logar e approximou-se do trenô.

— Que tens tu? perguntou. Que tens tu?

— M... ô... rro, disse Nikita com esforço e com voz saccudida. Darás aos pequenos o que me deves... Ou a minha mulher... E' indifferente.

— Então que é, então que é? tens frio?

— Sinto vir a morte... Perdoa-me, por Jesus Christo.. disse Nikita com voz plangente continuando a fazer gestos deante do rosto como para enxotar as moscas.

Vassili Andréitch conservou-se alguns momentos immovel e silencioso; depois, com a mesma decisão com que apertava a mão de um vendedor depois de qualquer compra vantajosa, deu um passo atraz, arregaçou as mangas do casacão de pelles e poz-se a tirar com as mãos a neve que cobria Nikita. Terminada esta operação, desafivelou saccudidamente o cinturão, afastou a pelliça, e arrastando Nikita para o fundo do trenó, extendeu-se sobre elle cobrindo-o não só com a pelliça, mas com todo o corpo aquecido pelo movimento. Calafetou com a orla do casacão o espaço entre Nikita e a madeira do trenó, e conservou-se

assim, com a cabeça apoiada contra a deanteira do vehiculo, sem escutar nem os movimentos do cavallo, nem os silvos da tempestade, mas apenas a respiração do creado. Este jazeu por muito tempo immovel, depois respirou com força, e mexeu-se, sentindo evidentemente voltar o calor.

— E ainda falas em morrer! Não te mexas, aquece-te! Vê como eu estou... disse Vassili Andréitch, sem acabar a phrase.

Com muito espanto seu, não poude continuar porque vieram-lhe as lagrimas aos olhos e porque a maxilla inferior poz-se a tremer. Cessou de falar, e contentou-se em engulir a saliva da garganta contrahida.

Tenho soffrido grandes abalos, pensou comsigo, e sou fraco...

Mas esta fraqueza, longe de lhe ser desagradavel, causava-lhe uma suavidade particular que até então nunca experimentara.

«Eis como eu sou!» repetiu com uma especie de altivez enternecedora.

E ficou assim, durante muito tempo, silencioso, enxugando os olhos no forro do casacão, e ajustando sobre os joelhos uma das abas da pelliça que o vento afastava.

Mas experimentava uma tal necessidade de expandir-se que não se conteve mais.

— Nikita! disse elle.

— Estou bem; tenho calor, ouviu de debaixo de si.

— E' assim, irmão. Estive prestes a perder-me. Tu, tu morrerás de frio, e eu tambem...

Mas novamente as suas maxillas tremeram, e os olhos encheram-se de lagrimas, e não poude continuar.

Adeante, não ganharemos nada com isso. Sei bem o que sei.

E calou-se.

Por varias vezes, olhou para o cavallo e viu que o dorso do animal estava descoberto; que a manta e a retranca arrastavam na neve, e que seria preciso levantar-se para

o cobrir; mas não poude resolver-se a abandonar por um momento Nikita e a perturbar esse estado de doce contentamento em que elle proprio se encontrava.

N'esse momento não sentia a menor sombra de qualquer receio.

O seu corpo estava quente, coberto por cima com a pelliça e por debaixo tinha Nikita; mas as mãos com que segurava as abas do casacão dos dois lados de Nikita, e as pernas d'onde o vento afastava incessantemente a pelliça, começavam a resfriar. Não dava attenção a essa circumstancia, porque só pensava em aquecer o mujik, debaixo de si.

Venha calor! é preciso que elle venha! disse comsigo pensando no calor que communicava a Nikita, com a basofia que lhe era habitual quando falava das suas compras e vendas.

Vassili Andréitch permaneceu muito tempo assim. Na sua imaginação passaram primeiramente as impressões da tormenta, dos varaes do cavallo sob a duga que se balouçava deante dos seus olhos e de Nikita extendido debaixo de si; depois as recordações da festa, de sua mulher, do commissario, da gaveta dos cirios confundiam-se na sua cabeça, e outra vez tornava a occupar-se de Nikita; depois tornava a ver os mujiks, vendedores e compradores, as paredes brancas e as casas com os seus telhados de ferro; depois tudo se baralhava na sua imaginação, e, como as côres do arco-iris fundindo-se n'uma só luz branca, todas essas imagens entrelaçaram-se n'uma unica e adormeceu.

Dormiu assim durante muito tempo, sem sonhos; mas antes da aurora romper, eil-os que vêm: Vê-se proximo da gaveta cheia de cirios, e a mulher de Tikhon pede-lhe um de cinco kopeks para a festa; quer pegar n'um cirio e dar-lh'o, mas não póde levantar os braços, cujos punhos cerrados estão mettidos nas algibeiras. Quer andar em volta do balcão, mas as pernas estão inertes, as galochas novas, bem engraixadas, estão presas ao solo, e não póde

levantal-as nem tirar d'ellas os pés. De repente, a gavcta dos cirios já não é gaveta dos cirios, é um leito onde Vassili Andréitch se vê extendido de barriga para baixo, em sua casa. Está deitado no seu leito, e não póde levantar-se. Comtudo, assim é preciso porque o commissario Ivan Matvéitch, virá procural-o para ir, ou negociar em madeira, ou pôr a retranca no dorso de Muhkorty. E pergunta á mulher: «Então! já chegou?—Não, diz ella, ainda não chegou.» E ouve o ruido de um vehiculo que pára deante do portão.

«Deve ser elle.... Não, passou... Nicolavna! Olá, Nicolavna? Então? ninguem?—Ninguem.» E continua no leito, não podendo ainda levantar-se, esperando, e essa espectativa é ao mesmo tempo anciosa e suave. De repente, uma alegria inunda-o: eis aquelle que espera, mas não é Ivan Matveitch, o commissario, é um outro, aquelle mesmo por quem espera.

Vem e chama-o, e esse outro que o chama é aquelle mesmo que lhe ordenou que se deitasse em cima de Nikita. E Vassili Andréitch sente-se feliz por saber que esse outro tivesse vindo procural-o.

—Ahi vou! gritou elle com alegria.

E esse grito dispertou-o.

E accorda muito differente do que era ao adormecer. Quer levantar-se, mas não póde; quer mover o braço, não póde; a perna, não póde; quer voltar a cabeça, tambem não póde fazel-o! É uma cousa que o espanta, mas não o mortifica. Comprehende que é a morte, e tambem essa idéa não o mortifica. Lembra-se de que Nikita está debaixo d'elle, que está quente, que está vivo, e parece-lhe que elle mesmo, Vassili, que a sua vida não reside em si mesmo e sim em Nikita. Põe o ouvido á escuta e distingue a respiração de Nikita e até um leve ronco.

—Nikita está vivo; logo tambem eu estou vivo! disse a si mesmo com triumpho.

E o que quer que fosse absolutamente novo, qualquer

cousa que nunca conhecera na sua vida, desceu sobre elle.

E lembrou-se do dinheiro, do armazem, da casa, das compras e vendas e dos milhões de Mironov, e não podia comprehender por que motivo esse homem que se chamava Vassili Brekhunov se preoccupara outr'óra com todas essas cousas.

«Não tem que vêr! não sabia...» pensou elle de Vassili Brekhunov.

«O que elle não sabia, sei-o eu, sei-o eu agora sem errar... *Agora sei-o eu.*»

E de novo ouve o chamamento d'aquelle que já o chamou.

«Eu venho! eu venho!» responde todo o seu ser com uma terna alegria.

E sente que é livre e que nada o retem mais.

E Vassili Andréitch não via, não ouvia, não sentia mais nada n'este mundo.

Em volta do trenó, a tempestade redemoinhava sempre. As mesmas trombas de neve cobriam com a sua poeira branca o casacão de pelles de Vassili Andréitch e Mukhorty, cujo corpo tremia todo, e o trenó que mal se lobriga e no fundo Nikita, reaquecido sob o corpo inerte do patrão.

X

Ao romper da aurora, Nikita accordou sob a sensação do frio que começava a gelar-lhe os hombros. Sonhára que voltava do moinho com uma carreta carregada de farinha e que, proximo de Liapine, a carreta indo de encontro á ponte se atolára. Deitara-se debaixo da carreta, não bolia, e o vehiculo estava collado ás suas costas, e, cousa extranha—não podia mais levantal-a nem desentalar-se d'ella; estava completamente derreado. «E como estava fria a carreta! era preciso sahir d'alli.—Vejamos, basta! dizia elle a alguem, áquelle que lhe esmagava as costas.—Retira os

saccos!» Mas a carreta cada vez mais fria, continuava a pesar sobre elle, quando de repente um ruido particular o disperta, e comprehende tudo quanto se passa.

A carreta fria, é o patrão morto, gelado, que está em cima d'elle. O ruido é Mukhorty que bateu com as patas no trenó.

Andréitch! hé, Andréitch! chama Nikita, presentindo a verdade e tentando com precaução retirar-se de debaixo do patrão.

Mas Andréitch não lhe responde, e o peito largo e as pernas robustas e frias de Andréitch pesam enormemente sobre elle.

«Passou d'esta para melhor, provavelmente. Que o reino dos ceus lhe seja aberto!» pensa Nikita.

Mexe a cabeça, escava a neve, e abre os olhos. É já dia. O vento sopra sempre nos varaes, a neve cae sem descanço, mas já não fustiga a deanteira do trenó, cobrindo sem ruido o trenó e o cavallo, sempre, sempre acima, mais acima, e não se ouvem já nem a respiração nem os movimentos de Mukhorty.

Tambem está gelado, pensa Nikita.

Com effeito as patadas contra o trenó que despertaram Nikita, tinham sido os ultimos sobresaltos do cavallo agonizante, morrendo de frio.

—Senhor, pæ do céo, tambem tu me chamas, disse Nikita. Cumpra-se a tua santa vontade!... mas é bem triste! .. Ora! não se morre senão uma vez! Com tanto que isto não ande a arrastar... E retira o braço unindo-o ao corpo, fecha os olhos, e abandona-se, segurissimo d'esta feita de que morre de uma vez para sempre.

Por volta do meio dia, uns mujiks encontraram Vassili Andréitch e Nikita a uma centena de metros da estrada e a meio kilometro da aldeia.

A neve cobria completamente o trenó, mas ainda ali se viam os varaes e o lenço preso a um d'elles. Mukhorty na neve até ao ventre, com a retranca e a manta no

flanco, ficara de pé, completamente branco, a cabeça fincada contra o peitoral, as narinas cheias de frocos de neve, os olhos vitreos e como cheios de lagrimas geladas. Emmagrecera n'essa noute a ponto de não ter mais senão a pelle e o osso. Vassili Andréitch estava completamente hirto, e tiraram-n'o de cima de Nikita sem que as pernas afastadas perdessem a sua posição. Os olhos saltões como de ave de presa, a bocca aberta sob o bigode que parecia talhado á escova, estavam cheios de neve. Mas Nikita respirava ainda.

Quando o despertaram, estava convencido de que morrera, e que, o que lhe succedia se passava não cá na terra, mas no outro mundo. Mas quando ouviu os gritos dos mujiks que o desembaraçavam da neve e do corpo de Vassili Andréitch, espantou-se primeiramente de ouvir gritar mujiks tambem no outro mundo. Comprehendeu finalmente que estava ainda cá n'esta terra, e logo se penalisou com isso, sobretudo por sentir que os dedos dos pés se lhe tinham gelado para sempre.

Nikita passou dois mezes no hospital. Cortaram-lhe tres dedos; os outros curaram-se. Poude pois trabalhar, e, ainda durante vinte annos serviu primeiramente como creado e na velhice como guarda. Morreu só este anno, na sua casa, como o desejara, com um cirio na mão, defronte de um oratorio. Antes de morrer pediu perdão á mulher e perdoou ao tanoeiro. Despediu-se do filho e dos netos e morreu realmente satisfeito de aliviar o filho e a nora da carga que constituia para ambos, e passou finalmente d'esta vida, da qual estava bem farto, para uma outra que se lhe tornava dia a dia, hora a hora mais attrahente e mais comprehensivel.

Está melhor ou peor lá onde accordou depois d'esta morte verdadeira? Enganou-se elle ou encontrou lá o que esperava?

Nós todos o saberemos em breve.

Leon TOLSTOI.

GEORGICAS

I

DE VOLTA AO LAGAR

(A Fernandes Costa)

Na testada dos bois, o moço lavrador,
Faz um aceno, e pára o carro gemedor.

Tira o amplo sombreiro, e co'as costas da mão
Limpa as bagas da fronte. É fraca a viração.

D'entre a camisa aberta, ostenta-se robusto,
O peito juvenil do primoroso busto!

Foi bravia a ladeira! A dorna, trasbordante!
Todo em suor o gado, apesar de possante!

Fins de setembro já, porém calmoso dia!
Debaixo d'um chorão referve a fonte fria!

Arqueja o lavrador, de sêde e de fadiga.
Põe-lhe o cantaro á bôcca esbelta rapariga.

Tentadora mulher, viva como uma estrella!
O seio, aquelle mar de duas ondas tumidas,
Palpita-lhe feliz na virginal procella!

Elle bebe, e matando a sêde d'agua, cresce-lhe
Mais a sêde do amor cravando os olhos n'ella!

Monte de Caparica, Torre.

II

Por quanto a vista alcança, ondeia na planura,
Crespa do vento, á tarde, a messe já madura:

As caudaes de dezembro, a sede do arvoredo
Fartaram na raiz. Nas vinhas e olivedo
A novidade abunda, e temol-a vingada,
Se não cae de improviso alguma trovoada.

Pressuroso, confiue ás ceifas da campina
O ganhão do logar, e a gente peregrina,
Que vem da Beira alpestre, em marchas fadigosas,
Affrontar, na lezira, as febres paludosas!

Mas o salario é bom, e acodem esses dias
A' invernia cruel, nas bravas serranias!

Dardeja o sol a prumo! As joviaes cantigas
Cortaram-se na voz das proprias raparigas!

Mordido do tavão, partindo desvairado,
Busca em balde uma sombra, onde se acoite, o gado!

No pó que se alevanta, e se condensa no ar,
A sanha do calor parece coriscar!
Nem a paveia fulva, em montes, já se presta,
Pela altura do sol, ao descançar da sesta!

Na perdida arribana, até o guardador
Procura refugir do tempo abrasador!
Em nuvens o mosquito!... a peste carniceira,
Que, em cravando o farpão, exulta zombeteira!

Se ao menos, na fadiga, ás horas mais violentas,
Se pudessem matar as sedes truculentas!...
Porém nas vastidões, sem termo, do horisonte,
Quem logra descobrir a veia de uma fonte?

Na zina da seccura, atiram-se, perdidos,
A' lodacenta valla, aos charcos corrompidos!

Cae, por mais de uma vez, no campo, suffocado,
Côr de um preto retinto, o segador coitado!
Quando o duvide alguem, soccorra-se á palavra
Do honrado agricultor, que o Riba-Tejo lavra.

E lembrar que no rio, á fresca dos salgueiros,
E' rei o pescador!... Coragem, pegureiros!
Além, lá muito além, aquella nuvem branca,
Que na serra apontou, traz-nos a aragem franca!

Não tarda a despregar-se a limpida nortada.
A rôla, que arquejava, occulta na ramada,
Apesar de africana, agora revoando,
Já cae sobre os trigaes, a repastar em bando!

A rajada é mais longa, e curto o recalmão:
Signal dé norte largo, em tardes de verão!

Mãos, com alma, ao trabalho, e venham as cantigas,
Emquanto a foice abate as tremulas espigas!

Recruzam, na campina, os lestes maioraes;
Relincha o poldro ufano; e volta dos juncaes,

Propicios pela calma, o touro ao seu pascigo,
Onde tem feno a vondo, e tem á noite abrigo!

As eguas, que á debulha, hão de suar na lida,
Livres do jugo vil, folgam á boa vida!
Dos conjugios d'abril não as accende a chamma,
Que é n'ellas tão voraz como no cervo a brama!

O sol, ao vasto mar das messes resonantes,
No occaso inda lhe joga as frechas rutilantes!

Já vae perdendo o céo a carregada tinta
Da plumbea calmaria — e todo se repinta
Do immaculado azul, que, em vindo as noites bellas,
Dá mais vivo realce ás lucidas estrellas!

O rancho juvenil das filhas do logar
Vae cantando e seguindo alegre para o lar!...

.....

Que importa o labutar, logo de madrugada?!
E' sempre uma canção a vida na alvorada.

BULHÃO PATO.

A CONDESSA SARAH

(Conclusão)

XVIII

O conde via sua sobrinha pela primeira vez havia uma semana. Achou-a pallida e fatigada. Não desconfiando da perturbação moral da joven, inquietou-se com o seu estado de saude. Murmurou ao ouvido de Sarah:

— Branca parece-me muito mudada... Fez mal em encerrar-se durante oito dias n'este convento escuro e frio... Comtanto que não esteja doente!...

Sarah encolheu levemente os hombros e devorou com acerba alegria os vestigios dos tormentos soffridos por M.elle de Cygne, que se lhe liam no rosto. Tambem soffria, aquella privilegiada! Sentia a repercussão de todas as dôres da sua rival! E o seu triumpho era, ao mesmo tempo, um martyrio.

— Queres vir hoje comnosco? perguntou o conde a M.elle de Cygne.

— Não, respondeu Branca, desejo ficar aqui até ámanhã.

A idéa de passar a noute em Canalheilles, com Sarah,

era-lhe insupportavel. Preferiu as angustias da solidão, a expectativa febril d'aquelle dia solemne, no seu quarto silencioso, aos esforços penosos que teria de empregar para se mostrar alegre e risonha ao conde.

— Bem! n'esse caso, vou falar á superiora, disse M. de Canalheilles, e dispor tudo para ámanhã.

Sahiu, e as duas mulheres ficaram na presença uma da outra, no silencio profundo do locutorio. Fitaram-se, Branca, fraca e abatida, Sarah, vigorosa e ameaçadora:

— É ámanhã, disse a condessa. Já não te resta senão uma noute para te resolveres. Tens reflectido, no teu isolamento?

— Tenho soffrido, chorado e resado, respondeu Branca.

— E as tuas resoluções não mudaram?

— Não.

— Persistes, apesar das minhas supplicas, dos teus receios?

— Apesar de tudo.

— Tu, que és tão religiosa, não hesitas em roubar-me o homem que amo? exclamou Sarah perdendo a serenidade e erguendo-se, terrivel, em frente de M.elle de Cygne.

— Evito que deshonre publicamente o marido que jurou respeitar...

M.elle de Cygne falara sem erguer a voz. Os seus olhos, fixos com attenção n'um dos quadros collocados ao longo da parede, brilhavam, radiosos, como se estivesse em extase perante uma visão celeste.

O olhar de Sarah seguiu o da joven. Era uma formosa tela da escola veneziana emmoldurada em madeira preta. Aos pés do filho de Deus, a Magdalena prostrada humildemente na poeira, enxugava com os longos cabellos dourados os pés do Salvador. Os discipulos reunidos em torno do Mestre, assistiam áquelle acto de humildade da peccadora arrependida e louvavam o seu acto de contricção. Uma luz alourada brincava no rosto sublime de Maria e illuminava-lhe a cabelleira de ouro. Por uma coincidencia extra-

nha, havia entre aquella cabeça admiravel e a physionomia de Sarah, uma semelhança pasmosa.

A condessa abrangeu o quadro todo n'um olhar e comprehendeu o pensamento secreto de Branca. A joven comparava mentalmente o arrependimento da mulher que se fizéra santa com o desespero de Sarah em tornar a cahir na sua falta. E bradava-lhe do intimo da alma: Faze o mesmo que ella, arrepende-te e erguer-te-has mais forte e mais poderosa.

Uma ruga profunda vincou a fronte de Sarah:

—Arrepender-me, não é verdade? Renunciar ao homem que adoro? disse ella. Não! não! Não sou das que se arrependem e renunciam. Eu persisto, custe o que custar. Não tentes illudir-me com a tua devoção hypocrita, com as tuas exhortações cheias de duplicidade. Tu não queres que eu me rehabilite, que me salve; queres o meu amante, unicamente! Ah! toma sentido, que eu, por fim, perco a paciencia! Não sabes o que fazes resistindo-me. Sê prudente!

Calou-se um instante; depois, com ironia atroz:

—Tu estiveste quasi a seguir a vida religiosa, n'outro tempo; pois bem! segue-a agora! Estás n'um convento; porque não te deixas ficar?

E, como Branca não respondia a estas palavras furiosas:

—Mais uma vez, responde-me, queres renunciar a este casamento?

Os passos do conde resoaram nas lages do vestibulo. Sarah viu que tinha apenas um minuto para decidir M.elle de Cygne. Aproximou-se d'ella, apertou lhe as mãos como se quizesse despedaçal-as, procurando arrastar ou subjugar aquella natureza meiga, mas inabalavel.

Então, vendo que nada obtinha, perdendo a esperança, curvou-se para a sua rival como se a estivesse beijando:

—Queres absolutamente casar-te? murmurou n'um tom

de voz que a fez estremecer. Pois bem! Seja! Mas olha se ficas viuva!

E, fazendo um gesto de colera, afastou-se, seguida pelo conde.

XIX

A datar d'esse momento, Sarah deixou de conter-se e entregou-se a todas as violencias da sua natureza. Durante a noute que precedeu o casamento passeou no seu quarto com passo desegual, cambaleante, falando em voz alta e repetindo as ameaças. Da Sarah civilisada e encantadora que a educação produzira, nada restava já. A zingara reappareceu inteiramente, com os seus instinctos indisciplinados e as suas paixões selvagens. Quiz vingar-se com todas as forças do seu ser. O odio substituiu o amor no seu coração. A excellente Mrs. Stewart, fechada com ella no quarto, perdeu o fleugma britannico, pela primeira vez na sua vida. Assustada com o espectaculo d'aquella dôr furiosa, vendo a loucura despontar nos olhos de Sarah, diligenciou acalmar a sua querida menina. Quiz tornal-a rasoavel e acabou de exasperal-a. A condessa respondeu aos seus conselhos ternos e ajuisados com exclamações de raiva. Não discutiu, blasphemou. O seu peito devorado pela febre era um brazeiro ardente, e o cerebro enchia-se-lhe de ruidos confusos.

Rebolou-se no chão, accommettida por uma horrivel crise nervosa, batendo com a cabeça no sobrado como se quizesse matar-se.

Delirante, contrahida por espasmos, durante algumas horas nada teve de humano. A violencia mesmo d'este accesso deu em resultado algum socego. Agachada, com a cabeça deitada nos joelhos da sua amiga, ficou assim até pela manhã, com o olhar fixo, a pelle ardente, prostrada pela febre. Soluçou em voz baixa, chamando Pedro e supplicando-lhe que voltasse para ella, como se elle pudesse ouvil-a.

Mrs. Stewart pediu lhe, debalde, que se deitasse. Parecia surda, não ouvia senão as vozes interiores que lhe falavam, inspirando-lhe criminosos projectos.

A pobre senhora julgou a situação muito grave; teve o presentimento de uma desgraça. Viu Sarah capaz de algum acto de desespero que a perderia. Pensou que talvez devesse prevenir o conde do estado inquietador em que ella se achava. Mas prevenir o conde não era abrir-lhe os olhos e perder Sarah melhor do que ella poderia fazel-o? A madrugada surprehendeu-as assim, n'uma desordem horrivel. Sarah pareceu recuperar alguma razão. Levantou-se e foi á janella. Viu o pallido clarão que despontava no ceu escuro; suspirou, murmurando: É o dia! Deu alguns passos pelo quarto e parou, meditando:

— Então, minha querida filha, disse Mrs. Stewart, peço-lhe que se deite, ainda que seja por uma hora; tem a physionomia transtornada e não está apresentavel.

Sarah abanou a cabeça em signal de assentimento, e, entregando-se á sua velha amiga, deixou-se despir como uma creança. Ficou na cama vigiada pela ingleza, sem dormir, mas serena, apparentemente, até ás oito horas. E, quando o palacio começava a encher-se de movimento e de ruido, quiz levantar-se. Estava livida.

Mrs. Stewart não deixou entrar a creada de quarto, receou que o estado assustador da condessa causasse excessiva surpresa e désse occasião a commentarios. Vestiu-a ella mesma, adornou-a para a ceremonia, poz-lhe côr nas faces, e arrancou-lhe um pallido sorriso á força de cuidados.

— A *toilette* da condemnada, murmurou Sarah.

Depois tornou-se novamente sombria e inquieta.

Ás nove horas chegou M.elle de Cygne ao palacio, onde devia vestir-se. Não quizera casar-se duas vezes, como é costume, um dia na administração e o seguinte na egreja. Temia alguma violencia de Sarah. Sabia que estava ameaçada e queria diminuir todas as probabilidades de perigo.

Era preciso que a abandonada não tivesse muito tempo de reflectir. A's dez horas menos um quarto chegou Pedro, de grande uniforme, e partiram para a administração, com o conde e as testemunhas. A condessa devia esperar no palacio que fossem buscal-a pàra se dirigirem á Magdalena.

Sarah parecia não ter já consciencia do que fazia. Andava como n'um sonho. Estremeceu, ouvindo dar onze horas, e pensou: Acabou-se! Estão unidos! Comtudo, para ella como para todas as mulheres, a cerimonia religiosa era a que tinha mais importancia. Quando ouviu rodar, no pateo, o *landau* que trazia os noivos, estremeceu levemente e, arrastada por Mrs. Stewart, desceu. Deixou-se metter no trem e não recuperou alguma lucidez senão quando avistou a egreja.

O coração opprimiu-se-lhe. Era o mesmo quadro que a impressionara quando viera ali, vestida de branco, dois annos antes. O céu azul estendia-se sobre o portico de columnas de pedra cinzenta, nos degraus acotovellava-se a mesma turba-multa, olhando com avidez, o mesmo tapete subia até ao meio do altar-mór e, pela grande porta aberta, apparecia o altar resplandecente de luzes, emquanto que os sons graves do orgão lançavam á multidão recolhida o rythmo da marcha solemne.

Quantos acontecimentos na sua vida desde esse dia, tão pouco distante, ainda assim! Que alegrias, que dores, que luctas e que desesperos! Curvada no genuflexorio, procurou absorver-se em piedosa meditação. Rogou ardentemente ao céu que fizesse descer um raio de luz ao seu espirito perturbado. Uma manifestação exterior, um signal que se assemelhasse a um presagio, uma palavra dita pelo padre que respondesse á sua angustia secreta, tel-a-hia feito abandonar a sua vingança, renunciar ao seu odio e sacrificar-se. Nada lhe appareceu á vista. Os santos de pedra ficaram immoveis nos pedestaes, os vidros não foram illuminados por uma luz brilhante, tudo se conservou na som-

bra. E ella não viu senão Pedro, junto de Branca, fugindo-lhe, tornando-se marido de outra a quem jurava fidelidade.

Sarah não hesitou mais. Pareceu-lhe que o céu estava de accordo com ella. A sorte estava deitada. Exclamou, comsigo mesma: «Não será teu! Tiraste-me o amante, tirar-te-hei o marido!...» Recuperara novas forças. Os nervos, retezados como se estivessem prestes a quebrar-se, amparavam-a. Poude sorrir. Supportou o momento horrivel das felicitações, na sacristia, e regressou ao palacio tranquilla, apparentemente, mas na realidade contendo uma das tempestades mais temiveis que teem agitado um coração humano.

O conde renunciara a dar um banquete em honra do casamento de sua sobrinha, mas com a condicção de offerecer, ao menos, um *lunch* aos intimos, depois da cerimonia nupcial. Nos salões admiraveis do palacio de Canalheiles, reunia-se uma sociedade escolhida, em torno dos recem-casados.

— Não é numeroso, dissera Pompéran, mas é do melhor.

— E' a fina essencia do bom, respondeu La Livinière.

E, satisfeitos, com esta apreciação, formulada em pura linguagem de boulevard, os dois rapazes dirigiram-se ao bufete para tomarem um copo de champagne. O conde, feliz, andava de um lado para o outro, apresentando Séverac aos convidados que não conheciam o mancebo, dizendo, com alegria trasbordante:

— O filho do meu melhor amigo! E' meu sobrinho, agora, mas já era meu filho adoptivo.

Frossard, muito agitado, dividia-se entre M.elle Merlot que servira de dama de honor á sua amiga, e a condessa de Canalheilles, cuja pallidez o assustava. Sarah já não se dava ao trabalho de fingir, nem crispava os labios n'um sorriso de encommenda. Mostrava-se abatida pela febre que a devorava, transtornada pelas insomnias perpetuas.

Aquella mulher tão formosa, tão seductora, tão admirada, já não era mais do que um objecto de compaixão para os que a contemplavam attentamente. Envelhecera vinte annos em quinze dias. Sentada n'uma poltrona, de costas voltadas para a janella cuja claridade lhe maguava os olhos, escutava distrahidamente o que se dizia.

—O que fazem os noivos? perguntou M.me Smorden. Partem ou ficam?

—Oh! as viagens de noivado estão muito fóra da moda, respondeu Pompéran. E' genero antigo, positivamente.

—No meu tempo, disse Merlot com sequidão, achava-se essa fuga para a liberdade uma cousa encantadora. Os gostos mudam, ao que parece. O que era costume antigamente parece hoje ridiculo.

—Entendamo-nos, replicou La Livinière. Ridiculo, não, incommodo, sim. Ir viver para quartos de hospedaria quando se tem uma casa bem arranjada, é absolutamente contrario ás regras do confortavel. Eu, se estivesse no logar de Séverac, dizia a todos que partia, e encerrava-me, com minha mulher, n'aquelle admiravel palacio de Cygne... Em doce intimidade, que delicioso *tête-à-tête*, no meio de todas aquellas maravilhas!

—Eu é que não podia ser amavel no meio de um museu, declarou M.me Smorden. Estava excessivamente distrahida.

—Oh! quando se adora a noiva, disse Pompéran, e Séverac está n'esse caso... Ahi veem elles. Vejam se é possivel haver um par mais egual.

Branca e Pedro davam volta aos salões. Iam retirar-se. Sarah ergueu-se bruscamente. Os dentes cerraram-se-lhe com tal violencia que bateram uns nos outros.

Assaltou-a um tremor nervoso. Os dois noivos encaminhavam-se para ella vagarosamente, ao lado um do outro, tristes e quasi supplicantes. Ella esperou-os com firmeza, fitou-os com olhar sombrio, e respondeu ao cumprimento d'elles com um simples movimento de cabeça. Não troca-

ram uma palavra. Sarah seguiu-os com a vista até á porta; depois, vendo que tinham desapparecido, correu para a janella. Elles subiram para o coupé, que esperava, com os dois cavallos enfeitados com rozetas de setim branco. Fechou-se a portinhola e o trem rodou rapidamente sob a abobada da entrada. Os olhos de Sarah obscureceram-se; procurou um apoio em torno, e encontrou a hombreira da porta que ia ter ao seu quarto. Arrastou-se até lá e deixou-se cahir n'uma cadeira. Ficou ahi inerte, sem poder mover os braços nem as pernas, mas recuperando subitamente toda a clareza de espirito.

As forças physicas abandonavam-a; mas readquirira o vigor intellectual. Pensou, com uma angustia horrivel, que estava tudo acabado e que já não tinha nada a esperar. Aquelle que adorava, partira. Era marido de outra. Entre os dois existia a sua lembrança, que podia separal-os. Mas os corações d'elles não acabariam, fatalmente, por esquecer? Aquella esposa formosa, terna, presente, tomaria o logar da amante envelhecida, gasta e distante. E, mais tarde ou mais cedo, Branca havia de cahir nos braços de Pedro. Nos seus braços! Soffreu tanto com esta idéa que teve esperanças de morrer. Mas não foi tão favorecida: estava reservada para mais dores.

Imaginou os dois caminhando ternamente enlaçados, ouviu o murmurio das suas palavras, o fremito dos seus beijos. Assaltou-a de novo a colera. Deixaria aquella Branca, que lhe roubara toda a alegria n'este mundo, gosar assim o seu triumpho? Depois de a ter ameaçado, perdoar-lhe-hia? Era tão facil vingar-se! Ergueu-se e, abrindo uma secretaria de ébano com incrustações de nacar, vasculhou apressadamente n'uma gaveta e tirou de lá um pequeno masso de cartas. Eram, as raras e tristes respostas de Séverac ás cartas que ella lhe mandara para Argel. Uma que mostrasse ao conde estava vingada.

Oh! com certeza, o marido ultrajado puniria o que lhe roubara a honra. Lembrou-se da colera assustadora do

conde, quando o surprehendera em Canalheilles. Via-lhe os punhos cerrados convulsivamente. Tendo de lavar a mancha feita no seu nome por um amante, o soldado corajoso o altivo fidalgo, não hesitaria; o sangue devia correr. Oh! arrancar a Branca o homem que ella lhe roubara! Fazel-a viuva com tão pouco tempo de casada! Que desforra! Uma alegria horrivel illuminou o rosto de Sarah. Tinha Pedro á sua disposição. Ou elle consentiria em seguil-a ou ella iria entregal-o a seu marido.

Pegou n'uma folha de papel e traçou, á pressa, estas linhas: — Sou a mais culpada e mais infeliz das mulheres. Afasto-me para sempre. Esqueça-me. Sarah.» Fechou o sobrescripto e escreveu a direcção. Depois de ter assim cortado todas as retiradas, embrulhou-se n'uma grande capa, deitou uma mantilha de renda pela cabeça e sahiu, atravessando a salinha oriental. Dirigiu um olhar commovido áquelle logar onde fora tão feliz e onde soffrera tanto, e, chegando ao vestibulo, procurou alguem a quem pudesse confiar a carta. O coronel Merlot vinha da sala de bilhar, dirigia-se para o salão. A condessa approximou-se d'elle.

Frossard, inquieto com a ausencia de Sarah coincidindo com a partida dos noivos, puzera-se á espreita. Andava extremamente receioso, havia alguns dias. Ao facto da lucta que se travara, seguira-lhe todas as phases com grande attenção. A physionomia de Sarah atemorisava-o; no ar pairava uma desgraça. Sentia-o e queria absolutamente conjural-a. Rondou em torno dos aposentos da condessa, de ouvido álerta a todos os ruidos, e olhar attento a todos os movimentos. Meio occulto por um reposteiro, viu a condessa sahir da salinha oriental e approximar-se de Merlot.

— Vou ausentar-me por alguns instantes. Se o conde pergentar por mim, coronel, disse ella, entregue-lhe este bilhete.

E desappareceu em direcção á escada pequena. Frossard

não hesitou um segundo. Viu tudo claramente. Adivinhou o drama. Sarah deixava o palacio escrevendo a seu marido. O que podia ella dizer-lhe? A verdade. Mas a verdade era a perda de Séverac. Frossard, cheio de anciedade, desejava poder duplicar-se, afim de ir prevenir Pedro e, ao mesmo tempo, seguir a condessa. Mas a carta? Era preciso evitar, a todo o custo, que chegasse ao seu destino. O moço tabellião precipitou-se para Merlot, agarrou-o por um braço e, arrastando-o para um gabinete deserto:

— Coronel, disse elle com volubilidade, isto é um caso muito grave... M.me de Canalheilles deu-lhe agora uma carta para o conde... É preciso que essa carta não seja entregue...

Merlot fez-se carmezim; os olhos pareciam querer saltar-lhe da cara.

— Nunca deixei de cumprir uma missão de que me encarregassem, respondeu elle...

— Pois bem! será a primeira vez... Nunca é tarde para os valentes, replicou Frossard exaltado... É necessario que me ceda essa carta, coronel... Depressa, dê-m'a! Os minutos, agora, valem annos.

— O senhor sabe o que me pede? gritou o irrascivel coronel.

— Peço-lhe a vida e a honra de pessoas que o senhor estima!...

— Porém...

Frossard zangou-se... Emquanto durava esta discussão, a condessa ganhava terreno, ia escapar-lhe... Mostrou a Merlot dois braços cujo vigor elle já experimentara:

— Se não m'a dá, tiro-lh'a, disse elle.

Depois, mudando bruscamente de tom:

— Não! não ameaço! Com um homem tão corajoso como o senhor, seria inutil... Dirijo-me á sua bondade, porque o coronel é muito bom, afinal... Resistindo-me vae causar desgraças irreparaveis...

Merlot, arrastado pelo calor do moço tabellião, tossiu,

revolveu furiosamente o bigode e, tirando o fatal bilhete da algibeira:

— Aqui tem, disse elle, extendendo-o a Frossard.

Este soltou um grito de alegria, apertou Merlot de encontro ao peito quasi a ponto de suffocal-o, e disse-lhe: Havemos de acabar por ser amigos!

E, deixando o seu antigo adversario absolutamente aturdido, não sabendo se devia regosijar-se ou enfurecer-se, precipitou-se para a escada.

Quando chegou á rua, olhou para todos os lados. Avistou Sarah, a trezentos passos de distancia, encaminhando-se para a rua Royale. Deitou a correr, sem se importar com o que diriam, e não tardou que a alcançasse. Seguiu-a a distancia andando rente á parede a fim de não ser visto pela condessa, se ella, por acaso se voltasse. Pensava, entretanto: «Onde vae ella?»

Sarah caminhava rapidamente; devia ter pressa de chegar ao seu destino. Voltou para a rua Royale. Frossard começou a sentir-se excessivamente inquieto. No fim da rua Royale era a praça da Concordia e o Sena. Teve uma visão horrivel: a agua lodosa correndo ruidosamente por debaixo das pontes e quebrando-se, de subito, com o choque de um corpo que cahia. Estremeceu. O desespero levaria Sarah a querer matar-se? Aquella mulher elegante, distincta, ter-se-hia lembrado d'esse fim aterrador, ignobil, publico? Aproximou-se d'ella. Por preoccupação ou por fadiga, o andar da condessa tornava-se mais lento e menos regular. Parava de vez em quando, como se hesitasse em avançar ou como se as forças a trahissem.

Voltou a esquina da rua Royale e entrou na rua Rivoli. Frossard respirou. Ella atravessou a rua e dirigiu-se para as Telharias. Mas, chegando junto á grade, levou a mão á testa como se sentisse uma vertigem. Deu ainda alguns passos, cambaleando, soltou um grito doloroso e, sentindo que ia cahir, estendeu os braços... Frossard aproximou-se d'ella de um pulo, segurou-a e recebeu o olhar mori-

bundo dos seus olhos meio fechados. Ella ainda teve forças para balbuciar:

—Palacio de Cygne, e desmaiou.

Frossard não perdeu a cabeça. Quiz, a todo o custo, evitar os ajuntamentos e as perguntas dos agentes de policia. Chamou um trem que passava.

Um trabalhador já tinha parado, gritando: «Então o que é isso? Deu-lhe alguma cousa, a essa menina?...»

—É minha mulher: isto não vale nada, é uma tontura, respondeu Frossard. E cobriu respeitosomente com a mantilha o rosto da condessa.

—N'aquella rua ha uma pharmacia, disse o operario.

—Muito obrigado, nós moramos perto, exclamou Frossard. Cocheiro, bairro de Saint Honoré.

Ouvindo dar a morada do conde, Sarah abriu os olhos e fez um movimento, como se quizesse precipitar-se do trem.

Frossard hesitou um instante; em seguida, pensou: «Ora! afinal de contas, eu tambem vou, posso evitar alguma desgraça.» E debruçando-se para o cocheiro, disse simplesmente:

—Rua de Bellechasse.

Sarah agradeceu-lhe com um gesto, e encostando a cabeça ás almofadas do trem, pareceu que adormecia. O trem parando, chamou-a á vida. Ergueu-se e desceu ajudada por Frossard. O *coupé* que trouxera os noivos estava no pateo, desatrelado. Um lacaio, chamado por duas campainhadas que resoaram no silencio da escadaria, appareceu no patamar e mostrou o caminho a Sarah; esta, com um gesto imperioso, ordenou a Frossard que não a seguisse. Achou todas as portas abertas, como se a esperassem. Quando chegou ao primeiro andar, parou, comprimindo as pulsações do coração. Depois entrou arrojadamente na saleta onde Branca passara as tristes horas que seguiram o fallecimento de seu pae.

Passado um momento abriu-se uma porta, e a noiva ap-

pareceu, ainda com o vestido branco do casamento. Deu alguns passos e, com voz branda e serena:

—O que vem procurar a esta casa? perguntou ella.

—Teu marido, exclamou Sarah afrontando-a com o olhar.

—Hoje, ainda?

—Hoje e sempre! replicou Sarah com furor. É meu! Quero-o!

E deu um passo como para alcançar a porta por onde entrara Branca. Esta collocou-se deante como um obstaculo vivo, e, extendendo os braços, resoluta:

—Não ha de vêl-o!

—Ah! receias então muito que eu t'o roube? disse Sarah com uma alegria terrivel. Não estás bem certa do teu poder?

Os olhos de Branca despediram dois relampagos. Afastou-se bruscamente da porta e abriu-a. Com um tom de confiança admiravel, mostrou o caminho a Sarah, dizendo esta unica palavra:

—Entre!

Sarah entrou e Branca ficou atraz d'ella, sombria e gelada, deixando o marido só com a sua rival.

Séverac, de pé, encostado a uma janella, esperava. Estava no quarto do marquez de Cygne que se conservava como no dia em que elle morrera, com as vidraças que lhe davam uma luz mysteriosa de capella, com o grande leito esculpido, de columnas torneadas, os contadores antigos e os quadros de mestres nas paredes forradas de velhas tapeçarias de Flandres. Vendo-se n'este quarto, onde tudo possuia uma solemnidade funebre, a condessa sentiu-se impressionada. Comprehendeu, n'um instante, quanto era monstruosa a derradeira tentativa que vinha arriscar. Parou, interdicta, como se imaginasse commetter um sacrilegio n'um logar sagrado. Mas a força desesperada do seu amor era tal, que não recuou. E, sem bastante coragem para falar, sem bastante lucidez para se afastar, deixou-se cahir n'uma poltrona, chorando.

Pedro encaminhou-se para ella e com voz cuja doçura a fez estremecer, como uma caricia:

— Porque chora? disse elle. E porque está aqui?

— Choro porque te amo e porque me fazes soffrer, respondeu ella. E se aqui estou, é porque não posso viver sem ti...

— Daria tudo o que fosse possivel n'este mundo, para evitar que soffra, replicou elle, mas bem sabe que já não dependo só de mim...

— E d'antes, não me pertencias?

— Foi a senhora que dispoz de mim d'este modo... Não tive de annuir a tudo para salval-a?

— Pois bem! esse esforço foi inutil, exclamou ella com exaltação, estou perdida, e agora com mais certeza do que nunca... Revelei tudo a meu marido, n'uma carta. Elle sabe que parti para não voltar. E venho ver, se, agora, que só te tenho a ti para me amar e proteger, me dirijo em vão á tua honra.

— A' minha honra? repetiu Séverac. Respeital-a-hei mais abandonando uma mulher que usa o meu nome, ou recusando seguir a esposa do meu amigo, do meu bemfeitor, do meu segundo pae? Fui infame, a primeira vez, esquecendo tudo, enfeitiçado pelo seu olhar, desvairado pela sua belleza; não tornarei a sel-o. E, seja o que fôr que succeda, não a acompanharei.

— Toma sentido, disse Sarah exasperada pela resistencia de Pedro... Eu não disse tudo ao conde... Elle ignora o nome do homem a quem deve punir... Mas eu possuo as tuas cartas e se não partires commigo immediatamente, faço-lh'as chegar ás mãos.

Pegara n'ellas e brandia-as como uma arma. Elle podia tirar-lh'as com um simples movimento, e destruil-as. Não o tentou, sequer. Poz-se a rir lugubremente.

— Admiravel paixão, que ameaça! disse elle. Commovedora ternura, essa, que fere e mata! Diz que me ama? O que faria então se me odeiasse?

— Oh! mas não vês que eu endoideço, que morro! Pedro, por compaixão, por piedade! Vem! Se não vieres, elle mata-te!

— Bem sabe que a morte me não assusta. Procurei-a: ella não me quiz. Dever-lh'a-hei. E soffro tanto que lhe fico reconhecido.

— Pedro! bradou Sarah estendendo os braços supplicantes...

— Adeus, disse elle. Depois da ameaça que acaba de fazer-me, não temos nada a dizer um ao outro.

E, com passo firme, sem se voltar, sahiu do quarto.

Sarah quiz gritar; a lingua collou-se-lhe, gelada, ao céu da bôcca; viu a casa girar em torno d'ella com uma rapidez horrivel, e cahiu de joelhos, agarrando-se ao braço de uma poltrona. Um momento depois sentiu erguerem-a e sentarem-a suavemente. Ficou inerte, com a sensação de estar no fundo de um abysmo. Ouviu alguem falar ao seu lado. Essa voz era lacrimosa e supplicante. Ergueu os olhos e viu Branca.

— Se o amou, por que razão quer perdel-o? disse ella. Que alegria póde causar-lhe a morte d'elle e a minha?

— Na minha vida tudo é destruição e ruinas, respondeu Sarah. Quero que a desgraça dos outros eguale a minha. Que tudo abata e se despedace! Com que direito seriam ambos felizes, sendo eu dilacerada por semelhantes dores? Oh! saber que elle pertence a outra!... Que é feliz com ella, por causa d'ella... Que tortura de todos os momentos! Mas tu não amas, visto que não me comprehendes?

Branca levantou-se, parecendo que a estatura lhe crescia; os olhos scintillaram-lhe, a fronte tornou-se radiosa:

— O amor que eu sinto não é assim, disse ella. Quero que seja todo de sacrificio áquelle que amo. Se soffre por saber que elle me pertence, posso acalmar-lhe o ciume. Renuncie a perdel-o e eu consentirei n'uma separação eterna. Elle irá para longe e eu não o acompanharei. Quer destruir e despedaçar. Pois destrua-me o futuro e despe-

dace-me o coração. Não me queixarei se d'essa maneira posso commovel-a e salval-o a elle.

Sarah fitou Branca como se quizesse ler-lhe no fundo da alma.

— Consentias em não tornar a vel-o?

A' cabeceira do leito do marquez, n'uma moldura de ouro, estava suspenso um retrato de mulher, com um pallido sorriso. Branca extendeu a mão para elle e sem hesitar:

— Juro-lh'o, exclamou ella, pela memoria de minha mãe!

A voz da joven mostrava a sinceridade com que falava. Sarah abanou a cabeça; depois deixou ouvir estas palavras, gravemente:

— Tu és melhor do que eu. Ahi está porque elle te ama.

Branca, tremula, não se atreveu a dizer mais nada. A expressão do rosto de Sarah mudara bruscamente.

No quarto reinou um silencio profundo. Sarah pegou machinalmente no maço de cartas. A fita que o prendia, movida pelos seus dedos nervosos, desatou-se. Uma das cartas separou-se do masso e cahiu. Ella abriu-a e poz-se a ler. Denotava profunda melancolia. Pedro accusava-se amargamente pela falta commettida. Queria resgatal-a á custa da existencia. Supplicava a Sarah que não pensasse mais n'elle, indigno como era. No dia seguinte havia um combate sério; elle tinha o presentimento de que não voltava e dirigiá-lhe o ultimo adeus. Ah, ella sabia que, se não morrera, a culpa não fôra d'elle. Fizera tudo o que estava ao seu alcance para conseguil-o. Assim, martyr da consciencia, quizera punir-se a si mesmo. Sarah pensou que, se elle n'essa occasião se afastara, fôra unicamente por se sentir torturado pelo remorso, e não por ter deixado de amal-a. Não tinha sido desleal para ella. Sacrificara-a apenas á honra. Como devia ter soffrido para tomar aquella resolução! Lembrou-se das suas tristezas. Viu-o... O co-

ração ulcerado dilatou-se-lhe, subindo-lhe aos olhos uma onda de lagrimas, e chorou, mas, d'essa vez não era de raiva e de ciume.

—Minha senhora!... exclamou Branca não se atrevendo ainda a esperar.

Sarah pegou nas cartas e, dando as á sua rival:

—Ahi tens! queima-as! disse ella com voz terrivel.

Branca soltou um grito de alegria doida; accendeu uma vela, e a unica prova material do crime desappareceu n'um instante. Sarah viu cahir os fragmentos de papel consumidos e pareceu-lhe que o seu odio se desvanecera, envolvido no tenue rolo de fumo que se erguia das cinzas.

—Que seja feliz, visto que ainda pode sêl-o!... Dou-t'o...

E, retirando as mãos que Branca beijava com transporte:

—Pede a Deus que eu esqueça! disse ella.

Dirigiu um ultimo olhar á porta por onde Séverac se afastara, e, mais firme, quasi alliviada, sahiu.

Frossard esperava-a na escada. O excellente rapaz adivinhou n'um relance o que se passara. Viu Sarah transfigurada.

—Para onde vou, agora? disse ella, pensando na carta que devia estar nas mãos do conde... Não posso voltar para casa...

—Porque? perguntou Frossard tranquillamente.

Sarah exitou em responder; depois, murmurou, baixando a fronte:

—Meu marido sabe a verdade...

—Não, minha senhora, disse o moço tabellião. O bilhete que vossa excellencia tinha dado para lhe ser entregue, interceptei-o eu... Desculpe... rasguei-o sem o lêr... Portanto, volte para sua casa tranquillamente... Pode ter empregado este tempo em visitar Mrs. Stewart... Já que não póde ter felicidade, terá, ao menos, socego.

Sarah, sem dizer nada, extendeu a mão a Frossard que

lh'a apertou, commovido. E, subindo para o trem onde viera, regressou ao hotel de Canalheilles.

Dois dias depois, Pedro e Branca passeavam no caes da estação de Leão, esperando que partisse o rapido. O sol, tendo já desapparecido no horisonte, avermelhava o ceu com os ultimos raios. Um tenue nevoeiro vinha descendo com a noute. O sussurro da grande cidade abrandava a pouco e pouco e as luzes pallidas dos lampeões começavam a brilhar no meio da escuridão crescente. Branca e Séverac estavam silenciosos. Gosavam com avidez os ultimos instantes que deviam passar juntos. Séverac regressava ao seu posto e Branca ficava em Paris. Ella assim o desejara e elle submettera-se a esse desejo como a uma ordem. Agora, esses dois seres que se adoravam, separados por uma especie de vergonha que a lembrança da falta despertava n'elles, iam despedir-se um do outro, quem sabe se para sempre.

Vinte vezes Pedro estivera a ponto de gritar, na carruagem que os levara ali: Perdoe-me, esqueça; salvou-me unicamente para me deixar soffrer? Eu amo-a tanto!

Erguera os olhos para Branca: estava tão triste, que elle não se atrevera a falar, receando offendel-a. E passeando, desolado, ao longo d'aquelle comboyo que se preparava para leval-o, pensava que d'ali a alguns minutos estaria longe d'ella e que talvez não tornasse a vêr aquelle rosto querido.

Os seus pensamentos correspondiam aos de Branca, decerto, porque a joven olhou para elle. Séverac pegou-lhe ternamente na mão, passou-a por debaixo do braço d'elle, e apertou-a com força, como se não quizesse deixal-a nunca. Ella não se oppoz a isso. E ficaram assim, immoveis, defronte do *coupé* onde Séverac já collocara a bagagem. A voz do empregado, bradando: «Vamos, meus senhores, vae partir...» causou-lhes uma sensação terrivel... Chegara o momento que temiam: era preciso despedirem-se.

Pedro fez um esforço violento.

—Branca, disse elle, recommendo-lhe minha mãe. Fica só de todo e bem triste, porque é tão minha amiga! Substitua-me junto da pobre senhora. Conceda-lhe a ella a affeição de que eu me tornei indigno. E se eu desapparecer... deve-se prever tudo.... Não a abandone nunca. Promette?

Não poude continuar. Fitou Branca anciosamente. Ella, excessivamente commovida para poder falar, muito tremula, fez-lhe um signal affirmativo e extendeu-lhe a mão. Pedro agarrou-a com apaixonada furia e apertou-a de encontro aos labios... E, fugindo quasi, subiu para o vagon. Ella estava de pé, defronte da portinhola aberta. Com as palpebras meio fechadas, o coração oppresso, travava um combate supremo comsigo mesma. Pedro, com os olhos fixos n'ella, concentrara a vida toda no olhar. O empregado correndo, gritou: «Minha senhora, vae partir já!» Ella voltou-se: o caes estava deserto. Viu-se só, ficando para traz emquanto aquelle a quem amava se afastava. Pensou: «Não! É impossivel!» Arrastou-a uma força mais poderosa do que a sua vontade e, de um salto, achou-se no *coupé*, ao lado de Séverac.

Elle soltou um grito. O comboio partia. Ella poz-lhe a mão na bocca e chorando de vergonha e de alegria, ao mesmo tempo, recostou a cabeça ao hombro de seu marido, desviando-a um pouco para elle não vêr o rubor que a cobria.

XX

No dia seguinte á partida de Branca e de Pedro, a condessa de Canalheilles adoeceu gravemente. Apanhara um resfriamento, diziam os medicos. A boa Mrs. Stewart, que não partira, installou-se junto d'ella, tratou-a com uma dedicação admiravel e teve a alegria de vêl-a livre de perigo.

O conde, depois de passar pelas mais crueis angustias,

sentiu renascer a esperança. Mas a doente não recuperou as forças. Ficou languida e estiolada como uma bella flôr minada por um verme occulto. Extendida na *chaise-longue*, passava dias inteiros sem proferir uma palavra, fitando o vacuo. Quando seu marido inquieto com a lentidão da convalescença, lhe dizia: «Sofre?» ella sorria e respondia brandamente: «Não.»

Comtudo, levantou-se para assistir ao casamento de Frossard a quem Merlot, sentindo pelo bondoso rapaz uma sympathia que pareceu inexplicavel, concedera afinal Magdalena. Foi o ultimo raio d'esse astro que brilhara tres annos no mundo parisiense.

A condessa mostrou-se encantadora, como nos tempos da sua felicidade. Não quiz entristecer aquella festa, e pagou assim, secretamente, á custa de terriveis esforços, a divida de reconhecimento que contrahira para com o moço tabellião. Depois encerrou-se em casa, passando a vida extendida a dormir ou a meditar.

O conde, desolado, tornou a consultar os medicos. Estes não viram nada e classificaram o soffrimento da condessa como pertencendo á vasta categoria das doenças nervosas. Um d'elles, professor da Faculdade, sabendo que Sarah era de origem ingleza, deixou cahir gravemente do alto da gravata branca, a palavra «spleen.» Aconselhou mudança de clima. O conde propoz a sua esposa leval-a a Italia. Ella annuiu. O que lhe importava estar ahi ou n'outra parte? Passaram todo o inverno em Napoles, no meio da verdura, e das flores, sob um sol benefico, em frente de um horisonte maravilhoso. Sarah ficou pallida e triste. O seu mal não se curou. Nenhum remedio podia attingil-o: estava no coração. Na primavera, manifestou desejos de ir á Irlanda, ás propriedades que lhe deixara sua mãe adoptiva. Tornou a ver com alegria aquellas estradas poeirentas que percorrera, descalça, durante a infancia. O ar dos bosques e dos prados levou-lhe algum sangue ás faces. Pareceu reviver. O

conde, cheio de satisfação, installou-se no castello de Dunloé, velha construcção feudal que se debruçava sobre um lago de aguas azuladas. Organisou excursões. Visitaram o celebre *glen*, em cujos rochedos escarpados os Dinamarquezes invasores foram vencidos e mortos pelos Saxonios. Deixaram-se embalar suavemente pelas ondas do lago, de margens verdejantes. Sarah prestava-se a todos os desejos do conde. Para elle não tinha senão sorrisos e palavras meigas.

Quando, á noute, no terraço do castello, com o olhar errante pelos sitios admiraveis que a cercavam, se conservava pensativa, com o vulto gracioso desenhando-se, aereo, no fundo claro do horisonte, e o rosto melancolico, parecia Mignon aspirando ao céu.

Um dia, durante um passeio de barco, o general, fazendo um movimento deixou cahir na agua a bengala que levava na mão. Redemoinhou um instante e desappareceu. Como elle se admirava de não a ver tornar á superficie, um dos barqueiros tomou a palavra:

—Não a torna a ver, disse elle: aqui, o que desapparece debaixo d'agua, um instante que seja, nunca mais vem a cima. As nossas velhas lendas dizem que é uma fada que está no fundo do lago e que guarda tudo em seu poder.

O conde sorriu da explicação e agradeceu ao barqueiro com um signal de cabeça.

Sarah deixou pender a mão na agua azulada que lhe escorreu ao longo dos dedos, e contemplando a vastidão serena onde se reflectia o azul do céu e a verdura das margens, murmurou:

—Era um bello tumulo.

Anoitecia: desembarcaram e não se falou mais em lago nem em fada.

No dia seguinte, o general, depois de ter aberto a sua correspondencia, desceu para dar ordens. Demorou-se nos prados a ver galopar os poldros de puro sangue. Durante

a ausencia do conde, Sarah entrou no seu gabinete. Sentou-se ao pé da janella esperando que elle voltasse. Uma carta aberta em cima de uma mesa chamou-lhe a attenção. Pareceu-lhe conhecer a letra de Branca. Levantou-se e foi ver. Era da mulher de Pedro effectivamente. Attrahiram-a algumas palavras que não ponde deixar de ler:

— D'aqui a algumas semanas serei mãe, meu querido tio... Espero que ha de ser amigo d'esta creança que Deus nos envia...

Sarah largou a carta da sua rival, feliz, abençoada, triumphante. Ficou de pé, muda e feroz; depois, saccudiram-lhe o peito horriveis soluços, soltou gritos dilacerantes, e, fugindo como doida, embrenhou-se em uma alameda do parque solitario.

O conde entrou em casa e procurou Sarah por todos os aposentos. Não a encontrou. Desceu ao parque, chamou: nenhuma voz respondeu á sua. Admirado, interrogou os creados.

Ninguem tinha visto a condessa. Muito agitado, o conde procurou os indicios mais insignificantes. Afinal achou vestigios dos passos de Sarah junto á escada do parque; seguiu-os ao longo das alamedas e chegou assim, até ás margens do lago. Dominado por uma anciedade horrivel, continuou...

A' borda da agua profunda dois pésinhos estavam profundamente marcados na terra, como se a condessa tivesse feito uma paragem maior, para murmurar uma oração, de certo. E, para diante, mais nada.

O conde soltou um grito; dirigiu para a frente um olhar desesperado. O lago extendia-se brilhante, immovel e silencioso.

Sarah tinha ido contar á fada o seu doloroso segredo.

Georges OHNET.

FIM

CONSELHOS DE UM PAE

(Phantasia americana)

Nova-York, 3—1—88.

«Meu rapaz:

Já estás «em edade de ir descalço ao *meeting*», como disse o capitão Jonathan quando eu me apresentei no seu navio, para ser grumete, em 1855. Eu fugira de casa de meu pae, e tinha exactamente a edade que tens hoje.

Espero que saberás governar o teu barco sem o auxilio de ninguem. Parto no expresso das 10 h. 25, para a costa do Pacifico. Não tenho vagar para te escrever cartas extensas; mas de tempos a tempos, deitarei no correio um bilhete postal com os meus conselhos.

Regra n.º 1: «Dize a verdade.»

Regra n.º 2: «Mostra o que tiveres lá dentro.»

Verbum satis, como dizia o director da imprensa, quando eu dirigia um jornal hebdomadario, no campo, em 1868.

Teu pae,

J. A. Chesterfield.

*

Leadville (Colorado), 17—1—88.

«Meu rapaz:

Está frio, aqui, como dentro de um sepulchro.

Estimo saber que tomaste o gosto aos classicos. O latim tem coisas boas. Segue o bom caminho, e «larga a redea á egua» como diziam os *sportsmen*, em 1875, quando eu andava em viagem de leituras ácerca do Rhum e da Reforma. Não te assustes com o grego, porque, de mais a mais, ainda não começaste com elle.

Regra n.º 3: «Não prevejas, nunca, os embaraços futuros.»

É inutil atravessar um rio antes de lá chegar.

Teu pae,

John Adam Chesterfield.

P. S.—A mina está em: A. I.

*

Chicago, 3—2—88.

Meu rapaz,

Não gostei de saber que deste uma sova no pequeno Smith.

É um pateta, molle como um pedaço de sabão depois de estar 24 horas dentro d'agua.

Conheci o pae na legislatura do Estado de Connecticut, da qual foi membro ao mesmo tempo que eu. Um «pobre atirador», como nós diziamos, quando eu era empregado no telegrapho. Deixa o garoto em paz.

Regra n.º 4: «Evita as desordens sempre que puderes.»

Regra n.º 5: «Se não puderes evitar o combate, começa-o primeiro que todos, e bate-te como um zuavo.»

Uma pelle de raposa, pregada, ainda fresca, á entrada da capoeira, conserva as outras raposas a distancia.

Teu pae,

John Adam Chesterfield.

*

Omaha, 18—2—88.

«Meu rapaz,

As corridas de cavallos foram inventadas pela differença de opiniões; ouvi dizer isto, muitas vezes, em Kentucky, quando era inspector do caminho de ferro, nos fins de 1858.

Agora, visto que ajustaste contas com o Smith, procede com moderação.

A mina está cada vez mais rica. As acções chegam a render um dollar por hora.

Chesterfield.»

*

A bordo do «Palace Car» caminho de ferro do Illinois Central, 29—2—88.

«Meu rapaz,

A mina está esplendida. Temos dois milhões em vista. O teu director [1] possue uma quinta parte indivisa.

Como é natural enviar-te-hei os 10 dollars.

Regra n.º 6: «Paga sempre no acto da entrega.»

Eu fui caixeiro de um agente de leilões, em 1857, e vi

[1] Teu pae. Americanismo.

que os que não pagam, acabam sempre debaixo do martello do corretor.

Dize ao director que saque sobre mim a importancia da tua mezada.

Teu pae,

J. A. C.»

*

S. Francisco, 21—3—88.

Recebi a tua carta. Já fui professor n'uma escola, em 66, e notei que todos os alumnos sabiam mais do que eu.

Regra n.º 7: «Não faças de ti mesmo uma idéa extremamente favoravel.»

Se o gallo não cantasse ao romper do sol, este não deixaria por isso de brilhar.

Teu pae,

J. A. Chesterfield.»

*

Leadville, 29—3—88.

«Querido filho,

Estuda a grammatica franceza com afinco; é difficil. Quando eu a estudei nos fossos de Richmond, em 64, os verbos irregulares fizeram-me confusão durante muito tempo; mas eu repisava-os, todos os dias, quando entrava de guarda. O que teria sido de mim se não soubesse francez, quando fiz a minha viagem á Europa, em 76, para introduzir lá os vinhos da California?

Regra n.º 8: «Aprende todas as linguas estrangeiras que puderes.»

Regra n.º 9: «Aprende a poupar a tua.»

Teu affeiçoado

John Adam Chesterfield.»

*

Chicago, 30—4—88.

«Filho

Não posso escrever muito, por falta de tempo. Estou envolvido em grande especulação com um antigo socio da minha photographia, em Boston, em 1876.

Dizem que Boston é uma boa terra para começar a negociar. Nós começámos lá, ambos. Veremos se o proverbio é verdadeiro.

Como vae a mathematica?

Teu pae affeiçoado

J. A. C.»

*

S. Luiz, 10—5—88.

«Rapaz,

Sinto que o teu professor de arithmetica se vá embora; espero que o successor seja competente. Em 59, quando eu fazia determinações topographicas, comprehendi como é importante termos os 10 algarismos ao serviço dos nossos dedos.

A especulação melhora de dia para dia. Temos por *partner* o homem que dirigia em Nova-York, o jornal de que eu era *reporter*, em 67.

Chesterfield.»

*

Leadville, 20—5—88.

«Meu rapaz,

A mina dá muito dinheiro; colloco tudo em «especulação fixa», segundo a expressão do tio Daniel, em 72, quando eu era corretor de cambio, e o panico ainda não me obrigara a vender o meu cartorio.

Estou com fortuna, decididamente.

Regra n.º 10: «Quando estiveres com sorte, larga todo o panno.»

Adam Chesterfield.

*

Leadville, 13—6—88.

A mina vae mal e o negocio ainda peor. Não desisto. Tenho sangue de Yankee. Um Yankee é capaz de fazer um palito á hora da morte.

Comtudo estou muito inquieto.

Dize ao director que lhe mandarei a importancia do trimestre d'aqui a uma semana ou duas.

*

Nova-York, 20—6—88.

«Meu rapaz,

A especulação acabou e o que me restava do meu quinto indiviso na mina, serviu para pagar a differença. Teu pae está tão mal como em 65, quando vendia *Historias da Revolta*, ou, como nos fins de 73, quando se viu obrigado a ir á Florida para dirigir uma plantação de laranjeiras. Preciso tempo para reflectir.

Manda dizer sem demora se o director ainda não achou professor de mathematica. Se o logar estiver ainda vago, pedir-lh'o-hei.

Considerar-me-hei feliz, meu querido filho, se me vir de novo na tua companhia.

Teu pae,

John Adam Chesterfield.

*

Estação central de Nova-York, 21—6—88.

Recebi telegramma. Impossivel acceitar logar. Já mandei cheque para trimestre. Parto ás 3 h. 45 para a China,

onde vou introduzir invenções americanas. Mandarei pormenores a bordo do paquete. Estarei de volta dentro em 8 ou 10 mezes. A não ser que vá até á Australia. Parece-me que se vae fazer um grande negocio em pharmacia.

Deus te abençoe, meu rapaz.

Teu pae,

John Adam Chesterfield. »

Jehan SOUDAN.

A VIDA PRIVADA DE MIGUEL TEISSIER

(Continuação)

II

No dia seguinte, Mondet, erguendo-se cedo, começou a percorrer a casa, com curiosidade, examinando a disposição dos aposentos, os moveis, de uma elegancia arranjada com alguma precipitação, os quadros de um gosto mixto, como se quizesse pedir ás cousas a revelação de algum segredo: pois, quanto mais reflecte, mais se persuade, de que, na vespera, no acolhimento de Miguel havia uma duvida, uma hesitação, uma reserva, como se a sua chegada imprevista o incommodasse. As preoccupações de chefe de partido, absorvel-o-hiam a ponto de afastal-o do amigo que mais estimava? Ou haveria outra cousa, uma inquietação, um perigo, um d'estes mysterios que se occultam, ás vezes, no intimo das existencias mais solidamente estabelecidas, questão de dinheiro, historia de mulher?... Emquanto examinava este problema, sem o resolver, Mondet sentou-se á mesa da casa de jantar, uma mesa comprida que parecia estar sempre esperando os talheres de grande numero de convivas.

Um creado de avental aproximou-se logo e perguntou-

lhe se tomava chá, café ou chocolate. Elle respondeu em tom enfastiado:

—Espero que venha o senhor... Tomo o que elle tomar...

—Mas é que o senhor toma caldo, explica o creado.

—Pois eu tambem tomo caldo...

Mondet mudou de tom, como se se alegrasse repentinamente. Alliviava-o saber que Miguel, no meio do seu luxo recente, conservara aquelle habito da infancia dos dois amigos, da sua mocidade, da sua provincia. Enternece-se e tira conclusões d'este facto insignificante; começa a esperar que se enganou, que o seu amigo é ainda o mesmo, que não tem segredos, que estava apenas fatigado ou enervado, como tinha o direito de estar, vindo de uma sessão onde falara.

Dão nove horas. Teissier apparece, afinal, de jaquetão preto, já vestido para sahir.

—Ah! até que emfim, disse Mondet apertando-lhe a mão... Não és matinal, não sei se sabes?...

—Julgas isso?... É porque não imaginas que já estive duas horas a sommar algarismos, esta manhã... Sim, para a commissão do orçamento... Tambem, tenho uma fome!...

E, emquanto engole o caldo, muito depressa, accrescenta:

—Além d'isso, não estamos em Annecy, meu velho!... Sahe-se, recolhe-se tarde, trabalha-se durante a noute... Não ha remedio senão dormir um bocado quando pode ser, quando se tem o espirito socegado, ainda que seja pela manhã!...

Mondet replica, philosophicamente:

—Cada um tem os seus habitos!...

Depois accrescenta:

—O que eu gosto de vêr é que tens appetite... Mas comes muito depressa... Isso faz mal ao estomago!...

—O estomago é o que passa melhor, replica Teissier, limpando o bigode com o guardanapo... Mas, não te apres-

ses tu, eu posso esperar... Sahimos juntos, não é verdade?... Onde queres que te acompanhe?...

— Á rua Saint-Honoré, 217, a casa do meu tabellião... É o unico negocio que tenho a tratar n'este grande inferno de Paris... Depois, estou livre... Podes passar alguns bocados comigo?...

— Com certeza!... Se me tivesses prevenido, tinha arranjado as cousas de maneira que todo o meu tempo fosse para ti... Mas chegaste como se cahisses da lua... Vamos a saber! primeiro que tudo, vens almoçar, não é verdade?

— Sim, venho.

— Bem!... Ha de estar gente de fora... Oh! quatro ou cinco pessoas sem cerimonia, para tratarem de negocios, como é costume... Mas á noute estou livre... E, espera! uma idéa: vamos jantar ao restaurante, como rapazes solteiros, e passar a noute juntos, uma reunião de amigos velhos... Queres?

— Isso não se pergunta... Mas roubar-te assim uma noute inteira, agora que andas tão atarefado, tenho escrupulo, palavra... Sabes que não quero incommodar-te.

— Incommodar-me?... Estás brincando?... Então eu não posso dispor de uma noute, uma vez por acaso?... Não tenho muitos amigos como tu, meu velho, e as tuas visitas a Paris são bem raras!...

No trem que os leva, Teissier põe-se a lêr os jornaes por alto, dizendo que não tem tempo de os lêr mais tarde, e Mondet fica perplexo. Antigamente, Miguel não se mostraria admirado se o visse «cahir da lua,» como elle dissera, e recebel-o-hia simplesmente, com alegria, pondo todos os negocios de parte. Havia ali o que quer que fosse. O que seria?

Esta idéa, inquietadora para a sua amisade, preoccupa o excellente Mondet tanto, pelo menos, como a pequena herança de que vem tratar. Não o deixa em casa do tabellião, que o faz esperar muito tempo para o despachar

em alguns minutos. Não o deixa depois, quando passeia pelas ruas, parando defronte das lojas, procurando uma lembrança para levar a sua mulher.

Persegue-o ainda no café da Avenida da Opera, onde entrou para tomar o seu *vermouth*, como faz ao domingo, na terra. A sala está quasi vasia. Por sociabilidade natural, Mondet sentou-se junto a uma mesa occupada por dois freguezes que conversam com todo o vagar, como pessoas que esperam alguem. De repente, applica o ouvido: Proferiram o nome de Teissier. Foi um dos desconhecidos, falando, talvez, da sessão da vespera. E o outro diz em tom convencido:

— Ahi está um que não tem no passado nada que o envergonhe... Sim, é um homem de bem, um verdadeiro homem de bem, que vive honradamente em pleno dia, sem occupar os jornaes com as suas apostas nem com as suas amantes...

O primeiro, mais sceptico, insinua:

— Isso lá, quem sabe...

— Quem sabe? replica o outro calorosamente. Então um homem na posição em que elle está, podia occultar alguma cousa? E se houvesse alguma cousa, não lh'a teriam já censurado, com o costume que teem os nossos homens politicos de esquadrinharem tudo?... Não, não, não ha nada, porque nem ao menos o calumniaram ainda...

— Comtudo, eu já ouvi dizer umas cousas...

— O que?

— Não me lembro muito bem... Era uma questão de mulheres, questão em que elle representava um mau papel... Porque ha de elle valer mais do que os outros, afinal?...

— Porque? não sei. Mas vale mais, o caso é esse... Sente-se isso nas suas palavras... Inspira confiança. . Por mim, se me provassem que elle não é melhor do que os outros, como o senhor diz, não acreditava em mais nada nem em mais ninguem, em politica.

Em seguida, passaram a outro assumpto e Mondet, que já não os escuta, fica admirado: então em Paris pensam como em Annecy? Porque aquellas reflexões de burguezes honrados, ouviu-as elle mais de cem vezes na provincia, a respeito do seu amigo. A que é devida aquella sêde de probidade que persegue os eleitores? talvez a muitos hypocritas terem abusado da sua candura? ou então é a boa fé de Miguel que resplandece, que se impõe? e a sua robusta personalidade conseguiu pôr em moda a virtude?

«Que diacho de povo! que diacho de povo!» repete Mondet comsigo mesmo, acabando de tomar o *vermouth*. Depois, emquanto lhe dão o troco do dinheiro, continua sempre com os seus botões: «Ora! todos elles são a mesma cousa!... Os homens, no fundo, são melhores do que se diz. Apreciam o bem, sem saberem ao certo o que é... Muitas vezes não pensam n'isso; mas despertam quando lhes falam n'elle... E gostam de seguir os que vão por caminho direito...»

Continua a philosophar assim pelas ruas:

«Se Teissier não fosse tão sincero, podia-se dizer que é um grande espertalhão... Porque, emfim, achou o que queriamos... Fez vibrar em nós uma corda desprezada havia muito tempo, a da simples honradez... Ninguem se atrevia a tocar-lhe, porque lhe chamavam a corda da virtude, e este nome parece-nos sempre um pouco ridiculo... Atreveu-se elle... e foi bem succedido... Comtanto que não a largue!...»

Depois, o movimento da rua, no fim da manhã, distrahe-o, e, reparando que já é tarde, caminha mais depressa. Quando chega a casa do seu amigo, na sala, em torno de Suzanna, estão já de Thornes, Peyraud, que vem, como na vespera, entre dois artigos, e mais cinco ou seis pessoas, uma das quaes é um abbade. Teissier faz-se esperar, segundo o costume, e todos falam n'elle, emquanto o esperam. Afinal, entra, distribue apertos de mão, pedindo

desculpa; vão para a mesa e começa-se de novo a falar em politica.

Mondet ouve attentamente aquelles homens, alguns dos quaes são celebres e cuja conversação discute o futuro do paiz. Falam a respeito de operarios, de soldados, da mocidade, da Egreja. Como se hão de satisfazer os operarios? quaes são as verdadeiras aspirações da mocidade? o que se deve fazer para moralisar o exercito? Devemos absorver-nos na Egreja, ou podemos passar sem ella? Teem idéas generosas e não estão de accordo uns com os outros; dir-se-hia que não sabem muito bem o que querem, excepto de Thornes, cuja voz breve emitte opiniões que se assemelham a ordens. Peyraud, sobre tudo, é inquietador: tem objecções sempre promptas, uns *mas* que cortam o enthusiasmo; descobre difficuldades inesperadas nas questões apparentemente mais simples; examina-as com as subtilezas de uma dialectica destruidora até ao momento em que Teissier, que não fala quasi nunca, lhe diz:

— Decididamente o senhor é um negativo...

Então cala-se, esboçando um gesto de protesto, assustado por vêr que o classificam, a elle, que nunca poude comprehender bem o seu proprio espirito malleavel e escorregadio; e, depois do curto silencio que segue esta phrase, tornam ainda á questão da vespera:

— Os incidentes de hontem deram-me razão, parece-me, diz de Thornes. A attitude da Camara era bem clara. Ainda não somos bastante fortes para repararmos tudo o que está arruinado no nosso edificio social. É preciso limitar-mo-nos ás leis politicas, que não tocam nos interesses privados e que, na realidade, só apaixonam um pequeno numero de pessoas.

Teissier a esta observação, responde:

— Encaremos essas questões de frente e tratemol-as a fundo! Qual é a razão porque havemos de ter receio de agitar a opinião, de apaixonar o publico? Temos tudo a ganhar com isso. As nossas idéas são novas ou, pelo menos

renovadas: não triumpharão sem alguns abalos. A consciencia nacional precisa ser agitada para as comprehender e acceitar.

— O meu amigo conta muito com a consciencia nacional, replica de Thornes. Eu conto comigo e comsigo, meu caro. É verdade que até aqui temos sido levados por um movimento da opinião. Mas andavamos mal se lhe exaggerassemos a importancia. Esse movimento depende de nós, definitivamente; agora é a nós que compete apoderarmo-nos d'elle e conduzil-o.

— De certo, diz o abbade, que ainda não tinha dito nada.

— O que é verdade, pensou Mondet, é que elles não estão de accordo em cousa nenhuma.» E, como a conversação se torna geral, observa que Miguel, que não falou com o ardor do costume, deixou de interessar-se pelo que dizem e parece estar inquieto, absorto, ausente, dando mostras de impaciencia e fazendo signal a Suzanna para aviar o serviço. Fica assim, distrahido, até ao fim do almoço com os olhos no vacuo, o pensamento em outra parte. Na sala, depois do café, reprime a custo um gesto de mau humor quando, no momento em que os outros convivas se despedem, de Thornes o chama de parte e o leva para o gabinete.

— Esperam-me para um negocio urgente, diz elle puxando pelo relogio.

— O que tenho a dizer-lhe não admitte esperas, responde de Thornes, segurando-o pelo braço.

Mondet surprehendeu o olhar de angustia que Suzanna dirigiu a seu marido.

Ficando só com ella, nota o que lhe escapara ha bocado, emquanto Suzanna cumpria os seus deveres de dona da casa, com o heroismo tranquillo do qual as mulheres possuem o segredo; vê que ella soffre de um mal latente e cruel, que domina—mas que não pode vencer, pois eis que pelas faces lhe deslisa uma lagrima que ella en-

xuga furtivamente, antes que o rosto se alterasse. A amisade que os une autorisal-o-hia, quasi, a interrogal-a acerca d'aquella dôr que ella occulta tão mal. Vae perguntar-lhe: «O que tem?...» e cala-se, detido por um d'estes presentimentos obscuros, um d'estes escrupulos de amisade delicada que raras vezes enganam. Suzanna, porém, leu-lhe a interrogação nos olhos, e responde, queixando-se:

— Ah! esta maldita politica, que inimiga!... Devora-nos a existencia... Os nossos dias passam no meio de um ruido continuo de palavras e de discussões... Miguel já não me pertence nem pertence a si mesmo... Hontem disse-lhe que elle não mudara. Não é verdade: tem mudado, e tanto, que me parece outra pessoa... Tornou-se tão irritavel, tão nervoso, quanto era sereno e senhor de si... Já notou, provavelmente, que elle está sempre distrahido... Como é possivel resistir a tantas preoccupações? Isto mata-o, com certeza...

Mondet ouve-a e observa-a, e a sua sagacidade não se deixa illudir: ella queixa-se, desabafa a sua dôr, mas não diz a causa d'ella. Comtudo, responde, com a duvida dos que receiam ir dizer alguma cousa que produza mau effeito:

— Mas elle executa uma obra tão grandiosa!... Desempenha um papel tão bom!...

Ella repete, disfarçando a ironia que lhe treme na voz:

— Sim, é verdade, representa um papel, um bom papel!...

— Se soubesse como falam d'elle, continua Mondet... Olhe! ainda agora, no café, dois desconhecidos falavam a seu respeito... Havia de gostar de ouvir como elles o admiravam... Porque, emfim, o que elle faz, o que elle é, deve dar-lhe felicidade...

Ella interrompe, murmurando, com os olhos meio fechados:

— Felicidade!...

— Vi-a tão orgulhosa com os primeiros triumphos d'elle!

— Outr'ora, sim, quando tinha illusões...

— Illusões?... a que respeito?...

— De tudo, da vida, emfim!...

— E já as não tem?...

— Já não...

Calam-se, e, depois de um d'estes silencios em que palpitam as confidencias mudas, Mondet pega affectuosamente na mão de Suzanna:

— Não me diz a verdade... A politica não é a causa da sua tristeza... Ha outra cousa, seja o que fôr... Porque é que já não tem confiança em mim?... Sou seu amigo e amigo d'elle bastante para que não tenham segredos commigo, nem um nem outro... Quem sabe se não se trata apenas de um equivoco que eu podia esclarecer?... Gostava de auxilial-a, e talvez pudesse...

Mas Suzanna abana a cabeça, e, depois de um momento de silencio, deixa ouvir estas palavras, que respondem, sobretudo, aos seus pensamentos, mas das quaes Mondet comprehende perfeitamente o sentido:

—... Afinal, porque hei de queixar-me?... Restam-me as creanças...

N'esse mesmo instante, Miguel, tendo despachado de de Thornes, entra apressadamente, de chapéu na mão.

— Saes? diz-lhe ella. Mas hoje não ha sessão...

— E' verdade, mas incumbiram-me de um negocio... Adeus, filha...

Beija-a na testa, sem ouvir o mais leve indicio da tempestade que lhe ruge no interior. E, voltando-se para Mondet:

— Tu, já está combinado, venho buscar-te ás sete horas e vamos jantar ao restaurante... Uma pandega completa, meu provinciano!...

Quando elle sae, Suzanna e Mondet olham um para o outro:

— Bem vê! diz ella simplesmente.

— Vejo, responde Mondet, querendo tranquillisal-a... vejo que elle anda preoccupado, que tem cuidados, negocios...

— Negocios!...

D'esta vez, Suzanna não reprimiu a ironia, e Mondet que tem diligenciado afastar a idéa importuna, exclama:

— Ora vamos, estará com ciumes?...

Ella desata a rir, com um riso nervoso:

— Ciumes?... Não... Ah! não procure mais... Não ha nada, não descobria cousa nenhuma; são insignificancias, bagatellas... chimeras de mulher, afinal!...

Depois, como Annie e Lourença entram com a governante, promptas para irem passeiar, ella beija-as apaixonadamente, com desespero mesmo, apertando-as nos braços como se quizesse defendel-as de um perigo desconhecido, falando-lhes em phrases rapidas. E as duas pequenitas com a terna intuição que as creanças possuem, das dores que hão de conhecer mais tarde, dir-se-hia que a escutam soffrer e que querem consolal-a: Lourença, trepando-lhe aos joelhos, beija-a levemente, com movimentos de passaro, emquanto Annie a envolve no olhar profundo dos seus grandes olhos compassivos, que parecem afagal-a.

— Vão, filhas, vão divertir-se!...

— Adeus, mamã, adeus...

E vão a sahir, quando, no momento de atravessar o limiar da porta, Annie volta para traz, de repente, afim de ir lançar-se ainda uma vez nos braços da mãe.

— Parece que comprehendem, não é verdade? diz Suzanna a Mondet.

— E', respondeu Mondet abanando a cabeça, com o seu gesto habitual: são intelligentes de mais.

E, como ficam silenciosos, elle pensa nos seus seis filhos, muito mais creanças do que aquellas duas parisienses, bochechudas, bem equilibradas, não tendo senão ternuras simples, graças sãs de pequeninos animaes: tão certo é estes seres, que crescem na nossa atmosphera, absorverem e assimilarem os effluvios que de nós emanam, os atomos que a nossa alma espalha em torno de si.

A tarde passa lentamente, em conversas muitas vezes interrompidas, em meias confidencias que, sem nada confessarem, deixam suppôr tudo. As creanças voltam, com alegres recordações de Guignol e de cavallinhos de pau, as quaes absorvem tudo. Emquanto ellas descrevem os seus prazeres, Mondet exclama:

— Ora até que emfim!...

E sentando-as nos joelhos, fal-as pular, diverte-as, evocando toda a creancice, toda a alegria que ellas podem conter.

As pequenitas, ao principio um pouco admiradas com aquella bonhomia que as saccode sem ceremonia, começam logo a rir como doidas, agitam-se, amarrotam o fato. Mas a governanta vem buscal-as.

São cinco horas—a hora da *senhora*—não tarda que cheguem as visitas. E Mondet, um pouco afastado, assiste ao desfilar quotidiano de vinte typos diversos que entram na sala: senhoras, não se conhecendo umas ás outras e, de chavena de chá na mão, observando-se com desconfiança reprimida; dois deputados muito amaveis, que esperavam encontrar Miguel; um academico que fala na proxima eleição, para a qual se pensa em Monsenhor Russel; depois, emquanto falam d'elle, o proprio Monsenhor Russel, com a sua physionomia delicada de Fénelon, a sua fala insinuante, com o *r* proferido suavemente, a sua affabilidade de ecclesiastico e de homem do mundo, as suas flexibilidades e as suas reservas de homem d'Estado. Um momento depois de entrar, conversa com o academico, e os outros escutam, mexendo o assucar na chavena:

— ... Começa se já a vêr, diz elle, como Monsenhor Lavigerie tinha razão... A republica é inatacavel: está estabelecida, completa, rasoavel e acceite por todos... Por isso nos tranquillisa, traz-nos de novo a França, o paiz dos reis christianissimos. . A democracia julgou, durante muito tempo, que podia dispensar-nos: conheceu o seu erro; agora, não vem longe o momento em que o seu ponto de apoio será a egreja...

— Não é bom fiarmo-nos muito n'isso, responde o academico... A democracia tem os seus baixios, que nós conhecemos mal: ignoramos ainda o que elles nos reservam... Surprezas, decerto, surprezas desagradaveis, regressos violentos da besta humana que se revela nas grandes crises...

— Nós é que devemos prevêr esses regressos, e evital-os.

Continuam assim durante alguns minutos, discutindo o futuro, até que a entrada de outra visita os interrompe. E' um jornalista muito loquaz, que vem com uma grande novidade: o casamento de uma actriz illustre com um fidalgo; e a conversação muda por si mesma, semelhante a uma roda que gira, impellida por mola invisivel, e a galeria escuta com o mesmo interesse. Mudando sempre, passa do theatro para a egreja, das besbilhotices mundanas para a alta philosophia, até que por fim, a sala se vae esvasiando a pouco e pouco:

— E' isto, a minha vida, diz Suzanna a Mondet, depois de ter cumprimentado a ultima visita... E' assim todos os dias... Palavras, palavras...

— A's vezes é interessante o que elles dizem, replica Mondet em tom conciliador.

— Não acho. Antes de falarem, já sei tudo o que vão dizer...

— Vossa excellencia tambem é intelligente de mais, como as suas filhas... ou excessivamente sensivel...

— N'este momento o que estou é fatigada como se tivesse falado em logar d'elles...

Mondet fita-a com os seus olhos bondosos e amigaveis, que comprehendem:

— E' porque não os ouviu, diz elle. Pensava em outra cousa. Não estava aqui!...

— Não, não, affirmo-lhe que se engana... Em que podia eu pensar, meu Deus!...

A sua voz tem entonações tão falsas, ha tanta dôr sob a

sua tranquillidade simulada, que Mondet sente-se profundamente commovido. Mas não se atreve a interrogal-a mais. «Comtudo, preciso saber isto» diz elle com os seus botões; «hei de confessar Miguel; esse diz-me tudo...»

Miguel chega tarde, como é costume, e sempre apressado, demorado por aquella especie de febre que não o deixava senão quando estava em movimento:

— Vamos! é aviar, diz elle á entrada... Estou a morrer de fome; e tu tambem, provavelmente?...

Suzanna deixa-os partir, sem um esforço para detel-os.

— Onde queres tu jantar, Mondet?...

— Onde quizeres, comtanto que se esteja socegado...

Dirigiram-se para a rua do Helder, e entraram na comprida sala de um restaurant da moda. Muitas pessoas cumprimentaram logo Teissier.

— Ah! disse elle para o amigo, é impossivel estar socegado; aqui não podiamos conversar... Vamos para um gabinete, queres?...

Seguem o creado que os conduz, sentam-se á mesa, mandam vir o jantar; e logo que o moço os deixa sós, Mondet, encostando os cotovellos á mesa, defronte das ostras, olha para o amigo bem de frente:

— Vamos a saber, o que tens tu? diz-lhe elle á queima roupa.

Miguel encolhe os hombros:

— Eu?... não tenho nada...

— Não digas isso: não se engana um amigo como eu. Demais, para que é preciso occultares-me alguma cousa?... Bem sabes que podes dizer-me tudo... E eu conheço-te bem, sei que deves ter necessidade de falar... Vamos! fala!... Sempre é um allivio...

Ha um momento de silencio. Mondet engole algumas ostras. Teissier reflecte, com os olhos fixos no tecto:

— Pois bem! é verdade, diz elle afinal, tens razão, ha

alguma cousa... Queres saber o que é?... E' que eu sou horrivelmente desgraçado... que estou exhausto de forças... que vivo duas ou tres existencias, e, possuindo tudo, não posso ter a unica cousa que desejo; e, comtudo é preciso que a tenha ou que morra... Comprehendes?...

— Comprehendo!...

Ha outro momento de silencio. O creado muda os pratos e serve a sopa. Logo que elle sae, Mondet continua:

—Sim, comprehendo... estás simplesmente apaixonado... Mas não é mortal... O peor é que tua mulher está ao facto de tudo...

—Minha mulher! exclamou Miguel. Qual! não sabe nada.

— Imaginas tu...

— Não imagino, tenho a certeza d'isso...

— Pois eu não.

— Então ella disse-te?

— Não disse nada... Mas pareceu-me nervosa e inquieta... Se não tem a certeza, deve ter desconfianças... E eu estou mais disposto a crêr que ella sabe tudo...

— Tudo?... Mas, se não ha nada!...

— O que, nada? ... Então é platonismo?...

— Platonismo, como dizes... Não ha nada porque nada póde haver .. Estamos separados por... por um obstaculo mais forte do que nós...

— A honra?...

Teissier não responde, limita-se a encolher os hombros.

— Um marido que é teu amigo?...

— Não ha marido...

Mondet que até ali não deixou de engulir uma colher de sopa entre cada pergunta deteve-se bruscamente:

— Não ha marido?... É uma rapariga solteira, n'esse caso?.. Ah! meu pobre amigo, que vespeiro em que te foste metter!...

Depois, como que illuminado por uma idéa repentina:

— Ah! meu Deus!... Branca!... Branca Estève!... Desgraçado! não pensaste que era filha do nosso amigo, quasi tua filha!...

— Pensei em tudo, meu bom Mondet... E ella tambem, affianço-te...

— Então ella sabe?

— Sabe... E ama-me...

Mondet levanta-se da mesa muito agitado, e dá algumas voltas á roda do gabinete, emquanto o creado continua o serviço:

— Mas, afinal, diz elle, tornando a sentar-se, qual é o seu fim? O que tencionam fazer?... Não são nenhumas creanças, tu, pelo menos... Devem comprehender que é impossivel!...

— Comprehendemos...

E Miguel continua, como se falasse n'um sonho:

— Sim, comprehendemos... sabemos quanto é profundo o abysmo que nos separa... sabemos que não ha nada que possa reunir-nos... Havia apenas uma sahida para isto, meu amigo, sahida cuja tentação me assaltou muitas vezes: divorciar-me para casar com Branca....

— Mas tua mulher? exclama Mondet com um gesto violento. Matava-la.. E as tuas filhas?.. Esqueces-te d'ellas?

— É o mesmo, continua Miguel com a sua voz tranquilla, pensei n'isso... Depois, percebi tambem que era impossivel... E liguei-me de pés e mãos, como tu dizias hontem, sem saberes que adivinhavas... Tu falavas com acerto: foi simplesmente para me obrigar a perder esta idéa, que pedi a suppressão da lei do divorcio... um erro politico, diz de Thornes... Importa-me bem com isso!... Julgas, porventura, que eu penso no que digo, no que faço, no meu partido?...

— Sabes que perdeste o juizo?... Não vês que isso que estás dizendo é... é quasi ridiculo?... Um homem da tua edade, na tua posição...

—Da minha edade?... Mas eu sou uma creança, meu caro!... O meu coração tem dezoito annos!... Não tenho vivido bastante para que elle envelheça, e amo como um adolescente... Emquanto á minha posição, todos os dias a amaldiçôo, porque, afinal de contas, se eu fosse um simples particular...

—Então?... o que fazias?...

—Ah! já não sei o que digo!... Olha! penso muitas vezes que qualquer dia descobrir-se-hão as nossas relações innocentes, as nossas pobres cartas, as nossas entrevistas nas egrejas... Então ha de haver um jornal que fale n'isso... Fazem-se caricaturas e artigos... Eu passarei por um monstro de hypocrisia... O que me restará a fazer será dar a demissão de deputado e desapparecer na vida privada, deixando ladrar atraz de mim, em nome da moral que ultrajei, a virtuosa matilha dos Diel e companheiros... Sim, penso muitas vezes n'esta eventualidade e afianço-te que não a temo...

—Isso agora!... E pensaste no que desabava juntamente comtigo?... Tu não és uma individualidade isolada: representas um grupo social... Olha, se não achasses exaggero, dizia-te que és a alma d'um paiz...

—E dizias uma tolice, meu velho!... Se eu desapparecesse, encontrar-se-hia outro, mais digno, para desempenhar o meu papel... De Thornes, por exemplo, que se esconde um pouco por detraz de mim, não sei porque... Esse não teria fraquezas; ou, se as tivesse, seriam sem consequencias: é habil, é senhor de si, é ambicioso... Eu não sou nada d'isso, sou um ingenuo...

—Dize antes, um sincero... E é por seres o unico que és mais forte que elles todos e que nenhum podia substituir-te...

—Estás cheio de illusões a meu respeito, amigo!... Além d'isso, que eu fique sendo o que sou ou que caia, que me substituam ou que não me substituam, é o lado menos importante da questão... Envergonhar-me-hia se

essas cousas me preoccupassem... Quando penso n'isto, — e não penso em outra cousa, — ponho de parte o meu papel; a minha posição, o meu partido... não penso senão no pequeno grupo de seres a quem os meus sentimentos e os meus actos interessam directamente: em minha mulher a quem não deixei de amar, apesar de tudo, nas minhas filhas, n'ella... Ai! ahi estão os unicos obstaculos!... Não posso ser feliz sem que ellas soffram... É como te dizia ha pouco, não ha sahida para isto...

O creado vem trinchar a ave, havendo por isso uma pausa mais prolongada na conversação. Os dois amigos ficaram silenciosos, com os cotovellos encostados á mesa, entregues aos seus pensamentos. Quando tornam a ficar sós, Mondet profere lentamente estas palavras:

— Primeiro do que tudo, não temos o direito de tornar infelizes os que nos amam, e que nunca nos foram infieis.

— Bem sei, responde Miguel...

E continua de vagar, pausadamente, feliz por alliviar o coração de angustias que o enchem ha tanto tempo:

— Se soubesses os projectos insensatos que tenho feito!... Afinal, deves imaginar, pelo que acabo de dizer... O divorcio era ainda o mais rasoavel... Sim, pensei em raptos romanticos, em fugas para terras desconhecidas, em suicidios depois de um mez de felicidade..« Pensei tambem na morte só para mim... Oh! a morte, é o que menos receio: concilia tudo... Mas para que? Tudo isto é impraticavel: não ha sahida...

— Não ha sahida, repete Mondet que, ao principio, não acha outra cousa para dizer.

Mas, de repente, desdizendo-se, exclama:

— Ha, sim, ha uma!... Tenham um momento de enérgia!... E, já que não podem nada um pelo outro, deixem de se vêr!... Pensa bem, tu, que possues a honra, o raciocinio, a força...

— Eu, não posso!...

— Gostas do teu mal, visto isso?

—Gosto, é verdade... Renunciar a elle é superior ás minhas forças...

—Póde-se o que se quer...

—...Quando o coração não está em jogo...

—Então, estão perdidos...

—O que queres dizer com isso?...

—Ora! bem o sabes... És excessivamente perspicaz, no meio da tua loucura, para não o saberes...

—Queres dizer que acabaremos como tantos outros, e que ella se tornará simplesmente uma amante clandestina, não é verdade?... Pois, não, meu caro, enganas-te... Isso, nunca: porque seria de tudo o mais impossivel e o mais abominavel... Em primeiro logar, ella não consentia: possue uma alma excessivamente elevada para representar semelhante papel, com as hypocrisias, as baixezas, as vergonhas que elle exige... E depois, eu tambem não queria... Não, não, sem falar em tudo o que me detem, amo-a de mais para isso!...

Mondet abana a cabeça:

—Oh! diz elle, parece-te, parece-te... e bastava uma surpreza dos sentidos...

—Essas surprezas só existem nos romances naturalistas... Branca e eu dominâmo-nos, somos senhores de nós...

—...Até ao momento em que já o não forem...

—Não. Sei perfeitamente o que póde a nossa vontade...

Mondet torna a levantar-se e a percorrer o gabinete a passos largos, emquanto servem o café. Depois, deante da chavena fumegante:

—Ah! exclama elle em tom de profunda compaixão, são dois pobres seres, tu e ella... Debatem-se contra si mesmos e contra a natureza... Oh! corajosamente, seja, como corações honestos, que amam o bem... Mas, se não põem termo, immediatamente, á sua loucura, serão vencidos de uma ou de outra maneira... Não se brinca com o amor, que diabo!... E quando se tem a alma elevada, como tu

dizes, eleva-se a lucidez e a vontade ao nivel da alma... De outro modo, deixa-me falar-te com franqueza, Miguel, como um amigo velho que tem o direito de esquecer as tuas grandezas... De outro modo, cahirão, e a sua queda será maior do que a das pessoas de consciencia media, que se accomodam com soluções vulgares, com cobardias permittidas... Em todas as existencias a paixão é um incidente, um accidente, quando muito... Toma sentido se na vossa vae ser uma catastrophe...

Miguel não responde logo, e Mondet observa-o, com alguma esperança, julgando que as suas palavras talvez despertassem eccos adormecidos. Tranquillamente, com os gestos serenos que teem ás vezes aquelles cuja alma é das mais tempestuosas, Miguel accende um charuto e segue com os olhos as espiraes de fumo que vão colorir as brancuras da luz electrica. Dir-se-hia, quasi, que essa distracção o absorve bastante para não lhe permittir qne se entregue a outro pensamento. E é só depois de um longo silencio que deixa ouvir estas palavras:

— Ora! a galera fez-se ao mar... deixal-a navegar!

III

O segundo dia passado por Mondet em Paris consagrou-o Teissier inteiramente ao seu amigo, a quem já não largava. Só de tarde é que os dois se separaram um momento.

— Vou encontrar-me com ella na rua das Pyramides, explicou Miguel... Um cumprimento, um aperto de mão, duas palavras á borda do passeio; é sempre a mesma cousa... E logo em seguida vou ter comtigo.

Tendo arranjado um confidente, já não o deixava: commissões, trabalhos, negocios, tudo desapparecera:

— Um dia inteiro de ferias! dizia elle quasi alegremente.

E accrescentava com expansão:

—E eu que fiquei um pouco contrariado quando te vi chegar assim de repente!... O que queres? Parece-me que já não tenho amigos; tenho medo de todos os olhos, e os estranhos já não são para mim senão importunos... Mas tu, és mais do que um irmão!

A sua intimidade de outros tempos despertava assim, atravez de conversações interminaveis, que discutiam sempre o mesmo assumpto. Mondet percebia perfeitamente que era tudo puro egoismo de apaixonado, e que Miguel se agarrava a elle só para falar em Branca.

A verdadeira amisade, porém, tem pouco amor proprio; contente por lhe prestar aquelle serviço, escutava sem segundo sentido a onda de confidencias, contidas durante muito tempo, que trasbordavam sobre elle. Para dizer a verdade, causavam-lhe alguma admiração. Julgava conhecer Miguel sob todos os aspectos, estar ao facto dos recursos, das surpresas, do mais recondito d'aquella natureza mobil e forte, ao mesmo tempo, cujo vigor occultava como que um germen de feminidade caprichosa. Escutando-o, observando-o, respondendo-lhe, via-o de novo nas diversas phrases da sua existencia: creança um pouco selvagem, entrando com impetos inesperados nos brinquedos dos companheiros, dos quaes tinha por costume afastar-se; depois, estudante laborioso, ambicioso e pallido, emmagrecido pelas vigilias á luz do candeeiro, abrangendo tudo n'um trabalho arduo, desprezando as distracções dos outros; depois, ainda, encetando a sua carreira como jornalista, dominando á força de vontade a fadiga do trabalho diario, obtendo successo sem nada sacrificar de si mesmo, e mostrando de repente, na occasião precisa, um homem de acção occulto sob o jornalista, um chefe de partido, uma especie de conquistador. Ao mesmo tempo, evocando outras recordações, via apparecer, a pouco e pouco, o homem intimo que acompanhava o homem publico; um ente de affeições solidas e ternas, ainda que pouco expansivas, uma alma delicada que não se abria sem hesitação, ma-

goando-se facilmente e fechando-se depressa, toda de reservas, de gradações. Como podia ser ainda um apaixonado, um homem assim?...

—Nunca esperei isto de ti! repetia Mondet de vez em quando, com um espanto que deixava transparecer, sob a censura, um bocadinho de admiração... Uma aventura de tempos a tempos, era muito natural; faz parte de uma existencia como a tua; e, como não te compromettia a carreira nem a vida de familia, comprehendia-se... Mas uma paixão, uma verdadeira paixão, romanesca, doida, que não raciocina!... Porque, emfim, são tantos os absurdos que me tens dito de hontem á noite para cá!...

E dava conselhos prudentes, examinava em todos os sentidos o problema do que era necessario, obstinando-se em achar uma solução:

— Não procures, não ha nenhuma, dizia Teissier com a sua penetração resignada e tranquilla.

—Quem sabe? replicava Mondet. Tu não a encontras porque és interessado na questão... Eu, que não o sou, talvez descubra...

Depois continuava, mais timidamente:

—Em todo o caso, ha o que já te disse... Sim, um movimento de bom senso, de energia, uma resolução decidida, emquanto é tempo... um sacrificio, emfim, que lhes daria á falta da felicidade que nunca poderão ter, a satisfação causada pelas acções nobres...

Teissier encolheu os hombros:

—Phrases inuteis, disse elle.

Mondet, então, procurava outra cousa. Não achava. Ainda não encontrara cousa nenhuma quando chegou a bora de partir:

—Toma sentido! repetia elle no caes da estação onde Miguel tinha ido acompanhal-o; redobra de prudencia, supplico-te... Ora imagina, se tua mulher soubesse!...

—Como queres que ella saiba?...

—Como?... de qualquer maneira... Um acaso, uma

intuição... Ella que te ama tanto!... Ah! para que queres estragar a tua vida, desgraçado?... Emfim, eu hei de saber o que se passar; escreves-me, não é verdade?

— Com certeza... Se souberes o bem que me tens feito, como allivia dizer o que nos opprime o coração!...

Apertaram a mão um ao outro, e o expresso de Italia levou Mondet, muito perplexo, emquanto que Teissier voltava para casa a pé, vagarosamente. Ainda não tinham passado oito dias qnando Mondet recebeu a carta promettida:

«Escrevo-te, meu bom amigo, para ter a satisfação de falar livremente, de me expandir, de me lastimar. A não ser isto, nada tenho a dizer-te, absolutamente nada. Os dias succedem-se sem causar alteração alguma na nossa situação, que, além d'isso, não podia mudar senão para peor. O meu estado de espirito continua o mesmo, isto é, incerto e doloroso. Ás vezes parece-me, quasi, que sou feliz e que, apesar de tudo, este amor insensato contem bastantes alegrias: encontros deliciosos, meios calculados, as nossas entrevistas tão curtas, tão raras, as nossas cartas. Creancices! dirás tu. Sim, creancices! mas já te disse que o meu coração está adolescente, os seus desejos não são da minha edade. Depois, outras vezes, quando não a tenho visto, quando faltámos a algum encontro aprazado, quando fomos estorvados ou separados por importunos, tudo muda; sinto-me agitado por calafrios, apodera-se de mim a angustia, sou atacado por um mal terrivel e inconfessavel, que me faz soffrer tanto mais quanto mais tenho de occultal-o. É n'esses momentos que estou mais lucido, que vejo claramente o que me rodeia, como um viajante perdido na escuridão da noute, que se visse cercado de abysmos ao clarão subito de um relampago. Uma voz interior grita-me e repete-me que ainda estamos no começo do nosso calvario, que isto não póde durar assim, que as exigencias do nosso amor hão de ir augmentando com a sua intensidade, que ha de vir um momento em que não poderemos

contel-o. Então, ao mesmo tempo que tremo de desejo e que chamo loucamente esse minuto em que tudo será esquecido, vejo claramente as dôres, os desesperos, as ruinas que devem seguil-o. Ah! porque hei de eu ter assim consciencia de tudo, porque não conseguiria deixar de vêr e de calcular o futuro?... Se ao menos possuisse a faculdade de abandono, a despreoccupação, a inconsciencia de que gosa a maior parte dos homens!... Então, sem calcular, entregar-me-hia ao acaso, e, pelo menos, não soffreria antecipadamente com as desgraças do dia seguinte! Mas não é assim! Arrastado pela corrente, vejo para onde ella me leva. Estou a dois passos das cataractas, sobre um pedaço de ilhota que treme e se move. A onda vae arrebatal-a dentro em pouco. Sei-o e não posso fazer nada, nem queria poder, isto é uma verdadeira agonia!... Ainda por cima, tenho de andar de um lado para o outro, para viver, de representar para todos, de mentir, mentir constantemente, com palavras e com o olhar, com os labios e com os olhos, aos que se aproximam de mim. aos que estimo! Desprezo-me por causa da minha fraqueza, odeio-me pela minha duplicidade, considero-me cobarde, culpado, pussillanime; emfim, meu amigo, sou um desgraçado, cada dia um pouco mais do que na vespera, e digo-t'o para t'o dizer e para que tu me lamentes. Escreve-me, fala-me a teu respeito, distrahir-me-has com isso. Ou, não, o que acabo de dizer-te é tambem mentira: sabes perfeitamente que nada nem pessoa alguma póde distrahir-me do que me interessa. Por consequencia, fala-me de *nós*, peço-te. O que allivia mais um doente é falar-lhe no seu mal. Mas não indiques nenhum remedio, é trabalho perdido, não os ha. E se eu conhecesse algum bom, não o queria.»

Teissier não era tão perspicaz na sua loucura, como julgava. Se lia em si mesmo e no futuro, não via o que se passava em torno d'elle. No entretanto, Suzanna entristecia e definhava, dominada por um d'estes pesares que exten-

dem como que um véo negro por cima de tudo. Com os seus gestos lentos de ferida, os seus olhares tristes, as suas attitudes de lucto irresignado, dir-se-hia que projectava uma sombra melancolica á roda de si. Tornava-se indifferente a tudo: á casa, cujos cuidados abandonava; aos seus deveres mundanos, que se esquecia de cumprir; ás occupações de seu marido, ás creanças, até. Sim, as gargalhadas de Lourença já não a alegravam, e deixava Annie mergulhar-se á vontade nos seus silencios pensativos. De tempos a tempos, uma das pequeninas perguntava-lhe:

—Mamã, está doente?... Ella então unia-as ao peito, n'um impeto de ternura subita, que immediatamente lhe enchia os olhos de lagrimas. Annie disse-lhe uma vez, n'um dos seus accessos de inquietação, de creança sensivel que adivinha o que não pode comprehender:

—Mamã, não quero que morra!...

E Suzanna, beijando-lhe os cabellos, murmurava:

—E eu desejava tanto morrer!...

Os frequentadores da casa, os intimos, sem adivinharem o drama, viam o que Miguel não via; e, ás vezes, falavam a esse respeito uns com os outros, com surdas inquietações. A união, a alegria, a felicidade da familia Teissier fôra para elles, durante muito tempo, um motivo de espanto, quasi de admiração: gosavam, sem dar por isso, com o bom humor, a paz, a cordealidade que impregnavam a atmosphera do palacete da rua de S. Jorge. Tudo isso fugia, agora; um surdo mal-estar fluctuava até na pequena saleta intima. Um dia, succedeu de Thornes ou Peyraud perguntar a Miguel.

—O que tem M.me Teissier? Parece que não se sente bem.

Miguel respondia, estupefacto.

—Nada... Não tem nada... O que ha de ella ter?...

O que se passava então n'aquella alma profundamente ferida?

No dia em que a verdade lhe apparecera bruscamente, Suzanna sentiu como que um golpe mortal que a despedaçava. Cahia do alto de tão grandes illusões! Era tão monstruoso, aquelle homem, aquelle homem de bem aos pés d'aquella rapariga, cuja guarda lhe tinha sido confiada, a quem afagara os cabellos de creança—quasi sua filha!... N'esse instante julgou vêr n'elle tão profundas trevas de vicio e de hypocrisia, que foi, sobre tudo, um movimento de horror, o que a fez recuar silenciosamente e fechar a porta sobre os dois amantes, como se quizesse abster-se de contemplar a sua vergonha. Em seguida, durante o longo accesso de desespero reprimido em que abafava os soluços, sentiu despertar em si mesma, um apoz outro, os sentimentos que o horror occultara, ao principio: o ciume que a consumiu, e tambem o amor proprio que lhe amesquinhava a dôr, tornando-a mais aguda, e que punha no seu desespero como que uma nota de egoismo, de odio, de crueldade. Depois, quando poude tornar a reflectir um pouco, approximou-se da verdade: adivinhou que entre Branca e Miguel existia um laço especial, tanto mais forte, quanto era provavel que ainda não fosse inteiramente culpado e que a lucta que travavam entre elles mesmos os approximava um do outro sem cessar. Ficou menos indignada, mas soffreu mais; e a sua vontade paralysada, recuava perante uma decisão. O que devia fazer effectivamente? Partir? Era deixar-lhes o campo livre; e, depois, havia as creanças, os habitos, um resto de affeição, um resto de esperança, a idéa insupportavel de que não lhe sentiriam a falta. Falar, defender os seus direitos, exigir um rompimento... Mas, se elles recusassem?... Para que iria queixar-se, n'esse caso? para que havia de accrescentar uma nova humilhação, que já não era secreta, ás que podia, ao menos, devorar em silencio?... Era preciso ignorar e calar-se...

E Suzanna calou-se, com o coração cheio de angustia, o cerebro em desordem, empregando as forças que lhe res-

tavam em mostrar-se serena, em continuar a sua existencia como d'antes, em receber Miguel, como outr'óra, com um sorriso amigavel cuja expressão maguada elle não percebia, em extender a mão a Branca quando ella chegava, procurando com os olhos o seu Miguel. Calou-se durante muito tempo, tendo feito o sacrificio completo do intimo do seu ser, ou julgando que o tinha feito. Calou-se, sem comtudo se resignar, e agitada por sentimentos contrarios. Umas vezes animava-se a soffrer, e procurando consolar-se, dizia comsigo mesma: «Ha quem seja mais desgraçada. Eu, tenho as minhas filhas!...» Mas, outras vezes, sentia palavras de desespero zunirem-lhe aos ouvidos: «Ah! os filhos, o que vale isso!... Está acabado, está acabado, a minha vida acabou-se!...» Ou então perguntava a si mesma, n'uma anciedade onde entrava alguma esperança: «Elle nunca perceberá que eu sei tudo, que morro por causa d'elle?... Está cego a ponto de não vêr que agoniso!..» E o egoismo dos dois culpados, tão absortos no seu amor que não viam o que se passava n'ella, indignava-a por um instante; depois continuava: «Então o nosso amor passado, a nossa affeição, os nossos cuidados communs, os nossos pesares, as nossas alegrias, todos esses anneis que me ligavam a elle estão despedaçados de tal maneira que não resta um para o deter?... Não voltará a ser meu, um dia, attrahido pelo passado, pelo dever, ou pela compaixão, meu Deus?...»

E espiava os symptomas do affecto; mas, quando apparecia algum, não o apreciava; uma idéa intoleravel envenenava-lhe a alegria, arrancava-lhe a esperança: «Sim, é verdade, elle ama-me um pouco, deixou-me o segundo logar,—o que ella lhe permittiu que me deixasse, o que ella não quiz!...»

Atravez das suas angustias, Suzanna conservava uma especie de indulgencia para com seu marido, e ás vezes desculpava-o. Mas odiava Branca, com um odio que ia crescendo de dia para dia, odio que ella alimentava, que

augmentava com os seus rancores, com as suas coleras reprimidas, com os soffrimentos do seu amor proprio, mais agudos e mais dolorosos do que os do coração. O que tinha ella, aquella rapariga, para que Miguel assim lh'a preferisse? Não era mais bonita, nem mais intelligente, nem mais espirituosa do que muitas outras. Então porque a escolhera elle, entre tantas que valiam mais, entre todas as que eram attrahidas pela sua dupla aureola de força e de gloria?... Depois de cada discurso que proferia, recebia cartas confidenciaes ou ternas vindo de diversas classes da sociedade, cartas em que as auctoras se offereciam. Ás vezes mostrava-as a Suzanna. E ella pensava: «Elle não quer porque me ama!...» Ai! era porque amava a outra!... Então surgiam novas interrogações no seu espirito: de quando datava aquelle amor? ha quantos mezes ou annos não possuia seu marido? E observava o melhor que podia, diligenceando reconstituir, adivinhar, comprehender.

Mas tudo o que descobria lhe augmentava o desespero. Houve um momento em que tentou convencer-se de que talvez se tratasse de um capricho, unicamente. Mas não: era um grande amor,—sem causa, como todas as verdadeiras paixões. Miguel não amava Branca por esta ou por aquella razão, pelos seus olhos, pelos seus cabellos, ou pelo seu espirito; amava-a porque a amava, simplesmente; e havia uma cousa que exasperava Suzanna n'esta causa incomprehensivel que não se podia combater porque não era possivel surprehendel-a, e que era peremptoria, surda e cega como o destino.

«Se ella, ao menos, fosse digna d'isto!» repetia muitas vezes comsigo mesma. Ignorava ou esquecia que se é sempre digno do amor que se inspira e d'aquelle que se sente; só os que se amam se conhecem bem, porque em todas as almas existem thesouros occultos que nada illumina a não ser o amor. Os que brilhavam na alma de Branca, semelhantes ao ouro legendario sepultado nas aguas do rio sagrado, os quaes haviam attrahido e em seguida arre-

batado Miguel, e o conservavam em extase, esses não podia Suzanna vêl-os: para ella, a sua rival era uma intrigante que se fizera amar pela vaidade de arrastar o grande homem na sua sombra, sem o amar, talvez; em todo o caso sem o amar só por elle, não o tendo conhecido pobre, humilde, desherdado.

Estes pensamentos e muitos outros que se lhe revolviam no cerebro, nas noutes de insomnia, davam, comtudo, a Suzanna uma especie de consolação maldosa; porque, agora, assaltavam-a maus sentimentos. Gostava de pensar que Miguel era enganado, que o coração que elle julgava possuir lhe não pertencia; as dôres, as magoas que sentia no amor de ambos, causavam-lhe prazer; gosava com as suas entrevistas falhadas, com os obstaculos continuos que os separavam, com a fome, nunca saciada, que tinham um do outro, com os constrangimentos, os sacrificios, que se infligiam por causa d'ella, com as mentiras que lhes escaldavam os labios.

(Continua).

Édouard Rod.

O SR. MATHIAS

(Historia extraordinaria)

Quando constou a morte do sr. Mathias, houve na pequena cidade de Lyre-sobre-Ys uma surpreza geral. Um homem de quarenta e cinco annos apenas, robusto, direito como um fuso, e que—ora vejam que pena—casára havia tres annos só, com uma menina de vinte annos, nem mais nem menos do que a sobrinha do recebedor das contribuições, uma mulher encantadora e a quem elle amava loucamente!

Naturalmente, o sr. Mathias, depois de morto, era citado, agora, como possuidor de todas as virtudes, quando vivo. Era o que faltava que lhe chamassem, como outr'ora, usurario e avarento! Quem pensava em acreditar certa historia relativa áquelle famoso casamento e que tão pouco favoravel lhe era, quem iria recordar mesmo o terror vago que inspirava este homem, de modos velhacos, rico e avarento, e que gastava, segundo se dizia, os seus momentos d'ocio em manipular uma serie de drogas venenosas que experimentava em cães?

Tratava-se mesmo agora d'isso! Morrera, paz á sua alma!

E afinal de contas, reflectindo um poucochinho mais, era esta morte tão extraordinaria como se dizia? Evidentemente, o sr. Mathias tinha presentimentos. Não tinha elle mandado construir ultimamente, por operarios vindos directa e expressamente de Paris, o jazigo de familia que esperava, no cemiterio, os seus restos mortaes? Ainda mais, havia algum tempo que se lhe notava no rosto uma inquietação singular. Vagueava em redor da sua propria casa, como se receiasse ladrões mysteriosos. Sequestrava sua mulher, encerrava-se durante semanas inteiras no laboratorio, d'onde saía pela chaminé um fumo continuo até altas horas da noite.—Prenuncios de um ataque cerebral! dizia com ares de entendido o dr. Labarre, que afinal decidira por uma apoplexia serosa.

Em summa, tinham-se feito ao sr. Mathias umas exequias magnificas. A terça parte da povoação acompanhara-o á sua ultima morada, e alguns olhos se tinham humedecido, quando descera pela crypta da capella funeraria o caixão de carvalho, verdadeiro monumento, onde dois homens como elle estariam á vontade.

Voltando do cemiterio, todos perguntavam o que faria a viuva do sr. Mathias.

*
* *

Ora agora, a verdade é que o sr. Mathias não morrera.

Duas horas depois da ceremonia, poder-se-hia vêl-o no sub-solo em que o caixão estava.

Dois pequenos ruidos seccos tinham soado, como o estalido d'uma mola; e depois de o caixão se ter aberto como se fosse um armario, o sr. Mathias sentára-se espreguiçando-se como um homem que acaba de accordar. Por uma abertura gradeada feita na parede superior, caía um raio de luz. O sr. Mathias levantara-se completamente esfregando devagar os joelhos um pouco ankylosados.

A verdade é que se sentia bem, mesmo bem, confortavelmente. A dose de narcotico que absorvera, depois de a ter cuidadosamente calculado, tinha produzido á justa o effeito desejado, tinham-n'o enterrado, ia tudo esplendidamente.

O sr. Mathias tomára muito antecipadamente todas as precauções. O fundo da sepultura fôra habilmente disposto.

Estava ali mettido todo o fato necessario, bastante comida, algumas garrafas de bom vinho, que se tinham tornado muito fresquinhas, como facilmente se suppõe. E como não ha nada que mais avive a fome do que um enterro —ainda mesmo quando nosso— o sr. Mathias commodamente sentado no seu caixão, abriu uma garrafa, bebendo ao seu futuro.

Já ha mais tempo deviamos ter dito porque é que o sr. Mathias estava ali, seis pés debaixo de terra, por sua propria vontade.

Como sempre, era uma historia de mulher. Casto até aos quarenta annos, o sr. Mathias, antigo pharmaceutico, enriquecido pelas pilulas anti-spasmodicas — tinha-se apaixonado pela encantadora Anna Piédefer, sobrinha do recebedor de Lyre-sobre-Ys. Apresentára-se muito sem ceremonia para marido á rapariga que com sem ceremonia não inferior o recusára, o qne o tornára apaixonado como um imbecil... perdão! como um homem de quarenta annos a quem deu na cabeça apaixonar-se. Pouco honesto de natureza, apertara o recebedor em tramas tão habeis, que o desgraçado, ao fim de um anno, sabendo que o cofre governamental já não estava intacto, pensou sériamente no suicidio. Então o sr. Mathias appareceu como salvador e apresentou as suas insignificantes condições. A sobrinha sacrificou-se pelo tio que lhe servira de pae, e isto apesar de laços muito apertados com um escrevente de tabellião da cidade visinha. Victima dolorosa, Anna desposou o sr. Mathias.

Soffrera até ao fim todas as consequencias d'esta catas-

trophe. Mas o sr. Mathias fazendo justiça a si proprio, tinha a convicção de que ella o odiava. D'aqui a julgar-se enganado, como merecia, não foi mais do que um passo. A suspeita degenerou-lhe em monomania. Sua mulher não sahia nunca, ninguem a visitava. Mas ainda assim, o sr. Mathias dizia que era falta de tactica para a apanhar. Se não apanhasse sua mulher em flagrante delicto, é porque era um idiota chapado.

Então surgira esta idéa luminosa no seu cerebro: fingir uma viagem, mas não a Versailles ou ao Havre, como os maridos de comedia, uma viagem muito mais longa e d'onde parecesse impossivel a volta.

E voltaria, mais vivo que nunca, uma d'estas noites, e havia de confundir a infiel.

Esperaria tres dias; e pensava agora em tudo isto, satisfeito, deitando-se confortavelmente no caixão.

*

* *

O terceiro dia findára. O sr. Mathias ardia com impaciencia. Esperou que o relogio do cemiterio désse onze horas. Preparou-se então para sahir.

O plano estava bem combinado. Os muros do cemiterio davam para a sua propriedade. Tinha ali com que se vestir todo de preto, como convinha a um espectro de pharmaceutico. Envolver-se-hia no sudario dentro do cemiterio, respeitando a côr local. Depois de ter saltado o muro, iria direito ao quarto de sua mulher. Depois veria!

O sr. Mathias fez a sua *toilette ad hoc*, empurrou a pedra tumular, trepou para a capella superior, abriu a porta e achou-se fóra, com o sudario debaixo do braço.

Apenas se viu cá fóra do tumulo, desdobrou o vasto lençol branco e pegou-lhe de fórma a pol-o nos hombros.

Mas o sudario era pesado. A primeira tentativa falhou e teve que começar.

— Espere ahi! disse então uma voz atraz d'elle, eu lá o vou ajudar.

*

* *

E' necessario não se ter estado nunca á meia noite, tentando pôr aos hombros um sudario, no cemiterio, para se não comprehender quanto esta surpresa seria desagradavel ao sr. Mathias.

O que assim falava era o guarda do cemiterio do logar, o tio Grimbot, um original muito conhecido nas tabernas dos arredores. Approximara-se do sr. Mathias, e, olhando para elle dissera:

— O quê! é o senhor, sr. Mathias!... Então já!

O sr. Mathias, muito atrapalhado, tentava embrulhar-se, julgando que uma apparição sinistra o livraria d'este encontro importuno. Mas, qual historia! o Grimbot ajudava-o benevolamente e punha-lhe a mortalha com elegancia.

— Sáio do meu tumulo... principiou o sr. Mathias com uma voz sepulchral.

— Bem sei, interrompeu Grimbot, isso vejo eu. Teve muita mais pressa do que os outros...

O sr. Mathias não ouvia nada. Agora caminhava a passos largos, nas pontas dos pés, como um phàntasma.

Grimbot ia ao lado, continuando:

— Sim, os outros, não lhes dá para ahi tão depressa. Só no fim de um ou dois mezes...

O sr. Mathias voltou-se bruscamente, agitando os dois braços:

— Vae-te, sacrilego! Vae-te!

— Então! então! disse Grimbot, tomando uns modos paternaes. Eu não lhe faço mal... então quiz tambem passeiar um bocado... como os collegas, não é assim?

O sr. Mathias, muito perturbado, ia andando sempre, sem se dignar responder. Via na sombra a porta do cemiterio. Como homem previdente que era, tinha alguns luizes na algibeira.

— Nada de conversas! disse elle mostrando duas moedas de ouro a Grimbot. A chave!

Grimbot recuou um passo:

— A chave! Tu queres sahir! (ia-se familiarisando). Ora, que phantasia! Meu amiguinho! tem paciencia! mas... nada d'isso...

— Quatro luizes! gemeu o sr. Mathias.

— Mau! já te disse, continuou Grimbot, não continues, que eu chego-te. Podes sahir do jazigo, podes passear, não me opponho. Os outros tambem sahem...

— Os outros! quaes outros!

Grimbot fez um gesto largo:

— Os mortos! então quem ha de ser?

— Os mortos... quem é que te fala em mortos? Eu estou vivo, bem vivo!

— Ai! que chalaça! essa agora é forte! mas deixal-o, eu sou bom homem... Anda cá beber uma pinga.

Deixou cahir a mão como uma tenaz sobre o pulso do sr. Mathias, arrastando-o até ao cubiculo onde morava. Empurrou-o para um quarto do rez-do-chão.

O sr. Mathias estava litteralmente aturdido. Grimbot fechara a porta, tirara d'uma pratelleira uma garrafa, e, depois de ter enchido dois copos, levantara o seu dizendo:

— Cá vae á sua, sr. Mathias.

*
* *

— Ouve agora, meu rapaz, disse o sr. Mathias. Tu queres disfructar-me. Seja. Apenas, ha tempo para tudo. Tu sabes perfeitamente que estou vivo. Por certas razões pessoaes, deixei-me enterrar. Mas preciso sahir por nego-

cios graves. Pagar-te-hei bem, podes estar socegado...

Emquanto elle falava, Grimbot dera devagar volta á meza e fôra-se encostar á porta.

— Tu falas bem, chasqueou elle. Ah! com que então, estás vivo! Não és o primeiro que me diz isso. Tenho ouvido muitos assim. Mas, vê tu, gosto dos meus subordinados. Todas as noites, veem por ahi um ou dois beber uma pinga, sem ceremonia. Hontem foi o tabellião, conheces, não é assim? Madel, o teu visinho... aquelle que tem a columna partida. Antes de hontem a sr.ª Claudin, uma bella mulher!

Eu estou sempre de boa feição, deixo-os tomar o ar da noute, cavaqueio um bocado... mas deixal-os sahir! isso é o que faltava.

O sr. Mathias começou a sentir-se desvairado. Grimbot falava com um perfeito sangue frio, como funccionario responsavel.

Era de estatura mediana, atarracado, com mãos de gorilha. Os olhos eram negros, brilhantes... O senhor Mathias sentiu um calafrio. Aquelle homem estava doido!

Sim, não havia duvida. Tinha visões. Julgava o seu cemiterio povoado por almas do outro mundo: vivia n'um mundo phantastico creado pela sua imaginação de bebado. E confundia! mas, palavra de honra que confundia!

O sr. Mathias começou a fallar, a prometter, a supplicar. Pois que! o bom, o intelligente Grimbot podia lá tomal-o por um morto a valer! Desatou a rir ..

— Basta! disse Grimbot para terminar, com uma voz sacudida. Não tens juizo, toca a ir para casa!

— Para casa! para onde?

— Para a tua casa, pois para onde havia de ser! No angulo da terceira divisão...

— Para o tumulo! Nunca!

— Não queres! ah! sim!

O sr. Mathias viu tremerem as mãos enormes. Teve

medo, olhou em torno de si, procurando uma sahida. Uma só.

A porta e deante d'ella, Grimbot, especado. Tanto peior; tinha que sahir; désse lá por onde désse; atirou-se para a frente, gritando:...

Grimbot, tranquillamente, estendera a mão aberta em que se foi metter o pescoço do seu aggressor. O sr. Mathias deu um arranco, e tentou luctar.

A garra apertou com mais força. O sr. Mathias vergou, suspenso pelo braço estendido. Ainda se agitou um pouco no ultimo estertor, depois ficou immovel.

Grimbot, sem para elle olhar, atirou-o para cima do hombro e levou-o, com o seu andar digno e vagaroso de guarda fiel, até ao jazigo, atirou-o para a crypta, fez cahir a pedra com um ponta-pé, fechou a grade e continuou o seu passeio atravez dos tumulos, resmungando:

— Então, já viram! Sahir! ora esta!

E o meu logar!

*

* *

Foi assim que a viuva do sr. Mathias poude casar com aquelle a quem sempre amara.

Jules LERMINA.

MOGAREM

(Episodio indo-portuguez)

Introducção do editor

É simples o episodio que vou publicar; é um esboceto de costumes orientaes, e passou-se no tempo em que as nossos missionarios, soldados fervorosos da religião e da patria, levavam as suas conquistas de amor ao seio endurecido dos velhos povos do oriente.

Os galeões portuguezes transportavam em cada monção para os portos da India, guerreiros de duas especies; rivaes sem serem inimigos: — soldados e padres. Foi uma formosa epocha.

Emquanto os caminhos do Egypto e do golpho persico, as cidades do Euphrates e as caravanas do deserto, se viam despojadas do commereio da India, os morros carrancudos e inhospitos do cabo tormentoso viam cruzar-se nos mares encapellados do sul, náus que gemiam avergadas de homens, de artilheria, de lanças, de escapularios e de riquezas sem conto.

Emquanto o Cairo e Palmyra e Bassora e Veneza tremiam do silencio sinistro das suas praças e estradas, bramia de raiva o Adamastor, de vêr devassado sem respeito o seu mar selvagem, solitario, feroz, agora, como cão domesti-

co, ornado de uma colleira de navios com flammulas desconhecidas.

Na India, das mysteriosas florestas de palmeiras debruçadas á beira-mar, saudavam os nossos intrepidos avós as náus do reino, que despontavam cada anno sobre o horisonte dos mares, e recolhiam no seio os recem-vindos para as luctas e para a gloria. N'essa confraternisação enthusiastica havia fé viva no presente e esperança no futuro.

Riem-se hoje por ahi da fé e da esperança, do enthusiasmo e do amor da patria; pois, mocidade brilhante, ride a vosso prazer das velharias do sonhador, mas quer-me parecer a mim que, ou não fareis nada com a vossa philosophia sceptica, ou o que fizerdes não será grande, nem consistente.

Se a natureza nos deu os affectos com o pensamento, o sentimento com a razão, não foi para que nos desquitassemos de uma parte das nossas faculdades no que julgamos proveito das outras, e que é apenas um desequilibrio fatal que ameaça a humanidade de incalculaveis cataclismos.

Tendes razão em muitas das vossas doutrinas, mas cahis, victimas de visões deploraveis, em exaggeros que assustam.

Virá uma nova eschola amparar as conquistas da razão com a elevação do sentimento, porque a natureza sempre triumpha por fim, e quando não houver perigo de cahirmos nos excessos das idolatrias, nem de nos perdermos nos páramos infinitos das cogitações abstractas, será chegada a epocha das grandes conquistas da humanidade.

— Abaixo as algemas do pensamento! — é justo; mas cuidado! não tomemos auxilios por algemas. Se loucura seria pensar que, amputando os braços ao caminhante, elle deve chegar mais depressa por ficar assim menos pesado, annullando os nossos sentimentos praticamos identica loucura.

I

Era em 1548, epocha em que D. João de Castro, depois de receber as novas, que eram de gloria e de lucto, dos brilhantes feitos de Diu, recolhido ao palacio dos viso-reis, chorava ainda, dentro dos seus aposentos solitarios, a morte prematura de D. Fernando de Castro, que os soldados de Diu e de Cambaya viram voar e desapparecer no espaço, involto n'um turbilhão de fogo e fumo, ao estrondo de uma explosão legendaria.

Que mais brilhante apotheose preparou já a gloria guerreira aos seus dilectos? Por altar, muralhas negras e bastiões accesos, vomitando metralha e avergados de cadaveres ameaçadores; aqui... além... rarissimos! soldados tisnados, com o morrão acceso ao pé da espada flammejante e rubra; de fóra, exercitos assombrados, olhando a ascensão esplendida! por fundo, ao norte, os areaes adustos; ao sul, as aguas do mar sem fim!

Uma bandeira portugueza pregada no mais alto da muralha, e os hymnos de uma grande victoria acompanhados pelas vagas do mar e pelos ventos do deserto.

Ninguem viu jámais chorar o viso-rei.—«Por cada uma das pedras d'essas muralhas daria eu de boa vontade um filho»—dizia elle aos enlutados cavalleiros.

Chorava, a sós comsigo, o varão forte; e adoravam-n'o e cantavam-lhe canticos de amor, nas ruas e nos templos, os povos do oriente.

II

D. Fernando de Castro, o gentil soldado, no pouco tempo que se demorara em Gôa, era o orgulho dos moços illustres que tinham valia e valor, o idolo do povo rude, que o apontava jubiloso como um dos mais esbeltos caval-

leiros recem-vindos do occidente, e a inveja das formosas e tentadoras indianas, que o espreitavam com amor através das rotulas, invejosas e ciumentas, das suas janellas recatadas.

Por horas do fim da tarde, quando as auras do mar subiam o Mandovy e vinham enrolar-se e brincar nas palmeiras e tamarindos das cercas da grande cidade, costumava o esbelto portuguez sahir, só, do palacio dos visoreis, por uma porta pequena e de cunhaes bordados, que dava para o adro de S. Caetano, porta de que ainda hoje achareis formosos vestigios; passava ao pé da ampla fabrica da Misericordia, deixando a Sé á direita, e chegando ao largo do Bom Jesus, onde se guarda o tumulo sumptuoso de S. Francisco Xavier, tomava pela esquerda, para fóra da cidade, e dirigia-se ao caes de Cumbarjua, onde hoje ainda se encontram vestigios de uma porta, nos restos da antiga muralha.

Desde a egreja do Bom Jesus ao canal de Cumbarjua é amenissimo o trajecto. A rua, larga, plana e alinhada, como todas as da velha cidade, abre por uma densissima floresta, que para ambos os lados se estende. Mangueiras, coqueiros, acacias vermelhas, tamarindos, cajueiros, bambuaes, e, a enredar todos os troncos e ramos, o betle aromatico e mil especies de trepadeiras com florescencia eterna, eis a decoração d'aquella rua solitaria, onde nem o canto das arvores perturba hoje o silencio tumular da triste cidade morta.

Chega-se ao canal e a natureza abre um sorriso; as aves cantam, as aguas scintillam, as tonas conversam e os arbustos marinhos, que se alimentam em cardumes das aguas salgadas, cobrem-se de garças pescadoras.

No seculo XVI era differente aquella rua. D'um e d'outro lado havia, aqui e além, e dizem-n'o hoje as ruinas, casas de campo, com seus jardins e bosques de arbustos floridos. Eram gentios quasi todos os habitantes d'aquelle paraizo oriental.

N'uma das ultimas casas, á esquerda, morava uma goana, que enchia todo o Malabar com a fama da sua belleza, Devia ter quinze annos. O noivo, a quem fôra promettida de cinco annos de edade, sahira, pequeno, para Madrasta com toda a sua familia, que de lá annunciava de anno em anno a sua vinda, e sempre o enlace era adiado. No emtanto, Mogarem fazia-se mulher e resplandecia de formosura.

Viu-a um dia por acaso D. Fernando de Castro, e julgou encontrar a Venus da mythologia. Ella fugiu como a chitella do matto; elle parou pensativo, e não chegou n'esse dia a vêr as aguas do canal de Cumbarjua.

De noite sonhou com aquella morena formosura, involta no seu *panno* amarello de seda de Nacpur, com os lustrosos cabellos soltos a varrerem o chão, com os grandes olhos negros de fôgo e veludo. No dia seguinte pensou que tudo fóra illusão. A' tarde passou e nada viu. Banhou-se no rio de Cumbarjua. A noite surprehendeu-o nas aguas e pela primeira vez attentou no que eram as noites orientaes.

Que estrellas e que transparencias, que aromas e que scintillações!

Subi a um monte, e dizei onde termina o ceu e onde começa a terra; quaes são os astros e quaes os vagalumes; especialmente quando a lua, pouco acima do horisonte, espalha, entre o céo e a terra, o véo branco da sua poeira de prata, que adelgaça um pouco as trevas dos montes e offusca a meio a transparencia do firmamento.

Comprehende-se o amor das feras, mas não se comprehende a sanha feroz dos seus instinctos.

Quando o moço cavalleiro voltava, as janellas da casa indú estavam-se alumiando.

Parou; e do bambual, que se debruçava á beira da estrada, fugiu espavorida, agitando violentamente as folhas das canas, uma cobra? uma cerva? ou a formosa mulher que lhe apparecera na vespera?

Na transparencia de uma das janellas baixas desenhou-se e passou o vulto esculptural da formosa Mogarem.

III

As janellas d'aquella habitação encantadora foram-se a pouco e pouco illuminando; muitos vultos bronzeados, com os seus turbantes de mil côres, percorreram o jardim em todas as direcções; arvores e arbustos rescendentes cobriam-se de vagalumes, e um som suavissimo de cantares surgiram das alamedas ou das salas, que não deixava a distancia e o vago das vozes morbidas perceber a D. Fernando d'onde partissem.

Parecia ao moço amante que um deslumbramento o tomava, ou filtros de feitiço o tinham preso ali; parecia-lhe que aquellas vozes tinham, ora a ternura dos cantos das mães aos berços, ora o ardor magnetico dos trementes e truncados segredos da amante ao namorado; segredos antes bafejados que falados, antes sentidos que ouvidos em meio de fremitos e desmaios em noite amena e tepida ao pé de um lago confidente e quieto.

Parecia lhe que, pelo jardim, cruzavam sempre sombras mysteriosas e caladas, e parecia-lhe tambem que o vulto da formosa indiana se viera insinuando por entre a ramaria da sebe que se debruçava para a estrada, e a cujas franças elle se estava agora segurando.

E tudo isto era mais uma visão que um quadro, mais uma sensação que um apparecimento. Um desejo efficiente, um affecto creador, uma phantasia illuminada, um espectaculo interior visto com os olhos fechados, commovente de mais para visão, crepuscular de mais para realidade.

E D. Fernando, preso de uma anciedade vertiginosa, com o coração impaciente de febril, trémulo, que o diziam

as cannas do bambual a que se amparava e por entre as quaes espreitava meio occulto, iria jurar que o halito da formosa oriental lhe estava banhando o rosto, tão perto sentia elle uns efluvios que o embriagavam.

E os canticos ao longe, e o luar e as flóres e os vagalumes, a atmosphera morna e as folhas do betle sagrado que lhe batiam no rosto, tudo quanto o cercava o endoidecia.

E o bambual estava quieto e cerrado; negro, mysterioso, insondavel! e uma fascinação poderosa teimava n'elle que uns olhos o estavam vendo, que uns labios lhe sorriam; olhos mais negros que o veludo e mais brilhantes que os astros, labios mais vermelhos que o coral de Mascate ou de Sorrento, e mais humidos que a orchidea orvalhada no tronco do tamarindo.

E não via! e não ouvia.

—Impossivel! disse elle fallando comsigo, como o somnolento que tenta espalhar o somno.

Pareceu-lhe porém que o bambual mechia.

—Oh! não fujas, se és tu aquella por quem estou preso, segredava elle tão baixo como se lhe fallasse ao ouvido, confia na minha lealdade de cavalleiro; se tu soubesses quem sou não duvidavas de mim.

Calou-se, escutou... Nem um som, nem um movimento.

Sorriu-se com o sorriso ingenuo da sua edade; mas de repente sentiu que o cheiro da areca e do betle, tão conhecido no oriente, o bafejava de novo, que a respiração lhe faltava e que a vertigem crescia.

A lua subia no céo entre a illuminação do infinito.

—Meu Deus, d'onde me vem esta allucinação? dizia D. Fernando no seu monologo; ha plantas venenosas em toda a India e arvores que matam aquelles a quem abrigam, comtudo esta morte é doce e voluptuosa. Sonhar que se tem ao pé uma mulher adoravel, talhada como a Venus da Grecia, ardente como o sol d'onde brotou, e preguiçosa

como as auras tropicaes! Se eu pudesse expirar nos braços d'ella!!

Sentiu-se de repente preso n'um braço por mão pequenina, mas forte e firme, puxando-o mais para dentro da sebe de verdura, e outra mão aveludada e quente veiu pousar-lhe nos labios. D. Fernando sentiu-se estremecer, mas não de receio nem de surpresa; guardou o silencio que lhe impunham; o braço que lhe prendera o braço soltara-lh'o e veiu enroscar-se-lhe ao pescoço. A sua cabeça achava-se encostada agora a um seio perfumado, velado apenas por uma tela frouxa de seda; uma chuva abundantissima de cabellos lhe cahia sobre a cabeça e sobre o rosto; um dos braços de D. Fernando procurou insensivelmente a cintura que se lhe offerecia, e sentindo-se envolvido por uma onda de electricidade como nunca havia sentido, desejou morrer ali.

Ouviu então passar na estrada, atraz de si, tropel grande de gente que demandava a cidade e vozes que não entendia.

Comprehendeu que o tinham querido esconder entre a folhagem, dos olhos curiosos dos que passavam.

O rumor perdeu-se ao longe, e o abraço e o silencio duravam ainda.

D. Fernando, quieto, quieto, cuidava mesmo em comprimir a respiração, tanto receiava que se lhe furtasse aquelle seio arquejante e o soltassem d'aquelle abraço tão demorado.

Era o sonhador já quasi consciente de que sonha, que se não quer mover para lhe não fugir o encanto.

Emfim, muito de manso e de leve beijou, que nem parecia beijo, a mão que se lhe demorava nos labios.

A indiana retrahiu-se violentamente.

Um momento depois tomou-lhe o braço e mostrou-lhe umas luzes que appareciam no cimo da rua, do lado da cidade.

—Quem será? perguntava D. Fernando.

— Criados de teu pae que vem buscar-te.
— Conheces-me?!
Já não teve resposta.

IV

Passado um quarto de hora, entrou D. Fernando no palacio entre os criados que o vieram procurar, com lampiões de muitas luzes, porque a sua demora começava a inquietar o governador.

Na segunda sala encontrou seu pae em practica com um padre que gosava do maior prestigio no oriente. Chamava-se Francisco Xavier, chegava de longe e dava conta a D. João de Castro do resultado das suas missões. Era magro, não alto, mas direito, avelhentado e doente. Tinha uma fronte espaçosa e olhos cheios de luz e de amor; bocca cheia de graça, e mãos pequenas e finas cheias de bençãos.

— Aqui o tendes, padre Francisco, disse D. João de Castro, apresentando-lhe seu filho; foi longo o banho, meu Fernando, olha que todos os excessos são fataes n'este clima.

D. Fernando beijou a mão de seu pae e inclinou-se deante de Francisco Xavier.

— Dae-lhe a vossa mão a beijar e abençoae-o tambem, padre Francisco.

D. Fernando beijou a mão do bom padre e disse-lhe, depois de recebida a benção:

— Eu conheço-vos muito, padre Francisco Xavier.

— Por vosso pae, senhor.

— Por vós, pelas vossas obras e sobretudo pela vossa caridade, que vale ainda mais que a vossa doutrina.

— Guapo moço em verdade, segredava padre Francisco a D. João de Castro. Tão novo e tão discreto.

— Em breve o chamareis tambem valente, que lhe vou dar um posto de honra.

— Guarde-o Deus! guarde-o Deus! murmurava o padre pensativo.

— Adeus, Fernando, despede-te de nós e vae dormir, que de manhã cedo tens caçada, e convem que te apresentes fresco e repousado,

— A estas horas, das aguas de Cumbarjua! murmurou Francisco Xavier; não póde ser; a maré desceu ha muito e elle vem abrazeado e distrahido.

D. Fernando entrou no seu quarto e recostou-se n'uma preguiceira de baloiço, de cissó, bordado de ramarias e divindades gentilicas.

O estado da sua imaginação só é comparavel á embriaguez do opio ou do haschich.

Parecia-lhe que o domestico papagaio de Praganã, que andava solto, palrando por todo o palacio, tomando proporções do genio das lendas, o incitava a que se levantasse e sahisse em demanda da maxima ventura, em quanto que o seu querido *Martinho* cinzento de Damão, se offerecia a guial-o através das selvas scintillantes até um logar recondito de delicias.

Sahia, e nas azas do seu sonho atravessava selvas cerradas. Viam-no passar féras e aves invejosas, e no meio de gorgeios e aromas caminhava sempre e sempre, sem fadiga nem receio. Os astros desciam a misturar-se com as flores e os canticos; e elle, arrobado de gloria, passava como um bemaventurado no meio de uma atmosphera luminosa.

Ao cabo das florestas encontrava um rio larguissimo; esmaltado de vélas brancas, e em cada barco que lhe passava em frente havia uma canção de vozes femininas.

N'um dizia-se:

— As moiras de Pondá
são como o sol do Oriente,
que é quente, quente;

mas no alto Mordongouro
cioso espreita o mouro,
e o barco não vae lá.
Cantar, cantar!
Quem vos podéra amar,
ó moiras de Pondá!

N'outro barco:

— Feliz do que, encontrando-a entredormida,
ao lado se lhe deite
antes que venha o dia,
sonhando paraizos de deleite,
sentindo-a palpitante e commovida,
e que ella accorde, o veja e lhe sorria.

N'outro:

— Ella espera e sonha e quer
amores que tenham febre;
amor que a isenção lhe quebre,
amor que a faça mulher.

N'isto passava junto á margem um escaler branco e doirado todo brilhante de pharoes e flammulas; barco almirante d'esta esquadrilha feliz. Dentro, reclinada sobre coxins flaccidos de damasco amarello, coberta de joias e galas, a bella Mogarem, a formosa ideal, no meio de uma aureola, via-o e chamava-o.

Quando porém ia saltar para bordo, um grande vento enchia as vélas, o escaler empinava-se sobre as vagas e desapparecia. Apenas se ouvia em côro ao longe:

— O noivo espera, remeiros,
vergae os remos nas aguas.
Quantas penas, quantas máguas,

vão em peitos de donzellas
e ficam tambem por ellas
em peitos de cavalleiros?!

Então uma nuvem densa tomava todo o quadro; o bramido e a arrebentação das vagas ia-se transformando em fragor de batalha; a nevoa tornava-se fumo; no meio d'ella relampejava a artilheria, cujo estrondo enchia as quebradas das montanhas. Clamores da lucta, maldições dos feridos, hymnos de vencedores, desabar de muralhas, relinchar de cavallos, brados de commando, clangor de trombetas, tropear de esquadrões, rodar estridente de artilheria, zumbir e estalar de incendios, o grande rumor da grande pugna; e, no redemoinho immenso, confundidos os exercitos n'um lago de sangue e fogo em meio de uma atmosphera vermelha.

Elle luctava e commandava, montado no mais formoso cavallo, e ouvia uma voz que lhe dizia:

— Ávante! Corre para mim, conquista-me! Repara que sou a Gloria. E elle olhava e via pairar no espaço a imagem querida de Mogarem, n'um fundo de oiro, transparente.

E ouvia outra voz que lhe dizia: — Terminou a lucta, vencedor, despe as armas e vem repousar no meu seio; attenta que sou o Amor. E olhava e via, n'um fundo verde, transparente, a mesma imagem querida, sentada n'um caramanchel florido, e elle afagado nos seus braços, pousando a fronte cançada no seio tumido e palpitante, e sentindo-se esconder n'uma nuvem de cabellos negros e luzentes.

A Gloria e o Amor casavam-se no mesmo ideal.

O seu cavallo desprendia-se da terra e voava atraz d'aquella apparição phantastica.

O quadro luminoso fugia e baixava até se perder, como um aerolito, entre a ramagem de uma floresta.

O cavallo, que não podia romper a rede dos arbustos

e trepadeiras, salvava as arvores mais altas, e descobria por fim o ponto luminoso, onde D. Fernando devia achar o repouso, o premio, o galardão das suas fadigas.

Apeava-se e caminhava a passos mortos atravez do matagal cerrado, por onde a custo penetrava um raio d'aquelle foco de luz, cuja intensidade crescia á proporção que elle se aproximava. Ao chegar ficára extatico.

A arvore prodigiosa [1], a arvore dos frescos pavilhões, a arvore que de cada braço lança á terra uma raiz que se faz tronco, a arvore-cathedral do oriente, de muitas naves e arcarias concentricas, a arvore do bem e dos mysterios nas escripturas gentilicas, a arvore das columnatas e galerias, a tenda das florestas ermas, armada por Deus para albergaria dos indios nomadas, alumiada por uma luz vivissima. era um esplendido templo, em cujo centro dormia uma formosura, que seria deusa se D. Fernando não conhecesse n'ella uma mulher.

Ao lado cahia, de um rochedo aspero, côr de fogo, por junças, musgos e vergonteas de trepadeiras, agoa em gotas e fios tenues, dentro de um lago rustico cheio de nenuphars; em volta arbustos avergados de rosas e um enxame de beija-flores de todos os matizes, não maiores que vespas, volitando entre a ramada, enganados pela vivida luz que sahia do centro da arvore mysteriosa.

Em torno d'ella, como cortinas de leito, cahiam, em fórma de stalactites, longas franjas de luz verde e rubra, trementes como chuva de esmeraldas e rubis. As côres, porém, iam passando por todos os cambiantes do prisma, até que o sol, nascendo, as transformava em saphiras e brilhantes.

Depois...

Um creado, entrando no quarto, dizia a D. Fernando que os monteadores esperavam.

Era manhã.

---

[1] *Ficus indica*, ou arvore das gralhas.

V

Mogarem, entrando em casa, parou á porta, voltou-se e julgou vêr, que não veria, uma sombra negra atravessar a passos mortos a rua e introduzir-se no jardim pela sebe, onde, momentos antes, estivera ao pé de D. Fernando.

Só os olhos de um indio pódem vêr o indio nú, que áquellas horas da noite quizer passar escondido; que, sentir passos, não ha ouvido que os oiça. Demorou-se, attenta e não sem cuidados; mas, como nada viu, nem ouviu, julgou-se illudida e entrou.

No claustro cantavam e conversavam as suas servas e amigas, que como taes as tratava. Recostou-se n'umas almofadas e vieram agitar-lhe os leques, trazendo-lhe a areca e o betle n'uma salva funda de prata, dentro o partidor da areca, tambem de prata, e a manteiga de cal n'um boião de oiro esmaltado.

Ha em Roma, no museu da Villa Borghése, uma estatua de Canova, representando uma mulher, recostada tambem sobre almofadas, que dá uma idéa do que era Mogarem, n'aquelle momento. Conhecem-na pelo nome de — Venus vencedora — e contam-se a respeito d'ella umas historias de amores, das quaes se conclue que as irmãs de Napoleão I tambem gostavam da immortalidade.

Os pés da Venus estão nus, como estavam os de Mogarem, e o seio e um pouco mais que o seio. O lençol, que na estatua representa o pudor social, era n'esta substituido por uma tela de seda escarlate; um dos hombros e metade do seio, cobriam-lh'o os cabellos. A face poisava n'uma das mãos, e os dedos dos pequeninos pés estavam inquietos. Tomou-lh'os nas mãos uma das servas e apertava-lh'os carinhosamente.

A conversa interrompida continuou.

— Hontem de manhã andava á caça na ilha; depois veiu passar aqui, no palmar da fonte, e pediu-me agua.

— Déste-lh'a?

— Dei; porque não daria?

— Não sabes como é impura a bocca do christão?

— Lavei o tambió depois, descança. Voltou-se para mim a rir-se, agradecido, e deu-me esta bolsinha de rupias.

— Sem dizer nada?

— Falou, falou, mas eu só lhe percebi: — Mogarem. — Respondi-lhe que não entendia fala de christão, e elle partiu.

— Á tarde vi-o eu no rio.

— Tu espreitaste-o?!

— Podéra! Estava debaixo dos salgueiros, meio mettido na agua; é branco como a cabaia de Brahma, e mais lindo que o Vischnu dos nossos quadros.

— E filho do Raja [1].

Uma serva cantou:

— As palmas olham a terra
e as arequeiras o céo;
pois vale mais quem se curva
do que quem tanto se ergueu.

Mogarem reparou na cantadeira e tornou a deitar-se.

— Como vens triste, senhora!

— Venho cançada.

— Coitada, senhora minha, andas a espreitar se vem o teu noivo; bem sabes que já não póde tardar.

— Ide-vos! Quero dormir e conversaes comigo?!...

Sahiram:

Da porta, uma d'ellas, voltando-se, perguntou:

— Vaes vêr a caçada ámanhã?

— Vou.

---

[1] Viso-rei ou governador

E ouviu fóra a cantadeira:

—Nem sempre chora quem pena,
nem sempre o mar mostra escolhos
nem sempre ri quem se alegra,
nem dorme quem fecha os olhos.

E é de crêr que Mogarem não dormisse, que no dia seguinte tinha as palpebras pisadas, e nunca olhos christãos viram gentia mais linda.

VI

Seriam sete horas da manhã, quando nos campos de Marcella, hoje varzeas e palmares; então incultos, hoje pertenças da coroa portugueza; então, ora do rei de Sunda, ora dos marathas; andava accesa a monteria. Era por alli o caminho dos que, de quando em quando, vinham bater as nossas muralhas, fazendo-se fortes na ilha de Cumbarjua, com que defrontava aquella porta, por onde D. Fernando sahia todas as tardes a banhar-se. Era por alli tambem que sahiam as correrias dos christãos em perseguição do inimigo que fugia.

Eram frequentes n'aquelles campos, as caçadas e as monterias dos nossos monterias que tinham muito de desafio, e que por isso se faziam sempre com forças, que, pelo menos, garantissem a retirada, difficil porque tinha de fazer-se atravez de dois canaes.

D. Fernando recem-chegado a Goa, mostrava desejo de assistir a uma caçada perigosa, e D. João de Castro tinha preparado uma das mais vistosas e numerosas que em Goa se tinham visto; e deixou partir D. Fernando, quasi com remorso de o deixar partir.

Ao romper do dia estavam tomadas pelos batedores as cumiadas que formam o amphitheatro, desde sudoeste a

norte, e varriam para o valle e planicie, onde estacionavam os caçadores, ao som de grandes alaridos de vozes, instrumentos metallicos e latidos de cães, a caça timida ou attonita, que estacionava nos mattos ou nas cavernas menos seguras da penedia.

Pouco depois começaram de se ouvir tiros, mais bastos a cada momento, por entre o matto da planicie, mas tiros que não tinham ecco, nem um rugido de féra, nem um grito de homem, nada; e este tiroteio lugubre e sem vozes contrastava afflictivamente com o estrondear longinquo dos batedores e charameleiros.

Os pontos de vista dominantes foram-se cobrindo de espectadores, que, pelo pittoresco dos seus vestuarios, davam realce e caracter oriental ao grande quadro da caçada. Em barcos embandeirados desciam ou subiam o canal muitas familias de Goa, moiros, gentios ou christãos, de modo que ao nascer do sol o vasto quadro era animadissimo e surprehendente. Nos ramos das arvores havia uma agitação febril, enorme, que maravilhava os que, notando a falta completa do vento, ainda não conheciam a causa d'aquelles movimentos convulsivos e encontrados; eram dezenas ou centenares de macacos, timoratos e curiosos, que faziam vergar por toda a parte as franças da floresta.

O sol vinha duro e faiscante, e só perto do canal havia uma aragem amena.

Os caçadores occupavam os seus postos; viam passar as chitellas, os merús e as rapozas, mas guardavam os seus tiros para o tigre, a panthera (bibiós), a hyena e o chacal.

Por emquanto só algumas hyenas e bibiós tinham passado, surrateiras, pelos postos guardados; o tigre real esperava, attento e scismador, a approximação dos batedores.

D. Francisco estacionava n'uma pequena eminencia, não longe do canal, do lado do sudoeste. Havia uma inquietação evidente no modo por que escutava e olhava em volta de si. O bulir de uma folha, o zumbir de um insecto, o per-

passar de uma aragem, lhe chamavam a attenção. Tinha nas mãos, aperrada, a sua longa espingarda, e ás vezes procurava na cinta a faca de matto e duas pistolas de alcance carregadas a dupla carga. A caçada era a pé.

O circulo dos batedores ia-se apertando na planicie quando se ouviu o brado sinistro de: — Tigre real no matto! — Repetiram-n'o cem vozes roucas dos batedores, e milhares de espectadores repetiram nos cerros: — tigre real.

Ninguem descreve a sensação de terror que açoitou os caçadores solitarios. Os tiros cessaram, e cada qual, arquejante, pallido, mas resoluto, esperava vêr chegar a féra á clareira que guardava. O clamor parou em toda a linha e em todas as atalaias, como se houvera uma sensação de vida ou a espera de um grande acontecimento. Só os cães, antes uivando que latindo, saltavam por cima do matto, e procuravam em todas as direcções. O sol dos tropicos esbrazeava os horisontes e faiscava centelhas de lume sobre os temerarios caçadores. As garças dos salgueiros erguiam-se a prumo e pousavam de golpe, como se as fulminasse o que viam.

Os corações das mulheres confrangiam-se e dilatavam-se successivamente, porque na mulher, ainda mais que no homem, ha mixto de pomba e de fera.

Era tremendo o momento e solemne o silencioso espectaculo.

De repente sentiu D. Fernando que o cabello se lhe levantara na cabeça e que todo o sangue lhe refluia ao coração. Não se moveu. A dez passos á sua direita agitaram-se os arbustos, abriram aos lados e alguma cousa passou surrateiramente, no intuito de ganhar o valle de sud'-oeste. Este valle é estreito, e as suas vertentes alcantiladas. D. Fernando seguiu com a vista na direcção d'aquelle estranho movimento, quando a trinta passos vê relampejar a corpulenta féra. Poz instantaneamente a arma á cara, mas o tigre tinha desapparecido.

Correu, sem avisar os companheiros, fascinado por

aquella apparição; desceu a encosta, subiu o monte fronteiro, atravessou uma planura extensa, e, vendo sobre a esquerda serras perfeitamente escalvadas, comprehendeu que o tigre procuraria esconder-se nas selvas da beira de agua. Era pois o seu caminho mais direito, e devia tomar a frente. Comtudo, o cançaço da subida e o impeto da carreira tinham-no prostrado; felizmente começava a descida, e achava á sombra de um tamarindo logar azado para a espera. Entrou de manso, ajoelhou com o joelho direito, encostou o cotovello esquerdo ao rebordo de uma pedra bruta e ficou dominando o pequeno mas amenissimo valleiro, ao fundo do qual havia um banho rectangular, cheio de agua limpida e fresca, e em torno matta de cajueiros e tamarindos.

Durou dois minutos esta espera, mas durante elles consummou-se aos olhos de D. Fernando um drama, cujas peripecias e scenario só podem encontrar-se no oriente.

O sol quasi não entrava no valle, tão densa era a ramaria. Uma indiana acabava de banhar-se, que o cabello solto gottejava ainda; compunha as manilhas no braço e um dos pés brincava distrahidamente dentro da agua. Uma volta do seu panno azul pendia-lhe a tiracollo. As flores de um tamarindo cahiam-lhe em cima, desfolhadas, e ella deixava-se enfeitar e sorria complacente dos cuidados da arvore carinhosa, que a tratava como noiva. Os dentes d'esta oriental eram pequeninos e transparentes; o sorriso que os mostrava era melancolico; os olhos eram grandes e energicos; a fronte pensativa e grave; o rosto comprido e pallido; a estatura alta. Devia ter dezoito annos, e era bella como Niobe ou como Respha.

Divisava-se-lhe uma preoccupação notavel, uma curiosidade anciosa no modo por que olhava, de quando em quando, para os lados. Esperava de certo.

Dois passos atraz d'ella, e não querendo ser visto nem sentido, espreitava, enfeitiçado, um formoso gentio, de pequeno bigode argolado e de listas doiradas no turbante.

Espreitava-a namorado, e tinha instinctivamente um dedo na bôcca, como que a impor silencio. Sorria sempre e olhava-a com jubilosa admiração. Por vezes tomava umas flores do tamarindo, lançava-lh'as sobre a cabeça, e escondia-se atraz do cajueiro a que se amparava. Doce brinquedo de amores n'uma bucolica oriental!

Os sons longinquos da caçada passavam por sobre o arvoredo, mas em baixo apenas se ouviam os beijos da agua no pé distrahido da indiana. Defronte d'ella, do outro lado do banho, appareciam de quando em quando, por entre as plantas rasteiras, duas cabeças curiosas de serpentes que vigiavam.

Eram dois pares namora los! uma approximação monstruosa, mas vulgar, dos amores ciumentos e mortaes da India-mater.

D. Fernando estremecera! no mesmo instante, porém, um novo actor entrava furtivamente no palco! A tres passos distante do indio apparecera e achatara-se a pavorosa cabeça do tigre real.

D. Fernando viu-o abaixar-se e retrahir se; poz a arma em pontaria e um tiro partiu. Ouviu-se um ronco pavoroso. Quando o fumo se ergueu, viu-se o tigre nas ultimas contorsões esmigalhando um homem, e via-se uma mulher extatica, com os braços retezados para o cadaver do seu amante e com os olhos sahindo-lhe das orbitas. Não soltava um grito, não derramava uma lagrima, só o sorriso se lhe havia transformado em soluço. Olhou para defronte e viu as duas *capellas* armadas e com os olhos chammejantes.

Caminhou para ellas automatica, livida, pavorosa! Saltou-lhes em cima e pisou-as aos pés. Deixou-se morder e lacerar pelos dois reptis enfurecidos, correu para o cadaver do seu amante, arrancou-o ás garras da fera, enroscou-se n'elle e devorou-o com beijos. D. Fernando chegara emfim, mas parou defronte de tanta desdita e respeitou o thalamo nupcial d'aquella agonia voluptuosa. Quasi a expi-

rar, a gentia olhou-o, apontou-lhe o tigre morto e disse-lhe: — Bem hajas!

Outra mulher chegava offegante do lado do canal, e, tomando-lhe e apertando-lhe a mão, dizia-lhe: — Amo te.

D'ahi a momento chegavam em tropel os caçadores, e Mogarem desapparecera.

— Que é isto? diziam os caçadores, recuando á vista dos tres cadaveres.

— Um drama do oriente, meus amigos.

VII

Durante muitos dias celebrou-se a caçada e a intrepidez de D. Fernando de Castro. O caçador imberbe era objecto de todas as conversações. Goa — a esplendida capital — victoriava-o, convertendo a montaria n'um verdadeiro feito de armas.

Só D. Fernando andava preoccupado e triste. A scena dos dois amantes, mortos á sua vista, mostrava-lhe o oriente, a elle que estava deveras namorado, sob um aspecto aterrador.

Lembrou-se um dia de ir saber quem fossem aquelles dois desventurados, e de presencear as saudades que haviam de enflorar a sua memoria.

Atravessou o canal, chegou-se ao theatro do drama que presenciára e encontrou ossos desconjuntados e dispersos, fragmentos de roupas dilaceradas e manchadas de sangue.

— Quê, pensou elle, pois os chacaes encontraram-os ainda para seu repasto nocturno?

As aguas do banho permaneciam quedas e cobertas de folhas e flores, signal do seu abandono.

Entre as hervas achou dois *cancanãs*, manilhas de vidro que andaram no braço da mallograda amante, e beijou-as com respeito e com lagrimas: — Ó Respha triste e formosa, eu quero ao menos chorar-te.

Seguiu um carreiro caprichoso, que cortava de norte a sul a floresta; passou ao monte immediato; além d'elle o caminho descia, desceu; no fundo do monte havia uma aldeia, abrigada com palmeiras. A' entrada da aldeia uma indiana, ainda moça, tirava de um poço agua com o seu *tambió*.

Pediu agua, bebeu, e disse á moça, que se não dignava olhal-o:

— Seriam d'esta aldeia, bahy, um gentio e uma gentia que ha tres dias foram mortos pelas feras além no valle dos cajueiros?

— Eram, lhe disse a gentia, olhando-o pela primeira vez.

— Conheceste-os?

— Rani era minha irmã.

— Conheces estas manilhas?

— Conheço.

— Toma-as! achei-as junto aos seus ossos...

A gentia retrahira-se violentamente, tomára sobre a ilharga a bilha da agua, e partira.

Alli perto fumava um velho, á porta de uma cabana de olas. Viu e ouviu o dialogo, e disse para D. Fernando:

— Não te espantes, bom rapaz; elle era *sudra* e ella *brahmine*.

D. Fernando curvou a cabeça. Era a excommunhão implacavel para os dois amantes, era a deshonra herdada e transmissivel para as duas familias.

Quando voltava passou de novo no sitio da catastrophe; olhou aquelles despojos truncados e sentiu confranger-se-lhe o coração.

— Coitados! dizia elle entre soluços; ousaveis ter coração n'uma terra onde só ha instinctos! Nem uma lagrima dos vossos, nem uma compaixão de extranhos, nem a esmola da sepultura! Ó Christo, ó Deus bom e suavissimo, tu tinhas compaixão dos que amavam e protegias os párias; como póde haver tanta gente que te não conhece?

Prantearei eu só a tua agonia sublime, formosa mulher pallida e triste. Escolheste bem a hora de morrer. Haviam de matar-te os homens, pediste á sanha dos reptis a esmola do seu veneno!...

Que religiões!... que povos!...

Momentos depois, havia juntado os ossos e os fragmentos dispersos das vestes dos dois amantes; abria uma cova entre duas rochas negras e alli os resguardava, cobrindo-os de terra e pedras grandes do monte. Em cima desfolhou algumas flores e ajoelhou. De uma folha de palmeira fez uma cruz e collocou-a na campa improvisada.

— Recebe-os tu, meu Deus, dizia entre lagrimas; bem vês que ninguem os quer!

No dia seguinte mandava resguardar-lhe melhor a ultima jazida; e n'uma pequena pedra de marmore, que as hervas logo cobriram, lia-se esta inscripção, que ou era de D. Fernando ou do padre Francisco Xavier, pois que ambos eram poetas:

Ajuntou-os a morte, mais piedosa
que os seus deuses e o mundo e as leis austeras.
Bem hajas, selva annosa,
que tens reptis e féras.

VIII

Duas novas alvorotaram um dia a grande cidade: a partida para Diu de D. Fernando de Castro, e a proxima chegada do noivo de Mogarem.

A classe nobre, europeia e christã, preparava-se para assistir ao embarque da luzida frota, que se destinava a soccorrer o grande reducto do norte. A população gentilica sonhava com as festas brilhantes do proximo noivado.

Muita esperança, muita saudade e sobretudo muito reboliço e azafama na terra e no mar.

Os paes de Mogarem encommendavam de Belgão as mais ricas sedas e damascos ás caravanas dos Gattes; perolas e pedras finas aos ourives e commerciantes de Baçaim e Ceylão; fructos, crystaes e coxins, aos da Persia. As bailadeiras e tocadores dos arredores recebiam aviso para se prepararem; planeava-se e descreviam-se os fogos e illuminações para oito noites de festa. Riam todos e folgavam na embriaguez da esperança.

Mogarem, de longe em longe, e no meio de uma abstracção ininterrompida e serena, sorria, mas não falava. Timida alegria de virgem, ou impotente resignação de victima?

No mar iam e vinham, do caes do arsenal aos navios, e dos navios ao caes, escaleres e fragatas, que transportavam munições, armamentos e soldados.

N'um dos navios estava D. Fernando; no arsenal D. João de Castro; este enviando, aquelle recebendo os provimentos e os seus companheiros de gloria.

Entre os soldados que andavam arrumando as munições travam-se dialogos caracteristicos, de que só algumas palavras soltas se podem colher.

Ouçâmos o que fôr possivel:

— Que tal será esta, zanaga? anda-te o cabello arrepiado!

— E' falta de pente, ou de tosquia.

— Lá em Diu te farão a marrafa.

— Veremos! já somos conhecidos antigos, e á falta de santos oleos tenho-lhes posto o sal na moleira.

— E elles, não te fizeram zanaga?

— Fizeram, e não tiveram grande juizo. Apartaram-me os olhos, fiquei a ver para todos os lados.

— Então a cidade tem muralhas?

— As muralhas é que teem lá uma cidade. Tu, em lá estando, não tens medo, só se fôr dos mosquitos, que trepam á escalada como os marinheiros ás vergas.

— O capitão d'esta vez é que é novo.

— Sim, mas é filho d'aquelle pae que lá anda a manobrar no caes.

— Bom tronco.

— E bonito ramo; parece um palmito.

— Se o moiro lhe bota o dente vae de duas mastigadellas; é tenro...

— Talvez, mas como é fructo verde ha de lhe amargar a bôcca.

— E demais, elle já fez uma africa que eu não sei se seria capaz de fazer; aquella do tigre foi boa.

— Creança que mata um tigre e gosta das femeas, tem as inquirições tiradas. Fica-te n'isto, mordango: menino que venha do reino e apanhe este raio de sol, é cousa de tres dias — está homem.

— E elle já gosta?...

— Pateta! Já o viste dar alguma palavra aqui? Para onde olha elle?

— E' verdade!

— Acerta a pontaria por a d'elle e vê se descobres o alvo.

— Ó zanaga!...

— Psiu! Se aquellas mangueiras déssem todo o anno mangas assim e á discripção...

— A gente arrebentava com indigestões. Em Diu não ha de haver d'aquillo!

— Ha de haver de tudo, e em a gente os cravando nas muralhas, vae-se pelo mar Vermelho acima a consolar as viuvas... Então! trabalhas ou ficas-te de costa direita a scismar nas mangueiras?

— Para te dizer a verdade, eu já me estava a ver no mar Vermelho.

— E os moiros?

— Ficavas tu a matal-os quando me fiz ao largo.

Até o zanaga se riu e ficou muito mais feio.

No caes do arsenal, D. João de Castro depois de es-

colher e fazer embarcar as melhores armas e munições, fala a um grupo de velhos soldados, de rostos queimados e cicatrizes avermelhadas.

Um padre, pensativo e pallido, está no grupo; é Francisco Xavier.

— Uma só recommendação vos faço, dizia D. João de Castro aos soldados: se Diu cahir em poder dos moiros, que nenhum de vós me traga a má nova. Eu irei reconquistal-a, e mandarei erigir um tumulo onde serão gravados todos os nossos nomes.

— Nós já os conhecemos, e os moiros bem sabem como as columbrinas dão os bons dias. A festa ha de ser luzida, D. João de Mascarenhas é um grande fidalgo.

— Quem elles ainda não conhecem é aquelle capitão, que lá está de bordo a olhar para os arvoredos da alfandega.

— Havemos de arranjar-lhe um casamento de estrondo. Talvez seja o unico solteiro que vae na ronda.

— Que dizeis, loucos?

— Dizemos que vae casar. Qual é o soldado de Diu que se conserve solteiro?

— E casa com uma femea já avelhantada e viuva de mais de vinte maridos, que lá solteiras a virgens é que não ha, nem estas que de cá vão.

— As nossas lá estão á espera, caladas e debruçadas sobre aquelles muros, a estender a vista pelo mar adeante... Cá vamos, senhoras, cá vamos; e aqui vae polvora e chumbo até se acabar o mundo.

— A fome ha de dar em indigestão.

— Sem offensa de nenhum de nós, como elle é o mais bonito ha de casar com a tigre. [1]

---

[1] Ha em Diu uma peça de artilheria que tem esta inscripção:— Eu sou o tigre exforçado, por onde me mandam passo.—

—Podéra! se ella é a maioral e a que melhor canta.

—Vejo-vos triste, padre Francisco.

—Tenho saudades, senhor. Que faria eu em Diu se fôsse na expedição?

—Convertei gentios, santo padre; os mouros levam-se por outras praticas. Eu conheço-os muito. E depois... não acreditaes que eu tenha saudades tambem?

Dizia o viso-rei ao ouvido de Francisco Xavier.

(Conclue).

THOMAZ RIBEIRO.

A Arvore da Sciencia[1]

COM APPROVAÇÃO E PRIVILEGIO DO REI

Este romance é dedicado ao paraizo de meus olhos, ao inferno da minha alma,
A' bella Symiana, arvore da sciencia,
Ao seu coração, livro da sciencia;
A' sua bocca, fructo da sciencia;
Arvore fertil entre as mais ferteis,
Livro prohibido,
Fructo amargo.

I

A côrte e a Bastilha

Durante a regencia, o marquez de Sombrevanes esteve na côrte e na Bastilha, duas prisões que ficavam perto. Na côrte apaixonou-se pela senhora marqueza de Parabère; atreveu-se a escrever-lhe o seu modo de pensar sobre os encantos que encontrava n'ella; a resposta deu-lh'a o sr. duque d'Orléans mandando-o prender. Na Bastilha, o marquez de Sombrevanes fez-se philosopho. Não podia fazer cousa peor. Pôz-se a estudar os sabios da Grecia. De sabio em sabio, de systema em systema, de castello de cartas em castello de cartas, atravessou as edades todas colhendo um chaos de idéas, d'onde não poude fazer brotar a luz.

[1] Este conto appareceu, ha alguns annos, não sei porque, assignado por M. de Voltaire. O que é certo, é que o escrevi eu, ha cem annos, — quando era amigo de M. de Voltaire, — e que o achei, depois da minha morte, entre os papeis do meu espolio.

Á força de estudar, chegou a duvidar em pouco tempo da sua alma e de Deus, duvidou até do inferno, o que era muito mais grave ainda.

Considerando então no seu passado, perguntou a si mesmo a causa porque tivera a desgraça de fazer-se philosopho. Lembrou-se que um dia, no Palais-Royal, se deixára inflammar nos olhares incendiarios da marqueza de Parabère; quizera trincar com dentes soffregos aquella maçã azeda; mas o sr. regente — da marqueza e do reino — apanhou-o a abrir a bocca e fel-o ir morder os beiços para a Bastilha.

II

A rabeca

Encontrei na Bastilha o marquez de Sombrevanes. Apesar de marquez, tornára-se rasoavel, com algumas semanas d'aquella solidão. Quando eu lhe falava em philosophia, elle tocava-me rabeca: entendiamo-nos ás mil maravilhas; mas, um dia, quiz responder-me sem rabeca; disse-me que as suas reflexões o tinham conduzido a esta idéa de Socrates: *A alma é corporea e eterna.*

— Toque rabeca, disse-lhe eu.

— Isso é indigno de um philosopho! respondeu o marquez; Socrates não tocava nem flauta nem rabeca.

— Mas repare, sr. marquez, que é um philosopho catholico: ora, os anjos tocam rabeca. Senão veja os velhos quadros italianos.

A sua resposta foi partir em pedaços o seu pobre instrumento. D'esse dia em deante nunca mais nos entendemos. Tive pena, porque até ahi sempre o marquez me parecera um fidalgo completo.

III

O amor e a philosophia

No dia seguinte, um coche conduziu uma formosa dama á Bastilha; era a baroneza de la Chesnaie, a quem mais de um amante tivera a felicidade de fazer infeliz. Não vinha por minha causa, vinha por causa do marquez.

— O que faz elle? perguntou a baroneza ao governador.

— O sr. marquez pensa.

Ella mesma abriu a porta do prisioneiro.

— Ah! é a Zulmé.

— Soube agora uma grande novidade! Disse-me aquelle idiota do governador que o marquez pensava. Ora, a gente da nossa classe costuma saber tudo sem pensar; o espirito é como os titulos, herda-se. Mas, então, em que está pensando, marquez? esqueceu-se de me cumprimentar.

O marquez de Sombrevanes beijou com labios de gêlo a mão da baroneza.

— Só isto! Não valia a pena, na verdade, levantar-me ás onze horas. Que ha de fazer agora da sua liberdade, pobre passaro sem azas?

— A minha liberdade! traz-me a liberdade?

— Sim, trago, porque o regente é muito mais amavel qne o marquez; deu-m'a com mil e mil galanteios.

— Ande, baroneza, deixe-se *reger;* pois eu, pela minha parte, já não quero outra amante senão a philosophia. Se traz ahi a minha liberdade, faça favor de m'a dar para eu aproveital-a indo estudar a sabedoria humana no meu castello de Sombrevanes.

— Aqui a tem, disse a baroneza mostrando um papel meio occulto pelas rosas que lhe enfeitavam o espartilho. Quer uma tenaz para lhe pegar, como fazia Luiz XIII, sr. philosopho?

E a baroneza vendo que o marquez se não resolvia a ti-

rar-lhe o papel de outra maneira, córou de raiva, e atirando com elle e com as rosas que o envolviam aos pés do seu amante, disse-lhe com um magnifico sorriso de zombaria: «Adeus, sr. philosopho!»

Quando o marquez ia a caminho do seu castello, não poude deixar de pensar na sua rabeca e na sua amante.

«Pobre rabeca! como ella se expressava tão bem para a baroneza! Pobre baroneza! como ella ouvia tão bem a minha rabeca!»

E o marquez principiava a rememorar todas as bellezas incandescentes da baroneza; mas ainda ia apenas no A B C d'esse livro indecifravel, quando a voz da philosophia lhe gritou: *Recolhe-te peccador!*

«Comtudo, disse comsigo o marquez, eu devia ter colhido com mais galanteria o ramo e a carta de perdão.»

IV

A bibliotheca

Entrava-se no outomno; a chuva e o nordeste eram frequentemente os habitantes do castello de Sombrevanes, retiro digno de um philosopho, e edificado na entrada de uma floresta, antiga como o mundo. O marquez foi alojar-se na bibliotheca; folheou todos os livros promettendo a si mesmo queimar aquelles que não contivessem uma parcella de sabedoria. Queimou, queimou, queimou mais ainda, queimou sempre, sem descanço, até que um dia a bibliotheca não tinha mais nenhum e elle irritado pensou tambem em queimar-lhe as estantes.

«A sciencia não está nos livros, disse pegando no chapéu: ou, para melhor dizer, ha só um livro que é a natureza; esse não engana ninguem; vou estudar a natureza. As bibliothecas não são mais do que uns bordeis do espirito humano.

V

A natureza

Como se estava no pino do inverno, a natureza foi para elle absolutamente muda. Gastou-se pelos montes e pelos valles, pelos bosques e pelos prados. Resolveu esperar pela primavera.

Voltou, então, para os livros; e mais uma vez prestou ouvido não muito impaciente a esses temerarios disputadores, que tão mal fizeram o romance da alma, quando pensavam estar fazendo a historia d'ella.

Chegou a primavera.

As violetas embalsamaram as collinas, as margaridas esmaltaram os prados, os rouxinoes cantaram nas espessuras, as giestas floresceram nos valles. O marquez acompanhou, scena por scena, todo esse magnifico espectaculo da creação; viu a arvore sacudir no chão o seu branco toucado de flôres, e ao pastor Daphnis responder como um ecco a pastora Amintha. Não comprehendeu nada de tudo isto; talvez comprehendesse alguma cousa se lhe não faltasse a rabeca e a baroneza.

Chegou o verão.

O ouro das cearas cahiu debaixo das fouces ardentes; o trabalho, rei da terra, corôou-se de espigas e de rosas.

O marquez viu estender no chão a gavela, e em cima da gavela deitar-se a ceifeira, e esta envolver-se no manto da noite, sem entender nada d'este encadeamento do trabalho e do amor.

Chegou o omtomno.

«Está bom, disse o marquez, a natureza é grego para mim. Entendo-me melhor com os meus livros escriptos em francez e em latim.»

E tornou a encher a livraria.

VI

A creatura

Teve distracções. Um dia, sem reparar no que fazía, pegou na espingarda e foi caçar.

«Ah! pensou elle, desde que ando a caçar nos campos da philosophia, quantas idéas tenho morto já a tiros de raciocinio! E' ruim caça esta!»

Ia passando por deante do solar do conde de Hauteroche; lembrou-se que tinha uma pequena questão de direito a tratar com o seu visinho. Encontrou-o no parque a passeiar com a mulher e a filha. Esta era a mais formosa, a mais loura, a mais fresca, a mais suave creatura da provincia; na côrte que ella estivesse, havia de eclipsar as mais bellas. Apesar de ser muito philosopho, o marquez de Sombrevanes não poude deixar de pensar de si para si quão agradavel lhe havia de ser o estar fazendo philosophia com a menina de Hauteroche. Pensou que, se tivesse no seu castello uma mulher d'aquellas, ella occuparia lá muito melhor logar do que uma bibliotheca. Pensou...

«Não, disse elle, em vez de fazermos philosophia, fariamos philosophos.»

E foi estudar melhor do que nunca os átomos de Democrito, os turbilhões de Descartes, a substancia infinita de Spinoza, a substancia efficaz de Malebranche, as monadas de Leibnitz; emfim interrogou todos os philosophos desde Brama e Zoroastro até a si proprio, marquez de Sombrevanes.

Á força de estudar estes semi deuzes, chegou a imaginar que estava n'uma casa de orates, e que ouvia falar doudos. Comprehendeu finalmente que não é nos philosophos que se deve procurar a philosophia.

Fez um magnifico auto de fé dos novos volumes da sua livraria.

E em seguida, resolveu-se a escrever para esclarecer a alma e o espirito dos outros. «Como no fim de contas não sei nada, dizia elle humildemente, estou nas melhores condições possiveis para me fazer um bom auctor.»

Escreveu um capitulo ácerca de cada sentimento humano. Li esse magnifico livro, onde só havia verdadeiramente notaveis dois capitulos: *A Liberdade* e *A Amizade*. O que tinha elle imaginado dizer a este respeito? Tinha deixado paginas em branco por baixo dos dois titulos. Fôra por esquecimento? Fôra por ironia?

VII

Os dois espiritos que governam o mundo

Na sala ao pé da livraria ficava um gabinete adornado com dois quadros italianos, que alli tinham ido parar não sabemos como; esses dois quadros denegridos pelo tempo, representavam duas santas da escola de Raphael e de Ticiano, duas bellas figuras que todos amariam, uma no céo, outra na terra; esta pensava, aquella sorria.

O marquez tinha decifrado dois nomes gravados nas molduras: *Lœtitia e Magdalena*.

«E' isso mesmo, disse elle um dia, o amor sagrado e o amor profano.»

Como o marquez de Sombrevanes passava muitas vezes as noites n'este gabinete, tinha-se familiarisado com aquellas duas figuras amaveis; mais de uma vez o seu olhar as interrogara ácerca da verdadeira sciencia. Deve-se pensar? perguntava á primeira; deve-se sorrir? perguntava á segunda.— Deve-se olhar para cima, para lá das nuvens? ou

deve a gente folgar cá por baixo, com uma boa amante, á sombra dos pampanos jocundos?

E respondeu a si mesmo: «Talvez se deva fazer isto tudo!»

VIII

O milagre

Uma noite que o marquez estava devaneando perante as crepitações do fogão acceso, uma formosa mulher, vestida apenas com os seus cabellos de ébano e uma faixa da côr do céo, veiu sem nenhuma cerimonia sentar-se-lhe ao pé. O marquez levantou-se para cumprimental-a.

«Minha senhora...

— Eu sou a virgem Laetitia.»

O marquez imaginou que estava a contas com uma aventureira; aquelle vestuario um pouco livre de mais para uma virgem, aquella voz sobrenatural, aquella qualidade que ella se arrogava sem periphrase, justificavam no marquez a sua opinião.

«Não me reconheces? disse-lhe ella, convidando-o com o gesto a sentar-se.

— Não tenho a menor idéa; tanto mais que nunca te vi...

Levantou os olhos para a parede dos quadros; o primeiro tinha apenas a moldura: arrancara-se d'elle a figura pensativa.

«Mas que é isto! és a mesma! Por que milagre desceste para aqui?

— Ha muito tempo que me impressiona ver-te tão enamorado da sabedoria e sempre tão longe d'ella. Resolvi descer do céo n'um raio de luar para te abrir o livro da sciencia. Graças á morte, que é a ultima palavra, desven-

dei os mysterios que n'este mundo de passagem fazem divagar os espiritos.

— Folgo que estejas morta, disse então o marquez, porque me has de dizer o que se passou na hora suprema.

— Primeiro, ouve a historia da minha vida. Meu pae era gentil homem na côrte do duque de Florença; o duque apaixonou-se por mim, fugi para um convento e tudo acabou alli.

— E ahi está porque morreste virgem; a culpa foi talvez do convento, mas nem por isso deixaste de ser martyr, canonisada pela Egreja e padroeira de todas as Laetitias d'este mundo. Em premio das tuas altas virtudes achaste o céo aberto a dois batentes no meio das fanfarras archangelicas. E, uma vez installada no céo, viste a comedia que nós andamos a representar por cá.

— Não sómente a comedia, mas tambem o espirito, a essencia d'essa comedia; bastante me tenho divertido a ver os melhores actores sem saberem os seus papeis.

— Olha cá, vou chamar o creado: o lume está a apagar-se e, vestida assim á ligeira, como estás, podes constipar-te.

— Não vejas em mim outra cousa senão uma alma liberta do seu envolucro terreno, e que vive de musica nas regiões divinas.

— Mas essas mãos tão brancas, esses hombros de tão puro contorno, essa bôcca tão fresca e tão bonita ..

— Silencio! fecha os olhos. Se tomei de novo a minha forma antiga, foi porque não podia vir falar-te simplesmente com a minha alma. Creio que não entendes a linguagem do céo?

O marquez lembrou-se ao principio de pedir informações á santa sobre o paiz que ella habitava: mas pareceu-lhe, com bastante razão, que lhe faltaria tempo para saber o que se passava no céo. Era acertado poupar de certo modo o prazer da surpreza. Como calculava que ainda lhe seria dado habitar a terra durante meio seculo, entendeu que

era melhor interrogar a formosa virgem italiana ácerca das cousas d'este mundo.

«Então, que bens existem na terra?

— A contemplação do céo, o perfume dos thuribulos, os canticos da Egreja.

— Diabo! disse o marquez, és alguma cousa catholica de mais. Então o que dizes á contemplação das mulheres, ao perfume das rosas, aos canticos da Opera?

— Não me fales nas obras do demonio.

— Parece-me que não foi o demonio que fez as rosas, nem a musica de Pergoleso, nem a formosa Gertrudes de Hauteroche. Podem dizer o que quizerem, mas as mulheres teem sempre um lado bom, quer de frente, quer de perfil.

— A mulher é o oitavo peccado mortal.

— Mas uma mulher a falar de amor é uma divindade.

— Se as mulheres louvam tanto o amor é por saberem que, vistas por esse prisma, ninguem as vê como ellas são. As mulheres são romances em dois tomos. O primeiro dá vontade de ler o segundo, o segundo faz esquecer o primeiro; saltar paginas n'este romance é arriscar-se a gente a não o entender: não as saltar é perder tempo de mais.

— Talvez tenhas razão.

— O caminho do prazer é um atalho cheio de barrancos: levar as mulheres por elle é não querer chegar á felicidade.

— Comtudo, o amor é um orvalho do céo que refrigera o coração.

— E' um olhar do diabo que requeima a alma. E' apenas uma imagem da morte; attrae-nos, estreita-nos nos braços, mata-nos. O delirio da morte faz lembrar as delicias do amor. E' uma loucura sombria devorada de inquietações.

Se quizeres ser franco, has de confessar que mais de uma vez, no dia mais apaixonado, achaste amarga a bôcca

da tua amante. E ainda, n'este discorrer, só encaramos o lado bello do amor; olhando-o por outro lado, temos de convir que não são unicamente cornucopias de abundancia que vos despontam na fronte. Já Salomão o diza, a mulher é o começo da morte. Não ha mulher n'este mundo, a mais amavel de todas, que, ao verter-te nos labios o amor, t'os não fira com os bordos da taça.»

O marquez passou a mão pelos labios.

«Podes crer-me, continuou a santa, todos os papeis que tendes a desempenhar nas vossas farças grotescas são aborrecidos ou ridiculos, pobres manequins expostos a mil rajadas de vento em cada dia! Os reis com medo dos povos, os povos reduzidos á fome pelos reis, as rainhas invejando a corôa de malmequeres das pastoras quando estas se corôam de espinhos, todos n'este mundo traçando penosamente um sulco de dôr, e cada qual aguilhoado, estimulado, pelo orgulho, pelo amor, pela colera, ou por qualquer outra paixão mesquinha. Sois todos um bando de visionarios a correr atraz de chimeras, brincando com titeres, odiando á tarde o que amastes de manhã.

— A vida é uma rude guerra ou um triste gracejo, murmurava o marquez.

— Nascestes unicamente para aprender a morrer. Com effeito, cada hora que passa é um dobre de finados no coração; chega-se á morte depois de uma serie de funeraes, funeraes do amor e da amisade, funeraes de todas as paixões e de todos os sonhos. Mas consola-te: se a vida é o começo da morte, a morte é o começo da vida, da vida eterna!

— Ah! disse sentenciosamente o marquez, se eu não fosse tão bom christão, repetia agora o engenhoso pensamento de um philosopho: *Os deuses estavam bebedos quando crearam o homem.*»

O marquez de Sombrevanes baixara a cabeça para reflectir melhor.

«Finalmente, exclamou elle, o que é Deus?»

E como a santa não respondesse a esta grande pergunta, levantou os olhos, mas não a viu já em frente do fogão. Voltou-se cheio de espanto: a santa estava na sua moldura.

«Até agora, disse elle com desespero, a cousa mais certa que vejo na vida, é a morte. O nosso acto unico é morrer; não viemos ao mundo senão para isso. Comtudo as arvores e as flores, que tambem são creaturas de Deus, não trazem cilicio. Mas, no fim de contas, foi a santa que o disse e devemos crel-o; se descemos á terra foi só para termos o prazer de voltar ao céo.» E deitou-se.

IX

Outro milagre

Uma manhã, o marquez correu os cortinados da cama e abriu a janella para contemplar o sol nascente atravez dos velhos castanheiros do parque. N'um dos primeiros raios, entreviu uma neblina singular atravessando o espaço e as folhas com a rapidez do vento! Affirmou-se e distinguiu-lhe umas azas brancas; em menos de um segundo viu assomar á sua janella uma figura seductora que lhe sorria.

— Que queres tu? perguntou elle no tom de um homem despreoccupado de tudo.

— Não me reconheces? disse a formosa apparição. Sou a bella Magdalena que sorri no teu gabinete; venho abrir-te o livro da sciencia.

O marquez reconheceu a segunda figura do seu gabinete.

— A Sciencia! já a conheço, disse-lhe elle; é a Morte.

— Insensato! a Sciencia é a Vida.

— Não acredito; contemplei a vida em todas as suas fa-

ces; estudei-a em todas as suas phases; não encontrei a chave do enigma; a vida é um fructo verde que os meus labios rejeitam; a morte é o fructo appetitoso dos sabios.

— Ouve o que te diz uma que já não existe e que sabe a explicação de todas as cousas. Fui bonita no meu tempo, fui amada e raptada n'um dia de caça; que bella caçada! que formoso dia! Quando me nasceu o primeiro cabello branco fiz penitencia; fazer penitencia é a gente lembrar-se, é esperar, é amar ainda.

— Explica-te melhor, disse o marquez, vens declarar-me o teu amor?

— Venho buscar-te.

— Trazes cavallos e postilhões, trazes uma escada de corda?

— Toca com as pontas dos dedos nas minhas azas, marquez.

O marquez obedeceu por curiosidade, e sentiu-se de repente erguido no espaço, como que arrebatado n'um raio de sol.

Era n'uma das mais formosas manhãs do mundo: o céo estava azul, o horisonte limpo; o marquez de Sombrevanes respirava com delicias a frescura odorifera dos valles e o ar virgem das montanhas, ouvia com transporte uma musica desconhecida.

— Parece-me, dizia o marquez, que ouço as rabecas dos anjos e que respiro o perfume dos labios da minha primeira amante. — É espantoso, continuou elle apertando a mão da formosa Magdalena, mudei com certeza de paiz; o coração, que já não batia, bate-me apressado agora; o demonio do amor atormenta-me os labios. Se não tivesses azas...

— Falemos n'outra cousa, disse a santa, não perturbes uma alma no seu arrependimento.

— A proposito d'alma, dize-me como a tua passa o seu tempo; não se me dava até de saber a geographia do céo. Em quantos gráus de longitude está edificado o paraizo?

— Qual d'elles?

— Porque? ha mais de um?

O espirito zombeteiro, que ousava falar pela bôcca da santa, expoz então gravemente estas doutas asneiras:

— Ha mil. As almas habitam, a seu talante, ora um onde se canta, ora outro onde se devaneia: uns são feitos de rosas, outros de lyrios. Noé com toda a sua enorme descendencia habita n'um de louros pampanos. O mais innocente é uma barraca tecida pela mãe do Deus d'Israel; é ahi que se encontram muita vez as Joannas de Arc e as Suzannas. O mais amavel de todos é construido n'uma onda dos cabellos louros de Magdalena ainda perfumados de amor.

— Encontraste lá por cima um paraiso para os pobres d'espirito?

— Que queres tu que os pobres d'espirito vão fazer para o céo? esses, coitados, não teem alma; teem apenas uma parcella d'esse raio divino. Quando morrem, aquella parcella d'alma não póde ascender mais alto que as nuvens; transvia-se, dispersa-se ou reune-se com outras parcellas, conforme a vontade de Deus.

D'esse modo, os pobres de espirito não teem o reino dos céos, como diz a Escriptura, mas sim o reino da terra?

— No céo, não se quer senão boa companhia, isto é as almas que na terra mais se approximaram do espirito puro que é a sua essencia. Os poetas e os musicos teem no céo os seus dominios. Toma sentido! os philosophos não passam por lá muito bem; mettem-lhes a ridiculo todos os systemas. Vi Malebranche apupado, emquanto o divino Virgilio era embalado ao som de serenadas.

— Virgilio no céo! e que dizem a isso os santos do calendario?

— Esses não fazem muito boa figura. Sei, por ter ouvido dizer, que Santo Agostinho e Santa Thereza estão em desaccordo, ácerca da côr do extase; um quer que seja branco, a outra quer que seja louro.

. . . . . .

— Mas Deus... observou o marquez.

— Deus é todo amor. Amamo-nos n'elle, apesar de invisivel e revela-se-nos pela grandeza, pela belleza e pelo amor. Quando se ama na terra, é a Deus que se ama.

— Portanto, o amor é uma cousa santa?

— O amor é abençoado por Deus; vem de Deus e volta para Deus; ama as flôres dos teus canteiros, as arvores velhas do teu parque, o raio de sol que fecunda o valle; ama a mulher que te trouxe no seio; ama a mulher que traz no coração o teu nome, ama, ama, ama: o amor é a vida inteira.

. . . . . .

X

A arvore da sciencia

N'esse instante, desceram a um valle encantado: o paraiso terrestre com as maçãs maduras.

«Estou no céo ou na terra? perguntou o marquez espantado. Por que motivo nunca vi tão bem como hoje o sorriso da natureza?

— É porque chegaste á Sciencia.

— O que está acolá em baixo á sombra d'aquella arvore?»

O marquez entrevira uma mulher descuidosamente deitada na relva.

«Vamos seguindo,» respondeu a bella Magdalena.

Elle seguiu, arrastado por essa outra apparição. Chegou em frente de um tapete de herva esmaltado por toda a especie de deliciosas florinhas, regado pelas ondas argen-

tinas de uma fonte rustica cujo murmurio refrigerava o coração.

Deleitosamente encantado, não perdia de vista a mulher que estava deitada á sombra, e lembrou-se da pastora Chloé de quem vira um dia as pernas pintadas por Coypel e gravadas pelo regente.

Chegou assim debaixo da arvore. Qual não foi a sua surpreza ao vêr Gertrudes de Hauteroche adormecida sobre a relva! Assim, estava mais formosa ainda. Cahiu de joelhos deante d'ella para admirar de mais pérto e ponto por ponto, aquella maravilha da creação.

«Ah! disse elle com enthusiasmo, como seria bom acordal-a!

— Então, disse a formosa Magdalena abrindo as azas, ahi estás debaixo da arvore da sciencia.

. . . . . .

E n'isto Magdalena perdendo o seu vôo no meio das nuvens, o marquez de Sombrevanes quiz provar o fructo da arvore...

Mas acordou.

«Sim, disse elle procurando reatar o seu sonho, ha dois espiritos que governam o mundo: o que vae procurar o desconhecido nas regiões superiores das nuvens, e o que se inebria com a creatura na terra.»

Deu ordem a um lacaio para lhe apparelhar o cavallo. E sem perda de tempo, foi ao castello de Hauteroche pedir a mão de Gertrudes.

Mas Gertrudes tinha casado na vespera!

Arsène HOUSSAYE.

NA INDIA

NO MAR

3 de novembro de 1888.

Passámos na altura de Massuah. Ha tres dias que descemos em linha recta na direcção do sul. Uma bella manhã, quando as doiradas linhas que definem o Sinai se desvaneciam no horisonte, entrámos nas regiões ardentes. — Calor enervante e humido, que nos desarticula os membros, no qual todo o nosso ser se funde e dissolve, calor intenso, que nos fatiga e prostra durante dia e noite. Ás vezes o fato queima e sente-se desejo de o arrancar. Nunca mais se desce da tolda á hora das refeições; o dia vae-se e, inertes, permanecemos sobre a mesma *chaise-longue*. Apesar do duplo toldo que cobre o navio, occultando o mar e o ceu, os olhos inflamam-se n'um excesso de luz.

Conhece o leitor o *Ancient Mariner*, o poema phantastico de Coleridge? Esta navegação assemelha-se á d'elle. A mesma languidez, o mesmo extranho torpôr que não se consegue veucer. Nem uma aragem; a velocidade que le-

vamos annula a do vento, que sopra da pôpa, o ar abrazador, immovel, produz a illusão da immobilidade do barco.

Este mar não parece natural; dir-se-hia um oceano encantado, fulminado por uma maldição; estas aguas até parece haverem perdido a natural fluidez. Por momentos vemol-o atravez d'uma fenda do tecido que nos protege contra o seu intoleravel brilho. É uma vasta toalha de vidro fundente, inerte, espessa, pesada; nada mais lugubre do que a sua monotona reverberação, sob a acção dos raios soláres. Ao longe, o fumo eleva-se da agua: é uma humidade esbranquiçada que treme, uma tremura vacillante e vaga com a qual o liquido se confunde, desapparecendo alguns kilometros alem... Ao longe, por detraz do horisonte, adivinham-se vastos desertos inflammados, solidões terriveis, onde nada vive.

Á noite, volta a sensação de fuga, e sentimo-nos como que deslisar para um mundo desconhecido. As constellações deixam a posição que nos é familiar. Todas as noites avançam alguns graus para o norte. A ursa maior mergulha no horisonte septentrional. Hoje perdeu duas, tres das suas grandes estrellas, ámanhã tornar-se-ha invisivel. Á prôa, as quatro pontas do Cruzeiro do Sul emergem, scintillantes, e, lentamente, recua o cinto formado pela via-lactea.

Deitado sobre o convez que, á noite parece deserto, ouve-se o ruido incessante da agua; se os olhos se fixam nos astros que pulverisam o firmamento, sentimo-nos subir para o equador, avançar sobre a convexidade do globo, sobre a grande superficie nocturna extendida no vacuo tenebroso, e, durante alguns minutos. parece podermos deter a fuga regular das estrellas, eternos pontos de referencia perdidos a milhões de leguas no fundo do espaço inconcebivel...

Uma hora da manhã. — Trinta e oito graus de calor e sempre calor humido.

Somnolencias extranhas, cortadas por sonhos febris, po-

voados de subitas apparições d'astros que nos sobresaltam. Um somno pesado emballa-nos n'uma noite profunda, em que o cerebro confusamente distingue, entre scentelhas de agonia, bruscos desfallecimentos de sonho com subitas quedas na escuridão, e em vão nos debatemos debilmente contra um entorpecimento esmagador. Depois uma especie de exaltação e de febre, uma singular lucidez de espirito, recordações que surgem encadeadas, lanços inteiros da vida que se desenrolam completos e bruscamente em volta de nós, a extraordinaria noite dos tropicos, luminosa e extensa, d'um azul ethereo, profundo, entre estrellas que flamejam ao nivel do horisonte, tão brilhantes como no zenith. E o mar não é escuro, mas atravessado por um clarão profundo, illuminado no seio da sua massa pela claridade absorvida durante o dia, e a superficie liquida completamente salpicada com as imagens dos astros...

Quatro horas.— As brancas poeiras disseminadas no espaço desappareceram. As grandes estrellas somente palpitam com um brilho agora prateado. Uma ligeira faxa rosea começa a desenhar-se no oriente, d'uma côr polida, imperceptivel quasi. Subitamente a rosea orla abrange todo o horisonte, parecendo formada por um fluido ligeiro e profundo, d'uma tenuidade infinita, que se funde deliciosamente no espaço côr de opala, A agua readquire a côr azul, um azul suave, neutro, casto, ainda não profanado pelo sol. O horisonte recua, limita-se, e o circulo das aguas alarga-se ainda uma vez cheio de luz.

5 de novembro.

Chegámos esta noite a Aden. Pela manhã, abrindo os olhos distingui a costa. Como descrever esta impressão? Uma terra negra, nua, abrazada pelo sol, uma montanha de hulha que desabou no mar. Nem o mais tenue vapor,

nem o mais ligeiro indicio de vegetação amenisam a esguia sombra das sinistras rochas vulcanicas, que recortam com uma implacavel dureza o azul do ceu. Perante esta paisagem infernal, a agua parece mais fresca e mais fluida, d'um verde mais delicado e suave. Á esquerda as terras da Arabia, um deserto scintillante e polido, que se desvanece ao longe na branca ondulação do calor.

Partimos quasi immediatamente. Impossivel visitar Aden. D'aqui distingo, sobre um caminho, grupos de soberbos negros vestidos de vermelho, d'um vermelho vivo triumphante, a saltar no meio d'esta luz, flamejando por entre a paizagem enegrecida; camellos magros, aridos, balouçando delgadas cabeças, de labios pendentes, n'um meneio suave e altivo, récuas de pequenas mulas biblicas, dois soldados inglezes com a sua pá de *lawn-tennis*. Todas estas creaturas caminham ao longo d'uma estrada de cinza que se desenrola na costa sobre as rochas carbonisadas.

A bordo, judeus sebentos, de avida e lastimosa physionomia, com voz lacrimejante, diligenciavam vender pennas de avestruz. É tranquilla e invencivel a obstinação com que se agarram a nós e nos envolvem em seus gestos tenazes e timidos. Que contraste entre estas caras, cheias de amargura e queixume, de cães corridos, e a alegria dos moleques ladinos com o seu amplo e franco sorriso, e os seus troncos esculpturaes arqueados e ageis, brilhando em toda a plenitude do sol.

Um pequenito, de cinco annos apenas, um bébé negro, com impagaveis visagens, graciosos trejeitos de gatinho, quer a todo o custo vender-me, procurando introduzir-m'a na mão, uma velha rupia da companhia das Indias.

Extranho contacto o d'esta pequena patinha de macaco, secca, semelhante a pergaminho.

Atiramos á agua pequenas moedas de prata e todos mergulham immediatamente, distendendo, n'um salto, os musculos das pernas, com um movimento secco de rã que se arremessa ao charco; as cabeças emergem da superficie

ondulada, e segue-se o negro espernear que se perde nas verdes profundidades da agua polida.

Outros, cavalgando troncos d'arvores, guiam-os com remos de duas pás, excitando-se por um particular estalido das maxillas, com gritos estridentes, que recordam o ruido dos gafanhotos.

Ha criancinhas na praia e no mar, descuidosas, alegres, contentes de se agitarem ao sol, como os insectos que ao sahir do ovo, sobre as plagas, véem felizes saltitar na areia. Pouco importa se o tubarão os agarra ao mergulharem; pouco importa que a andorinha engula uma mosca deslisando pelo espaço replecto de luz.

Um d'estes, precisamente o mais lésto de todos, já um braço lhe foi devorado por um unico movimento da maxilla formidavel, e quasi se admira que o membro perdido não nasça de novo, espontaneamente como uma pota de lagosta.

Quatro navios inglezes, chegados ao ancoradouro esta noute, vão de novo partir, quasi immediatamente. O nosso barco esguio e longo, elevando-se pouco acima da agua, com as duas chaminés obliquas e fumegantes, parece um corcel de corridas sopeado contra vontade sua, ainda e sempre em attitude pressurosa de proseguir a carreira, para chegar álem, á costa longinqua do Japão.

A's nove horas sente-se de novo a pulsação do helice, que baterá ainda sem descanço durante oito longos dias.

6 de Novembro.

Debaixo do duplo toldo as noites são penosas: anda no ar um cheiro nauseante de cigarro e de azeite da machina.

Além d'isto sentimo-nos fatigados de passeiar n'um limitado espaço, com os conhecimentos arranjados durante a viagem, da troca continua de logares communs, a proposi-

to do general Boulanger ou de M. Gladstone, de supportar todas as banalidades d'esta civilisação.

Appetece fugir ao contacto d'essa multidão, que circula illuminada pelas lampadas Edison, semelhante a todas as multidões que nos acotovellam no Hyde-Park ou nos Campos Elyseos; inglezes formidaveis, correctos, que, por, principio invariavel, regulam a digestão, fazendo á noite, a esta hora, as competentes cinco milhas de passeio hygienico; funccionarios francezes fumando, de cotovelos fincados na amurada; ociosos viajantes que bocejam estendidos nas *chaises-longues;* creanças de pernas nuas a correrem o arco, emquanto as mamãs bordam ou lêem o ultimo volume de Besant ou de Maupassant. Do salão das damas elevam-se compassos de valsas, moidos já em todos os realejos de Paris e Londres, *le Beau Danube bleu,* ou o *Sweet Dream faces* ou ainda essa eterna *Kathleen Mavourneen* que, apesar da parvoa sentimentalidade da lettra, nos arrebata sempre pela sua melancholia de velha canção; como tudo isto é sabido!

E todavia não ha meio de nos subtrahirmos a todas estas cousas gastas... Realmente é necessario fazer um esforço, para nos reapossarmos, pela imaginação, da estranha realidade, para pensar na escura amplidão que nos sustem e se move no seio da noite, em redor do sussurro humano, para reflectir nos tres mil metros que verticalmente nos separam d'essa terra submarina, eternamente opprimida com o peso da enorme massa de agua negra; para phantasiar o que vae n'esses abysmos desconhecidos, onde as cousas jazem immoveis ha milhares de seculos.

Mas cheguemos ao extremo da pôpa, ergâmos a cabeça a cima do toldo: bruscamente desapparecem os passeiantes, as valsas calam-se, a luz Edison apaga-se.

Um vento forte que açouta as faces surprehende-nos. A principio nada se distingue, além do negrume do vacuo: repentinamente surgem os grandes mastros com o cruza-

mento das vergas, e as suas extensas linhas geometricas, balanceados lentamente sob as claras estrellas, sob o formigar das poeiras cosmicas: um murmurio infinito innunda a obscuridade.

Aos nossos pés, n'um fervilhar negro, massas phosphorescentes, globos azulados fogem, e, batidos doidamente pelo helice, deixam uma larga esteira lactea, um grande sulco vago nas trevas. E julgamo-nos isolados, sobre uma coisa enorme que corre ás cegas na sombra, perdidos na noite, entre o mysterio d'esta agua, que occulta uma estrada luminosa, e o mysterio d'este céu onde scintillam, como manchas esbranquiçadas, os rudimentos de futuros soes; entre estes dois negrumes oppressivos, em que fluctuam esboços, vindos não se sabe d'onde, de mundos e de vida.

7 de Novembro.

Poucos passeiantes no convez, esta manhã. Durante todo o dia, grande balanço de bombordo a estibordo. O navio deita-se lentamente para um lado, ergue-se e inclina-se para o outro, e os mastros descrevem uma oscillação regular, projectando-se no azul do céu... O enorme corcel do qual se sentem as surdas pulsações interiores, estremece, exulta com este movimento poderoso e lento, com este balancear cadenciado, com esta corrida em frente sobre pesadas vagas azues, que ergue o mar em vastas cupulas vitreas, com toda essa agitação que nos vem do sul, com todas essas grandes planicies liquidas que cobrem o hemispherio austral. Além das amuradas vae um tumulto aquatico, um alegre estrepito de esplendida espuma, a desfazer-se no azul, alva poeira irrequieta espalhada em lençoes de tremulina, n'um deslumbramento de luz, a fugir, em sinuoso sulco, com um ruido semelhante ao rasgar da seda.

O grande disco do mar, d'um azul admiravel, envolve-nos completamente, dardejante, a estibordo, como uma chapa ardente...

Nada mais do que agua esteril, inflammada, entregue ao furor d'um sol incandescente, ao Senhor, que lá de cima, devora o céu e povoa o esp ço com sua prodigiosa irradiação; nada mais do que um esplendor lento e infinito; nada mais do que essas forças brutas, o calôr e a luz; nada mais além d'estes eternos movimentos que nos esmagam com a sua indifferença. Nem um sôpro de vida; os proprios peixinhos, que resaltam á superficie irritada, dardejam raios de fogo rubro branco.

Ao fim de alguns dias este brilho universal entristece-nos, o coração confrange-se n'uma invencivel angustia. Comprehendo agora a nostalgia dos marinheiros do norte da França, condemnados a vaguear n'estas amplidões soberbas. O infinito aqui nada possue de suave e indefinido, perdeu todo o melancholico encanto, que seduz e attrahe, a delicada tristeza que saboreamos soffrendo. O infinito, n'estas regiões, esmaga e petrifica.

Apraz-nos permanecer immoveis, com a sensação permanente d'um peso no coração; a idéa do movimento basta para nos aterrar. Ha uma prostração de todo o nosso ser, sente-se a impossibilidade de realisar qualquer esforço para nos erguermos. Revive um mundo inteiro de recordações, que augmenta até preencher todo o espirito. É como uma obsessão enervante que não ha possibilidade de vencer, um semi-sonho extremamente singelo mas repassado de emoções.

Apparecem figuras n'um vapor que se desfaz e recompõe, espessas folhagens reflectindo uma claridade verde, um recanto de estrada orvalhada, que torneja, na sombra, entre giestas em flôr, pequenas arvores escuras torcendo-se sobre um fundo de ceu pardacento, alguns tectos de cabana brilhando, lavados pela chuva...

Porque não poderei hoje afugentar a visão d'um canto

da triste bahia de Brest? — Vejo-a ainda: é para além de Portzic.

Solidão absoluta. Campos nús, campos desolados pelo inverno, ornados de pequenas sebes escuras. As nuvens trazem o vento, e sobem, tecendo insensivelmente um grande veu pallido que tolda o firmamento. Tres arvores entrelaçam os seus delgados ramos. O Goulet corre do outro lado: como esta agua é fria e turva, perturbada por um estremecimento obscuro que irradia do ponto em que tremula o pallido sol reflectido! Um estremecimento a perturba, entre as duas margens que parecem de ferro oxidado.

Sobre estes penhascos não ha uma transicção, um só cambiante no colorido. Nada mais além da sombra aspera e dura.

Sensação profunda de amarga melancholia persistente, eterna. Estas pedras, estes juncos, a agua, a brisa gelida, parece tudo ter sempre assim soffrido duramente, pacientemente. Ha muito que a agua turva serpenteia entre as duas muralhas de ferro carcomido.

Nota-se finalmente uma cousa extranha: por cima d'esse rude promontorio de pedra, que se eleva na pallidez do ceu, ha como que poças e laivos de sangue, vermelhos reflexos de mysteriosos clarões immoveis e suaves. E comprehende-se que são ainda aguas, mas aguas infinitamente distantes, que parecem sahir fóra do nosso mundo. Lá em cima, pesam as trevas como uma cinza espessa e fria, onde o mar silencioso e longiquo, que o sol invisivel torna purpurino, se perde, desapparece e finda, como um tormento que se abysma no nada.

CEYLÃO

9 *de Novembro.*

Hontem, entre duas partidas de *palet,* uma joven ingle-

zinha, muito pallida e viva, prometteu um sorriso ao commandante se chegassemos esta tarde a Colombo, e o commandante vae ganhar o sorriso promettido. Ás cinco horas distinguem-se, a leste, manchas nebulosas. Cerca das seis, observa-se sob um ceu plumbeo formado por grandes nuvens violaceas, uma terra baixa plantada de coqueiros. Ao passo que avançamos, vae-se destacando a multidão das elevadas hastes rigidas e esbeltas e as palmas que em obliquas lanças desabrocham. Parece uma vasta floresta surgindo do mar.

A duas milhas da costa, ainda o solo não é visivel, sómente se notam massas de verdura de côr carregada, e mui perto de terra nada mais se distingue além d'essa formidavel vegetação, regorgitando de força e de seiva, a grande vegetação equatorial, que brota d'um solo repassado pelas aguas da borrasca, e abre as suas verdes palmas no ar esbrazeado. Ainda não ancoramos e, todavia, já temos bem nitida a sensação do mundo equatorial. Não é a limpidez, o azul fluido do Oriente classico. A agua e o céu, têem, n'estas regiões, não sei quê de violento e pesado. Presente-se um paiz de tempestades e tufões, um mundo situado na cintura do globo, defronte de um hemispherio liquido, uma natureza esmagadora, onde o céu é quasi sempre vertical. Entretanto o mar torna-se sombrio, cobre-se de arroxeadas manchas, de ondeados reflexos que se esbatem, deixando sómente a superficie liquida a brilhar com as scintillações d'uma debil luz, que palpita debaixo d'um céu tormentoso. Lá em cima, ha um cahos de luz e de côres; a oeste um vago esplendor d'um côr de rosa delicioso, no oriente, nuvens enormes, que se amontoam, rolam e desabam em massas phantasticas verde, violeta, e côr de fogo. Depois, tudo se torna livido, grandes montanhas escuras, massas enormes de gigantescas fórmas mortas.

Mas a agua, pesada e oleosa, espalha ainda uma mysteriosa claridade, que tremula no espaço. Formigam á su-

perficie seres escuros, que rugem entre as vagas, dentro das ligeiras pirogas, ou de troncos d'arvores ôcos, uma multidão nua que deslisa, que se colla ao costado do navio com um ruido ensurdecedor. Mas, repentinamente, em dois minutos, tudo isto desapparece nas sombras da noite, d'uma noite impenetravel, suffocante, que a chuva pesada, a chuva violenta e quente, acaba de completar.

*
* *

Uma escuridão assás espessa, impede de vêr cousa alguma em terra. Além mais, á claridade do gaz, adivinho largas alamedas, direitas, abertas na terra vermelha, bordadas por grandes jardins e frondosas palmeiras. O calor, que no mar é insupportavel, torna-se aqui asphyxiante.

A atmosphera immovel, impregnada do aroma estonteador de flores invisiveis, paira pesada, sobre a cidade muda. Indigenas descalços passam, mui velozes, silenciosamente, envoltos em suas brancas e estreitas vestes, roçam-nos ao de leve e desapparecem... Um mundo inteiramente novo, completamente differente do Oriente, do Egypto. Sentimo-nos realmente bem distantes, immersos no silencio d'esta noite extranha, no meio d'estes perfumes densos, n'esta temperatura enervante...

O *Oriental Hotel* é um edificio vasto e confortavel. A proprietaria, uma ingleza assás correcta, installou-me, dando aos creados ordens breves, que elles acolhiam com mudos signaes de assentimento. O quarto que me coube é grande e caiado; nenhum outro movel alem de um leito pequeno de ferro, coberto por um mosquiteiro, e um fauteuil bastante baixo, de palha fresca, onde nos abandonamos, exanimes, durante as horas longas e silenciosas. No tecto ha uma mancha de fórma exquisita: é um pequeno lagarto immovel; depois, dois ou tres d'estes reptis, tranquillos, a espreitarem-me com os seus olhos vivissimos.

Nos extensos corredores andam nuvens de creados bengalenses e chinguleses, franzinos. de expressão meiga, que, com timidos gestos, deslisam, sem ruido, diante dos graves e corpulentos europeus, diante dos inglezes musculosos e impassiveis, que, em trajo de soirée, de relusentes peitilhos e ademanes altivos de creaturas superiores, vão entrando na vasta salla de jantar.

É magnifica esta salla, completamente cheia de viajantes europeus, que põem negras manchas na alvura da multidão asiatica. Traz-nos á idéa um enorme bufete estabelecido no entroncamento das estradas principaes da terra. A estas mesas encontram-se viajantes sahidos de pontos do globo diametralmente oppostos... passageiros do *Paramatt,* que parte ámanhã para a Australia e Nova Zelandia, militares francezes, vindos no *Calédonien,* que seguem á noute n'este navio, para Singapura e Saigon, chinas que vão visitar a Europa, *Civilians* inglezes, que vão administrar a India.

Na minha frente, quatro compatriotas, ricos burguezes, fatigados da Suissa e da Escocia, vão dar uma volta pelo Japão. Parisienses de origem e de raça, passeiantes do boulevard; assignantes do *Figaro,* frequentadores assiduos do *Palais-Royal,* admiradores de M. Sarcey, republicanos e liberaes da escola de M. Thiers, um, membro de varias sociedades litterarias, e todos, genuinos productos typicos da educação franceza, do lyceu, da faculdade de direito e do boulevard. Entre elles, dois cultivavam a litteratura e a philosophia: a philosophia de Victor Hugo e de M. Paul Bert.

E, alem de tudo isto, uma *verve* um tanto amarga mas brilhante, um espirito lucido, porém visivelmente transtornado com a presença d'uma sociedade que parece poder muito bem dispensar Paris. Portanto, facil nos foi travarmos conhecimento, empenhando-nos logo n'uma discussão, singularmente interessante n'este meio; primeiramente sobre as leis escolares, depois a proposito de M. Wolf, e,

finalmente, a respeito d'um chronista do *Gil Blas*. Eil-os, agil o gesto e facil a palavra, expressão ardente e animada, ao lado de inglezes polidos e graciosos chingulezes, agradavelmente excitados; um d'elles, mais á vontade, mais expansivo, mais fogoso, mais naturalmente feliz, jovial e communicativo, grita: «Venham vinhos generosos!» E o champagne serve-se, em grandes taças. Duzentos convivas tomam parte no festim. Os enormes *punkahs* agitam-se lentamente com um movimento regular e amplo, destacando-se, vermelhos, na alvura das vastas paredes caiadas.

Sobre as toalhas resplandecentes, ha uma profusão de flores côr de sangue e em volta de nós agita-se uma multidão de criadas chingulezas, muito graves e amaveis, com o seu pente de tartaruga loira posto no alto do penteado, melancholicas, envoltas em tenues vestes brancas, mudas, passando sem ruido, com os pés núus, por entre as mesas floridas, replectas de commensaes.

II

Pela manhã atravessámos a cidade, extranha cidade onde só se vê verdura e onde as plantas occultam as habitações. O ar é humido e muito quente, intimamente penetrado por uma luz frouxa.

As ruas são as alamedas d'um grande jardim tropical. As palmeiras, os fétos, o ébano, o sandalo, a cannella, a camphora, o annanás, as plantas de succos violentos, as flores preciosas, encontram aqui a sua mansão predilecta, aqui desabrocham e se desenvolvem á vontade, e de toda esta vida vegetal se exhala, por toda a parte, o mesmo perfume activo que atordoa. Imagina-se que o verão n'estas regiões é interminavel, que sem cessar, todos os mezes, a frondosa folhagem sombria dos grandes coqueiros, protege uma pro-

fusa camada nova dos seus pesados fructos, que no intimo d'esta terra vermelha ha um labor incessante que faz sempre crescer e brotar estas flores enormes que por toda a parte pullulam, e conserva o mesmo esplendor ás plantas virentes e flexiveis. Todas as hastes ondeiam e se enlaçam, nada ha n'esta vegetação que lembre o crescer regular e lento das nossas arvores da Europa. Os coqueiros possuem a formosura e a flacidez das grandes ervas, assemelham-se a enormes gramineas, frageis e brandas, tnmidas de seiva, que houvessem crescido desmesuradamente, em uma noite ardente de junho. Alguns enlaçam-se a grande altura, surgem acima dos macissos copados de todos os outros, depois curvam-se, flexiveis, em arco esbelto e elegante, com suas soberbas palmas a desabrochar amplamente, na tepidez do ether.

E a estrada rubra alonga-se por dentro de montões de palmas pendidas, massas de vegetação sombria, onde as laminas vegetaes, que d'ellas irrompem, põem scintillações de esmeraldas.

De espaço a espaço, há grandes tanques de agua escura, agua invisivel, tal é a densidade da vegetação circumdante que ahi se reflecte com toda a intensidade e precisão. O *lotus* roseo desabrochando em fitas, á superficie tranquilla, não parece mais real do que a nitida imagem das palmas, que ahi se miram.

N'um e n'outro ponto alveja ao fundo de um jardim fabuloso uma vivenda nobre, coroada de coqueiros, com galerias, varandas, balaustradas, escadarias carregadas de flores primorosas. Timidos e debeis, raça delicada e branda, com os seus compridos cabellos de ébano, longos cabellos femininos, raça enlanguescida pelo verão perpetuo, pela eterna luz humida, os chingulezes, vão, lentamente, revelando em sua physionomia séria e placida, extraordinariamente exotica, a existencia de uma alma desconhecida, a alma que anima esse mundo tão afastado do nosso.

*

* *

Tomei logar no comboio de Kandy e fiz, durante a viagem, conhecimento com um *gentleman* chingulez. Mui civilisado este *gentleman*, assaz correcto em seu jaquetão de *tweed*, capaz de fazer inveja a um *masher* de Londres, uma flor de gardenia adorna-lhe a botoeira. E' pena que em vez de calças, tenha as pernas mettidas n'uma estreita bainha de tecido branco. A physionomia é quasi européa, dir-se-hia um italiano afeminado e trigueiro. Os traços physionomicos são osseos e salientes, e a barba dura e luzidia, em bellos caracoes negros.

Depois de um quarto de hora de silencio entabolou-se o cavaco, tal como succederia n'uma carruagem de um dos nossos comboios; offereceu-me phosphoros e notou que fazia muito calor. Duas palavras ácerca da temperatura, é, em paiz inglez, o introito previo e indispensavel, pelo qual os seres humanos entram em communicação. Depois, em termos mui concisos, elucida-me ácêrca da população da ilha, da sua administração e religião. A' medida que o homem falla, eu noto-lhe a accentuação pronunciada do cunho britanico; fala o inglez com singular pureza, não se lhe notando accento algum particular. E' christão, advogado, membro do conselho legislativo. A sua desdenhosa compaixão pela «ignorancia e idolatria» do pobre camponio chingulez, é digna de um colono inglez. «Mas, diz elle, dentro de cincoenta annos tudo isso estará muito mudado. — os caminhos de ferro teem já feito muito bem, diante d'elles recúa a parte selvagem do paiz. Queriamos fundar em Colombo uma grande universidade, como a de Bombaim e de Benarés, e, mais tarde, quando o merecermos, possuir tambem o nosso parlamento, uma assembléa nacional eleita por um suffragio gradual; tudo isto, é claro, pouco a pouco e sem

nos separarmos do grande imperio Britannico, da Inglaterra, a quem devemos a nossa entrada no mundo civilisado»

Disse-me tambem que era «aryano»; o que é para elle tão corrente e claro como eu ser francez, por conseguinte julga-se egual a qualquer europeu, e é realmente superior a muitos europeus.

E' comtudo excessivamente inglez; mui claramente se vê que o inglez é, na sua opinião, o modelo ideal da humanidade. Uma copia tão perfeita não é natural. E depois, todo este estendal de presumpções d'europeu briga-lhe com a saia branca e com certos laivos asiaticos da physionomia.

E' por esta mesma rasão que preferimos um China de trança e saia azul, ao japonez de frak e chapéu de côco. Suspeita-se da admiravel facilidade com que nos imitam, os individuos de pelle amarella ou de pelle negra, e pergunta-se se tal imitação irá além da superficie, se o intimo não se conservaria, mysteriosamente, mongol ou negro. Este, com certeza, faz espantosas diligencias para conseguir imitar o seu modelo predilecto, como se vê pela frieza do trato, pelo empertigado do porte, e até no gesto pausado e indolente com que tira um cigarro egypcio da sua cigarreira de tartaruga loura.

*

* *

E' singular este pequeno caminho de ferro com o qual conta o meu amigo advogado levar a civilisação ao mais embrenhado das florestas de coqueiros; um lindo brinquedo de creança, um rico caminho de ferro de bonecos, que não deve perturbar muito a eterna vegetação equatorial.

A machina não se alimenta do sordido carvão negro, que nós usamos, mas sim de madeiras odoriferas. Deslisamos por debaixo das enormes arvores, cuja folhagem ampla

forma uma abobada de verdura sobre a linha. Ha estações encantadoras, que apenas dão uma pallida idéa das gares francezas, pequenas cabanas cobertas de flores, trepadeiras azues e cor de rosa, occultas sob um docel verdejante. Nem um bufete, mas, em compensação, mancebos esbeltos e bronzeados, com trajos de vivas côres, estendem-nos, sorrindo, cestos cheios de ananazes, de mangas; de grandes bananas em cachos rosados, ou côcos novos amarellos, que elles abrem promptamente, com tres golpes de machado, para se beber a agua fresca e perfumada.

Corremos através de um paiz baixo e humido, sob uma interminavel floresta pantanosa. Este terreno é formado por uma lama vegetal, que sem descanço gera florestas de enormes arvores primitivas e selvagens. A luz não pode passar através d'esta vegetação compacta, o verde sombrio da folhagem espessa reflecte-se na negrura dos charcos mornos. Entre os troncos apertados, o ar triste dorme pesadamente.

Com as raizes na agua tepida e a copa exposta ao fogo do sol, estas arvores brotam no meio de um tapete de grandes fetos emmaranhados, estreitados por cipós verdes. Adivinha-se, no meio d'esta luxuriante vegetação, o denso zumbido, a agitação furiosa de myriades de insectos, a vida violenta e simples das primitivas epochas geologicas, quando após as grandes chuvas, os seres organisados sahiam da terra flacida ao appello do sol torrido.

*

* *

Atravessamos o Kelanya-Ganga, um rio muitissimo assombreado, que corre entre altos bambus verdes; começa a subida e, quasi repentinamente, a paizagem muda.

Sahe-se finalmente da enfadonha floresta virgem e entra-se n'um jardim silvestre, interrompido por frescos arrosaes, constellado de flores — as flores odoriferas do *Champak* e frangipana—um jardim de delicias onde os rochedos descançam reclinados em cochins de gigantescos fetos ondulantes, onde as pequenas choças cobertas de musgo, desapparecem sob as abobadas verdejantes da vegetação chinguleza, um Eden onde o periquito que esvoaça rasga nos ares uma nesga de luz, onde as grandes borboletas semelham chammas saltitantes, irrequietas, onde as arvores estão carregadas de fructos de ouro, onde os palmares altivos e resplandecentes põem matizes de esmeralda nos campos de saphira do firmamento. Algumas vezes distinguem-se os caminhos como fitas vermelhas correndo sobre flores, e sente-se um tepido aroma, um aroma similhante ao que sahe de uma estufa, onde vegetam plantas exoticas a exhalar-se do solo purpureo.

Quasi ao nosso lado, semi-occultos por um biombo de cipós, duas enormes moles escuras, foscas como sombrios rochedos, movem-se pesadamente: são dois elephantes. Pacificos, imperturbaveis, com as formidaveis cabeças pendentes, varrem a terra com as longas trombas cahidas, e, espalmando as largas patas na fofa areia vermelha, caminham pausadamente, passando como que adormecidos, a embalar, com um movimento monotono, os seus cornacas, adormecidos tambem.

Porque será que tanto nos impressionou a repentina apparição d'estes monstros na frondosa payzagem d'esta natureza equatorial? É porque elles estão em sua casa no meio d'estas florestas densas, é porque se sabe que além, por detraz das montanhas, seus irmãos vivem ainda em plena liberdade, é porque elles fazem parte d'este mundo, é porque são a manifestação viva d'esta natureza, como o são tambem estes coqueiros.

Subimos sempre, agora agarrados aos flancos dos rochedos para tornear precipicios. N'esta altura a vegetação

é menos impetuosa e o homem pode luctar com ella; as plantações de café e cacau começam a apparecer. D'aqui domina-se um vasto circulo, situado abaixo de nós milhares de pés, atapetado de fétos e palmeiras, um circulo nebuloso, um valle sombrio que atravessa metade da ilha, prolongando-se até Colombo. No fundo escuro, sempre as mesmas florestas silvestres e humidas, as impenetraveis florestas tenebrosas, d'onde sóbe um mysterioso rumor de vida. Mas além, do outro lado do valle, as montanhas chingulezas elevam para o céu os pedregosos pincaros, nús, expostos ao sol abrazador, victoriosos, finalmente libertos do peso de tanta vegetação.

III

Eis-nos em Kandy, a antiga cidade indigena, a antiga capital dos monarchas chingulezes. Os reis chingulezes. . Singular encanto o d'estas palavras que me fazem idealisar um reino de fadas paradoxal e delicioso, uma pequenina côrte phantastica, como um sonho poetico... O velho palacio está além, junto á margem d'um lago escuro, debaixo das grandes palmeiras.

Em toda a volta da pequena cidade, adormecida ao pé da vertente de suaves collinas, as alegres alamedas serpenteiam entre flôres.

Proximo do palacio, á beira do sombrio lago, onde os cysnes admiram o esplendor da brilhante plumagem, ergue-se um templo budhista, um velho templo exquisito, d'architectura um tanto chineza, com os tectos conicos, os pavilhões bojudos, as balaustradas de esmerada execução, as portas guardadas por monstros, um monumento extra-

vagante, irregular, destacando-se pela alvura no denso massiço verdejante.

Porque me custará tanto a persuadir de que isto seja um templo? Á primeira vista percebe-se que uma mesquita egypcia é um logar sagrado. Mas o mundo semitico está proximo do nosso e como que o penetrou, emquanto que nós estamos completamente separados, e sempre estaremos, d'essa raça, cujo estado habitual da alma nos é impossivel comprehender por sympathia ou descobrir por qualquer fórma, d'essa raça singular que se perpetua debaixo d'estes palmares gigantescos, e na qual as vagas aspirações se manifestam n'estas architecturas e se exprimem por offertas quotidianas de flôres ao sorridente Budha.

D'onde vêm e que significam os tres monstros inquietadores, que sobre o portico fazem tão extranhas visagens?

Em que sonham estes monges, que todo o santo dia vagueiam nos marmoreos atrios? Com a cabeça rapada, os pés nús e nú o braço, que sahe do grande panno amarello em que se envolvem, deslisam pelos corredores. Eis que passam cinco ou seis, sem ruido, afugentando as sombras interiores com os reflexos suaves de seus vestidos alaranjados. E elles sorriem mysteriosamente, com um sorriso grave, d'uma inexpremivel doçura...

Conduz-me, o religioso que me guia, ao grande pateo central, junto da figueira sagrada que dá a santidade ao mosteiro. É uma vergontea da arvore Bo, que protegeu durante cinco annos a meditação do divino Çakya-Mouni. O religioso offerece-me uma folha, inclinando-se lentamente; julguei n'este momento poder penetrar a expressão d'aquella face pallida de frugivoro, delicado e immovel, de saliente fronte, labios intelligentes e unidos, e sempre o mesmo entre-sorrir tão austero e tão sereno.

Elles vagueiam silenciosos entre as flôres eternas, á sombra dos gigantescos bambús, sustentados pela esmola d'alguns grãos de arroz, ou meditam á fresca sombra do mar-

more dos corredores, aos pés da imagem tranquilla do grande Budha, inteiramente differentes dos homens que, n'este momento, de olhar inquieto e fronte enrugada, se atropellam no meio dos nevoeiros de Broad-Street, ou sobre a calçada escorregadia das ruas de Paris.

(Continúa.)

André **CHEVRILLON.**

MANEIRAS DE VIAJAR

Saio de Paris. O wagon, ou seja de primeira classe ou *sleeping-car*, vae cheio. Viajantes de differentes aspectos e seguramente de diversas condições, todos muito asseiados, muito sérios. Cada um d'elles traz um masso de periodicos e um livro.

Separam-me da fronteira hespanhola dezeseis mortaes horas. Pensar que as hei de passar sem falar é pensar um despropósito. Algum dos meus companheiros de viagem deve ser communicativo...

Sel-o-ha aquelle sujeito d'aspecto militar? Ha de andar pelos vinte e cinco annos. N'essa edade o homem é expansivo. Dirigir-lhe-hei a palavra com um pretexto qualquer...

Lê. E lê durante a primeira hora, e a segunda, e a terceira... Mal me responde se o incommoda o fumo. Uma tal pergunta a um homem? dirão. Oh, sim! Em França ha cavalheiros que protestam quando se fuma; os regulamentos cumprem-se á risca e para os fumadores lá está a carruagem que lhes é destinada.

Parece que não inspiro sympathia ao meu homem. Talvez o viajante que está em frente de mim e que tambem

lê, mas que de quando em quando interrompe a leitura, deseje distrahir-se... Pergunto-lhe qualquer coisa. Responde *sim* ou *não* e nada mais. Offereço-lhe um charuto. Agradece com um movimento de cabeça negativo. Que vá para o diabo o grosseirão!

Com as duas senhoras que tambem vão no compartimento nem sequer penso em tentar uma troca de phrases. Viajam juntas. Levamos quatro horas de jornada e ainda não disseram palavra uma á outra. Lêem; quando uma se farta d'um jornal passa-o á outra ou pega n'um livro.

O outro viajante fuma e diverte-se a seguir o fumo pelo intervallo da vidraça meio cerrada, e alterna entre cigarro e cabeçada. Este nem ao menos se digna lançar um olhar aos seus companheiros. Contempla a paisagem ou encosta a cabeça ao canto e fecha os olhos.

E assim decorrem seis horas e a noite e as primeiras horas da manhã...

Que desespero! Faço o trajecto quasi todos os mezes e succede-me isto invariavelmente. Os meus companheiros são sempre sujeitos que lêem ou olham para o caminho. Nenhuma corrente sympathica se estabelece entre mim e elles. Pelo contrario, creio que no fim da viagem nos odiamos.

Devem pensar:

— Que pena que as *convenances* francezas inhibam pessoas que se não conhecem de se dirigirem a palavra! E, no fim de contas, é bem entendido. Quem me diz a mim que este viajante não seja um bandido? Pois não estamos nós todos os dias a ouvir historias de roubos e de assassinios em wagon?

Deve-se pensar isto ou alguma coisa parecida, porque tenho notado que o viajante em França encara o seu companheiro de carruagem com certo desdem misturado de desconfiança.

E lêem, lêem, lêem! E assim vamos ganhando kilome-

tros e contando todas as horas que nos separam do momento de nos apearmos...

Quando alguem fica n'uma estação do caminho, cumprimenta sem dizer palavra e desapparece. Então nota-se nos que ficam um gesto de satisfação, porque passam a dispôr de mais espaço para se mecherem. Estendem-se na almofada e entregam-se de novo á leitura. Mas a leitura acaba-se. Até o proprio *Times* se exgota, depois de se ter lido durante o dia inteiro. A reserva e o isolamento de relações geraes em que vive todo o francez, converte os viajantes em transportados por mandado da auctoridade. Parece que vamos todos presos... mas qual! vi comboios de condemnados que iam cantando.

Não tarda que acabe a desagradavel situação de não ter uma pessoa para onde olhar nem o que dizer. Já o sol da manhã vae subindo, subindo, e já ao longe se divisam os Pyreneus... É quasi meio dia. Passamos Bordeus, Dax, Bayonna, Biarritz e estamos em Hendaya; transpomos a ponte internacional e vemos soldados hespanhoes. — Irúuuun! Sessenta minutos de demora! — Aaaah!

Como se a alma fôra um relogio e a lingua a corda, entramos de falar com toda a gente, a perguntar por qualquer coisa pelo prazer d'ouvir a resposta, e de a ouvir na lingua patria, e temos fé em Deus que d'aqui até Madrid nos desforraremos do passado silencio, e desapparecerão as teias d'aranha que se nos tinham formado nos labios...

— Ha logar aqui? — diz um passageiro carregado de bengallas e de mantas, abrindo a portinhola. — E a este seguem-se outros dois, marido e mulher, ambos gordos e contentes de o serem, porque sobem, rindo da difficuldade com que o fazem.

Após esses, entra um tenente da guarda civil, de botas e esporas, capote, espada, uma manta enrolada em outra espada, uma caixa de charutos, uma garrafa embrulhada n'um papel, e uma gaiola com um periquito. E atraz d'elle trepa ao wagon um guipuzcoano, de jaqueta e boina azul,

das pequenas e conchegadas, o qual traz duas malas maiores do que o compartimento e que elle colloca no meio para que ninguem possa mecher-se. E logo sobe um cura em trajo secular, de cara azul á força de a barbear, de volta oleosa, de enorme sobrecasaca, chapéu de palha côr de café, d'abas á maneira de guarda-sol, com um bom charuto do Estado nos labios e um cartucho de bolachas na mão.

E todos falam ao mesmo tempo, rindo, pedindo licença para collocar coisas, entrando e sahindo mil vezes antes da partida, gritando da carruagem aos amigos que ficam, fumando, tossindo, e rompendo desde o primeiro momento o gelo da conversação. Jornaes? Livros? Não ha nada d'isso. Só o cura traz na algibeira do casacão um numero de *La Lidia*, collocado de modo que a cabeça de *Espartero* assoma como que para nos dar os bons dias.

Já não ha modo de a gente se aborrecer, porque, quando soa o signal da partida já somos todos uma mesma familia.

— Os senhores são servidos? — pergunta o tenente, tirando um pãosinho partido ao meio, de dentro do qual sae um palmo de linguiça.

— Vae um cigarro? — diz o da boina.

— Obrigado.

— Fume *usté pues*, homem?

E fumamos *pues*.

A senhora gorda tira as botas e calça os seus bons sapatos de liga, dizendo que em viagem ha que desculpar. O marido fala de politica e ao passar por cada povoação do paiz vasco vocifera improperios contra os *corcundas* e a guerra que moveram.—E que hão de mover! — accrescenta o cura, mettendo na bocca uma bolacha inteira — porque n'este compartimento toda a gente come e vae prevenida como para um sitio.

O viajante que entra primeiro, que é catalão e vem de fazer as suas compras em Paris fala do mal que vão os negocios. O gordo diz que quem tem culpa d'isso é o go-

verno. O militar opina que o que falta é segurança e o vasco diz-lhe que tem rasão *pues*.

E assim vamos todos abrindo o coração e a boeca, e quando em Miranda descemos para jantar já somos todos amigos e discutimos e estamos a ponto de nos pegar porque todos queremos pagar a despeza do visinho, agarrando-nos as mãos para as não deixar chegar á algibeira. —Ha de me dar licença! —Faça-me favor! —Nada, não consinto! —Para a outra vez pagará o senhor! —Tenha paciencia. —Quasi que sahimos do bufete malquistados uns com os outros.

Na plataforma garotos vendem bilhetes de loteria e o cura propõe que compremos um, entre todos. Então e quando o comboio se põe em movimento, contam-se mil anecdotas de premios *gordos*, e de numeros sonhados, e de bilhetes de combinação, e de pessoas que nascem n'um folle, e de não se terem apanhado vinte mil duros por um ponto.

E eu, que tenho o meu leito reservado no *sleeping* e que me metti no wagon para ter um regabofe de cavaco e de intimidade patriotica, deixo correr as horas, encantado de ouvir toda aquella gente.

O vasco puxou d'um baralho de cartas e põe-se a jogar o *mus* com o cura.—Convido!—Acceito!—*Órdago* grande: —Com que então sae-se-me com *órdago, pues?* – Em estando com ella nem Deus pode commigo!

O tenente resona de modo a abafar o barulho do comboio e o casal de gordos embrulhou-se n'uma manta. A' meia noute toda aquella gente dorme e ronca e eu vou-me chegando para o pantheon de familia com honras de wagon-cama, onde já o empregado está dispondo os quatro leitos de dôr onde quatro viajantes mudos havemos de passar a noute.

Só de vêr os meus companheiros que, de pé no corredor, aguardam que as camas estejam feitas, olhando para a parede com cara de poucos amigos, fico sabendo que

são extrangeiros. Dois inglezes e um allemão! Acabou-se toda a expansão e a troca de phrases cordeaes. É dormir e calar, e esperar que chegue o dia para ler e para nos olharmos de revez.

Oh, não! Logo de manhã invadirei um wagon qualquer, onde por certo encontrarei conversação e boa harmonia, e talvez o principio d'uma amisade que durará annos;— porque entre a maneira de viajar de Hespanha e as dos outros paizes ha esta differença.

Vê a gente no boulevard, em Paris, ou na *Puerta del Sol*, em Madrid, um individuo que passa junto de nós e diz comsigo: Este é aquelle urso que ha dois annos foi meu companheiro de viagem.

Encontramos na *Puerta del Sol* ou no boulevard a outro individuo que, mal nos avista, abre os braços e se dirige para nós exclamando:—Meu querido amigo! Como vae isso?

Quando tornamos a fazer outra viagem tão divertida como aquella nossa? Vamos jantar de companhia?

O primeiro é o viajante da civilisação. O segundo é o companheiro de jornada que se tornou talvez em amigo sincero.

Eusebio BLASCO.

A VIDA PRIVADA DE MIGUEL TEISSIER

(Continuação)

III

Mas não tardava que tambem essa consolação lhe fugisse: «São felizes, apesar de tudo!...» pensava. E lançava-se desesperadamente na idéa suprema do fim, sempre presente na nossa imaginação para nos arrastar da paz ao terror, para nos arrancar o que nos é caro e reconciliar-nos com as nossas dores passageiras. «Mas isto não ha de durar sempre!...» Então imaginava Miguel voltando para ella depois de alguma decepção suprema, humilhado, desanimado, ferido, o confessando-lhe tudo. E ella, ora lhe dizia brandamente: «Ha muito tempo que o sabia: perdôo-te.» Ora o repellia para o vèr tambem soffrer, só e miseravel: «Quizeste-o, a culpa foi tua: expia!... O que posso eu fazer-te? O meu coração está morto, foste tu que o mataste!...»

Sim, na banalidade dos seus habitos, na regularidade da vida diaria, tratando dos seus deveres de dona de casa, recebendo visitas, ouvindo-as, respondendo-lhes, fóra da casa, no theatro, conchegando a roupa da cama ás filhas,

ou rindo com ellas, Suzanna pensava todas estas cousas e ainda outras, mais loucas, mais crueis, mais risonhas. Quem seria capaz de ler-lh'as sob a limpidez do olhar e a serenidade da fronte? Para isso era necessaria a vista penetrante do amor, e Miguel já não a amava!... Comtudo, ás vezes, quando um pensamento triste a levava para muito longe e a immobilisava em attitudes que trahiam o soffrimento, sentia-se despertar meigamente: era Annie que lhe pegava na mão, perguntando-lhe, com a sua voz mais carinhosa:

— O que tem, mamã?...

Ou então era Lourença que se punha nos bicos dos pés para lhe chegar aos labios.

Parecia que podiam continuar assim por muito tempo. Porque não? E porque foi que a tempestade rebentou um dia, bruscamente, sem causa directa?

Teissier tivera uma semana terrivel na Camara. Estava-se em plena discussão do orçamento. Houve um instante em que, a proposito do orçamento dos cultos, parecera imminente a queda do ministerio. Mas a maioria jacobina vencera ainda: depois de uma batalha de tres dias, cheia de peripecias inesperadas, os ataques da liga das forças conservadoras tinham sido repellidos por uma fraca maioria. Miguel estivera sempre em campo, sem uma hora de descanço, desenvolvendo tanta actividade, tanta energia, como se o seu espirito estivesse todo n'aquelle debate, tremendo com a idéa de que o successo da sua tactica talvez lhe valesse novos cargos, os do poder, talvez, cargos que o absorveriam, roubando-lhe mais alguns dos seus raros minutos de felicidade. Preoccupado, nervoso, inquieto; dominava este receio, luctava com todo o esforço da sua vontade. E, entre os que o observavam no enthusiasmo da refrega, apenas Suzanna adivinhava que aquellas grandes cousas que elle discutia com a sua voz poderosa, com os seus gestos dominadores, mal conseguiam distrahil-o; que o orçamento, o ministerio, a victoria ou a

derrota do seu partido o interessavam bem pouco; que se lançava com ardor na lucta unicamente para adormecer a dôr, sempre presente; que, emfim, mesmo em plena crise, mesmo no meio das paixões desencadeadas que rugiam em torno d'elle, como os vendavaes á roda do mastro de um navio, pensava n'Ella, sempre n'Ella, só n'Ella.

No sabbado, depois do ultimo esforço e da derrota, Miguel entrou em casa satisfeito por ter cumprido o seu dever até ao fim e alliviado por não ter vencido, sem que devesse accusar-se de fraqueza. Além d'isso, estava exhausto de fadiga, incapaz de pensar em alguma cousa, sem outra sensação que não fosse a do descanço que vae começar. As creanças estavam na saleta, com a mãe. Elle beijou Annie quasi alegremente, sentou Lourença nos joelhos e exclamou, brincando com os cabellos esmaltados da pequenita:

— Ui!... está acabado! já era tempo!... Agora tenho a noite toda para dormir e amanhã, descanço!...

Suzanna respondeu friamente:

— Deves estar precisado...

Houve um instante de silencio, que Miguel interrompeu, continuando, com desembaraço:

— A proposito, encontrei Branca, ainda agora, e pedi-lhe que viesse passar o domingo comnosco.

Estes convites eram frequentes antes de Suzanna estar ao facto de tudo. Mesmo depois de saber, ainda os supportava. Porque foi então que, n'esse dia, não poude conter uma revolta? Annie, que gostava muito de Branca, já batia as palmas. Uma especie de grito, um: — Não quero! brutal, sahiu dos labios de Suzanna, talvez involuntario, inconsciente. Mal o deixou escapar, comprehendeu-lhe todo o sentido. Mandou as creanças embora, muito depressa, dizendo-lhes que eram horas de jantar; e, ficando só com o marido, esperou.

— O que? não queres? interrogou Miguel diligenciando

tomar uns ares surprehendidos e dominar a grande commoção que sentia. Porque? O que ha então de novo?

Ella ergueu-se e caminhou de encontro a elle:

— O que ha? respondeu ella com voz vibrante, medindo-o com o olhar. Perguntas-me o que ha!...

A ruga que lhe vincava a testa, a pallidez que a cobria, a expressão alterada do seu rosto onde brilhou um relampago de odio, fizeram comprehender a Miguel que soara a hora temida. Então, reunindo todas as suas forças, replicou, com voz firme, continuando instinctivamente a tactica da mentira, que era a unica que se lhe apresentava ao espirito:

— Não percebo o que queres dizer...

Ella impediu-o de continuar:

— Não digas nada... Mentias... e era inutil; sei tudo!

Elle tentou resistir-lhe.

— Tudo!... Mas se não ha nada!... Nada, juro-te!...

Ella interrompeu-o de novo:

— Cala-te!... Eu vi-os!... Oh! já ha muito tempo!... No dia da visita de Mondet!... Ella estava aqui, n'esta poltrona... Tu, ajoelhado aos pés d'ella, beijavas-lhe a mão, dizias-lhe cousas... Eu abri a porta, vi-os, fui-me embora... Não me sentiram... Tinham esquecido tudo... E estavam a dois passos de mim, a dois passos das creanças...

Miguel empallidecia emquanto ella falava. Não havia mentira possivel contra aquella prova tão clara. Comprehendeu-o e tentou outra defeza:

— Descança! disse elle, já não minto!... Tenho mentido de mais, e bastante me custava ... Mas não me censures, era por tua causa ...

Suzanna quiz protestar; elle fel-a calar, por sua vez, com um gesto, e continuou:

—... Era para evitar, emquanto fosse possivel, que soffresses por causa de uma desgraça... Sim, uma desgraça com a qual não podemos luctar, de maneira nenhuma...

Mentimos em attenção a ti, repito... E não é o unico sacrificio que te temos feito... Ama-nos, sim, mas é tudo, percebes?... Comprehendemos ambos que nunca poderiamos ser um do outro...

Suzanna teve um riso ironico.

— Não és amante d'ella? exclamou; é o que queres dizer com essas palavras, não é verdade?... Mas que me importa isso?... Eu preferia mil vezes que ella fosse tua amante: amal-a-hias menos!... Ah! se é essa a tua unica defeza!... Crê o que te digo, não procures justificar-te nem desculpar-te, sobre tudo; é impossivel... Se queres, não falemos mais n'isto... Dize-me apenas o que tencionas fazer... Porque, emfim, comprehendes que chegou a occasião de acabar com isto... As forças humanas teem limites, tenho soffrido muito, não posso mais!... Agora é a tua vez!...

E deixou-se cahir na poltrona, com a cabeça entre as mãos, emquanto Miguel percorria a saleta a passos agitados:

— Farei o que quizeres, Suzanna, disse elle afinal, sentando-se defronte de sua mulher.

Ella fitou-o, desconfiada:

— Sim, continuou elle, farei o que quizeres... Tu soffres; se soubesses como isso me afflige!... Pobre querida, julgas que não pensei muitas vezes no momento em que saberias tudo, e qne não senti antecipadamente todas estas angustias!... Ah! se é da minha felicidade que tens ciumes, socega! Não a tenho nem a tive nunca!... Ha mezes que vivo em tormentos continuos de coração e de consciencia, que me desprezo, que me odeio, que vivo desesperado... e que tremo pensando n'esta ultima dôr de te ver soffrer tambem, por mim, por minha culpa... e sem que eu possa evital-o!...

A estas ultimas palavras, Suzanna encolheu os hombros:

— Sem que possas evital-o! repetiu ella com amargura... E' isso: não posso, a desculpa dos cobardes.. Êm

primeiro logar, parece-me que podias não a ter amado... ou, pelo menos, pensar a tempo, deixar de vel-a, evital-a... Era o que terias feito, com certeza, se pensasses em mim. Mas tu julgavas-me mais cega do que sou, e deixavas-te ir na corrente, dizendo comtigo mesmo, para tranquillisares a consciencia a teu modo: «Mentir-lhe-hei, ella não saberá cousa nenhuma, é o que é preciso!...» Pois bem! os teus calculos eram errados, meu caro: sei tudo; portanto, agora trata-se de tomar um partido...

Vendo que Miguel se calava, continuou:

— Sim, um partido... Não sabes qual?... Já pensaste tambem n'isso?... Pensaste no que irias propor-me, no momento em que estamos? Não?... Contavas com a minha bondade, com a minha fraqueza, de certo?... Mas eu não quero ser fraca... Ha algumas semanas que vivo com a mesma idéa, a mesma dôr, a mesma obsessão... Pois isso mudou-me!... Já não sou boa nem quero sel-o... Quero que os outros tambem soffram por minha causa... Está tudo acabado, e bem acabado, crê!... Não podemos continuar a viver juntos, tu com as tuas mentiras, eu com o meu soffrimento... Não podemos... Por consequencia, acceitemos os factos como elles são, separemo-nos!...

Miguel, que começara, de novo, a andar com agitação, parou defronte d'ella:

— E' impossivel! exclamou, bem sabes que estás a dizer loucuras!

— Ah! sim, replicou Suzanna com ironia, a tua posição. o teu partido, o teu mandato, o teu papel, emfim, o teu papel de grande homem honrado!... Deve-se pensar n'isso, effectivamente!... Mas eu não penso nem me importo!...

— Nem eu tambem, ainda que julgues o contrario... Não é nada d'isso que me prende... No que eu penso é nas creanças, Suzanna, e em ti...

— Em mim?... oh! eu tenho agora alguma importancia, porventura?

— Então não és minha mulher, Suzanna? a minha vida,

a minha mocidade, a affeição que os annos me arraigaram no coração...

Ella interrompeu-o com um sarcasmo:

— Vê lá!... Parece-me que vaes dizer que me amas!...

E accrescentou, furiosamente:

— Embusteiro!...

Miguel, porém, replicou, em tom extremamente brando:

— Sim, podia dizer que te amo, e não mentia... Não te amo como tu querias ser amada, mas amo-te de outra maneira. E tu sabel-o perfeitamente... Sabes que entre nós existe um laço que nada pode quebrar... O que é esse laço, não é a affeição mais solida, mais querida?... Sim, amo-te, Suzanna, apesar da minha falta, apesar do que acabas de dizer-me, apesar de tudo, emfim!...

Ella escutava-o e sentia renascer-lhe a esperança; uma d'estas esperanças loucas que resistem á evidencia.

— Não amas a outra, visto isso?... exclamou ella. Dize-me que não a amas, que nunca a amaste, e acreditar-te-hei... Dize-me que era um capricho, que passou, que está acabado...

Supplicava, quasi, muito fraca, com a necessidade bem feminina de ser tranquillisada, fosse como fosee, e de escapar, mesmo com o auxilio de nova mentira, á logica da sua situação.

— Não, disse Miguel em tom gravemente triste, não posso dizer-te nada d'isso... Soou a hora da verdade; deve ser completa... Amo-a tambem, a ella...

Suzanna ergueu a cabeça:

— Ah! comprehendo! exclamou ironicamente, para mim a affeição, para ella, o amor... Obrigada pelo quinhão; é justo!

Houve um longo silencio cheio de pensamentos inexprimidos. Depois, Teissier continuou, lentamente, com esforço:

— Comtudo, se alguma deve ser sacrificada, bem sabes que não és tu... Ella não tem direitos. São todos teus...

Suzanna protestou:

— Não digas isso!...

E, com voz surda, com violencia reprimida, explicou:

— Não quero que fiques commigo por dever, entendes? Não quero que sejas meu contra vontade... Não, não te obrigarei a ser fiel... E's livre, fica sabendo, podes ir-te embora!...

Elle encolheu os hombros:

— Tudo isso são palavras... palavras, unicamente!... Eu não sou livre: mesmo que quizesse, não podia abandonar-te, não o fazia... O teu amor proprio é que te obriga a falar assim... Pois bem, não lhe dês ouvidos, supplico-to: não é d'elle que se trata, é de outras cousas, de sentimentos mais graves... Não comprehendes que sou um homem de bem?... Fui fraco, é verdade, não soube conter o coração... Comtudo, resisti... E, primeiro que tudo, sei o que te devo; não quero que soffras por minha causa.

Suzanna murmurou:

— E' muito tarde, agora... já tenho soffrido muito ..

— ... Sobre tudo, continuou Miguel, não quero que as creanças soffram, sendo eu o culpado d'isso... Não o quiz, mesmo na maior força da minha loucura... Senti que era injusto e impossivel... Ella tambem o sentiu... E tu, não o comprehendes, dize?... E julgas talvez que o sacrificio do teu resentimento é mais doloroso do que o que nós fizemos?...

Suzanna não dava mostras de escutar; os seus grandes olhos vagos pareciam não ver senão o que se passava no intimo d'ella.

— Oh! eu, replicou no tom de dolorosa ironia que conservava desde o principio do dialogo, eu não comprehendo nada!... Essas cousas são excessivamente subtis para mim!... O que sei é que tens de escolher, agora... Ella ou eu, meu caro, ella ou eu: chegou a occasião de te decidires...

Miguel ficou ainda silencioso, d'essa vez.

Estava muito lucido, muito sereno, resolvido a levar a explicação até ao fim, sem dissimulação nem subterfugios:

— Mas, redarguiu elle, afinal, com brandura, ella tambem é um pedaço da minha vida... Não posso arrancal-a assim, de uma hora para a outra... Não tenho força... Não, não a tenho, e, se a tivesse, parece-me que seria um miseravel... E' preciso tempo... A pouco e pouco, a violencia do nosso sentimento attenuar-se-hia, acabando por ser apenas amisade, uma amisade permittida... E então...

Suzanna interrompeu-o, com um gesto violento:

— Queres usar de rodeios! exclamou ella... Tempo, tempo!... Para ti e para ella era a felicidade; para mim, soffrimento... Não, não, nada de espera!... Supportei emquanto pude, não quero esperar mais!...

Miguel reflectiu um instante:

— Comtudo, eu não posso abandonal-a assim! murmurou elle, respondendo, decerto, mais aos seus pensamentos de que ás palavras de Suzanna.

Ella replicou, com violencia:

— Então, a mim, abandonavas-me?...

— Nunca!... Se ella me pedisse que escolhesse entre ambas, arguiu elle, julgas que eu hesitava?... Ella, porém, não era capaz de m'o pedir!...

— Já se vê; ella não é nada para ti; sabe perfeitamente que o que tu lhe dás é meu, que m'o rouba... Oh! como deve envergonhar-se, se lhe restar um bocadinho de orgulho!...

— Sabe isso, sente-o, e, comtudo, ama-me!... Tu, que és boa, não terás piedade d'ella? ..

— Piedade?... De ser amada por ti?... De te haver roubado a mim e ás tuas filhas... Ouve, Miguel, tu não falas como um homem sério, affianço-te!... Estás cego, divagas... E' preciso que conheças muito pouco as mulheres!... Que me conheças muito pouco, a mim!...

Chego a pensar que, durante tantos annos que temos vivido juntos, nunca te deste ao trabalho de me observares um instante... Raciocinas, discutes, como se eu estivesse a sangue frio... Mas bem vês que eu não te ouço! Eu não posso raciocinar nem discutir, não estou capaz d'isso. Quero que escolhas, unicamente: ella ou eu, ella ou eu!...

Vendo os seus esforços começarem a despedaçar-se de encontro áquella vontade crispada, que se revelava de subito, mais robusta do que a d'elle, Miguel sentia uma colera surda invadil-o: a colera dos fortes que não teem razão, e que se preparam instinctivamente para lançar mão da brutalidade, como argumento supremo.

— Ah! toma sentido, Suzanna! rugiu elle com ar tempestuoso.

Ella ergueu-se de um salto, e foi collocar-se defronte d'elle em ar de desafio:

— Ameaças! exclamou, ameaças, agora!... Atreveste-te ainda a ameaçar-me, tu!...

Elle envergonhou-se. Procurou dominar-se:

— Não te ameaço, explicou, baixando a cabeça, não penso em tal... bem sei que tens o direito e a justiça a teu favor... Mas eu hoje vinha cançado... Já não tenho forças... e supplico-te que sejas rasoavel, que comprehendas o que te digo e não me exasperes...

Ella quiz conservar as suas vantagens:

— Exasperar-te?... N'esse caso, és tu a victima e eu o algoz?... Fui eu que te enganei?... Fui eu que menti?...

— Ainda uma vez, respondeu elle, sei perfeitamente que não és culpada de cousa nenhuma, que a culpa é só minha... Comtudo, nós não somos inimigos, apesar do que nos separa... Pelo contrario, somos dois amigos, dois socios, se quizeres, que correm um perigo commum... É preciso unirmo-nos para lhe resistir... É preciso entendermo-nos, estarmos de accordo, ainda que seja um pouco difficil... Temos familia, não o esqueças!...

— E tu não o esqueceste?...

Elle continuou, sem fazer caso da interrupção:

— É para essa familia, para as nossas filhas, que devemos viver, primeiro que tudo... Ellas não devem soffrer com os nossos dissentimentos, nem com as nossas paixões ..

Ella interrompeu-o de novo, seccamente:

— Com as tuas... Eu não as tenho...

— Sacrifiquei-me por causa d'ellas... Sacrificar-me-hei ainda mais, farei o sacrificio completo... Mas tem alguma paciencia, rogo-te!... Não abuses dos teus direitos, não me peças nada que exceda as minhas forças... Porque, n'esse caso, serias tambem responsavel pelo que póde acontecer...

— Repito-te que não tenho nada com isso... Não são os meus actos que nos separam, são os teus... Foste tu que me enganaste... Foste tu que destruiste o socego do nosso lar... Foste tu que não quizeste contentar-te com as nossas affeições de familia... Foste tu que procuraste a felicidade n'outra parte... Eu, supportei em silencio, emquanto pude... Supportaria ainda, se tivesse forças para isso... Mas já não posso... Tenho alguma culpa?... É preciso absolutamente que eu tenha mais força para supportar o mal do que tu para deixares de fazel-o?... Se eu fosse santa, sim, talvez; mas eu não o sou!...

Calou-se um instante; depois continuou, com voz mais suave:

— O mais que posso fazer, Miguel, é perdoar-te, mais tarde, quando estas cousas já estiverem longe... Sim, perdoar-te-hei... por causa das creanças... e por mim, tambem... porque eu não poderia viver com este rancor... Esquecerei: póde-se esquecer, com o tempo... E, quem sabe? talvez ainda sejamos felizes!...

Elle murmurou, com uma expressão que dizia tudo:

— Oh! feliz!...

E arrependeu-se logo d'este grito, que offendia Suzanna:

— Emfim, não importa! continuou ella, enrugando a testa. Não seremos felizes, seja... Tambem, não é de felicidade que se trata!... Mas, tu mesmo o vês e o sentes, ainda que teimes em querer provar o contrario: o teu logar é aqui... Sim, o teu dever é claro, claro como a evidencia! Não pódes deixar-nos, a nós, cuja existencia, cujo futuro dependem só de ti... Portanto, é ella que deves deixar... E não me digas que não tens coragem; é preciso que a tenhas, porque deves tel-a!...

Miguel já não resistia, vencido por esta logica que era apoiada, a seu pesar, por toda a honradez e toda a rectidão que havia n'elle; comtudo, a palavra que lhe exigiam não podia sahir-lhe da garganta:

— Escuta, Suzanna, tentou elle ainda, fiquemos por aqui, peço-te, e vamos reflectir até ámanhã... Hoje não posso examinar cousa nenhuma, estou exhausto... Talvez se encontre uma solução, uma sahida...

— Não! exclamou ella com impaciencia, basta de reflexões!... Ha mais de um mez que estou reflectindo; faz mal e não serve de nada... Vamos, decide-te, chegou a occasião!... Escolhe! fica comnosco!

Teissier teve um gesto de desespero. Em seguida, depois de um momento de silencio:

— Não, realmente, concluiu elle, não posso prometter nada... Quero que ella saiba o que se passou; é tambem o seu destino que se resolve. Ella deve dizer alguma cousa!... Quero ouvil-a, tenho esse direito!...

E disse estas ultimas palavras, sahindo, de modo tão peremptorio, que Suzanna não se atreveu a detel-o.

IV

As cartas que se seguem foram rapidamente trocadas entre Teissier, Branca e Suzanna. A crise que ellas resumem durou dia e meio.

Miguel a Branca

(Escripta logo em seguida á sua conversa com Suzanna)

«Não venha ámanhã, Branca: o nosso pobre segredo foi descoberto, exactamente por aquella que devia ignoral-o, só por ella. Digo-lhe isto sem precauções: perdôe-me affligil-a; mas os rodeios poderiam alterar alguma cousa ao que se passou? Eu tinha previsto muitas vezes este momento; muitas vezes pensei no que devia fazer. Nenhum dos partidos que me occorreram é applicavel. E comtudo, soou a hora...

«Não se desespere, supplico-lhe, não perca o animo. Chegou a occasião de mostrar arrojo, por causa do perigo: não ha situação insoluvel, da qual se não possa sahir, logo que está claramente definida, á força de lealdade. Por mim, sinto-me mais forte, agora que estamos livres d'esta mentira que nos opprimia. Parece-me até, de tal maneira tenho soffrido, que me sentiria alegre se não ouvisse os gemidos d'esta dôr que causámos, se não visse todos os perigos que surgem agora. Ha um que excede todos os outros, e do qual desvio o pensamento: não quero perdel-a, Branca; defendel-a-hei como se me pertencesse.

«O que irá acontecer? não sei. Tive hontem com Suzanna uma explicação muito agitada. Ella, porém, não ha de ficar no estado de espirito em que se acha actualmente: conheço-a bastante para ter a certeza d'isso.

«Quanto mais penso menos vejo o que devemos fazer. Comtudo, parece-me que devia escrever-lhe, Branca. Sim, escreva-lhe. Diga-lhe tudo, com franqueza completa. Ella possue uma alma elevada, talvez comprehenda que somos tambem muito desgraçados. Em todo o caso, saberá o que é preciso que saiba: que o nosso amor não é um d'esses amores de acaso em que se lançam os corações ociosos; que é um d'estes sentimentos que preenchem duas exis-

tencias e que teem na sua força e na sua natureza uma especie de desculpa. Talvez ella soffra mais com isso, mas soffrerá de outra maneira, com uma dôr mais nobre, que se conserva superior aos ferimentos do amor proprio, que se póde curar sem deixar maus vestigios. Ella já sabe que lhe sacrificámos toda a esperança, que Branca não é nem seria nunca, para mim, senão uma amiga... uma amiga adorada. Disse-lh'o e ella acreditou: percebe que já não quero mentir.

«Branca, minha querida Branca, parece-me que nos podiamos amar toda a vida como nos amavamos antes de hontem, toda a vida, até morrermos sem nunca termos sido um do outro, mas sem termos deixado um instante de estar unidos, apesar de todos e de tudo, unidos atravez de todos os obstaculos que nos separam. Agora, este sonho que continha toda a felicidade que podiamos esperar de futuro, já não é possivel continuar. E tenho medo.

«Não me atrevo, não quero pensar que talvez seja necessario renunciar a vêrmo-nos. É o sacrificio que ella exige; eu não posso fazel-o: excede as minhas forças. Já não comprehendo a vida sem Branca: a sua existencia é a minha.

«Escrever-lhe-hei tambem, a ella, ámanhã pela manhã, porque n'este momento era impossivel, não podia. Tudo depende d'essa carta. Meu Deus! onde hei de ir buscar as palavras necessarias? Como hei de curar aquella alma ferida, quando a verdade só poderá feril-a mais, visto que essa verdade é que não posso amal-a porque pertenço a Branca inteiramente? Mentir mais? Não, não, já não posso, nem ella me acreditava. O que hei de, então, dizer?

«Adeus, luctemos juntos: trata-se do nosso amor.

Miguel.»

Miguel a Suzanna

«Não sei, Suzanna, o que pensas de mim n'este momento. Eu, mesmo depois da scena de hontem, como antes d'ella e sempre, persisto em considerar-te a minha melhor amiga. É á amiga que me dirijo.

«Que estejas magoada e offendida até ao intimo da alma, não me admira. Comtudo, parece-me que, logo que eu te tiver feito uma confissão leal e completa, quando souberes tudo, a tua dôr será menos cruel, o teu resentimento menos vivo.

«Dir-me-has, talvez, que o que se passou, o que tu viste, te auctorisa a duvidar da minha lealdade. Pois não é assim! Menti, é verdade, dissimulei, e, apesar d'isso, não sou um mentiroso nem um hypocrita. Conheces-me bastante para saberes quanto esse papel me custou. Se me calei, se não te disse tudo, pessoalmente, como estive tentado a fazel-o mais de cem vezes, e como lamento não o ter feito, agora que a desgraça chegou, acredita que não foi por perversidade nem por egoismo, para viver a minha dupla existencia n'uma tranquillidade relativa: foi por tua causa, só por ti. Sim, minha querida amiga, quiz evitar-te o soffrimento: tendo sido fraco, não tendo podido resistir á attracção de um sentimento por muitos motivos culpado, apesar de não o ser tanto como tu imaginas, talvez, pensei que o que podia desculpar-me um pouco era, unicamente, conserval-o secreto. Sim, a hypocrisia pareceu-me uma especie de virtude, e tive de empregar mais esforços para dissimular do que seriam precisos para te dizer tudo. Bem vês que, por eu ter mentido até agora, fazias mal se julgasses que vou continuar a mentir. A hora dos fingimentos passou. E, talvez não acredites? apesar da angustia em que estou, apesar do desgosto e do remorso que me opprimem, sinto-me alliviado de um grande peso. A mascara cahiu de vez-agora! No ponto a que chegámos, se alguma cousa póde

ainda salvar-nos, é a verdade. Por isso, seja qual fôr o resultado das nossas explicações, é preciso que sejam inteiramente francas: não quero servir-me de astucia nem de calculo.

«É quasi desnecessario dizer-te que Branca não é minha amante nem o seria em caso nenhum: por muito offendida que estejas, não podes desconhecer-nos a ponto de julgares que não soubémos defender-nos de nós mesmos. Mas em amo-a ardentemente, é forçoso que t'o diga, e sou ardentemente amado por ella. Entre nós existe a união que póde existir entre dois seres que as leis do mundo e as de Deus separam um do outro, uma união da alma, tanto mais intima, quanto mais atravessada é por obstaculos. Não ha outros laços. Os unicos actos de que podemos accusar-nos são alguns beijos. Era melhor, de certo, conservarmos o nosso amor mais elevado, e sabiamol-a perfeitamente. Mas nenhum de nós é santo, e, se não fomos tão fortes como deviamos ser, ao menos soubemos reprimir as nossas fraquezas.

Não quero contar-te de que maneira a amei. Seria inutil e eu não o saberia: quando dei pelo mal, já era muito tarde para que pudesse cural-o. Mas o sentimento que ella me inspirou nunca diminuiu absolutamente nada a affeição que te tinha. Ai! receio bastante offender-te ainda, falando assim! A affeição, porque não ha de ser o amor? Não sei, minha querida amiga. Não sei por que razão, depois de amar como sabes, deixei o amor transformar-se a pouco e pouco n'um affecto solido e tranquillo que me parecia valer mais. Reflectindo a esse respeito, creio que é o resultado normal do casamento e que o amor feliz não poderia conservar o caracter exaltado que lhe dão os obstaculos. A maior parte dos homens e das mulheres acceitam esta transformação completa e resignam-se a ella. Eu imaginava que a acceitara. Enganei-me. O peor é só ter notado o meu erro quando já era tarde. Além d'isso, para que se ha de raciocinar mais? O mal existe, não percamos tempo a

indagar a causa d'elle. O que é necessario, primeiro que tudo, é descobrir-lhe um remedio.

«Se soubesses as torturas por que passámos, se soubesses como o nosso amor tem sido fecundo em angustias, estou certo de que perdoavas. Não tens que ter ciumes de alegrias, crê!

«Sabes que não sou um homem de prazeres, sabes que tenho uma consciencia que me acompanha atravez de todas as cousas da vida. Quando descobri em mim mesmo este sentimento que crescera sem que reparasse n'elle, sob o veu de uma amisade quasi paternal, quando percebi que os meus esforços eram impotentes para o destruir, senti immediatamente toda a extensão da falta, conheci o desespero do desgraçado a quem revelam um mal incuravel. Primeiro, calquei-o com todas as forças, no intimo do meu ser, resolvido a escondel-o como se fosse uma chaga, até de mim mesmo. Creio que n'essa occasião estive muito perto da loucura, de tal maneira fui agitado por sentimentos extremos, de tal maneira deixei desabrochar na minha imaginação esperanças impossiveis que acabavam sempre por extinguir-se em verdadeiras agonias. Para que a minha confissão seja completa, para que não duvides da sua franqueza, é preciso descobrir-te as idéas loucas que eu não podia evitar que me acudissem ao espirito. Sim, tive momentos de exaltação durante os quaes pensava em fugir com ella, se ella me tivesse amor; e encontrava um prazer culpado e delicioso em imaginar os pormenores d'esse romance. Tambem pensei no divorcio, confesso-te, e era necessario o esforço de toda a minha razão para lhe comprehender o horror. Durante mezes inteiros, de dia, de noite, atravez das occupações, do trabalho, falando, escrevendo, brincando com as creanças, ao teu lado, não tive outro pensamento. Já não era senhor de mim. Era a tyrannia de uma força extranha e victoriosa que me dominava. De tempos a tempos, exasperavam-me receios repentinos. Assim, lembras-te de que o anno passado se falou n'um casamen-

to para Branca. Pois eu senti antecipadamente todas as agonias: imaginei a ceremonia á qual não podia deixar de assistir; via-a na sua *toilette* de noiva; via-a dar a mão a outro. Comtudo, deves recordar-te de que não fiz nada para impedir que esse projecto se realisasse. Ah! se era culpado, era tambem muito infeliz. E o proprio pensamento, que era a minha culpa, encarregava-se de castigar-me cruelmente!...

«Em um momento de delírio escapou-me o meu segredo. N'esse tempo creio que Branca ainda me não amava: como pensaria ella em semelhante cousa? Mas adivinhou a que ponto eu era sincero e desgraçado, teve dó de mim: é sempre o dó que perde as mulheres. Em vez de me repellir, quiz, na sua candura, curar a ferida que tinha aberto involuntariamente. O mal, porém, é contagioso; tornou-se victima, por sua vez, entrou no circulo de fogo em que eu me debatia...

«Envergonho-me da minha fraqueza e tenho horror a mim mesmo quando penso como ella foi nobre e generosa. Sacrificou-me o futuro, serenamente, esse futuro, que, para a mulher, é todo o encanto e o fim unico da existencia; porque, logo ao principio, comprehendeu, melhor do que eu, qual devia ser o unico laço possivel entre nós. Por duas ou tres vezes tive a cobardia de falar-lhe, por meias palavras, dos meus planos mais insensatos: ella fez-me calar. Sentiamos que eram irrealisaveis, esses planos, e eu falava n'elles sem lhes dar credito, para nos embalarmos um instante com esperanças vãs. Nenhum de nós, mas Branca ainda menos do que eu, consentiria nunca em comprar a felicidade á custa de soffrimentos injustos. Nunca o esquecemos: entre nós e o nosso sonho estavam as creanças, estavas tu. Sim, tu, digas o que disseres. Ah! como eu senti a força dos laços que nos uniam, como lhes comprehendi a solidez, mesmo nas horas em que me perseguia a idéa de quebral-os. Ella sabia tudo isto perfeitamente, afianço-te, e contentava-se com o pobre logarsinho, mo-

desto. apagado, secreto, que podia occupar na minha vida. O mais que esperava, era poder conserval-o muito tempo,— sempre, diziamos nós ás vezes.

«Agora, tudo mudou. O falso equilibrio em que viviamos está destruido O que irá succeder!

«Entre a affeição que nos une e o amor que nos separa, Suzanna, o que hei de escolher? Isso depende de ti, porque és a mais forte, tens o direito de exigir de nós o que quizeres. Serás menos generosa do que ella? Quererás expulsal-a d'esse pequeno logar com que ella se contenta? Quererás impôr-me o sacrificio completo que eu não tive força de realisar logo ao principio? Reflecte, minha querida amiga. És senhora do nosso destino e do teu. Mas não exijas de mais, supplico-te, não abuses do direito que eu te reconheço. Reflecte, peço-te, e não me respondas senão quando estiveres mais socegada, por consequencia mais justa. Eu hontem não pensava em ameaçar-te, quando te disse aquelle «Toma sentido» que tanto te irritou. Queria apenas advertir-te dos perigos que um excesso de severidade e de auctoridade da tua parte nos causaria a todos.

«Quantas cousas queria dizer-te ainda! Mas para que? O que precede deve ser sufficiente; sabes tudo o que é preciso que saibas, parece-me que não podes duvidar da minha sinceridade nem, apesar de tudo, da minha affeição.

Miguel.»

Branca a Suzanna

«Eu queria, fosse por que preço fosse, mesmo á custa do repouso da minha consciencia e até da minha dignidade, evitar que tivesse conhecimento do nosso desgraçado segredo. Mas, agora que o surprehendeu, sinto um allivio immenso em tirar a mascara, em mostrar-me o que realmente sou, culpada e infeliz, de certo, mas não hypocrita, ainda que as apparencias me condemnem.

«Fiz tudo o que estava ao meu alcance para que não soubesse nada, porque, emquanto o não soubesse, podia estar descançada e feliz. E, para não lhe perturbar a felicidade, ou, pelo menos, para lhe deixar a sua illusão de felicidade, menti, disfarcei, dissimulei, como se o ardil, a mentira, a dissimulação fossem os meus elementos. Por sua causa, Suzanna, tinha de representar bem o meu papel e representei-o o melhor que pude. Não queriamos que soffresse por nossa culpa; acceitámos, pois, a necessidade de mentir como uma especie de dever: conhecenos bem a ambos, não é verdade? para adivinhar atravez de quantas revoltas interiores, e para comprehender que essa dissimulação foi, até agora, o nosso castigo mais cruel.

«Como me sinto culpada, quando me lembro de tudo!...

«Um dia, Suzanna recolheu em sua casa uma creança, orphã e quasi sem familia, visto que a mãe a abandonava. Serviu-lhe de mãe, e, mais tarde, quando, com os annos, as edades se aproximaram, serviu-lhe de irmã mais velha. A sua affeição deu-lhe um lar na casa hospitaleira onde ella tem as suas melhores recordações. Se não fosse Suzanna, a mocidade d'essa rapariga seria abandonada e triste; graças aos seus cuidados, foi quasi feliz, acompanhada, dirigida. Prodigalisou-lhe signaes de confiança, concedeu-lhe a sua amisade; tinha o direito de contar com a amisade e com o reconhecimento d'ella, em troca. E como foi que ella pagou o bem que lhe fez?

«Ah! é uma triste historia, esta! Procuram-se circumstancias attenuantes e não se encontra nenhuma: pelo contrario, todos os pormenores aggravam a traição. E deve custar-lhe a perceber como foi que essa rapariga a quem quasi que educou, que julgava honesta e leal, cuja affeição imaginava possuir, poude, durante quasi um anno, representar a abominavel comedia da qual Suzanna é a victima.

«O que quer que lhe diga? Miguel teve excessiva compaixão de mim quando me viu tão só no mundo. Como foi

que a sua generosa sympathia mudou de natureza, a pouco e pouco? Não sei, é o segredo d'elle. Mas, pelo que me diz respeito, parece-me que sempre o amei: dormia no intimo da minha alma, este amor; uma palavra foi sufficiente para despertal-o, e era tão forte que não pude luctar com elle. Tenho culpa de Miguel ser o ente mais nobre que existe? E depois, eu tinha uma necessidade tão grande de affeição! E era tão bom ser amada!... E uma tal loucura, tambem? porque eu sabia que não tinha nada a esperar do nosso amor senão esta vergonha e este desespero!...

«Vou partir: não tornará a encontrar-me no seu caminho. Esquecer-me-ha. Miguel tambem ha de esquecer-me: sempre se esquece com o tempo. A minha lembrança empallidecerá no seu espirito: far-lhe-ha sentir apenas a angustia de um mau sonho longiquo; depois, recuando mais, e livre de todo o rancor, talvez a faça voltar, em pensamento, ao tempo em que eramos amigas. Pode ser que então não faça tão mau conceito de mim.

«Pode ser tambem — e é a minha consolação acredital-o — que ainda seja feliz, mais tarde, quando a serenidade e o perdão lhe tiverem entrado na alma. E veja se não é Suzanna que tem o melhor quinhão, logo que pode perdoar e esperar, ainda? Eu, vou partir e encontrar-me só, como outr'ora, com o remorso a mais a acompanhar-me. Suzanna é mãe, fica no seu logar, seu marido ha de voltar para o seu lado. Mas supplico-lhe que o não afaste com uma severidade excessiva. Receio magoal-a dizendo isto, e comtudo é preciso que lh'o diga, em interesse de nós todos: este amor está ainda bastante perto d'elle para ser necessario tratal-o com algumas attenções. Sim, se o exasperassem, dizendo-lhe mal de mim, por exemplo, quem sabe de que elle seria capaz?...

«Tenho reflectido muito n'estas cousas: a crise que atravessamos devia produzir-se, fatalmente, e, quando tiver passado a primeira angustia, parece-me que seremos quasi

felizes, como depois de uma operação necessaria. A operação é dolorosa, mas que allivio quando está feita!... Não mentir nunca mais!... Que satisfação!...

«Minha querida mãe adoptiva, façamos a diligencia para nos não odiarmos, supplico-lhe! A desgraça feriu-nos, é verdade, uma de nós deve ceder o logar á outra. Pois bem! já sabe que me vou. O que eu não queria era levar comigo a idéa cruel de que destrui a paz a ambos e, por ter amado excessivamente Miguel, o deixei abandonado de todas as affeições, no seu lar d'aqui em deante deserto. Pois elle não merecia mais do que isto, Suzanna? Pensemos mais n'elle do que em nós, peço-lhe, procurando todos os meios de causar-lhe menos soffrimento.

«Gostava de poder fundir o meu amor, a minha compaixão e os meus remorsos juntamente com a sua ternura, Suzanna, e o seu perdão, e formar com tudo isto uma corrente de amor que o envolvesse completamente, onde a alma d'elle encontrasse paz e alegria. Desejava dar-lhe o melhor de nós mesmas, aformosear-lhe a existencia com o que ha de mais puro n'um coração de mulher: a ternura e a compaixão. Mas não posso nada, bem o sei: é a Suzanna que pertence essa tarefa, e, apesar de ferido, o seu coração é bastante nobre para emprehendel-a.

Para essa tarefa ter bom resultado, é necessario, em primeiro logar, que perdoe, sem segundo sentido, sem rancor. Perdoará, tenho a certeza d'isso. O nosso pobre amor afinal, não é culpado senão de existir: não ha aqui nada que uma mulher não possa esquecer. Eu desapparecerei da sua vida, prometto-lhe. E se este sacrificio pudesse reparar algum do mal que causei, se pudesse dar-lhe e restituir-lhe alguma felicidade, considerar-me-hia perdoada e sentir-me-hia quasi feliz.

«*Branca Estève.*»

Branca a Miguel

«O que se ha de fazer? Chegou o momento e a minha angustia é mil vezes peor do que eu a imaginava. Não me abandone, Miguel, não me abandone nunca; o que seria de mim? Se eu pudesse vel-o e falar-lhe, ainda que fosse por um minuto, ficaria mais tranquilla, poderia encarar melhor a nossa situação. Mas nem sequer tenho forças para reflectir, sinto-me esmagada pela vergonha e parece-me que nunca mais poderei erguer a cabeça. Não me envergonho de o ter amado, envergonho-me de toda esta hypocrisia a que descemos durante tanto tempo. Sim, as nossas mentiras erguem-se contra mim. Suffocam-me, são o veneno na ferida. Quanto mais simples e mais nobre seria ter dito a verdade!... Mas, n'esse caso, Suzanna soffria, e Miguel... Meu Deus! julgámos proceder bem, assim, e agora já não sei!... As mentiras não serviram para nada: Suzanna soffre por nossa causa. Despreza-nos, de certo: não sabe como luctámos contra nós mesmos e como somos desgraçados...

«Comtudo, ella é boa e, quando o primeiro momento de desespero tiver passado, perdoará, estou certa d'isso, e talvez até nos lamente.

«Vou partir, Miguel. Vou para Lyão, para casa dos meus amigos S***, que estão a convidar-me ha tanto tempo. E procurarei um meio de desapparecer completamente da sua existencia. Comprehende que não posso fazer as cousas bruscamente, hei de guardar as conveniencias. Minha mãe não sabe nada, é preciso que continue a ignorar tudo.

«Miguel ficará, não procurará seguir-me nem escrever-me. Querido amigo, bem vê que é um sacrificio necessario se quer reconquistar a estima e a affeição de sua esposa. Oh! o senhor é mais feliz do que eu, e isso consola-me um pouco. Sim, tem os seus grandes deveres de homem d'Estado, que hão de distrahil-o e evitar

que pense em outra cousa. E tem as suas filhas, essas pobres creanças que eu amava tanto, por serem suas filhas, e que não terei a alegria de vêr crescer! Ellas tambem gostavam de mim. Talvez perguntem porque é que já não vou a sua casa... Ah! permitta Deus que ellas nunca venham a conhecer momentos como estes que atravessamos!...

«Eu fico tão só, tão só, quando nos separarmos, que toda a minha coragem vacilla, a esta idéa, e sinto desejos de gritar: Venha, venha buscar-me, partamos juntos, vamonos para bem longe, para uma terra onde sejamos felizes!»

«Bem vê como sou fraca. Não tenho nada de heroina, Miguel. Soffro, precisava ser consolada como uma creança. Comtudo, sabe perfeitamente que digo estas cousas pelo doce habito em que estou de nada lhe occultar, mas que, na realidade, não queria, em caso nenhum, partir comsigo. Teriamos demasiados remorsos que nos destruiriam a felicidade... e talvez o amor. E eu não quero que elle morra, quero conserval-o intacto, puro de todas as manchas, até ao fim da separação. É o que tenho de melhor e de mais bello na minha vida, é a minha fé, a minha crença. Não creio realmente em Deus senão desde que fui amada por si, lembra-se? porque não podia suppor um fim ao nosso amor nem uma eternidade onde Miguel não estivesse. Pois bem! agora que chegou a hora de soffrer parece-me estar mais perto d'esse Deus que eu via tão longe. Dizem que consola os que soffrem: talvez, se eu me aproximar d'elle, ganhe forças e coragem, a pouco e pouco; talvez me ajude a supportar a sua ausencia, a horrivel solidão em que vou ficar, o silencio a que estamos condemnados d'aqui para o futuro. Porque eu nunca mais lhe escrevo; não terá noticias minhas senão officiosamente, por minha mãe ou pelos nossos amigos communs. É melhor cortar de vez todas as nossas pequenas felicidades, pois é necessario que Suzanna esteja completamente descançada

e certa de que nada existe entre nós. Nada, a não ser o amor, que durará apesar da distancia...

«Querido amigo, tenho o coração cheio de recordações: penso nos nossos bellos momentos que nunca mais hão de voltar...

«Queria terminar a minha carta pois já disse tudo o que precisava, tudo o que me é permittido dizer-lhe. Mas não posso: sei que são as ultimas palavras de intimidade que vou escrever, que é a ultima vez que deixo falar o coração, que me espera a separação definitiva, quando tiver dobrado esta folha de papel...

«Lembra-se da minha primeira carta?... De hoje em diante, dizia eu, succeda o que succeder, que a vida seja boa ou má, que importa! tive o meu quinhão de mocidade e de alegria, é bastante para illuminar os dias maus, e, se elles chegarem, não tenho o direito de queixar-me...

«Os dias maus chegaram, Miguel, e eu não me queixo... Mas porque vieram elles tão depressa?...

«Ainda uma palavra: se quer que eu esteja completamente socegada, não tenha remorsos, não se accuse de nada a meu respeito, convença-se de que, se é culpado, não é para comigo. De que podia accusar-se? De me ter dado uma alma? Fez-me conhecer a ultima cousa que compensa a fadiga de viver: o amor; antes de o conhecer não vivia. Portanto, não se arrependa de me haver dado tanta felicidade...

«E agora, adeus, meu querido, querido amigo. Digo-lhe adeus e continuo a ser, apesar de tudo, a

Sua

Branca.»

Suzanna a Miguel

«O que queres que te responda, Miguel? Tu estás fóra da vida, em pleno romance, escreves-me cousas loucas, impossiveis!...

«Acredito tudo o que me dizes: conheço-te bastante, effectivamente, para saber quanto a dissimulação te deve ter custado. Mas, agora que tiraste a mascara, dize-me se essa mesma franqueza não é egoista e cruel?... Não era melhor que continuasses a mentir, visto que fazias tanto empenho em evitar-me soffrimentos?... Não podias arranjar a tua confissão de maneira que a verdade fosse menos penosa para mim?... Pelo contrario, dir-se-hia que tomaste a peito dizer-me tudo o que podia tornar ainda mais amarga a decepção que te devo. Assim, affirmas-me que Branca não é tua amante. O que tem isso? Preferia mil vezes que o fosse; a situação, n'esse caso, era mais franca e eu sabia melhor o que devia pensar a respeito de ambos. Ainda se eu tivesse a certeza de que foi em attenção a mim que a respeitaste! Mas não: foi por tua causa, ou por ella, por ella, sobre tudo. Se não é tua amante é porque a amas excessivamente para isso, nada mais!...

«Julgam que me enternecem — porque ella escreveu-me no mesmo sentido que tu — contando-me os seus supposstos combates contra esse amor, as suas angustias, os seus remorsos, todos os pequenos males que soffreram. Mas foi porque assim o quizeram! Provavelmente achavam alguma compensação. E as minhas dores, pensaste n'ellas? Julgas que eu não soffro, tambem? E porque? Qual é a minha culpa? Se tenho alguma, é apenas a de te haver amado com excesso, Miguel. Comtudo, insinuas-me — delicadamente — que já me não amas, que só me tens affeição. Affeição! Mas se, por acaso, eu ainda te amasse? Lembraste-te d'isto ao menos? Calculaste, se assim fosse, o mal que as tuas palavras me causavam? Tiveste dó de mim, tu que queres que eu o tenha de ti e d'ella, apesar

dos soffrimentos que me impõem? Não: alegraste-te simplesmente por já não mentires, sentiste-te alliviado de um grande peso, como tu mesmo confessas, e é-te indifferente, que esse grande peso cahisse no meu coração. Os homens são sempre egoistas e muitas vezes brutaes, mesmo os melhores. Pensei, sempre, que eras um d'estes, e penso-o ainda, apesar de tudo. E mesmo assim!...

«Falaste-me francamente. Devo agradecer-te, não é verdade? Pois bem, franqueza por franqueza: vou dizer-te tambem tudo o que penso e não has de queixar-te. Mesmo porque é preciso, pois devem comprehender que, logo que eu sei tudo, temos mais que fazer que enternecermo-nos uns pelos outros, com uma generosidade romanesca que lhes convinha a ambos, mas da qual me sinto incapaz.

«Escuta-me, portanto: contentar-me-hei com a tua affeição, visto que é unicamente affeição que me tens; mas não quero que ames outra, percebes? Era bem commodo, na verdade! Para mim, o sentimento tranquillo, sem phrases, sem ternura, sem mais commoções do que a de tratar-te do jantar, da casa, receber os teus amigos. Para a outra, toda a poesia e toda a exaltação que ainda possas conservar. E não pensaste que eu tenho necessidade, como tu, d'essa poesia e d'essa exaltação, mas que não posso ir buscal-a a outra parte, porque ninguem poderia dar-m'a a não seres tu? E pedes-me que fique serena, vendo-te levar a essa extranha tudo o que me roubas, tudo o que eu queria para mim. Atreves-te a falar-me em sentimentos que preenchem uma existencia: E se o meu fosse um d'elles? Sabes? Quero-te mal por não teres pensado em nada d'isto, por me julgares excessivamente desinteressada, excessivamente perfeita, excessivamente indifferente, sobre tudo. Dizes-me que não és santo. Porque queres então que eu seja santa? Eu não valho mais do que tu nem do que ella, apesar de não ter nada de que me accuse para comtigo. Sou uma mulher como todas as mulheres: não quero ser abandonada.

«Bem vês; é preciso que escolhas, como já te disse e repito: ella ou eu. As duas, é impossivel. Eu tambem tenho o meu egoismo. Falando-te d'esta maneira é em mim que penso, só em mim. Sei que o teu coração te leva para outra, que a lucta é desegual, que serei vencida, provavelmente, e que, n'esse caso, as minhas filhas hão de padecer comigo e soffrer os resultados da tua fraqueza, para o futuro, porque, aos olhos do mundo, as culpas do pae recaem sobre as filhas quasi tão pesadamente como as da mãe. Mas esta consideração não me prende: foste tu que o quizeste. Eu farei o que todas as mulheres fariam no meu logar. Defendo o que me pertence, defendo os meus direitos. Podem roubar-m'os, se quizerem; entregal-os, não entrego!

«Conservo, ainda assim, alguma esperança de que te reste bastante juizo para não me sacrificares, pois terias, ao mesmo tempo, de sacrificar as tuas filhas e talvez a tua posição. Como vês, sirvo-me de outros argumentos além dos que me dizem respeito só a mim. Isto humilha-me um pouco, mas é preciso lembrar-te tudo o que pode fazer-te reflectir, tudo o que pode salvar-te. Se não fôr por minha causa que ficas comigo, Miguel, sentil-o-hei bastante, podes crêr, e supportarei esse novo soffrimento. A tua *affeição* talvez não fosse bastante forte para te deter; não obstante repetires-me o contrario, para te convenceres tambem a ti, receio muito. Pois bem, chamo o dever em meu auxilio, o dever do qual um homem como tu conhece o valor, mesmo no meio dos seus desvarios, e até os interesses da tua posição, que não podes esquecer porque são tambem os das tuas filhas. Pensa nas pobres creanças, supplico-te! Imagina que as levo pela mão para fóra de casa, que lhes digo: «Vamo-nos embora. O papá já não gosta de nós?...»

«Hesita ainda, se o coração te deixa hesitar, ou, pelo menos, sê franco comtigo mesmo como foste comigo: não raciocines mais, não faças mais sophismas, não empregues

mais esforços miseraveis para obrigares a consciencia a concordar com os teus desejos; mas reconhece que já não tens força para cumprir o bem, que já não tens o sentimento do dever, e segue a tua paixão até ao fim, como o naufrago que se abandona, como o cego que não vê o caminho por onde vae.

«Escreveste-me, respondo-te. Mas a minha pobre carta não fará alteração alguma nos teus designios, estou certa d'isso. Comtudo, quem sabe? A tua alma é recta, excessivamente recta para que a linguagem da razão e da justiça te não produza effeito. Não sei que mais te diga: escolhe, agora. As creanças estão ao pé de mim, emquanto escrevo. A Anna perguntou porque é que não a beijas desde hontem, se não a vês.

«Decide-te sem reflectir. Para que é preciso reflectir mais? A situação é tão simples!

«Adeus.

Suzanna.»

Miguel a Branca

«Ella não quer ouvir nada, querida! Envio-lhe a sua carta, porque não deve ignorar o minimo pormenor do que se passou. Depois d'esta correspondencia, tivemos segunda entrevista: foi mais serena do que a primeira, mas egualmente peremptoria. Não lhe conhecia aquella energia, ou antes, aquella obstinação. A tudo o que eu lhe dizia, dava esta resposta: «É preciso escolher!» Foi impossivel obter outra cousa. E sinto que ella está prompta para tudo.

«Escolher! Como se eu pudesse escolher! É a Branca que eu amo, só a Branca, agora mais do que nunca. Se soubesse com que força, com que ardor aspiro a ser seu, a alegria que eu tinha em dedicar-lhe toda a minha vida! Mas assalta-me uma especie de terror quando imagino o desabamento causado pela quebra de relações entre minha mulher e eu! Não creia nem por um instante, peço-lhe,

que entram n'isto a ambição ou o interesse. Não, mas vejo o abalo de um grupo social, ouço os rumores que nos perseguiriam em qualquer sitio onde nos occultassemos. Ah! se eu fosse um simples particular! Mas Teissier, o homem da reconstituição moral! Confesso que tenho medo d'essa tempestade e não me envergonho de ter medo: eram as crenças de toda a minha vida que me condemnavam, destruia n'um momento o pouco bem que tenho podido fazer...

«E isto ainda não é tudo, Branca! Penso nas minhas filhas, em minha mulher. Sim, tambem penso n'ella, não obstante a sua crueldade para comnosco ter como que anniquilado a minha affeição. Pois bem! já não é assim! Essa affeição morreu hoje, e no seu logar sinto erguerem-se rancores. Mas, emfim, é tão monstruosamente injusto que ella seja sacrificada, e tão iniquo que soffra por nossa causa, sem ter culpa alguma de que se accuse! E ella soffreria tanto! Mais ainda do que eu suppunha: sondei a ferida; o mal que fiz assusta-me e causa-me remorsos.

«Não lhe falo nas creanças: o seu coração já lhe disse a respeito d'ellas tudo o que eu podia dizer, e ainda mais, porque é melhor que o meu.

«E depois, penso em Branca, que eu amo e cujo amor conheço. O que! pois se não forem ellas que soffram, ha de ser Branca! Mas é injusto, é tambem injusto e cruel! Oh! como eu sinto a minha falta! Como fui cobarde em despertar o seu amor! Porque não tive eu força para me calar, quando era tempo? Póde perdoar-me, Branca; eu é que nunca perdoarei a mim mesmo!

«Comprehende, portanto, que já não sei nada, que estou hesitante, incerto, que tómo ora um partido, ora outro. Realmente, não posso tomar nenhum. E não quero dizer-lhe que decida em meu logar: era outra cobardia. De mais, eu sei já o que decidiria: conheço bastante a sua nobreza de coração para não ter duvidas a tal respeito.

«No meio de tudo isto, é preciso andar d'aqui para ali,

viver, falar, trabalhar. Hoje tenho de falar na Camara, como se tivesse o cerebro livre, com este abutre a roer-me o coração. Branca, minha querida, desejava encontrar as palavras mais doces e tornal-as mais doces ainda para lh'as enviar, e tambem as mais tristes para lhe dizer o luto em que me sinto. Se eu podesse concentrar-me, reflectir muito, procurar, talvez acabasse por achar uma sahida... Mas a existencia não me deixa pensar, assim como não me deixa ser seu.

«Comtudo, sabe que, por uma palavra sua, deixo tudo, parto. Iriamos para muito longe, para um paiz onde ninguem nos conhecesse, para outro continente. Esqueceriamos tudo nos braços um do outro. Branca, é o partido do meu coração. Diga, quer?...

«Não, não, é impossivel!

«Era possivel, no emtanto, se Branca tivesse força para querer e eu tambem a tivesse. Porque não havemos de tel-a? Juntos, podiamos affrontar tudo!

«Mas, como diz, não seriamos felizes, não poderiamos livrar-nos de nós mesmos...

«Ainda se eu fosse o unico a soffrer! Mas não, a fraqueza e a culpa tive-as eu, e Branca e ella é que padecem. Ahi está o que me desespera mais do que tudo, não posso lembrar-me do mal que causei, sinto-me cheio de desespero!

«Branca, devo dizer-lhe adeus? Deixe-me reflectir ainda, procurar a sahida. Deve existir uma. Havemos de descobril-a. É impossivel que a nossa existencia seja despedaçada e que para nós já não haja felicidade. Não lhe digo adeus, querida, digo-lhe até á vista.

Miguel.»

(Continua).

Édouard Rod.

NO ENTERRO DE LAURA

Abrem-te a cova e falam-me de esp'rança!
Bradam: — O eterno sol! o eterno dia!
E eu vejo sobre ti, pobre creança!
Rolar com som tremendo a terra fria...

Bem sei, bem sei que foste assassinada
Pela benigna mão d'um Deus sublime;
Mas, se elle é Deus e eu verme, é tudo e eu nada...
Como queixar-me do espantoso crime?

Posso acurvar-me á torva lei divina
Sem adoral-a, ante o juiz austero;
Mas beijar essa mão, que me fulmina,
A mão que te esmagou... não sei... não quero,

Que mal fazias tu, filha innocente,
Ao magnanimo Deus, ao Deus augusto?
E elle, que é *bom*, matou-te lentamente,
Deu-te um supplicio atroz, elle, que é *justo*.

Já tres vezes da morte a vaga escura
Passára no meu lar—negro recife.
E eis outra vez aberta a sepultura,
Mudado o quinto berço em quarto esquife.

Nos arvoredos, nos beiraes das casas,
Por toda a parte eu vejo os passarinhos,
E a mãe que exulta e canta e bate as azas
De em torno aos fôfos, palpitantes ninhos.

Nadam mil vidas n'uma gotta d'agua,
Do pollen d'uma flôr brotam mil flôres...
E ao seio d'uma mãe dá-se esta magoa!
E ao coração d'um pae dão-se estas dôres!

Dizem que vaes viver eternamente,
Colher d'outros jardins a flórea palma
E eu sinto apenas a lethal serpente,
A duvida, enroscada na minh'alma.

Hei de orar? Mas na sombra da consciencia
Não me luzem cá dentro ignotos brilhos...
Hei de crêr? Mas a mão da Providencia
Tem garras para mim. . rouba-me os filhos!

GUILHERME BRAGA.

O FIM DO MUNDO

Vi em seguida um ceu novo e uma terra nova; porque o primeiro ceu e a primeira terra tinham passado.

APOCALYPSE, XXI, 1.

PRIMEIRA PARTE

No seculo XXV — As theorias

CAPITULO III

A sessão do Instituto

Facevano un tumulto, il qual s'aggira
Sempre in quell'aria senza tempo tinta,
Come l'arena quando il turbo spira.

DANTE, *l'Inferno*, III, 10.

Nunca, que ninguem se lembrasse, tinha sido invadido por mais compacta multidão o hemicyclo immenso construido no fim do seculo xx. Teria sido mecanicamente impossivel accrescentar-lhe mais uma pessoa que fosse. O amphitheatro, os camarotes, as tribunas, as antesalas, as galerias, as escadas, os corredores, os vãos das portas, tudo, até os degraus do estrado da presidencia, tudo estava coberto de ouvintes, sentados ou de pé. Ali se via o presidente dos Estados Unidos da Europa, director da Republica franceza, o director da Republica italiana e o da Republica de Iberia, a embaixatriz geral das Indias, os embaixadores das Republicas britannica, allemã, hungara e moscovita, o rei do Congo, o presidente da Commissão dos Administra-

dores, todos os ministros, o prefeito da Bolsa internacional, o cardeal arcebispo de Paris, a Direcção geral da Telephonoscopia, o presidente do Conselho das aeronaves e caminhos electricos, o Director da repartição internacional da Previsão do tempo, os principaes astronomos, chimicos, physiologistas e medicos vindos de diversos pontos da França, um grande numero de administradores dos negocios do Estado (o mesmo que outr'ora se chamava deputados ou senadores,) varios escriptores e artistas celebres, n'uma palavra, um conjuncto raras vezes congregado dos representantes da sciencia, da politica, do commercio, da industria, da litteratura, de todas as fórmas da actividade humana. A mesa estava completa: presidente, vice-presidente, secretarios perpetuos, oradores inscriptos; mas não estavam uniformisados como outr'ora de casaca verde-papagaio, nem adornados de chapeus de bico e de espadas antigas: apresentavam-se simplesmente com o trajo civil, e havia já dois seculos e meio que todas as condecorações europeias tinham sido supprimidas; pelo contrario, as da Africa central eram as mais luxuosas possivel.

Os macacos domesticados, que substituiam, havia já meio seculo, os creados humanos inteiramente extinctos, conservavam-se junto ás portas, mais por obediencia aos regulamentos, do que para verificar os bilhetes de entrada, porque muito tempo antes da hora a invasão da turba tinha sido irresistivel.

O Presidente abriu a sessão n'estes termos: [1]

«Minhas senhoras, Meus senhores:

«Conhecem todos o objecto supremo da nossa reunião.

[1] Seria superfluo fazer observar aos nossos leitores que a lingua universal do seculo XXV, é traduzida aqui na que falávamos no seculo XIX.

Com certeza, que nunca a humanidade atravessou uma phase egual áquella por que nós estamos passando n'este momento. E muito particularmente, nunca esta antiga sala do seculo xx reuniu semelhante auditorio. O grande problema do fim do mundo é, sobretudo de ha quinze dias para cá, o objecto unico da discussão e do estudo dos sabios. Estas discussões, estes estudos vão ser expostos aqui. Eu dou immediatamente a palavra ao sr. Director do Observatorio.»

O astronomo levantou-se immediatamente, tendo alguns apontamentos na mão. Tinha a palavra facil, a voz agradavel, o rosto jovial, o gesto sobrio, o olhar muito doce. A sua testa era vasta, e emmoldurava-lhe a cabeça uma cabelleira branca, magnifica, em anneis. Era um homem de erudição e de litteratura tanto quanto de sciencia, e toda a sua pessoa inspirava ao mesmo tempo sympathia e respeito. O seu caracter era manifestamente optimista, mesmo nas circumstancias mais graves. Mal acabara de pronunciar as primeiras palavras e logo as physionomias se transformaram, passando subitamente de lugubres e alteradas, a tranquillas e serenas.

«Senhoras, principiou elle, dirijo-vos a minha palavra primeiro que ao resto do auditorio, supplicando-vos que não vos assusteis, por essa fórma, deante de uma ameaça, que é bem possivel não venha a ser tão terrivel como parece. Espero convencer-vos dentro em pouco, pelos argumentos que terei a honra de expôr, que o cometa de que a humanidade inteira está esperando o proximo encontro, não provocará a ruina total da creação terrestre. É fóra de duvida que podemos, que devemos mesmo, ter receio de qualquer catastrophe; mas, pelo que respeita ao fim do mundo, em verdade, tudo nos leva a pensar, que elle não ha de succeder d'essa maneira. Os mundos morrem de velhice e não de accidente, e bem sabeis, melhor

do que eu, senhoras, que o mnndo está muito longe de ser velho.

«Senhores, vejo aqui representantes de todas as espheras sociaes, desde as mais elevadas até ás mais humildes. Explica-se perfeitamente que, perante uma ameaça tão apparente da destruição da vida terrestre, todos os negocios tenham absolutamente cessado. Comtudo, pessoalmente, confesso-vos que, se a Bolsa não estivesse fechada, e eu tivesse a infelicidade de entrar nas suas transacções, não hesitaria em comprar hoje os titulos de rendas tão subitamente descidos ao minimo.»

Ainda esta phrase não estava concluida, e já um famoso israelita americano, principe da finança, director do jornal *O Seculo XXV*, que occupava um dos degraus superiores do amphitheatro, abria passagem, ninguem sabe como, por meio das fileiras successivas, e precipitava-se, rolando como uma bola, até ao corredor de uma pequena porta de sahida, pela qual desappareceu.

Interrompido um momento por este effeito inesperado de uma reflexão puramente scientifica, o orador continuou o seu discurso.

«O nosso assumpto, disse elle, póde dividir-se em tres pontos: 1.º Haverá certeza de que o cometa encontre forçosamente a Terra? Na affirmativa, teremos que examinar: 2.º qual é a sua natureza, e 3.º quaes poderão ser os effeitos do choque. Não tenho necessidade de fazer observar ao auditorio esclarecido que me está ouvindo, que as palavras fatidicas tantas vezes pronunciadas ha um certo tempo «*Fim do mundo*» significam unicamente «*Fim da Terra*», a qual Terra é, sem contradicção, o mundo que mais nos interessa.

«Se pudessemos responder negativamente ao primeiro ponto, seria proximamente superfluo occuparmo-nos dos

dois outros, cujo interesse se tornaria inteiramente secundario.

«Infelizmente, devo reconhecer que os calculos astronomicos são aqui, como é costume, de uma exactidão escrupulosa. Sim, o cometa ha de encontrar a Terra e, com uma velocidade consideravel, pois nos deve chegar quasi de frente na nossa translacção annual em torno do Sol. A velocidade da Terra é de 29:460 metros por segundo; a do astro cometario é de 41:660 metros na mesma unidade de tempo, mais a acceleração devida á attracção do nosso planeta. Portanto o choque produzir-se-hia com a velocidade de 72:000 metros durante o primeiro segundo, se o cometa chegasse justamente de face. Elle, porém, chegará um pouco obliquamente.

«O choque é inevitavel, com todas as suas consequencias. Mas, peço ao auditorio que se não perturbe assim!... Esse choque não prova nada em si mesmo. Se se calculasse, por exemplo, que um trem de caminho de ferro deve encontrar uma nuvem de mosquitos, essa predicção não inquietaria sensivelmente os viajantes. O mesmo poderia succeder para o encontro do nosso globo com esse astro gazoso. Queira o auditorio permittir-me que eu examine tranquillamente os outros dois pontos.

«E, em primeiro logar, qual é a natureza do cometa?

«Todos os que estão presentes sabem-o já: é gazoso e principalmente composto de oxydo de carbone. A' temperatura do espaço (273 graus abaixo de zero) esse gaz, invisivel nas condições terrestres, está no estado de nevoeiro e mesmo de poeira solida. O cometa está como que saturado d'elle. Ainda n'este ponto não contradirei seja no que fôr as descobertas da sciencia.»

Esta declaração provocou uma nova contracção dolorosa na maior parte dos rostos, e n'um e n'outro ponto da sala ouviram-se longos suspiros.

«Mas, senhores, continuou o astronomo, emquanto esperamos que um dos nossos eminentes collegas da secção de physiologia ou da Academia de medicina nos queira demonstrar que a densidade do cometa é sufficientemente grande para permittir a sua penetração na nossa atmosphera respiravel, eu pensarei que o seu encontro se não traduzirá, sem duvida, senão por uma bonita chuva de estrellas cadentes, e não exercerá uma influencia fatal sobre a vida humana. N'isto não ha certeza; comtudo a probabilidade é grande; talvez se pudesse apostar um milhão contra um. Quando muito seriam os pulmões fracos as victimas. Seria uma especie de influenza, que poderia triplicar ou quintuplicar o numero dos obitos quotidianos. Simples epidemia!

«Se, no entretanto, como as investigações telescopicas e as photographias estão de accordo em indicar, o nucleo contém massas mineraes, sem duvida metallicas, massiças, uranolithos que meçam muitos kilometros de diametro e que pesem milhões de toneladas, não é possivel deixar de admittir que os pontos sobre os quaes essas massas caiam com a velocidade de que falavamos ha pouco, serão irremediavelmente esmagados. Mas porque ha de succeder que esses pontos sejam exactamente os habitados? Tres quartas partes do globo estão cobertas de agua. Essas massas podem cahir no mar, formar talvez novas ilhas extra-terrestres, trazer em todos os casos elementos novos para a sciencia, os germens talvez de existencias desconhecidas. A geodesia, a fórma e o movimento de rotação da terra podem ter grande interesse n'esse successo. Notemos, tambem, que não faltam desertos sobre o globo. E' certo que existe o perigo, mas não é immenso.

«Além d'essas massas e d'esses gazes, póde ser tambem que os bolides de que falámos, chegando com a nuvem celeste, tragam nos seus flancos causas de incendio, e que os espalhem em diversos pontos pelos continentes; a dynamyte, a nitroglycerina, a panclastite, a realite, a impe-

rialite mesmo, não passam de brincadeiras de creanças á vista das surprezas que poderiamos, n'esse caso, ter, mas isso tambem não seria um cataclysmo universal; algumas cidades reduzidas a cinzas não fazem parar a historia da humanidade.

«Bem vêem, senhoras e senhores, por este exame methodico dos tres pontos em presença, que é fóra de toda a duvida existir o perigo e estar até imminente, mas não é elle tão desolador, tão consideravel, tão absoluto como o proclamam. Direi mesmo mais. Esta curiosa occorrencia astronomica, que faz pulsar tantos corações e trabalhar tantas cabeças, quasi que não muda aos olhos do philosopho a face habitual das cousas. Todos nós temos a certeza de morrer um dia, e essa certeza não nos impede de vivermos tranquillamente. Como se explica então, que a ameaça de uma morte um pouco mais rapida perturbe todos os espiritos? E' a contrariedade desagradavel de morrerem todos juntos? Isso deveria ser antes uma consolação para o egoismo humano. Não. E' ver a nossa vida encurtada de alguns dias para uns, de alguns annos para outros, por um cataclysmo estupendo. A vida é curta, e todos se empenham em não vel-a diminuida de um jota; parece mesmo, se dermos ouvidos a tudo quanto se diz, que cada qual preferia ver o mundo inteiro desabar e ficar elle só vivo, do que ser elle só a morrer sabendo que tudo o mais lhe sobrevive. Puro egoismo. Mas, senhores, persisto em crer que não haverá mais do que uma catastrophe parcial, a qual será do mais alto interesse scientifico e deixará apoz si historiadores para contal-a. Haverá choque, encontro, accidente local, mas nada mais sem duvida. Será a historia de um tremor de terra, de uma erupção vulcanica ou de um cyclone.»

Assim falou o astronomo illustre. A sua tranquillidade philosophica, a finura do seu espirito, o seu apparente desinteresse do perigo, tudo contribuiu para tranquillisar o au-

ditorio, sem comtudo, como é provavel, lograr convencel-o inteiramente. Não se tratava já do fim total das cousas, mas de uma catastrophe á qual, em definitiva, se poderia naturalmente escapar. Já começavam a communicar uns aos outros as suas impressões em mil conversas particulares; os proprios commerciantes e politicos pareciam ter comprehendido exactamente os argumentos da sciencia, quando a prévio convite feito pela mesa, se viu subir lentamente á tribuna o Presidente da Academia de Medicina.

Era um homem alto, secco, delgado, feito de uma só peça, de cara pallida, aspecto ascetico, o rosto saturnino, o craneo nú, e suissas grisalhas e cortadas rente. A voz tinha o seu quê de cavernoso, e todo o seu aspecto fazia mais lembrar um empregado de agencia de enterros do que um medico animado da esperança de curar os seus doentes. A sua convicção sobre o estado das cousas era bem diversa da do astronomo, o que todos perceberam logo ás primeiras palavras que elle pronunciou.

«Meus senhores, disse elle, serei tão breve quanto o foi o sabio eminente a quem acabamos de ouvir, embora eu tenha passado longas vigilias a analysar nos seus minimos pormenores as propriedades do oxydo de carbone. É d'este gaz que vou, n'este momento, occupar o auditorio, pois é positivo para a sciencia que elle domina no cometa, e que o encontro d'este com a Terra é inevitavel.

«As suas propriedades são desastrosas: porque não confessal-o? Basta uma quantidade infinitesimal misturada no ar respiravel para suspender em tres minutos o funccionamento normal dos pulmões e para terminar a vida.

«Toda a gente sabe que o oxydo de carbone (em chimica *CO*) é um gaz permanente, sem cheiro, sem côr, sem sabor, quasi insoluvel na agua. A sua densidade comparada com a do ar é 0,96. Arde no ar produzindo anhydride carbonico com uma chamma azul muito pouco illuminante. É como uma luz funebre.

«O oxydo de carbone tem uma tendencia perpetua para *absorver o oxygenio*. Nos altos fornos, por exemplo, o carvão transforma-se em oxydo de carbone ao contacto de uma quantidade d'ar insufficiente, e é em seguida este oxydo que reduz o ferro ao estado metallico apossando-se do oxygenio com que elle estava primitivamente combinado.

«Ao sol, o oxydo de carbone combina-se com o chloro e dá origem a um oxychloreto (chloreto de carbonyle $COCl^2$) que tem um cheiro desagradavel e suffocante, e que se apresenta no estado gazoso.

«O facto que merece aqui a mais grave attenção é ser este gaz um dos mais venenosos que existem. É muito mais toxico que o acido carbonico. Fixando-se sobre a hémoglobina, diminue a capacidade respiratoria do sangue, e dozes mesmo muito minimas, accumulando-se no globulo vermelho, embaraçam, n'um grau apparentemente desproporcionado com as causas, a aptidão do sangue para oxygenar-se. Assim, um sangue que absorva 23 a 25 centimetros cubicos d'oxygenio para 100 volumes, não absorve mais do que metade n'uma atmosphera que contenha menos de um milessimo d'oxydo de carbone. Um decimo-milessimo é já deleterio, e a capacidade respiratoria do sangue diminue sensivelmente. Produz-se, não direi asphyxia simples, mas envenenamento do sangue, quasi instantaneo! O oxydo de carbone actua directamente sobre os globulos do sangue, combina-se com elles e torna-os inaptos para manterem a vida; a hematose, a transformação do sangue venoso em sangue arterial, é suspensa. Bastam tres minutos para produzir a morte. Pára a circulação do sangue; o sangue venoso negro enche tanto as arterias como as veias; os vasos venosos, sobretudo os do cerebro, obstruem-se; a substancia cerebral é alterada; a lingua na base, a garganta, a trachea-arteria, os bronchios são avermelhados pelo sangue, e em breve todo o cadaver apresenta uma coloração violacea caracteristica, proveniente d'essa suspensão da hematose.

«Mas, senhores, não são apenas as propriedades deleterias do oxydo de carbone que são para temer: apenas a tendencia d'este gaz para absorver o oxygenio seria já bastante para provocar consequencias funestas. Supprima-se, que digo eu? diminua-se sómente o oxygenio, e temos logo a extincção do genero humano. Todos os que estão aqui teem conhecimento de uma das innumeras historias que assignalam as epochas de barbaria, em que os homens se assassinavam entre si legalmente sob pretexto de gloria e de patriotismo; é um simples episodio de uma das guerras dos inglezes nas Indias. Queiram permittir-me que eu lh'o recorde.

«Cento e quarenta e seis prisioneiros tinham sido encerrados em um compartimento que não tinha outra abertura senão duas pequenas janellas que recebiam luz de uma galeria. O primeiro effeito que sentiram esses infelizes foi um suor abundante e continuo, seguido de uma sêde insupportavel, e dentro em pouco de uma grande difficuldade na respiração. Experimentaram diversos meios para estarem menos apertados e obterem ar; tiraram os vestuarios, agitaram o ar com os chapeus, e tomaram finalmente o partido de se pôrem de joelhos todos a um tempo e de se levantarem simultaneamente no fim de alguns instantes; mas de cada vez muitos d'elles, perdendo as forças, cahiam, e eram calcados aos pés pelosseus companheiros. Morriam, asphyxiados, n'uma agonia atroz. Antes da meia noite, isto é, durante a quarta hora da sua reclusão, todos os que estavam ainda vivos, e que não tinham respirado ás janellas um ar menos infecto, tinham cahido n'um stupôr lethargico ou n'um espantoso delirio. Quando algumas horas depois, a prisão foi aberta, só vinte e tres homens sahiram d'ella vivos; o seu estado era verdadeiramente aterrador, pareciam sahir, por milagre, da morte, á qual acabavam de escapar.

«Eu poderia accrescentar mil exemplos a este. Seria inutil, pois que não póde existir duvida. Declaro, portanto, se-

nhores, que, por um lado, a absorpção pelo oxydo de carbone de uma quantidade maior ou menor de oxygenio atmospherico, e por outro, as propriedades tão poderosamente venenosas d'esse mesmo gaz sobre os globulos vitaes do sangue, parecem-me dever dar ao encontro da immensa massa cometaria com o nosso globo—o qual deve permanecer durante muitas horas immerso no seio d'ella,—uma gravidade cujas consequencias podem ser absolutamente desastrosas.

«Vêr-se-ha nas ruas os miseros mortaes procurarem inutilmente ar respiravel e cahirem mortos de asphyxia. Pela minha parte, não posso encontrar nenhuma probabilidade de salvação.

«E não falei da transformação do movimento em calor e dos resultados mechanicos e chimicos do choque. Deixo este lado da questão á competencia do secretario perpetuo da Academia das Sciencias, bem como do sabio presidente da sociedade astronomica de França, que fizeram importantes calculos a este respeito. Emquanto a mim, repito, a humanidade terrestre está em perigo de morte, e vejo não só uma, pôrém duas, tres e quatro causas mortaes imminentes sobre ella. Seria um milagre escapar-lhes. E ha muitos seculos, que ninguem conta já com milagres.»

Pronunciado este discurso no tom da maior convicção, em voz forte, tranquilla, sombria, todo o auditorio ficou immerso no estado de espirito, de que a primeira allocução tivera a habilidade de fazel-o sahir. A certeza do cataclysmo proximo pintou-se em todos os rostos; uns tinham-se tornado amarellos e quasi verdes; outros, subitamente córados de um vermelho escarlate, pareciam estar nas proximidades da apoplexia; um pequenissimo numero de ouvintes pareciam ter conservado o seu sangue frio, guardado algum scepticismo ou tomado philosophicamente o seu partido. Enchia a sala um murmurio immenso, cada qual communicando

ao visinho do lado as suas reflexões, geralmente mais optimistas do que sinceras: ninguem gosta de mostrar que tem medo.

O presidente da sociedade astronomica de França levantou-se por sua vez e dirigiu-se para a tribuna. Immediatamente cessaram as conversas particulares. Eis as passagens essenciaes do seu discurso: o exordio, o centro e a peroração:

«Minhas senhoras, meus senhores! Segundo as exposições que acabamos de ouvir, não póde restar duvida no espirito de ninguem sobre a certeza do encontro do cometa com a Terra, e sobre os perigos d'esse encontro. Devemos, portanto, esperar para sabbado...

— Para sexta-feira, interrompeu uma voz mesmo na mesa do Instituto.

— ...para sabbado, continuou o orador sem se interromper, um acontecimento extraordinario, absolutamente novo na historia da humanidade.

«Eu digo sabbado, embora todos os jornaes annunciem o encontro para sexta-feira, porque o encontro não poderá produzir-se senão a 14 de julho. Passámos toda a noite ultima, o nosso sabio collega e eu, a comparar as observações da Asia e da America, e encontrámos um erro de transmissão telephonographica.»

Esta affirmação produziu um allivio agradavel no espirito do auditorio; foi como que um ligeiro raio de luz, no meio de uma noite escura. Um dia de adiamento é enorme para um condemnado á morte. Já começavam a agitar-se nos cerebros velleidades de projectos: a catastrophe estava prorogada, era uma especie de commutação. Não se reparava que essa diversão puramente cosmographica versava apenas sobre a data e não sobre o proprio facto do encontro. Porém os minimos cambiantes desem-

penhavam um grande papel nas impressões do publico. E depois... já não era sexta-feira, 13.

«Eis, de resto, continuou elle, dirigindo-se para o grande quadro preto, qual é a orbita definitiva do cometa, calculada sobre todas as observações.»

E o orador traçou, na ardosia, os numeros seguintes:

Passagem no perihelio: 11 de agosto, ás $0.^{h}$ $45.^{m}$ $44.^{s}$
Longitude do perihelio: $52.^{0}$ $43'$ $25.''$
Distancia perihelia: 0,76017.
Inclinação: $103.^{0}$ $18.'$ $35.''$
Longitude do nó ascendente: $112.^{0}$ $54.'$ $40.''$

«O cometa, proseguiu elle, cortará a ecliptica á ida, no nó descendente, a 13 de julho, passada meia noite, exactamente a 14 de julho, ás 0^{h} 18^{m} 23^{s} do meridiano de Paris, mesmo no momento da passagem da Terra pelo mesmo ponto. A attracção da Terra avançará o encontro apenas de trinta segundos.

«O acontecimento será, sem contradicção, extraordinario, mas não creio tambem que deva offerecer o caracter tragico que acaba de nos ser descripto, e que possa, em verdade, provocar o envenenamento do sangue, a asphyxia de todos os peitos humanos. Este encontro offerecerá antes, parece-me, o aspecto brilhante de um fogo de artificio celeste, porque a chegada d'essas massas solidas e gazozas á atmosphera não poderá dar-se sem que o movimento assim interrompido se transforme em calor; um abrazamento sublime das alturas, ha de ser, sem duvida, o primeiro phenomeno do encontro, e milhões de estrellas cadentes parecerão emanar de um mesmo ponto radiante.

«A quantidade de calor não pode deixar de ser consideravel. Toda a estrella cadente, por minima que seja, em chegando ás alturas da nossa atmosphera com uma velo-

cidade cometaria, torna-se ahi immediatamente tão quente, que arde e se consome. Todos os que me estão ouvindo sabem, que a atmosphera terrestre se extende até muito longe no espaço, inteiramente á roda do nosso planeta; não é illimitada como affirmam certas hypotheses, pois que a Terra gira sobre si mesma e em torno do Sol: o seu limite mathematico é a altura a que a força centrifuga gerada pelo movimento de rotação diurno, se torna egual á gravidade; essa altura é 6,64, se representarmos por 1 o semi-diametro equatorial do globo, de 6.378.310 metros. O limite maximo da atmosphera é, pois, de 42.352 kilometros.

«Não pretendo fazer mathematicas aqui. Mas o auditorio que me escuta é instruido bastante para não conhecer o equivalente mecanico do calor. Todo o corpo detido no seu movimento produz uma quantidade de calor, que se exprime em calorias pela formula $\frac{mv^2}{8338}$ na qual m é a massa do corpo em kilogrammas e v a sua velocidade em metros por segundo. Por exemplo, um corpo que pése 8338 kilogrammas e que avance 1 metro por segundo desenvolverá, pela sua paragem, exactamente uma caloria, isto é, a quantidade de calor sufficiente para elevar de 1 grau a temperatura de 1 kilogramma d'agua.

«Se a velocidade d'esse corpo fosse de 500 metros por segundo, a sua paragem produziria 250.000 vezes mais calor, bastante para elevar de zéro a 30 graus a temperatura de uma massa d'agua egual a si proprio.

«Se fosse de 5000 metros, o calor produzido seria 5 milhões de vezes maior.

Ora, sabem já, meus senhores, que o encontro de um cometa com a Terra póde attingir a velocidade de 72000 metros. N'estas condições, a proporção eleva-se a 5 mil milhões de graus!

«Isso é um maximo, e, accrescentarei mais, é um numero por assim dizer inconcebivel. Mas, tomemos um minimo se assim o quizerem; admittamos que os choques se

produzem, não directamente, de face, mas mais ou menos obliquamente, e que a velocidade média seja só de 30.000 metros. Cada kilogramma de um bolide desenvolve n'este caso 107.945 unidades de calor, quando, pela resistencia do ar, a velocidade tenha sido reduzida a zero. Por outros termos, desenvolve um calor capaz de elevar de zero a 100 graus, isto é do gêlo á agua fervente, um peso de 1079 kilogrammas d'agua. Um uranolitho de 2000 kilogrammas, que chegue á terra com uma velocidade annulada por aquella resistencia do ar teria desenvolvido calor bastante para elevar a 3000 graus uma columna d'ar de 30 metros quadrados de secção e de toda a altura da nossa atmosphera, ou para elevar de zéro a 30 graus uma columna de 3000 metros quadrados.

«Estes calculos, de que peço desculpa, eram necessarios para mostrar que a consequencia immediata do encontro será uma enorme quantidade de calor, um aquecimento consideravel do ar. E', aliás, o que succede em ponto pequeno nas quédas de bolides isolados. O uranolitho é fundido, vitrificado em toda a sua superficie e fica com uma especie de camada de verniz; mas a sua quéda effectuou-se tão rapidamente, que não teve tempo de aquecer no interior: se o quebrarem, achar-se-ha o interior absolutamente gelado. O que aqueceu foi o ar atravessado.

«Um dos resultados mais curiosos da analyse que acabo de ter a honra de resumir, é que as massas solidas mais ou menos volumosas, que se julga distinguir ao telescopio no nucleo do cometa, soffrerão tal resistencia, quando atravessem a nossa atmosphera que, a não ser em casos excepcionaes, não chegarão inteiras ao solo, mas sim rebentadas em bocadinhos. Ha compressão do ar na frente do bolide, vasio na retaguarda, aquecimento exterior e incandescencia do corpo em movimento, ruido violento produzido pela precipitação do ar que vem encher o vasio, ribombar de trovão, explosões, desaggregações, queda dos materiaes metallicos densos bastante para terem resistido, e evapo-

ração dos outros. Um bolide de enxofre, de phosphoro, de estanho ou de zinco, seria transformado em chammas e evaporar-se-hia muito tempo antes de alcançar as camadas inferiores da nossa atmosphera.

«Emquanto ás estrellas cadentes, se, como parece, ha ali uma verdadeira nuvem d'ellas, não produzirão outra cousa senão o effeito de um prodigioso fogo d'artificio invertido.

«Se, pois, temos a receiar alguma cousa, não é, em meu parecer, a penetração, na nossa atmosphera, da massa gazosa d'oxydo de carbone, qualquer que ella seja; porém sim a elevação consideravel de temperatura, que não póde deixar de ser produzida pela transformação do movimento em calor.

«N'este caso, a salvação seria, talvez, refugiarmo-nos no hemispherio terrestre opposto áquelle que deve receber em cheio o choque do cometa. O ar é muito mau conductor do calor.»

O secretario perpetuo da Academia levantou-se a seu turno. Digno successor dos Fontenelle e dos Arago, a uma profunda sciencia adquirida juntava as qualidades de um escriptor elegante e de um orador agradavel, e elevava-se muitas vezes mesmo a grandes alturas de eloquencia.

«Á sabia theoria que acabamos de ouvir, disse elle, nada tenho a accrescentar, senão a applicação que d'ella se poderia fazer a qualquer cometa já conhecido. Tem sido muito recordado, estes dias, o exemplo do cometa de 1811. Pois bem, supponhamos que um cometa das mesmas dimensões d'esse nos chegue, precisamente de frente, no nosso curso circular em torno do Sol. A bala terrestre penetraria na nebulosidade cometaria indubitavelmente, sem experimentar resistencia bastante sensivel. Admittindo mesmo, que essa resistencia fosse muito fraca, e que a densidade do nucleo do cometa fosse desprezivel, para atraves-

sar essa cabeça cometaria de 1.800.000 kilometros de diametro, o nosso globo não empregaria menos de vinte e cinco mil segundos, isto é quatrocentos e dezesete minutos, ou, em numero redondo, sete horas... com aquella velocidade cento e vinte vezes maior do que uma bala de artilheria, e, continuando a girar sobre si mesmo, no seu movimento diurno. O encontro começaria pelas seis horas da manhã para o meridiano da frente.

«Um tal mergulho no oceano cometario, por muito ethereo que esse oceano celeste possa ser, não poderia produzir-se sem trazer, como primeira e immediata consequencia, em virtude dos principios thermodynamicos que acabam de ser recordados, uma elevação de temperatura tal que, com toda a verosimilhança, a nossa atmosphera inteira seria incendiada! Parece-me que n'este caso particular o perigo seria o mais grave possivel.

«Mas seria um bello espectaculo para os habitantes de Marte, ou melhor ainda para os de Venus. Sim, seria esse um espectaculo celeste verdadeiramente admiravel, analogo, porém mais estupendo e maravilhoso ainda, pela visinhança, ás curiosas conflagrações de astros temporarios, que já temos observado no ceu.

«O oxygenio do ar seria todo empregado em alimentar o incendio. Mas ha um outro gaz, em que os physicos não pensam muitas vezes, pela rasão simplicissima de que nunca o encontraram nas suas analyses: é o hydrogenio. Que tem sido feito de todas as quantidades de hydrogenio evoladas do solo terrestre em todos os milhões d'annos que tem decorrido desde os tempos prehistoricos? A densidade d'este gaz sendo dezeseis vezes mais fraca do que a do ar, todo elle tem subido para o mais alto, e fórma sem duvida em torno da nossa atmosphera aérea um envólucro atmospherico hydrogenado, muito rarefeito. Em virtude da lei de diffusão dos gazes, uma grande parte d'este hydrogenio deve ter-se misturado intimamente com o ar, mas as camadas rarefeitas superiores não devem por

isso deixar de o conter em grandes proporções. É assim que se inflammam as estrellas cadentes, e sem duvida tambem, as auroras boreaes, a mais de cem kilometros de altura. Note-se a este proposito que o oxygenio do ar, recebendo o choque do cometa carbonado bastaria amplamente para alimentar o fogo celeste.

«O fim do mundo dar-se-hia, por conseguinte, sob a forma do incendio atmospherico. Durante perto de sete horas, ou antes durante um tempo mais longo, porque a resistencia cometaria não pode ser nulla, haveria transformação perpetua do movimento em calor. Hydrogenio e oxygenio arderiam em chammas, combinados com o carbonio do cometa. O ar elevar-se-hia a uma temperatura de muitas centenas de graus; os bosques, os jardins, as plantas, as florestas, as habitações humanas, os edificios, as cidades e as villas, tudo seria rapidamente consummido; o mar, os lagos e os rios começariam a ferver; os homens e os animaes, invadidos por esse hálito ardente do cometa, morreriam asphyxiados antes de serem queimados, que os pulmões cheios de anciedade só respirariam fogo.

«Quasi immediatamente todos os cadaveres seriam carbonisados, incinerados, e, no immenso incendio celeste, apenas o anjo incombustivel do Apocalypse poderia fazer ouvir, no som dilacerante da trombeta, o antigo canto mortuario, cahindo lentamente do ceu como um dobre funebre:

Dies iræ, dies illa!
Solvet sæclum in favilla!

«Eis o que poderia acontecer se um cometa como o de 1811 encontrasse a Terra.»

A estas palavras, o cardeal-arcebispo levantara-se e pedira a palavra. O Secretario perpetuo, tendo reparado n'isso, por uma cortezia inteiramente mundana, saudara-o,

inclinando-se ligeiramente, e parecia esperar a réplica da Eminencia.

«Não quero, disse elle, interromper o illustre orador. Mas, se a sciencia annuncia como preludio mesmo de um drama que poderia marcar o fim das cousas aqui, o abrazamento dos ceus, não posso deixar de observar, que a crença universal da Egreja sobre esse ponto foi sempre precisamente essa: «Os ceus hão de passar,» diz S. Pedro,» os elementos abrazados hão de dissolver-se, e a Terra será incendiada com tudo quanto ella encerra.» S. Paulo annuncia a mesma renovação pelo fogo. E nós invocamos sempre na missa dos finados: *Eum qui venturus est judicare vivos et mortuos et sæculum per ignem...* Sim: SOLVET SÆCLUM IN FAVILLA! Deus reduzirá o universo a cinzas.

(Continúa).

Camillo **FLAMMARION.**

A LINHA DE MORMUGÃO

Fui, na semana passada, visitar pela primeira vez toda a linha, pois que ainda não havia passado de Margão.

O caminho de ferro tem as seguintes estações: Mormugão, Vasco da Gama, Dabolim, Caussulim, Majordá, Margão, Chandor, Sanvordem, Kalay, Collem, Dudh-Sagur e Castle-Rock (esta ultima já ingleza.)

Durante as primeiras estações o paiz tem o aspecto da parte onde vivo: vastos palmares com uma ou outra *essencia* especial, pittorescos outeiros cheios de cajueiros, tamarindos, palmeiras bravas, etc., etc., todo um cortejo de arvores novas, cujo porte nos é inteiramente desconhecido e que dão um tom completamente novo á paizagem para todos aquelles que, como eu, só estavam acostumados aos carvalhos do Minho, monotonos e frios, ou ás penedias e olivaes de Traz-os-Montes, cheios de belleza selvagem.

Por entre os palmaras espreitam, curiosas, muitissimas aldeias, especialmente na região comprehendida entre Vasco da Gama e Margão; aldeias pobres, com casas de *olas* (folhas de coqueiro) e apenas manchadas de branco, no seu tom pardacento, pelo *bengalou* de algum europeu ou de algum gentio rico que já *se trata;* os petizes abundam saltando por toda a parte, tendo por unico vestuario a bronzeada pelle.

Aqui os casados julgam-se amaldiçoados de Deus se não teem filhos. Aquelles que os não teem chegam a fazer promessas e varias nigromancias afim dos seus desejos se realisarem; ha um deus hindú, que me dizem ser hediondo, advogado da multiplicação da especie. Ao pagode onde está esse deus, vão devotamente os casaes dirigir as suas preces ficando no templo a mulher durante uma noute.

Quando ia no caminho de ferro lá o vi ao longe, o tal pagode, que dizem ser interessante. Vi-o quando ia pelas alturas de Margão.

D'esta estação para diante muda um pouco o aspecto. Começam de apparecer os vastos arrozaes cheios de agua, logo um terreno mais sêcco com o universal coqueiro, as enormes mangueiras, as jaqueiras com os seus fructos pendentes, enormes, bojudos, do tamanho de melancias.

N'estas arvores o fructo não nasce, como geralmente, na extremidade dos ramos; nasce junto ao tronco.

É a natureza previdente e não quer quebrar os ramos sob o peso de tal enormidade.

N'esta região e d'aqui até Collem o paiz é essencialmente de arrozaes cortados de onde a onde por pittorescos rios que, n'esta epocha são correntes caudalosas e espumantes, grossas pelas enxurradas e pelas chuvas que teem cahido; teem o seu quê de phantasticos estes arrozaes de cá: exuberantes de vida e de seiva, n'esta epocha em que as chuvas torrenciaes não cessam de cahir inundando a terra que só tornará a vêr agua d'aqui a um anno.

Depois de Collem o aspecto muda; é uma mutação como de magica.

Das vastas planicies onde os arrozaes crescem, entra-se de repente nos abruptos encantos dos Gates, onde só vive descançado o tigre.

A mudança é tão brusca, que a vista custa a acostumar-se. A propria locomotiva tem medo de penetrar só por ali dentro e o comboio tem de ir sempre a dupla tracção pelos Gates acima, com moderada velocidade.

Não posso descrever a belleza selvagem d'esta região horrivelmente encantadora. É tudo o que tenho visto de mais assombroso. Não se vê o sólo, tal é a exhuberancia d'aquella enorme vegetação, onde as arvores são aos milhares de milhões, enleadas por trepadeiras enormes, gigantescas, com mais de 80 metros de extensão. É tal a força vegetal d'aquellas selvas, que ameaça constantemente açambarcar a propria via ferrea, cobrindo-a de arbustos, fazendo-a voltar ao seu antigo estado de floresta inculta. Não é pequena a verba gasta mensalmente em arrancar constantemente as plantas nascidas na linha e em cortar os ramos das arvores que avançam para a viá, com a intenção, quem sabe? de fazer descarrilar o comboio, assustando os homens, auctores d'aquella profanação. Milhares d'elles já pagaram com a vida o seu atrevimento; tal e tamanho foi o seu numero, que o sitio onde a hecatombe occorreu, se ficou chamando «Valle da Morte». Não foram só as febres que os dizimaram: foram as arvores, as pedras, os tigres; tudo ali era inimigo.

Mas que profundas ravinas! Que abysmos! Que arvores colossaes! Que milhares de milhões de trepadeiras tão diversas, tão gigantescas e de tão variado aspecto! A vista perde-se a medir a profundidade dos abysmos e as alturas das inaccessiveis montanhas! Que de animaes e que variedade!

E a linha lá vae trepando através de viaductos e tunneis todos aquelles montes; a locomotiva lá vae ennegrecendo as folhas de todos aquelles vegetaes gigantes com o carvão da sua chaminé.

Começa de ouvir-se um surdo rolar longinquo, que pouco a pouco se vae tornando distincto, e d'ahi a momentos deparam os olhos com uma esplendida maravilha. É a cascata de Dudh Sagur (jorro de leite, em hindú).

Imagine-se um rio, alvo de leite, despenhando-se de uma altura de perto de 300 metros, rolando e resaltando por sobre negros e escalvados penedos e ter-se ha uma

idéa muito vaga do que é a cascata de Dudh-Sagur. É effectivamente um rio de leite cuja alvura mais é posta em relêvo pela negrura dos penhascos escalvados que o cercam e em que elle se vae desfazendo em branca espuma, que sobe em brancas nuvens ao longo da montanha.

A torrente cahe impetuosa, ameaçando tragar o comboio e a ponte onde elle passa, miserrima e insignificante obra humana, pequenissima ante aquella enormissima producção da natureza!

O enorme volume de agua revolta da queda vae pouco a pouco aquietando-se até chegar a correr, mansa e pacatamente, fertilisando o valle de Caransal, o *Valle da Morte*, onde, lá ao longe, no principio, começa timidamente o homem a luctar contra a natureza, pretendendo apropriar em seu proveito a fertilidade vicejante d'aquelle terreno, virgem de cultura. O arrozal pretende invadir o valle, aproveitando-se da agua de Dudh-Sagur! Triste destino de tão limpida agua ir misturar-se com a lama de um arrozal e fazer nascer o arroz, materia prima do *caril* indigena e principal alimento do gentio!

Não se imagina a belleza d'esta região e o sentimento de pequenez que nos invade a alma ante aquellas enormes e pujantes producções naturaes. E é tudo assim n'aquelle delirio de vegetação, com agua em rios por toda a parte até Castle-Rock, no alto dos Gates. N'este ponto, a seiscentos e tantos metros acima do nivel do mar, onde a nossa linha vae juntar-se com as inglezas, ha a notar um penedo enorme com fórma acastellada que deu o nome ao *sitio* — Castle-Rock.

Mormugão, 2 de julho de 1895.

ADRIANO DE SÁ.